



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PGCIN**

Dilva Páscoa De Marco Fazzioni

**Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos: em busca de relações e de princípios norteadores**

Florianópolis

2021

Dilva Páscoa De Marco Fazzioni

**Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos: em busca de relações e de princípios norteadores**

Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação, Eixo Temático: Informação, Comunicação e Competências, linha de pesquisa: Linha de Pesquisa: Organização, Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento.

Orientadora: Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorino.

Florianópolis

2021

F287c	<p>Fazzioni, Dilva Páscoa De Marco</p> <p>Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos: em busca de relações e de princípios norteadores / Dilva Páscoa De Marco Fazzioni; orientadora, Elizete Vieira Vitorino, 2021.</p> <p>579 p.</p> <p>Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Ciências da Informação, Florianópolis, 2021.</p> <p>1. Competência em informação. 2. Sobrecarga em informação. 3. Estudantes de Curso pré-vestibular. 4. Pandemia. I. Vitorino, Elizete Vieira. II. Universidade Federal de Santa Catarina. III. Título.</p> <p>CDD 025</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária  
Dilva Páscoa de Marco Fazzioni – CRB: 14/636

Dilva Páscoa De Marco Fazzioni

**Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos:** em busca de relações e de princípios norteadores

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Professora Eva Cristina Leite da Silva, Doutora  
(PGCIN – Universidade Federal de Santa Catarina)

Professora Camila Monteiro de Barros, Doutora  
(PGCIN – Universidade Federal de Santa Catarina)

Professora Djuli Machado De Lucca, Doutora  
Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Ciência da Informação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN).

---

Professor Edgar Bisset Alvarez, Doutor  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação  
em Ciência da Informação (PGCIN)

---

Professora Elizete Vieira Vitorino, Doutora  
Orientadora - Professora do Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2021

*Esta tese é dedicada a quem tem sede do saber...  
saber buscar, utilizar e se beneficiar  
com a informação científica*

## AGRADECIMENTOS

Minha gratidão, em especial, a cada um dos alunos dos cursos pré-vestibular que integram este tão sonhado trabalho de pesquisa. Aos coordenadores dos cursos pela atenção, dedicação e empenho para que fosse possível realizar a pesquisa de campo. Aos professores dos cursos que estiveram na linha de frente para prestar o apoio necessário para que cada passo deste trabalho pudesse ser realizado da melhor forma. Faço referência a Pedro Martins Vieira e Vitor Cazula Naves (Einstein Floripa Pré-vestibular). Amanda Lopes e professor José Luiz Rosas Pinho (Gauss), Janete Teixeira e Pedro Teixeira (PVC). Tainara Lemos das Neves e ao Instituto Pe. Vilson Groh (IVG).

À minha família, pelo diálogo e apoio nos momentos de construção desta tese. Registro aqui minha gratidão à minha irmã caçula Elizete Aparecida De Marco Coimbra, pelas calorosas discussões e apoio nas leituras e críticas. Ao meu cunhado Arthur Coimbra pelas recepções para descontrair o tempo dedicado aos estudos, sempre vou lembrar com muito carinho.

Ao Ivonei, pela parceria, paciência e apoio nesta jornada de estudos, meu eterno agradecimento. Aos meus dois filhos Iana Mabel e Bruno Gabriel, que são presentes de Deus em minha vida. À Carolina Ciceri e Gustavo Tognato de Oliveira por fazerem parte da minha família.

*In memoriam*, aos meus pais Sunta Rosinha De Marco e Guilherme Rissieri De Marco, por se fazerem presentes em todos os momentos de minha vida, com seus exemplos e ensinamentos sempre incentivando para fazer bem e melhor sempre!

Meu apreço e gratidão a todos os professores do PGCIN pela dedicação e aprendizado durante o meu percurso acadêmico de graduação em Arquivologia, Mestrado e doutorado em Ciência da Informação. Meu carinho especial para cada um, sintam-se carinhosamente abraçados. Muito obrigada aos professores, profissionais bibliotecários e amigos da FAED/UDESC do Curso de Biblioteconomia e do Curso de Especialização em Gestão de Unidades de Informação.

Gratidão sempre aos amigos e colegas do GPCIn - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação.

Agradeço a minha querida orientadora Elizete Vieira Vitorino pela dedicação e presteza durante todo o percurso de doutorado; minha gratidão e admiração.

Em especial, agradeço aos membros que compuseram as bancas de defesa de projeto e da tese. Também às professoras Vera Bahiense, Daniela Maria Ioppi e Cibelly Pinto de Lemos, pelas contribuições na revisão do conteúdo e traduções.

E por fim, agradeço aos funcionários da Universidade Federal de Santa Catarina que sempre me acolheram e me atenderam com muita eficiência e atenção.

Destacar aqui a dedicação e atenção de Sabrina Fonseca de Conto, Samuel Marcolin e dos professores Dr. Adilson Luiz Pinto e Dr. Edgar Bisset Alvarez, coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN), durante este período do meu curso de doutorado.

Agradeço também aos colegas e amigos de trabalho, em especial as chefias imediatas, da Polícia Militar de Santa Catarina, pelo apoio e incentivo para continuar a caminhada de estudos.

Por fim, meu agradecimento aos amigos, pelas constantes palavras de apoio e carinho.

*A leitura é uma atividade interdisciplinar, uma vez que é por meio dela que se tem acesso aos conhecimentos de todas as áreas do saber.*

*(BORTONI-RICARDO et al. 2013, p. 51)*

## RESUMO

**Introdução:** Este estudo aborda a sobrecarga da informação e o risco de vulnerabilidade no contexto da competência em informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos da Grande Florianópolis e que têm, entre os requisitos de seleção, a renda familiar e/ou a procedência de escolas públicas. A temática é abordada, também, sob a ótica da pandemia da Covid-19. **Objetivos – geral:** Compreender a sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos com vistas à busca de relações e de princípios norteadores ao desenvolvimento da competência em informação nestas pessoas; – **específicos:** a) descrever o cenário da competência em informação, da sobrecarga de informação e da vulnerabilidade em informação, segundo a literatura; b) identificar se os estudantes verificam a existência da sobrecarga de informação e as possíveis relações com a competência em informação; c) investigar em que aspectos os estudantes estão inseridos em um contexto de vulnerabilidade em informação, e, d) elencar os principais desafios e dificuldades enfrentados pelos estudantes. **Método:** Abordagem qualitativa, inspirada na fenomenologia. Para a coleta de dados em campo selecionou-se a entrevista como instrumento. Todas as entrevistas foram realizadas por meio de plataforma de videoconferência, com 38 estudantes, público determinado por seleção intencional. Foram realizadas, também, pesquisas bibliográficas e documental. **Resultados:** A partir da análise dos dados coletados nas entrevistas, foram identificados 11 princípios norteadores da competência em informação, alguns dos quais reconhecidos na literatura. A pesquisa evidenciou o caráter da competência em informação como metalinguagem e que se constitui em um processo de crítica e autocrítica, um caminho de aprendizado contínuo e de emancipação e autonomia do estudante para a condução do próprio aprendizado. Da mesma forma, são identificados como princípios norteadores o fortalecimento da educação básica, a ampliação do apoio institucional, os mecanismos para atenuar as limitações de renda das famílias e o desenvolvimento de técnicas de organização pessoal e de estudos. Por fim, se verifica que o apoio dos pais, as políticas públicas e de gestão escolar são fundamentais para a superação de problemas relacionados às questões de natureza emocional e para a criação de ambientes domésticos favoráveis ao desenvolvimento de estudos, notadamente com cuidados em relação à ergonomia e à redução de fatores de distração, tais como perturbações sonoras. **Considerações finais:** Os estudantes manifestam que sentem a sobrecarga de informação e seus sintomas psicossomáticos, embora boa parte deles não se sinta prejudicada por essa superabundância de informação, pois consideram que isso seja um atributo positivo que faz parte do momento atual. Os entrevistados identificam situações de riscos ou de vulnerabilidade que marcam suas vidas. Para eles, a pandemia acentuou a sobrecarga e o risco de vulnerabilidade em informação.

**Palavras-chave:** 1. Competência em informação. 2. Sobrecarga de informação. 3. Vulnerabilidade em informação. 4. Estudante de curso pré-vestibular. 5. Pandemia.

## ABSTRACT

**Introduction:** This research addresses information overload and the risk of vulnerability in the context of information literacy in students from popular, public and free college entrance courses in Greater Florianópolis and whose selection requirements include family income and/or public school origin. The theme is also addressed from the perspective of the Covid-19 pandemic. **General objective:** Understand the information overload in students of popular, public and free entrance exam courses, with a view to seeking relationships and guiding principles for the development of information competence in these people; Identifying guiding principles of information literacy which might help in understanding how these students deal with information overload and the risk of informational vulnerability, based on the possible relationships and implications with information literacy. **Specific objective:** a) describing the information literacy, the information overload and the informational vulnerability scenarios, according to the literature; b) identifying whether students verify the existence of information overload and possible relationships with information literacy; c) investigating whether students are inserted in a context of informational vulnerability, and, d) list the main challenges and difficulties faced by students. **Method:** Qualitative approach, inspired by phenomenology. For the field data collection, the interview was selected as instrument. All interviews were conducted through a videoconference platform, with 38 students, an audience determined by a non-random sample. Bibliographic and documentary researches were also carried out. **Results:** From the analysis of the data collected in the interviews, 11 guiding principles of information literacy were identified, some of which are recognized in the literature. The research showed the character of information literacy as a metalanguage, which constitutes a process of criticism and self-criticism, a path of continuous learning and the emancipation and autonomy of the student in the conduction of their own learning. Likewise, the strengthening of basic education, the expansion of institutional support, mechanisms to mitigate family income limitations and the development of personal organization and study techniques are identified as guiding principles. Finally, it is verified that the parental support, public policies and school management are essential to overcome problems related to issues of emotional nature and to create home environments favorable to the development of studies, mainly with regards to ergonomics and the reduction of distracting factors such as noise disturbance. **Conclusion:** The students express that they feel information overload and its psychosomatic symptoms, although most of them do not feel impaired by this overabundance of information, as they consider this to be a positive attribute that is part of the current moment. The respondents identify situations of risk or vulnerability that mark their lives. For them, the pandemic has accentuated the overload and the risk of information vulnerability.

**Keywords:** 1. Information literacy. 2. Information overload. 3. Vulnerability in information. 4. Entrance exam course student. 5. Pandemic.

## RESUMEN

**Introducción:** Aborda la sobrecarga de la información y el riesgo de vulnerabilidad en el contexto de la alfabetización informacional en los estudiantes de cursos preparatorios para ingresar a la Universidad populares, públicos y gratuitos de la Gran Florianópolis y que tienen entre los requisitos de selección la renta familiar y/o la procedencia de escuelas públicas. El tema se aborda, además, bajo la óptica de la pandemia de Covid-19. **Objetivos - generales:** Comprender la sobrecarga de información en los estudiantes de cursos populares, públicos y de acceso gratuito, con miras a buscar relaciones y principios rectores para el desarrollo de la competencia informativa en estas personas; - **específicos:** a) describir el escenario de la alfabetización informacional, la sobrecarga y la vulnerabilidad en la información, según la literatura; b) identificar si los alumnos comprueban la existencia de la sobrecarga de información y las posibles relaciones con la alfabetización informacional; c) investigar en qué aspectos se insertan los estudiantes en un contexto de vulnerabilidad de la información, y, d) enumerar los principales desafíos y dificultades que enfrentan los estudiantes. **Método:** Enfoque cualitativo, inspirado en la fenomenología. Se seleccionó el instrumento de la entrevista para la recogida de datos sobre el terreno. Todas las entrevistas se realizaron a través de una plataforma de videoconferencia con 38 estudiantes, una audiencia determinada por una muestra no aleatoria. También se realizó una investigación bibliográfica y documental. **Resultados:** A partir del análisis de los datos recogidos en las entrevistas, se identificaron 11 principios rectores de la alfabetización informacional, algunos de ellos reconocidos en la literatura. La investigación mostró el carácter de la alfabetización informacional como metalenguaje y que constituye un proceso de crítica y autocrítica, un camino de aprendizaje continuo y de emancipación y autonomía del alumno para conducir su propio aprendizaje. Asimismo, se identifican como principios rectores el fortalecimiento de la educación básica, la ampliación de los apoyos institucionales, los mecanismos para mitigar las limitaciones de los ingresos familiares y el desarrollo de técnicas de organización personal y de estudios. Por último, se comprueba que el apoyo de los países, las políticas públicas y de gestión escolar son fundamentales para la superación de los problemas relacionados con las cuestiones de naturaleza emocional y para la creación de ambientes domésticos favorables al desarrollo de los estudios, sobre todo con cuidados en relación con la ergonomía y la reducción de los factores de distracción, como las perturbaciones sonoras. **Conclusión:** Los estudiantes manifiestan sentir la sobrecarga de información y sus síntomas psicosomáticos, aunque una buena parte de ellos no se sienten perjudicados por esta sobreabundancia de información, ya que consideran que es un atributo positivo que forma parte del momento actual. Los entrevistados identifican situaciones de riesgo o vulnerabilidad que marcan sus vidas. Para ellos, la pandemia acentuó la sobrecarga y el riesgo de vulnerabilidad en la información.

**Palabras-clave:** 1. Alfabetización informacional. 2. Sobrecarga de información. 3. Vulnerabilidad en la información. 4. Estudiante de curso preparatorio para ingresar a la Universidad. 5. Pandemia.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Similaridade da evolução das Ciências Sociais e da Ciência da Informação .....	41
Quadro 2: Responsabilidades propostas no Manifesto de Florianópolis .....	63
Quadro 3: Ações/recomendações: propostas no Manifesto de Florianópolis.....	64
Quadro 4: Tipos de literacias e suas habilidades.....	71
Quadro 5: Ecologia da Informação x Dimensões da competência em informação .....	85
Quadro 6: Variáveis de competência em informação utilizadas em pesquisa com estudantes de Administração na Bahia .....	101
Quadro 7: Conexões entre competência em informação e vulnerabilidade .....	129
Quadro 8: Cursos pré-vestibulares (campo de pesquisa).....	158
Quadro 9: Síntese da metodologia utilizada.....	162

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Aspectos emocionais atribuídos à sobrecarga da informação .....	212
Tabela 2: Aspectos físicos atribuídos à sobrecarga de informação.....	213
Tabela 3: Estratégias citadas pelos entrevistados para superar a sobrecarga de informação .....	218
Tabela 4: Dificuldades mencionadas pelos entrevistados .....	235
Tabela 5: Estratégias adotadas pelos entrevistados para superar as dificuldades em informação .....	237

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idade .....	168
Gráfico 2: Gênero .....	168
Gráfico 3: Raça/cor .....	168
Gráfico 4: Estado civil .....	169
Gráfico 5: Tem filhos.....	169
Gráfico 6: Renda mensal, em salários-mínimos (SM).....	171
Gráfico 7: Quantidade de pessoas que residem na mesma casa .....	171
Gráfico 8: Reside em casa própria ou alugada .....	171
Gráfico 9: Trabalha fora.....	172
Gráfico 10: Onde acessa a internet.....	172
Gráfico 11: Meio de acesso à internet.....	173
Gráfico 12: Serviços de áudio e vídeo que os entrevistados têm acesso em casa....	173
Gráfico 13: Número de estudantes entrevistados por ano de conclusão do ensino médio .....	174
Gráfico 14: Número de entrevistados por curso pré-vestibular frequentado em 2020 .....	174
Gráfico 15: Número de estudantes que frequentaram o mesmo pré-vestibular no qual estiveram inscritos no ano de 2020 e anteriores.....	175
Gráfico 16: Número de estudantes que tinham frequentado ou não outros cursos pré-vestibular antes de 2020 .....	175
Gráfico 17: Número de estudantes x realização de prova de vestibular .....	175
Gráfico 18: Número de estudantes aprovados anteriormente em algum vestibular...	176
Gráfico 19: Número de entrevistados por curso pretendido .....	177
Gráfico 20: Número de <i>sites</i> citados por número de entrevistados .....	182
Gráfico 21: Citações por <i>site</i> /canal.....	183

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AASL *American Association of School Librarians*

ACRL *Association of College and Research Libraries*

AIDS Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

ALA *American Library Association*

CAUL *Council of Australian University Librarians*

CEPSH-UFSC Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina

CILIP *Chartered Institute of Library and Information Professionals*

ENADE Exames Nacionais de Desempenho dos Estudantes

ENEM Exame Nacional do Ensino Médio

GPCIn Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Competência em Informação

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFLA *International Federation of Library Associations and Institutions*

IIA *Information Industry Association*

INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

ISP *Information Search Process*

LISA *Library and Information Science Abstracts*

NCLIS *National Commission on Libraries and Information Science*

OCDE Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PDF *Portable Document Format*

PET Programa de Educação Tutorial

PGCIN Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

PNAD Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SARS Severe Acute Respiratory Syndrome

SCONUL *Society of College, National and University Libraries*

SISNEP Sistema Nacional de Informação sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos

SISU Sistema de Seleção Unificada

SNS *Social Networking Sites*

TI Tecnologias de Informação

TIC Tecnologias de Informação e Comunicação

UDESC Universidade do Estado de Santa Catarina

UFBA Universidade Federal da Bahia

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>18</b>
1.1	DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA .....	23
1.2	OBJETIVOS .....	26
1.2.1	Objetivo geral .....	26
1.2.2	Objetivos específicos .....	26
1.3	JUSTIFICATIVA.....	26
1.3.1	Justificativa pessoal .....	27
1.3.2	Justificativa social.....	27
1.3.3	Justificativa científica.....	33
<b>2</b>	<b>CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO</b> .....	<b>36</b>
2.1	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO INTEGRADA ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS .....	37
2.2	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SUAS DIMENSÕES .....	42
<b>3</b>	<b>COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO</b> .....	<b>49</b>
3.1	ORIGENS, EVOLUÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO .....	50
3.1.1	Aspectos da institucionalização .....	54
3.2	A TRANSIÇÃO PARA UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO .....	66
3.3	ABORDAGEM CRÍTICA .....	75
3.3.1	Visão crítica de competência em informação .....	77
3.3.2	Perspectiva holística e as dimensões da competência em informação .....	82
3.3.3	Aprendizagem ao longo da vida .....	87
3.3.4	Aprender continuamente para a cidadania.....	94
3.4	SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E PERSPECTIVA DA SOBRECARGA DA INFORMAÇÃO .....	96
<b>4</b>	<b>VULNERABILIDADE</b> .....	<b>107</b>
4.1	ASPECTOS POLÍTICOS E SOCIAIS DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: AUTONOMIA E SUPERAÇÃO DE VULNERABILIDADE .....	108
4.2	O QUE É VULNERABILIDADE.....	110
4.3	PÚBLICOS E GRUPOS VULNERÁVEIS.....	111
4.4	ANSIEDADE E TRANSTORNOS EMOCIONAIS: VULNERABILIDADE EM INFORMAÇÃO .....	116
4.4.1	Aspectos informacionais dos estudantes de ensino médio e superior .....	119
4.4.2	Resiliência.....	124
4.4.3	Vulnerabilidade em informação.....	129
4.4.4	Reflexos da Pandemia da Covid-19 no cenário informacional .....	133
<b>5</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS E REALIZAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	<b>136</b>

5.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	137
5.2	ASPECTOS ÉTICOS .....	152
5.3	CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO.....	157
5.4	SÍNTESE DA PESQUISA .....	161
5.5	REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	164
<b>6</b>	<b>ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>167</b>
6.1	CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DO PÚBLICO .....	167
6.2	COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO.....	178
6.2.1	Motivações dos entrevistados para a busca de informações .....	178
6.2.2	Diversidade, avaliação e seleção das fontes .....	182
6.2.3	Estratégias de busca.....	191
6.2.4	Incorporação da informação nos estudos .....	193
6.2.5	Rotinas e organização dos estudos .....	195
6.2.6	Estratégias para desenvolver a competência em informação .....	202
6.2.7	Percepção da preparação para as provas .....	204
6.2.8	Considerações .....	205
6.3	SOBRECARGA DE INFORMAÇÃO .....	207
6.3.1	O sentimento da sobrecarga .....	208
6.3.2	O que a sobrecarga de informação provoca .....	212
6.3.3	Prejuízos pelo excesso de informação.....	215
6.3.4	Formas de aliviar a sobrecarga de informação .....	218
6.3.5	Considerações .....	220
6.4	REFLEXOS DA PANDEMIA.....	222
6.4.1	Isolamento social .....	223
6.4.2	Adaptação para estudar <i>on-line</i> .....	227
6.4.3	Mudanças no processo seletivo das universidades .....	230
6.4.4	Considerações .....	233
6.5	VULNERABILIDADE .....	234
6.5.1	Dificuldades.....	234
6.5.2	Como supera as dificuldades .....	237
6.5.3	Impotência e vulnerabilidade.....	239
6.5.4	Considerações .....	249
<b>7</b>	<b>PRINCÍPIOS NORTEADORES .....</b>	<b>254</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>281</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>286</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>308</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>567</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A informação, desde os primórdios, é elemento fundamental para o desenvolvimento da humanidade. O ser humano utiliza suas capacidades e curiosidade para se conhecer e compreender o mundo que o cerca. Ao adquirir noções das coisas e dos fenômenos, o homem inicia um processo de conhecimento e, em seguida, o repassa aos demais de sua comunidade. Para isso, foram criados códigos de comunicação – uma infinidade rica de símbolos gráficos e mnemônicos que ajudam a resguardar a informação. Entre tais símbolos, está a escrita, que, com diferentes sistemas, levou seis mil anos para alcançar o atual estágio entre elaborações, reelaborações e extinções (GIL, 2012; MARTINS; CARVALHO; DANGIÓ, 2018).

A humanidade compartilha e reproduz fenômenos comuns por meio de códigos de comunicação que incluem fala e a escrita, que é mais do que um simples desenho da fala. Complementarmente, as pessoas utilizam elementos de apoio, como desenhos, nós em cordas, desenhos em pedras, marcas em ossos ou paus, tábuas ou expressões faciais ou corporais (MARTINS; CARVALHO; DANGIÓ, 2018).

Nesta lógica, foram surgindo ao longo dos séculos sistemas mais ou menos elaborados que permitem às pessoas conhecer o comportamento social e a natureza das coisas. Desta forma, as pessoas<sup>1</sup> desenvolvem e compartilham conhecimento, gerando uma espécie de repertório acumulado pela sociedade global, que servirá como fundamento para a geração de novos conhecimentos (GIL, 2012).

Os avanços dos saberes fizeram surgir uma preocupação com o conhecimento sobre o próprio conhecimento, o meta-conhecimento. Ao longo da história, a humanidade buscou maneiras de organizar, classificar, registrar e disseminar a informação, que integra a construção do conhecimento.

Esse conhecimento sobre o conhecimento, caracterizado como um fenômeno social, se tornou tão importante quanto o de qualquer outra área. Essa condição, em especial com a explosão informacional do século XX, fez surgir uma ciência para

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho será utilizado o termo “pessoa” – e não “indivíduo” ou “sujeito” – nas referências genéricas ao ser humano, exceto nas citações. A opção está embasada em Moretto (2009), para quem “pessoa” remete a “personificação” e “personalidade”. O autor resgata a etimologia da palavra, derivada de “persona”, ou “máscara”, do teatro grego. “Per sonare”, referia à voz do ator soando “através da máscara que escondia sua identidade e apresentava outra, a do **personagem** que estava sendo representado”. Neste caso, a expressão “pessoa” assume a representação da “máscara” com a qual cada sujeito se apresenta ao seu grupo social”. (MORETTO, 2009, p. 14-18, grifo do autor).

organizar o conhecimento e a informação e recomendar procedimentos de sua organização e disseminação (CARVALHO SILVA; FREIRE, 2012).

Carvalho Silva e Freire (2012) fazem uma ampla retrospectiva da trajetória das técnicas e reflexões relacionadas à informação, que culminou com o surgimento institucional da chamada “Ciência da Informação” em meados do século XX. Uma caminhada que se iniciou com as bibliotecas, de origem milenar, ganhou impulso com a invenção da imprensa (século XV), avançou com os catálogos bibliográficos (entre os séculos XV e XIX) e a documentação (final do século XIX e início do século XX).

Cada uma dessas etapas apresenta, em maior ou menor grau e em avanços progressivos, fundamentos da Ciência da Informação, cuja consolidação se dá, na visão de Carvalho Silva e Freire (2012), a partir de dois fatores: o **primeiro** deles diz respeito aos antecessores sociais e científicos que estimulam o surgimento de determinado fenômeno, causa, motivo e procedência. Para os autores, os princípios da Documentação, elaborados por Paul Otlet nas primeiras décadas do século XX, se tornaram bases para o surgimento da Ciência da Informação. O **segundo** fator de fundação da Ciência da Informação, é a congregação de acontecimentos institucionais, técnicos e científicos, que teve como precursor Vannevar Bush, cientista do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e chefe do esforço científico dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Em artigo escrito em 1939 e publicado em 1945, Bush identifica a existência da explosão informacional e propõe uma máquina para ajudar a organizar as informações, dando origem, então, ao Memex.

Aos dois fatores citados por Carvalho Silva e Freire (2012), pode-se adicionar um **terceiro**, que se apresenta após a Segunda Guerra Mundial como elemento-chave para consolidar e robustecer a Ciência da Informação. Trata-se do acirramento da corrida pelo desenvolvimento científico e tecnológico, muito enraizada nos princípios da Guerra Fria (a disputa pela hegemonia mundial entre os Estados Unidos e a União Soviética). A concorrência entre as duas potências mundiais se dava em diversos campos, incluindo a conquista do espaço sideral, o armamentista e o desenvolvimento científico e tecnológico, dando relevância aos aspectos que integram a Ciência da Informação (ARAÚJO, 2014a).

Como é constatado nesta tese, o avanço das tecnologias da informação (informática e computação) permitiu mais rapidez na geração e disseminação da informação, promovendo a chamada explosão informacional. As dificuldades inerentes a esse novo contexto e reflexões sobre o tema fizeram surgir a Ciência da Informação.

O desafio que já existia, se tornou incomensurável. Ainda que em suas primeiras fases a Ciência da Informação tenha se caracterizado por uma preocupação maior com a recuperação da informação, outros focos de atenção surgiram com o tempo. Assim, a capacidade de lidar com a informação, tão vasta – num universo onde ela pode ser total, parcialmente ou nada verídica – se tornou uma necessidade de cientistas, professores, estudiosos, estudantes, profissionais de diversas áreas e de todas as pessoas tanto na vida profissional quanto na vida pessoal.

Foi neste contexto que surgiu a necessidade de se estudar e compreender a capacidade que as pessoas têm para acessar, selecionar e utilizar a informação. A preocupação ganhou as primeiras manifestações públicas na década de 1970 e, com o passar do tempo, foi se consolidando como uma nova disciplina ou uma subárea integrada à Ciência da Informação (CAMPELO, 2009; ZURKOWSKI, 1974). O tema recebeu várias denominações em cada idioma, sendo predominantes, em inglês, *Information Literacy* e, na Língua Portuguesa, “competência informacional” ou “competência em informação” – esta última tem recebido a preferência de autores brasileiros (DUDZIAK, 2003).

A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (DUDZIAK, 2013). Há um consenso entre os autores no sentido de sintetizar esse conjunto de habilidades como sendo a capacidade de buscar o aprendizado ao longo da vida ou de aprender a aprender. É, portanto, um processo de interiorização de valores, conhecimentos e habilidades relacionados à informação, ou seja, um processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e comportamentais necessários à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida (DUDZIAK, 2002; 2003).

Dudziak (2013) argumenta, ainda, que a competência em informação se configura em um direito humano fundamental para o exercício da cidadania, para que cada pessoa possa aprender a aprender e exercitar a aprendizagem ao longo da vida. O raciocínio é de que o mundo contemporâneo é chamado de Sociedade da Informação, os meios de acesso a essa sociedade devem ser garantidos à coletividade. Neste sentido, a competência em informação não se limita a um conjunto de habilidades

de caráter instrumental ou operacional. Ela pressupõe a compreensão da necessidade, da importância da informação e a capacidade de utilizá-la na solução de problemas, na construção de conhecimento e na implementação de mudanças e transformações da vida. Para a consecução desses objetivos é que surgem as necessidades de saber identificar, localizar, obter, avaliar criticamente e organizar a informação (DUDZIAK, 2013).

As preocupações relacionadas à capacidade de buscar e utilizar a informação, de acordo com os parâmetros citados anteriormente, se associaram a dois elementos funcionais relacionados ao dia a dia das pessoas. Um deles é o já citado aprendizado ao longo da vida, uma perspectiva de que a pessoa está em contínuo processo de uma aprendizagem autônoma em qualquer atividade que exerça, inclusive aquelas fora de ambientes escolares. O outro elemento é a formação de profissionais competentes para o mundo do trabalho (DE LUCCA, 2019).

Pode-se afirmar que o segundo elemento deriva do primeiro, tendo em vista que o desenvolvimento de competência ou habilidades profissionais exige constante atualização e adaptação a novos cenários econômicos, de mercado, tecnológicos ou de modelos de negócios. Nesse sentido, o profissional competente também precisa estar, continuamente, aprendendo e reaprendendo. A premissa em ambos os casos é de que o domínio da informação, em sua amplitude, – da identificação da necessidade à seleção crítica e ao uso adequado –, se configura como essencial para que o aprendizado permanente se efetive.

É notável, também, que a percepção da necessidade do desenvolvimento da competência em informação avançou em ritmo similar ao rápido desenvolvimento das tecnologias da informação, em especial da internet, que proporcionou profundas mudanças na forma de buscar o conhecimento, de acessar e recuperar a informação. Essas transformações da sociedade impactaram o comportamento das pessoas, trazendo benefícios e facilidades para o desenvolvimento de atividades profissionais e acadêmicas, bem como para os relacionamentos interpessoais.

No entanto, além de benefícios, as novas tecnologias trazem aspectos críticos, que geram dificuldades para a atividade humana. As redes sociais permitem maior interação entre as pessoas distantes, porém podem distanciar aquelas que estejam próximas. Equipamentos portáteis, como os *smartphones*, possibilitam contato direto e imediato com o mundo ou, ainda, que se acompanhe eventos e atividades, a exemplo de ver, em tempo real, como estão suas casas ou seus filhos no colégio, mas, ao

mesmo tempo, podem fazer com que seus usuários se isolem uns dos outros. Pode parecer que as tecnologias digitais reduzam o isolamento ou a solidão, quando, na verdade, os reforçam (MIRET; PEREZ, 2019).

O atual estágio tecnológico pressupõe um modelo de ação comunicativa orientado para a pessoa. Equipamentos, sistemas e pessoas se conectam em redes abertas à multivocalidade, nas quais há espaço para a mediação (SIMEÃO; MARQUES; CUEVAS-CERVERÓ, 2014). Por multivocalidade, definição proposta por Ramos (2000), compreende-se a presença de muitas vozes no seio da informação.

A internet foi o elemento que possibilitou a globalização que se acelerou nas últimas décadas do século XX e, desta forma, a rede mundial de computadores é o novo ambiente de compartilhamento de conhecimento e de relações sociais, possibilitando relacionamentos pessoais até então não concebidos (BRETAS, 2000).

As diferentes tecnologias trazem para dentro de casa ou para a palma da mão informações que antes estariam distantes e dependeriam de pesquisa *in loco*, aquisição de livros no país ou no exterior, proporcionando benefícios e facilidades para qualquer atividade humana, inclusive pesquisas escolares. Mas trouxe, também, prejuízos como a sobrecarga de informações, inclusive das não confiáveis.

Avelino, Löbler e Flaviano (2015) definem a sobrecarga em informação como muitas alternativas compostas por grande quantidade de informação, que podem resultar em frustração e insegurança, já que essa condição reduz a satisfação das pessoas com suas decisões. Os autores abordam também os efeitos da sobrecarga de informação na tomada de decisões, impactos que podem ser transpostos a outras dimensões da atividade humana, incluindo as educacionais.

Consentindo com ALA (1989), Belluzzo (2001) adverte que a grande quantidade de informação e criação de informação extrapola a habilidade em pesquisar, organizar e disseminar a informação. Quando a autora fez essa afirmação, há duas décadas, estimava que a quantidade de conteúdo produzido em todo o mundo exigia 1,5 milhão de gigabytes de memória – ou 250 megabytes por habitante da Terra. Nesta condição, a gestão da informação no âmbito pessoal, organizacional ou social, se constituía em um grande desafio.

As pessoas não têm a mesma capacidade de trabalhar em meio a esse turbilhão de informações, que pode causar sofrimento e possíveis transtornos emocionais e até mesmo doenças físicas. Por isso, a sobrecarga de informação não pode ser medida ou estabelecida de modo objetivo. Há uma intensa carga de

subjetividade nela, pois, conforme lembram Avelino, Löbler e Flaviano (2015) algumas pessoas são mais suscetíveis que outras à quantidade de informação a que estão expostas.

Sob esta perspectiva, a competência em informação envolve os mais diversos fatores que incluem aprendizado ao longo da vida, aprendizagem significativa, mapas conceituais, desenvolvimento de habilidades de uso da informação, fluência em informação, educação de usuários, comunicação, construção e gestão do conhecimento, tecnologias de informação e comunicação e pesquisa científica, entre outros. Em consequência dos progressos científicos, os conhecimentos e tecnologias renovam-se rapidamente e a atual sociedade da informação requer inovação no enfrentamento dos problemas (BELLUZZO; FERES, 2016). Desta forma, a pessoa precisa desenvolver sua capacidade de aprendizado ao longo da vida para incorporar as novidades de suas áreas de interesse em seu arcabouço de conhecimento, comportamento e trabalho (BELLUZZO, 2005).

## 1.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Conforme será visto ao longo da revisão de literatura desta tese, a competência em informação é um fenômeno que engloba toda a relação das pessoas com a informação. Implica também, mas não apenas, em habilidades de atuar com a informação, identificação, necessidade e seleção de fontes de informação e seu uso adequado para a construção do conhecimento. Para além desta perspectiva, a competência em informação pressupõe ainda uma visão crítica e holística da informação em todas as dimensões da vida humana, de maneira a fazer com que cada pessoa desenvolva a capacidade de um aprendizado contínuo ao longo da vida, favorecendo que a pessoa adquira sua emancipação como cidadã.

A presente pesquisa aborda a questão da sobrecarga da informação e risco de vulnerabilidade no contexto da competência em informação, em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos<sup>2</sup> e gratuitos da Grande Florianópolis, que têm como pré-requisito de ingresso a baixa renda e, em alguns casos, sejam, também, oriundos do ensino público.

---

<sup>2</sup> A expressão “público” é utilizada na descrição dos cursos pré-vestibulares nos quais foram realizadas as pesquisas na acepção de “serem dirigidos ao público” e não no sentido de integrarem o serviço público.

Uma análise prévia evidencia que a sobrecarga de informação pode atingir de diferentes maneiras os diferentes públicos. Dessa forma, as pessoas podem ter dificuldades distintas em lidar com grande quantidade de informação ou com a diversidade de fontes de informação disponíveis. E que tais dificuldades podem estar associadas a fatores sociodemográficos, incluindo idade, expectativa de acesso à universidade e situações de risco ou propensão à vulnerabilidade. Vitorino (2018) e o Conselho Federal de Psicologia (2005) afirmam que grupos fragilizados economicamente são potencialmente vulneráveis. Ao longo desta pesquisa, será visto que a vulnerabilidade não se caracteriza pela fragilidade em que a pessoa vive, mas pela incapacidade de reação aos fatores que definem essa vulnerabilidade. Assim, estar em desvantagem econômica não significa que a pessoa seja vulnerável, mas representa um risco.

A situação pode se agravar na união de fatores, como no caso dos estudantes, em preparação para o vestibular e que frequentam cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos destinados a pessoas de baixa renda e, em alguns casos, sejam, também, oriundas do ensino público, características das pessoas entrevistadas nesta pesquisa. Por integrarem famílias de baixa renda, podem ter menor possibilidade de acesso aos materiais e à informação para o vestibular. Em muitos casos, precisam trabalhar para colaborar no sustento da casa ou ajudar com tarefas domésticas. Muitas vezes, estão inseridos em comunidades com menos acesso aos serviços básicos ou mesmo com maiores índices de violência. Tais condições podem comprometer o objetivo por eles almejado de uma vaga no Ensino Superior.

As pessoas que possuem alguma forma de risco de vulnerabilidade também terão mais dificuldades para ingressar no ensino superior (CEDLAN, 2018). ALA (1989) pontua que as pessoas mais necessitadas de fortalecer suas experiências com a informação são aquelas com menos oportunidades de aprendizado que promove as habilidades necessárias. O texto cita minorias e alunos em risco, adultos analfabetos, pessoas com inglês como segunda língua ou economicamente desfavorecidas como exemplos de grupos que têm maior dificuldade para acessar informações, que podem ajudar a melhorar suas condições.

Foi com base no tripé competência em informação, sobrecarga de informação e sujeição ou risco da vulnerabilidade, que se construiu a proposta e a execução desta pesquisa. Quando se fala no desenvolvimento da competência em informação, é necessário também considerar a capacidade que cada pessoa tem de suplantar a

sobrecarga de informação, aspecto que, por sinal, ainda não é amplamente tratado na literatura relacionada à competência em informação. É esperado que a pessoa competente na lida com a informação obtenha o melhor desempenho e que, em decorrência, ela também saberá superar as dificuldades que a sobrecarga apresenta. A competência em informação e a sobrecarga de informação também interagem ou apresentam reflexos diferentes para diferentes públicos. As pessoas com mais dificuldade de acesso à informação, que acumulem mais preocupações ou que, de maneira geral, tenham menos tempo para se dedicar ao trato com a informação, terão mais dificuldades que outras que não possuam tais limitações. As dificuldades serão ainda maiores se a quantidade de informação disponível estiver acima da capacidade da pessoa de interagir com ela.

Apesar dos obstáculos gerados pela pandemia, constatou-se que a interposição mais relevante da Covid-19<sup>3</sup> sobre esta pesquisa era de que a pandemia e o isolamento social dela decorrente seriam agravantes da sobrecarga da informação e do risco de vulnerabilidade, exigindo maior competência em informação para serem suplantados.

O desafio de compreender a inter-relação entre competência em informação e sobrecarga de informação ensejou questionamentos como os que seguem.

- De que maneira os estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos buscam melhorar seu desempenho na lida com a informação?
- Esses estudantes se sentem sobrecarregados com a informação referente aos estudos?
- Em caso positivo, como lidam com a sobrecarga da informação?
- Quais estratégias eles utilizam para desenvolver sua competência em informação, ainda que formalmente a desconheçam?

---

<sup>3</sup> Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que o planeta estava vivendo uma pandemia, causada pela da Covid-19, doença respiratória provocada pelo SARS-Cov-2. Este é o sétimo coronavírus já identificado pelos especialistas de saúde do mundo inteiro. A primeira notificação oficial à OMS foi feita pelo governo chinês, em 31 de dezembro de 2019, quando informou a ocorrência de vários casos de pneumonia em cidadãos de Wuhan. Estudos mostraram que aqueles pacientes estavam infectados com um novo coronavírus, mais tarde denominado SARS-Cov-2. No Brasil, o primeiro caso foi registrado em 26 de fevereiro de 2020. Até a data de 25 de junho de 2021, conforme o Consórcio de Imprensa, foram registrados 511.272 óbitos e 18.322.757 pessoas contaminadas. No mundo, também até o dia 25 de junho de 2021, foram registrados 3.912.198 óbitos e 180.568.910 de casos de contaminação. Diante da situação crítica, foram determinados o isolamento social e a suspensão de atividades presenciais em escolas e empresas. (SPUDEIT; PORTES, 2020; G1, 2021; JOHNS HOPKINS UNIVERSITY, 2021; SILVA e DIAS, 2020). Para Gomes (2020) essa pandemia se constitui na maior crise sanitária, social e econômica da História, sendo que o país e o mundo nunca passaram por uma experiência tão dramática.

Estas, em suma, foram as perguntas que embasaram a pesquisa e conduziram o encadeamento do questionário.

## 1.2 OBJETIVOS

Esta pesquisa foi norteada por objetivo geral e objetivos específicos, a seguir apresentados.

### 1.2.1 Objetivo geral

Compreender a sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos com vistas à busca de relações e de princípios norteadores ao desenvolvimento da competência em informação nestas pessoas.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- a) Descrever o cenário da competência em informação, sobrecarga de informação e a vulnerabilidade em informação, segundo a literatura.
- b) Identificar como os estudantes sentem a ocorrência da sobrecarga de informação e quais as possíveis relações com a competência em informação.
- c) Investigar em que aspectos os estudantes em fase pré-vestibular possuem vulnerabilidade em informação.
- d) Elencar os principais desafios e dificuldades enfrentados pelos estudantes.

O pressuposto estabelecido é o de que o alcance dos objetivos permite que se compreenda o cenário da competência em informação e seus princípios norteadores, bem como a sobrecarga de informações e sua influência sobre estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos da Grande Florianópolis, Santa Catarina.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

Diversos fatores, de ordem particular, social e científica, se configuraram em motivações para o desenvolvimento desta pesquisa científica. Uma dessas motivações

é a percepção de fenômenos sociais ou naturais não plenamente compreendidos. É o caso desta pesquisa, cujo foco é a sobrecarga de informação.

### **1.3.1 Justificativa pessoal**

A justificativa pessoal para desenvolver a pesquisa esteve amparada no conhecimento tácito e empírico da autora na sua área de interesse acadêmico e profissional, trabalhando no atendimento de usuários com necessidades diferenciadas de informações, em diferentes áreas de conhecimento, em pesquisas simples ou complexas. Além de ter realizado mestrado tratando da competência em informação, a autora já atuou profissionalmente em bibliotecas e centros de informação. De maneira empírica, nas atividades profissionais, a pesquisadora constatou as dificuldades de usuários em geral envolvidos em atividades de pesquisa, na busca, no processamento e na utilização da informação. Nestas situações, evidenciam-se as dificuldades citadas na literatura sobre competência em informação – percepção das necessidades de informação, a falta de senso crítico a respeito das fontes e da informação recuperada e a incapacidade de aplicação da informação na solução de problemas, sejam eles pessoais ou coletivos.

Tais percepções e preocupações transcendem, nesta pesquisa, para um grupo que tem a necessidade de saber interagir criticamente com a informação concentrada (conteúdos de estudo para o vestibular), em um período limitado e com as dificuldades inerentes à sua potencial condição de estarem sujeitos à vulnerabilidade. A expectativa inicial era desenvolver um conhecimento que permitisse sugerir ações (para o poder público, instituições de ensino ou outros agentes da sociedade), bem como ampliasse e norteasse estudos baseados na competência em informação para o fortalecimento da cidadania.

### **1.3.2 Justificativa social**

Esta pesquisa, realizada no âmbito do curso de doutorado em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), se justifica, sob o ponto de vista social, pela necessidade de aprofundamento de estudos voltados às pessoas que demandam por grande volume de informação e de conhecimento, com uso aplicado para momentos específicos como provas de vestibular, concursos etc. Os fatores que

podem suscitar a vulnerabilidade socioeconômica ou de informação (entre os quais a baixa renda, necessidade de contribuir para o sustento familiar, dificuldades de transporte, violência e drogas na família ou na comunidade, lacunas no capital cultural) prejudicam o rendimento escolar e dificultam o acesso a livros ou outros meios de informação ou mesmo a cursos preparatórios para o vestibular.

Há um elemento chave no contexto das dificuldades de acesso à universidade e que pode ser expresso na ideia do “capital cultural”, lançada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu:

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o ‘sucesso escolar’, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Este ponto de partida implica em uma ruptura com os pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das ‘aptidões naturais’, quanto às teorias do ‘capital humano’ (BOURDIEU, 2007, p. 73).

Para o sociólogo, o capital cultural se constitui no mais “oculto e determinante dos investimentos educativos, a saber, a transmissão doméstica do capital cultural” (BOURDIEU, 2007, p. 73). O autor observa que o capital cultural pode se apresentar nos estados *incorporado*, *objetivado* e *institucionalizado*.

O estado objetivado compreende a aquisição de bens culturais – quadros, livros, instrumentos ou máquinas. Há duas formas de sua apropriação – a material e a simbólica. A apropriação material compara-se e integra o capital econômico, pois representa a propriedade jurídica, que pode ser transmitida a outra pessoa, por venda, doação ou herança. A segunda forma de apropriação é a simbólica, ou seja, o desfrutar e vivência do aspecto cultural inerente ao objeto – ouvir e se comprazer de uma música, por exemplo. O estado institucionalizado consiste na aquisição de cultura por meio de cursos e educação (BOURDIEU, 2007).

Mas é o estado incorporado do capital cultural, que efetivamente importa para efeito de gerar diferença nos desempenhos escolares e, por consequência, no sucesso profissional. O capital cultural incorporado é aquele que, “em seu estado fundamental, *está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação*” (BOURDIEU, 2007, p. 74, grifo do autor), ou seja, “‘pagou com sua própria pessoa’ e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo” (BOURDIEU, 2007, p. 75). É adquirido de forma dissimulada e inconsciente

e está tão associado ao corpo da pessoa que ele se depaupera e morre com o corpo da pessoa – seja na morte ou com a fragilização da memória.

Pode-se concluir que o capital cultural se apresenta em sua essência no estado incorporado. Mesmo quando se origina dos estados objetivado ou institucionalizado, é na vivência da pessoa que ele se efetiva. Por analogia, pode-se dizer que a simples aquisição de um medicamento na farmácia não fará efeito na saúde da pessoa. É preciso que ele seja ingerido. Da mesma forma, a aquisição de um livro ou a inscrição em um curso não serão suficientes para a aquisição de capital cultural. Será preciso a vivência da pessoa. No entanto, as dificuldades de acesso a bens culturais sem dúvida criam obstáculos à incorporação de capital cultural.

O público da pesquisa é composto por estudantes que frequentam curso pré-vestibular, pois almejam ingressar na universidade, o que pode se constituir em uma forma de ascensão social ou, pelo menos, lhes proporcionar uma carreira profissional mais rentável.

Para jovens inseridos neste contexto, o acesso a uma universidade é considerado um desafio e uma oportunidade para aumento de renda. “A universidade representa a busca por uma vida melhor, o que, por sua vez, significa uma inserção no mercado de trabalho que possibilite um maior poder aquisitivo” (SOUZA; SOUZA, 2006, p. 5).

Essa condição fica explícita também no documento institucional do Einstein Floripa Pré-Vestibulares, um dos selecionados para a realização da pesquisa. Conforme o texto, há um contraste entre o contingente de estudantes de escolas públicas (que representam 85% dos estudantes brasileiros de ensino básico) e a origem dos universitários (70% são oriundos de escolas particulares). Outra estatística que preocupa é que apenas 11,3% da população brasileira adulta possui ensino superior (EINSTEIN..., [2017?]).

A falta de qualidade no ensino, de qualificação dos profissionais da educação e de infraestrutura acarretam num despreparo do aluno de baixa renda frente aos exames de vestibular e no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Com pouco apoio familiar aos estudos e condições econômicas desfavoráveis do estudante, no Brasil, a evasão escolar atinge 13,2% dos alunos do Ensino Médio.

Dos 250 mil estudantes da rede pública matriculados no Ensino Médio em Santa Catarina, o ingresso no ensino superior de qualidade acaba não sendo uma possibilidade viável para a maioria.

No Brasil, apenas 11,3% da população adulta possui ensino superior completo.

Cerca de 85% dos estudantes brasileiros estão em escolas públicas.

Nas universidades de maior performance do país, 70% dos universitários vieram de escolas particulares.

A falta de qualidade no ensino, de qualificação dos profissionais da educação e de infraestrutura acarretam num despreparo do aluno de baixa renda frente aos exames de vestibular e no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Com pouco apoio familiar aos estudos e condições econômicas desfavoráveis do estudante, no Brasil, a evasão escolar atinge 13,2% dos alunos do Ensino Médio.

Dos 250 mil estudantes da rede pública matriculados no Ensino Médio em Santa Catarina, o ingresso no ensino superior de qualidade acaba não sendo uma possibilidade viável para a maioria. O Einstein Floripa Pré-Vestibulares busca reverter essa situação. Não somente auxiliando a entrada deles nas universidades, mas capacitando-os para permanecer e se destacar dentro delas.

Os alunos do Einstein Floripa Pré-Vestibulares são, acima de tudo, jovens que querem participar na transformação da vida de pessoas. Eles sonham em estudar numa universidade de qualidade para trabalhar naquilo que amam. Muitos possuem uma vocação, mas ainda assim, pela sua condição de baixa renda, dependem de um cursinho pré-vestibular gratuito como o Einstein Floripa Pré-Vestibulares para alcançar seus sonhos. (EINSTEIN..., [2017-], p. 4).

O acesso à universidade é visto como uma das principais possibilidades de transformação social dos estudantes e de suas famílias. “O impacto transcende a vida pessoal de cada aluno e atinge todos aqueles ao seu redor” (EINSTEIN..., [2017?], p. 5).

O mesmo documento do curso pré-vestibular traz o depoimento de estudantes que reforçam este pensamento. É o caso de uma aluna não identificada da instituição em 2015:

Venho de uma cidade do interior, com pouco menos de 4.000 habitantes, com o menor IDH de Santa Catarina, onde a principal atividade econômica é a agricultura familiar, e não oferece nenhuma oportunidade para que possamos ter um futuro melhor [...]. Quero entrar para universidade para poder ajudar minha família [...], para mostrar para meus irmãos menores que a gente pode tudo aquilo que gente sonhar, basta buscar (EINSTEIN..., [2017?], p. 5).

Outro depoimento é de Rachel Ayres de Hollanda, ex-aluna do Einstein Floripa Pré-Vestibulares em 2015 e que foi aprovada no vestibular do curso de Pedagogia da UFSC:

Já estava há aproximadamente seis anos sem estudar e havia me tornado mãe há apenas dois anos. A sensação de ver meu nome ali naquela lista, todos com olhares orgulhosos e felizes por mim. Ver todas as portas que se abriam dali em diante e todo o mundo de possibilidades que se abria naquele momento, foi uma das melhores sensações que já senti na minha vida. A frase ‘eu consegui’ teve outro peso para mim e grande parte dessa felicidade toda devo ao cursinho Einstein Floripa (EINSTEIN..., [2017?], p. 5).

Da mesma forma, em seu *site*, o Pré-Vestibular Rede IVG, mantido pelo Instituto Pe. Vilson Groh (IVG), manifesta a sua prioridade: “É destinado apenas a pessoas de baixa renda e com forte desejo de dar continuidade aos estudos, aprofundá-los e seguir carreira em uma universidade pública” (REDE..., 2019). A Rede IVG formaliza sua missão: “Prestar assessoria técnica e promover a articulação das organizações da sociedade civil na dimensão social, educacional e financeira, que tenham foco na defesa e na garantia de direitos da população empobrecida” (REDE..., 2019).

Conforme a pesquisa “Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2019”, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a entrada de jovens brasileiros no ensino superior está abaixo dos padrões internacionais. As metas do Plano Nacional de Educação para 2024 é que 33% dos jovens estejam cursando faculdade, mas em 2018 esse índice foi de 23,1%. Além disso, o Brasil tinha 1,2 milhão de jovens de 15 a 17 anos fora da escola de ensino fundamental ou médio, o que os impede de buscar o ensino superior (NITAHARA, 2019).

Para além do abordado, há um componente adicional na composição da fragilidade e eventual vulnerabilidade de estudantes na faixa de 15 a 19 anos: as questões de saúde mental (BRASIL, 2019). Conforme será visto no capítulo relacionado à vulnerabilidade, estudos indicam que distúrbios psicológicos, incluindo a ansiedade, afetam o desempenho de aprendizagem e podem causar doenças e lesões.

As dificuldades inerentes à condição social, à saúde ou, ainda, ao estágio de vida se refletem nas questões relacionadas à competência em informação, nos aspectos de acesso e, principalmente, da sobrecarga de informação. Surge, então, a demanda por se entender com mais profundidade como tais fatores se refletem nos estudos, no desenvolvimento do conhecimento e, conseqüentemente, na superação ou afastamento da condição de vulnerabilidade.

Reitera-se que o público-alvo de tais estudos se encontra em cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos, tendo em vista serem pessoas com maior carência de recursos e almejem o acesso à universidade.

Conforme a edição de 2019 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 82,7% dos domicílios no Brasil possuem acesso à internet. O índice é 3,6 pontos percentuais mais elevado do que o identificado na mesma pesquisa em 2018. O maior incremento proporcional foi registrado nas áreas rurais, com aumento de 49,2% (2018), para 55,6%

(2019). Nas regiões urbanas, o crescimento foi de 83,8% (2018) para 86,7 (2019). O aumento do número de domicílios conectados à internet ocorreu em todas as grandes regiões do país. Apesar do crescimento, o levantamento mostra que ainda há um elevado número de domicílios sem acesso à internet. São 12,6 milhões de residências do país. Conforme a pesquisa, as justificativas para isso são a falta de interesse (32,9% dos casos), o custo considerado caro (26,2%) ou o fato de nenhum morador saber utilizar a internet – 25,7% – (BRASIL, 2021).

No levantamento do número de brasileiros com acesso à internet, em 2019, eram 143,5 milhões de pessoas com 10 ou mais anos de idade utilizaram a internet nos três meses que antecederam a pesquisa. O número representa 78,3% do total de pessoas deste perfil (183,3 milhões). O maior contingente de usuários está entre os jovens adultos entre 20 e 29 anos. Os estudantes (88,1%) registram maior uso do que os não estudantes (75,8%). E a pesquisa registra uma sensível diferença de utilização da internet entre os estudantes da rede privada (98,4%) e os da rede pública (83,7%) (BRASIL, 2021).

A pesquisa PNAD/IBGE 2019 constatou ainda que o uso da banda larga móvel cresceu, sendo usada em 80,2% dos domicílios em 2018 para 81,2% no ano seguinte. A banda larga fixa passou de 75,9% para 77,9% de um ano para o outro e os domicílios que possuíam os dois tipos de conexão aumentaram de 56,3% para 59,2% entre os dois períodos (BRASIL, 2021).

Entre as ferramentas de uso no acesso à internet, o smartphone é o principal meio, estando presente em 99,5% dos domicílios, seguido do computador (45,1%), televisor (31,7%) e tablet (12%). O acesso da internet por meio da TV cresceu de 23,3% para 31,7% nos domicílios e o uso da internet para assistir vídeos, filmes e séries cresceu de 86,1% para 88,4% entre 2018 e 2019 (BRASIL, 2021).

Adicionalmente, deve-se lembrar que os integrantes das novas gerações, “são os que mais estão conectados e emergidos na Era Digital”. Essa é a chamada “geração da internet” (ASCOM, 2014). Essas pessoas que estão na fase de transição e/ou posterior ao Ensino Médio, atualmente são contemporâneas da disseminação da rede mundial de computadores aos domicílios, portanto, cresceram “vendo os avanços nos veículos de comunicação, videogames, computadores, entre outros recursos” (ASCOM, 2014). Ainda que integrem famílias de baixa renda, muitas têm acesso à internet. ASCOM descreve que “Atualmente, seis a cada dez adolescentes de 12 anos possuem seu próprio celular, número que chega a 83% aos 17 anos. Em média, 75% dos

adolescentes de 13 a 17 anos possuem aparelho móvel, enquanto 93% utilizam internet e 80% jogam videogame” (ASCOM, 2014, p. 1).

Além disso, de acordo com Campello (2009), o estudante tem a condição de colocar em prática suas habilidades de tratar a informação no contexto da pesquisa escolar. “É também o momento apropriado para que ele aprenda e refina esse tipo de habilidade, tornando-se um pesquisador cada vez mais competente pelo uso constante dessa estratégia didática” (CAMPELLO, 2009, p. 14-15).

Desta maneira, especialmente o professor e o bibliotecário encontra campo para atuar como mediador prestando auxílio em pontos específicos do processo. Há, portanto, um notável campo de estudos, neste segmento da população, que tem acesso a uma grande variedade de fontes de informação.

### **1.3.3 Justificativa científica**

No entendimento de Piaget (1985, p. 36), “as funções essenciais da inteligência consistem em compreender e inventar, em outras palavras, construir estruturas estruturando o real”. Na concepção do autor, as duas funções são indissolúveis. Mas, “para compreender um fenômeno ou um acontecimento, é preciso reconstruir as transformações de que elas são resultantes, e ainda que, para reconstituí-las, faz-se mister primeiramente elaborar uma estrutura de transformação” (PIAGET, 1985, p. 36). Sendo assim, para que se construa um conhecimento acerca da competência em informação dos estudantes em preparação para o vestibular, especialmente em um contexto de sobrecarga de informação, é necessário que se compreendam os fenômenos associados à realidade do público participante da pesquisa, de maneira estruturada, possibilitando novos estudos para o avanço da ciência.

A Ciência da Informação teve influência inicial da Teoria Matemática da Informação e da Teoria Sistêmica da Informação. Entretanto, inclinou-se em direção aos aspectos humanísticos, atentando para aspectos como a construção do conhecimento e a transformação das pessoas (CARVALHO SILVA; FREIRE, 2012). Associou-se, então, às ciências humanas, dando ênfase às questões subjetivas relacionadas às pessoas. Foi nesta linha que surgiram os estudos sobre competência em informação, cujo objeto é a relação das pessoas com a informação, de maneira crítica, autônoma e que permita sua emancipação.

A competência em informação trata dessa relação das pessoas com a informação sob todos os ângulos possíveis, da identificação das necessidades, da avaliação das fontes, de saber selecionar a informação efetivamente necessária e do seu uso adequado para os fins desejados e necessários. Trata também, sob uma ótica política, do acesso (o direito, as condições econômicas) e da possibilidade de a informação ser um fator de resiliência para pessoas ou grupos vulneráveis. Conforme Xavier *et al.* (2013), a aceleração do processo de globalização gerou a produção de informação em grande escala. Conforme as autoras, este é um fenômeno decorrente da transição da sociedade industrial para a pós-industrial, que surgiu após a Segunda Guerra Mundial e que também recebeu outras denominações, por diferentes estudiosos, como “sociedade da informação”, “sociedade do conhecimento”, “sociedade em rede” ou “cibercultura”.

Avelino, Löbler e Flaviano (2015, p. 1) entendem que a sobrecarga de informação é um fenômeno que se configura como uma espécie de sentimento, variando de pessoa para pessoa. “Algumas são especialmente vulneráveis à sobrecarga de informações, enquanto outras podem considerar essa complexidade uma riqueza de conhecimento”. O crescimento da oferta da informação sugere que as dificuldades relacionadas à sobrecarga tendem a se agravar a cada dia. Assim, mais autores tendem seguir o exemplo de Xavier *et al.* (2013) e incorporar o tema à competência em informação.

Quais são os reflexos dessa avalanche informacional? Ela gera transtornos emocionais? Gera ansiedade? Como as pessoas agem para administrar esses transtornos e continuar tendo na informação uma forma de emancipação? Como isso ocorre em grupos vulneráveis?

Esses questionamentos demandam reflexões e investigações e, por isso, são preocupações pertinentes ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn), um dos grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta pesquisa se integra institucionalmente e aos propósitos desses órgãos.

No PGCIN este estudo vincula-se à linha de pesquisa Organização, Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento, que “enfoca aspectos teóricos, metodológicos e práticos relativos à produção, comunicação e representação do conhecimento e da informação” (UFSC, 2021). Neste contexto, são desenvolvidos “estudos relativos ao acesso, à publicação, à mediação e à preservação da informação.

Investiga a atuação dos profissionais da informação”. Esta linha divide-se em dois eixos: Informação, Comunicação e Competências, no qual esta pesquisa se insere, e Organização e preservação do conhecimento (UFSC, 2021).

Esta pesquisa busca aprofundar as discussões presentes no GPCIn<sup>4</sup>, sob a orientação da professora doutora Elizete Vieira Vitorino. As reflexões do Núcleo englobam a competência em informação e suas interações com os seguintes temas: cidadania; minorias sociais; ansiedade por excesso de informação; desinformação; profissionais da informação; educação a distância (EaD), e saúde, além das dimensões da competência em informação – técnica, estética, ética e política (UFSC, 2021).

Algumas publicações mais recentes de pesquisadores integrantes do GPCIn abordam temas como desinformação (RIGHETTO, MURIEL-TORRADO, VITORINO, 2021; SPUDEIT *et al.*, 2020); dimensões da competência em informação (SOUZA; JACINTHO; VITORINO, 2020); raízes epistemológicas da competência em informação (DE LUCCA; VITORINO, 2020); competência em informação e necessidades de informação de idosos (DE LUCCA; VITORINO, 2020); olhares para a competência em informação (VITORINO; PIANTOLA, 2019); o papel social do bibliotecário voltado às pessoas trans (RIGHETTO; CUNHA; VITORINO, 2019); competência em informação e vulnerabilidade (VITORINO, 2018); vulnerabilidade em informação (GARCIA, *et al.* 2017; LEAL *et al.*, 2017; PAIANO *et al.*, 2017).

É no contexto do desenvolvimento da Ciência da Informação, de modo geral, e da competência em informação, em particular, que surge a justificativa científica para a presente pesquisa. Percebe-se que há espaço para o aprofundamento de questões relacionadas à sobrecarga da informação e seus efeitos nas pessoas, em especial aquelas que estão em condição ou em risco de vulnerabilidade.

---

<sup>4</sup> Conforme a página <https://gpcin.ufsc.br/> contém mais informações sobre o GPCIn.

## 2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O conhecimento é uma construção contínua e indefinida. Ao tratar da epistemologia genética, Piaget (1978, p. 4) afirma que “não existem jamais conhecimentos absolutos”. Sob esta ótica, acrescenta, “tudo é gênese, inclusive a elaboração de uma teoria nova, no estado atual das ciências, seja que a gênese recua indefinidamente, porque as fases psicogenéticas mais elementares são, elas mesmas, precedidas de fases de algum modo organogenéticas etc.”. Esse processo de recuar à gênese de determinado conhecimento não tem o objetivo de identificar sua fase que seria verdadeiramente inicial, mas demonstrar que se trata de uma construção indefinida. Na percepção de Piaget (1978, p. 4), “toda ciência está em permanente transformação e não considera jamais seu estado como definitivo”. Segundo Piaget, essa condição abrange todo o progresso científico, sob as dimensões relacionadas, de um lado, ao estado e avanço do conhecimento em seus diversos níveis e, de outro, à avaliação dos conhecimentos e sua estrutura formal.

Para Piaget (1978, p. 60), “os objetos existem e comportam estruturas que existem também independentemente de nós”. Contudo, os objetos e suas leis ou propriedades somente podem ser conhecidos por meio das operações humanas utilizadas com esse objetivo. Portanto, ainda que os objetos (e tudo o que lhes diz respeito) tenham existência independente das pessoas, o conhecimento acerca deles é condicionado à estrutura e operações do próprio conhecimento humano. O conhecimento não está no objeto e sim nas pessoas em relação ao objeto. Assim, o conhecimento se efetiva com a interiorização, em representações ou pensamento. A “Interiorização é uma conceptualização com tudo o que esta comporta de transformação dos esquemas em noções propriamente ditas” (PIAGET, 1978, p. 11). O conceito, então, é manipulado pela representação em signos (entre eles a linguagem).

Guareschi (2008, p. 59) corrobora esta visão ao considerar a ciência como prática social e, assim, “uma produção histórica e cultural que está permanentemente criando e recriando a si própria”. Essa construção contínua revela o aspecto inacabado da ciência, ou seja, ela não é absoluta. Ao contrário, “não possui verdades, mas está continuamente em busca da compreensão do ser humano nos diferentes contextos que envolvem suas interações sociais” (GUARESCHI, 2008, p. 59).

Assim, ciência não pode ser considerada verdade absoluta, imutável, sendo que ela se constitui em busca ou construção de uma verdade contextualizada. Teorias

ou teses são contraditórias e, por isso, contestadas, negadas ou discutidas. O pressuposto, neste caso, é de que no seu conjunto, no refinamento do debate, as diversas teses induzam a uma proposição verdadeira. As discordâncias dos pontos de vista de cientistas revelam a condição de que a ciência seja algo em evolução, mas o que concede legitimidade aos diferentes pontos de vista é a correção das premissas que fundamentam os argumentos.

No Ocidente, a Ciência tem a hegemonia da construção da realidade, a ponto de os críticos desse entendimento a considerarem um mito. Ainda assim, a humanidade continua na expectativa da solução de suas dúvidas e solução de seus problemas, o que leva a crer que a busca do conhecimento seja infundável (MINAYO, 2009a).

Ainda que permeie outras áreas do conhecimento, a competência em informação está plenamente inserida no contexto da Ciência da Informação que, por sua vez, pode ser compreendida como integrante das Ciências Sociais.

No tópico a seguir, será apresentada uma breve revisão da evolução das Ciências Sociais, comparando-a com a da Ciência da Informação e expondo as similaridades entre ambas.

## 2.1 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO INTEGRADA ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS

As questões referentes à realidade social e às relações sociais existem desde a antiguidade, na Grécia Clássica, passando pela Idade Média e pelo Renascimento. No entanto, foi apenas no século XIX que se estruturaram em um conjunto de princípios e métodos, que constituíram as ciências sociais (ARAÚJO, 2003).

Pires (2012) constata que as ciências sociais emergem lentamente a partir do século XVI, quando começaram a surgir modelos baseados em estudos sistemáticos e empíricos da ciência. Assim, “as ciências sociais são um produto do mundo moderno e seu desenvolvimento se insere no contexto de um processo evolutivo de especialização e de autonomização do saber ocidental” (PIRES, 2012, p. 46).

Minayo (2009a, p. 12) considera que o objeto das Ciências Sociais é histórico, a partir da premissa de que “cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente de outras”. Além disso, em função do fluxo de comunicação, as sociedades coexistentes em suas épocas históricas (contemporâneas entre si) possuem traços comuns.

Igualmente, as sociedades vivem o presente marcado por seu passado e é com tais determinações que constroem seu futuro, numa dialética constante entre o que está dado e o que será fruto de seu protagonismo. Portanto, a provisoriedade, o dinamismo e a especificidade são características de qualquer questão social. Por isso, também, as crises têm reflexo tanto no seu desenvolvimento como na decadência das teorias sociais que as explicam (pois essas também são históricas) (MINAYO, 2009a, p. 12).

Para Araújo (2003), em sua primeira fase, as Ciências Sociais amparam-se no positivismo, cujo precursor foi o pensador francês Auguste Comte, o qual defendia que os estudos sobre a sociedade buscassem o máximo de objetividade, sem nuances interpretativas. Assim, seriam descobertas leis universais que explicassem o comportamento da vida social em toda parte.

Conforme Minayo (2009a), o positivismo dá ênfase aos modelos matemáticos e quantitativos, utiliza linguagem de variáveis para especificar atributos e qualidades do objeto de investigação. Os pressupostos das Ciências Sociais positivistas são:

- (a) O mundo social opera de acordo com leis casuais.
- (b) A observação sensorial é o fundamento da ciência.
- (c) A realidade é integrada, de um lado, por estruturas e instituições percebidas “a olho nu”, e, de outro lado, pelas crenças e valores. As duas ordens de coisas se relacionam para fornecer generalizações e regularidades.
- (d) As Ciências Sociais positivistas se pautam por “dados visíveis e identificáveis”. Os valores e crenças podem ser compreendidos por meio dos primeiros. Desta forma, são desprezados como objetos específicos de pesquisa.
- (e) Os dados recolhidos da realidade empírica das estruturas e instituições são suficientes para explicar a realidade social” (MINAYO, 2009a, p. 22-23).

Além disso, a “Física Social”, como é denominada a linha de pensamento de Comte, defende que a evolução da sociedade ocorreria da mesma maneira e no mesmo sentido em qualquer lugar. Integrante dessa teoria, a Lei dos Três Estados pressupõe que a sociedade avança de um estado teológico ou fictício para um metafísico ou abstrato e deste, para um estado positivo ou científico (ARAÚJO, 2003).

No esteio da Física Social, surge a Sociologia Matemática (com o belga Adolphe Quételet), as teorias probabilísticas, a aplicação da estatística na gestão das sociedades e a antropometria de Alphonse Bertillon (ARAÚJO, 2003).

Araújo (2003) constata que outras correntes se manifestam na mesma linha de priorizar a objetividade, procurando leis universais para as Ciências Sociais. É o caso da Biologia Social (do inglês Herbert Spencer, inspirado na teoria da evolução das espécies de Darwin e com influências em correntes como a da divisão social do trabalho

(Smith & Stuart Mill), dos modelos dos fluxos materiais nos agrupamentos sociais (Quesnay, Babbage) e da teorização sobre as redes (Saint-Simon). Conforme Araújo (2003), o modelo da Biologia Social propõe uma analogia entre a sociedade e os organismos vivos, “com as partes desempenhando funções para o bom funcionamento do todo”. Deste modelo derivaram o “Darwinismo Social” (que teria “justificado” a colonização europeia na África e na Ásia no século XIX), a Psicologia das Multidões e o empréstimo de conceitos como isolamento, contato, cooperação, competição, entre outros, para as Ciências Sociais (ARAÚJO, 2003, p. 22-23).

A síntese entre as duas teorizações estaria na formulação da Sociologia que, como ciência independente das demais Ciências Sociais, foi fundada pelo também francês Émile Durkheim. A chamada “Sociologia Funcionalista” ou “Teoria da Integração” congrega elementos das duas anteriores. Considera os fatos sociais como “coisas”, adota um empirismo radical e a proposição de “sociedades primitivas” e “sociedades complexas”, associando-se ao positivismo e à Lei dos Três Estados. De outro lado, se apropria de elementos da perspectiva biológica, como a exclusão de causas individuais e psicológicas, focando-se nas causas propriamente sociais, a elaboração de leis e a quantificação. A corrente “vê a sociedade como um todo formado por partes constituintes diferenciadas e interdependentes. O estudo da sociedade sempre deve ser realizado do ponto de vista das funções de suas unidades” (ARAÚJO, 2003, p. 23).

A Teoria do Conflito, inspirada na perspectiva marxista, se configura no que Araújo (2003) considera a primeira grande cisão no âmbito das ciências sociais e o primeiro modelo efetivamente próprio, tendo em vista que os anteriores faziam analogia à Física e à Biologia. A Teoria do Conflito tem embasamento na dialética hegeliana (com a tríade tese, antítese e síntese), operando com a unidade de contrários. Estuda conceitos como dominação, ideologia, alienação e reificação. Também integrante da segunda fase, o estruturalismo se caracteriza por agregar manifestações do funcionalismo e do marxismo.

Araújo (2003) identifica na terceira fase das Ciências Sociais uma fusão da Sociologia Interpretativa ou Sociologia Compreensiva e a Microsociologia (trabalhos desenvolvidos, respectivamente por Max Weber e Georg Simmel, ambos pensadores alemães). Para Weber, a ação da pessoa tem significado para a pessoa, conceito que se distingue do fato social como coisa, proposto por Durkheim. A reflexão de Weber sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo, na qual analisa o desenvolvimento

capitalista norte americano, é um exemplo: o fenômeno se explica pela *ethos*, ou seja, os valores, o significado que tem para as pessoas. Não se justifica, portanto, pelo progresso da sociedade ou das funções de cada parte, nem pela forma de distribuição dos meios de produção, que traria a visão marxista (ARAÚJO, 2003).

Na mesma linha, Minayo (2009a) defende que o compreensivismo se opõe ao positivismo e dá ênfase à questão qualitativa, bem como ao entendimento da realidade humana vivida socialmente. Busca compreender o significado dos fenômenos, pois seu foco não é explicar e, sim, compreender relações, valores, crenças, hábitos e representações.

A Microsociologia, por sua vez, investiga as pequenas relações cotidianas, com o pressuposto de que os sujeitos não podem ser estudados fora de seus ambientes. Desta linha surge a “ecologia social”.

Conforme Araújo (2003), a síntese entre as teorias de Weber e de Simmel surge com o “Interacionismo Simbólico” (fundado por George Herbert Mead), cujo embasamento está na proposição de que o “comportamento humano se fundamenta nos significados do mundo; a fonte dos significados é a interação social; a utilização dos significados ocorre por meio de um processo de interpretação”. Do Interacionismo Simbólico derivam a fenomenologia (realidade social construída e reconstruída de modo subjetivo ou intersubjetivo pelos sujeitos nas infinitas interações cotidianas) e a etnometodologia (proposta do fato social como produto da contínua atividade humana). Diversas outras correntes buscam sintetizar as correntes interpretativas e microsociológicas (ARAÚJO, 2003, p. 24).

Em seu artigo, Araújo (2003) traça um paralelo entre o desenvolvimento das Ciências Sociais e da Ciência da Informação e constata muitas similaridades, conforme sintetizado no Quadro 1. Pode-se observar que o autor constata que, nas respectivas primeiras fases, ambas se caracterizam pela aproximação dos modelos (propostas e métodos) positivista e funcionalista. Exatamente por ter surgido próxima à computação, a Ciência da Informação teve maior facilidade de se identificar com a perspectiva estatística ou quantitativa. Portanto, “a utilização de sociogramas para mapeamento dos fluxos de informação, a aplicação de questionários a grandes amostras de usuários e a busca de invariantes cognitivos para a construção de sistemas de informação são alguns exemplos dessa abordagem” (ARAÚJO, 2003, p. 24).

**Quadro 1: Similaridade da evolução das Ciências Sociais e da Ciência da Informação**

Ciências Sociais	Ciência da Informação
<b>1ª fase</b>	
<p>“Física Social” (Comte)            Inspiração positivista e objetividade            Leis universais / Lei dos Três Estados: teológico (fictício) -&gt; metafísico (abstrato) -&gt; positivo (científico)            Sociologia Matemática: probabilidade, estatística e antropometria            Biologia Social – analogia com organismos vivos - partes desempenham funções para o bom funcionamento do todo            Darwinismo Social            Psicologia das Multidões            Conceitos: isolamento, contato, cooperação, competição.            Síntese: “Sociologia Funcionalista”/“Teoria da Integração”            Fatos sociais = “coisas”.</p>	<p>Positivista e funcionalista            Aproximação com modelos positivista e funcionalista</p> <p>Identidade com a computação            Estatística ou quantitativa            sociogramas para mapeamento dos fluxos de informação, grandes amostras            busca de invariantes cognitivos para a construção de sistemas de informação</p>
<b>2ª fase</b>	
<p>Teoria do Conflito (perspectiva marxista) dialética hegeliana (tese, antítese e síntese)            Conceito; dominação, ideologia, alienação, reificação.            Estruturalismo agrega manifestações do funcionalismo e do marxismo.</p>	<p>Referencial marxista / Princípios da dialética            Perspectiva crítica - conflito            Temas: informação e cidadania, ação cultural, exclusão, informação rural, processos de leitura, dilemas da sociedade da informação, revolução tecnológica e globalização, democratização da informação, condições de acesso, exclusão.</p>
<b>3ª fase</b>	
<p>Fusão da Sociologia Interpretativa/Sociologia Compreensiva (Max Weber) e da Microsociologia (Georg Simmel).            Weber: ação humana tem significado para a pessoa (ethos, valores).            Fato social não é algo isolado.            Microsociologia = pequenas relações cotidianas/pessoas não podem ser estudadas fora de seus ambientes            → ecologia social.            Síntese: Interacionismo Simbólico            comportamento humano se fundamenta nos significados do mundo, a fonte dos significados é a interação social a utilização dos significados ocorre por meio de um processo de interpretação.            “fenomenologia” - realidade social construída e reconstruída de modo subjetivo ou intersubjetivo pelos sujeitos nas infinitas interações cotidianas;            etnometodologia - fato social é produto da contínua atividade humana.</p>	<p>Enfoques microsociológicos e interpretativos            Revisão do significado de informação.            A realidade é uma construção social (não tem uma existência isolada em si e independente dos sujeitos).            A informação participa dessa construção social; é um processo, como algo que vai ser percebido e compreendido de variadas formas de acordo com os sujeitos que estão em relação; não é um dado, uma coisa que teria um significado e uma importância isoladamente.            Intersubjetividade (promovida pela informação) - central para a compreensão dos diferentes planos de realidade, da distinção entre as diferentes formas de conhecimento e dos mecanismos de sua configuração e legitimação.            Pessoas integram estudos sobre a informação - interações cotidianas, formas de expressão e linguagem, ritos e processos sociais”.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2021), adaptado de Araújo (2003, p. 22-25).

A exemplo das Ciências Sociais, a Ciência da Informação se embasou nos princípios da dialética, na perspectiva crítica e no conflito de ideias, fundamentos de uma visão inspirada do marxismo. Como exemplos dos estudos que seguiram essa

linha constam: “informação e cidadania, ação cultural, exclusão informacional, informação rural, processos de leitura – chegando até as preocupações atuais relacionadas aos dilemas da sociedade da informação, da revolução tecnológica e da globalização” (ARAÚJO, 2003, p. 25). Preocupações com a democratização da informação, condições de acesso, exclusão, entre outras, perpassam essas pesquisas.

Ao se aproximar dos enfoques microssociológicos e interpretativos, a Ciência da Informação revisa o significado de “informação” e encontra o terceiro estágio descrito por Araújo (2003). Nesta linha de pensamento, a realidade é uma construção social, portanto, não tem uma existência isolada em si e independente dos sujeitos. A informação não é “um dado, uma coisa que teria um significado e uma importância *per se*, mas como um processo, como algo que vai ser percebido e compreendido de variadas formas de acordo com os sujeitos que estão em relação” (ARAÚJO, 2003, p. 25).

A informação participa dessa construção social da realidade. “A questão da intersubjetividade conformada a partir da informação se torna central para a compreensão dos diferentes planos de realidade, da distinção entre as diferentes formas de conhecimento e dos mecanismos de sua configuração e legitimação” (ARAÚJO, 2003, p. 25). Os sujeitos devem se integrar aos estudos sobre a informação, “em suas interações cotidianas, formas de expressão e linguagem, ritos e processos sociais” (ARAÚJO, 2003, p. 25).

Assim, pode-se constatar que a presente proposta de pesquisa, como integrante da Ciência da Informação, se insere no campo das Ciências Sociais Aplicadas, em suas vertentes interpretativa e microssociológica.

## 2.2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SUAS DIMENSÕES

A humanidade registra e acumula conhecimento desde os primórdios. O aprimoramento dessa atividade levou aos avanços das técnicas de preservação, custódia e disseminação, ou seja, o homem adquire conhecimento, o registra, o divulga aos demais (desde as pinturas rupestres) e o utiliza para desenvolver um novo conhecimento. Dessa prática surgiram as antigas e milenares bibliotecas, cujo principal desafio era a apropriação da informação em suas plataformas físicas, muito difíceis de serem reproduzidas (ARAÚJO, 2009; 2014b; CARVALHO SILVA; FREIRE, 2012).

A invenção da máquina de imprensa, por volta de 1450, pelo alemão Johann Gutenberg, promoveu profundas transformações na vida humana e, particularmente, no cenário da Ciência da Informação (BELLUZZO, 2005; SANTOS, 2012). Ao proporcionar a produção gráfica em massa, a máquina determinou a ampliação da comunidade de alfabetizados e leitores. Se até então o acesso a escritos era restrito e possível basicamente apenas em bibliotecas, o domínio da leitura era algo supérfluo. A disseminação de escritos determinou e abriu espaços para uma influência social por alfabetização, fenômeno que se ampliou com a Revolução Industrial e consequente urbanização das cidades e a industrialização. Neste novo contexto, a alfabetização (leitura e escrita) constituía-se em uma forma de acesso para a cidadania (ALVES, 2017; ARAÚJO, 2009).

Além de estimular o aumento do número de leitores, a máquina impressora facilitou o surgimento à produção em massa tanto de novos títulos quanto de exemplares de cada título. Um novo patamar tecnológico, agora a partir de meados do século XX, levou ao surgimento do computador e da informática, que redundaram na internet e nas redes sociais. O fenômeno proporcionou a geração de quantidade de dados e informações inimagináveis outrora.

A chamada “explosão da informação” que ocorreu no período seguinte à Segunda Guerra Mundial não pode ser comparada, em volume e intensidade, com a revolução causada pela expansão dos computadores pessoais, da internet e dos *smartphones* no final do século XX e no início do século XXI. Novas unidades de medida de informação (*megabyte*, *gigabyte*, *terabyte*, *petabyte*, *exabyte*, *zettabyte*, *yottabyte*) são criadas para expressar o crescente e exponencial aumento na produção mundial de informação, em um fenômeno também conhecido por *big data* (ARAÚJO, 2018).

A Segunda Guerra Mundial se caracterizou pela disputa da informação e, no período subsequente, o mundo se dividiu em dois grandes blocos – o capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o comunista, sob a liderança da União Soviética. As duas potências disputavam a hegemonia. A chamada Guerra Fria implicava em disputa pela liderança em qualquer campo – militar, espacial, esportivo. Assim, os dois blocos fizeram uma corrida tecnológica, na qual a informação se constituía no principal insumo. Neste quadro, surgiram ou se desenvolveram acirradamente, primeiro os computadores e, depois, as redes que os agregavam, notadamente a internet. Também neste panorama surgiu uma nova especialidade de cientistas, que identificavam e reuniam

informações úteis para o avanço tecnológico. Essa especialidade se constituiu no embrião da Ciência da Informação (ARAÚJO, 2009; 2014a).

Constata-se que essa nova ciência dá seus primeiros passos entre os anos de 1940 e 1960. Para Araújo (2018), a publicação do artigo “*Information science: What is it?*”, por Harold Borko, em 1968, é o evento que marca a formalização da Ciência da Informação.

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima. A Ciência da Informação está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação. Isto inclui a pesquisa sobre a representação da informação em ambos os sistemas, tanto naturais quanto artificiais, o uso de códigos para a transmissão eficiente da mensagem, bem como o estudo do processamento e de técnicas aplicadas aos computadores e seus sistemas de programação. É uma ciência interdisciplinar derivada de campos relacionados, tais como a Matemática, Lógica, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia da Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Biblioteconomia, Administração, e outros campos científicos semelhantes. Têm ambos componentes, de ciência pura visto que investiga seu objeto sem considerar sua aplicação, e um componente de ciência aplicada, visto que desenvolve serviços e produtos<sup>5</sup> (BORKO, 1968, p. 1, tradução nossa).

O artigo de Borko consolidou a existência da nova ciência. Seus pressupostos teóricos basilares, no entanto, são anteriores. Araújo (2018) atribui essa condição aos engenheiros de telecomunicações Claude Shannon e Claude Weaver. Em livro lançado em 1949, eles apontaram três dimensões, ou problemas, da informação: (1) questões técnicas de transporte da informação, em sua materialidade; (2) o aspecto relacionado à semântica, à compreensão dos significados; e, (3) a efetividade da comunicação lançada, se fez efeito e alcançou o objetivo do emissor. De certa forma, Shannon e Weaver anteciparam aquilo que se constituiria nos três focos da Ciência da Informação, nas décadas posteriores. No entanto, eles limitaram seus estudos ao primeiro problema,

---

<sup>5</sup> Information Science is that discipline that investigates the properties and behavior of information, the forces governing the flow of information, and the meaning of processing information for optimum accessibility and usability. It is concerned with that body of knowledge relating to the origination, collection, organization, storage, retrieval, interpretation, transmission, transformation. And utilization of information. This includes the investigation of information representations in both natural and artificial systems, the use of codes for efficient message transmission, and the study of information processing devices and techniques such as computers and their programming systems. It is an interdisciplinary science derived from and related to such fields as mathematics, logic, linguistics, psychology, computer technology, operations research, the graphic arts, communications, library science, management, and other similar fields. It has both a pure science component, which inquires into the subject without regard to its application, and an applied science component, which develops services and products.

dando origem à teoria matemática da comunicação que, associada à teoria sistêmica, se tornou o primeiro ciclo de estudos sobre o tema (ARAÚJO, 2018).

A teoria matemática centra suas preocupações nos aspectos físicos, materiais da informação, focando em questões relacionadas à transmissão, na qual prevalecia o modo positivista, o parâmetro científico colocado à época. O modelo adotado “consiste na aplicação, aos fenômenos e processos humanos, das mesmas técnicas de observação e pesquisa das ciências da natureza, em busca de leis e princípios universalmente válidos” (ARAÚJO, 2018, p. 22). Descartaram-se, assim, as questões relacionadas à significação, às relações sociais e às subjetividades que estão relacionadas à informação. O modelo matemático é linear e considera o emissor, a mensagem, os canais e o receptor (ARAÚJO, 2003; 2009; 2014b; CARVALHO SILVA; FREIRE, 2012).

A teoria sistêmica, que toma por base a biologia, considera a informação sob a ótica de um sistema, em que o todo é maior que a soma das partes e cada parte deve ser estudada pela função que exerce para a sobrevivência do todo. Diferente da linearidade proposta pela teoria matemática, a teoria sistêmica propõe uma circularidade, em que todo o processo é entrada e saída e toda saída se torna novo elemento de entrada. As duas teorias concentraram estudos em funcionamento de sistemas de informação, compostos por elementos de entrada, de processamento e de saída. Elas são complementares no modelo positivista, fisicista e mecanicista (ARAÚJO, 2018; CARVALHO SILVA; FREIRE, 2012).

No entanto, o avanço do conhecimento que se alastrou pelos meios acadêmico, militar e empresarial, levou a nova ciência a também se transformar e se consolidar em outros parâmetros, criando suas subáreas – informação científica e tecnológica, representação e recuperação da informação, estudos de usuários (os fluxos usados em pesquisas quantitativas perfis sociodemográficos associadas a comportamentos), gestão da informação das organizações, economia e política da informação e estudos de métricas. As mudanças que sofreu desde seu surgimento faz com que a Ciência da Informação se caracterizasse pela interdisciplinaridade, por ser pós-moderna e ser uma ciência humana e social. As duas últimas características advêm de uma crítica geral ao modo de abordagem positivista.

Uma segunda abordagem surgiu com a perspectiva da informação como componente do conhecimento, como uma peça a preencher um quebra-cabeças, a suprimir lacunas. Esta perspectiva relaciona dados, informações e conhecimentos

numa tríade, como se fosse um processo contínuo ou linear. Foi a virada cognitiva, registrada com ênfase nas décadas de 1980 e 1990, e seu foco era a orientação do usuário (ARAÚJO, 2018).

A dimensão humana da Ciência da Informação, que corresponde ao terceiro estágio, cujos primeiros traços são vistos já na década de 1960, é mais nítida nas subáreas que tratam dos usuários e de aspectos econômicos e políticos da informação. Os estudos de usuários migraram de uma visão que tentava associar comportamentos aos dados sociodemográficos para uma visão que busca as percepções dos usuários, colocando o sujeito na perspectiva da gestão da informação e do conhecimento. Em economia e política, os estudos passaram a dar ênfase a grupos e classes excluídos e marginalizados, sistemas alternativos de estudos sobre a contrainformação como forma de resistência a regimes hegemônicos e a informação como insumo do desenvolvimento de pessoas, povos e países (ARAÚJO, 2018).

Além disso, as mudanças que atingiram a Ciência da Informação foram decorrentes das próprias transformações do conceito da informação ao longo das décadas. Araújo (2018) apresenta uma síntese da visão de diversos autores sobre essas modificações. Em geral os pesquisadores identificam de dois a quatro estágios (a maior parte deles cita três) da trajetória conceitual da informação. Uma proposição recorrente é que o primeiro estágio esteja fundado na materialidade da informação (modelo positivista); o segundo, nos aspectos cognitivos; e o terceiro, na informação como parte da construção da intersubjetividade dos sujeitos.

É o caso de Capurro (2003) que, ao analisar a epistemologia da Ciência da Informação, constata que a Ciência da Informação surge da confluência entre biblioteconomia clássica e a computação digital. Para Capurro (2003, p. 5), a biblioteconomia clássica “leva às próprias raízes, certamente obscuras da sociedade humana [...]”, proporciona entrecruzamentos que “[...] permitem gerar a capacidade de perguntar pelo que não sabemos a partir do que cremos que sabemos” e é correlacionada “[...] a todos os aspectos sociais e culturais próprios do mundo humano [...]”.

Por sua vez a computação digital é de caráter tecnológico, recente. Ela faz referência “ao impacto da computação nos processos de produção, coleta, organização, interpretação, armazenagem, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação, em especial da informação científica registrada em documentos impressos” (CAPURRO, 2003, p. 5).

Assim, Capurro identifica que a Ciência da Informação se fundamenta em três paradigmas: físico, cognitivo e social. Ainda Capurro reconhece que historicamente houve uma certa periodização desses paradigmas. O primeiro deles, por exemplo, predominou de 1945 até 1960 ou até 1972 (dependendo da forma de análise). No entanto, este autor percebe que mesmo o paradigma social era foco de preocupações da biblioteconomia ainda antes de 1945. A respeito dos três paradigmas, Capurro destaca que o primeiro deles “postula que há algo, um objeto físico, que um emissor transmite a um receptor”. Já o paradigma cognitivo compreende o usuário de informação como um sujeito “cognoscente” detentor de “modelos mentais do mundo exterior, que são transformados durante o processo informacional. Nesta concepção, os modelos mentais são considerados como algo estanque, imutável, e a informação se coloca como algo separado do usuário, como um objeto de uso. O paradigma social surge exatamente dessas limitações do paradigma cognitivo.

A respeito desses três paradigmas, Araújo (2018) cita que:

O primeiro conceito de informação na Ciência da Informação é mais restrito e está vinculado a sua dimensão material, física sendo o fenômeno estudado a partir de uma perspectiva quantitativa e positivista; nos anos seguintes, tomou corpo um conceito um pouco mais amplo voltado para a dimensão cognitiva, sendo informação algo associado à interação entre dados (aquilo que existe materialmente) e conhecimento (aquilo que está na mente dos sujeitos), e seus estudos relacionados a identificação de significados, interpretações; Por fim, as tendências contemporâneas implicam um grau maior de complexidade e abstração, com a inserção da informação no escopo da ação humana e no âmbito de contextos socioculturais concretos (ARAÚJO, 2018, p. 84-85).

Há outra forma de abordar as mudanças de enfoque da Ciência da Informação, com base na forma como os sujeitos são compreendidos. A visão humana suplanta a ideia de que as pessoas sejam apenas seres “mentalistas”, como se a mente humana fosse um dispositivo de memória de computador. As máquinas processam e devolvem dados aos usuários, mas não alteram ou se transformam por isso. Sendo assim, as informações não promoverão qualquer mudança comportamental ou emocional em equipamentos, diferentemente do que ocorre nas pessoas. “Informação é algo da ordem do coletivo, é de natureza intersubjetiva, da ordem das interações, é construída por meio da ação reciprocamente referenciada dos atores – assim como as demais ações e existências dos sujeitos” (ARAÚJO, 2018, p. 92).

Saracevic (1999) apresenta linha de classificação das abordagens da Ciência da Informação similar às defendidas por Capurro e Araújo. No entendimento de Saracevic, a abordagem da informação pode ser em um sentido restrito, amplo ou mais amplo, os quais, de certa forma, correspondem aos três paradigmas relatados por Capurro. Em sentido restrito, a informação é considerada em termos de sinais ou mensagens que envolvem pouco ou nenhum processo cognitivo. A informação é tomada em sentido amplo, quando considerada como algo que afeta ou altera o estado da mente, a partir de processamento ou entendimento de caráter cognitivo. Por fim, o sentido mais amplo da informação se estabelece em um contexto, ou seja, ela não envolve apenas a mensagem (sentido restrito) que sejam cognitivamente processadas (segundo sentido), mas também o seu contexto (situação, tarefas, problemas), motivação ou intencionalidade. Assim, está ligada ao contexto social, expansão de horizontes ou cultura.

Nascida nos anos de 1970, a competência em informação se tornou uma área de estudos dentro da Ciência da Informação. De Lucca (2019) identifica correlações da competência em informação com os diversos elementos que fundamentam a Ciência da Informação ou compõem sua epistemologia, inclusive os paradigmas e perspectivas da informação. O tema competência em informação será analisado a seguir.

### 3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Serão examinados, a seguir, os aspectos relacionados à competência em informação, com o intuito de aprofundar sua trajetória, desenvolvimento e interações, de maneira a melhor compreender suas potencialidades e contribuições para o crescimento pessoal. As abordagens estão relacionadas à sua origem com as primeiras percepções da sobrecarga de informação e seus enfoques cognitivos e afetivos. Na sequência, serão analisadas as diferentes perspectivas da construção da competência em informação, incluindo os modelos baseados em conjuntos de habilidades e capacidades até os que oferecem uma contribuição para visões mais críticas do mundo, sua consolidação como forma de aprendizado ao longo da vida e de amadurecimento da cidadania, a partir de suas dimensões técnica, estética, ética e política, como forma de construção coletiva e colaborativa de conhecimento.

Para Belluzzo (2017) o surgimento e consolidação da competência em informação segue uma lógica natural vinculada à essência humana e que promove o aprendizado contínuo.

Toda pessoa tem por natureza a curiosidade e a criatividade, o que implica em constante questionamento das diferentes situações a que está sujeita a enfrentar e, para compreender a realidade em que vive, requer acesso e uso da informação de forma inteligente. Desse modo, motivar essas competências naturais e orientar o seu desenvolvimento sistemático e gradual permitirá aumentar a disposição para a educação contínua e a capacidade de adquirir e inovar o conhecimento, o que pode ser sintetizado na aquisição de uma cultura da informação, do conhecimento e da aprendizagem (BELLUZZO, 2017, p. 68).

Da percepção inicial de que os avanços tecnológicos e do conhecimento geravam uma sobrecarga de informações e, conseqüentemente, traziam novos desafios para a sociedade, os pesquisadores passaram a elaborar novas definições para o tema. Neste contexto, a competência em informação passou a ser analisada sob diversos níveis – o primeiro, mais básico, de domínio técnico das ferramentas, de característica mais instrumental, funcionais; o segundo que reúne subcompetências, um domínio de meta-análise, de habilidades cognitivas; e, o terceiro, que corresponde a uma ação crítica e ética, à capacidade de construir significado a partir da informação, de síntese, avaliação de complexidade e tomadas de decisão (BERRÍO ZAPATA, 2012; IFLA, 2012; ALVES, 2017; DE AQUINO, 2007).

Nesta seção, além de um apanhado relacionado à origem e aspectos de sua institucionalização, a competência em informação será analisada especialmente a partir do segundo nível e sua transição para o terceiro, no qual se concentra o foco deste estudo. Neste sentido, o tema será tratado a partir das subcompetências (segundo nível) e em sua perspectiva crítica, como fator de uma aprendizagem ao longo da vida na construção da cidadania, enfocando-se seu caráter holístico, que pode ser compreendido na metáfora com a ecologia e nas dimensões técnica, estética, política, ética e colaborativa.

### 3.1 ORIGENS, EVOLUÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

As primeiras percepções de questões relacionadas à competência em informação datam dos anos de 1970. O presidente da *Information Industry Association*, Paul Zurkowski (1974), constatou a tendência de que todos os aspectos da existência humana tenham equivalentes de informação, o que contribui para o que chamou de superabundância (*overabundance*) de informação. Tal sobrecarga, no seu entendimento, se caracteriza quando a quantidade de informação excede a capacidade de cada pessoa de avaliá-la e utilizá-la. Zurkowski (1974) percebeu, ainda, uma diversidade de vias de acesso e fontes, ressaltando que elas eram mal compreendidas e subutilizadas e que as pessoas adotam diferentes procedimentos de busca de informação para os diferentes momentos e propósitos. Zurkowski (1974) constatou que, embora praticamente a totalidade dos americanos soubesse ler e escrever, uma pequena parcela – que estimou em um sexto da população do seu país – poderia ser considerada como alfabetizada em informação. Estas pessoas, que podem ser chamadas de competentes em informação, tinham a capacidade de aplicar os recursos de informação no seu trabalho, aprenderam técnicas e habilidades para se valer da ampla variedade de ferramentas de informação e, também, as fontes primárias para a solução de seus problemas.

No relatório *The information service environment relationships and priorities*, submetido à *National Commission on Libraries and Information Science (NCLIS)*, Zurkowski descreveu produtos e serviços lançados por instituições privadas e suas relações com as bibliotecas. No mesmo documento, o autor vislumbrava mudanças no cenário informacional e recomendou que fosse implementado um movimento no sentido

de proporcionar às pessoas um aprendizado das técnicas e habilidades necessárias para acessar e trabalhar com a informação, cunhando essa capacidade de *Information literacy*. Pesquisadores e especialistas salientam que esta foi a primeira vez que foi utilizada a expressão que, no Brasil, é traduzida mais recorrentemente como “competência em informação” (GASQUE, 2016; FOX; RICHTER; WHITE, 1996; LISTON; SANTOS, 2008).

Dois anos depois de Zurkowski ter tornado pública sua preocupação a respeito da capacidade das pessoas de conviverem e aproveitarem de maneira positiva a superabundância da informação, Burchinal (1976) identificou a transformação da sociedade industrial para uma sociedade pós-industrial, fundamentada no avanço das tecnologias e disseminação da informação, campo que, em sua análise, compreenderia qualquer dado ou fato sobre qualquer aspecto da vida, conhecimentos científicos e mesmo operações bancárias, comerciais etc. Burchinal analisou o crescimento da economia, principalmente o número de empregos gerados pela informação e anteviu o crescimento da comunicação via sistemas eletrônicos e as substanciais mudanças que os profissionais que se formavam a partir de meados dos anos de 1970 enfrentariam no auge de suas carreiras aos 15, 20 ou mais anos de experiência, na forma de desenvolver suas atividades. Enfatizou as dificuldades de compreensão da nova era da informação, em especial, pela sua característica não visível, diferentemente da base industrial, que é percebida em produtos, nas instalações ou transporte. Ainda que os equipamentos eletrônicos sejam tangíveis, a transformação que eles promovem (o fluxo de informação) permanece invisível.

É desta forma que Burchinal (1976) contextualiza a competência em informação, da qual faz uma defesa ainda sob uma ótica relacionada à capacidade de usar as novas tecnologias, citando especificamente o uso confortável de terminais de computadores – os quais, previa no artigo, seriam comuns nas residências em uma década, portanto, na segunda metade dos anos de 1980. Para Burchinal, a competência em informação transpõe a linha da alfabetização convencional, pois entende que a alfabetização em informação requer habilidades como localizar e utilizar de forma eficiente e eficaz as informações necessárias para a solução de problemas.

Hatschbach e Olinto (2008) constatam que as formulações a respeito de competência da informação realizadas nos anos de 1970 têm enfoques no uso de fontes de informação, técnicas e métodos de estudo, habilidades para pesquisa e instrução bibliográfica. Há uma vertente de caráter mais instrumentalista nessas abordagens,

uma percepção que começou a ser superada quando os autores passaram a se ocupar mais das questões humanas, incluindo seu caráter emocional, como será visto adiante.

Após os seus primeiros passos, na década de 1970, o tema competência em informação passou por processos que o consolidaram de maneira a institucionalizar-se. Bruce (2000, p. 3-4) realizou análise sobre a evolução do tema no período da década de 1980 até o ano 2000 (quando publicou seu estudo), abordando aspectos como a abrangência do campo do conhecimento, delimitação de “territórios”, formas de percepção, o objeto e formas de pesquisa, além dos paradigmas utilizados e as influências disciplinares. A autora caracteriza quatro fases de estudos, três delas dentro do período e uma de projeção para os anos seguintes: década de 1980 (que chamou a fase dos “Precursores”); anos 1990-1995 (“Experimentais”); anos 1995-1999 (“Exploratório”); e, a partir do ano 2000 (denominada de “Evolução”).

Bruce (2000) observa que na primeira etapa, a ênfase se deu em torno de noções de habilidades de informação e do desenvolvimento de modelos. Uma das mais relevantes contribuições desta etapa, foi de Carol Kuhlthau, com estudos sobre experiências de estudantes no uso de informação, no trabalho e em bibliotecas. A capacitação ao uso da informação foi considerada uma forma de aprender. Nos períodos intitulados como “Experimentais”, Bruce (2000) considera que os autores ainda estavam dispersos geograficamente e realizavam pesquisas e estudos independentemente uns dos outros. Ela destaca, nessa etapa, as investigações sobre definições de competência em informação (em especial por Christina Doyle), o uso do método fenomenográfico para identificar as diferentes concepções sobre o tema por pós-graduandos da Austrália (pela própria Bruce), e a investigação sobre as ligações entre competência em informação e aprendizagem de alunos no País de Gales (realizada por Ross Todd).

A ênfase crescente na pesquisa associada à ampla gama de abordagens, identificação e exploração de diferentes paradigmas (por exemplo, cognitivista, constitucionalista, construtivista e teoria crítica) para a pesquisa sobre competência em informação e a oferta de múltiplas agendas de pesquisa marcam os anos de 1995 a 1999, que Bruce (2000) chama de “Exploratório”. A autora observa que autores desse período se aproximam de outras ciências sociais (Ciência da Informação, Comunicações ou Educação) e se afastam dos paradigmas positivistas, ao reconhecer a natureza contextual do tema e valorizar a interpretação em vez da medição. São

pesquisas práticas, aplicadas (pertinentes à ação) e que tentam identificar a natureza dos fenômenos.

Quanto ao que chamou de “Evolução” (a partir do ano 2000), Bruce (2000) projetou a ampliação das pesquisas relacionadas aos locais de trabalho, ambientes educacionais e comunidade, atenção à amplitude de cenários culturais e maior interação entre pesquisadores, com visões compartilhadas.

Outra abordagem de Bruce (2000) é quanto à abrangência do campo do conhecimento relacionado à competência em informação. Para isso, a autora trata de aspectos como as maneiras de percepção, o objeto de pesquisa e as formas como são realizadas as pesquisas, os paradigmas utilizados e as influências disciplinares, além da delimitação do que chama de “território”.

Bruce (2000) considera também que a competência em informação é percebida de maneiras variadas: como habilidades de uso de tecnologias de informação; combinação de habilidades de informação e tecnologia; forma de aquisição de modelos mentais de sistemas de informação; processo; amálgama de habilidades, atitudes e conhecimento; capacidade de aprender; complexo de formas de experimentar o uso da informação. Bruce (2000) pondera também que competência em informação não é um conjunto de habilidades, e, sim, um processo de aprendizagem contínua.

Esta diferença de enfoques, que será aprofundado adiante, é abordada e ressurge na análise de Bruce (2000) quanto ao objeto de estudos da competência em informação. Ainda Bruce (2000) constata que o foco, inicialmente, era o conjunto de atributos que caberiam ao usuário. Depois, passaram a ser estudadas também as experiências deste público com a busca e uso da informação e a estrutura do conhecimento na mente de pessoas, individualmente ou em grupos. Fenomenologia, fenomenografia, *sensemaking*, análise cognitiva e pesquisa-ação são algumas das formas como os objetos são estudados, citadas por Bruce (2000). Para a autora, as diferentes perspectivas possibilitam novas formas de pensar sobre o assunto. Na análise sobre influências disciplinares, Bruce (2000) considera que o predomínio é de pesquisas educacionais, além dos campos da Comunicação e da Ciência da Informação.

Já no âmbito da territorialidade, Bruce (2000) identifica que na fase experimental houve predomínio da dimensão setorial, em grande parte na educação, com influências disciplinares desta área. Na fase exploratória, ela percebe um alargamento da territorialidade, com o surgimento de estudos sobre a competência em

informação no local de trabalho e, ainda de maneira insipiente, nos temas relacionados às questões das comunidades, com múltiplas influências disciplinares, ampliando-se a gama de questões e objetos de pesquisa. Outros autores igualmente identificam a ampliação gradativa do território de abrangência da competência em informação, inicialmente para os ambientes de trabalho, educação profissional e para outras dimensões da vida das pessoas e comunidades (BRUCE, 2000; LLOYD, 2003; ORTOLL, 2003; ROJAS DIAZ; ALARCÓN LEIVA, 2006).

O conceito da competência em informação ganhou força nos debates acadêmicos e o alargamento de sua territorialidade para o mundo do trabalho. Para a educação profissional passou a exercer uma nova pressão sobre o ensino superior, já não apenas para estudos e pesquisas, mas também para seu desenvolvimento entre os estudantes, futuros profissionais (ROJAS DIAZ; ALARCÓN LEIVA, 2006).

Sob o ponto de vista da territorialidade de sua abrangência, a competência em informação é considerada missão fundamental no ensino superior. O preceito, neste caso, é de que ela se insira entre as habilidades intelectuais de raciocínio e pensamento crítico que se espera dos egressos da educação superior, ajudando-os a construir uma estrutura para aprender a aprender, numa perspectiva de crescimento contínuo ao longo das carreiras, além de seus papéis como cidadãos e integrantes de suas comunidades (ALA, 2000).

A ampliação da territorialidade está associada também às contribuições que a competência em informação oferece às pessoas. Conforme Johnston e Webber (2006), como forma de aprendizagem ao longo da vida, a competência em informação se configura na participação efetiva na sociedade de informação, como um direito básico de aprendizagem ao longo da vida, com reflexos para a construção da cidadania (engajamento ativo na política local e global), no crescimento econômico (estimulando desenvolvimento de empresas novas e existentes) e na geração de empregabilidade (educação, formação e desenvolvimento contínuo).

### **3.1.1 Aspectos da institucionalização**

Uma ciência, disciplina ou campo de conhecimento se consolida e se institucionaliza como tal a partir da ocorrência de um conjunto de componentes que geram sua identidade. De acordo com Souza (2012) “A constituição de um campo de conhecimentos resulta de uma série de circunstâncias gerais e específicas que a

condiciona em seus diversos matizes práticos, científicos, epistemológicos, sociais, políticos, econômicos, culturais e ideológicos” (SOUZA, 2012, p. 50). Exemplos desses fatores são cursos, programas de pós-graduação, associações científicas, eventos ou periódicos (ARAÚJO, 2014b; SOUZA, 2012); uma infraestrutura composta por instituições fortes, recursos humanos qualificados e adequados canais de comunicação e intercâmbio (SOUZA, 2012); ou ainda, acontecimentos institucionais, técnicos e científicos (CARVALHO SILVA; FREIRE, 2012).

Na mesma linha, Johnston e Webber (2006) identificam na competência em informação uma disciplina emergente, aspecto fundamental para a sociedade da informação. Na visão dos autores, essa competência se configura na adoção de comportamentos que sejam adequados para identificar e usar com sabedoria e ética a informação nas diversas necessidades. A institucionalização da competência em informação se consolida, segundo os autores, com:

- a. existência de associações profissionais e periódicos especializados;
- b. emergência de uma comunidade internacional focada no tema, especialmente de uma seção especializada da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA)<sup>6</sup> e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), entre outras instituições;
- c. surgimento de departamentos acadêmicos. Embora com a ressalva de que à época, neste item, tenham ocorrido menos avanços, os autores citam o crescente interesse pela competência em informação no âmbito das universidades, em departamentos de Biblioteconomia e de Ciência da Informação. Como exemplo, citam a inclusão do tema como uma das 13 principais áreas curriculares discutidas e mapeadas no Projeto da Comissão Europeia sobre Biblioteconomia e Ciência da Informação (LIS);
- d. aumento do interesse na realização de pesquisas relacionadas à competência em informação por graduandos e pós-graduandos;
- e. cargos e campos de pesquisa são cada vez mais identificados com a disciplina;
- f. surgimento de uma linguagem especializada, formada por termos do jargão da Ciência da Informação e da área educação;
- g. desenvolvimento de uma base de conhecimento e de pesquisa. Nos estudos e pesquisas sobre competência em informação, os autores constataam um predomínio

---

<sup>6</sup> Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias.

de métodos qualitativos e o foco em aspectos particulares e não nos fatores generalizáveis. Para eles, a competência em informação se caracteriza como disciplina “*soft applied*”, com alguns traços de “*hard applied*” (JOHNSTON; WEBBER, 2006).

Johnston e Webber (2006) explicam esta última classificação, a partir da categorização das disciplinas, de acordo com o consenso quanto às suas teorias e valores e à sua aplicabilidade. São consideradas *hard* aquelas que têm paradigmas bem definidos, rígidos, exatos e de muitas certezas, diferentemente das classificadas como *soft*, cujos paradigmas e conceitos são flexíveis, ou seja, abertos à discussão. Em outra forma de análise, podem ser puras ou aplicadas. Por exemplo, enquanto matemática é considerada “*hard pure*” (ou seja, tem paradigmas muito bem definidos, mas pouca aplicação), as engenharias são “*hard applied*”. As disciplinas “*soft applied*”, como é o caso das inseridas no contexto da Ciência da Informação e da competência em informação, estão mais focadas em “interpretação” e menos em “descobertas”, leis ou propriedades estanques; se desenvolvem de maneira menos estável e linear que outras e com mais reiterações e recorrências, sem uma previsibilidade ou consenso sobre os próximos problemas de pesquisa que surgirão (JOHNSTON; WEBBER, 2006). Desta forma, o domínio da competência em informação é flexível (*soft*), ou seja, não tem uma natureza rígida; o objetivo do domínio é a melhoria da vida pessoal e social; a disciplina não tem um desenvolvimento constante e linear, mas se acumula pela jurisprudência (com reiterações e recorrências), tampouco é possível prever seus próximos movimentos e tem abordagem complexa. Por isso, é caracterizada como “*soft applied*”.

Ainda no âmbito da institucionalização da competência em informação, além da grande diversidade de autores que se dedicaram a escrever sobre o assunto e da implantação de inúmeras disciplinas voltadas ao tema em universidades, pode-se listar publicações realizadas por entidades como a *American Library Association* (ALA) e declarações ou manifestos lançados em eventos que congregam profissionais. Serão analisados, na sequência, relatórios, declarações e manifestos publicados pela ALA (1989), documentos emitidos em encontros nacionais e internacionais – Alexandria (2005), Havana (2012), Maceió (2011), Florianópolis (2013) e Marília (2014).

### a) Relatório ALA

Um marco relevante para a conceituação e institucionalização da competência em informação foi o lançamento do Relatório Final do Comitê Presidencial da *American Library Association (ALA)*<sup>7</sup> (1989). Na concepção apresentada, a competência em informação (de pessoas, grupos ou mesmo nações) consiste em reconhecer sua necessidade, localizá-la, avaliá-la e usá-la. A compreensão é de que escolas e faculdades que atuarem no desenvolvimento da competência em informação ajudarão a construir a cidadania. As pessoas que detêm competência em informação aprendem a aprender, pois percebem como o conhecimento é organizado. “São pessoas preparadas para o aprendizado ao longo da vida, porque podem sempre encontrar a informação necessária para qualquer tarefa ou decisão em mãos”<sup>8</sup> (ALA, 1989, p. 1, tradução nossa).

Por outro lado, as pessoas que não conseguem se manter informadas, têm o risco de perder oportunidades culturais, educacionais, têm mais dificuldades para solucionar seus problemas, são vulneráveis a outras pessoas, têm mais dificuldades quando enfrentam problemas de saúde, acumulam despesas maiores, podem ter consequências da prática de sexo não-seguro, entre outras dificuldades apontadas pela ALA. Assim, uma parcela considerável de pessoas não tem autonomia quanto à informação e acabam se tornando dependentes de terceiros nesse quesito. Além da dependência por si só ser negativa, as pessoas que fornecem informações podem ter visões tendenciosas, negativas ou inadequadas. A competência em informação ajuda a distinguir propaganda, distorções e outros abusos de informação. Ao destacar que a alfabetização é meio de fortalecimento pessoal, o relatório enfatiza que pessoas mais necessitadas de informação são as menos propensas a ter experiências de aprendizagem (ALA, 1989).

Observa-se no relatório da ALA (1989), a citação a um conjunto de habilidades relacionadas à informação - reconhecer a necessidade, localizá-la, avaliá-la e usá-la. Mas o texto aborda, também, a competência em informação como um recurso para o aprendizado ao longo da vida, ou seja, uma visão em relação à informação mais crítica e ampla do que a enumeração de habilidades. A literatura sobre o assunto aprofundou-

---

<sup>7</sup> Associação Americana de Bibliotecários.

<sup>8</sup> They are people prepared for lifelong learning because they can always find the information needed for any task or decision at hand.

se nesta segunda perspectiva, como veremos ao longo desta tese, incluindo as declarações publicadas em encontros de profissionais de informação.

*b) Declaração de Alexandria*

O lançamento da Declaração de Alexandria, em novembro de 2005, também foi reconhecido como um dos principais marcos para uma nova abordagem da competência em informação. Os participantes do Colóquio em Nível Superior sobre Competência Informacional e Aprendizado ao Longo da Vida, realizado na Biblioteca de Alexandria, emitiram declaração afirmando que “a competência em informação e o aprendizado ao longo da vida são os faróis da Sociedade da Informação, iluminando os caminhos para o desenvolvimento, a prosperidade e a liberdade” (IFLA, 2005, p. 1).

O documento preconiza que:

A competência informacional está no cerne do aprendizado ao longo da vida. Ele capacita as pessoas em todos os caminhos da vida para buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingir suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. É um direito humano básico em um mundo digital e promove a inclusão social em todas as nações. O aprendizado de toda a vida prepara os indivíduos, as comunidades e as nações a atingir suas metas e a aproveitar as oportunidades que surgem no ambiente global em evolução para um benefício compartilhado. Auxilia-os, e suas instituições a enfrentar os desafios tecnológicos, econômicos e sociais, para reverter a desvantagem e incrementar o bem-estar de todos (IFLA, 2005, p. 1).

A declaração acrescentou que a competência em informação contempla as necessidades informacionais e as habilidades de “localizar, avaliar, aplicar e criar informação dentro de contextos culturais e sociais” (IFLA, 2005, p. 1). Além disso, a declaração considerou a competência em informação instrumento para vantagem competitiva de pessoas, empresas (notadamente pequenas e médias), regiões e nações; para o apoio ao desenvolvimento econômico, educação, saúde e serviços e a todos os demais aspectos das sociedades contemporâneas. Com a ressalva que vai além das tecnologias, a competência em informação contribui para o desenvolvimento crítico e habilidades interpretativas, capacitando pessoas e comunidades, mas cruzando fronteiras profissionais.

Constata-se, a exemplo do Relatório da ALA (1989), que a Declaração de Alexandria também trata de habilidades de localizar, avaliar, aplicar e criar informação, às quais adiciona sua integração aos referidos contextos culturais e sociais. No entanto,

tais habilidades devem compor uma competência maior, de aprender a aprender e tornar o aprendizado uma constante ao longo de toda a vida (IFLA, 2005).

### c) *Declaração de Havana*

Em abril de 2012, os participantes do Seminário “Lições Aprendidas em Programas de competência em informação na Ibero-américa”, realizado na capital de Cuba, emitiram a Declaração de Havana. Com a proposição de 15 ações, o documento propunha retomar aspectos essenciais do ponto de vista conceitual, filosófico e propositivo de declarações anteriores - Praga, 2003; Alexandria, 2005; Toledo, 2006; Lima, 2009; Paramillo, 2010; Murcia, 2010; Maceió, 2011; Fez, 2011. O objetivo era reafirmar os compromissos anteriores e propor ações práticas (IFLA, 2012).

As ações propostas são:

1. Ampliar a formação em todas as subcompetências-processos informacionais (identificar, localizar, avaliar, organizar e criar, e/ou utilizar e comunicar etc.).
2. Os programas de competência em informação devem considerar em suas ações formativas tanto os aspectos gerais quanto os específicos.
3. Voltar-se para uma formação o mais efetiva possível.
4. Procurar que a formação nestas competências seja para todos.
5. Trabalhar pelo seu reconhecimento como uma formação transversal e fundamental em todos os contextos.
6. Criar espaços para o intercâmbio permanente das aprendizagens adquiridas no desenvolvimento dos programas de formação em diferentes contextos.
7. Apoio mútuo entre próprias bibliotecas, instituições de ensino ou organizações no crescimento e desenvolvimento dos programas de formação.
8. Facilitar e manter o intercâmbio e o apoio mediante a utilização de diferentes recursos *Web*.
9. Possibilitar espaços e momentos de formação/atualização colaborativa e interdisciplinar.
10. Fomentar a importância da formação nestas competências, em diferentes instâncias locais, nacionais e regionais, com base no reconhecimento que recebeu de organizações de prestígio mundial.
11. Procurar que a formação nestas competências responda às necessidades concretas de informação, segundo as necessidades sociais de cada contexto.
12. Desenvolver temáticas de pesquisa de forma permanente e que fomentem o trabalho colaborativo inter e transdisciplinar.
13. Realizar e desenvolver trabalhos colaborativos para a obtenção de diagnósticos atualizados sobre o desenvolvimento dessa formação em cada contexto.

14. Facilitar a formação e a atualização dos profissionais da informação, atuais e futuros, na aquisição das competências necessárias para atuar como líderes adequados de formação.
15. Considerar as múltiplas competências, promovendo o trabalho conjunto e integrado de diferentes instâncias (IFLA, 2012).

Constata-se que a Declaração de Havana trata o conjunto de habilidades relacionadas à informação (“identificar, localizar, avaliar, organizar e criar, e/ou utilizar e comunicar etc.”) como “subcompetências”, ou seja, elas integram uma competência maior, a qual pode ser a emancipação da pessoa diante da informação, a capacidade de utilizar a informação como meio de aprendizado permanente na vida.

#### *d) Declaração de Maceió*

No Brasil, também os profissionais da Ciência da Informação lançaram manifestos em que enaltecem a relevância da competência em informação para o desenvolvimento da sociedade. Os participantes dos grupos de trabalho do Seminário sobre Competência em Informação: cenários e tendências, realizado no XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, em agosto de 2011, na cidade de Maceió/AL, lançaram uma declaração de propósitos, assumindo um compromisso de disseminar o tema. O documento destaca que a sociedade atual é “mediada pela informação, porém, os recursos para seu acesso, uso, avaliação e comunicação são insuficientes para atender às demandas da cidadania” (DECLARAÇÃO DE MACEIÓ, 2011, p. 1). Assim, os profissionais e pesquisadores defendem que “é necessária a formação para o desenvolvimento da competência em informação que atenda a essas demandas” (DECLARAÇÃO DE MACEIÓ, 2011, p. 1). Eis algumas de suas principais reflexões:

1. As bibliotecas e outras instituições relacionadas com a informação estão conclamando a fomentar a melhoria dos níveis educacionais de toda a população, mediante formação para o desenvolvimento humano e profissional, atividades de promoção da leitura, para o exercício da cidadania e o aprendizado ao longo da vida.
2. As bibliotecas e outras instituições relacionadas com a informação devem estabelecer parcerias para ações estratégicas e políticas públicas envolvendo o sistema de educação obrigatória. Destaca-se a base inicial para a capacitação no uso da informação, o papel social da biblioteca escolar como centro de recursos para a aprendizagem e o desenvolvimento de Competência em Informação.
3. As escolas de formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação deverão integrar conteúdos relativos à Competência em Informação nos seus projetos político-pedagógicos.

4. As associações profissionais deverão dar prioridade a oferta de atividades de formação contínua, incluindo desafios decorrentes da necessidade da Competência em Informação, a fim de propiciar atualização de acordo com as tendências contemporâneas.

5. As bibliotecas, instituições, organismos e profissionais interessados no fomento e promoção da Competência em Informação deverão estabelecer relações locais, regionais, nacionais e internacionais, para a coordenação e desenvolvimento de ações conjuntas (DECLARAÇÃO DE MACEIÓ, 2011, p. 1-2).

Observa-se, nos pontos citados, uma preocupação com a melhoria da educação, de maneira a promover o desenvolvimento das pessoas para a cidadania e para o aprendizado ao longo da vida; a maior inserção das bibliotecas e instituições voltadas à informação no sistema educacional, especialmente para a orientação de uso da informação e desenvolvimento de competência em informação. Além disso, os signatários sugerem que a competência em informação seja objeto de integração de conteúdos nas escolas de formação, de ação contínua de entidades de representação profissional e de relações interinstitucionais em âmbito local, regional, nacional e global.

#### e) *Manifesto de Florianópolis*

Dois anos mais tarde, em Florianópolis-SC, foi realizado o II Seminário “Competência em Informação: cenários e tendências”, tendo como tema central “Competência em Informação e as Populações Vulneráveis: de quem é a Responsabilidade?”. Ao término do evento, os participantes aprovaram o lançamento do “Manifesto de Florianópolis sobre a competência em informação e as populações vulneráveis e minorias”, em cujo preâmbulo é defendida a atenção primária da sociedade e do setor público à competência em informação, por ser esta “um fator crítico e condicionante ao desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil na contemporaneidade” (MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS, 2013, p. 1). Da mesma forma, o manifesto reclama uma reavaliação das políticas nacionais voltadas a populações vulneráveis/minorias, “aquelas que se encontram em situações de discriminação, intolerância e fragilidade e que estão em desigualdade e desvantagem na sociedade atual”. (MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS, 2013, p. 1). O documento acentua a preocupação com os grupos que estejam na situação de vulnerabilidade em decorrência de “questões que envolvem o acesso e uso da informação para a construção de conhecimento, identidade e autonomia a fim de permitir a sua efetiva inclusão social” (MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS, 2013, p. 1). Neste sentido, a

competência em informação é defendida como “direito fundamental da pessoa humana, intrínseco ao seu próprio ser, sendo essencial à sua sobrevivência” (MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS, 2013, p. 1). Assim, o documento recomenda um conjunto de responsabilidades e de ações a serem assumidas e desenvolvidas pelos profissionais da informação, ao movimento associativo e órgãos representativos de classe, às instituições públicas e governamentais e às instituições privadas.

Dos profissionais, é requerida uma responsabilidade de atuação mais direta sobre os usuários ou potenciais usuários da informação, bem como uma visão que abranja as dimensões ética e política da informação. Esta ação pessoal contempla a promoção da competência em informação, proporcionando a transformação das pessoas, sensibilização, educação e capacitação, incluindo a competência em informação como um aspecto que englobe todas as dimensões da vida das pessoas. Conforme a deliberação dos participantes do Seminário em Florianópolis, os profissionais precisam adotar atitudes focadas em neutralizar a contrainformação, em sensibilizar o setor público para a ética no acesso e disponibilização da informação e no fortalecimento da competência em informação nas comunidades, em promover a diversidade de conteúdos ideológicos e o monitoramento de informações públicas. No conjunto, o documento defende que os profissionais devam assumir responsabilidades associadas às dimensões política, estética, ética e técnica da competência em informação – que serão estudadas adiante.

As responsabilidades requeridas dos movimentos associativos e órgãos de classe ligados à Ciência da Informação dizem respeito ao fortalecimento das competências profissionais e de lideranças e divulgação de boas práticas de ação, além de criação de repositórios em rede.

Aos órgãos públicos e governamentais são atribuídas responsabilidades notadamente no âmbito político, que é o campo de sua atuação por excelência. Nesta perspectiva, constam ações como implementação de políticas públicas, legislação, valorização de profissionais do serviço público e estímulo a programas de voluntariados.

Instituições privadas têm a responsabilidade de contribuir com o setor público quanto às questões de políticas públicas e legislação, e de buscar o atendimento de populações vulneráveis.

O detalhamento das responsabilidades desses quatro grupos proposto no Manifesto de Florianópolis é apresentado no Quadro 2.

## Quadro 2: Responsabilidades propostas no Manifesto de Florianópolis

### Responsabilidade dos profissionais

- Transformação e promoção da mudança.
- Sensibilização e conscientização (local e pública) dos pares para a importância da competência em informação.
- Inserção do desenvolvimento da competência em informação em sua formação de forma transversal e institucionalizada.
- Avaliação da qualidade da informação e disseminação em qualquer contexto.
- Educação/capacitação dos usuários para o acesso, avaliação e uso da informação.
- Atuação no combate à contrainformação e sensibilização dos governos para a ética no acesso e disponibilização da informação.
- Desenvolvimento da dimensão política em si e nas comunidades e promoção do equilíbrio da dimensão técnica com as demais dimensões da competência em informação.
- Promoção da diversidade de conteúdos ideológicos visando a propiciar a competência em informação nos cidadãos (análise e crítica).
- Monitoramento das informações públicas.
- Posicionamento perante a legislação da classe e sua inter-relação com a competência em informação.

### Responsabilidade do movimento associativo/órgãos representativos de classe

- Desenvolvimento da competência profissional.
- Formação de lideranças com foco na competência em informação.
- Envolvimento das associações de classe e especializadas para atuar junto às unidades de informação.
- Divulgação de boas práticas e articulação com o social.
- Fomento do compartilhamento e do trabalho em rede.
- Criação de repositórios da profissão.

### Responsabilidade das instituições públicas/governamentais

- Elaboração e cumprimento de políticas públicas voltadas à competência em informação.
- Valorização do professor, do funcionalismo público e das áreas de educação, saúde e segurança pública.
- Criação de legislação específica para as bibliotecas e para o acesso e uso da informação que permitam o desenvolvimento da competência em Informação.
- Criação de voluntariados de distintas especialidades para informar ao público diverso em questões atuais e importantes em vários âmbitos: saúde, educação, política, trabalho, segurança e outros.

### Responsabilidade das instituições privadas

- Contribuir para os ajustes necessários à legislação e às políticas públicas.
- Estabelecer parcerias/alianças, a fim de elaborar e aplicar instrumentos voltados às necessidades de informação das populações vulneráveis e minorias facilitando e permitindo o desenvolvimento da competência em informação.

Fonte: Manifesto de Florianópolis (2013, p. 1-2).

Complementarmente, o Manifesto de Florianópolis apresenta sugestão de ações que os mesmos quatro segmentos podem desenvolver. As propostas aos profissionais estão no âmbito de atuarem junto às comunidades, execução de ações sociais, estabelecer parcerias com áreas da comunicação, fomentar o senso crítico e estabelecer uma atitude proativa, inclusive fora da biblioteca.

As sugestões aos órgãos de classe dizem respeito à interlocução com o setor público, ao ambiente de informação no contexto nacional, criação de observatórios e realizar debates, fóruns e intercâmbios.

Ao setor público, o manifesto recomenda ações no âmbito das legislações e atendimentos de pessoas vulneráveis e minorias. Estas populações são alvo também das ações propostas ao setor privado. As ações sugeridas aos quatro grupos estão detalhadas no Quadro 3, a seguir.

**Quadro 3: Ações/recomendações: propostas no Manifesto de Florianópolis**

**Ações/recomendações para os profissionais**

- Executar ações sociais e assumir papel de educador, criando demandas para a esfera pública.
- Atuar junto às comunidades (populações vulneráveis e minorias) para produzir conteúdos informativos sobre sua história, cultura e meio social.
- Elaborar produtos e serviços especiais/customizados para atender demandas de informação das populações vulneráveis e minorias.
- Atuar em parceria com outras áreas como a comunicação e a mídia.
- Efetuar parceria e trabalhar de forma cooperativa com as instituições representativas das comunidades locais.
- Promover ações para a mudança de políticas institucionais.
- Fomentar o senso crítico com a modificação da lógica dos processos de educação/capacitação nas unidades de informação.
- Adotar uma postura proativa e “sair da biblioteca”.

**Ações/recomendações para o movimento associativo/órgãos representativos de classe**

- Atuar diretamente junto ao poder público (Executivo/Legislativo) visando estabelecer políticas públicas e atuação fortalecida.
- Criar mecanismos de ação para desenvolver a competência profissional.
- Monitorar o ambiente de informação no contexto nacional.
- Criar um observatório da profissão.
- Prover debates e fóruns públicos.
- Prover ação de intercâmbio/interlocução com os órgãos governamentais.

**Ações/recomendações para as instituições públicas/governamentais**

- Criar legislação específica envolvendo a área da informação e que possa atender às demandas locais, regionais e, em especial as populações vulneráveis e minorias.
- Capacitar docentes e funcionários públicos para desenvolverem a competência em informação e estarem aptos a atender às necessidades de informação das populações vulneráveis e minorias.

**Ações/recomendações para as instituições privadas**

- Apoiar ações e projetos de unidades de informação que envolvam o desenvolvimento da competência em informação, em especial, no que diz respeito às populações vulneráveis e minorias.

Fonte: Manifesto de Florianópolis (2013, p. 2-3).

Constata-se que as recomendações de responsabilidades e propostas de ação aos profissionais, órgãos de classe e instituições públicas e privadas integram as dimensões ética, política, estética, técnica e colaborativa da competência em informação. Essas dimensões, que serão estudadas adiante, representam os fundamentos para o desenvolvimento de competências que permitam às pessoas incorporarem a informação em seu cotidiano como um insumo para o desenvolvimento pessoal e social.

f) *Carta de Marília*

Dando continuidade aos dois primeiros eventos citados anteriormente, em setembro de 2014 foi realizado, na cidade de Marília-SP, o “III Seminário de Competência em Informação: cenários e tendências”, com o tema central “Competência em Informação e Redes de Conhecimento Colaborativo”. Além de reforçar a importância do tema, citado como ColInfo, a Carta de Marília apresenta as seguintes ponderações:

1. O exercício da democracia e dos direitos humanos reforçam as oportunidades em termos da redução das iniquidades sociais e das desigualdades regionais no contexto brasileiro. Entretanto, este cenário depende da existência de políticas públicas que favoreçam a sua ampliação e a consolidação de avanços alcançados em diferentes áreas, em especial àquela que diz respeito à ColInfo, cujo enfoque está dirigido à dimensão humana e tecnológica para a construção de conhecimento na sociedade contemporânea.
2. A aprendizagem, em seus vários níveis, exige o desenvolvimento da ColInfo. Destaca-se a importância do trabalho integrado e colaborativo para a transformação das redes, sistemas, unidades e serviços de informação, tais como: bibliotecas, arquivos, museus, centros de documentação/informação, além de outros tipos de organizações que atuam com informação e conhecimento, cujos espaços de atenção primária voltam-se às necessidades de exercício da cidadania e do aprendizado ao longo da vida.
3. Os centros formadores em diferentes áreas, níveis e contextos educacionais devem realizar esforços de articulação que facilitem a inserção da filosofia da ColInfo nas diretrizes curriculares e nos projetos pedagógicos institucionais, de modo transversal e interdisciplinar, apoiando-se em modelos específicos para atender aos diferentes tipos de usuários de redes, sistemas, unidades e serviços de informação e conhecimento.
4. Mecanismos de estímulos devem ser implementados na área da ColInfo envolvendo a criação de repositórios nacional e regionais que contemplem a produção científica, acadêmica, experiências, vivências, fóruns de discussão, redes de compartilhamento de melhores práticas, além de redes de unidades de informação que desenvolvam programas de capacitação continuada e planos de formação que possam contribuir para a promoção da inclusão social no contexto brasileiro.
5. Os mediadores da informação, tais como: bibliotecas, arquivos, museus, centros de documentação/informação e outros tipos de organizações similares, devem atuar conjuntamente com os governos, instituições e comunidades, a fim de organizar, estruturar e compreender a informação e o conhecimento como elementos importantes para o desenvolvimento humano e social no contexto nacional.
6. É imperativo promover a divulgação e incentivo para ações estratégicas relacionadas à ColInfo, mediante a realização contínua de eventos sobre o tema e o fortalecimento de políticas públicas que se traduzam efetivamente no desenvolvimento de programas e projetos pautados em iniciativas, estratégias de âmbito nacional e indicadores de impacto na área, a fim de mobilizar todos os níveis da sociedade brasileira no sentido da sua consolidação como fator crítico para o desenvolvimento humano sustentável no Brasil (CARTA DE MARÍLIA, 2014, p. 2-3).

Assim, a competência em informação é percebida novamente em suas dimensões política, técnica, estética, ética e colaborativa. É considerada um componente fundamental da democracia e da educação, e deve ser construída de maneira cooperada pela sociedade e, também, por meio de políticas públicas.

### 3.2 A TRANSIÇÃO PARA UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO

Autores como Bawden (2001), Berrío Zapata (2012), De Aquino (2007) argumentam que a competência em informação se estabelece em três níveis – o básico/instrumental; o intermediário, definido a partir de subcompetências e processos informacionais; e o mais avançado, determinado por uma perspectiva crítica para tomada de decisão.

O primeiro nível é típico de procedimentos técnicos e práticos – como operar computadores ou localizar livros em uma biblioteca. As definições associadas ao segundo nível apontam que a competência em informação é avaliada a partir de conjuntos de requisitos, que podem variar de acordo com o que cada autor considera mais relevante no contexto da competência em informação. Esses requisitos são citados na Declaração de Havana (IFLA, 2012, p. 1) como “subcompetências-processos informacionais”. O outro modelo de conceituação, embora mais diversificado quanto às formas de proposição, tem uma perspectiva comum: a de que a competência em informação se configura em um novo modelo mental, de natureza holística, numa perspectiva crítica do mundo e das coisas que o formam, que promove um aprendizado contínuo e que emancipa a pessoa como cidadã.

Da mesma forma, Dudziak (2003) apresenta a competência em informação sob três concepções ou níveis de complexidade. A primeira diz respeito à concepção da informação: com ênfase na tecnologia da informação, que “prioriza a abordagem do ponto de vista dos sistemas, com o aprendizado de mecanismos de busca e uso de informações em ambientes eletrônicos”. Este nível limita-se às “habilidades e conhecimentos instrumentais, praticamente mecânicos”, e foca o acesso à informação. A segunda concepção é a cognitiva, que consiste na “busca da informação para construção de conhecimento”. Abarca o uso, a interpretação e a busca de significados, modelos mentais e “não apenas respostas às perguntas”. Esta concepção tem “foco no indivíduo, em seus processos de compreensão da informação e seu uso em situações particulares”. A terceira concepção ou nível de complexidade determinado pela autora,

é a da inteligência. Esta tem foco no aprendizado, na perspectiva de que a competência em informação engloba, além das habilidades e conhecimentos, “a noção de *valores* ligados à dimensão social e situacional”. Conforme a autora, “a construção de redes de significados a partir do que os aprendizes leem, ouvem e refletem constitui o que se chama de estrutura de aprendizado, essencial à extrapolação do entendimento”. A abordagem neste nível considera a dimensão social e ecológica das pessoas e sua cidadania (DUDZIAK, 2003. p. 30).

Belluzzo, Santos, Almeida Júnior (2014) também identificam esta divisão quando às definições de competência. Segundo os autores, a conceituação do tema se estrutura em um

composto de duas dimensões distintas: a primeira, um domínio de saberes e habilidades de diversas naturezas que permitem a intervenção prática na realidade e, a segunda, uma visão crítica do alcance das ações e o compromisso com as necessidades mais concretas que emergem e caracterizam o atual contexto social (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 65).

Não há uma linha divisória clara da superação da perspectiva instrumental ou focada em subcompetências ou habilidades específicas para uma abordagem mais ampla e holística. Para Varela e Barbosa (2012), por exemplo, a ênfase da competência em informação nos anos de 1980 teve um foco instrumental, notadamente para o uso de tecnologias, como o computador. Entretanto, outros autores já vislumbram essa transformação desde os primórdios da competência em informação. Vitorino e Piantola (2009), por exemplo, citam que autores dessa década, como Carol Kuhlthau, já levavam em conta aspectos cognitivos e afetivos como integrantes do processo de desenvolvimento da competência em informação.

Da mesma forma, não existe um antagonismo conceitual entre os dois modelos. Tratam-se, na verdade, de enfoques diferenciados, tendo em vista que, de maneira geral, os autores concordam quanto à necessidade de desenvolver uma percepção de que a informação pode ser um fator de libertação e emancipação do ser humano, o que justifica a necessidade de que as pessoas detenham o domínio das subcompetências. A distinção maior está na forma de abordagem, enquanto uns dão ênfase aos requisitos ou subcompetências, outros trazem uma análise mais ampliada, buscando tratar da essência da proposta crítica da competência em informação.

Como foi afirmado, o modelo baseado no segundo nível se caracteriza por se estruturar em pilares da competência em informação, aplicadas linearmente e cuja quantidade varia de um autor para outro, quase sempre entre cinco e dez requisitos.

Em geral, tais requisitos contemplam a percepção da necessidade da informação, a identificação e a avaliação da confiabilidade das fontes, a capacidade de avaliar a informação e incorporá-la na tomada de decisão e no arcabouço de conhecimento.

Doyle (1992), por exemplo, considera uma pessoa competente em informação quando:

1. reconhece a necessidade de informação;
2. reconhece que as informações precisas e completas são o fundamento para a tomada de decisões inteligentes;
3. identifica as potenciais fontes da informação;
4. formula questões baseadas nas informações necessárias;
5. desenvolve estratégias bem-sucedidas de busca;
6. acessa fontes de informação, incluindo as tecnologias baseadas em computador;
7. consegue avaliar a informação;
8. organiza a informação para aplicação prática;
9. integra uma nova informação em um corpo de conhecimento existente, e
10. usa a informação de maneira crítica para a solução de problemas (DOYLE, 1992, p. 4).

Os padrões propostos variam, também, em termos de complexidade de sua composição, envolvendo requisitos em vários níveis. Um modelo proposto pela ALA abrange três níveis (chamados de categorias, padrões e indicadores) e totaliza 29 requisitos (PONTES JUNIOR; TÁLAMO, 2009). Outro exemplo que pode ser citado é o que foi desenvolvido em 2005, em Beijing (China), no âmbito do projeto *Information Literacy Competency Standards for Higher Education* e que foi aprovado pelo *Institute of Beijing Academic Libraries*. Esse modelo também se apresenta em três níveis. O primeiro nível apresenta sete requisitos, os quais podem ser qualificados como essenciais:

1. saber a importância e os efeitos da informação e da competência em informação;
2. determinar a natureza e a extensão da informação necessária;
3. acessar à informação necessária de forma eficaz e eficiente;
4. avaliar as informações e suas fontes criticamente e incorporar informações selecionadas em sua base de conhecimento e valores;
5. gerenciar, organizar e transmitir a informação de forma eficaz;
6. individualmente ou em grupos, utilizar a informação de forma eficaz para atingir um objetivo específico;
7. entender questões econômicas, legais e sociais que cercam o uso da informação e acessar e usar a informação de modo ético e legal (XIAOMU; PING; MENGLI *et al.*, 2008, p. 10).

Esses sete requisitos se desdobram em 19 indicadores de performance que, por sua vez, conduzem a 75 indicadores de resultados (XIAOMU; PING; MENGLI *et al.*, 2008).

De maneira geral, os autores citam algumas habilidades ou capacidades como fundamentais para a competência em informação. Medeiros Neto e Passarelli (2017, p. 9) constataam que “no processo de desenvolvimento de competência em informação estão intrínsecas habilidades como a de reconhecer as necessidades de informação, o planejamento de etapas e possíveis reflexões quanto a questões éticas e de tecnologia”. Aqui, observam-se, implícitas, as subcompetências. Eles adicionam a proposição de que a competência em informação seja um fator de propulsão da cidadania e, como tal, serve como forma de “inclusão social por instrumentalizar os indivíduos na construção do seu próprio conhecimento, na avaliação crítica das informações e na sua capacidade de participar de ações sociais e políticas como cidadãos” (MEDEIROS NETO; PASSARELLI, 2017, p. 9).

Sob outro ponto de vista, Moraes, Furtado e Tomaél (2015) afirmam que a competência em informação é o conjunto de atitudes e conhecimentos necessários para saber quando a informação é útil para ajudar a solucionar um problema ou tomar decisões; ou articular essa informação em termos e linguagem pesquisáveis e, em seguida, buscar as informações de forma eficiente e, além de recuperar, interpretar, entender, organizar e avaliar a sua credibilidade e autenticidade, avaliar a sua relevância e comunicá-la aos outros.

Para Syazillah, Kiran e Chowdhury (2018), os passos centrais da competência em informação são: desenvolvimento de tópicos (percepção da necessidade de informação e estabelecimento de propósitos); identificação de fontes potenciais; desenvolvimento, uso e revisão de estratégias de pesquisa; avaliação de fontes e informações; e, reconhecimento de como usar informações de forma responsável, ética. Eles discutem o tema em artigo sobre adaptação, tradução e validação do instrumento de avaliação da competência em informação, cujo principal objetivo é ilustrar as etapas envolvidas em uma adaptação transcultural de instrumento de avaliação da competência em informação.

Os autores afirmam que, diante dos diversos padrões e diretrizes de competência em informação lançados por entidades como a *American Association of School Librarians* (AASL), *Association of College and Research Libraries* (ACRL), *Council of Australian University Librarians* (CAUL), *Society of College, National and University Librarians* (SCONUL) e *Chartered Institute of Library and Information Professionals* (CILIP), pesquisadores têm se lançado a investigar métodos de avaliação de desempenho sobre o tema (por exemplo, análise de bibliografias, testes de múltipla

escolha, observações, autoavaliações, simulação, avaliação de instruções), que vão de medidas científicas (tais como a utilização de testes de escolha) até as teorias educacionais construtivistas (métodos de avaliação qualitativa). (SYAZILLAH, KIRAN, CHOWDHURY, 2018).

No entanto, Syazillah, Kiran e Chowdhury (2018) demonstram preocupação quanto ao uso de ferramentas desenvolvidas no Ocidente e em língua inglesa. Embora ressaltem que o uso de ferramentas já testadas pode evitar retrabalho, destacam que nem sempre as metodologias são adequadas a outras culturas ou idiomas. Para eles, medidas ou testes de competência em informação desenvolvidos e ensinados com base em normas e práticas pedagógicas ocidentais, podem não ser adequados para países de cultura diferente e que não falam inglês.

Alves (2017) faz ampla abordagem de um conceito por ela denominado como “literacia digital” (ou alfabetização digital), cuja definição é muito próxima daquela que o conjunto de autores atribuem à competência em informação. Embora a denominação que utiliza contenha o termo “digital”, a autora ressalta que suas fases acompanham a “evolução das novas linguagens de comunicação e as redes digitais, por vezes, equivocadamente, a literacia digital é associada tão somente a competências técnicas e instrumentais no manuseio de softwares” (ALVES, 2017, p. 146).

A autora reforça que “a literacia digital envolve mais que a mera capacidade de operar um dispositivo digital ou usar um software, inclui um complexo cognitivo, motor, sociológico, emocional e sociológico do usuário” (ALVES, 2017, p. 145).

Os atributos de literacia digital estabelecidos pela autora são:

1. saber como aceder a informação e saber como a recolher em ambientes virtuais/digitais;
2. gerir e organizar informação para a poder utilizar no futuro;
3. avaliar, integrar, interpretar e comparar informação de múltiplas fontes;
4. criar e gerar conhecimento adaptando, aplicando e criando nova informação;
5. comunicar e transmitir informação para diferentes e variadas audiências, através de meios adequados (ALVES, 2017, p. 147).

Da mesma forma que a competência em informação, a literacia digital leva em conta aspectos políticos e sociais, cuja perspectiva aponta que a ausência de tais habilidades “afeta o processo de construção e afirmação dos indivíduos, produzindo exclusão social e desigualdade” (ALVES, 2017, p. 148).

Desta forma, há que se considerar que o acesso à universidade é uma forma de afirmação e construção das pessoas. Nesse sentido, a competência em informação

é um requisito fundamental para aqueles que se preparam para o vestibular e, sob tal aspecto, pode-se retomar o problema desta pesquisa, ou seja, o questionamento sobre a forma como estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos buscam melhorar seu desempenho com a informação, como lidam com sobrecarga da informação e que estratégias de competência em informação eles adotam. O modelo conceitual defendido pela por Alves (2017) compreende seis habilidades, conforme delineado no Quadro 4.

**Quadro 4: Tipos de literacias e suas habilidades**

<b>Tipo de literacia</b>	<b>Habilidades</b>
<b>Literacia foto-visual</b>	Boa memória visual e forte pensamento intuitivo-associativo, facilidade de decodificar e compreender mensagens visuais. Competência para realizar leitura sincronizada de textos e imagens.
<b>Literacia para a reprodução</b>	Capacidade de criar novos significados ou novas interpretações combinando materiais pré-existentes ou trechos de informações independentes em qualquer forma de mídia.
<b>Literacia para a informação</b>	Habilidade de avaliar informações de forma crítica e eficaz, análise de informações subjetivas, capacidade de distinguir o viés tendencioso ou a credibilidade das notícias.
<b>Literacia para hipermídia</b>	Elevado grau de liberdade na navegação através de <i>websites</i> e hipertextos; utilização não-linear de diversas estratégias de buscas a informações relevantes; capacidade de orientação no ciberespaço; competência de criar modelos mentais, mapas conceituais, e outras formas de representação abstrata da estrutura da <i>web</i> .
<b>Literacia socioemocional</b>	Capacidade de compartilhar emoções na web sem ser enganado; aptidão para evitar armadilhas como fraudes e vírus na internet; habilidade de se relacionar socialmente com as pessoas na web consciente dos riscos e perigos.
<b>Literacia para o pensamento em tempo real</b>	Habilidade para processar de forma eficaz os estímulos simultâneos da Web; capacidade de executar diferentes tarefas simultaneamente; competência de sincronizar de forma rápida e eficaz os estímulos da multimídia em um coerente corpo de conhecimento.

Fonte: Alves (2017, p. 147), adaptado de Eshet-Alkalai (2012).

Alves (2017) analisa a evolução histórica, observando que a literacia digital é o terceiro estágio de um ciclo iniciado após a invenção da imprensa, cujo reflexo foi a disseminação da alfabetização clássica (ler e escrever), o que, a partir da Revolução Industrial e a decorrente urbanização das cidades, representava o caminho para a cidadania. A segunda fase (literacia audiovisual) surgiu com o desenvolvimento dos aparelhos de comunicação elétricos (cinema, rádio e televisão), que exigiam o domínio de algumas linguagens e códigos, assumindo parcela do processo educacional, ao lado da escola. A terceira fase (estágio atual) se institui na necessidade da literacia digital, decorrente da convergência das mídias analógicas para as digitais.

Adicionalmente, a autora classifica as habilidades em três grupos: **funcionais**, representadas pelas de caráter instrumental no uso das tecnologias, como aplicativos,

busca de pesquisa etc.; **sociocomunicativas**, que fazem uso de recursos de comunicação, tais como redes sociais, *e-mails*, *Skype*, e as **técnico-criativas**, que são as ligadas às habilidades de criação ou cocriação de conteúdo na *web* e resolução de problemas (ALVES, 2017). Constata-se que estes três grupos de habilidades ainda se mantêm focados em aspectos funcionais ou instrumentais.

De Lucca e Vitorino (2019) defendem que a competência em informação se constitui em um ciclo, no qual a necessidade de informação adquire um papel-chave. As demais etapas desse ciclo são as estratégias de busca, a avaliação da informação e seu uso com eficiência e ética, conforme Figura 1.

**Figura 1: Ciclo virtuoso da competência em informação**



Fonte: De Lucca e Vitorino (2019, p. 466), adaptado de Reis, Carvalho e Muniz (2011).

A relevância de se identificar a necessidade de informação consiste na percepção de que existe uma lacuna (a ausência de uma informação) e ela se configura como uma demanda. Nesta etapa, um novo conhecimento, uma nova narrativa, um pensamento, uma visão de mundo ou um comportamento começa a ser elaborado. A pessoa que percebe essa necessidade reconhece que precisa de alguma informação adicional para dar substância à nova percepção, não necessariamente para uma ruptura, podendo ser, inclusive, o aprofundamento de um pensamento já existente.

De Lucca e Vitorino (2019, p. 466-467) entendem que “identificar uma necessidade de informação é, dessa forma, conectar a situação à ação, e requer a proatividade própria da competência em informação para a mobilização de estratégias

para atender à necessidade”. É a percepção consoante ao contexto individual de cada um, que surge de situações do cotidiano ou dos papéis das pessoas na vida social, bem como de um estado de conhecimento insuficiente ou inadequado para um determinado trabalho ou ação.

Em 1990, a Secretaria do Trabalho dos Estados Unidos nomeou uma comissão para identificar as habilidades que seriam requeridas dos jovens para obter sucesso no mundo do trabalho. O objetivo era fortalecer uma economia caracterizada por empregos de qualificação e remuneração elevadas. As pesquisas resultaram em recomendações para pessoas e instituições de educação profissional. A comissão identificou cinco grupos de habilidades consideradas essenciais, associados a recursos, habilidades interpessoais, formação, sistemas e tecnologias. As recomendações foram no sentido de que o aprendizado fosse baseado em projetos, a fim de que os jovens desenvolvessem capacidades de gerenciar recursos, de trabalhar cooperativamente, de coletar e analisar dados, de planejar de maneira orientada a sistemas e de utilizar amplamente as tecnologias avançadas (USA, 199-). Estas características, em suma, representam aquilo que se espera de uma pessoa competente em informação.

A respeito dessas recomendações, De Aquino (2007) comenta:

Elas incluem a capacidade de identificar, organizar, planejar e alocar recursos; as habilidades interpessoais, ou seja, a capacidade de trabalhar bem com outras pessoas; de coletar e utilizar toda informação que seja necessária para o desempenho profissional; de entender inter-relacionamentos complexos por meio de sistemas sociais, culturais, de informação etc.; e de trabalhar de modo eficaz e eficiente com uma ampla variedade de tecnologias (DE AQUINO, 2007, p. XIII).

O autor acrescenta que o desenvolvimento dessas capacidades requer “um ambiente adequado, ou seja, uma fundação sólida composta de habilidades intelectuais e de qualidades pessoais, muitas vezes consideradas de forma equivocada, irrelevantes” (DE AQUINO, 2007, p. XIII). Por conseguinte, e sob uma ótica econômica liberal, a ausência desses fundamentos gera “profissionais que não conseguem fazer a diferença no nosso mercado de trabalho altamente competitivo” (DE AQUINO, 2007, p. XIII). Com base no relatório da comissão do governo americano, o autor observa a necessidade da construção de habilidades em três vertentes. O **primeiro conjunto** congrega as habilidades básicas, de leitura, de saber ouvir e se expressar; enfim é a capacidade de comunicação, que será ainda mais efetiva nos casos em que esta possa ser realizada em mais de um idioma e que a expressão possa ser bem-feita de várias

maneiras (oral, escrita, por meio de audiovisuais). O **segundo conjunto** é o das habilidades de pensamento, ou seja, o raciocínio crítico, o aprender a aprender. Por fim, no **terceiro grupo**, relacionam-se as habilidades de análise, síntese e avaliação da complexidade, tomadas de decisão, “senso de responsabilidade a autoestima, a sociabilidade, a integridade e a honestidade, que sem dúvida representam as características que todo profissional de sucesso deveria ter” (DE AQUINO, 2007, p. XIV).

Embora não estejam citados expressamente, ao terceiro grupo podem ser adicionados os transtornos por excesso de informação. É nesta capacidade de análise do ambiente que a pessoa poderá identificar o problema e criar estratégias de superação, criando o “ambiente adequado”, para o uso da infinidade de informações de maneira positiva e não apenas como problema.

Analisando-se mais detalhadamente os três grupos citados por De Aquino, (2007), observa-se que ele aponta para três níveis de aprofundamento do tema. É uma classificação semelhante à de Berrío Zapata (2012).

Berrío Zapata (2012) percebe esse aprofundamento da concepção de competência em informação e propõe que ela seja abordada a partir de três níveis: manipulação de meios, domínio de meta-análise e nível de ação ético-crítica. O primeiro nível, é o da **manipulação dos meios**, o mais básico, que corresponde ao domínio de codificação e comunicação (verbal e tecnológico), ou seja, da proficiência na língua falada, do domínio da linguagem escrita (criptografia da língua falada), e do domínio da linguagem informática (criptografada da língua escrita e da linguagem audiovisual via multimídia), eminentemente instrumental.

O segundo nível é o do **domínio da meta-análise**, que corresponde à capacidade de ler o que está subentendido no conteúdo (pressupostos latentes) e os links da mensagem, localizar seu contexto e atores, validar os referentes e capturar os detalhes que indicam seu significado e intencionalidade onipresente. Este nível envolve a cultura geral (fontes alternativas de informação e interpretação), a capacidade de validação (localizar versões alternativas, verificar o conteúdo para encontrar fatores consonantes ou dissonantes) e o domínio da metalinguagem (reconhecimento dos canais de informação contingente em uma mensagem, capacidade de percebê-los, decodificá-los e integrá-los consciente e claramente). Este é o nível em que se localizam as habilidades amplamente referidas nos padrões de competência em informação.

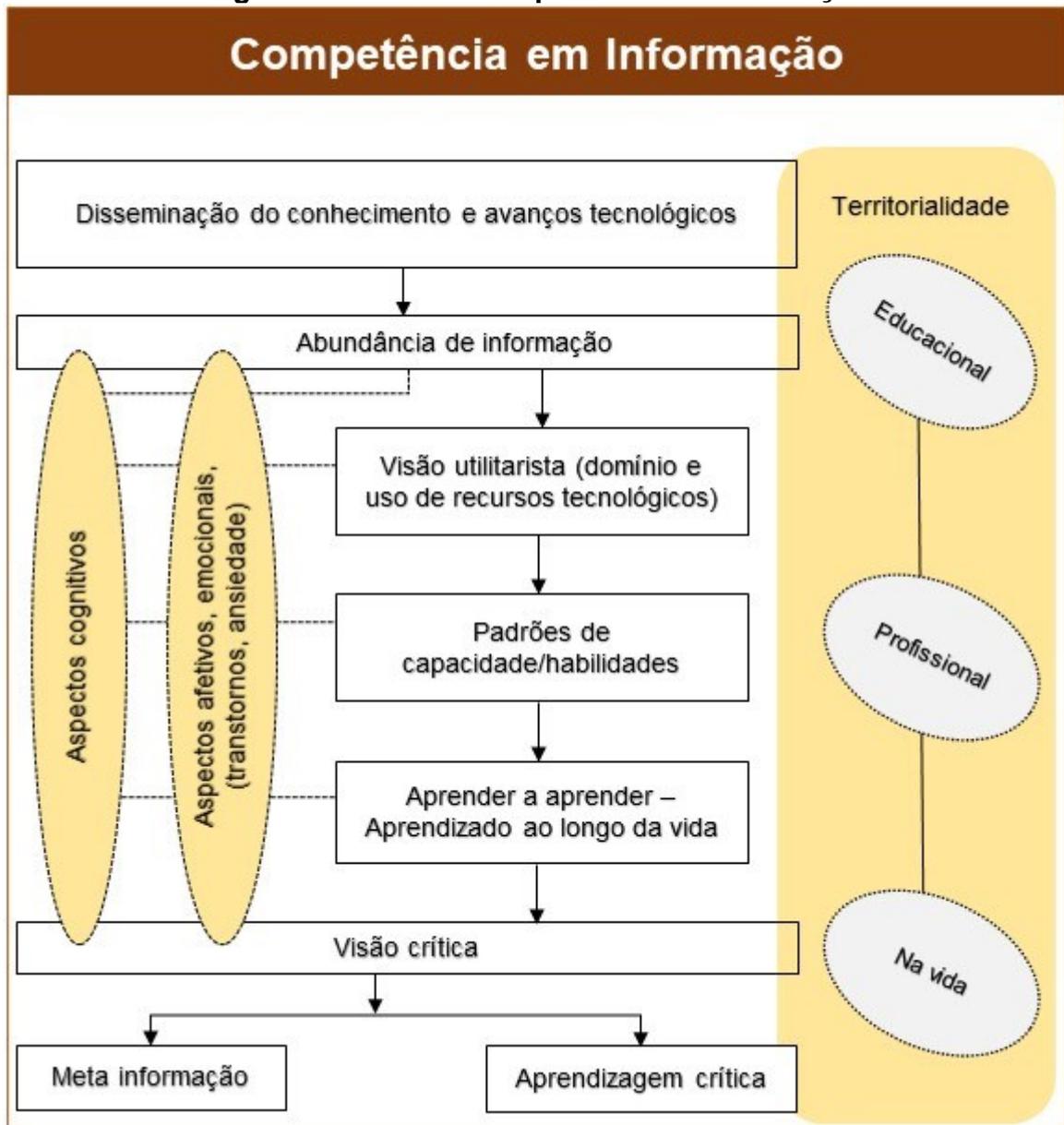
O terceiro nível é o de **ação ético-crítica**, ou seja, a capacidade de construir significado a partir das informações e estabelecer uma posição crítica diante dela, criando propostas que permitam representações coletivas, com ampla variedade de nuances. Esta ação implica uma atitude ativa em relação à informação, à autoaprendizagem, à autoavaliação e autocrítica, às atitudes e capacidades colaborativa e propositiva. Este nível pressupõe rupturas discursivas, a destruição criativa do que era conhecido e estabelecido e a transformação a partir de uma visão crítica. Trata-se de um processo complexo, de caráter coletivo e individual. Há uma contínua tensão entre a diversidade e uniformidade, entre a ditadura dos costumes ou a rebelião frente às instituições e à tradição.

### 3.3 ABORDAGEM CRÍTICA

O modelo baseado em habilidades específicas passa por um esgotamento natural tendo em vista sua estrutura limitada a alguns requisitos, que compõem a competência em informação. As habilidades de identificar, localizar, avaliar e usar a informação, são habilidades úteis e que caracterizam os passos iniciais e necessários para a competência em informação, igualmente a saber operar recursos de tecnologia da informação ou conhecer os meandros das bibliotecas. Contudo, nenhuma das habilidades pode ser focada em si mesma. Elas devem ser entendidas como parte de um composto maior e representam etapas efetivamente necessárias ao desenvolvimento da competência em informação. Como foi visto anteriormente, os autores tratam basicamente da consciência acerca da relevância da informação e a competência em informação; da percepção da necessidade da informação e da natureza da informação necessária, bem como de aspectos relacionados às estratégias de busca, identificação e confiabilidade das fontes, avaliação, organização e uso da informação recolhida. Também envolvem questões éticas e legais relacionadas à informação (DOYLE, 1992, p. 2; XIAOMU; PING; MENGLI *et al.*, 2008, p. 10).

O desenvolvimento dessas habilidades não pode ser o objetivo final, mas o intermediário para o exercício da competência em informação, haja vista que esta se consolida numa visão crítica e reflexiva da informação e de sua influência na vida das pessoas. A Figura 2 sintetiza e esquematiza os diversos aspectos que se correlacionam na competência em informação.

Figura 2: Níveis de competência em informação



Desta forma, as abordagens que tratam da competência em informação passaram a buscar maior amplitude, colocando-a como fundamento para a emancipação das pessoas como cidadãs, de maneira que possam aprender, continuamente, ao longo da vida. Essas abordagens versam sobre a competência em informação numa perspectiva crítica e holística, utilizando metáforas como a ecologia da informação e analisando-a sob diversas dimensões – ética, estética, política, técnica e colaborativa. Essas inúmeras maneiras, perspectivas e termos com que o tema é apresentado, corroboram com o argumento da complexidade do assunto ao qual aludem Vitorino e Piantola (2009). É o que veremos na seção a seguir.

### 3.3.1 Visão crítica de competência em informação

Johnston e Webber (2006, p. 111, tradução nossa) chamam de “movimento crítico” a transformação da abordagem da competência em informação “como uma enumeração de atributos pessoais para uma preocupação com a pessoa situada na sociedade da informação”<sup>9</sup>. Para os autores, na concepção de que a competência em informação seja um processo de educação para a vida, as pessoas desenvolvem a consciência de si, ou seja, o seu autoconhecimento e a percepção de sua realidade.

Lloyd (2003) conduz sua análise na mesma linha ao caracterizar as habilidades genéricas de definir, localizar e acessar, avaliar e sintetizar informações como uma função de metacompetência, pois elas permitem refletir e contextualizar a informação em seu universo. A autora relaciona o termo “metacompetência” ao conceito de metacognição, ou seja, o conhecimento que as pessoas têm sobre o modo como conhecem o mundo. Desta forma, a metacompetência em informação “sugere que um indivíduo pode competentemente e de forma independente reconhecer a natureza da necessidade de informação e navegar pelos complexos caminhos de informação que existem no ambiente de trabalho”<sup>10</sup> (LLOYD, 2003, p. 90, tradução nossa). Embora a autora cite especificamente o ambiente de trabalho, a definição pode ser transposta para qualquer área ou circunstância de utilização da informação. Lloyd (2003), igualmente, vislumbra um avanço da metacompetência para uma visão crítica a respeito da informação e seu contexto.

Alenzuela *et al.* (2019), da mesma forma, considera que a competência em informação é muito mais do que as tarefas de descobrir, acessar, interpretar, analisar, gerenciar, criar, comunicar, armazenar e compartilhar informações. Para as autoras, a competência em informação se efetiva na aplicação de habilidades, atributos e confiança necessários para a melhor utilização da informação, incorporando o pensamento crítico e consciência, além da compreensão de questões éticas e políticas associadas.

Para Shapiro e Hugges (1996), em semelhante linha de raciocínio, a competência em informação propõe uma reflexão crítica sobre a natureza da

---

<sup>9</sup> Here we make a critical move from approaching information literacy as an enumeration of personal attributes to a concern for the person situated in the information society.

<sup>10</sup> A meta-competency view of information literacy suggests that an individual can competently and independently recognize the nature of the information need and navigate the complex information pathways that exist in the workplace environment.

informação, seu contexto social, cultural, e até mesmo filosófico, e seu impacto na sociedade. Apesar de ressaltar a importância de uma atividade de caráter mais técnico, como a operação de equipamentos e serviços baseados em Tecnologia da Informação (TI), os autores destacam que a competência em informação tem muito mais amplitude do que habilidades instrumentalistas. Informação é um componente de conhecimento, da mente e da comunicação humana. Neste contexto, Shapiro e Hugges (1996) sugerem que a competência em informação seja um conjunto de sete habilidades, elencadas na sequência.

1. **Uso de ferramentas** - entender e usar ferramentas práticas e conceituais de TI.
2. **Uso de recursos informacionais** - compreender forma, formato, localização e métodos de acesso de recursos de informação. Os autores ressaltam que este item contempla os modelos clássicos de conceituação de competência em informação - identificar a necessidade da informação, fontes confiáveis, buscar a informação necessária e utilizá-la de maneira efetiva.
3. **Compreensão sócio estrutural** - saber como a informação está socialmente situada e produzida, como ela se insere na vida dos grupos; sobre as instituições e redes sociais.
4. **Realizar pesquisa** - entender e usar as ferramentas baseadas em TI relevantes para o trabalho do pesquisador e estudioso de hoje.
5. **Publicação editorial** - formatar e publicar pesquisas e ideias, em formas textuais e multimídia, incluindo as ferramentas de internet.
6. **Adaptação às tecnologias emergentes** - entender, avaliar e fazer uso das inovações continuamente emergentes na informação tecnologia.
7. **Análise crítica** - capacidade de avaliar criticamente os aspectos intelectuais, humanos e pontos fortes e fracos, potenciais e limites sociais, benefícios e custos da tecnologia da informação (SHAPIRO; HUGGES, 1996, p. 3-5).

Entre as sete habilidades descritas por Shapiro e Hugges (1996), observa-se uma mescla entre as de características instrumentais (uso de TI, capacidade para publicação editorial e adaptação a novas tecnologias) e outras, de natureza mais reflexiva e crítica, como é o caso da compreensão sociocultural da informação e da análise crítica, o que evidencia a busca de uma conceituação com mais amplitude.

As novas tecnologias criam diferentes formas de ler, escrever e de comunicar ou são meras ferramentas para novas práticas de competência em informação? A indagação é de Wilder (2017), para quem a alfabetização supera a mera capacidade de ler ou escrever palavras e se enquadra como um produto de contexto social, cultural e histórico. Cada disciplina ou área de atuação representa um universo cultural e possui sua estrutura de signos.

Surge, desta forma, a necessidade de uma alfabetização ou desenvolvimento de competência específica. Tem-se que, por exemplo, os pesquisadores científicos precisam desenvolver sua capacidade para trabalhar com normas técnicas. Neste sentido, a função dos educadores é de possibilitar que os estudantes naveguem ou transitem com a compreensão das práticas e contextos sociais que envolvem cada universo. Entende-se que o desenvolvimento da competência em informação ou qualquer outro tipo de letramento deve se dar em um contexto que tenha relevância e significado para os estudantes e a comunidade, de maneira a apoiar a libertação dos estudantes e sua consciência crítica em relação à realidade social que os cerca, explorando questões locais críticas (WILDER, 2017).

A rigor, mesmo uma pessoa não alfabetizada ou semialfabetizada pode criar estratégias de busca de informações e adotar formas de assimilação que lhes sejam úteis e adequadas. Muitos profissionais agregam informações sobre suas áreas, independentemente de sua capacidade de ler e escrever. Ainda assim, que não seja requisito mandatório para a competência em informação, a alfabetização básica contribuirá efetivamente para a geração de uma competência em informação. E pode-se estabelecer um paralelo entre ambas.

A alfabetização promove grandes transformações nas pessoas, com reflexos em aspectos sociais e econômicos, entre outros.

Sabemos que não existe uma única diferença entre um indivíduo que aprendeu a ler e escrever e outro que não sabe fazê-lo, porque são diferenças que vão além da alfabetização. Essas diferenças na alfabetização estão associadas a aspectos sociais e econômicos: regiões, grupos e pessoas analfabetas coincidem com miséria e marginalização. Excetuando-se o fator econômico, é quase impossível para uma mente alfabetizada imaginar a vida social dos grupos humanos sem a escrita. A escrita impregna a maioria das instituições sociais que dirigem a vida comunitária: o estabelecimento da identidade, a transmissão da herança, a escolarização. A maneira como pensamos, percebemos e concebemos a linguagem também está influenciada pela escrita. Estas são, entre muitas outras, as razões pelas quais as diferenças são incomensuráveis (TEBEROSKY; TOLCHINSKY, 1997, p. 7).

Pode-se constatar que a competência em informação se caracteriza por ser um tema amplo, difuso e complexo, inserindo-se, assim, nas reflexões de Morin (2010) acerca do desafio da complexidade. Embora considere a questão ainda marginal nos pensamentos científico, epistemológico e filosófico, o autor refere-se ao entendimento de Gaston Bachelard, para quem a natureza não comporta coisa simples, apenas o simplificado. Morin percebe, então, dois mal-entendidos que surgem pelo fato de a

complexidade ter sido relegada a um segundo plano. O primeiro deles está relacionado à sua concepção como receita ou resposta, e não como um desafio ao pensamento. O segundo mal-entendido está na confusão entre complexidade e completude, ou, entre a simplificação e a mutilação. O problema da complexidade, segundo o autor, não reside na completude do conhecimento. Está, sim, na sua incompletude.

Se tentarmos pensar no fato de que somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade e diferença de todos esses aspectos, enquanto o pensamento simplificante separa esses diferentes aspectos ou, unifica-os por uma redução mutilante. (MORIN, 2010, p. 176).

Para Morin (2010, p. 176-177) a ambição de complexidade consiste em encontrar as “articulações despedaçadas pelos cortes entre as disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento”. A complexidade propõe o conhecimento multidimensional, ou seja, ela se apresenta na dificuldade, na incerteza, e não como clareza ou resposta. O autor observa que as Ciências Humanas receberam críticas por não estabelecerem leis ou princípios simples para os fenômenos estudados, a exemplo do que ocorria com as ciências naturais. Hoje, entretanto, mesmo ciências como a física ou a biologia enfrentam incertezas, desordem, complicação e pluralidade.

Morin (2010) aponta caminhos para o desafio da complexidade: a irreduzibilidade do acaso da desordem; a transgressão da abstração universalista (que elimina singularidades, localidade e temporalidade); a complicação (aceitação da existência nos fenômenos de um número incalculável de interações); a relação complementar (ainda que antagonista) entre ordem, desordem e organização; a organização como um sistema a partir de elementos diferentes, constituindo, ao mesmo tempo, uma unidade e uma multiplicidade; a crise de conceitos fechados e claros (como elementos complementares) – as verdades aparecem nas ambiguidades e numa aparente confusão; e, o último caminho, a volta do observador na sua observação (não apenas o sociólogo está na sociedade, mas a sociedade também está no sociólogo). O autor acrescenta que a complexidade não tem as soluções prontas e, por isso, atrai a estratégia. “Só a estratégia permite avançar no incerto e no aleatório” (MORIN, 2010, p. 191).

Davenport (1998), que propõe uma abordagem da informação a partir de uma metáfora com a ecologia, que será tratada em seguida, considerando a complexidade dos aspectos relacionados à informação. Para ele, com as inúmeras “relações

entrecruzadas de pessoas, processos, estruturas de apoio e outros elementos do ambiente informacional de uma empresa, obtemos um padrão melhor para administrar a complexidade e a variedade do uso atual da informação”. (DAVENPORT, 1998, p. 22). Embora o autor faça referência ao uso da informação em ambiente empresarial, essa complexidade transcende tal territorialidade e alcança, também, os ambientes estudantis, incluindo a realidade de estudantes que se preparam para o vestibular, notadamente aqueles cujo acesso à informação esteja de alguma forma comprometido.

Como visto anteriormente, ao estudar a identidade histórica da Ciência da Informação, Carvalho e Silva e Freire (2012) concluem que a humanidade carrega desde os primórdios a necessidade de organizar o conhecimento, o que se coloca como uma das justificativas para o surgimento da Ciência da Informação. Essa acepção, que trata originalmente do coletivo das pessoas – a humanidade como um todo –, pode ser aplicada também às pessoas, que precisam superar os desafios da complexidade, tendo necessidade, para isso, de “princípios norteadores para organização do conhecimento” (CARVALHO E SILVA; FREIRE, 2012, p. 3).

Desta forma, a competência em informação se alinha aos argumentos de Morin (2010) e de Carvalho e Silva e Freire (2012), pois a informação é também ambígua e confusa – que são duas características da complexidade. Por analogia, pode-se afirmar que a informação está na sociedade e a sociedade está na informação. A informação se refere à sociedade e existe para a sociedade. Assim, a superação da complexidade da informação, ainda que em graus variáveis, depende da existência da competência em informação.

Para Kuhlthau (1996), a procura de informação é considerada um processo de construção, com usuários engajados de maneira ativa e de modo a ampliar seu aprendizado com as informações encontradas e que são integradas às experiências pessoais. Conforme Kuhlthau (1996, p. 2, tradução nossa), “a principal atribuição do usuário é procurar significado num ambiente rico em informação que, no local de trabalho, se traduza em acrescentar valor à informação para resolver um problema”.<sup>11</sup> A experiência do usuário nesse processo envolve sua própria percepção, a complexidade da tarefa e incertezas crescentes e decrescentes.

---

<sup>11</sup> The user’s primary task is to seek meaning in an information-rich environment which in the workplace translates into adding value to information to address a problem.

### 3.3.2 Perspectiva holística e as dimensões da competência em informação

Essa diversidade de ângulos com que a competência em informação é abordada torna evidente que o tema precisa ser inserido em novos contextos, configurando-se em “atividade colaborativa e social, dependente de relacionamentos pessoais e comunitários” (ALVES; SUAIKEN, 2016, p. 234). A amplitude da competência em informação é estudada em perspectivas holísticas na metáfora da “ecologia da informação” (DAVENPORT, 1998) e com a abordagem do tema sob as dimensões política, ética, estética e técnica (VITORINO; PIANTOLA, 2011; MENEZES; VITORINO, 2014; ROSA E SILVA; VITORINO, 2016; PELLEGRINI, 2016; VITORINO, 2018), amplamente citadas no Manifesto de Florianópolis (2013) e às quais é possível adicionar a dimensão colaborativa (GERRITY, 2018; AMARAL, 2016). A seguir, serão analisadas as abordagens da competência em informação, a partir da metáfora com a ecologia e das diversas dimensões citadas.

A informação e a capacidade de uma pessoa absorvê-la devem ser analisadas de maneira ampla, pelo conjunto dos fatores que a integram. Tratando da gestão da informação nas empresas, em conceitos que podem transcender para outros segmentos sociais, Davenport (1998, p. 12) salienta que “os administradores precisam, na verdade, de uma perspectiva holística, que possa assimilar alterações repentinas no mundo dos negócios e adaptar-se às sempre mutantes realidades sociais”. Ele sugere a essa abordagem, metaforicamente, o título de “ecologia da informação”, pois

ênfata o ambiente da informação em sua totalidade, levando em conta os valores e as crenças empresariais sobre informação (cultura); como as pessoas realmente usam a informação e o que fazem com ela (comportamento e processos de trabalho); as armadilhas que podem interferir no intercâmbio de informações (política); e quais sistemas de informação já estão instalados apropriadamente (sim, por fim a tecnologia). (DAVENPORT, 1998, p. 12).

No estudo, que serviu de fundamento para a pesquisa de Jela Steinerová (Eslováquia, 2010) sobre competência em informação, Davenport (1998) salienta que os gestores de tecnologias da informação, “têm pouca paciência com as necessidades dos chamados ‘usuários finais’. Procuram resolver com tecnologia os problemas informacionais, quaisquer que sejam esses problemas” (DAVENPORT, 1998, p. 12). São dificuldades muitas vezes decorrentes da indiferença ou despreço das pessoas em relação à informação. Ainda prevalece a ênfase no que Davenport (1998) intitula de

“engenharia da máquina”. Esta concepção está embasada na ideia da facilidade de armazenagem de informação em computadores, isso é, de que um banco de dados em computadores é único modo de administrar a complexidade da informação, de que a informação deve ser comum a toda a organização e as mudanças tecnológicas virão para aperfeiçoar o ambiente informacional.

No entanto, como processo, a competência em informação precisa incorporar conceitos, atitudes, valores para o desenvolvimento das habilidades necessárias para o domínio do universo informacional. Trata-se da capacidade ou familiaridade com a qual as pessoas interagem com a informação e seus recursos para um pleno aprendizado, valendo-se deles em seu próprio benefício ou de outros. Esse processo envolve o equilíbrio entre as dimensões técnica, estética, política e ética. Tais dimensões são interdependentes e não têm significado se não coexistirem de maneira equilibrada (VITORINO; PIANTOLA, 2011; VITORINO, 2018).

Essas quatro dimensões se apresentam em todo o contexto da relação das pessoas com a informação:

[...] Assim, técnica, estética, ética e política constituem as bases sobre as quais se assentam tanto a informação transmitida e recebida, quanto a competência necessária para processá-la e utilizá-la de modo a agir significativamente na construção da realidade (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 108).

A dimensão **técnica** está relacionada ao domínio e às habilidades no uso de recursos, incluindo os propósitos de solucionar conflitos e gerar oportunidades de informação. O aspecto **estético** abrange a capacidade de percepção das pessoas, suas relações com colegas de trabalho e público externo, “é demonstrada pela afetividade com os conteúdos informacionais com que se lida” (MENEZES; VITORINO, 2014, p. 89). Nesta dimensão, os autores propõem, ainda, um olhar para “o sensível, a criação, a inovação e autonomia” como elementos da formação (inicial e contínua) das pessoas (VITORINO, 2018, p. 81). A dimensão **política** trata do “exercício de cidadania; trata da postura que demonstra a não omissão quanto às transformações na vida social” (MENEZES; VITORINO, 2014, p. 89). Já a dimensão **ética**, diz respeito “ao bem coletivo, ao bem comum, ao uso responsável da informação e à cidadania” (MENEZES; VITORINO, 2014, p. 89). O intuito de boas atitudes é que justifica as demais dimensões. Todo o processo se fundamenta na dimensão ética, que se baseia no pensamento crítico em relação à informação.

Para Pellegrini (2016, p. 201), “a dimensão ética da competência em informação diz respeito à ação humana, com base em princípios para a orientação da boa conduta dos indivíduos”. A autora constata que tal dimensão norteia a ação do profissional de maneira ampla, transcorrendo as demais dimensões da competência em informação: “a técnica (capacidade de lidar com conteúdos, comportamentos e atitudes); a estética (presença da sensibilidade numa perspectiva criadora); e, a política (participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício de direitos e deveres)” (PELLEGRINI, 2016, p. 201).

Ainda referente à dimensão política, Vitorino e Piantola (2011, p. 101) compreendem que o acesso à informação e ao conhecimento possui como componente fundamental o exercício da cidadania no contexto democrático. As autoras afirmam que “a informação é elemento constituinte da cultura de um grupo, é, em sua essência, condição de permanência e instrumento de mudança”. Neste contexto, para a construção da cidadania não basta apenas o acesso material à informação, se deve “compreender também a capacidade de interpretação da realidade e de construção de significados pelos indivíduos” (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 101).

Rosa e Silva e Vitorino (2016, p. 253) aprofundam a ideia das quatro dimensões, ao compará-las com a metáfora da Ecologia da Informação, proposta por Davenport, e que, a exemplo das dimensões, remete a uma perspectiva holística. A Ecologia da Informação e a competência em informação “propõem o conhecimento adequado do ambiente informacional como fator de transformação e desenvolvimento humano” (ROSA E SILVA; VITORINO 2016, p. 253). A competência em informação se consolida, efetivamente, no amplo espectro da vida das pessoas. É aplicada em todos os momentos do cotidiano (estudos, lazer, saúde, trabalho e outros), tem as mais diversas abordagens (social, econômica, política), enfim, engloba o ser humano em todas as suas facetas. O Quadro 5 apresenta um paralelo entre as duas concepções.

**Quadro 5: Ecologia da Informação x Dimensões da competência em informação**

Ecologia da informação (DAVENPORT, 1998).	Competência em informação e Dimensões (VITORINO; PIANTOLA, 2009; 2011).
Base do modelo da Ecologia da informação: maneira como as pessoas criam, distribuem, compreendem e usam a informação; a administração informacional abre espaço para a transformação.	Desenvolvimento da habilidade de construir sentido, cujo resultado é o aprendizado independente e o pensamento autônomo. (Dimensão Estética).
A tecnologia é apenas um dos componentes do ambiente de informação e frequentemente não se apresenta como meio adequado para operar transformações.	Uma série de habilidades e conhecimentos que nos permitem encontrar, avaliar e usar a informação de que precisamos, assim como filtrar a informação de que não necessitamos (a tecnologia é um dos meios para o desenvolvimento da competência em informação). (Dimensão Técnica).
A informação passa a ser encarada como uma fonte de poder; diz respeito ao cidadão, estabelecendo os critérios da justiça e examinando as condições sob as quais o homem pode atingir a felicidade (o bem-estar) na sociedade, em sua existência coletiva.	Muito mais do que uma reunião de habilidades para acessar e empregar adequadamente a informação; trata-se de uma ferramenta essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que as pessoas fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de efetivamente determinar o curso de suas vidas. (Dimensão Política).
Refere-se ao modo como as pessoas lidam com a informação, comportamentos e atitudes, bem como um conjunto de valores que, na prática, funcionam como lei que regula o ambiente organizacional.	Mais amplamente entendida como uma “arte neoliberal”, que vai desde saber como usar os computadores e acessar a informação até a reflexão crítica sobre a natureza da informação em si, sua infraestrutura técnica, e o seu contexto e impacto social, cultural e mesmo filosófico. (Dimensão Ética).

Fonte: Elaborado pela autora (2021), com base em Davenport (1998) e Vitorino; Piantola (2009; 2011).

Às quatro dimensões da competência em informação citadas anteriormente, pode-se adicionar uma quinta: a colaborativa, que surge com o desenvolvimento das novas tecnologias da informação, permitindo maior cooperação entre as pessoas. Gerrity (2018) identifica essa dimensão ao analisar os novos padrões para bibliotecas escolares propostas pela Associação Americana de Bibliotecários Escolares (AASL), em 2017. Ainda Gerrity (2018) constata um aprofundamento dos conceitos que existiam anteriormente, especialmente com o estabelecimento de aspectos mais práticos para abordagens que eram, antes, um determinado grau de subjetividade. Uma das mudanças observadas é a migração de uma visão individual, focada no conhecimento cognitivo, para uma perspectiva colaborativa, o trabalho em conjunto na solução de problemas. Embora em sua essência a norma permaneça igual, a interpretação é mais propícia à compreensão de questões complexas que a sociedade moderna enfrenta.

Os novos padrões mantêm condições como a aprendizagem baseada na pesquisa, formulação de questões, coleta de informações, estímulo à variedade de

fontes, uso ético da informação, avaliação e compartilhamento da informação e foco em problemas do mundo real. No entanto, se antes a orientação era algo como conectar ideias aos próprios interesses, ao conhecimento pré-existente e às experiências vividas, agora, a sugestão é interagir uns com os outros para construir novos conhecimentos a partir dos conhecimentos prévios de todos. A capacidade de aceitação das diferentes opiniões de uma maneira positiva, em uma perspectiva do crescimento construtivo, é um atributo que passa a ser mais valorizado.

A dimensão colaborativa permeia todas as demais citadas anteriormente, ou seja, envolve ações colaborativas referentes a aspectos técnicos (por exemplo, disseminação de conhecimentos práticos sobre uso de ferramentas e políticas de cooperação); políticos (questões como acesso e inclusão de pessoas nesses processos, exercício da cidadania, envolvendo a coletividade); estéticos (elementos que envolvem sensibilidade, criatividade, inovação); e, éticos (que se configuram na busca do bem coletivo, no uso responsável da informação, respeito aos demais). Há um pressuposto de coletividade na dimensão colaborativa, pois ninguém colaboraria de forma isolada ou individual. Por isso, essa dimensão é também requisitada pelas demais, seja na disseminação das técnicas para uso da informação, seja na construção coletiva de uma sociedade mais justa (política e ética), sob as nuances relacionadas à estética.

Aillerie e McNicol (2018) observam que, enquanto as diretrizes da competência em informação são focadas em habilidades individuais, as competências-chave têm cada vez mais uma dimensão coletiva, de compartilhar informações com amigos e com um público amplo, ainda que desconhecido, e pela avaliação conjunta de informações por diversos participantes.

Um bom exemplo do aprofundamento conceitual constatado por Gerrity (2018), está na proposição de que a competência em informação seja uma estratégia de aprender a aprender, do aprendizado ao longo da vida, na perspectiva da mentalidade de crescimento e desenvolvimento social. Os novos padrões propõem avanços na proposição para contextos concretos, para a ênfase dessa habilidade. A aprendizagem ao longo da vida é um conceito geral, que requer automotivação, aprendizado voluntário, ou seja, buscam-se aspectos mais tangíveis.

Sob essa perspectiva, Vitorino e Piantola (2009) consideram a competência em informação uma decorrência de uma intrincada ligação das pessoas com a informação. Ela transcende normas, modelos tradicionais e habilidades técnica, conduzindo à

reflexão e a uma abordagem subjetiva (VITORINO; PIANTOLA, 2009). Essa subjetividade abrange experiência pessoal, inspiração, criatividade e motivação, fatores essenciais para o aprendizado ao longo da vida.

Essa capacidade de aprendizado emancipa a pessoa sob a perspectiva da informação – e em consequência em sua condição de cidadão, de tomar decisões ou fazer escolhas. Este é um desafio aos profissionais da informação, conforme constata Vitorino:

A competência em informação, no que se refere a profissionais da informação, consiste em um processo e como tal depende da internalização de fundamentos conceituais e atitudinais, de valores e do desenvolvimento de habilidades necessárias à compreensão do universo informacional – estando aí os recursos (fontes, instrumentos) informacionais com sua dinâmica e evolução para propiciar ao indivíduo o aprendizado (dirimir dúvidas, lacunas, problemas e atender necessidades e oportunidades de informação), o que se caracteriza em última instância pelo uso da informação para si ou para o outro, seja em benefício próprio, seja com a finalidade de comunicar a outros indivíduos e à sociedade. Este processo ocorre desse modo por meio do desenvolvimento das dimensões técnica, estética, ética e política, em equilíbrio na formação inicial ou continuada desses profissionais (VITORINO, 2019, p. 173-174).

A competência em informação é concebida como uma forma de aprender a aprender, de maneira que o aprendizado seja permanente, isto é, para toda a vida, e que as pessoas possam reaprender diante das mudanças que encontram em sua realidade e nos novos desafios que enfrentam na vida acadêmica ou profissional ou mesmo no seu cotidiano. Esta concepção será analisada a seguir.

### **3.3.3 Aprendizagem ao longo da vida**

Uma das primeiras e mais recorrentes concepções para a visão crítica de competência em informação associada ao contexto social (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014) é a do aprendizado ao longo da vida – do aprender a aprender ou do aprendizado permanente. A ideia é que a pessoa se torne eficientemente autônomo na condução de seu aprendizado, mobilizando seu conhecimento para a tomada de decisão (ALMEIDA; CENDÓN, 2015; CARDOSO FILHO; ARAÚJO JÚNIOR, 2016; RASTELI; CAVALCANTE, 2013; GASQUE, 2016; GOMES; DUMONT, 2015; HATSCHBACH; OLINTO, 2008; VALENTIM; JORGE; CERETTA-SORIA, 2014).

O aprender ao longo da vida, um dos pressupostos da Declaração de Alexandria, converte-se na emancipação da pessoa e no pleno exercício de sua cidadania, sendo este o escopo central da competência em informação (PELLEGRINI; ESTÁCIO; VITORINO, 2016; DUDZIAK, 2016; IFLA, 2005). A pessoa que aprende a aprender consegue fazer leituras acerca de sua realidade modificada a cada momento histórico. Essa perspectiva evoca a necessidade de dotar as pessoas dos conhecimentos, habilidades e comportamentos que lhe permitam se inserir num universo que contemple:

[...] a globalização como horizonte significativo e marco de referência; a flexibilização dos saberes; as destrezas e as normas; atenção às conexões humanas e em rede; os interstícios e as interfaces midiáticas e tecnológicas; a consciência de limites para as capacidades humanas e das potencialidades na natureza; o contínuo acesso, compartilhamento e intercâmbio de informações, mensagens, símbolos em escala mundial e cultural; a valorização da diversidade cultural, biológica e natural; e a renovação acelerada da realidade em que vivemos (BELLUZZO; FERES, 2016, p. 126).

Para Jacobs (2008), além de incorporar os conceitos “recorrentes” (aqueles de identificação, localização, avaliação e uso), a competência em informação engloba “a promoção da aprendizagem ao longo da vida, a capacitação das pessoas, a promoção da inclusão social, a superação das desigualdades e a promoção do bem-estar de cada pessoa num contexto global”<sup>12</sup> (JACOBS, 2008, p. 257, tradução nossa).

A postura crítica e ética é inerente à elaboração do pensamento, que advém da informação e do conhecimento. Sendo assim, a informação não se resume a um mero objeto a ser absorvido para preencher lacunas ou espaços no conhecimento. Neste contexto, os autores associam a competência em informação a teorias educacionais, incluindo os pensamentos de Paulo Freire, para o qual a alfabetização está alinhada à conscientização (ALVES; SUAIDEN, 2016; ELMBORG, 2006; JACOBS, 2008; VARELA; BARBOSA, 2012; VITORINO; PIANTOLA, 2009).

Elmborg (2006) e Jacobs (2008), por exemplo, recorrem à metáfora do modelo bancário de educação criada pelo autor brasileiro Paulo Freire, para descrever o sistema educacional vigente, baseado na simples transferência do conteúdo, como nas operações de uma instituição financeira.

---

<sup>12</sup> Also encompasses engendering lifelong learning, empowering people, promoting social inclusion, redressing disadvantage, and advancing the well-being of all in a global context.

Na opinião de Freire (1987), o modelo tradicional de educação comportava-se como um banco. E “desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 1987, p. 33). O pedagogo brasileiro explicou detalhadamente a metáfora que criou:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção ‘bancária’ da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (FREIRE, 1987, p. 33).

Freire (1987, p. 33) avança em sua análise metafórica, acentuando que “na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber”. Essa “doação”, então, se transforma em um dos instrumentos da opressão, isto é, na “alienação da ignorância”, que se encontra sempre no outro (FREIRE, 1987).

O modelo educacional descrito e contestado por Freire (1987) coloca o estudante como receptáculo a ser preenchido e resiste ao diálogo e ao raciocínio crítico. Seu contraponto é a problematização, cuja base é a criatividade. O resultado é o estímulo à reflexão e à ação sobre a realidade. Jacobs (2008) defende o uso das mesmas premissas em relação à competência em informação.

A ênfase de Freire no diálogo, na criatividade, na reflexão e na ação, na investigação e na transformação criativa são conceitos que merecem ser revisitados enquanto tentamos - através da nossa própria proposta de problema - colocar em prática as teorias da competência em informação.<sup>13</sup> (JACOBS, 2008, p. 259, tradução nossa).

Jacobs (2008) procura evidenciar que a competência em informação não é um conceito afastado da realidade, algo abstrato, genérico ou descontextualizado, ao

---

<sup>13</sup> Freire’s emphases on dialogue, creativity, reflection and action, inquiry, and creative transformation are concepts worth revisiting as we attempt – through our own problem posing – to put information literacy theories into practice.

contrário, “precisa ser específica, relevante, significativa e contextualizada para os alunos específicos e seus contextos”.<sup>14</sup> (JACOBS, 2008, p. 259, tradução nossa).

Antes de Jacobs (2008), Elmborg (2006) se valeu da metáfora freiriana do conceito bancário de educação para discutir o papel da biblioteca na educação, sendo que tais reflexões podem ser transpostas para o debate sobre competência em informação. “Talvez não por acaso, Freire compara as funções comuns da biblioteca de recepção, arquivo, coleta e catalogação com o conceito bancário. Ao fazê-lo, ele coloca importantes desafios aos profissionais bibliotecários”<sup>15</sup> (ELMBORG, 2006, p. 193, tradução nossa). Com base na visão freiriana, o autor propõe reflexões tais como: qual o papel da biblioteca e dos bibliotecários no processo educacional e como essas questões transcendem para toda a área da Ciência da Informação. Contrapondo o modelo bancário aludido por Paulo Freire, Elmborg (2006, p. 193, tradução nossa) indaga se a “biblioteca é um banco de informações passivas, onde alunos e professores fazem depósitos e retiradas [...], ou é um lugar onde os alunos ativamente envolvem o conhecimento existente e o moldam para seus próprios usos atuais e futuros?”<sup>16</sup>.

Doherty (2007), em visão que compartilhamos, afirma que os padrões clássicos de competência em informação, baseados em conjuntos de habilidades, devam ser superados e, igualmente, reporta-se às teorias de Paulo Freire. Doherty prefere considerar a necessidade de múltiplas habilidades ou alfabetizações múltiplas ao invés de considerá-las isoladamente. Sendo assim, a alfabetização básica, escolar, já integra o escopo do desenvolvimento de inúmeras capacidades, inclusive a relacionada à informação. Ele considera que a múltipla alfabetização requer a mesma consciência crítica que Freire diz ser necessária à alfabetização.

Doherty (2007) constata, ainda, que o modelo tradicional de alfabetização é focado no conteúdo, e assim se pode, novamente, estabelecer relação com a metáfora do modelo bancário proposto por Paulo Freire (1987), no qual o que importa é a transferência de conteúdo aos estudantes, meros receptáculos de conhecimentos, sem que seja dada a devida atenção às particularidades e especificidades de cada um deles. Para Doherty, o desenvolvimento de uma reflexão em informação requer o foco na

---

<sup>14</sup> It needs to be specific, relevant, meaningful, and contextualized for the particular learners and their contexts.

<sup>15</sup> Perhaps not accidentally, Freire equates the common library functions of receiving, filing, collecting, and cataloging with the banking concept. In doing so, he poses important challenges to librarians.

<sup>16</sup> Is the library a passive information bank where students and faculty make knowledge deposits and withdrawals, or is it a place where students actively engage existing knowledge and shape it to their own current and future uses?

pessoa e não simplesmente no conteúdo, além de abrir-se a todas as formas de conhecimento, fragmentando a relevância das mídias tradicionais. Pode-se, da mesma forma, estabelecer uma analogia com as bibliotecas, sendo que as de perfil tradicional estabelecem foco no acervo, enquanto as bibliotecas transformadoras dão ênfase à pessoa e ao acesso à informação.

Uma pedagogia crítica propõe a descoberta e o questionamento dos pressupostos dos paradigmas tradicionais, alerta Doherty (2007). Um estudante crítico em relação à informação questionaria e encontraria manifestações diferentes, “outras vozes”, outras opiniões relacionadas ao tema que estuda. Não importa se os novos pontos de vista alterem ou não as conclusões do estudante (essa é uma prerrogativa exclusivamente dele); porém mais vozes terão contribuído para a formação de seu pensamento.

Dar voz ao que foi silenciado é, talvez, o papel mais importante que a alfabetização em informação crítica pode desempenhar. Nenhum dos escritores recentes sobre alfabetização em informação crítica dão o passo final sugerido por Freire, o da ação. A informação geralmente é organizada de tal forma que silencia certos grupos<sup>17</sup> (DOHERTY, 2007, p. 6, tradução nossa).

Doherty (2007) usa o exemplo da manifestação de cientistas não ocidentais que, em 1995, cobraram da revista *Scientific American* que suas pesquisas não recebiam a exposição que consideravam merecedora, uma vez que os serviços de indexação abrangiam apenas textos no idioma inglês. Doherty cita também que o próprio Paulo Freire seria desconhecido mundialmente se sua obra não tivesse sido traduzida. E “a competência crítica em informação é uma forma de ativismo que pede aos alunos para sair de seus paradigmas e procurar outras vozes”<sup>18</sup> (DOHERTY, 2007, p. 6, tradução nossa).

De outra maneira, como acrescenta Jacobs (2008), a partir das conclusões da Proclamação de Alexandria, a promoção da competência em informação é um ato politizado, se não mesmo um ato político. Ele conclui que essa definição promove a conexão entre a competência em informação e a pedagogia crítica.

---

<sup>17</sup> Giving voice to that which has been silenced is, perhaps, the most important intended role critical information literacy can play. None of the recent writers on critical information literacy take the final step suggested by Freire, that of action. Information generally is organized in a manner that silences certain groups.

<sup>18</sup> Critical information literacy is a form of activism that asks students to step outside of their paradigms and look for other voices.

Como tal, a competência em informação não pode ser ensinada, especialmente se adotado um modelo tradicional de “transferência” de conteúdos, a exemplo daqueles aos quais Paulo Freire refere-se como “modelo bancário”. Ela deve ser estimulada e desenvolvida criticamente pelas pessoas para que estas possam executar com mais eficiência suas atividades, seja no ambiente escolar, de trabalho ou nas demais atividades do cotidiano. Jacobs (2008) considera a práxis - a interação entre teoria e prática – vital para a competência em informação, tendo em vista seu esforço para, simultaneamente, fundamentar ideias teóricas em atividades práticas e o uso do conhecimento experiencial para revisar conceitos teóricos. Afastada da prática, incorre no risco de se transformar em simples verbalismo. No entanto, a teoria é um meio para a autorreflexão e contextualização críticas, e, sem ela, as práticas serão inócuas. A proposição de Jacobs (2008) é o desenvolvimento de uma pedagogia para competência em informação baseada na prática, a partir de princípios freirianos, como “diálogo, criatividade, reflexão e ação, investigação e transformação criativa”<sup>19</sup> (JACOBS, 2008, p. 260, tradução nossa).

Para Bruce (2004, p. 11-15), implementar a competência em informação requer mudança cultural e de valores educacionais, políticas e diretrizes, formação de professores e demais profissionais das escolas e parcerias entre os diversos atores. A parceria citada envolve aspectos como desenho curricular, desenvolvimento de políticas, desenvolvimento de pessoal, pesquisa e ensino em sala de aula, fatores necessários para promover mudanças.

Ngo, Pickard e Walton (2018) associam a competência em informação ao construtivismo, cuja abordagem estimula os estudantes a perseguir a construção do conhecimento e a compreensão dos fenômenos, em um processo no qual os professores atuam como facilitadores – e não como transmissores de conteúdo. Desta forma, desenvolve-se um contínuo e ativo processo de investigação e pensamento crítico.

Na mesma concepção, Belluzzo, Santos e Almeida Júnior (2014, p. 68), compreendem que a competência em informação é um processo de construção:

Desenvolver competências e habilidades em informação não significa moldar a pessoa para a sociedade, mas sim, mostrar que a partir de todo este novo conhecimento que lhe foi atribuído a partir da mediação da informação, há a possibilidade de tornar-se um cidadão que reflete sobre a sociedade em que

---

<sup>19</sup> Dialogue, creativity, reflection and action, inquiry, and creative transformation.

vive, que reivindica direitos e sabe exercer sua cidadania. (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 68).

Da mesma forma, Chen, Huang e Chen (2017) constatarem que a competência em informação pode ser um exemplar instrumento de apoio pedagógico em qualquer escola, ao promover diversas habilidades adicionais em torno do acesso aos meios de comunicação e do uso do computador e tecnologias de comunicação. O entendimento é de que a competência em informação se comprova mais eficaz quando orientada a ser um processo de consulta combinado com o conteúdo das disciplinas. Por isso, deve ser ensinada, ou estimulada, desde o ensino fundamental. Chen, Huang e Chen (2017) entendem que a aprendizagem baseada em perguntas, que pode ser um dos fundamentos da competência em informação, faz com que os estudantes assumam a responsabilidade sobre seu próprio aprendizado e apliquem os conhecimentos aprendidos e os conceitos elaborados, em novas situações.

Na percepção de Ribeiro e Gasque (2015, p. 204-205), “ser aprendiz pleno, autônomo e reflexivo constitui-se missão crucial em uma sociedade com sobrecarga de informações”. Para as autoras, na Sociedade da Informação as pessoas precisam se inserir num contexto de educação continuada, para toda a vida e acrescentam que “ser aprendiz vitalício e independente são premissas dos princípios da aprendizagem contemporânea” (RIBEIRO; GASQUE, 2015, p. 204-205).

A concepção do aprender a aprender, do aprendizado permanente ou do aprendizado para a vida se fundamenta em alguns outros aspectos – notadamente a adoção de um posicionamento crítico e ético diante da própria informação e do conhecimento. Consiste em saber como aprender, desenvolver conhecimentos de diferentes naturezas, criar e comunicar conhecimento, saber como está organizado, como buscar a informação e utilizá-la inteligentemente na tomada de decisões e solução de problemas, de maneira que outros aprendam e se beneficiem com ela (CARDOSO FILHO; ARAÚJO JÚNIOR, 2015; MORAES; FURTADO; TOMAÉL, 2015; VALENTIM; JORGE; CERETTA-SORIA, 2014).

Além de identificar suas necessidades, conhecer métodos e estratégias de busca e recuperação, ter controle sobre fontes e recursos, Varela e Barbosa consideram essencial que a pessoa

reconheça a informação pertinente e adequada para a necessidade detectada, transformando o conhecimento e ferramentas para a tomada de decisões; ou seja, que o usuário internalize atitude crítica, analítica e

reflexiva, indispensável para a investigação e para a aplicação em sua vida pessoal e social, bem como na geração de conhecimento (VARELA; BARBOSA, 2012, p. 161).

Assim, a competência em informação pode ser considerada essencial para o século XXI e fator central para o empoderamento pessoal, tendo reflexos no desenvolvimento econômico das regiões.

Essa competência se configura como catalisadora e necessária para transformar a atual sociedade de informação numa futura sociedade de aprendizagem, transformando pessoas que dependem de outras para acessar a informação para pessoas auto-orientadas para toda a vida. O conceito supera igualmente o modelo dominante de informação embalada (em livros, palestras ou recursos multimídia) para um conhecimento construído pela pessoa (BRUCE, 2004).

Yeung, Chu, Chu *et al.* (2018) encontram uma inter-relação entre competência e informação e o modelo pedagógico de aprendizagem baseada em projetos e citam como ponto de inflexão entre ambas, o desenvolvimento da competência ao longo da vida, do aprender a aprender. Efetivamente, são duas práticas educacionais que não focam a transmissão de conteúdos; ao contrário, dão ênfase ao desenvolvimento da autonomia das pessoas na construção de seu conhecimento e de sua competência. O ponto nevrálgico dessa inter-relação está exatamente na autonomia e no desenvolvimento de uma consciência crítica de informação. A lógica percebida por Yeung, Chu, Chu *et al.* (2018) é que a competência em informação é essencial para o desenvolvimento dos programas de aprendizagem baseada em projetos. Os autores seguem padrões similares aos citados por seus pares para qualificar a competência em informação, propondo como suas trilhas: (1) desenvolvimento do tópico de pesquisa (estabelecer necessidades); (2) identificação de fonte potencial de informação; (3) desenvolvimento, uso e revisão de estratégias de busca de informações; (4) avaliação de fontes e informações e (5) integridade acadêmica.

#### **3.3.4 Aprender continuamente para a cidadania**

A capacidade de cada pessoa se manter em permanente aprendizado, de maneira a continuamente incorporar e reelaborar novos conhecimentos é um importante instrumento de fomento da cidadania, tema que será discutido a seguir.

Para Correia (2002), o termo cidadania, herdeiro dos conceitos da tradição política grega e romana, representa a participação na vida pública e envolvimento em assuntos públicos. Os novos ideais democráticos trazidos pela Revolução Francesa passaram a pressionar pela ampliação da cidadania para todos os membros da sociedade, incluindo-se mulheres, pessoas economicamente carentes, portadores de doenças, desempregados e idosos. Com o pressuposto da relação entre a pessoa e o Estado, ou seja, do individual com a representação da coletividade, a cidadania consiste na reciprocidade de direitos e responsabilidades, em quatro pilares: civis, políticos, sociais e culturais. Os direitos políticos são aqueles relacionados à participação na vida política da sociedade, notadamente o de votar e ser votado, fazendo escolhas democráticas. Entre os direitos civis, estão a liberdade de expressão e de fé e o direito à justiça, à igualdade perante a lei e a propriedade. Sob a ótica social, estão os direitos ao bem-estar, segurança econômica, emprego, habitação, saúde etc. Os direitos culturais referem-se àqueles que permitem a cada um desempenhar, em uma comunidade, um papel pleno na cultura, através de participação nas organizações do sistema educacional e do patrimônio cultural (inclusive bibliotecas, museus e arquivos e, por conseguinte, o sistema mundial de informação), que promovem uma cidadania cultural. Cumpre salientar que Correia cita ainda a defesa da lei como uma das principais responsabilidades em cidadania.

Mellegari (2012) analisa os fundamentos dos Direitos Humanos e da cidadania no pensamento de Hannah Arendt e cita que a cidadania é o direito básico do cidadão, ou seja, é o direito a ter direitos. Este, é eminentemente político e se realiza por meio da cidadania, o que só é possível no âmbito do espaço público, no qual as pessoas tenham liberdade de ação.

Segundo Trein e Vitorino (2015), aqueles que se ocupam das pesquisas sabem que a competência em informação gradativamente passou a se preocupar com a construção da cidadania, sob a perspectiva da responsabilidade social. “Uma forma de mostrar o quão importante é desenvolver pessoas capazes de buscar a informação e gerar ideias e ter autonomia na tomada de decisões, usando a habilidade e raciocínio em prol do conhecimento e da solução de problemas” (TREIN; VITORINO, 2015, p. 24). A ênfase desse raciocínio é de que não é suficiente resgatar ou descobrir como e onde os dados estão organizados. Mais do que isso, “é preciso saber usá-los de forma consciente e adequada e transformá-los em informação útil e, acima de tudo,

disseminar o que se aprendeu, de modo que outras pessoas também possam aprender a partir disso” (TREIN; VITORINO, 2015, p. 24).

Como será visto na abordagem sobre vulnerabilidade, a competência em informação adquire um caráter libertador, que se expressa em seu potencial de promover a autonomia, a liberdade, o empoderamento e a independência. A pessoa competente em informação terá consciência crítica de sua realidade e agirá para transformá-la em seu proveito e da comunidade (DE LUCCA; VITORINO, 2019).

### 3.4 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E PERSPECTIVA DA SOBRECARGA DA INFORMAÇÃO

No dia a dia, em seus estudos, locais de trabalho ou na vida pessoal, as pessoas são confrontadas com situações que lhes demandam a escolha das informações que melhor atendam suas necessidades. Essas informações são apresentadas em diversos formatos e mídias (gráficos, auditivos, textuais) e, diante da liberdade de publicação, muitas vezes surgem questionamentos sobre sua autenticidade, validade e confiabilidade.

Em primeiro lugar, é necessário reconhecer o papel fundamental da informação para o desenvolvimento social, cultural e econômico. De Lucca e Vitorino, (2019, p. 459-462) constata que, em sua origem, a sociedade da informação trouxe a expectativa de que a universalização do conhecimento poderia promover igualmente a integração mundial dos povos. É notório que a informação circula com mais rapidez pelo planeta. A plena integração de pessoas e dos povos numa comunidade internacional estaria condicionada ao acesso universal à infraestrutura, bem como aos serviços de informação. Efetivamente, o conhecimento se globalizou, entretanto, as autoras constata que não surgiu apenas uma sociedade da informação, mas também uma economia da informação, na qual os fluxos de informação atendem, prioritariamente, aos interesses do capital.

O desenvolvimento do capitalismo, a partir dos anos de 1980, é impulsionado pela aceleração da inovação tecnológica digital, que demanda usuários capacitados na conversão da informação em conhecimento (ALVES, 2017). A informação integra a valorização do capital, tendo em vista que os trabalhos informacionais são atribuídos de valor e são consumidos pelos clientes. O lucro e a inovação se caracterizam como os pontos cruciais na centralização dos fluxos de informação a serviço do capital, sem

considerar o papel da informação na busca por valores sociais e na construção social da realidade, encerrando um caráter excludente no chamado capitalismo informacional. Diferentemente do capitalismo industrial, que se fundamenta em máquinas e matérias-primas, o capitalismo informacional tem seu foco no trabalho intelectual, fazendo surgir o trabalhador do conhecimento (MAGNANI; PINHEIRO, 2011; DANTAS, 2012). E “o caráter perverso do capitalismo informacional revela-se na ocasião em que o ser humano é caracterizado pela sua capacidade de produzir: aqueles que não produzem, não fazem parte do círculo social produtivo” (DE LUCCA; VITORINO, 2019, p. 462).

Neste sentido, conforme De Lucca e Vitorino (2019), o modelo exclui os trabalhadores considerados “desnecessários”, que são oprimidos em todos os momentos em que estão predispostos à violência e recebem valores impostos pelo grupo social dominante. É possível afirmar que, em condição de vulnerabilidade social, os “desnecessários” estão sujeitos “a sofrer exclusão social, na medida em que são privados da participação da vida social pela característica distinta, que, para o grupo de desnecessários, é a incapacidade de produzir em termos econômicos” (DE LUCCA; VITORINO, 2019, p. 463).

Adicionalmente, pode-se constatar que a sociedade enfrenta severos desafios relacionados à informação considerando-se a crescente quantidade de informações cuja qualidade não é segura. A abundância pura e simples de informação não criará mais cidadania ou desenvolverá cidadãos mais bem informados. São necessárias habilidades complementares para que as pessoas utilizem informações de maneira eficaz. Fundamento para a aprendizagem ao longo da vida, a competência em informação, possibilita que estudantes dominem conteúdos e ampliem suas investigações e assumam maior controle sobre sua própria aprendizagem (ALA, 2000, p. 2).

A fase histórica que eclodiu após a Segunda Guerra Mundial e que se caracterizou pela “explosão informacional” ganhou denominações como “Sociedade da Informação”, “Sociedade do Conhecimento”, “Sociedade em Rede” (XAVIER *et al.*, 2013). As autoras destacam que o conhecimento acelera os avanços, sendo que a humanidade demorou vários séculos para fazer a transição da fase agrícola para a era industrial e 200 anos para chegar à sociedade pós-industrial. “Nesse novo momento histórico, a base de todas as relações passa a se estabelecer através da informação e da sua capacidade de processamento e de geração de conhecimentos” (XAVIER *et al.*,

2013, p. 48). Assim, o conhecimento, potencializado pela rapidez da circulação da informação, promove a aceleração dos avanços.

Na década de 1940, o cientista americano Vannevar Bush percebeu a potencialidade de dispositivos complexos e baratos e se tornou um dos pioneiros da sociedade da informação. A corrida pela informação e pelo desenvolvimento científico e tecnológico foi particularmente intensa na Segunda Guerra Mundial e gerou substantivo avanço tecnológico, que acabou sendo absorvido pela sociedade após o conflito. Bush criou o Memex como alternativa para solucionar o problema do excesso de informação, um dispositivo visto como precursor da *World Wide Web*. “A interconexão de informações que Bush imaginava se espalhou muito além das comunidades de conhecimento científico que ele considerava como os principais beneficiários de ‘Memex’” (JOHNSTON; WEBBER, 2006, p. 110, tradução nossa).<sup>20</sup>

O Relatório Final do Comitê Presidencial da Associação Americana de Bibliotecários afirma que a Era da Informação se constituiu na transformação social que trouxe os maiores desafios em toda a história da sociedade norte-americana. Conforme o texto, as pessoas precisam selecionar, na superabundância de informações, aquelas que atendam à ampla gama de necessidades pessoais e comerciais, originadas pelo desejo de crescimento pessoal ou pelas rápidas mudanças que ocorrem nos ambientes econômicos, políticos e sociais. No entanto, informações são dinâmicas e podem ficar obsoletas ou desatualizadas. A informação tem forte impacto na democracia, na competitividade da economia no mercado global e no desenvolvimento econômico e social com mais justiça. Segundo o relatório, a capacidade (de pessoas e da nação) de lidar com a informação será o caminho para a superação desses desafios (ALA, 1989).

Belluzzo (2001) evoca a problemática a partir de uma perspectiva subjetiva, correlacionada a inúmeras variáveis, entre as quais a fase da vida, prioridades ou atribuições de cada pessoa.

Em decorrência dessa massa de informação, por sua vez, existe o conhecimento disponível para o Ser Humano que, igualmente, aumenta a cada dia, levando-nos a uma sensação de infinito nesse sentido. Porém, a nossa capacidade de reter, perceber ou sentir todos esses significados e significações, inseridos na Informação e no Conhecimento, é finita. Assim, é necessário contar com uma grande capacidade de seleção e discernimento para dar conta desse cenário, dependendo da fase de vida que cada um esteja atravessando e respectivas prioridades, bem como dos diferentes

---

<sup>20</sup> The information interconnectedness that Bush envisioned has spread well beyond the communities of scientific expertise that he envisaged as the prime beneficiaries of “Memex”.

papéis que as pessoas representam ao longo de suas existências (BELLUZZO, 2001, p. 2).

Informações podem ser consideradas extratos das diferentes visões de mundo ao mesmo tempo em que o interesse mútuo das pessoas sobre os temas faz com que a informação seja um fator de integração social, promovendo interações. Assim, a sensação de infinitude referenciada por Beluzzo (2001) se agrava com a sensação de complexidade que o tecido composto por pessoas e informações proporciona na “finita” capacidade de retenção e de percepção humanas.

A infinidade de informações que chega às pessoas diariamente é uma característica que se acentua cada vez mais. A disseminação da informação, acessível a um clique na tela do computador ou de um dispositivo móvel, representa avanço, progresso e modernidade. Mas, essa superexposição à informação também causa transtornos e dificuldades, entre eles a ansiedade, a frustração ou o sentimento de culpa. Nesse sentido, Alves, Bezerra e Sampaio (2015) defendem que:

Ficamos frustrados por, muitas vezes, não acompanharmos o fluxo informacional, causando, assim, transtornos mentais que afetam o nosso organismo. A tecnologia foi uma das propulsoras do excesso informacional, porém, não é a única. Recebemos informações através de folhetos, jornais, imagens, gráficos, sons, entre outros suportes. A dificuldade que se pode encontrar nesse meio, é não sabermos controlar a avalanche de informação que se apresenta diariamente. Com o excesso de informação torna-se cada vez mais difícil separar dado e informação, fazendo com que nossos canais de percepção dessas informações não desenvolvam a indexação de forma correta (ALVES; BEZERRA; SAMPAIO, 2015, p. 130).

Segundo os autores, uma das dificuldades de acompanhar a informação disponível é identificada pelo termo “normose”, cunhado na França para definir o sentimento que a pessoa tem ao buscar a informação a todo instante, mesmo que ela não seja relevante ou necessária. “Quando não se consegue ter acesso a tudo, desenvolve-se o sentimento de culpa por não se manter atualizado” (ALVES; BEZERRA; SAMPAIO, 2015, p. 132). Os autores acrescentam que “a normose é considerada doença da normalidade, entretanto, causa sofrimento, ansiedade, angústia, entre outros, pelo exponencial aumento de informação” (ALVES; BEZERRA; SAMPAIO, 2015, p. 132).

A sensação de estar “pressionado, comprimido, com os ombros pesados, com um sentimento de impotência ao não conseguir acompanhar tudo o que é importante” é descrita por Mattos (2009, p. 15) como consequência das dificuldades de agir diante

do turbilhão de informação. Dada a gravidade a que podem chegar tais sentimentos, saber lidar com essas sensações passa a ser mais um dos requisitos da competência em informação, que determina a capacidade de aprender a aprender a partir de um pensamento crítico.

A sobrecarga de informações ocorre em todos os tipos de informação, incluindo a científica e aquela difundida pelos meios de comunicação social. Sobre estes, Ramos (2016, p. 180) afirma que eles atuam no sentido de “informar, persuadir e entreter as pessoas”, registrando, divulgando a história e influenciando a rotina diária, as relações pessoais e de trabalho. Além disso, a comunicação organizacional, com suas ações de publicidade, propaganda, relações públicas, comunicação de marketing de empresas ou instituições governamentais ou da sociedade civil, está diuturnamente emitindo informações para persuadir o público. O avanço tecnológico na área faz com que as mensagens circulem em altíssima velocidade e “com fluxos multidirecionais entre múltiplos emissores e receptores” (RAMOS, 2016, p. 180). Nestas condições, as informações transmitidas podem proteger ou enganar o público, dependendo da bagagem cultural de quem as recebe e da capacidade e inovação do emissor. E complementa: “o resultado é a vulnerabilidade do receptor que não consegue ter o real conhecimento diante do excesso de informação persuasiva e, em muitos casos, antagônica” (RAMOS, 2016, p. 180).

Em pesquisa sobre a competência em informação de acadêmicos concluintes de um curso superior de Administração na cidade de Salvador (BA), Xavier *et al.* (2013), consideraram a capacidade de administrar a sobrecarga de informação como um dos requisitos para a competência em informação. Para caracterizar a competência em informação do grupo pesquisado, as autoras consideraram nove variáveis (veja Quadro 6). Ao analisá-las, constata-se que, de maneira geral, elas reproduzem os padrões de competência em informação – tais como reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes para localizá-la, avaliá-la, utilizá-la e disseminá-la – descritos por outros autores nacionais e internacionais. O que atrai a atenção, entretanto, é a variável “sintetizar”, que Xavier *et al.* (2013, p. 54), descrevem como “extrair o que é mais relevante evitando a sobrecarga de informação”.

**Quadro 6: Variáveis de competência em informação utilizadas em pesquisa com estudantes de Administração na Bahia**

VARIÁVEIS	DESCRIÇÃO
<b>Reconhecer</b>	Reconhecer a necessidade de informação, bem como os conhecimentos, habilidades e atitudes necessários para transformar informação em conhecimento.
<b>Localizar</b>	Localizar as fontes e buscar a informação necessária de maneira eficiente e eficaz.
<b>Avaliar</b>	Avaliar tanto o processo de busca da informação, como a informação propriamente dita.
<b>Organizar</b>	Empregar métodos de gerenciamento da informação.
<b>Utilizar</b>	Utilizar a informação como insumo para tomada de decisão, resolução de problemas e como fonte de conhecimento e aprendizagem.
<b>Comunicar</b>	Considerar, métodos e recursos apropriados no processo de compartilhamento da informação e/ou conhecimento.
<b>Sintetizar</b>	Extrair o que é mais relevante evitando a sobrecarga de informação.
<b>Criar</b>	Combinar informações para criar soluções e gerar conhecimento.
<b>Valores orientadores</b>	Conhecer e praticar os valores que orientam o processo informacional.

Fonte: XAVIER *et al.* (2013, p. 54).

Como se observa, as autoras estabeleceram uma categoria dentro dos padrões da competência em informação para analisar a sobrecarga de informação. Segundo elas, “reconhecer o que é mais relevante evitando a sobrecarga de informação é a essência da categoria sintetizar. Envolve aspectos como: elaborar resumo das ideias principais; identificar e extrair o que é mais relevante na informação reunida” (XAVIER *et al.*, 2013, p. 59). Conforme as autoras descrevem, a categoria “compreende aspectos como: elaborar informações em suas próprias palavras; rever e editar a informação, individualmente ou com a colaboração de outras pessoas; construir novos conceitos, por meio da síntese das principais ideias” (XAVIER *et al.*, 2013, p. 59). Ele se consolida no gerenciamento do fluxo de informações, de maneira a selecionar informações úteis e descartar as irrelevantes, evitando, assim, a ansiedade informacional.

Nas entrevistas, as pesquisadoras constataram que, em escala de um a cinco, os entrevistados alcançaram média de 3,81 na afirmativa “após resumir as ideias principais da informação reunida, extraio o que tem de mais relevante”. Já a afirmativa “após reunir um conjunto de informações, faço um resumo ou fichamento das principais ideias” ficou com a média 3,28 (XAVIER *et al.*, 2013, p. 59).

Ao final, as autoras calcularam a média final das nove variáveis, 3,64758, que foi considerada a média geral da competência em informação daqueles entrevistados. A categoria “sintetizar” ficou com a média de 3,5, inferior, portanto, à média geral, e superior apenas à categoria “organizar”, com 3,3235 (XAVIER *et al.*, 2013, p. 59). O

resultado demonstra que a categoria diretamente associada à sobrecarga de informação não está entre os melhores desempenhos dos estudantes envolvidos na pesquisa citada.

Alves (2017) constata na literatura a crítica à sociedade da informação que pode ser “desinformada”, os meios de comunicação emitem uma grande quantidade de informação residual ou superficial, sensacionalistas e supérfluas. Tal situação exige “educação para o longo da vida de forma que as pessoas possam acompanhar as mudanças tecnológicas e serem inovadores e criativas” (ALVES, 2017, p. 49), ou seja, as pessoas precisam desenvolver uma visão crítica e se aperfeiçoar constantemente em relação à informação.

Ao tempo em que a sobrecarga da informação se revela um problema sério, o próprio desenvolvimento tecnológico busca soluções. Alves (2017) cita o caso da *Web Semântica (Web 3.0)*, que se vale de metadados para codificar o significado da informação, apoiando o resgate de informações na internet. Ainda que coopere com a solução do problema da sobrecarga, o modelo continuaria exigindo o aprimoramento da capacidade dos usuários em “buscar, filtrar, selecionar, analisar criticamente e fazer uso sábio das informações encontradas” (ALVES, 2017, p. 150).

A *Association of College and Research Libraries (ACRL)*, uma divisão da *American Library Association (ALA)* alerta que, embora também trate de competência em tecnologia da informação, a competência em informação tem implicações mais amplas para as pessoas. Quem tem competência em informação necessariamente desenvolve algumas habilidades tecnológicas, tais como o uso de *software*, banco de dados, entre outras tecnologias (ALA, 2000, p. 3).

Apesar de origens praticamente simultâneas, os conceitos de competência em informação e competência para o uso de tecnologias da informação em geral são distinguidos para enfatizar suas diferenças. Aquela envolve capacidades intelectuais no uso de informação e, esta, habilidades necessárias para o uso de tecnologias que entregam ou contenham informações (BRUCE, 2004).

Além do turbilhão de informações a que uma pessoa que tenha acesso à internet está submetida, necessário se faz considerar também o papel das redes de relacionamento social e nas ações promocionais/comerciais, que incorrem na mesma dinâmica da oferta de informações, ou seja, podem facilitar a atividade humana, especialmente os trabalhos colaborativos, mas também podem surgir em quantidade exagerada para a capacidade individual de absorção de conhecimentos ou de

informações. O preconceito ou os reais problemas que as redes sociais apresentam podem, muitas vezes, esconder suas potencialidades.

Na perspectiva apresentada por Amaral (2016, p. 15), “a pós-modernidade será marcada pela multiplicidade de tribos urbanas, cuja essência é o relacionismo”, cenário no qual as redes sociais cumprem papel determinante, apesar de que apresentarem fatores contraditórios, como o *oversharing*, expressão que pode ser definida como o “excesso de compartilhamento de informações pessoais” (AMARAL, 2016, p. 74). O autor acrescenta que “essa exposição pessoal ocupa espaço considerável da rede virtual e sua ocorrência gera reações por parte dos interlocutores, isto porque o sistema mostra em minha linha do tempo<sup>21</sup> tudo o que ali é postado pelas pessoas com quem um usuário interage no ambiente” (AMARAL, 2016, p. 74).

Para o autor, a “sensação que temos é de que o mundo das redes sociais é tão acelerado que ele caminha na direção oposta da possibilidade de se decifrar os conteúdos ali disseminados”, impedindo que “ocorra reflexão sobre o excesso de informações que circula nas páginas das redes sociais virtuais, quando o comportamento é marcado pela ação dos usuários [...]” (AMARAL, 2016, p. 192).

Desta forma, postagens de amigos e ações de marketing empresarial contribuem para a enxurrada de informações a que as pessoas estão submetidas. As oportunidades de estudo do assunto incluem os prejuízos (econômicos no trabalho, de capacidade de abstração e concentração) causados pelos diversos mecanismos que tomam a atenção de quem acessa um dispositivo conectado à internet.

As redes sociais – em inglês: *social networking sites* (SNS) – são vistas muito mais como ameaças a adolescentes ou, pelo menos, meios de relacionamento entre as pessoas, do que como fontes de informação, constata Aillerie e McNicol (2018) em artigo no qual relatam pesquisa sobre o uso de redes sociais como fontes de informação acadêmicas. Os resultados da pesquisa confirmam uma perspectiva descrita na revisão de literatura. Os textos citados pelas autoras apresentam a tendência de que redes sociais sejam consideradas fontes de informações sobre o cotidiano, amigos, familiares, acontecimentos da vizinhança, moda, música, compartilhamento de mídias, interação com amigos ou mesmo para opiniões e debates a respeito de política. Com menos ênfase, são citados como fontes para trabalhos escolares ou acadêmicos. Aillerie e McNicol (2018) identificaram uma certa divisão entre, de um lado, aspectos formais

---

<sup>21</sup> O autor se refere aos aplicativos das redes sociais, nos quais cada usuário pode ler comentários ou outras informações postadas pelas demais pessoas que ele “segue” ou estabeleceu “amizade”.

(para trabalho e estudos) e, de outro, aspectos informais (o cotidiano, família, amizades e lazer) da vida das pessoas. Nesta segmentação, as fontes tradicionais de pesquisa (bases de dados, imprensa, livros, periódicos) são utilizadas para trabalho e estudo, enquanto as redes sociais são utilizadas nas atividades citadas no segundo grupo.

Os participantes da pesquisa relatada por Aillerie e McNicol (2018), em semelhante perspectiva, citaram as redes sociais, preponderantemente, como fontes de informação sobre amigos (69,8%), eventos culturais (56%) ou notícias internacionais (49,3%). As informações relacionadas a tarefas escolares ficam na parte intermediária da lista de temas mais citados, sendo referenciados por 27,7% dos entrevistados em situações orientadas por um professor; 20,3% para buscar informações independentemente (sem citar se dirigidos ou não por docentes); e, 20,1% para informações adicionais sobre temas abordados em sala de aula. Informações práticas (17,5%) e sobre saúde (14,8%) foram as menos citadas (AILLERIE; McNICOL, 2018).

A credibilidade das informações obtidas em redes sociais também foi analisada. “A informação sobre SNS tem claramente algum valor para a maioria dos estudantes, embora estejam conscientes de que deve ser tratada com cautela (AILLERIE; McNICOL, 2018, p. 109)”<sup>22</sup>. Apenas 5,1% das respostas apontam para a satisfação plena em temas de confiabilidade das informações.

Ao reportar relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a BBC (2021) constata que “a familiaridade dos adolescentes atuais com a tecnologia, que faz deles nativos digitais, não os torna automaticamente habilitados para compreender, distinguir e usar de modo eficiente o conhecimento disponível na internet”. Conforme a reportagem, os resultados do relatório apontam para situações em que, em grande parte, esses jovens não são capazes de compreender nuances ou ambiguidades em textos *on-line*. Também não estão habilitados a localizar materiais confiáveis em buscas de internet ou em conteúdo de e-mails e redes sociais. Outra constatação é de que eles têm dificuldades para “avaliar a credibilidade de fontes de informação ou mesmo distinguir fatos de opiniões” (BBC, 2021).

Santos, Melim e Paniago (2017, p. 16) salientam que redes sociais favorecem a colaboração e o aprendizado em rede, gerando “oportunidades de ensino e de aprendizagem nas quais os alunos, professores e pesquisadores conversam, trocam informações e experiências por meio de conexões nos *sites* de redes sociais”. Ao reunir

---

<sup>22</sup> The information on SNS clearly has some value for most students, although they are conscious it needs to be treated with caution.

um conjunto de atores e suas relações, as redes sociais podem cooperar para a formação continuada, com base na interação e em novas formas de sociabilidade. Para as autoras,

[...] as tecnologias, tal como a Internet e as redes sociais, oferecem possibilidades de transformação em nossas relações com os outros e que a conectividade que elas proporcionam é central no nosso dia a dia. Outras maneiras de estar juntos emergem nos ambientes virtuais, propiciando diferentes possibilidades de produzirmos conhecimentos que sejam pertinentes e adequados à realidade contemporânea na qual estamos inseridos (SANTOS; MELIM; PANIAGO, 2017, p. 16).

Assim, a facilidade de, a cada instante, acessar qualquer conhecimento, ainda que não tenha sido publicado, mas que possa estar no pensamento de um interlocutor, facilita intercâmbios e a construção de novos significados. Além disso, as tecnologias de comunicação permitem, por exemplo, a realização de trabalhos colaborativos à distância, devido a questões de segurança ou das possíveis dificuldades de deslocamento.

Apesar das amplas oportunidades que as tecnologias da informação geram, elas também apresentam incongruências. Davenport (1998) propõe uma reflexão a respeito da relação das pessoas (no caso, em âmbito profissional) com as tecnologias. Ele constata a existência de tecnofobia (dificuldade que trabalhadores e mesmo altos executivos têm de se adaptar aos sistemas tecnológicos) e de um fascínio (expectativa de que a tecnologia poderá resolver todos os problemas). O autor cita diversos casos de organizações que investiram elevadas somas financeiras em sistemas de informação intensivos em tecnologia, mas cujos resultados foram aquém do esperado. Segundo ele, na década de 1990, os setores público e privado dos Estados Unidos investiram três trilhões de dólares, dos quais um terço foi desperdiçado.

Em sua análise, Davenport (1998) apontava para o dilema existente no mundo empresarial, de um lado as empresas realizam elevados investimentos em equipamentos e softwares e, por isso, não admitem qualquer tipo de tecnofobia. De outro, as pessoas resistindo ao uso, não necessariamente por falta de habilidade, mas também por não perceberem resultados efetivos. “Por que essa revolução parece não ser tudo o que se esperava dela? Nosso fascínio pela tecnologia nos fez esquecer o objetivo principal da informação: informar” (DAVENPORT, 1998, p. 11).

O verdadeiro problema, na percepção de Davenport (1998), reside na suposição de que a tecnologia seja suficiente para resolver todas as dificuldades. Ele

ressalta, entretanto, que “[...] a tecnologia parece incapaz ao menos por si só - de fornecer as informações de que necessitamos para executar e administrar os negócios” (DAVENPORT, 1998, p. 15). O autor constata que a abordagem de engenharia centralizada, em regra geral, tem ignorado as discussões sobre necessidades de informação.

Conforme destaca Alves (2017), é necessário considerar que não há uma homogeneidade das experiências dos jovens com o uso das tecnologias, tendo pessoas, em cada grupo etário, com baixo, médio e alto nível de experiência. Tal condição pode naturalmente ser transposta para as diversas faixas de idade. “[...] Fica evidente que nem todos estão conectados à rede e, tampouco, todos os jovens são altamente especializados em tecnologias” (ALVES, 2017, p. 93). Desta forma, eventualmente aqueles que tenham facilidade no manuseio de tecnologias digitais podem não ter senso crítico para identificar as informações relevantes para sua necessidade ou mesmo se ater a conteúdos fúteis.

A autora considera inadequado aplicar rótulos genéricos como o de “nativos digitais”, que é aplicado a jovens que nasceram após um determinado ano. “Existe, sim, um grande contingente de pessoas marginalizadas que não têm acesso às tecnologias, ou que tem acesso precário e baixa literacia digital para fazer uso das tecnologias para sua autonomia e emancipação” (ALVES, 2017, p. 93). Ela acrescenta que os educadores possuem um duplo desafio, que é o de lidar com jovens com muita capacidade de operar as tecnologias, mas carentes de senso crítico para delimitar e usar adequadamente a informação útil, ao mesmo tempo em que outros jovens sequer têm acesso ou não são tão especializados. É de fundamental relevância que se acrescente a esta visão da autora, as próprias diferenças de habilidades dos educadores com as tecnologias digitais, que podem reproduzir as mesmas características descritas para os estudantes.

No mundo empresarial ou fora dele existem as tecnologias que podem apoiar ou prejudicar seus usuários. De um lado, podem facilitar a comunicação, a troca de mensagens ou conteúdos e, de outro, podem afastar ou distrair as pessoas de suas atividades (trabalho, estudos, lazer, diálogos etc.).

É nesta perspectiva, mas avançando para aquelas pessoas que se encontram em condições de vulnerabilidade, que nos ocuparemos na próxima seção.

#### 4 VULNERABILIDADE

Considerando o propósito desta pesquisa, que é o de compreender o cenário da sobrecarga de informação nos estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos constata-se que o tema apresenta duas formas de correlação com a questão da vulnerabilidade. São dois aspectos interdependentes, com a possibilidade de que um agrave o outro.

De um lado, trata-se de um público com potencial grau de vulnerabilidade do ponto de vista educacional, com maiores dificuldades para conquistar vaga em universidades. A existência de cursos gratuitos específicos para esse público é uma demonstração intrínseca dessa condição. Deve-se considerar, ainda, que os cursos também estabelecem requisitos para admissão relacionados à limitação de renda familiar ou à proveniência de escola pública. O risco de vulnerabilidade desses estudantes é explicitado pelo material informativo do curso Einstein Floripa Pré-Vestibulares ([2017?]), o qual demonstra o desalinhamento dos números relacionados ao acesso à universidade: 85% dos estudantes brasileiros cursam o ensino básico em escolas públicas; entretanto, 70% de acadêmicos das universidades de melhor performance vieram de escolas particulares. O documento acrescenta que problemas como a falta de qualificação de professores e de infraestrutura do ensino público, se configura como falta de qualidade e resulta em despreparo dos estudantes de baixa renda em provas como a do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Conforme o curso Einstein Floripa Pré-Vestibulares, a evasão escolar é elevada entre estudantes, já que estes carecem de apoio familiar e têm condições econômicas desfavoráveis. Desta forma, o entendimento é que esses estudantes têm o sonho de ingressar em uma universidade de qualidade, mas para isso, em função da baixa renda, dependem da preparação em um curso pré-vestibular gratuito. As condições citadas podem não caracterizar objetivamente uma vulnerabilidade, mas, com certeza, colocam esses estudantes em um risco maior de chegar a tal condição.

A segunda correlação da pesquisa com a questão da vulnerabilidade é gerada pela sobrecarga de informação. Ela advém da combinação entre o excesso de informação disponível e a incapacidade que as pessoas podem ter de identificar sua necessidade de informação, identificar fontes confiáveis, estabelecer estratégias de busca, absorver, organizar e utilizar a informação da forma que lhe seja mais útil.

Nesse sentido, nesta pesquisa também é realizada uma revisão dos conceitos, definições e caracterizações da vulnerabilidade, público e grupos atingidos, entre os quais, estudantes de várias faixas etárias em fase de curso pré-vestibular. A de fragilidade ou potencial vulnerabilidade de estudantes que estão na transição – ou logo após o ingresso na universidade é demonstrada por meio de exemplos extraídos da literatura. Os públicos citados nos exemplos têm faixa etária e aspirações semelhantes às do público envolvido nesta pesquisa.

Entre as causas de tais condições de fragilidade ou vulnerabilidade, são citados os transtornos emocionais e a ansiedade, incluindo os que surgem do excesso, da falta ou, ainda, da dificuldade para trabalhar com a informação e com os estudos de modo geral. Outro aspecto da revisão da literatura relacionada à vulnerabilidade, também ilustrado com pesquisas com estudantes universitários, aborda a vulnerabilidade social (fragilidades associadas a condições de vida da população) e decorrente da fragilidade do capital cultural, cuja deficiência fragiliza os acadêmicos. Em seguida será feita uma abordagem sobre resiliência, que é a capacidade de resistir ou reagir às situações adversas. Por fim, aborda-se a vulnerabilidade em informação, que permite concluir que a competência em informação seja uma forma de resiliência.

#### 4.1 ASPECTOS POLÍTICOS E SOCIAIS DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: AUTONOMIA E SUPERAÇÃO DE VULNERABILIDADE

O aspecto político e social da competência em informação é resgatado por Righetto e Vitorino (2017, p. 4), para quem “as minorias abrigam os grupos socialmente oprimidos, fazendo parte da relação oprimido/opressor, com o seu aparecimento a partir da distinção das classes sociais subordinadas das sociedades modernas”. Desta forma, acrescentam, “uma minoria é um grupo social que se difere de outro grupo social por diferenças de língua, costumes, organização social, etnia, sexo, religião etc. (podendo ser um ou uma combinação de tais fatores)” (RIGHETTO; VITORINO, 2017, p. 4).

Essas diferenças que as minorias apresentam podem explicar sua exclusão social, na perspectiva em que se afastam da homogeneidade que caracteriza a estrutura social vigente, ameaçando sua manutenção. Na luta contínua que há entre os diversos grupos sociais, “aparece, através das disciplinas, o poder da Norma” e “o Normal se estabelece como princípio de coerção no ensino”, conforme afirma Foucault (2002, p. 153). A concepção predominante é de que a inclusão só se torna efetiva com

a adesão ao normal, compondo uma homogeneidade – ou seja, uma dessas formas é estar incluído no sistema formal de ensino.

Na obra em que trata das estruturas disciplinares e de poder, Foucault (2002, p. 153) afirma que “tal como a vigilância e junto com ela, a regulamentação é um dos grandes instrumentos de poder no fim da era clássica”. Para o pensador francês, “as marcas que significavam status, privilégios ou filiações, tendem a ser substituídas ou pelo menos acrescidas de um conjunto de graus de normalidade, que são sinais de filiação a um corpo social homogêneo”. Esse grupo classifica, hierarquiza e distribui lugares.

O pensador acrescenta que “o exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir”. E acrescenta: “o investimento político não se faz simplesmente ao nível da consciência, das representações e no que julgamos saber, mas ao nível daquilo que torna possível algum saber”. Por fim, o autor ainda manifesta que “no espaço que domina, o poder disciplinar manifesta para o essencial, seu poderio organizando os objetos. O exame vale como cerimônia dessa objetivação” (FOUCAULT, 2002, p. 154-156).

A competência em informação pode oferecer recursos para que os grupos sociais minoritários consigam estabelecer diálogos com os demais grupos sociais, de maneira que suas diferenças não lhes sejam excludentes e que haja respeito à diversidade. Para Righetto e Vitorino (2017),

ser competente em informação implica em ser potencialmente capaz e independente para realizar escolhas simples ou complexas, a partir de necessidades de informação que, se identificadas, podem promover a cidadania e efetivar a sociedade democrática (RIGHETTO; VITORINO, 2017, p. 5).

De Lucca e Vitorino (2019, p. 459-460) retomam a correlação entre competência em informação e vulnerabilidade. Elas consideram como “pouco humanista” o movimento de pesquisas sobre competência em informação, tendo em vista que as abordagens de investigação ainda priorizam temas como biblioteconomia, bibliotecas e profissionais, enquanto categorias como inclusão social e cidadania têm menor recorrência. Tal constatação se configura como uma distorção, já que a finalidade central da competência em informação deveria ser o de apoiar a formação de pessoas livres que tenham a autonomia para determinar o curso da sua própria história

e não o da capacitação de trabalhadores do conhecimento. Para as autoras, “é oportuna a condução de pesquisas que compreendam grupos vulneráveis, isto é, aqueles que, por algum motivo, estão predispostos a ter a cidadania comprometida” (DE LUCCA; VITORINO, 2019, p. 459-460). Eles concluem que “para aqueles em condição de exclusão e/ou vulnerabilidade, o desenvolvimento da competência em informação pode representar um instrumento de empoderamento pessoal, autonomia, qualidade de vida e felicidade” (DE LUCCA; VITORINO, 2019, p. 459-460).

#### 4.2 O QUE É VULNERABILIDADE

Conforme Ramos (2016, p. 187), a vulnerabilidade independe de aspectos como classe social, poder aquisitivo ou conhecimento intelectual e está relacionada com “fragilidade, desproteção, desfavor e até mesmo desamparo ou abandono”. Assim, a condição gera exclusão das pessoas ou grupos populacionais.

Em artigo no qual estabelece uma relação direta entre competência em informação e vulnerabilidade (e cuja definição veremos adiante), Vitorino (2018) identifica na literatura aspectos de vulnerabilidade ou das pessoas ou grupos vulneráveis, entre os quais, aqueles incapazes de cuidar de si próprios, além da vulnerabilidade social, gerada pela pobreza. Conforme a autora, as pesquisas mais tradicionais sobre vulnerabilidade são referentes à **segurança alimentar** (pela escassez ou fracasso na produção de alimentos, como falha de direitos); **riscos em regiões críticas** (aplicações e impactos das mudanças climáticas); **ecologia humana** (análise estrutural humana de causas subjacentes, gestão de desastres), e **modo de vida sustentável e pobreza** (análise de fatores econômicos e relações sociais que mantém populações em situação de pobreza). A vulnerabilidade exige, como contraposição, uma perspectiva solidária. A autora alerta, entretanto, que a formulação de políticas não deve resultar em reforço de estereótipos (VITORINO, 2018, p. 75-77, grifo nosso).

Vitorino (2018, p. 77-79) considera, ainda, que a vulnerabilidade está associada a riscos, perigo ou ‘falhas de direito’, estresse, choques e tensões provocados pelo sistema socioecológico e à incapacidade de adaptação (ação/resposta) à sociedade.

Nesta linha, Vitorino (2018) relaciona como características da vulnerabilidade:

- estado de dependência (estar à mercê de alguém);

- estados de susceptibilidade a danos, impotência e marginalidade de sistemas físicos e sociais;
- formas de exclusão social, traumas e crises em diferentes contextos da vida;
- incapacidade para tomar decisões sobre seus próprios interesses;
- substantivo que caracteriza aquele ou aquilo que está suscetível ao ataque físico ou emocional ou a danos;
- sentimentos de fragilidade;
- estado ou sentimento de solidão;
- uma capacidade ou liberdade limitada; e,
- estado ou situação de risco (VITORINO, 2018, p. 79).

A incapacidade de resposta por parte da pessoa ou grupo atingido por alguma fragilidade, é ponto central na definição de vulnerabilidade, ou seja, não é a fragilidade em si que caracteriza a vulnerabilidade e, sim, a falta de autonomia para a solução do problema. A título de exemplificação, tem-se que todos os seres humanos sentem fome, mas uma parcela tem acesso ao alimento, seja pela produção própria, seja pela capacidade de compra. A fome se torna um fator de vulnerabilidade para pessoas que não têm a possibilidade de buscar sua alimentação, o que pode ocorrer pela escassez ou frustração de safra, pela falta de recursos financeiros ou, ainda, uma doença que impede uma pessoa de se alimentar.

#### 4.3 PÚBLICOS E GRUPOS VULNERÁVEIS

Para Vitorino (2018), existem grupos mais susceptíveis à violação de seus direitos como cidadãos, portanto, mais sujeitos à vulnerabilidade. Mulheres, crianças, adolescentes, idosos, população de rua, pessoas com deficiência física ou sofrimento mental, comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexo, assexual, outros grupos e variações de sexualidade e gênero) situam-se nesses grupos. A autora compilou na literatura a tipologia de grupos vulneráveis:

- pessoas sem teto, imigrantes, nômades, refugiados ou pessoas deslocadas;
- pessoas com diagnóstico de doenças mentais;
- pessoas idosas e/ou com demência e residentes em asilos (principalmente mulheres idosas);
- pessoas com deficiência;
- pessoas doentes de modo geral;
- minorias raciais (jovens negros, por exemplo);
- prisioneiros;
- membros de comunidades sem conhecimento;
- pessoas que recebem benefícios da Seguridade ou Assistência Social;
- pessoas pobres, desempregadas ou em desvantagem econômica;
- membros subordinados de grupos hierárquicos como militares ou estudantes;
- pacientes em salas de emergência;

- minorias étnicas (comunidades quilombolas, por exemplo);
- povos indígenas;
- pessoas com fragilidade quanto a direitos humanos e pessoas em perigo (VITORINO, 2018, p. 80).

Como foi citado anteriormente, na nova ordem econômica baseada na informação, um grupo potencialmente exposto ao risco de vulnerabilidade social são os considerados “desnecessários” para o processo de produção. São as pessoas que não se inserem no contexto do capitalismo informacional (DE LUCCA; VITORINO, 2019, p. 463).

O Conselho Federal de Psicologia (2005) igualmente aponta causas e grupos mais propensos a enfrentar situações de vulnerabilidade, que incluem desempregados, adolescentes julgados autores de atos infracionais que cumprem medida socioeducativa em meio aberto, usuários de serviços de saúde mental com histórico de internação longa e que necessitam de auxílio para o retorno à vida comunitária, egressos do sistema penitenciário e seus familiares, além de diretores, coordenadores, professores e demais funcionários de escolas públicas de ensino fundamental. Na análise, o Conselho ressalta que comumente esses grupos não são contemplados por serviços públicos de psicologia.

As listas de pessoas potencialmente vulneráveis – tanto a citada por Vitorino (2018), quanto a do Conselho Federal de Psicologia, elencam grupos extremamente fragilizados economicamente (desempregados, sem teto), grupos fragilizados sob o ponto de vista da saúde (doentes em geral e doentes mentais), grupos vítimas de discriminação (refugiados, minorias étnicas, indígenas), grupos de pessoas em conflito com a lei (detentos adultos ou adolescentes em programas socioeducativos). Mas existem também grupos profissionais e pessoas empregadas com acesso a recursos e informações. É o caso dos membros subordinados de grupos hierárquicos (militares) e trabalhadores da educação. Suas vulnerabilidades não são diretamente associadas a problemas de saúde ou financeiros, embora estejam propensos a eles também. Nestes casos, a vulnerabilidade se caracteriza exatamente pela falta de autonomia em solucionar as fragilidades que os afetam.

Vitorino (2018, p. 75) constata que o termo surgiu com os estudos relacionados aos portadores da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), uma epidemia moderna e que também deu ênfase à ideia dos grupos vulneráveis, a partir de percepção de que o vírus tinha mais facilidade em se disseminar em meio a determinados públicos. Em sua revisão de literatura, a autora observa que

vulnerabilidade se tornou um tema recorrente em políticas públicas e em legislações no Ocidente. É emblemático que esse grupo tenha atuado fortemente no sentido de superar a vulnerabilidade sua e de outros, defendendo e obtendo políticas públicas de apoio.

A vulnerabilidade, em especial a de caráter secundário, aquela que não é inerente à condição humana, em geral é causada e mantida graças à ação ou à omissão das pessoas. Macklin (2004, p. 59-61) trata do tema, ao citar como causas das fragilidades a exploração, a injustiça e a falta de conhecimento. Adicionalmente, a autora alerta que comumente os esforços para proteger pessoas vulneráveis se tornam tão maléficos quanto as próprias causas do problema, por não o eliminarem – ao contrário, ajudam a perpetuá-lo. São ações que se caracterizam como paternalistas, condenáveis do ponto de vista ético por apresentarem soluções paliativas, sem dar condições para que a pessoa atingida consiga superar autonomamente sua fragilidade, mantendo-se dependente. Macklin aborda, ainda, o contexto de “mulheres que se tornam vulneráveis em ambientes culturais ou países inteiros nos quais são oprimidas e impotentes. Diante dos valores e práticas culturais, ou de políticas governamentais, essas mulheres veem seriamente prejudicada sua saúde e até sua vida” (MACKLIN, 2004, p. 59-61).

A vulnerabilidade, do ponto de vista das causas ou de sua superação, está associada a três componentes que são interligados. O **primeiro** deles diz respeito às ações individuais e o grau de consciência que determina o comportamento de cada pessoa. O **segundo**, tem o caráter programático ou institucional e diz respeito às ações, ou omissões, de organizações do poder público, da iniciativa privada, agências da sociedade civil, que podem (ou deixam de) adotar iniciativas que reduzam ocorrências que promovam a fragilidade. Já o **terceiro** componente é o social, ou seja, o conjunto de recursos disponíveis na sociedade, tais como acesso à informação, financiamento, serviços, bens culturais, liberdade de expressão, entre outros (BORGES; FUGIMORI, 2009, p. 422). Percebe-se que a existência das iniciativas institucionais e a existência dos recursos sociais citados e que sejam adequados e proativamente utilizados pelas pessoas, tende a reduzir a vulnerabilidade individual ou de grupo. Por outro lado, a inexistência total ou parcial de tais recursos, iniciativas ou comportamentos tendem a elevar o grau de vulnerabilidade social (BORGES; FUGIMORI, 2009, p. 422).

Há uma distinção entre minorias e grupos vulneráveis. Conforme Guerra e Emerique (2008, p. 16), as minorias se caracterizam por constituírem grupos de não-

dominância, enquanto os grupos vulneráveis representam um número expressivo de pessoas, como é o caso de mulheres, crianças e idosos. “Os grupos vulneráveis são mais facilmente identificados como pessoas destituídas de poder, mas que dispõem de cidadania e dos demais requisitos que poderiam torná-los minorias” (GUERRA; EMERIQUE, 2008, p. 16).

Vasconcelos (1985, p. 13-14) constata que a cidadania “nunca foi nem poderia ser algo estático”, uma vez que, em cada fase da sociedade, incorpora novos temas e direitos à luta pela libertação humana. Os temas emergiram das condições de vida, de lutas, desejos e utopias das pessoas e dos grupos sociais. “As reivindicações pelos direitos civis, políticos e sociais nunca aparecem igualmente em todas as classes e grupos sociais oprimidos” (VASCONCELOS, 1985, p. 13-14). Segundo o mesmo autor, é mais comum que venham à tona por meio de intelectuais, lideranças e movimentos sociais específicos, uma espécie de “vanguardamento” na defesa de direitos, que começa por grupos que assumem essa posição e seguem recebendo adesões das grandes massas.

Sob o ponto de vista filosófico, a vulnerabilidade é considerada uma dimensão antropológica essencial da existência humana. “Ser vulnerável significa estar suscetível a, ou em perigo de, sofrer danos” (KOTTOW, 2004, p. 72). Pela sua natureza animal, as pessoas estão sujeitas a doenças e à morte, o que é considerada uma fragilidade intrínseca a todos os seres vivos. Desta condição, surgiram proposições de filósofos políticos em defesa da proteção à vida, à integridade corporal e à propriedade, bem como a política protetora que constitui o compromisso básico do Estado, mesmo de um Estado mínimo, que “costuma ser aceita por todas as concepções políticas, estando indiscriminadamente disponível a todos os membros de uma nação na ideia de que todos os cidadãos são igualmente vulneráveis” (KOTTOW, 2004, p. 72).

Essa vulnerabilidade intrínseca, que abrange as pessoas indistintamente é considerada primária. Kottow (2004) ressalta, no entanto, que as pessoas podem ser afetadas por circunstâncias desfavoráveis (pobreza, falta de educação, doenças e deficiências). Considerado secundário, este estado circunstancial de vulnerabilidade não atinge a todos indistintamente. Nestes casos, as pessoas e as comunidades precisam de ajuda para minimizar a vulnerabilidade, causada pela carência dos bens fundamentais que os retirariam de seu estado de destituição. Esse estado reduz a capacidade de ação o que torna o destituído ainda mais vulnerável, num círculo vicioso (KOTTOW, 2004).

Na mesma linha de entendimento, Campbell (2004, p. 88-89) constata que a vulnerabilidade está na essência da humanidade. Campbell (2004) observa que a morte e a perda de funções em decorrência de doenças, são intrínsecas à condição humana. Mais cedo ou mais tarde essas fraquezas atingirão a todos. Ainda assim, a vulnerabilidade não deve ser considerada encantadora e deve-se buscar estratégias para minimizar seus efeitos. É preciso falar sobre a vulnerabilidade básica do ser humano, sem negá-la, nem a sentimentalizar, mas atuando na busca de equilíbrio “entre realismo e esperança, entre aceitação de nossa condição humana e o esforço para melhorá-la” (CAMPBELL, 2004, p. 88-89).

Para Campbell (2004, p. 89), “a ética da virtude não tem relação com a questão ‘que devo fazer?’ Mas, antes com a pergunta ‘como devo viver?’” Sua compreensão é de que não cabe à sociedade – nem deveria ser a pretensão – “curar” a vulnerabilidade humana. “Mas se víssemos o mundo como lugar em que todos merecem a dignidade de uma vida de independência e de ação comunitária, gastaríamos nossos recursos de saúde de um modo bem distinto”. Campbell (2004) faz referência às questões de saúde humana, uma vulnerabilidade primária, mas tal abordagem pode transcender para questões das vulnerabilidades secundárias ou circunstanciais.

Guerra e Emerique (2008, p. 13-15) abordam a questão da vulnerabilidade pela perspectiva dos direitos humanos, que correspondem a uma “ótica intrincada e imbrincada de valores”. Direitos humanos são faculdades relativas à vida, à liberdade, à dignidade, à igualdade ou qualquer outro fator que favoreça o desenvolvimento integral das pessoas dentro de uma condição de boa convivência social. Desta forma, a proteção de minorias e grupos vulneráveis é algo essencial em democracias como a brasileira, forjada no pluralismo e na diversidade como elemento essencial de desenvolvimento da sociedade.

Os autores lembram que há uma confusão conceitual entre as expressões minorias e grupos vulneráveis. O termo “minorias” designa pessoas que ocupam posição de não-dominância na sociedade (que pode ser um país ou um grupo social) em que convivem. Já os grupos vulneráveis, são contingentes mais expressivos numericamente, a exemplo de mulheres, crianças e idosos, mas que sofrem alguma forma de opressão. “Os grupos vulneráveis são mais facilmente identificados como pessoas destituídas de poder, mas que dispõem de cidadania e dos demais requisitos que poderiam torná-los minorias” (GUERRA; EMERIQUE, 2008, p. 13-15).

Existem inúmeras formas e acepções que podem ser adotadas para qualificar pessoas ou grupos que estejam, de alguma forma, desfavorecidos ou prejudicados na sua construção da cidadania. Não se pode qualificá-los de vulneráveis, tendo em vista que não perderam sua capacidade de resiliência. Mas podem estar em risco de vulnerabilidade social. Ocorre, entretanto, que a sociedade tem espaços altamente disputados, a exemplo das vagas no ensino superior, especialmente em universidades públicas, muito concorridas, o que enfatiza as diferenças sociais entre os candidatos. Os que têm melhores condições de acesso à informação, têm grande vantagem em relação aos que não têm.

#### 4.4 ANSIEDADE E TRANSTORNOS EMOCIONAIS: VULNERABILIDADE EM INFORMAÇÃO

Considerando-se que a incapacidade de solucionar autonomamente os problemas seja o cerne da vulnerabilidade, pode-se inferir que, se não forem devida e previamente tratados, a ansiedade e os transtornos (incluindo aqueles relacionados à informação) têm grande possibilidade de se tornarem agentes de vulnerabilidade de estudantes.

O medo e a incerteza, características quase sempre marcantes em pessoas com o transtorno da ansiedade, parecem estar mais presentes no que nunca no cotidiano, um cotidiano cercado por processos cada vez mais velozes de compartilhamento e disseminação de informações que são praticamente incontroláveis aos olhos e mente humana (BALBINOTTI, 2020, p. 53).

O tema ainda carece de aprofundamento na literatura.

Entende-se por ansiedade informacional o conjunto de sentimentos que podem gerar prejuízos psicológicos – e até mesmo físicos – causados pelo excesso e/ou pela falta de informação no cotidiano do indivíduo. Fatores como as tecnologias que ajudam a disseminar informações e dados cada vez mais rapidamente e a necessidade de estarmos sempre informados e atualizados para que possamos tomar decisões adequadas, são condições determinantes para o crescimento desenfreado da ansiedade informacional. A ansiedade informacional é um assunto pouco abordado nas áreas da Ciência da Informação e da Psicologia. Normalmente, o assunto acaba sendo abordado de forma indireta (BALBINOTTI, 2020, p. 57).

Conforme o autor, há um lapso entre a expectativa das pessoas, aquilo que consideram necessário saber e o que efetivamente deveriam apreender (BALBINOTTI, 2020). É o que Vignoli (2001, p. 18) chama de “descompasso entre ativos e estrutura

de oportunidades”. Assim, os ativos seriam insuficientes, irrelevantes ou difíceis de tirar proveito da estrutura de oportunidades existente. Esta situação pode ser ainda mais nociva no caso de pessoas inexperientes e em fase de mudanças em sua vida.

Em situações de risco, afloram mecanismos – explícitos ou subjacentes – de defesa. Exemplos disso, conforme citado por Vignoli (2001), são as “tribos”, que resultam de tensões, contradições e angústias que oprimem a juventude, sendo, desta maneira, uma forma de expressão, uma fuga ou ainda uma resposta social e simbólica às excessivas racionalidade e individualidade contemporâneas.

No âmbito dos transtornos emocionais e da ansiedade de jovens e adolescentes figuram aqueles gerados pela impossibilidade de trabalhar com a informação num cenário de excesso de informação. Os reflexos dos aspectos emocionais no aprendizado e na capacidade de trabalhar com a informação são abordados por autores como Wurmam, para quem culpa e ansiedade são “as maiores ameaças ao aprendizado”. Para o autor, esses dois fatores que:

imobilizam o movimento da informação para a memória, para sua utilização e para a comunicação. Elas impedem você de se dedicar genuinamente ao seu interesse, que é o que lhe proporciona uma sensação de posse da informação e lhe permite usá-la e comunicá-la (WURMAM, 1991, p. 164).

A inteligência emocional, ou seja, a capacidade de gerenciar os aspectos emocionais, se configura em um relevante instrumento de gerenciamento de estresse, escrevem Jan e Anwar (2019). E, acrescentam, é particularmente importante na vida acadêmica de um estudante. Uma pessoa que domine a inteligência emocional pode ser mais autoconfiante em lidar com os desafios de viver e aprender. Assim, esses estudantes eliminam vícios como o da procrastinação e cultivam hábitos como os de resolução e de planejamento, adotam atitude positiva em relação à escola e à aprendizagem.

É possível concatenar transtornos psicossomáticos<sup>23</sup>, vulnerabilidade e a competência em informação. O pressuposto é que a informação, e por consequência a

---

<sup>23</sup> O psiquiatra alemão Johann Christian Heinroth foi, em 1818, o pioneiro no uso da expressão “psicossomática”. Ele estudava a possibilidade da influência de fatores psicológicos nas doenças do corpo, mais especificamente a insônia e os efeitos das paixões na tuberculose. Outros pesquisadores se dedicaram ao tema e apesar de divergências conceituais, de compreensão ou mesmo de lidar com os pacientes, alguns atributos comuns referidos pelos autores dão forma ao fenômeno. A psicossomática “se coloca na relação entre o psíquico e o somático, quando em decorrência de estresse psicossocial, o corpo experimenta sintomas e distúrbios que são influenciados pelo psiquismo, seja no surgimento, manutenção ou término destes”. Nos casos de

competência a ela associada, diz respeito a todos os campos da vida e pode respaldar o enfrentamento de dificuldades, problemas ou desafios. Para Vitorino (2018) essa aproximação conduz ao desenvolvimento conjunto das temáticas, identificando soluções a elas associadas.

Paiano *et al.* (2017) igualmente constata uma estreita relação entre vulnerabilidade e informação, seja quanto à qualidade, quanto ao acesso ou “pelas diferentes possibilidades de os indivíduos obterem informações, sua capacidade de metabolizá-las e ao poder de incorporá-las a mudanças práticas na vida cotidiana ou pela relação entre ambas” (PAIANO *et al.*, 2017, p. 84).

O mecanismo desta conexão entre informação, vulnerabilidade e os aspectos psicossomáticos é descrito por Garcia *et al.* (2017):

Compreendemos que, também por meio do desenvolvimento da competência em informação, é possível favorecer a compreensão e a consciência das pessoas sobre a disponibilidade dos recursos materiais e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade.

À medida que a pessoa competente em informação torna-se capaz de perceber o universo informacional e refletir sobre ele, a carência de informações sobre os bens e produtos cada vez mais complexos torna-se secundária, pois este sabe usar e usufruir das fontes de informação para si e para o coletivo. Cai por terra o ‘déficit informacional’, uma vez que por meio da dimensão técnica da competência em informação, a pessoa torna-se hábil em trafegar pela via da informação que não falta, que é abundante, mas também manipulada, controlada e, quando fornecida, desnecessária (GARCIA *et al.*, 2017, p. 118).

Da mesma forma, Souza (2019) demonstra várias possibilidades de utilizar elementos da competência em informação para superar reflexos negativos do excesso de informação, como a ansiedade de informação. Segundo a autora, entre as características da ansiedade de informação estão “medo, angústia, cansaço, pavor, excitação, ansiedade, irritação, estresse, repugnância, intrigado, confuso e oprimido” (SOUZA, 2019, p. 94).

A autora relata conclusões relevantes obtidas em pesquisas desenvolvidas por Blundell e Lambert (2014) e por Benselin e Ragsdell (2016), entre as quais a de que a maioria dos entrevistados revela sentir alguma forma de desconforto enquanto busca informação e de que não tem interesse em aprender a fazer pesquisas; a sobrecarga se revela mais frequentemente no local de trabalho; os jovens apresentam papel

---

manifestações corporais, a feição emocional fica bastante evidente, mesmo não haja uma lesão anatômica (CRUZ; PEREIRA JUNIOR, 2011, p. 57).

contrastante: sofrem mais com a sobrecarga e ao mesmo tempo são tidos como mais capacitados para a realização de pesquisas; além da ansiedade de informação, é preciso considerar o comportamento informacional, a motivação e disposição para a aprendizagem dos alunos; os profissionais mais familiarizados com elevado volume de informações – e-mails, tarefas, arquivos e informação, sentem menos a sobrecarga. As duas pesquisas arrematam que a competência em informação reduz a sensação de sobrecarga e que o tema deve ser tratado em mais pesquisas.

Conforme Souza, “a compreensão dos gatilhos de ansiedade de informação é relevante na criação de modelos de competência em informação” (SOUZA, 2019, p. 94). Assim, os modelos de competência em informação mais efetivos para a superação dos transtornos emocionais consideram:

- induzir reforços positivos (com apoio da Psicologia Comportamental);
- focar e buscar o reconhecimento dos sentimentos, inclusive a ansiedade de informação;
- compreender as consequências desses sentimentos;
- compreender os gatilhos da ansiedade de informação;
- reduzir a sensação de sobrecarga de informação;
- apoiar o correto uso das tecnologias da informação;
- refletir sobre a possibilidade de a pessoa ter um fundo ou estado ansioso;
- respeitar a complexidade do comportamento informacional;
- refletir as consequências a respeito da ansiedade de informação e
- ter a participação de bibliotecários no processo de criação dos modelos.

De maneira geral, os diversos autores constatam que sobrecarga de informação pode redundar em transtornos emocionais, como a ansiedade, e assim levar a um estado de vulnerabilidade em informação. E a competência em informação pode contribuir para a limitação ou reversão desse quadro.

#### **4.4.1 Aspectos informacionais dos estudantes de ensino médio e superior**

Na elaboração de seu Projeto Político-Pedagógico, o Centro Educacional do Lago Norte (CEDLAN, 2018) considera, entre os problemas a serem enfrentados, o baixo rendimento escolar dos estudantes em vulnerabilidade social, citando como exemplos de tal circunstância o abuso e violência sexual, a violência doméstica, alcoolismo, uso de drogas na família e a criminalidade.

Os exemplos citados podem ser considerados mais graves e extremos, no interior de uma realidade específica de um bairro localizado no Distrito Federal, mas podem ocorrer, igualmente, em inúmeras outras localidades do Brasil e do mundo. Eles não podem ser ignorados, tampouco podem ser genericamente transpostos para qualquer localidade em que vivam pessoas de baixa renda, pois nem todas as famílias de baixo poder aquisitivo enfrentam problemas com esta gravidade. Há, no entanto, um reconhecimento tácito de que, quando se propõem a avançar nos estudos, pessoas oriundas dessas famílias têm pela frente mais dificuldades, dentre as quais aquelas relativas ao capital cultural. Ítalo Weiner Martins de Oliveira (2019) e Soraia Santos de Oliveira (2017) abordam o tema a partir de pesquisas com estudantes universitários, um público de perfil muito próximo ao que será estudado na presente pesquisa, ou seja, pessoas que almejam ingressar na universidade e estão se preparando em cursos pré-vestibular popular, público e gratuito.

Embora considerado um momento especial uma grande conquista do estudante, ansiosamente aguardada pelos seus familiares, idealizada como experiência realizadora, o ingresso no ensino superior representa inúmeras rupturas e transformações. Diversos autores descrevem essa fase de transição, a partir de pesquisas que relatam.

Davis e Watson (2017) descrevem a experiência desenvolvida nos Estados Unidos, de capacitação de estudantes do “*high school*”, educação de nível secundário equivalente ao ensino médio brasileiro, para a transição ao ensino universitário. Na revisão de literatura, as autoras constataam que muitos estudantes chegam aos cursos universitários sem uma base sólida em competência em informação. As autoras constataam que docentes de cursos de nível superior se mostram insatisfeitos com as habilidades de pesquisa dos estudantes que concluem a formação secundária e ingressam na faculdade. A constatação é que, em grande número, esses estudantes estão mal preparados para realizar pesquisas em nível universitário. A percepção, recolhida em revisão de literatura, é de que eles não têm habilidades específicas de pesquisa, mas, conforme, observam, a deficiência mais relevante é a ausência de conhecimentos gerais. “Eles não sabem o que eles não sabem”<sup>24</sup> (DAVIS; WATSON, 2017, p. 30, tradução nossa). Desta forma, os estudantes apresentam dificuldades em articular questões de pesquisa, realizar pesquisa online, avaliar recursos de maneira

---

<sup>24</sup> They don't know what they don't know.

significativa e usar adequadamente as informações. Conforme Davis e Watson, ainda que algumas técnicas estejam sendo ensinadas nos níveis fundamental e médio da educação, os estudantes apresentam dificuldades de utilizar esse conhecimento ao ingressar no ensino superior. Em muitas situações, se identificada que há a falta de tempo suficiente para que estudantes de ensino médio aprofundem projetos de pesquisa.

A análise feita por Davis e Watson (2017) aborda uma prática adotada por universidades americanas de abrir inscrições para algumas disciplinas de seus cursos para estudantes do ensino secundário. Os estudantes fazem a inscrição, frequentam os cursos na universidade, simultaneamente aos estudos nas escolas do ensino médio, de forma presencial ou *on-line*. Os créditos são válidos para o curso superior e as taxas podem ser reduzidas. Segundo Davis e Watson, as universidades usam essa estratégia para apoiar os alunos na fase de transição entre o ensino médio e o ensino superior, além de elevar o desempenho acadêmico dos seus alunos, bem como aumentar a retenção de estudantes na universidade. As expectativas dos gestores do ensino secundário é aumentar o rigor dos seus cursos; já os pais e estudantes se entusiasmam com a possibilidade de uma educação universitária mais acessível.

Hughes, Cooper, Flirel *et al.* (2018) observam que, além de apresentarem origens variadas, os estudantes em início da vida universitária apresentam mudanças nos aspectos pessoal, social, de estilo de vida e enfrentam desafios acadêmicos, culturais e ambientais, emoções conflitantes, incertezas e desorientações. Estão, também, distantes de seus ambientes familiares (e acolhedores) e lhes falta familiaridade com os métodos e exigências do ensino superior e das áreas de domínio na qual ingressam. Ainda que os estudantes entrevistados nessa pesquisa estejam em fase que antecede a vida acadêmica, várias das mudanças podem ser percebidas ou são inerentes também aos concluintes do ensino médio ou aqueles que estão em cursos preparatórios ao vestibular.

Retomando a argumentação de Hughes, Cooper, Flirel *et al.* (2018), no âmbito da informação, eles apontam que com frequência esses estudantes não detêm conhecimentos aprofundados e limitam pesquisas a buscadores como o Google ou a serviços *wiki* (como a Wikipédia), o que poderia ser suficiente no ensino secundário, mas que se torna muito básico para as exigências do ensino superior

Na mesma linha, Gerrity (2018) ressalta que estudantes universitários de primeiro ano frequentemente estão mal preparados em termos de habilidades de busca

de informações necessárias ao sucesso na nova fase de suas vidas e ignoram as próprias dificuldades, ou seja, se consideram proficientes, mesmo que, na realidade, estejam longe desse estágio.

Oliveira (2019) cita um rol de transformações que ocorrem na vida de estudantes que estão na transição do ensino médio para o universitário. No campo pessoal, em especial naqueles que estão na faixa etária da adolescência e juventude, ocorrem mudanças na vida afetiva e nas condições de existência, como ter mais autonomia e menos proteção familiar. O autor salienta ainda a ruptura psicopedagógica, dada a mudança nas relações com os docentes e no modo de condução dos estudos. Os professores universitários são mais distantes e a forma de relação com o saber é diferente na universidade em relação aos níveis anteriores da educação.

Oliveira (2017, p. 45) aprofunda a análise sobre o capital cultural dos estudantes. O autor escreve que “ocorre também o conflito entre o novo mundo que ingressaram, ou seja, a universidade, e suas comunidades de origem, no que tange aos saberes e experiências de vida”. Integrante de uma comunidade e agora universitário, o estudante “vai pouco a pouco elaborando formas de lidar com esse conflito, para dar significado à experiência universitária sem esquecer suas origens”. Além da intelectual, ocorre transição de caráter social, dada a intensa marcação de espaço da elite da universidade.

Para ilustrar seu ponto de vista, a autora cita pesquisa com estudantes universitários de origem popular na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e trabalho sobre a construção da excelência escolar nas trajetórias de estudantes universitários das camadas médias intelectualizadas. Segundo Oliveira (2017), os dois estudos confirmaram a influência da origem social e da trajetória escolar na vida acadêmica, pois mostram que “a compreensão tanto do modo de ser da universidade, como também, do modo de ser do universitário, pode ser retardada pelo desconhecimento das rotinas acadêmicas, tanto para os estudantes como também para seus familiares” (OLIVEIRA, 2017, p. 46). A percepção é de que os universitários egressos de escolas particulares têm mais conhecimentos sobre a universidade e as regras acadêmicas.

As famílias que têm vivência, experiência ou, ainda, conhecimento a respeito da universidade, criam melhores condições para os estudos de seus filhos e cuidam para não os importunar, evitando, por exemplo, propor atividades que mudem o foco dos jovens. Durante seus horários de estudos, “são dispensados de ajudar nas tarefas domésticas, caso haja necessidade de sua participação, e os pais, ao perceberem que

eles estão ocupados, fazem o máximo para que o ambiente seja propício à sua atividade intelectual” (OLIVEIRA, 2017, p. 47). Não se trata apenas de apoio financeiro, o que também seria relevante, mas especialmente a criação de um ambiente e momentos propícios, orientações nos trabalhos acadêmicos e sobre o funcionamento da universidade e diálogos sobre as demandas de estudos, acesso aos materiais culturais e didáticos. Esses estudantes têm, em geral, bons históricos de desempenhos escolares, sem ou com menor número de reprovações, por exemplo, e um arcabouço cultural adquirido em viagens, atividades culturais, leituras, entre outras. Além disso, as famílias mais identificadas com o mundo universitário se preocupam e valorizam as credenciais acadêmicas adquiridas pelos filhos.

Diante da singularidade da condição de vida de cada estudante, as pesquisas revelam as desigualdades existentes nas trajetórias, quando levamos em consideração estudantes de classe popular e estudantes de camadas mais favorecidas socialmente. Apontam a relação e o incentivo da família em cada contexto, bem como norteiam a importância dos grupos e das relações sociais que são estabelecidas em seus variados aspectos pelos sujeitos. Ambos os estudos, deixam evidente a atenção que os trabalhos nessa área devem ter para com a multiplicidade de situações e a heterogeneidade, que envolvem cada sujeito. Capital cultural no estado incorporado está ligado a disposições duráveis do organismo, que pressupõe um trabalho de inculcação e a assimilação em que deve ser investido tempo e um cuidado do sujeito sobre si mesmo (OLIVEIRA, 2017, p. 48-49).

O capital cultural é adquirido de maneira inconsciente. Ele se apresenta também na forma de habilidades linguísticas, conhecimento, preferências, hábitos e comportamentos – em geral, associados à cultura dominante. Este aspecto é relevante, pois a cultura dominante também se expressa na universidade, por exemplo, no uso do vocabulário (OLIVEIRA, 2017).

A influência dos diversos grupos sociais é de extrema relevância para o bom desempenho escolar. Oliveira (2017) salienta que mesmo as famílias que não tenham pais ou outros familiares com cursos superiores, conseguem criar ambientes e condições favoráveis aos estudos dos seus filhos, valorizando sua educação e seu saber. Há uma influência motivacional com a transmissão desses valores. Oliveira (2017) constata que “existe uma correlação entre origem social e sucesso educacional”. Ela ressalta, entretanto, que “não é unicamente a origem social a causa do fracasso escolar, visto que estudantes com as mesmas condições de existência, vivendo as mesmas condições sociais nem sempre têm a mesma relação com o saber”. Disso resulta que “o sujeito não está predeterminado a viver o seu futuro condicionado à sua

condição sociocultural”, pois muitos estudantes conseguem romper com as condições preestabelecidas, fato que está associado ao desenvolvimento da resiliência a partir da autonomia na solução de problemas (OLIVEIRA, 2017, p. 53).

#### 4.4.2 Resiliência

A capacidade na tomada de decisão, que pode levar à superação da vulnerabilidade, está intimamente relacionada ao conceito de autonomia. No âmbito da medicina, por exemplo, um paciente poderá tomar uma decisão caso tenha capacidade de compreender o “termo de consentimento, fazer um julgamento sobre a informação à luz de seus próprios valores, visar um resultado determinado e comunicar livremente seu desejo àqueles que o tratam ou que procuram saber qual é a sua vontade”. A lei, a Medicina e a Filosofia presumem que as características das pessoas são as propriedades da pessoa autônoma. Embora tenham significados diferentes, autonomia e capacidade são definidas por critérios similares, o que sugere que a pessoa autônoma seja também uma pessoa capaz e vice-versa (CRUZ; PERINI; CAMPOS, 2016, p. 107).

Em estudo motivado a identificar na literatura científica nacional, fatores que fortaleçam a resiliência de adolescentes, Santos, Souza e Santana (2019) abordam a mesma temática relacionada à saúde mental de jovens, a partir de outros aspectos relacionados à competência em informação: a capacidade de comunicação interpessoal, a autoestima e a autonomia. A pesquisa considerou situações envolvendo adolescentes em contextos como família e gênero, sexualidade, violência, ações socioeducativas, desempenho escolar e vulnerabilidade social.

As autoras alertam para a necessidade da adequada compreensão do conceito de resiliência, qual seja a “habilidade, potencial ou capacidade do ser humano, família ou grupo social em superar as situações estressoras e adversas” (SANTOS; SOUZA; SANTANA, 2019, p. 3). Assim, a estratégia da pessoa resiliente é estabelecer estratégias psicológicas para enfrentamento das situações adversas, sem que estas se sobreponham. As pessoas, então, podem sair fortalecidas e transformadas pelas adversidades. Existem dois aspectos adicionais, alertados pelas autoras. O **primeiro** é que a superação das adversidades não representa necessariamente que a pessoa saia absolutamente ileso das situações estressantes. O **segundo** é que elas consideram inadequado (simplista e comprometedor) adotar “resiliência” como sinônimo de resignação, resistência ou adaptação (SANTOS; SOUZA; SANTANA, 2019).

Ainda sob a perspectiva de definição e compreensão da resiliência, Santos, Souza e Santana (2019) defendem que proteção (ou a autoproteção) não significa a eliminação pura e simples do risco ou dos fatores de vulnerabilidade, nem fazem com que o sujeito se torne “invulnerável”. O que ocorre é que a pessoa se encoraja a lidar e se fortalecer na situação de risco, a partir de um desenvolvimento sadio, como por exemplo, autocontrole, aptidão a relacionamentos, ainda que vivendo num ambiente desfavorável. Por isso, a resiliência “corresponde à habilidade para criar e utilizar estratégias que possibilitem a ressignificação das situações adversas encontradas na vida, favorecendo a superação e o fortalecimento por meio destas” (SANTOS; SOUZA; SANTANA, 2019, p. 5) Assim, a resiliência decorre “da interação entre a vulnerabilidade e a proteção, determinada por atributos individuais, familiares e sociais, num processo dinâmico, que deve ser desenvolvido e estimulado”. As autoras acrescentam que “não existe uma pessoa que é resiliente, mas, sim, a que está resiliente”. Assim, a resiliência pode ser permanentemente incrementada, aprendida e estimulada (SANTOS; SOUZA; SANTANA, 2019, p. 3).

É sob estas premissas que Santos, Souza e Santana (2019) realizaram uma revisão de literatura na qual identificaram trabalhos educativos em saúde de adolescentes e jovens, nos quais foram levantadas ações norteadoras relacionadas a fatores de proteção. As ações apresentam-se nos eixos temáticos de “Resolução de problemas”, “Valorização do sujeito” e “Habilidade de comunicação”. Os exemplos interessam ao presente trabalho de pesquisa pela associação que têm com o tema competência em informação.

A habilidade de comunicação é citada em um trabalho no qual o caminho para a resiliência foi o incentivo ao desenvolvimento da comunicação interpessoal, que é definida pelas autoras como “um alicerce para a formação de redes de troca social, mantendo e alterando a realidade social e cultural do adolescente” (SANTOS; SOUZA; SANTANA, 2019, p. 4). Essa habilidade, que tem reflexos no bem-estar e na autoestima, na qualidade das relações familiares e sociais, é um recurso individual do comportamento resiliente. Assim, diretamente pela capacidade de expressão ou de formação de redes de apoio, facilita a solução de problemas. Também permite que a pessoa perceba sua identidade como sujeito, com seus valores e limitações. A confiança em outras pessoas a respeito de sentimentos e a capacidade de estabelecer limites são descritas como formas de solucionar os problemas. Depreende-se que a

capacidade de identificar e usar a informação adequada é uma forma de fortalecer a comunicação interpessoal.

Santos, Souza e Santana (2019) descrevem dois programas educativos que trataram da comunicação e da expressão de sentimentos como forma de superação de vulnerabilidades reais ou potenciais. Um deles abordou a comunicação assertiva para redução de depressão, uso de drogas, gravidez precoce, suicídio, identificação e tratamento de emoções desagradáveis, tais como raiva, ansiedade e tristeza. A habilidade em comunicação também foi utilizada como forma de expressão dos sentimentos, sem magoar, e de solicitar apoio a pessoas de confiança. O segundo estudo promoveu discussões sobre situações geradoras dos sentimentos negativos, entre os quais a raiva, o medo, a ansiedade e a tristeza. Os jovens foram estimulados a adotar “estratégias saudáveis” de expressar os sentimentos positivamente.

O estímulo ao desenvolvimento da capacidade para resolver problemas é um fator de proteção que Santos, Souza e Santana (2019) recomendam ser incentivado. *Insigth*, compreensão do que é resiliência, adaptação a novas realidades, enfrentamento de adversidades, autonomia e realização de sonhos, desejos e projetos são alguns aspectos que integram essa abordagem. “O *insight* possibilita que o sujeito identifique o padrão de comportamento a que está submetido, ao mesmo tempo em que permite a compreensão do motivo pelo qual este comportamento acontece”, afirmam. Elas destacam que o *insight* é a percepção do problema como um problema, por isso favorece a “elaboração do sofrimento e da superação da adversidade” (SANTOS; SOUZA; SANTANA, 2019, p. 3).

Reconhecer o problema como tal, depende de um aprendizado e de informações. A capacidade de solucionar os problemas gera a autonomia, e esta exige que a pessoa tenha a capacidade de identificar, selecionar e utilizar informação precisa e de maneira adequada para o objetivo posto.

Assim, conforme Santos, Souza e Santana (2019, p. 3-4), “a realidade social, política, econômica e cultural em que o adolescente está inserido interfere na maneira como as famílias vão incentivar ou dificultar o desenvolvimento da autonomia”. Contextos sociais ou familiares desfavoráveis podem gerar incapacidade e insucesso.

Associadas às habilidades de comunicação interpessoal e à capacidade de resolução de problema, surgem a confiança e a autoestima, que, igualmente, apresentam forte ligação com a competência em informação. A pessoa que detiver a melhor informação ou souber buscá-la e interpretá-la, será mais confiante. “A

autoestima é um aspecto que afeta a participação e a integração positiva de um adolescente com outros (no grupo), em um projeto. Adolescentes com menor autoestima apresentam maior dificuldade para integração grupal”. Além disso, uma forma recomendada pelas autoras para estimular a resiliência, é potencializar as habilidades baseadas nos talentos individuais, o que levaria os jovens a se sentirem mais valorizados por executarem as atividades que lhes sejam fáceis (SANTOS; SOUZA; SANTANA, 2019, p. 4).

Da mesma forma, Souza e Vitorino (2018) entendem que

restringir interesses e fontes de informação, questionar a relevância das informações, saber que há subjetividade nas notícias e saber organizar a informação por meio de guias, por exemplo, são habilidades que podem servir ao desenvolvimento da competência em informação por meio de programas específicos de acordo com as necessidades informacionais das pessoas que sofrem devido à ansiedade de informação (SOUZA; VITORINO, 2018, p. 2061).

Independentemente do desenvolvimento da capacidade individual ou de grupos de superação das vulnerabilidades, é necessário que a sociedade, por meio de suas organizações e do setor público, crie as condições para minimizar os fatores que geram as fragilidades. Tratando de bioética, mas numa abordagem que transcende para outras áreas, Erhardt e Perini (2016) defendem que haja respeito e incentivo à liberdade de tomada de decisão, além de princípios de solidariedade, justiça, equidade e responsabilidade, entre outros. A defesa dos mais frágeis deve ser a prioridade da ética que defenda a dignidade de todos.

Neste caso, é necessário o resgate do princípio aristotélico de que a “igualdade só se mostra possível diante de uma sociedade que embora diversa como a natureza também é, trate cada desigual com desigualdade com o intuito de construir entre eles a equiparação” (MAÇALAI; STRÜCKER, 2018, p. 684). Isso porque a aparente igualdade dissimula a real desigualdade. Conforme Oliveira (2017), a igualdade equitativa é o caminho para reparar as distorções da igualdade formal de oportunidades. A autora argumenta que

Se a condição vivenciada pelo outro é posta em seus esforços individuais negligenciam-se os fatores históricos, sociais, como também os meios para a promoção da igualdade social. Na ordem da competitividade e do individualismo, é promovido o pensamento da igualdade, em que todos têm as mesmas possibilidades de alcance de determinados objetivos, sem considerar que as desigualdades sociais e as condições de vida não os permitem caminhar em pé de igualdade (OLIVEIRA, 2017, p. 54).

Assim, não basta, por exemplo, permitir que todos se candidatem a uma vaga de emprego ou estudo, se as chances preestabelecidas dos candidatos sejam diferentes em virtude de acesso a diferentes recursos que tiveram em sua formação.

Ao analisar os fundamentos éticos e jurídicos de proteção dos vulneráveis no novo direito privado, de inspiração pós-moderna e que no Brasil se configura a partir da Constituição Federal de 1988, Marques e Miragem (2012) observam que a premissa passa a ser a de tratar desigualmente os desiguais, o que caracteriza uma mudança nos preceitos jurídicos. A igualdade perante a lei se transforma em igualdade de chances e de resultados, como forma de garantir o tratamento protetivo aos mais fracos. O princípio da igualdade de direitos dá lugar ao princípio da equidade, preconizado por Aristóteles. Esta mudança de enfoque reflete uma transformação comportamental da sociedade. Um exemplo prático da mudança é que havia, antes, tendência à segregação – pessoas com deficiência frequentavam escolas especiais e agora são matriculadas em escolas convencionais. A proteção demanda a necessidade de distinguir, reconhecendo a fraqueza. Assim, a vulnerabilidade é parte constituinte da identidade.

Segundo os autores, essa mudança de paradigma se evidencia também em outros países.

Os recentes estudos europeus sobre vulnerabilidade propõem a distinção conceitual em relação ao conceito de igualdade ou desigualdade entre sujeitos. Isso porque o paradigma de igualdade parte de uma visão macro, do homem e da sociedade, noção mais objetiva e consolidada, onde a desigualdade se aprecia sempre pela comparação de situações e pessoas, de acordo com a máxima aristotélica: tratar igualmente aos iguais, e desigualmente aos desiguais, na medida da sua desigualdade, para alcançar o justo. Já a vulnerabilidade é filha deste princípio, mas noção flexível e não consolidada, com os traços de subjetividade que a caracterizam: a vulnerabilidade não necessita sempre de uma comparação entre situações e sujeitos (MARQUES; MIRAGEM, 2012, p. 116-117).

Como um estado, inerente ao risco, permanente ou provisório, a vulnerabilidade fragiliza e enfraquece a pessoa no acesso aos seus direitos. Assim, ela não é o fundamento das regras protecionistas, mas a explicação, a justificativa de tais regras (MARQUES; MIRAGEM, 2012).

#### 4.4.3 Vulnerabilidade em informação

Vitorino (2018) identifica que um dos fatores que promovem a vulnerabilidade de pessoas e grupos é a incapacidade de interagir com a informação. Neste sentido, a autora afirma que a competência em informação pode ajudar a superar ou extinguir a vulnerabilidade. Os pressupostos que fundamentam essa percepção são os de que:

1. a vulnerabilidade consiste na incapacidade da pessoa ou grupo buscar por si mesmo a solução para sua fragilidade, ou seja, a vulnerabilidade não é o problema em si, mas a incapacidade de sua solução;
2. a vulnerabilidade social é a incapacidade de pessoas ou grupos exercerem seus direitos, o compromete sua cidadania, suas oportunidades;
3. a informação é um dos caminhos para a solução dos problemas e superação de fragilidades;
4. a informação pode não se tornar instrumental se não existir total ou parcialmente (o vulnerável não ter acesso a ela) ou mesmo se existir em quantidade tão exagerada, que seu uso se torne impeditivo;
5. a competência em informação eliminará este entrave, abrindo o caminho para a superação da vulnerabilidade.

Para melhor compreensão destes fatores, é conveniente retomar o entendimento de Vitorino (2018), que considera a competência em informação um processo que exige internalização de conceitos, atitudes e valores, apoiando-se equilibradamente nas quatro dimensões – técnica, estética, ética e política que são elementos de conexão entre competência em informação, conforme o Quadro 7.

**Quadro 7: Conexões entre competência em informação e vulnerabilidade**

<b>Competência em informação</b>	<b>Vulnerabilidade</b>	<b>Elementos de conexão</b>
Consiste num processo.	Processos políticos, econômicos, culturais e psicológicos que podem provocar enfermidades. O viver humano.	Processo Dimensão política.
Depende da internalização de fundamentos conceituais e atitudinais, valores e de habilidades.	Sensibilidade e capacidade de adaptação/adequação/resposta à mudança.	Resiliência. Dimensão estética.
Desenvolvimento de habilidades necessárias à compreensão do universo informacional.	Carência de condições cognitivas de acesso à informação e recursos apresenta-se na sustentabilidade.	Acesso à informação. Dimensão técnica.
Propicia o aprendizado (sanar dúvidas, lacunas, problemas e atender necessidades e oportunidades de informação).	Apresenta-se na susceptibilidade/exposição das pessoas há problemas e Danos/risco.	Necessidades de informação.
A dimensão ética se configura na base fundante desse processo.	A dimensão ética se apresenta na proteção e defesa dos grupos vulneráveis. Pode ser analisada sob o ponto de vista do contexto ou da existência humana, e nesta, como uma exigência ética.	Dimensão ética como base do processo.

Fonte: Vitorino (2018, p. 82).

Vitorino (2018) encerra seu artigo com a proposição de um conceito para vulnerabilidade em informação:

Na possibilidade de proposição de um conceito para ‘vulnerabilidade em informação’, mas sem pretender esgotar o tema, pois estamos cientes da necessidade de novos aprofundamentos resultantes do alcance dos demais objetivos da pesquisa em andamento, nos arriscamos a propor um sentido à nova temática: a vulnerabilidade em informação é um estado de susceptibilidade a danos causados às pessoas por excesso de exposição à informação ou falta de acesso à informação e a tensões associadas a esse fenômeno na sociedade, devido à ausência de resiliência no que concerne o desenvolvimento das dimensões técnica, estética, ética e política da competência em informação (VITORINO, 2018, p. 82).

A Figura 3 sintetiza o contexto da vulnerabilidade em informação.

**Figura 3: Vulnerabilidade em informação**



Fonte: Elaborada pela autora (2019), a partir de Vitorino (2018); Garcia *et al.* (2017).

A situação de vulnerabilidade e a incapacidade de superar fragilidades levam à comprometimento da cidadania, ainda que implicitamente. A informação pode ser o vetor de reversão dessa condição. Para isso, é necessário que a competência em informação se dê a partir das suas dimensões técnica, estética, política e ética, que são elementos de conexão. Desta forma, a informação emancipa a pessoa e ajuda a construir a cidadania.

No entendimento de Vitorino (2018), o pilar mais consistente da competência em informação está na educação para a informação. Isso, porque

As pessoas que se desenvolvem e passam de dada condição de vulnerabilidade social, alcançam um patamar elevado na sociedade – se ‘inserir’ efetivamente nesta – pois poderão usufruir da cidadania e contribuir de maneira efetiva para uma vida mais feliz (VITORINO, 2018, p. 83).

Desse modo, a vulnerabilidade em informação, como resultado das tensões decorrentes do excesso ou falta de acesso, somente pode ser superada se as pessoas forem educadas a subjugar tais tensões, administrando a sobrecarga e buscando suprir a ausência. Vitorino (2018) recomenda ainda a realização de pesquisas acadêmicas que ajudem a compreender este fenômeno e apontem soluções. A autora destaca que instituições sociais têm um papel determinante. Entretanto, observa que “políticas e estratégias que reduzem a vulnerabilidade e promovem a resiliência mudam o *status quo*, e muitas instituições frequentemente são resistentes a esse fato” (VITORINO, 2018, p. 83).

A pandemia da Covid-19, que exigiu mudanças substanciais na execução desta pesquisa, se configurou também em eloquente exemplo de como a vulnerabilidade em informação pode surgir com força em meio a situações de crise. Juntamente com a doença, houve uma disseminação de desinformação ou de informações desconstruídas – além de um necessário debate acerca deste fenômeno. Conforme se constata nos resultados desta pesquisa, entrevistados confirmam que a desinformação os vulnerabiliza, pois ficam sem saber em quem acreditar. A pandemia coincidiu também com um momento de elevada polarização política e de tentativas, de alguns segmentos, de desacreditar a ciência. “Segundo a OMS, a desinformação ameaça o enfrentamento ao novo coronavírus já que tem sido usada como instrumento para proliferar *fake news* com interesses políticos governamentais que podem trazer grandes consequências para a humanidade” (SPUDEIT *et al.* 2020, p. 352).

Os autores relatam iniciativa do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Competência em Informação (GPCIn) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), de criação do Observatório Covid-19, cujo objetivo é “contribuir com a minimização da vulnerabilidade em informação, no que se refere ao excesso e à falta de informação, mas também à desinformação e à ansiedade de informação” (SPUDEIT *et al.* 2020, p. 352).

O entendimento do grupo é de que competência em informação é a forma de resiliência em informação.

Defende-se [...] que desenvolver a competência em informação nas pessoas é tarefa de quaisquer profissões e que, para os profissionais da informação, torna-se uma missão e, ainda, uma premissa básica para impedir a propagação da desinformação em uma sociedade, assim como, contribui para a construção de uma sociedade livre, democrática e com maior formação crítica acerca dos problemas sociais, entre eles, aponta-se a cura da COVID-19 alertada como causa de uma perigosa epidemia de desinformação conforme Organização Mundial da Saúde (OMS). [...] Além de ajudar a combater a desinformação, sabemos que a competência em informação é um instrumento que também interfere na qualidade de vida, saúde e bem-estar das pessoas, e é por essa razão que nossa missão social se torna ainda mais relevante nesse cenário (SPUDEIT *et al.* 2020, p. 352).

As consequências da pandemia no que tange à vulnerabilidade em informação se enquadram em análise de Vitorino (2018):

[...] para o conceito de vulnerabilidade, os principais parâmetros usados são o estresse a que um sistema está exposto, a sua sensibilidade e a sua capacidade de adaptação/adequação à mudança [...] como resiliência. Assim, a pesquisa de vulnerabilidades e a pesquisa em resiliência têm elementos comuns: os choques e tensões experimentadas pelo sistema socioecológico, a resposta do sistema e a capacidade de ação/resposta. [...] Brombacher (2011) considerou que no século XXI grandes riscos não são mais possíveis de serem dominados, o que torna os sistemas muito mais vulneráveis (VITORINO, 2018, p. 77).

Como será visto adiante, as entrevistas corroboram com esta visão de Vitorino (2018). A informação, se correta e verídica, contribui para construir a capacidade de adequação e adaptação à mudança. Esta é a conexão, citada por diversos autores, entre a vulnerabilidade e a competência em informação.

A exploração da vulnerabilidade e da informação por meio do viés da competência em informação se dá pelo fato de o movimento da competência em informação representar a relação que as pessoas estabelecem com a informação para o alcance da cidadania, da qualidade de vida e do desenvolvimento social – inclusive para a minimização da condição de vulnerabilidade para aqueles que, de alguma forma, possuem dificuldades para serem cidadãos (GARCIA *et al.*, 2017, p. 104).

As autoras complementam que a vulnerabilidade em informação “consiste no déficit informacional e no risco que a pessoa sofre à medida que não faz maiores reflexões sobre a utilização ou não dos dados, produtos e serviços aos quais têm acesso” (GARCIA *et al.*, 2017, p. 118).

Para Paiano *et al.* (2017, p. 97), “a vulnerabilidade está presente no contexto da competência em informação na perspectiva do ambiente informacional desenfreado e controverso”. As autoras têm visão de que “vulnerável é [...] o usuário que não sabe lidar com a quantidade de informação disponível, que não tem capacidade de reconhecer informação de qualidade e aquele que não tem compreensão da importância da informação”. Assim, a vulnerabilidade em informação decorre da “fragilidade e susceptibilidade” advinda da insuficiência em informação (PAIANO *et al.*, 2017, p. 97).

Na mesma linha, Leal *et al.* (2017) se manifestam afirmando que “a vulnerabilidade em informação está diretamente ligada a pessoas socioeconomicamente desfavorecidas”. Conforme as autoras, sem apoio governamental, as pessoas vulneráveis, “em sua maioria habitam áreas de risco, sem acesso à saúde educação e com escolaridade baixa”. E ela ressalta que o acesso à informação dificultado ou impossibilitado é fator de vulnerabilidade em informação, o que inclui pessoas com deficiências visuais, auditivas, e físicas, pessoas com dificuldades cognitivas, idosos ou doentes. “Para esses sujeitos, a informação não é democrática, pois é distribuída de forma desigual”. Mesmo quem tem acesso à informação está propenso à vulnerabilidade em informação, tem em vista “que atualmente as informações estão cada vez mais diversificadas e disseminadas facilmente por meio da tecnologia de informação e saber selecionar e decodificar um dado é algo cada dia mais exigido da sociedade em rede” (LEAL *et al.*, 2017, p. 73-74).

Constata-se, portanto, após a revisão de literatura, que o ponto central da vulnerabilidade não é o problema e, sim, a incapacidade de uma pessoa ou grupo agir de maneira autônoma para solucioná-lo. Em paralelo, identificamos que a competência em informação proporciona o aprendizado contínuo e a autonomia da pessoa em relação a trabalhar com a informação. Desta forma, pode-se sintetizar que a competência em informação se configura em uma forma de resiliência.

#### **4.4.4 Reflexos da Pandemia da Covid-19 no cenário informacional**

As reflexões relacionadas à sobrecarga de informação e aspectos de vulnerabilidade em informação ganharam relevância com o avanço das TIC e o surgimento de redes sociais que ampliam as possibilidades de qualquer pessoa publicarem informações. O acirramento dos debates políticos em todo o mundo e,

especialmente o surgimento da Pandemia provocada pelo novo coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave (Severe Acute Respiratory Syndrome – SARS-CoV-2) impulsionaram a disseminação de informações incorretas ou inadequadas. “Na medida em que o fluxo informacional se intensificou, cresceu também o volume de informações falsas e/ou ludibriosas, as chamadas *fake news*, que, em incontáveis casos, objetivam propagar uma desordem informacional” (FERREIRA; LIMA; SOUZA, 2021, p. 32). Entre os diversos tipos de conteúdo que podem ser considerados “problemáticos” citados pelos autores estão os enganosos, falsos, impostores, manipulado e fabricado, além das paródias ou sátiras.

Ferreira, Lima e Souza (2021) salientam que as situações caóticas instigam ainda mais a disseminação de notícias falsas.

[...] o período pandêmico causado pela COVID-19 tem-se demonstrado propício para a geração e disseminação de *fake news*, intensificadas com o desenvolvimento das TDCIs, mais especificamente das mídias sociais, contribuindo, assim, para o caos informacional e a desordem social (FERREIRA; LIMA; SOUZA, 2021, p. 33).

Os problemas informacionais decorrentes da situação são desordem, desinformação, informação incorreta ou má informação, cujos autores podem ou não ter a intenção deliberada de prejudicar ou enganar. Também pode ocorrer a disseminação de informações verdadeiras em contextos deturpados. Os resultados podem ser diversos, desde a construção de um conhecimento equivocado até a tomada de decisões equivocadas. A pandemia traz exemplos de conhecimento equivocado – o vírus foi fabricado em laboratórios chineses – e decisões inadequadas – tratamentos ou medicamentos ineficazes ou mesmo nocivos à saúde. No caso da pandemia, a disseminação de *fake news* ganhou similaridade à própria propagação do vírus, gerando o termo “Infodemia” (FERREIRA; LIMA; SOUZA, 2021).

Para Ribeiro e Martinuzzo (2021, p. 4) “no caso específico da Covid-19, ‘infodemia’ pode ser considerada como uma ‘enfermidade’ informacional, posto que constituída de conteúdo de desinformação e mentira, que alcança um número gigantesco de receptores”. Esses receptores disseminam as informações falsas em suas redes sociais digitais ou outros canais de comunicação de possuem abertos.

Em linhas gerais, pode-se concluir que ‘infodemia’ tende mesmo a conceituar um fenômeno social de vertigem informacional constituída de narrativas diversas acerca de fatos verdadeiros e falsos, textos com informações precisas e imprecisas sobre eventos da vida real, registrada forma de

pervasiva, com veloz disseminação e alta capacidade de emissão/atualização. Para a OMS, infodemia é a 'quantidade excessiva de informações sobre um problema, o que dificulta a identificação de uma solução', podendo 'espalhar informação falsa, desinformação e rumores durante uma emergência de saúde'. 'Infodemias podem dificultar uma resposta eficaz de saúde pública e criar confusão e desconfiança entre as pessoas', avalia a Organização Mundial de Saúde (RIBEIRO; MARTINUZZO, 2021, p. 4).

Por serem igualmente prejudiciais à sociedade, se faz necessário combater tanto o vírus quanto as informações que falsas ou deturpadas. "É preciso também preparar a sociedade para lidar com esse tipo de informação. Contudo, identificar notícias falsas exige uma mínima capacidade crítica do sujeito" (FERREIRA; LIMA; SOUZA, 2021, p. 42).

De acordo com Vilhena (2020, p. 12), nas circunstâncias atuais, a "informação segura e confiável é crucial para que os indivíduos compreendam a real situação que a pandemia está causando no mundo". Desta forma, ainda na visão da autora, a informação deve provocar reflexão sobre "cuidados básicos de saúde consigo e para com o outro, a solidariedade mútua e o respeito a todos" (VILHENA, 2020, p. 12).

Vilhena (2020, p. 21) tem uma compreensão semelhante, ao defender que o cidadão tem o direito de exigir dos governos, além das medidas sanitárias de proteção da coletividade, uma "uma única e condizente postura informacional" – e não apenas em relação à Covid-19, mas também em relação a outras doenças que elevada ocorrência. A autora salienta a "informações verdadeira, oficiais e assertivas durante todo o processo de vivência da pandemia" (VILHENA, 2020, p. 21).

As cobranças e exigências para que governos prestem informações verdadeiras e exigência por partirá de uma sociedade mais bem informada, o que, no entendimento de Vilhena (2020) começa pelo desenvolvimento da educação e pelo aprimoramento das relações sociais. Estas são condições essenciais para a existência de um cidadão bem informado.

Um sujeito capaz de buscar e usar informação verídica e não tendenciosa, bem como avaliá-la, para só então perceber se compartilha ou descarta tal informação. Em outros termos, informação com relevância, principalmente as informações veiculadas nos mais variados meios de comunicação, enfatizando o uso desse insumo, de forma mais ostensiva, franca e responsável no combate ao Novo Coronavírus (VILHENA, 2020, p. 17).

## 5 ASPECTOS METODOLÓGICOS E REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A inteligência e, por conseguinte, o conhecimento e a ciência se configuram na compreensão da realidade, a partir de estruturas construídas que a simbolizam (PIAGET, 1985). Desde o seu nascimento, o ser humano tenta compreender a realidade ou, nas palavras de Gil (2012, p. 1), “conhecer o mundo que o rodeia”, e o faz por diversos meios: pela observação; por intermédio de crenças religiosas; por meio da arte e cultura; seguindo ensinamentos ou visões de mundo dadas por pais, professores e lideranças (políticos, formadores de opinião). Como afirma Schutz (2012, p. 109), “apenas uma parte do meu conhecimento sobre o mundo tem origem em minha própria experiência pessoal. A maior parte é socialmente derivada, chega a mim pelos meus amigos, meus pais, meus professores e pelos professores de meus professores”.

Essas formas de construção do conhecimento, entretanto, não satisfazem plenamente o ser humano, tanto sob o ponto de vista do aprofundamento, de chegar mais próximo à essência da realidade, ao cerne da natureza dos objetos e das pessoas, quanto sob a ótica de ter mais certezas em relação àquilo que sabe. Neste sentido, a ciência, palavra que etimologicamente significa conhecimento, supre uma necessidade humana por um saber mais aprofundado. “Ao longo de séculos, [o ser humano] vem desenvolvendo sistemas mais ou menos elaborados que permitem conhecer a natureza das coisas e o comportamento das pessoas” (GIL, 2012, p. 1). A inquietude humana para ampliar sua compreensão do mundo, consciência, pensamento ou razão, se intensificou nos últimos séculos. Já “a descoberta é o alvo da ciência desde o início da Renascença” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 15). Os autores podem apresentar pequenas divergências em aspectos como as datas, mas convergem quanto à verificação do fenômeno. Morin (2010, p. 15) afirma que “há três séculos, o conhecimento científico não faz mais do que provar suas virtudes de verificação e de descoberta em relação a todos os outros modos de conhecimento”.

A ciência possui uma aura da busca incessante da verdade e da essência do real. Morin (2010) constata que “é o conhecimento vivo que conduz a grande aventura da descoberta do universo, da vida, do homem” (MORIN, 2010, p. 15), permitindo precisão extrema. Além disso, o autor ressalta que o “conhecimento científico é certo, na medida em que se baseia em dados verificados e está apto a fornecer previsões concretas” (MORIN, 2010, p. 23). O autor, entretanto, apresenta ressalvas quanto à plenitude da ciência. “O progresso das certezas científicas [...] não caminha na direção

de uma grande certeza” (MORIN, 2010, p. 23), de maneira que a complexidade do conhecimento científico impede que se construa uma grande verdade, o conhecimento pleno, tanto pela impossibilidade material de conhecimento do universo, quanto pelo fato de que o enriquecimento do saber humano “desemboca no mistério de sua origem, seu ser, seu futuro” (MORIN, 2010, p. 23).

A verificação dos dados, à qual Morin (2010) se refere, advém do método, procedimento que parametriza a pesquisa, ou seja, lhe dá a consistência de melhor representar o real. Desta forma, conforme a concepção de Booth, Colomb e Willians (2005), a pesquisa tem papel central na obtenção do conhecimento:

a pesquisa ajudará a compreender o assunto estudado de um modo melhor do que qualquer outro tipo de trabalho. A longo prazo, as técnicas de pesquisa e redação, uma vez assimiladas, capacitarão o pesquisador a trabalhar por conta própria mais tarde, pois, afinal, coletar informações, organizá-las de modo coerente e apresentá-las de maneira confiável e convincente são habilidades indispensáveis, numa época apropriadamente chamada de ‘Era da Informação’ (BOOTH; COLOMB; WILLIANS, 2005, p. 3).

O entusiasmo dos autores a respeito das possibilidades do conhecimento e da pesquisa científica pode ser considerado justo, mas é necessário que haja moderação, dados os seus limites. Assim como Morin (2010) observou limitações à capacidade da ciência, Fachin (2009) pondera que não é apropriado que se atribua verdade absoluta ao resultado de uma pesquisa, tendo em vista a renovação constante das descobertas, dada a existência de aspectos apreciativos e analíticos em qualquer análise sobre determinado objeto. Por outro lado, a pesquisa se justifica e se faz necessária na percepção de um problema e na necessidade de se encontrar possíveis soluções ou, ao menos, soluções provisórias para os questionamentos.

## 5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Tais pressupostos denotam a importância de se adotar os métodos mais adequados para que a pesquisa alcance resultados efetivos. Desta forma, para a realização da presente pesquisa, foram adotados metodologias e procedimentos que conduzissem à identificação da realidade da sobrecarga de informação e de que maneira ela afeta estudantes de cursos pré-vestibular populares, públicos e gratuitos da Grande Florianópolis.

Como integrante da Ciência da Informação, esta pesquisa se insere no campo das Ciências Sociais Aplicadas, em suas vertentes interpretativa e microsociológica, caracterizando-se também como pesquisa social. De acordo com categorização formulada por Creswell (2010), ela é classificada como sendo de concepção construtivista social, uma linha filosófica frequentemente associada ao interpretativismo, e de inspiração na metodologia fenomenológica<sup>25</sup>, sendo, portanto, de abordagem qualitativa. Foi realizada nas modalidades de pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas com participantes determinados pela metodologia de amostra intencional, selecionados entre os estudantes dos cursos citados. O intuito foi identificar fatores relacionados à competência em informação, sobrecarga de informação, vulnerabilidade em informação e aspectos correlatos. As entrevistas foram realizadas com auxílio de formulário semiestruturado, caracterizando-se como exploratória, descritiva e analítica, reforçando a natureza qualitativa de análise. A pesquisa bibliográfica foi realizada em bibliotecas e em bases de dados científicas, visando identificar fundamentos e conceitos para dar sustentação teórica ao trabalho. As informações relativas aos pré-vestibulares que congregam os alunos participantes das entrevistas foram levantadas por meio de pesquisa documental, realizada no *site* das organizações.

A seguir, serão apresentados os parâmetros que caracterizam esta pesquisa.

A condição de pesquisa social se define com base em afirmativa de Groulx (2012, p. 95) de que esta modalidade representa “pesquisas voltadas para o estudo dos problemas sociais e das práticas profissionais e institucionais para resolver esses problemas”. Ainda segundo o autor, esse tipo de pesquisa não se limita a encontrar as soluções para as referidas adversidades. Sua pretensão é também de reconhecer e identificar os problemas sociais e suas causas.

Para Fachin (2009, p. 139), na pesquisa social “o investigador adquire conhecimentos por meio da investigação de uma realidade e da busca de novas verdades sobre o fato (objeto, problema)”.

Na perspectiva construtivista social (ou interpretativismo), as pessoas desenvolvem significados subjetivos de suas experiências, incluindo aspectos sociais (contextos de vida, trabalho), culturais e históricos, que surgem da interação com outras

---

<sup>25</sup> Esta pesquisa foi inspirada na Fenomenologia, ou seja, utilizou-se alguns aspectos desta metodologia na coleta e análise dos dados, tendo em vista que a utilização da metodologia de maneira completa, demandaria aspectos complexos e exaustivos, não contemplados nesta pesquisa.

pessoas. A pesquisa, então, se propõe a buscar as visões que os participantes têm da situação em estudo, de maneira que o pesquisador procure identificar “a complexidade dos pontos de vista em vez de estreitá-los em algumas categorias” (CRESWELL, 2010, p. 31). Portanto, quanto mais aberto for o instrumento de coleta de dados, melhor será a compreensão dos fenômenos, ainda que isso torne a ponderação dos resultados mais trabalhosa e difícil. Creswell (2010, p. 31) indica que “a intenção do pesquisador é extrair sentido dos (ou interpretar) significados que os outros atribuem ao mundo”. Assim, complementa, “em vez de começar com uma teoria (como no pós-positivismo), os investigadores geram ou indutivamente desenvolvem uma teoria ou padrão de significado” a partir da realidade dos participantes da pesquisa (CRESWELL, 2010, p. 31).

Conforme o autor descreve,

Os seres humanos se engajam em seu mundo e extraem sentido dele baseados em suas perspectivas históricas e sociais, pois todos nós nascemos em um mundo de significado que nos é conferido por nossa cultura. Assim, os pesquisadores qualitativos procuram entender o contexto ou cenário dos participantes, visando tal contexto e reunindo informações pessoalmente. Também interpretam o que encontram, uma interpretação moldada pelas próprias experiências e origens do pesquisador (CRESWELL, 2010, p. 31-32).

A ideia de que as pessoas procuram continuamente compreender o mundo é um pressuposto essencial do construtivismo social.

A pesquisa de campo é uma forma de coleta de dados a respeito de problemas em seu contexto natural ou uma investigação empírica (que pode valer-se ou não de entrevistas, questionários ou testes). É realizada no local de ocorrência do fenômeno ou que possui elementos que o explique, buscando registro de variáveis relevantes para as análises posteriores. Também é considerado o recorte teórico correspondente ao objeto pesquisado. A pesquisa social de campo exige maior contato do pesquisador com a população pesquisada, com o intuito de identificar a ocorrência de fenômenos que tenham influência sobre ela (CAVALCANTI, 2010; FACHIN, 2009; MARTINS JÚNIOR, 2008; MINAYO, 2009b; RUIZ, 2014; VERGARA, 2000).

No que diz respeito à pesquisa exploratória, Braga (2007) afirma que ela tem

o objetivo de reunir dados, informações, padrões, ideias ou hipóteses sobre um problema ou questão de pesquisa com pouco ou nenhum estudo anterior. Não costuma produzir resultados muito conclusivos ou respostas para determinado problema. As metodologias consideradas mais adequadas à

pesquisa exploratória são o estudo de caso, a observação e a análise histórica, além de levantamento em fontes secundárias, como informações bibliográficas e documentais. Os métodos para coleta de dados mais utilizados costumam ser entrevistas, pesquisas-piloto, os grupos focais e outros (BRAGA, 2007, p. 25).

Na percepção de Martins Júnior, a pesquisa exploratória é adequada para situações em que o tema escolhido não apresenta fontes de referência ou hipóteses suficientes e consistentes para servir de ponto de partida. “Serve então para a formulação de um problema para investigações mais exatas ou para a criação de hipóteses” (MARTINS JÚNIOR, 2008, p. 73).

Da mesma forma, a pesquisa tem o caráter analítico e descritivo devido à finalidade de descrever variáveis, observando, registrando, classificando e interpretando suas características (CAVALCANTI, 2010; MARTINS JÚNIOR, 2008). Adicionalmente, Braga salienta que a pesquisa analítica, que ele também denomina casual ou explanatória, tem o propósito de descrever as características e analisar e explicar o motivo ou razão de os fatos ou fenômenos estarem acontecendo. Neste caso, a entrevista se consolida como um dos métodos mais eficientes para o alcance das finalidades propostas (BRAGA, 2007, p. 25-26).

A pesquisa analítica tem ênfase na análise qualitativa, cujo escopo abrange, prioritariamente, “valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fenômenos” (BRAGA, 2007, p. 28).

Pelo seu elevado grau de subjetividade, o tipo de assunto em análise não permite resultados objetivos ou a identificação de padrões em uma única pesquisa. Nesse sentido, Groulx (2012, p. 95) salienta que a pesquisa qualitativa remete “a um espaço de práticas relativamente diversificadas e múltiplas”. Para o autor, tanto a pesquisa qualitativa, quanto a pesquisa social tiveram que superar uma espécie de preconceito, pois sua legitimidade era questionada no meio científico.

A contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social só se tornou possível, ao que parece, devido a transformações que atingiram uma e outra. Deve-se dizer que, por muito tempo, elas constituíram práticas relegadas aos seus campos respectivos. Cada qual era definida como auxiliar ou marginal, inserindo-se em relações geralmente conflitantes com outras práticas consideradas como dominantes e mais legítimas; é assim que a pesquisa qualitativa se opunha à pesquisa quantitativa e, por sua vez, a pesquisa social à pesquisa fundamental (GROULX, 2012, p. 95).

De acordo com a observação de Groulx (2012), ambas as pesquisas, social e qualitativa, tiveram que superar a rejeição que enfrentavam por não apresentarem os

elementos que garantiam a objetividade e as verdades irrefutáveis, geradas pela quantificação. No entanto, existem fatores que revelam a natureza de objetos ou pessoas ou mesmo relações sociais que, pelo elevado grau de subjetividade, não se expressam a partir de números ou estatísticas. A esse respeito, Deslauriers e Kérisit, (2012, p. 130) consideram que:

a pesquisa qualitativa tem sido, inúmeras vezes, utilizada para descrever uma situação social circunscrita (pesquisa descritiva), ou para explorar determinadas questões (pesquisa exploratória), que, dificilmente, o pesquisador que recorre a métodos quantitativos consegue abordar. Efetivamente, por seu caráter exemplar e fugaz, vários fenômenos sociais resistem à mensuração. Uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória possibilita familiarizar-se com as pessoas e suas preocupações (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2012, p. 130).

A subjetividade faz com que cada pessoa tenha uma perspectiva distinta da realidade. Pode haver até mesmo semelhanças ou similaridade entre elas, mas nunca são absolutamente iguais. Os mesmos fenômenos ou acontecimentos são percebidos de maneiras distintas pelas diferentes pessoas. Sobre isso, Creswell (2010) afirma que:

a pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. O relatório final escrito tem uma estrutura flexível. Aqueles que se envolvem nessa forma de investigação apoiam uma maneira de encarar a pesquisa que honra um estilo indutivo, um foco no significado individual e na importância da interpretação da complexidade de uma situação (CRESWELL, 2010, p. 26).

Constata-se que é possível certa flexibilidade na formulação teórica a partir da pesquisa qualitativa, já que a análise dos dados é realizada de maneira indutiva.

A natureza do problema da pesquisa é uma das razões apontadas por Strauss e Corbin (2008) para a opção pela pesquisa qualitativa para desenvolver investigações que tentam compreender o significado ou a natureza das experiências das pessoas ou, ainda, para alcançar “detalhes intrincados sobre fenômenos como sentimentos, processos de pensamento ou emoções que são difíceis de extrair ou de descobrir por meio de métodos de pesquisa mais convencionais” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 24). Em síntese, para os autores, a pesquisa qualitativa é toda aquela cujos resultados não sejam obtidos por meio de procedimentos estatísticos ou de outras formas de quantificação.

Há atualmente, segundo Oliveira (2016, p. 37), uma preferência pela expressão “abordagem qualitativa” em lugar de “pesquisa qualitativa”, sendo ela “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

Em suma, pesquisas qualitativas são apropriadas para conhecer as experiências, comportamentos, emoções e sentimentos pessoais, bem como funcionamento das organizações, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação transnacional.

Em qualquer modelo de pesquisa, existem vantagens e desvantagens. Mesmo se considerando defensor da pesquisa qualitativa, Stake (2011) aponta algumas limitações neste modelo. Embora se considere um defensor dos estudos qualitativos, o autor reconhece que existem pontos fracos.

A pesquisa qualitativa é subjetiva. É pessoal. Suas contribuições para tornar a ciência melhor e mais disciplinada são lentas e tendenciosas. Novas perguntas surgem com mais frequência do que novas respostas. Os resultados contribuem pouco para o avanço da prática social. Os riscos éticos são importantes e o custos são altos (STAKE, 2011, p. 39).

Apesar de reconhecer tais pontos fracos, sempre apontados pelos opositores, Stake ressalta que há um imenso esforço para desenvolver um paradigma da pesquisa subjetiva e que a subjetividade não deve ser percebida como uma falha, e sim “como elemento essencial para entender a atividade humana” (STAKE, 2011, p. 39).

Para Flick (2009), a pesquisa qualitativa intenta entender, descrever ou mesmo explicar os fenômenos sociais, buscando “esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo a sua volta, o que estão fazendo ou o que está lhes acontecendo em termos que tenham sentido e que ofereçam uma visão rica” (FLICK, 2009, p. 8).

O autor entende que a pesquisa qualitativa se caracteriza por uma série de aspectos, tais como:

- permite o acesso a experiências;
- se abstém de estabelecer um conceito bem definido daquilo que se estuda;
- se baseia na ideia de que métodos e teoria devem ser adequados àquilo que se estuda;
- considera que pesquisadores são parte importante do processo de pesquisa, seja pela presença, seja pela sua experiência, incluindo-se como membros do campo a ser estudado;
- considera o contexto e os casos para entender uma questão em estudo;

- defende que a parte relevante está baseada em texto e escrita, seja na transcrição ou interpretações (FLICK, 2009, p. 9).

Entre os propósitos da entrevista na pesquisa qualitativa, Stake (2011) afirma que esta visa obter informações singulares ou interpretações sustentadas pelo entrevistado e descobrir aspectos que os pesquisadores não conseguem observar por si próprios.

Creswell (2010, p. 208-210) também apresenta as características da abordagem qualitativa:

- coleta de dados em ambiente natural, onde os participantes vivenciam a questão ou problema estudado;
- os pesquisadores coletam pessoalmente os dados com o uso de seus próprios instrumentos;
- os pesquisadores evitam uma única forma de coleta de dados;
- os pesquisadores criam seus próprios padrões, categorias e temas dos aspectos particulares para os universais;
- o foco do pesquisador é na aprendizagem do significado que os participantes dão ao problema;
- o projeto pode ser adaptado às circunstâncias encontradas durante a pesquisa, não sendo factível, portanto, ser rigidamente prescrito;
- os conceitos (lente teórica) são usados pelos pesquisadores para uma visão geral de seus estudos, considerando contexto social, político ou histórico do problema em estudo;
- há ênfase no aspecto interpretativo por parte dos pesquisadores, ainda que isso implique em na própria subjetividade advinda da origem e cultura do pesquisador; e,
- há uma perspectiva holística, ou seja, os pesquisadores tratam o problema a partir de toda a sua complexidade.

Modelos interpretativos se opõem ao Positivismo por este procurar elaborar verdades incontestáveis. Conforme lembra De Lucca (2019, 139), “para as teorias positivistas, a proposta do método científico consiste em construir verdades absolutas: qualquer elemento dinâmico ou subjetivo invalida um conhecimento enquanto científico”.

Segundo a autora, esta é uma forma de pensar que ganhou força a partir do Renascimento, quando a ciência passou a buscar um conhecimento além do religioso e livre de dogmas e de tradições. Contudo, com o passar dos séculos e avanço da ciência, os modelos chamados de objetivistas se mostraram insuficientes para compreender aspectos da natureza humana e, conseqüentemente, abriram espaços para as correntes chamadas “subjettivistas”, aquelas que dão ênfase ao sujeito em suas relações com os objetos.

Uma das correntes metodológicas que tem como foco a subjetividade é a fenomenologia, lançada no ano de 1900 pelo matemático e filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938). Dedicando-se ao desenvolvimento das bases do método fenomenológico até o fim da vida, Husserl influenciou pensadores de renome, como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. Giorgi (2012) constata que a vertente não possui definição concisa, devido às contínuas adequações promovidas pelo próprio Husserl e, também, pelas diferentes interpretações feitas pelos seus seguidores. Sendo assim, Giorgi (2012) afirma que o termo fenomenologia tem sido empregado de diversas maneiras, destacando duas compreensões nitidamente divergentes. Um significado que o autor considera vago e genérico é o sentido de “‘experiencial’ [...], sem que este último termo seja explicitado” (GIORGI, 2012, p. 386). Para ele, o termo representa “um saber específico, subjetivo ou pessoal, e implica uma certa resistência à análise científica” (GIORGI, 2012, p. 386). A segunda compreensão, na visão do autor, refere-se ao termo em seu uso estrito, com o significado de “ciência dos fenômenos”. Trata-se, então, de

[...] estudo sistemático de tudo o que se apresenta a consciência, exatamente como isso se apresenta; ou, em outras palavras, a fenomenologia é o estudo das estruturas da consciência, o que inclui uma correlação entre os atos da consciência e seu objeto compreendido em sua extensão a mais geral possível e os diversos estilos e modalidades de presença, manifestados pela consciência. Analisar essas estruturas sob seus aspectos concretos e materiais torna a fazer da fenomenologia, científica [...] (GIORGI, 2012, p. 386-387).

No entendimento de Gil (2012), a proposta do método desenvolvido por Husserl é “estabelecer uma base segura, liberta de proposições, para todas as ciências”, considerando, adicionalmente, que “as certezas positivas que permeiam o discurso das ciências empíricas são ‘ingênuas’” (GIL, 2012, p. 14).

Como método científico, a fenomenologia busca a amplitude e a plenitude das experiências vividas pelos participantes e da consciência derivada das referidas experiências. Ela tem a perspectiva de analisar os fenômenos no sentido subjetivo, o que se tem para cada pessoa, e não num sentido objetivo que seja comum ou genérico da sociedade, ou seja, a razão da fenomenologia é compreender a atitude natural, ir dos fatos às significações (GIORGI, 2012).

A fenomenologia busca identificar os aspectos presentes na consciência de cada pessoa, e esta é formada pela intuição, pela referência a objetos reais e pela experiência, já que ela representa a presença na consciência de objetos imaginários (falsas lembranças, alucinações). O que conta não é a existência real, ou não, do objeto, mas sim sua existência na consciência das pessoas.

Com base em exemplos típicos deste estudo, se pode afirmar que a validade do fenômeno a ser estudado não está em descobrir se a sobrecarga de informação é efetiva ou real, mas, sim, se ela é percebida pelos participantes da pesquisa. É preciso ter o entendimento, diante disso, que o termo sobrecarga é subjetivo em seu sentido de quantificação. Uma determinada quantidade de informação pode ser demasiada para um, mas naturalmente aceita para outro.

Apesar de resgatar as presenças da consciência das pessoas, a fenomenologia não se atém a juízos de valor, como a beleza ou a feiura, e, sim, a aspectos objetivos que possam estabelecer os julgamentos subjetivos. Neste caso, o pesquisador precisa captar a descrição dos sentimentos causados, deixando de lado, em sua análise, aquilo que se caracteriza como mera opinião dos entrevistados. Em todo momento da vida, o ser humano vivencia experiências, em suas relações com objetos, com muitos fatores subjetivos dessas experiências. Os sentimentos ou cogitações são a consciência de alguma coisa. Aqui surge outra característica da fenomenologia: a intencionalidade. Sujeito e objeto não existem independentes um do outro, para se juntarem a posteriori (GIORGI, 2012; SCHUTZ, 2012).

A fenomenologia é um método que busca incessantemente a compreensão da importância dos fenômenos da consciência, buscando o que é essencial. E assim a

pesquisa fenomenológica é uma estratégia de investigação em que o pesquisador identifica a essência das experiências humanas, com respeito a um fenômeno, descritas pelos participantes. O entendimento das experiências vividas distingue a fenomenologia como uma filosofia e também como um método, e o procedimento envolve o estudo de um pequeno número de indivíduos por meio de um engajamento extensivo e prolongado para desenvolver padrões e relações significativas [...]. Nesse processo, o

pesquisador inclui ou põe de lado suas próprias experiências para entender aquelas dos participantes do estudo [...] (CRESWEL, 2010, p. 38).

Desta forma, os fenômenos, que são os objetos intencionais da consciência (SCHUTZ, 2012), são estudados em si mesmos, em sua essência. Conforme afirma Gil (2012):

a suprema fonte de todas as afirmações racionais é a 'consciência doadora originária'. Daí a primeira e fundamental regra do método fenomenológico: 'avançar para as próprias coisas'. Por coisa entende-se simplesmente o dado, o fenômeno, aquilo que é visto diante da consciência. A fenomenologia não se preocupa, pois, com algo desconhecido que se encontre atrás do fenômeno; só visa o dado, sem querer decidir se este dado é uma realidade ou uma aparência: haja o que houver, a coisa está aí (GIL, 2012, p. 14).

Na mesma linha de raciocínio, Berger e Luckmann (2011) ressaltam que “a análise fenomenológica da vida cotidiana, ou melhor, da experiência subjetiva da vida cotidiana, abstém-se de qualquer hipótese causal ou genética” (BERGER; LUCKMANN, 2011, p. 38). Da mesma forma, são deixadas de lado “afirmações relativas ao status ontológico dos fenômenos analisados” (BERGER; LUCKMANN, 2011, p. 38-39).

A fenomenologia como modelo de elaboração teórica está fundamentada em três dimensões: redução fenomenológica, descrição e busca das essências. A essência dos fenômenos é a sua significação. A redução fenomenológica (também chamada de *epoché*) consiste em colocar as crenças ou os pressupostos que possam criar juízo do senso comum fora do domínio da ação, em suspensão. Não os eliminar, mas colocá-los “entre parênteses” (SCHUTZ, 2012, p. 71). Assim, para o autor,

[...] usando esta *epoché* particular nós não apenas “colocamos entre parênteses” todos os juízos do senso comum de nossa vida cotidiana a respeito do mundo exterior, mas também todas as proposições das ciências naturais que também lidam com as realidades desse mundo do ponto de vista natural (SCHUTZ, 2012, p. 71).

Restará, então, a “completude concreta do fluxo de nossa experiência, que contém todas as nossas percepções, reflexões, em suma, nossas cogitações” (SCHUTZ, 2012, p. 71).

É sob este entendimento que Triviños (2011, p. 43) define a fenomenologia ou, conforme suas palavras, “o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo”. O autor acrescenta que:

a fenomenologia é uma filosofia que substitui as essências na *existência* e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua *'facticidade'*. É uma filosofia *transcendental* que coloca em *'suspensão'*, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas também uma filosofia segundo a qual o *mundo está sempre 'a'*, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço está em reencontrar esse contato ingênuo com o mundo para lhe dar enfim um status filosófico. É a ambição de uma filosofia que pretende ser uma *'ciência exata'*, mas também uma exposição do espaço, do tempo e do *'mundo vivido'*. É o ensaio de uma *descrição direta* de nossa experiência *tal como ela é*, sem nenhuma consideração com sua *gênese psicológica* e com as explicações causais que o sábio, o historiador ou o sociólogo podem fornecer dela; entretanto, Husserl, em seus últimos trabalhos, menciona uma *'fenomenologia genética'* e mesmo *'uma fenomenologia construtiva'* (TRIVIÑOS, 2011, p. 43, grifo do autor).

Segundo Giorgi (2012), as três dimensões da fenomenologia estão relacionadas tanto ao método filosófico quanto ao científico. Sob a ótica científica, o autor defende que haja “a produção de uma descrição concreta e detalhada de experiências específicas, conforme a atitude cotidiana de outras pessoas” (GIORGI, 2012, p. 396), a “redução pelo pesquisador”, ou seja, a descrição feita pelo sujeito participante da pesquisa representa sua interpretação dos fatos (GIORGI, 2012, p. 396-397), bem como a busca das essências científicas específicas de cada área do conhecimento (GIORGI, 2012, p. 397).

Na execução da pesquisa, as três dimensões se desdobram em cinco passos, que foram seguidos na presente investigação: 1) a coleta dos dados verbais, por meio de entrevistas; 2) a leitura dos dados, buscando-se apreender seu sentido global; 3) a divisão dos dados em unidades de significação, estabelecidas pelo pesquisador com base nas perspectivas de cada disciplina a fim de discriminar os sentidos; 4) a organização e a enunciação dos dados brutos na linguagem da disciplina, evidenciando “o valor de cada unidade em relação à disciplina”; e, 5) a síntese ou o resumo dos resultados para fins de comunicação à comunidade científica (GIORGI, 2012, p. 397).

Os procedimentos relativos à coleta dos dados devem viabilizar a obtenção de informações, narrativas ou descrições que possam oferecer as mais efetivas contribuições para a ampliação dos registros de conhecimento que se busca em forma de uma nova teoria. Nesta etapa, são recuperadas descrições de fatos, acontecimentos, vivências, experiências, que se configuram em aspecto essencial do contexto de uma pesquisa fenomenológica. No entanto, a descrição fidedigna de vivências é uma tarefa muito difícil diante da possibilidade de que se tente incorporar a ela conceitos, julgamentos e opiniões. É por isso que Giorgi recomenda que o pesquisador deve, também, orientar os entrevistados a não generalizarem e ou serem demasiado

abstratos em suas descrições iniciais, para evitar o melhor possível as observações vagas e superficiais de sua parte. Apoiando-se na transformação das unidades de significação e no processo de variação livre e imaginária, ao pesquisador cabe a ação de motivar o entrevistado a descrever a estrutura de sua experiência (GIORGI, 2012). Por esta razão, acrescenta o autor, “o problema proposto pela pesquisa visa, comumente, à descrição de uma experiência que se liga a uma situação específica” (GIORGI, 2012, p. 403).

A respeito de entrevista, Oliveira (2016, p. 86) considera o método “um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador(a) e entrevistado(a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando”. A autora alerta sobre os riscos de o entrevistador interferir nas respostas, o que deve ser um cuidado de quem conduz o procedimento.

Por se tratar de uma atividade tipicamente interpretativa, o pesquisador tem um papel de extrema relevância na pesquisa qualitativa. Primeiro porque coleta pessoalmente os dados, sejam depoimentos de participantes em entrevistas ou análise de documentos. Em geral, o próprio pesquisador elabora o protocolo de coleta de dados ou questionário de entrevista, enfim, os instrumentos de pesquisa. Desta forma, ele se envolve diretamente, de forma sustentada e intensa nas experiências que está pesquisando, o que implica em aspectos estratégicos, pessoais e éticos. Gil (2012) constata que orientação positivista influenciou a ciência a buscar o máximo de objetividade, afastando, portanto, as interferências relacionadas aos aspectos subjetivos do pesquisador. “A objetividade, entretanto, não é facilmente obtida por causa de sua sutileza e implicações complexas” (GIL, 2012, p. 29). Outros aspectos éticos serão discutidos adiante.

Ao tratar dos procedimentos de coleta de dados, Creswell observa que:

os comentários sobre o papel do pesquisador determinam o palco para a discussão das questões envolvidas na coleta de dados. Os passos da coleta de dados incluem o estabelecimento dos limites para o estudo, a coleta de informações por meio de observações e entrevistas não estruturadas ou semiestruturadas, de documentos e materiais visuais, assim como do estabelecimento do protocolo para o registro das informações (CRESWELL, 2010, p. 212).

Para Creswell (2010) as entrevistas qualitativas devem ser feitas face a face com o participante ou por telefone. O autor também defende o uso de um protocolo de

entrevista, ou seja, um formulário, que contenha os passos a serem seguidos, bem como as questões a serem abordadas.

Oliveira (2016) também defende o uso de um roteiro semiestruturado para orientar a entrevista, o que permite que seja mantido igual padrão ou item para todos os entrevistados. A autora defende que haja a solicitação e a devida autorização para a gravação, além de garantir o sigilo quanto às informações e à identificação dos entrevistados no relatório final o que, no caso da presente pesquisa, se deu por meio do uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tema que é abordado na próxima seção.

As recomendações expressas por Creswell (2010) e Oliveira (2016) foram recepcionadas nesta investigação. Devido à pandemia da Covid-19, as entrevistas foram realizadas por videochamada, por meio da plataforma Zoom. Não foi uma interação tão intensa quanto seria numa abordagem face a face, mas permitiu conversas nas quais os dois participantes pudessem se enxergar e observar mutuamente reações ou expressões faciais. Além dos aspectos relacionados ao direito ao sigilo e outros relacionados à ética e que serão tratados na seção seguinte, foi adotado um formulário de entrevista que orientou os questionamentos de modo a manter um padrão entre os entrevistados. Perguntas adicionais foram formuladas quando algum esclarecimento se mostrasse necessário.

A confecção do formulário de entrevista levou em conta também uma recomendação de Fachin (2009) de que fossem levantados apenas os dados essenciais para a pesquisa, ou seja, respostas que agregasse informações dentro dos objetivos da pesquisa.

Após a coleta, procedeu-se à etapa de análise e interpretação dos dados, sempre com a premissa de possibilitar a construção de um arcabouço de conhecimentos que venham a contribuir para a formulação teórica do(s) tema(s) investigado(s). Ainda que se tenha recolhido dados ou impressões individuais, o foco da pesquisa não foi levantar casos pessoais ou específicos, mas, sim, identificar a amplitude dos aspectos que envolvem os temas em análise, nos quais as experiências pessoais servem como exemplos. Esta condição corrobora o axioma de que a finalidade da investigação é “passar do específico para o mais geral” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 92).

Conforme os autores,

embora não criemos dados, criamos teoria a partir dos dados. [...] Nossas teorias, embora incompletas, fornecem uma linguagem comum (conjunto de conceitos) por meio da qual participantes da pesquisa, profissionais e outros podem se reunir para discutir ideias e encontrar soluções para os problemas (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 64).

Trata-se de “descrever, a partir da perspectiva da disciplina, a estrutura essencial da experiência concretamente vivida” (GIORGI, 2012, p. 401). Estruturas são essenciais e suas relações, de maneira que o relevante não são as partes em si, mas as relações que elas estabelecem umas com as outras (GIORGI, 2012).

Essas características gerais, ou as estruturas essenciais a que se refere Giorgi (2012), podem estar contidas, mas não explícitas nos dados coletados. Eventualmente, podem estar mascaradas, disfarçadas, abafadas ou se apresentarem de maneira dissimulada. Num exemplo hipotético, indaga-se a várias pessoas quais reações determinado fato ou objeto lhes causam: um entrevistado pode responder que aquilo lhe gera “calafrios”, outro apontará “problemas gástricos” e um terceiro dirá que “perde o sono”. São três respostas diferentes que, isoladas, teriam pouco significado. No entanto, ao se identificar as relações existentes entre elas, pode-se concluir que aquele problema provoca “distúrbios à saúde”. Assim, este será um problema geral, uma categoria de resposta que, quando associada a outras categorias ou subcategorias relacionadas ao mesmo tema e extraídas na mesma pesquisa, pode levar a um novo conhecimento, uma nova teorização.

Dessa maneira, a contribuição construção de uma nova teoria passa pela identificação dos fenômenos existentes nos dados e que levam ao desenvolvimento de conceitos e da categorização em suas dimensões e propriedades. “Ir dos fatos às significações” (GIORGI, 2012, p. 403-404).

Este processo é chamado de codificação, ação pela qual é atribuído significado aos dados brutos, ou seja, eles “são transformados em símbolos para serem tabulados” (GIL, 2012, p. 158). A codificação é um procedimento “dinâmico e fluído” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 103) e que visa caracterizar conceitos, suas propriedades e dimensões, descobertas nos dados. Os autores apresentam as definições dos diversos termos contidos neste contexto:

*Fenômenos*: ideias centrais nos dados representadas como conceitos.

*Conceitos*: os blocos de construção da teoria.

*Categorias*: conceitos que representam o fenômeno.

*Propriedades*: características de uma categoria, a delimitação do que define e dá significado a essa categoria.

*Dimensões*: âmbito a longo do qual as propriedades gerais de uma categoria variam, dando especificação à categoria e variação à teoria.

*Subcategorias*: conceitos que pertencem à categoria, dando esclarecimentos e especificações adicionais (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 103).

Tais formulações teóricas foram consideradas e adaptadas, a fim de possibilitar a apreciação dos dados, para a consecução deste trabalho. Entre o ferramental proposto por Strauss e Corbin (2008) foi utilizada a análise de palavras, frases e parágrafos e suas significações gerais ou específicas de cada caso. Cada resposta foi analisada detalhadamente e dela foi extraído o essencial – ou seja, a busca das essências na fenomenologia. A narrativa de um episódio vivido pelo entrevistado pode ter se transformado em uma unidade analítica, que passaria a compor uma categoria de elementos e estas trouxeram a síntese dos resultados.

Na literatura, esse mecanismo é denominado como exame microscópico de dados, ou análise linha por linha. É a base “para gerar categorias iniciais (com suas propriedades e suas dimensões) e para descobrir as relações entre conceitos” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 65).

Em suma, os depoimentos, narrativas ou descrições feitas pelos entrevistados foram transcritas e, em seguida, analisadas minuciosamente, de maneira a estabelecer categorias, subcategorias, propriedades ou dimensões. Ainda que o relatório não traga formalmente essas subdivisões, elas foram estabelecidas tacitamente pela pesquisadora para buscar as interações mútuas possíveis, de maneira que pudesse haver interação e diálogo entre as respostas dos diversos entrevistados.

Strauss e Corbin (2008) defendem que os métodos devem permitir que o pesquisador possa gerar teoria a partir dos dados. Este é mais um motivo para que dados ou respostas não sejam tratados individualmente (diferentemente de um estudo de caso), mas que sejam encontradas justamente as relações entre as diversas situações – o passar do específico para o geral, já referido anteriormente.

Para Creswell (2010), o estado da arte, ou seja, “o estado atual de uma área de pesquisa: o que já se sabe, quais as principais lacunas, onde se encontram os principais entraves teóricos e/ou metodológicos” (LUNA, 2003, p. 82). O propósito é “circunscrever um dado problema de pesquisa dentro de um quadro de referência teórico que pretende explicá-lo” (LUNA, 2003, p. 83). O pesquisador constrói uma teoria alinhada à sua pesquisa, de maneira a associar “um estudo ao diálogo maior e contínuo na literatura, preenchendo lacunas e ampliando estudos anteriores” (CRESWELL, 2010, p. 51).

Oliveira (2016, p. 69) entende que a pesquisa bibliográfica é o ponto de partida de uma grande parte dos estudos exploratórios, que permitem o “estudo direto em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica”. Entretanto, Creswell (2010) salienta que as pesquisas qualitativas são de natureza exploratória, o que “significa que não foi escrita muita coisa sobre o tópico ou sobre a população que está sendo estudada, e que o pesquisador procura ouvir os participantes e desenvolver um entendimento baseado nas ideias deles” (CRESWELL, 2010, p. 52).

Importa de maneira mais intensa para a presente investigação, o entendimento de Creswell de que em estudos fenomenológicos, assim como em estudos de caso e na teoria fundamentada, “a literatura é menos utilizada para determinar o cenário do estudo”, diferentemente do que ocorre em estudos de orientação teórica ou etnográficos (CRESWELL, 2010, p. 52). Essa perspectiva se mostrou efetiva na pesquisa ora relatada.

Este ponto de vista de Creswell (2010) trata da intensidade do uso da literatura científica nos estudos exploratórios. Portanto, não diverge radicalmente de Luna (2003), que aponta o objetivo da revisão de literatura de determinar o estado da arte de um certo conhecimento. Em qualquer das situações, a revisão da literatura representa o conjunto das opiniões e interpretações de pesquisadores e autores ao redor do planeta, recebendo assim, um tratamento científico (OLIVEIRA, 2016).

É sob este prisma que a pesquisa bibliográfica se diferencia da pesquisa documental. Esta se caracteriza pela consulta a documentos originais, sob os quais não há diferentes interpretações, sem um tratamento. Por isso, também exige do pesquisador uma análise mais minuciosa (OLIVEIRA, 2016).

Neste trabalho, foi realizada pesquisa documental nos *sites* dos cursos pré-vestibular, buscando dados sobre cada um deles. A proposta inicial era de que a pesquisa fosse feita *in loco*, no entanto, essa estratégia foi abandonada devido ao isolamento recomendado pelas autoridades de saúde como estratégia de enfrentamento da crise sanitária.

## 5.2 ASPECTOS ÉTICOS

A ciência é uma atividade humana, desenvolvida dentro da sociedade e, como tal, se insere nos conflitos de valores e reflexões sobre a própria existência da

humanidade. Como tal, a ciência resulta em uma “pluralidade de imperativos contraditórios”, nos quais “a escolha entre o bem e o mal não é um problema ético; é um problema puramente físico ou psicológico, de coragem, de inteligência, de vontade ética” (MORIN, 2010, p. 132). As diferentes visões de mundo apontam para encaminhamentos ou soluções divergentes. Portanto, a questão ética não é solucionada de maneira simplória.

Entre os tais imperativos contraditórios, em especial nas pesquisas sociais, está o nível de envolvimento do pesquisador com a pesquisa e com os sujeitos dela, bem como a isenção e neutralidade do pesquisador. No entanto, a completa isenção, ou seja, uma pesquisa absolutamente livre dos valores pessoais, não é absolutamente exequível, embora pesquisadores sociais em geral a tenham como intenção e visem buscar as explicações e compreensões dos problemas da maneira mais isenta possível (STAKE, 2011).

Como vimos, os modelos objetivistas, como o positivismo, tem sua ênfase em estabelecer propriedades ou leis universais. Como tal, sua perspectiva é descobrir, o tanto quanto possível, a versão tida como verdadeira e que rege o funcionamento das coisas em relação a um determinado aspecto. É uma visão que pode ser útil em ciências exatas – uma operação aritmética, por exemplo, terá apenas um resultado –, mas insuficiente nas ciências sociais, que buscam a diversidade de visões de mundo, como assevera Stake (2011, p. 221):

os métodos da pesquisa qualitativa destacam a importância das várias perspectivas, reconhecendo que existem outras formas de enxergar as coisas, outras formas de explicar as coisas e formas alternativas de mudar as coisas. Precisamos dessa mesma variedade de visões e valores quando refletimos sobre nosso próprio trabalho. O primeiro argumento é de que somos aliados das pessoas com pouca voz. O contra-argumento é que prejudicamos mais que ajudamos.

O aspecto ético das pesquisas é um tema necessário e que, a despeito das dificuldades inerentes, deve estar em contínua reflexão por parte do pesquisador, afinal, sempre há um risco de prejuízos às pessoas e a seu bem-estar. O avanço das pesquisas e dos debates a respeito de suas conduções levaram à criação e aperfeiçoamento de um sistema composto por comitês, normas e códigos de ética, para tentar conter práticas que possam ser danosas às pessoas e à sociedade. Comitês ou códigos, conforme Stake (2011) “têm autoridade, têm uma missão, fazem algo bom.

Mas, certamente, não são substitutos para o cuidado pessoal dos pesquisadores” (STAKE, 2011, p. 224).

Não sem razão, o autor acredita que o respeito à ética da pesquisa, talvez como em outros campos da sociedade, depende muito mais do compromisso, do comportamento e das atitudes do pesquisador para com o tema do que do regramento social ou público que exista. Uma normatização, especialmente numa matéria tão afeita a subjetividades, terá sua eficácia limitada.

Stake acrescenta que:

Nas pesquisas sociais, os perigos quase nunca são físicos. Eles são mentais. São os perigos da exposição, da humilhação, do constrangimento, da perda do respeito e do autorrespeito, da perda da permanência no emprego ou da presença no grupo. A probabilidade de danos pode parecer tão baixa que os pesquisadores afirmam que o possível bem dessa pesquisa para a sociedade compensa esses pequenos perigos. Alguns já falaram até mesmo sobre o ‘direito de saber’. É importante descobrir como as coisas funcionam, mas existe algum direito científico, político ou público de saber que possa justificar um caso específico de invasão da privacidade pessoal ou que possa ameaçar sua posição pessoal? (STAKE, 2011, p. 224).

Neste contexto, cabe ao pesquisador se precaver para evitar invasão de privacidade, não confiando somente no entrevistado, pois este pode, inadvertidamente ou por ter se permitido excesso de confiança com o pesquisador, revelar aspectos pessoais. E “o anonimato é uma proteção fraca. A principal forma de respeitar a privacidade de uma pessoa é não saber suas questões particulares” (STAKE, 2011, p. 225-226).

O autor apresenta sugestões de práticas para evitar o que ele chama de “intromissão” do pesquisador nas questões pessoais dos participantes. O pesquisador terá que se aproximar do pesquisado para buscar o que interessa à pesquisa. No entanto, por se tratar de uma pesquisa que envolve aspectos pessoais, ela implica em ocupar o espaço das experiências pessoais, espaço para o qual o acesso não será regulado por documentos e sim por uma negociação, muitas vezes implícita ou por sinais, entre pesquisador e entrevistado. O pesquisador deve ser perspicaz para compreender tais sinais. Formulários ou autorizações expressas são meros atos formais. Ainda que haja uma espécie “jogo” entre as duas partes, é necessário formalizar e esclarecer ao entrevistado a opção de finalizar a pesquisa a qualquer tempo. No entanto, tais desistências não podem ser consideradas naturais. O pesquisador tem que construir uma relação de confiança com o entrevistado – isso é

um dever e uma demonstração de respeito. Os participantes devem ter acesso à documentação completa, tais como a proposta de pesquisa, termo de consentimento livre e esclarecido. Os entrevistados devem ser previamente alertados sobre questões com potencial para alterar seu comportamento. Também devem ser esclarecidos a respeito das formas de como os dados serão utilizados. O pesquisador não deve oferecer pagamentos ou se postar como terapeuta ou solucionador de problemas, mas pode oferecer presentes simbólicos. A proteção dos entrevistados deve estar presente no plano de coleta de dados. O entrevistado deve ser alertado sobre a introdução de tópicos novos ou inesperados. É um dever do pesquisador interromper a revelação de informações particulares ou pessoais que sejam ou não do interesse da pesquisa. Nestes casos, o pesquisador deve reconduzir a entrevista para o plano pré-estabelecido (STAKE, 2011).

Para o autor, a ética pessoal e a ética profissional, esta normalmente determinada por documentos ou códigos, precedem as relações éticas entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. Ao longo da história, em muitos episódios, pesquisadores, em especial na área de saúde, se preocuparam muito mais em alcançar resultados e utilizaram meios pouco humanitários. Mesmo que existissem códigos de ética, estes eram perniciosos ou ignorados (SILVEIRA; FEIJÓ, 2018, p. 135-136).

O Código de Nuremberg, de 1947, representou um marco na definição de limites nas pesquisas da área médica. O documento traz dez princípios que focam especialmente o sujeito participante da pesquisa e a proteção dos pacientes. Da mesma forma, a Declaração de Helsinque disciplina a prioridade do bem-estar dos participantes em relação aos interesses da ciência e da sociedade (SILVEIRA; FEIJÓ, 2018, p. 136-137). “Assim entendemos que a proteção aos direitos do sujeito participante, em consonância com princípios defendidos pela bioética, se sobrepõe aos próprios princípios ponderados pela ética profissional” (SILVEIRA; FEIJÓ, 2018, p. 137).

Esta pesquisa segue a Resolução MS/CNS nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, que trata das pesquisas humanas e sociais que não se enquadram na área biomédica. Até o surgimento desta resolução, segundo Silveira e Feijó (2018), as pesquisas eram orientadas inicialmente pela Resolução MS/CNS nº 196, de 10 de outubro de 1996 que, por sua vez, foi sucedida pela Resolução MS/CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012, ambas igualmente publicadas pelo Conselho Nacional de Saúde e com foco na área de saúde e biomédica. Assim, devido à inexistência de outros parâmetros, estas resoluções foram, por vários anos, as únicas

regulamentações para pesquisas em seres humanos, servindo como base para pesquisas com seres humanos em qualquer área do conhecimento.

O pressuposto básico da Resolução MS/CNS nº 510/2016 é o de que as Ciências Humanas e Sociais “têm especificidades nas suas concepções e práticas de pesquisa, na medida em que nelas prevalece uma acepção pluralista de ciência da qual decorre a adoção de múltiplas perspectivas teórico-metodológicas”. A resolução leva em conta ainda que essas ciências “lidam com atribuições de significado, práticas e representações, sem intervenção direta no corpo humano, com natureza e grau de risco específico” (BRASIL, 2016, p. 1). Sob esta perspectiva, a Resolução MS/CNS nº 510/2016 apresenta um conjunto de disposições e regramentos relacionados às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, com a ressalva de que em situações não previstas no próprio texto prevalecem as condições dispostas na Resolução MS/CNS nº 466/2012 (BRASIL, 2012).

As considerações apresentadas norteiam os princípios éticos do presente trabalho de pesquisa, que busca seguir os melhores princípios. Oliveira (2016) defende a necessidade de que os pesquisadores conheçam e sigam as determinações dos códigos de ética e regramentos da universidade, bem como das instituições onde é realizada a pesquisa. A autora sustenta, ainda, que sejam esclarecidos os objetivos e os procedimentos à direção das instituições e aos participantes da pesquisa, inclusive quanto à citação do nome desta no relatório final. Outro aspecto relevante são os compromissos formais de garantia de sigilo em relação aos dados coletados.

O documento norteador das relações entre a pesquisadora e os participantes é o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice A), que foi apresentado e explicado aos participantes (BRASIL, 2012; 2016).

Adicionalmente, foram adotados procedimentos para que a condução da pesquisa estivesse em consonância aos ditames éticos citados ao longo do projeto de pesquisa, em especial nesta seção. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC), conforme anexos A e B.

Adicionalmente, a pesquisadora buscou construir uma relação de confiança com os entrevistados, ao limite das necessidades da pesquisa, e comprometeu-se em envidar todos os esforços necessários para manter o sigilo dos dados recolhidos, bem como da identificação dos participantes, preservando a privacidade dos mesmos e utilizando os dados apenas no contexto do relatório final. Da mesma forma, no

consentimento e nas explicações os entrevistados estiveram cientes da possibilidade de desistir a qualquer momento. Nenhum dos entrevistados pediu sua retirada da pesquisa depois de ter aceitado e consentido com a participação.

### 5.3 CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO

No contexto da definição do público participante da pesquisa, a proposta do presente trabalho foi adotar a estratégia de determinar os participantes por meio do método de amostras não aleatórias (intencionais). Nestes casos, o pesquisador, a partir de seu julgamento, seleciona o público que melhor representa o tema em estudo. São situações nas quais a utilização de uma amostragem aleatória não é recomendável. A respeito dessa metodologia, Barbetta (2005, p. 56) salienta que “os elementos escolhidos são aqueles julgados como típicos da população que se deseja estudar”. Assim, “o uso de uma amostragem por julgamento pode ser uma boa alternativa, mesmo com a limitação de que os resultados desta pesquisa não necessariamente valham para todos [...]” (BARBETTA, 2005, p. 56).

Creswell (2010, p. 212) entende que “a ideia que está por trás da pesquisa qualitativa é a seleção intencional dos participantes ou dos locais (ou dos documentos ou do material visual) que melhor ajudarão o pesquisador a entender o problema e a questão de pesquisa”. É um procedimento que difere da pesquisa quantitativa, na qual busca-se amostragem ou seleção aleatória de participantes em grande escala.

Na mesma linha, Oliveira (2016) considera que os pesquisadores optam por amostra intencional para “analisar um determinado fenômeno sem ter a preocupação de fazer generalizações em relação ao universo da pesquisa” (OLIVEIRA, 2016, p. 88). Acrescenta, ainda, que, “sendo a amostra uma representação da população ou universo da pesquisa, faz-se necessário estabelecer critérios no processo de seleção para que ela seja significativa. Entende-se que a amostra é um subconjunto ou parte dos elementos que compõem o universo” (OLIVEIRA, 2016, p. 88).

Neste contexto, a seleção dos participantes começou com a elaboração do escopo do projeto – o quanto a sobrecarga de informação afeta estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos; comunitários ou mantidos por instituições de apoio ao desenvolvimento social. Havia nesta definição um primeiro recorte de um público. O segundo passo foi a identificação dos cursos existentes e o contato inicial com os seus gestores, o que foi realizado em meados de 2019. Foram

identificados quatro cursos em funcionamento – (1) Gauss Pré-Vestibular, (2) Einstein Floripa Pré-Vestibulares, (3) Pré-Vestibular Rede IVG e, (4) Pré-Vestibular Comunitário-PVC – (Quadro 8). Todos eles responderam positivamente às solicitações para a realização da pesquisa – tanto as sondagens iniciais, realizadas presencialmente ou por telefone, quanto aos pedidos oficiais. Nos apêndices B, C, D e constam os ofícios para a realização da pesquisa, e nos anexos C, D, E F, as cartas de aceite das instituições.

### Quadro 8: Cursos pré-vestibulares (campo de pesquisa)

(continua)

<div data-bbox="606 795 1061 952" data-label="Image"> </div> <p><b>Gauss Pré-Vestibular PET</b> (PET Matemática UFSC)</p> <p>É uma atividade de extensão de caráter voluntário, desenvolvida pelos bolsistas do grupo PET – Matemática. Este projeto tem como principal objetivo oferecer aos alunos oriundos de escolas públicas próximas à UFSC um Curso Pré-Vestibular gratuito e de qualidade, oportunizando assim ao aluno mais um espaço de estudo para que possa aprimorar os seus conhecimentos e se preparar para a prova do vestibular. Concomitante, o PET oferece aos acadêmicos de todos os cursos de graduação e pós-graduação da UFSC um espaço para que experienciar a prática da docência, sendo o corpo docente formado por graduandos e graduados das mais diversas áreas que, além de estarem se formando como professores, também prestam um trabalho voluntário e auxiliam cotidianamente o desenvolvimento do projeto de extensão.</p> <p>A estrutura do projeto se baseia em aulas regulares de segunda-feira a sexta-feira das 13h30min às 18h50min no Centro de Ciências Físicas e Matemática (CFM), sendo ministradas cinco aulas por tarde com duração de cinquenta minutos cada.</p> <p>Possui um caráter extensivo, sendo que as suas aulas iniciam no mês de março e terminam em dezembro, com recesso no mês de julho para as férias letivas (GAUSS, 2021).</p>	<div data-bbox="646 1456 1021 1646" data-label="Image"> </div> <p><b>Einstein Floripa Pré-Vestibulares</b></p> <p>É um curso pré-vestibular gratuito sem fins lucrativos voltado para pessoas de baixa renda da região da Grande Florianópolis. [...] Sua equipe é constituída através do recrutamento e desenvolvimento de universitários excepcionais, das mais diversas áreas da graduação. Formam-se organizadores, professores e monitores que trabalham voluntariamente para realizar o sonho de cada um de seus alunos: cursar uma universidade de qualidade.</p> <p>Tem a MISSÃO de viabilizar o acesso de pessoas de baixa renda à educação superior de qualidade e fomentar o desenvolvimento de graduandos através de um cursinho pré-vestibular social, voluntário e gratuito. A VISÃO é de compor um Brasil onde todos tenham acesso a um ensino superior de qualidade, atuando como modelo de excelência em gestão, desenvolvimento universitário, e impacto social. (EINSTEIN..., 2021).</p>
---	---

(conclusão)



### **Pré-Vestibular Rede IVG**

Instituto Pe. Vilson Groh - IVG

#### **SOMOS O IVG**

Uma organização da sociedade civil que se articula em rede com outras seis organizações sem fins lucrativos que desenvolvem ações educativas e socioassistenciais nas periferias da Grande Florianópolis e em Guiné-Bissau, na África, a chamada REDE IVG.

#### **Nossa finalidade**

Dar apoio técnico às organizações da sociedade civil que desenvolvem ações de atendimento à população, público da política de assistência social.

Desenvolver ações de formação e capacitação de profissionais e voluntários que atuam em ações de promoção de inclusão social e cidadania.

Dar novo significado às relações centro-periferia, “gestando” novos espaços público-privado/social para o compartilhamento do bem comum.

Prestar serviços e executar programas ou projetos voltados prioritariamente para o fortalecimento dos movimentos sociais e das organizações de usuários, formação e capacitação de lideranças, dirigidos ao público da política de assistência social.

Prestar serviços e executar programas e projetos voltados prioritariamente para a defesa e efetivação dos direitos socioassistenciais, construção de novos direitos, promoção da cidadania, enfrentamento das desigualdades sociais, articulação com órgãos públicos de defesa de direitos, dirigidos ao público da política de assistência social.



### **Pré-Vestibular Comunitário-PVC**

O PVC surgiu em 2005 quando a Associação do Bairro do Rio Tavares - Florianópolis-SC buscou elaborar algum projeto que desse oportunidade aos jovens que se encontravam em situação de vulnerabilidade social. Em 2007 outros núcleos foram assumidos nos bairros: Centro, Estreito, Capoeiras e em meados de 2009 o Bairro Ipiranga, atendendo 900 estudantes no total.

A partir de 2012, o projeto passou por algumas reformulações e se tornou 100% voluntário com um atendimento exclusivo ao Rio Tavares. Com professores e coordenadores engajados unicamente em fazer a diferença para uma sociedade mais justa e igualitária, o projeto está celebrando 10 anos de muitas conquistas: 1140 estudantes nas Universidades e Faculdades públicas!

Atualmente, atende-se 140 estudantes no curso extensivo, e 70 no semiextensivo, 100% gratuito.

As chamadas são realizadas no início (extensivo) e meio (semi) do ano, com a renda familiar sendo o critério principal de seleção.

Além das provas de vestibular, temos a consciência que contribuimos efetivamente para mudar a “cara” da nossa sociedade com alunos que mudarão as perspectivas não só de suas vidas, mas de suas famílias, bairro e comunidade!

Fonte: Elaborada pela autora (2021), a partir de Einstein... (2021); Gauss (2020); Instituto... (2021); PVC (2021).

A identificação e definição dos cursos representou também o segundo recorte de público, cuja característica ficaram subordinadas aos requisitos de admissão de estudantes adotados pelos cursos. Tais critérios de seleção são publicados nas páginas de internet, redes sociais ou através de edital de inscrição dos cursos.

A Rede IVG (2019) informa que o objetivo do curso que oferece é:

atender jovens e adultos de baixa renda, cujas famílias não possuam recursos para financiar cursinhos privados, com os intuitos sérios e responsáveis de promover acesso às universidades para as classes desfavorecidas e de combater a desigualdade social (REDE..., 2019, p.1).

A instituição estabelece como requisito o limite de renda familiar, mensal, per capita de 1,5 salários-mínimos. Além de explicar detalhadamente a fórmula de cálculo, o edital informa que despesas médicas por doenças crônicas podem ser abatidas para cálculo da renda, desde que comprovadas, com receita e atestado médico. No edital 2019, a Rede estabeleceu que os candidatos deveriam ter o ensino médio ou estar em vias de concluí-lo naquele ano, além de ter disponibilidade para assistir às aulas noturnas (REDE..., 2019).

O Pré-Vestibular Comunitário do Rio Tavares, estabelece que a seleção será feita a partir do critério de renda per capita, mas não cita um valor limite (PVC, 2020).

Da mesma forma, o Einstein Floripa Pré-Vestibulares identifica-se como “um curso pré-vestibular gratuito sem fins lucrativos, voltado para pessoas de baixa renda da região da Grande Florianópolis”, mas não fixa um teto para a renda (EINSTEIN..., [2017?]).

Em seu edital 2020, o Gauss Pré-Vestibular se apresenta como “uma atividade de extensão de caráter voluntário que é administrada pelos bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) Matemática da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)”. Seu principal objetivo é “oferecer aos alunos oriundos de escolas públicas um curso pré-vestibular gratuito e de qualidade, objetivando oportunizar ao estudante um espaço de estudo para que esse aprimore seus conhecimentos e, conseqüentemente, obtenha a aprovação no vestibular (GAUSS, 2020). Não há referência, no processo seletivo, de qualquer critério de renda, mínima ou máxima.

Há, nesse público, uma aspiração de ascensão social por meio da realização de um curso superior, pois privilegia, neste momento, sua ascensão financeira, que se dará pelo estabelecimento ou ampliação da renda. É uma forma de melhorar seu padrão de vida e ampliação da renda. Contudo, o acesso à universidade é muito difícil e disputado, o que exige maior preparação dos candidatos aos processos seletivos que podem se dar através de exames vestibulares tradicionais ou do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Por isso, as quatro instituições de ensino atuam na perspectiva de gerar oportunidades às pessoas que possuem menos oportunidades (EINSTEIN..., [2017?]; REDE..., 2019).

Além dos requisitos relacionados à renda, os cursos citados também estabelecem regras relacionadas ao compromisso e ao desempenho. É o caso do curso mantido pela Rede IVG, cujo edital determina que, para aprovação, os candidatos não podem ter reprovado no Ensino Médio, nem ter tido mais do que duas dependências em cada um dos anos. Além disso, em seu item 3.3 o edital preconiza que o candidato “deve ter definido para si um projeto de futuro que envolva o Ensino Superior” (REDE..., 2019, p. 1).

O Curso Pré-Vestibular realizado no bairro Rio Tavares informa aos candidatos sobre o processo seletivo e, também, sobre a obrigatoriedade da presença. O estudante é informado que, após o início da aula, haverá controle diário de presença, esclarecendo que os estudantes que faltarem mais que três dias consecutivos serão automaticamente desligados e substituídos por outros que estiverem na lista de espera, conforme e ordem de seleção. O informe acrescenta que esta é uma das principais normas do curso e, como tal, o desligamento será automático, não havendo notificação prévia aos que incidirem na irregularidade (PVC, 2020).

Os cursos Gauss e Einstein Floripa Pré-Vestibulares não citam, em seus documentos de apresentação, regras de comprometimento ou de desempenho precedente. Eles se caracterizam, por outro lado, pelo aspecto do voluntariado, haja vista que seus quadros de docentes são formados por universitários da UFSC. O Gauss se constitui em programa de extensão da universidade, denominado Programa de Educação Tutorial (PET) Matemática (EINSTEIN..., [2017?]; GAUSS, 2020).

Foram entrevistados 38 estudantes, uma quantidade superior à proposta inicial de 20 entrevistados, em razão do elevado interesse dos candidatos em participar e, também, pela possibilidade de enriquecimento do trabalho, com mais pontos de vista. Os quatro cursos pré-vestibulares forneceram suas listagens de alunos, com os respectivos contatos telefônicos e e-mail. Dentre eles, foram contactados 63 estudantes, dos quais 45 aceitaram o convite. Após esta etapa, dois deles desistiram. Outros cinco estudantes eram menores de 18 anos, público que não estava contemplado.

#### 5.4 SÍNTESE DA PESQUISA

O Quadro 9 apresenta uma síntese da metodologia aplicada.

**Quadro 9: Síntese da metodologia utilizada**

(continua)

a) Pesquisa bibliográfica	Revisão da literatura, com o objetivo de identificar o estado da arte dos temas relacionados à pesquisa.
b) Pesquisa documental	Obtenção nos <i>sites</i> institucionais e por e-mail arquivos sobre a história e informações gerais dos cursos pré-vestibulares selecionados para a realização das entrevistas, bem como relações com nomes e contatos dos alunos para as entrevistas.
c) Abordagem e características	Pesquisa das Ciências Sociais Aplicadas, de abordagem qualitativa, com ênfase na fenomenologia. Contém elementos do construtivismo social e das pesquisas exploratória e analítica. A coleta de dados em campo se deu por meio de entrevistas.
d) Instâncias de aprovação	O projeto de pesquisa foi submetido à banca examinadora e ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC), obtendo aprovação em ambos os casos. O CEPSH-UFSC também aprovou o modelo do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), conforme apêndice A.
e) Público participante	Foram entrevistados 38 estudantes, inscritos nos cursos que manifestarem anuência na participação e que estiverem em atividade durante a pandemia provocada pelo SARS-CoV2 (Covid-19).
f) Coleta de dados por meio de entrevista.	Foram aplicados pré-testes com cinco estudantes do terceiro ano do ensino médio ou que tivessem concluído este nível de ensino desde 2018 e que estivessem se candidatando para o vestibular. As entrevistas foram conduzidas com o auxílio de um questionário semiestruturado. Foram realizadas via internet, por meio da Plataforma Zoom. Estas foram gravadas (por causa da pandemia, houve mudança na proposta original, que previa entrevistas presenciais). Cada entrevista durou, em média, 30 a 40 minutos.
g) Transcrições	As entrevistas gravadas foram transcritas, utilizando-se os softwares Audacity (reprodução sonora) e Word, da Microsoft, e Documentos do Drive, da Google, para redação. Foram gerados um arquivo para cada entrevista. Em seguida, todas as entrevistas foram agrupadas em novo arquivo. O terceiro passo, ainda no aplicativo Word, consistiu em reagrupar todas as respostas por perguntas. Desta forma, seria possível fazer a análise por tema. O passo seguinte foi transportar todas as respostas a cada pergunta para o software Excel, para a análise e interpretação dos dados.

(conclusão)

h) Análise dos dados.	<p>Seguindo princípios adotados nos estudos fenomenológicos, a análise dos dados consistiu na leitura minuciosa de cada resposta, esta atividade foi realizada no aplicativo Excel.</p> <p>O objetivo desta fase era identificar as unidades de significações – as essências.</p> <p>No Excel, cada unidade era anotada em uma coluna ao lado da respectiva resposta. Em um segundo momento, cada unidade foi categorizada, em outras colunas adicionais. Em diferentes situações, as análises puderam ser feitas no primeiro nível de categoria ou em mais níveis. Nesse caso, o primeiro nível se tornaria subcategoria do segundo nível e, assim, sucessivamente.</p> <p>Desta forma, foi possível identificar as interrelações entre as unidades de significação, que poderia ser de complementaridade ou de oposição. Unidades complementares poderiam compor uma categoria. Posições antagônicas poderiam demonstrar a diversidade de pensamentos a respeito de cada tema.</p> <p>Isso poderia criar novas categorias, permitindo a compreensão não mais de experiências ou pensamentos individuais, mas do coletivo. Os casos individuais se tornam os exemplos que podem comprovar as formulações teóricas a respeito de cada tema.</p> <p>Também na análise dos dados foram selecionados os trechos das respostas que pudessem ser utilizados para fundamentar ou ilustrar a interpretação destes.</p>
i) Interpretação dos resultados	<p>As categorias e subcategorias obtidas no Excel foram levadas novamente para o Word, juntamente com os trechos selecionados para citação. Para a interpretação, demandou-se a construção de um texto analítico e crítico, no qual fossem identificadas as interrelações (complementaridade, oposição etc.) existentes entre as categorias.</p> <p>Em diversos momentos dessa etapa, foram citadas quantidades, a despeito de esta pesquisa ter abordagem qualitativa. Nestes casos, o objetivo não foi formular uma análise quantitativa, o que fugiria à proposta da pesquisa, mesmo porque a seleção dos entrevistados não compunha uma amostragem representativa. A finalidade do uso das quantidades foi mostrar a amplitude (maior ou menor) das categorias, o que também representa uma forma de diálogo entre as categorias. Por isso, procurou-se mostrar com os números, as relações como “maioria”, “proeminência”, “metade”, “equilíbrio”, “alguns”, “poucos” ou “exceções”.</p> <p>Por esta razão, em diversos casos, a atenção maior da análise não recaiu sobre as respostas majoritárias. O critério dessa seleção não foi a quantidade, mas a intensidade significativa das respostas. Por exemplo, são mais instigantes para este trabalho, os poucos alunos que possuem um bloqueio psicológico em relação a uma determinada disciplina, do que uma suposta maioria que tenha condições de pesquisar e seja autodidata naquele assunto.</p>
j) Relatório	Esta tese de doutorado contém o relatório final da pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

## 5.5 REALIZAÇÃO DA PESQUISA

O processo de coleta de dados em campo começou em 2019, com um contato telefônico e/ou pessoal prévio com os gestores dos cursos, para verificar o interesse em participar da pesquisa e obter uma anuência informal. Foi o ponto de partida do planejamento das entrevistas. No início de 2020, quando a pesquisadora elaborava o questionário e preparava as correspondências oficiais para convite, que seriam entregues pessoalmente para construir uma relação de confiança com a direção dos cursos, surgiu o SARS-Cov-2, um vírus que se disseminou pelo planeta e determinou a condição de pandemia. A situação gerou incertezas e insegurança para a realização das entrevistas. A pandemia impediu a aproximação presencial da pesquisadora nos cursos pré-selecionados tanto para as tratativas com os gestores quanto para as entrevistas. Esses cursos também tinham sido impelidos a inovar e passaram a oferecer aulas em ambientes virtuais, pela internet, já sem o rigor da comprovação da participação dos estudantes (EINSTEIN..., 2020, p. 11).

Também havia o risco de contaminação dos entrevistados e da pesquisadora. Com o passar do tempo, percebeu-se que a pandemia teria uma longa duração e a decisão foi de realizar as entrevistas a distância. Desta forma, foram oficializados os pedidos da participação dos cursos, cujas respostas demoraram, devido à estrutura organizacional dos cursos e de outras funções exercidas pelos seus diretores. O projeto enviado ao Comitê em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH-UFSC) contemplava a realização das entrevistas presencialmente ou a distância, respeitando sempre as recomendações e determinações das autoridades de saúde.

Para maior segurança quanto à efetividade do formulário semiestruturado de pesquisa, foram realizados pré-testes com cinco estudantes de terceiro ano ou jovens que concluíram o ensino médio a partir de 2018, escolhidos aleatoriamente, fora dos cursos selecionados para a pesquisa. Os pré-testes foram usados para testar e validar o formulário de pesquisa, a partir dos três propósitos, dispostos a seguir:

1. testar o formulário de pesquisa em relação à sua compreensão pelos entrevistados, efetividade das respostas e tempo da entrevista;
2. verificar o nível de compreensão dos enunciados e validar a parametrização de conceitos e entendimentos sobre os termos utilizados;
3. verificar se a linguagem utilizada era adequada ao público selecionado.

As entrevistas pré-teste foram aplicadas com base em dois momentos. No **primeiro**, os estudantes eram convidados a colaborar, sendo esclarecidos previamente dos objetivos e dos resultados esperados. Nesta fase, as avaliações dos participantes puderam ser dadas a qualquer momento ao longo da entrevista. No **segundo** momento, os participantes receberam explicações superficiais sobre o objetivo da sua participação, ou seja, que eles participariam de um teste para a entrevista. Este formato simulava a pesquisa definitiva e os participantes respondiam a todas as perguntas do formulário. Somente após a conclusão eram indagados a respeito da pesquisa, com base nos três objetivos do pré-teste.

As informações recebidas ao longo do ano levantaram a hipótese, reforçada nos pré-testes, de que a pandemia teria influências no dia a dia dos estudantes, ampliando a sobrecarga e os riscos de vulnerabilidade em informação. Ou seja, de um lado a pandemia trazia dificuldades para a realização das entrevistas, de outro oferecia subsídios muito mais ricos e exemplos atuais acerca do escopo da pesquisa. Essa condição também exigia o acréscimo de algumas perguntas ao formulário semiestruturado.

As atividades de preparação eram realizadas simultaneamente. No mesmo período em que se realizava os pré-testes, eram solicitadas as listagens de alunos e, de posse destas, encaminhados os convites aos participantes da entrevista definitiva. Contudo, em momento inicial, os primeiros estudantes convidados não respondiam os contatos (telefonemas, WhatsApp ou *e-mail*). Assim, outros eram convidados. Como as listagens não informavam idade ou data de nascimento, a condição de maioridade tinha que ser confirmada nas primeiras conversas ou trocas de mensagens. A dificuldade inicial de respostas começou a se dissipar e aos poucos os convidados começaram a responder em maior número.

Em outra frente, a conclusão dos pré-testes demonstrou que a primeira proposta de roteiro de entrevista (constante no apêndice G) era insuficiente para o alcance dos resultados. Algumas perguntas não alcançavam o efeito desejado e outras geravam respostas muito díspares, impossibilitando a análise da forma como estava prevista. Cada questão era ampla, o que obrigava a entrevistadora a pontuar aspectos específicos sobre o tema abordado.

Outra circunstância preocupava nesse momento que antecedia o início das entrevistas. Havia indefinição quanto ao calendário das provas do vestibular e ENEM e

dos próprios cursos que seriam pesquisados. Eventuais atrasos nas entrevistas carregavam o risco de tê-las que adiar alguns meses.

Diante desse contexto, optou-se pela ampliação do público e do questionário e da realização imediata das entrevistas, à distância, por meio da plataforma Zoom. Ao novo formulário de entrevista (apêndice H) foram adicionadas três perguntas relacionadas à pandemia – quanto à influência do isolamento social nos estudos, à adaptação para estudar *on-line* e às mudanças nos vestibulares e no ENEM.

Nas respostas, os entrevistados expressaram grande entusiasmo em participar. Depois, durante a entrevista, vários estudantes manifestaram esse entusiasmo.

*[...] eu queria agradecer também a parte da questão da sua pesquisa, porque é muito legal quem possa ouvir a nossa voz [...]. Ainda mais, muita gente acha que a gente ‘ah, é novo, não voz e não tem experiência’, mas é bom sabe o nosso ponto de vista em relação aos cursinhos e coisa assim que tem a ver com o mundo. [...]. É muito, muito legal, muito legal da sua parte [...] ouvir a nossa voz (APÊNDICE I, E19) <sup>26</sup>*

*E29: Obrigado, por dar esse espaço [...] pra gente pode se expressar (APÊNDICE I, E29).*

*Eu gostei da entrevista, achei bem bacana, assim. Até me fez rever coisas de mim [...]. Que eu posso melhorar, coisas que eu posso buscar mais[...] Esse negócio da leitura, eu nunca tinha [...] tipo, procurar uma ajuda de psicólogo, alguma coisa, sei lá, para ver se pode ser um déficit de atenção. E eu acho que eu vou correr atrás disso, cara. Isso me prejudica um pouco (APÊNDICE I, E27).*

*[...] eu queria agradecer por ter me contactado [...]. Eu não esperava, assim, mas foi muito legal e a primeira vez que eu estou participando de um projeto assim, de pesquisa de doutorado que é superimportante, supersério. [...]. Eu agradeço demais, demais, demais por eu estar participando (APÊNDICE I, E06).*

De modo geral, todos os participantes demonstraram espírito de cooperação com a pesquisa, sendo atenciosos e dedicados.

---

<sup>26</sup> A pesquisa propôs o anonimato dos entrevistados, por isso, neste relatório eles são identificados com a letra “E” seguida de um número de ordem. Da mesma forma, a entrevistadora/pesquisadora é identificada nas transcrições por “P1”. A transcrição das entrevistas é feita com o critério de proximidade da norma culta da Língua Portuguesa, mantendo-se a forma como os estudantes se expressaram. É o caso do “r” final dos verbos no infinitivo, suprimidos nas falas – e nas respectivas transcrições – da maioria dos alunos. São exemplos disso as expressões “faze” (fazer), lê (ler), usa (usar) ou ta (estar). Embora ao eliminar o r de finalização dos verbos no infinitivo possa gerar uma oxítone terminada em “a” ou “e”, optou-se por não adicionar acento agudo nestes casos, exceto nas situações em que o termo gerado já existe na língua culta (por exemplo, lê). Outros exemplos de manutenção da forma falada: “pra” (para a), “pro” (para o), “tá” (está), “to” (estou), “tava” (estava). Expressões ou trechos que não interessam aos objetivos da pesquisa são suprimidos para melhor compreensão, sempre respeitando-se a essência do pensamento do entrevistado. No Apêndice I as transcrições estão na íntegra.

## 6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

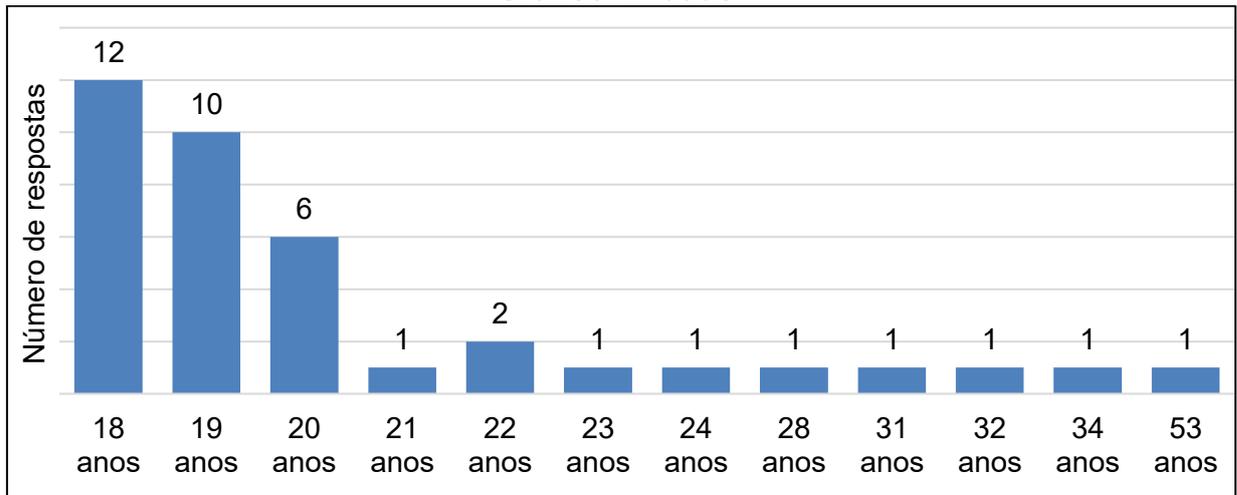
Conforme explicado no capítulo anterior, a análise dos resultados, alinhada ao modelo fenomenológico, foi realizada a partir de uma leitura minuciosa de cada uma das respostas das entrevistas transcritas. Dessa leitura, foram extraídas as unidades de significação, ou seja, a essência das respostas dos participantes. Em seguida, as unidades foram categorizadas e agrupadas. Na interpretação dos resultados, serão examinadas as interações existentes entre as categorias. Serão, também, utilizados trechos das entrevistas que corroborem e ilustrem as constatações.

Igualmente, como explicado na sessão anterior, eventualmente se fará uso de procedimentos quantitativos para análises que demandem aspectos descritivos. Tal opção não tem o objetivo de promover análises quantitativas. A finalidade é demonstrar a amplitude das respostas, que podem ser de: predomínio; de maioria; de equilíbrio; de exceções, entre outras. Essas relações também se configuram em formas de interação entre as categorias.

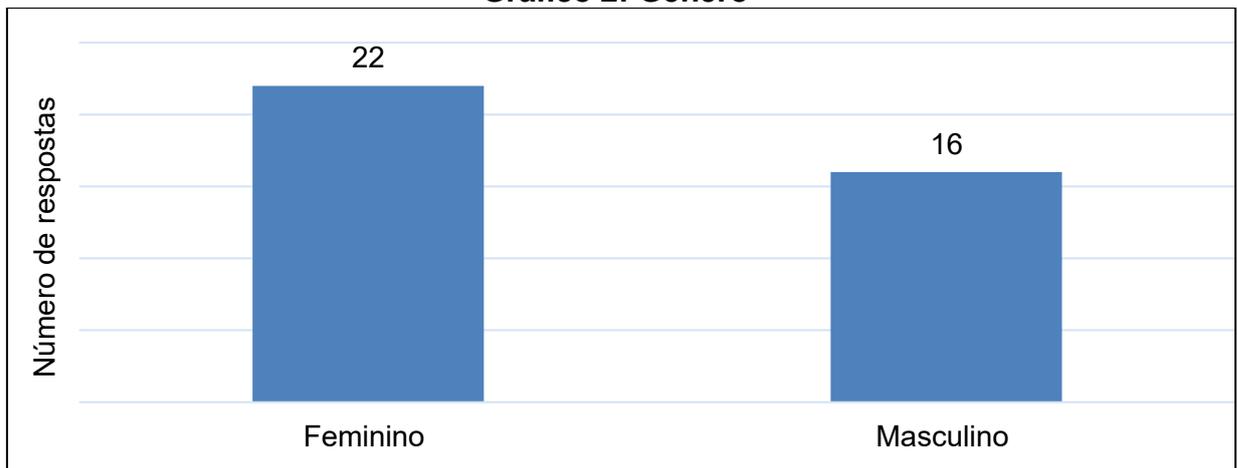
Os resultados estão descritos em subseções, que correspondem aos pontos centrais da pesquisa – **competência, sobrecarga e vulnerabilidade em informação**, além dos **reflexos da pandemia** da Covid-19. Em cada seção serão examinados os resultados das diversas perguntas que, muitas vezes, foram agrupadas, considerando-se o alinhamento e afinidade dos temas tratados. Ao término de cada sessão, serão apresentadas as considerações finais, que correspondem a uma síntese dos resultados e às interações entre as categorias. Por fim, as análises se encerrarão com os alinhamentos das situações relatadas às quatro dimensões da competência em informação – ética, estética, técnica e política.

### 6.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DO PÚBLICO

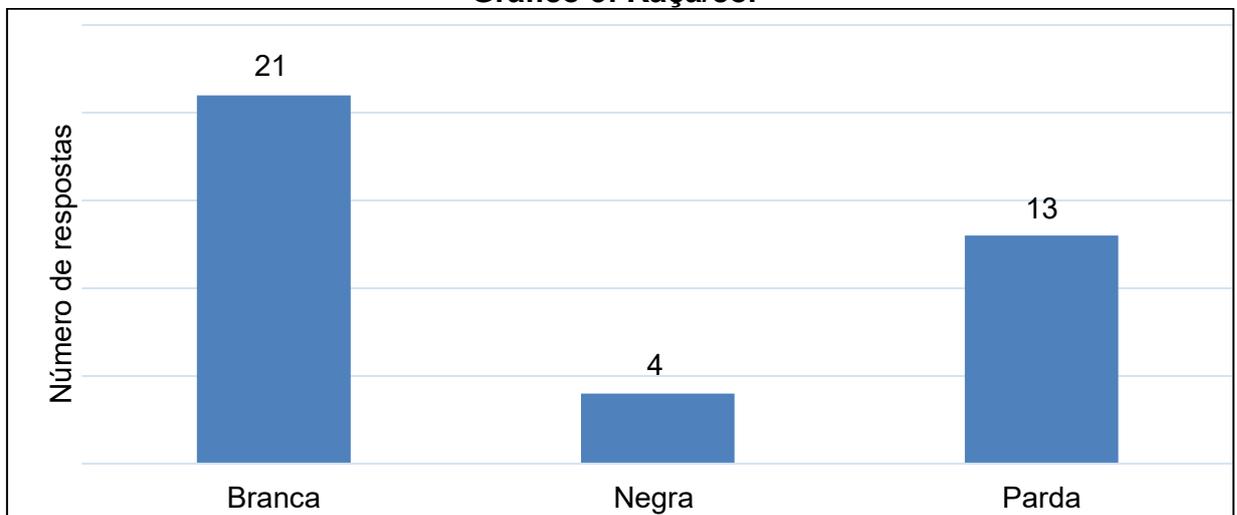
As informações que integram a caracterização sociodemográfica foram coletadas com o auxílio de um formulário, constante no apêndice L. Os 38 participantes da pesquisa apresentam algumas características predominantes: **a) idade** – 28 pessoas entre 18 e 20 anos (Gráfico 2); **b) gênero** – 21 participantes do gênero feminino; **c) raça/cor** – 21 participantes se declaram da raça/cor branca; **d) estado civil** - 35 participantes são solteiros; **e) número de filhos** - 36 participantes não têm filhos.

**Gráfico 1: Idade**

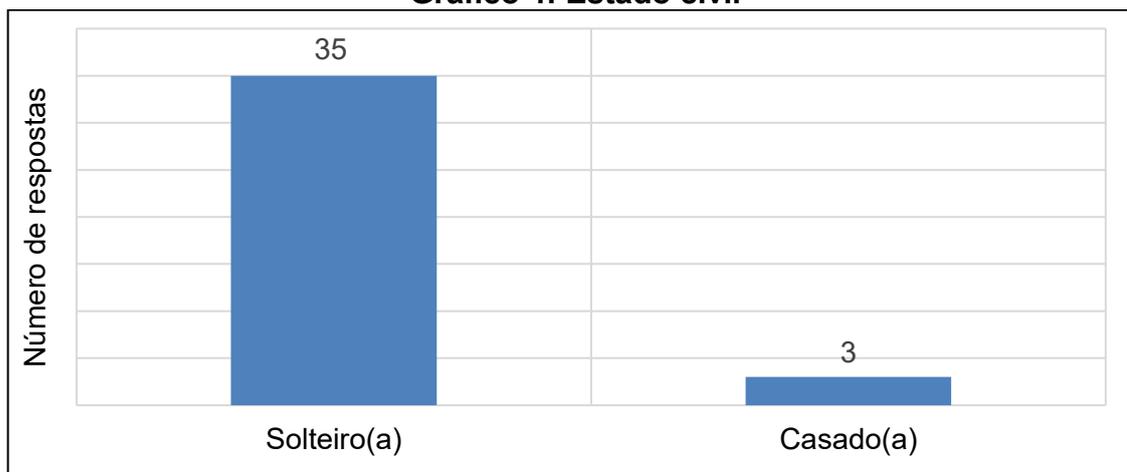
Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

**Gráfico 2: Gênero**

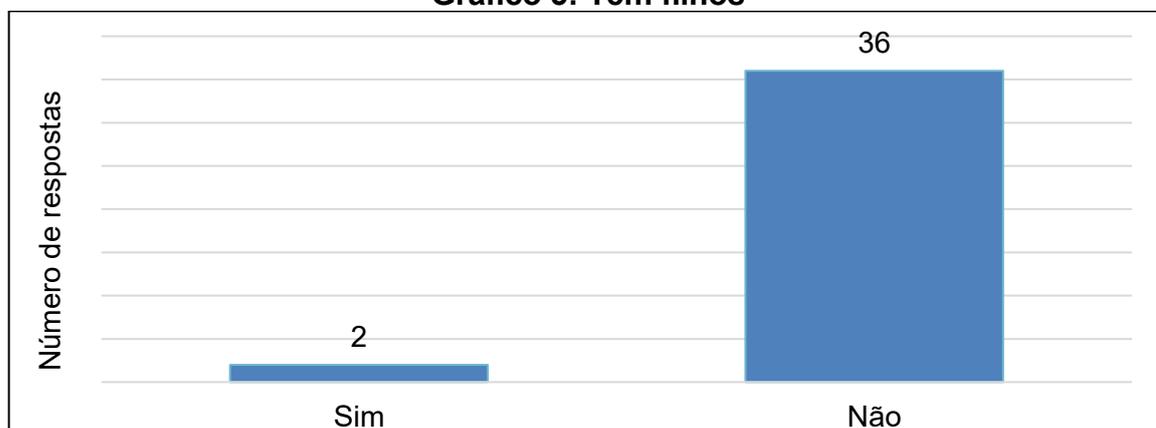
Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

**Gráfico 3: Raça/cor**

Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

**Gráfico 4: Estado civil**

Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

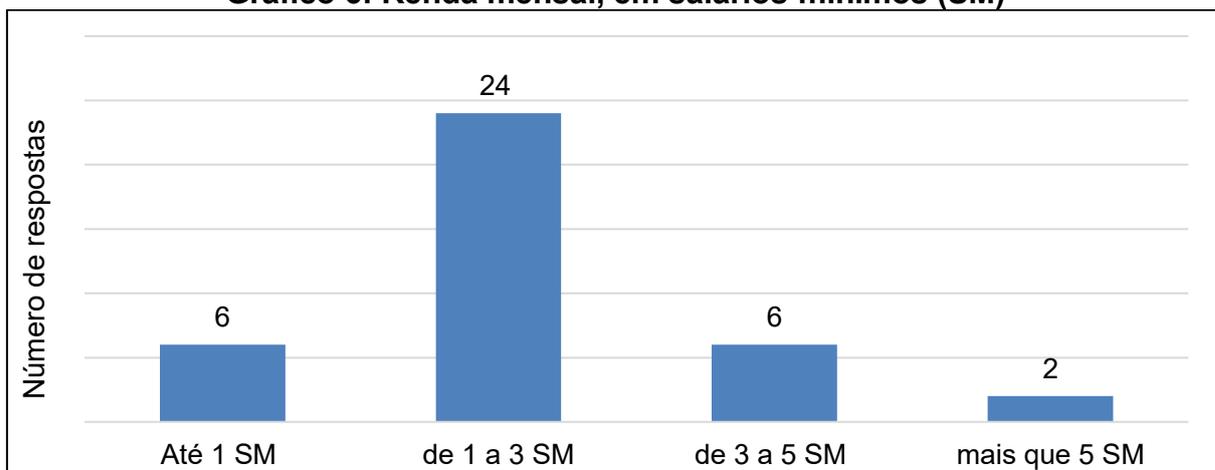
**Gráfico 5: Tem filhos**

Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

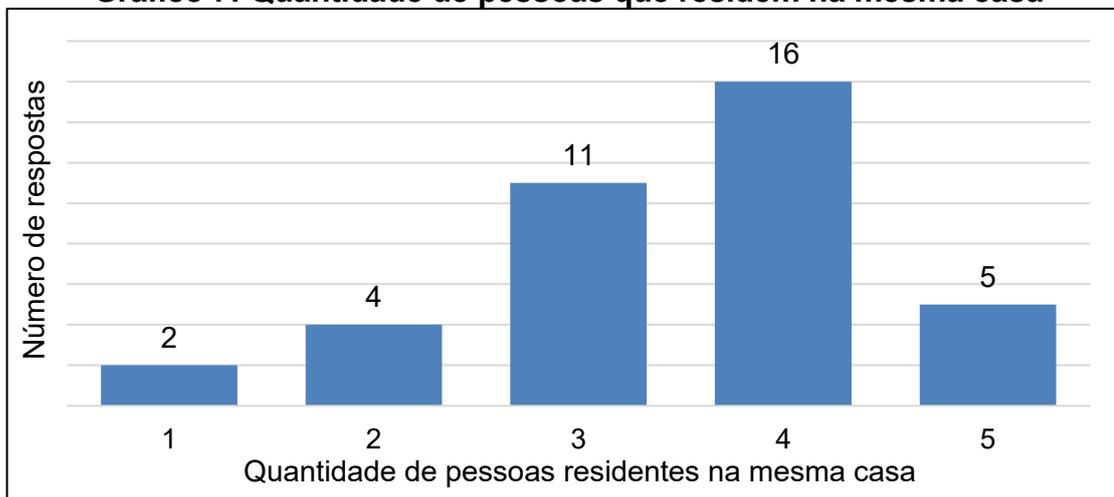
Os entrevistados residem nos municípios de Florianópolis (29) e São José (9), conforme é mostrado na Figura 4. Dos moradores de Florianópolis, 26 residem na Ilha de Santa Catarina e outros três, em localidades da região continental do município.

Referente ao **aspecto econômico**, a maior parte das famílias dos participantes (24) tem renda mensal de um a três salários-mínimos (Gráfico 6). O Gráfico 7 apresenta o número de pessoas que convivem na mesma casa, incluindo o entrevistado. Percebe-se que as respostas mais comuns são quatro residentes (16 situações) e três residentes (11 situações). A maior parte possui casa própria (22, Gráfico 8) e não estava empregada (24, Gráfico 9) no período da entrevista, mas alguns informaram que procurariam emprego após o vestibular ou ENEM.

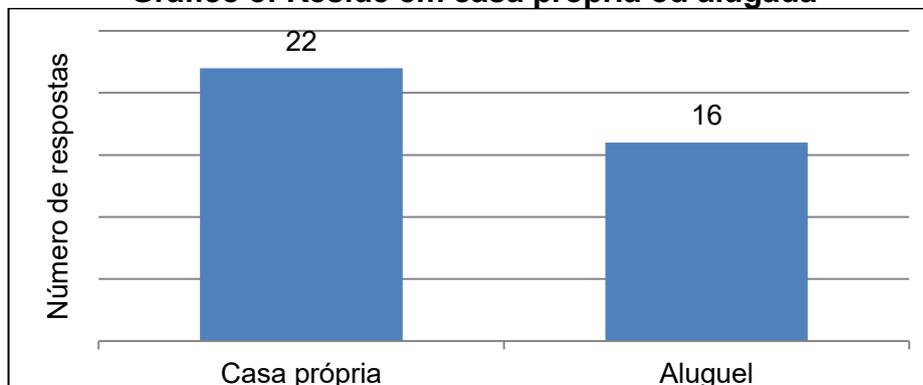


**Gráfico 6: Renda mensal, em salários-mínimos (SM)**

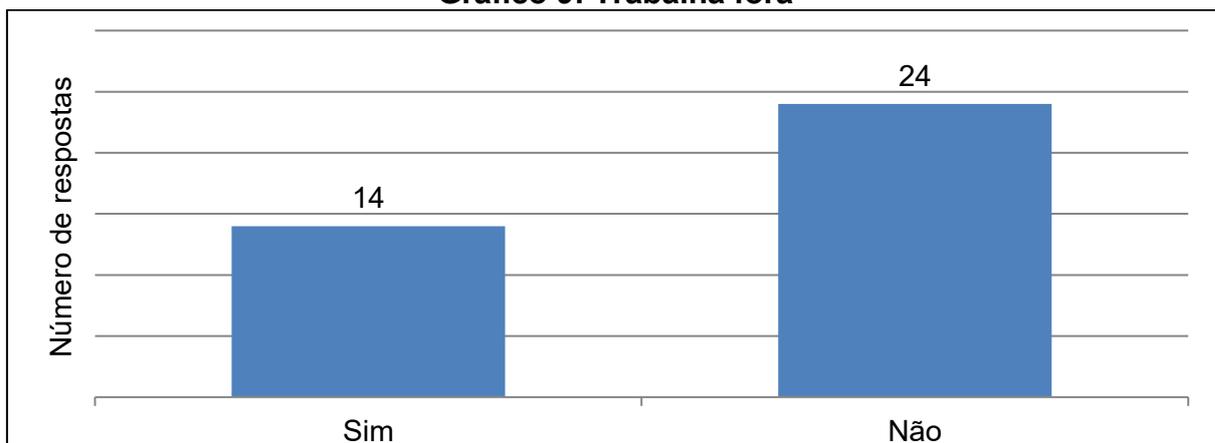
Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

**Gráfico 7: Quantidade de pessoas que residem na mesma casa**

Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

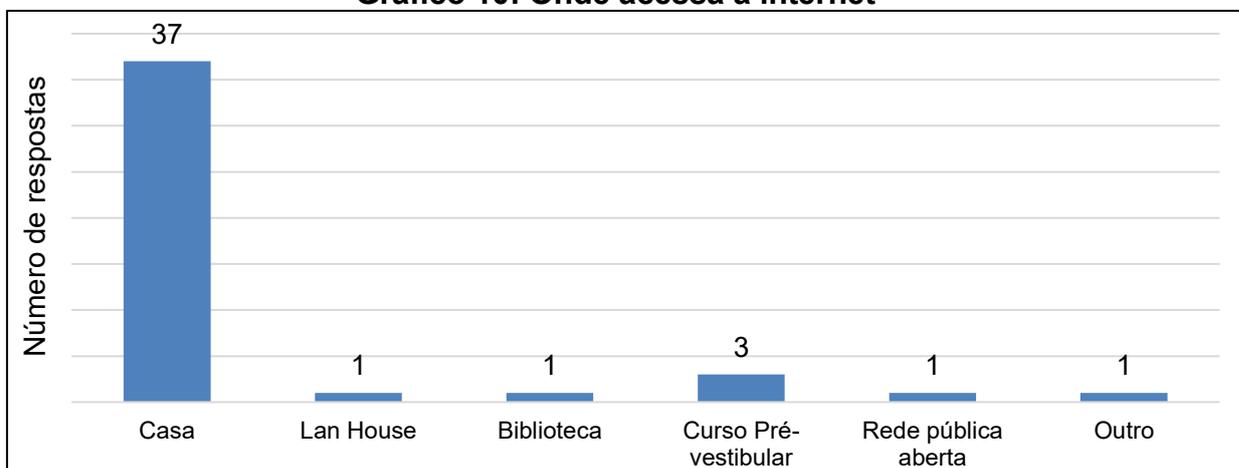
**Gráfico 8: Reside em casa própria ou alugada**

Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

**Gráfico 9: Trabalha fora**

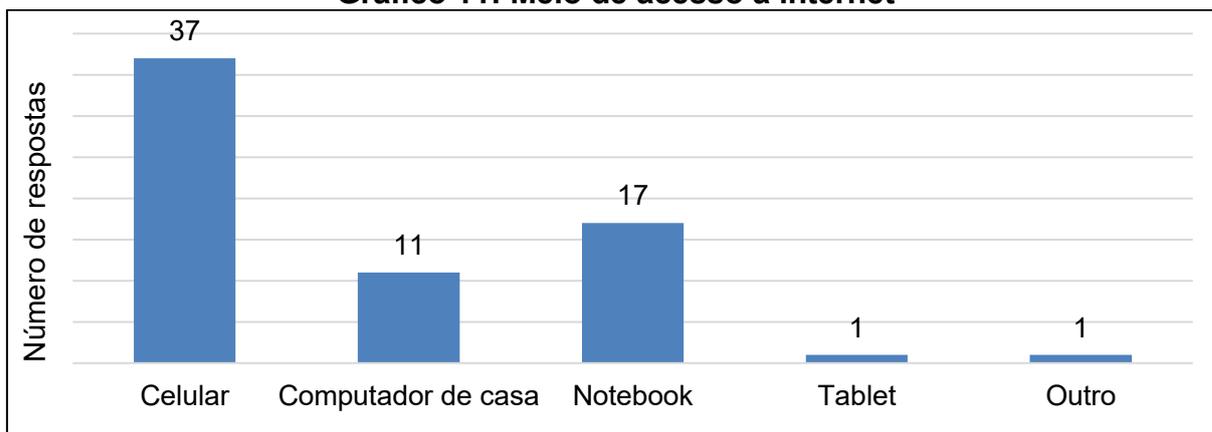
Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

Praticamente todos têm **acesso** à internet em casa (Gráfico 10), com uma única exceção, uma pessoa que usa *lan house*. Além disso, alguns entrevistados acessam adicionalmente de outros lugares, como a biblioteca do curso ou usando o sinal de rede pública aberta. Durante a pandemia, o usuário da *lan house* ficou prejudicado, tendo em vista que o estabelecimento comercial teve que permanecer fechado durante muito tempo, devido ao regramento relacionado à crise sanitária.

**Gráfico 10: Onde acessa a internet**

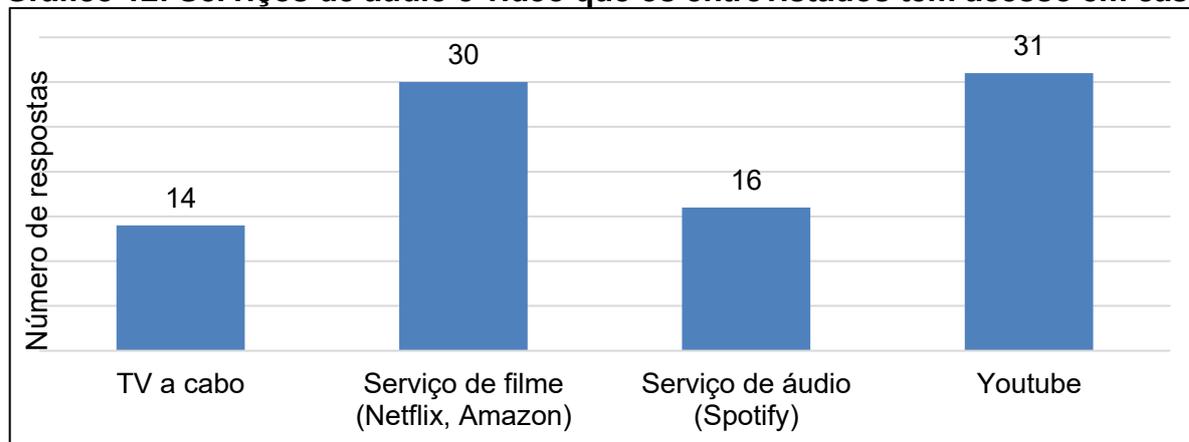
Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

A mesma pessoa que não tem acesso à internet em casa, também não possui acesso via smartphone, sendo, igualmente, a única exceção no uso dessa tecnologia, conforme o Gráfico 11. Neste caso, chama a atenção que oito entrevistados acessam a internet apenas pelo smartphone, meio pelo qual também acompanharam as aulas *on-line* e realizam pesquisas. Esse dado vai ao encontro dos resultados obtidos pelo IBGE na PNAD 2019 (BRASIL, 2021).

**Gráfico 11: Meio de acesso à internet**

Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

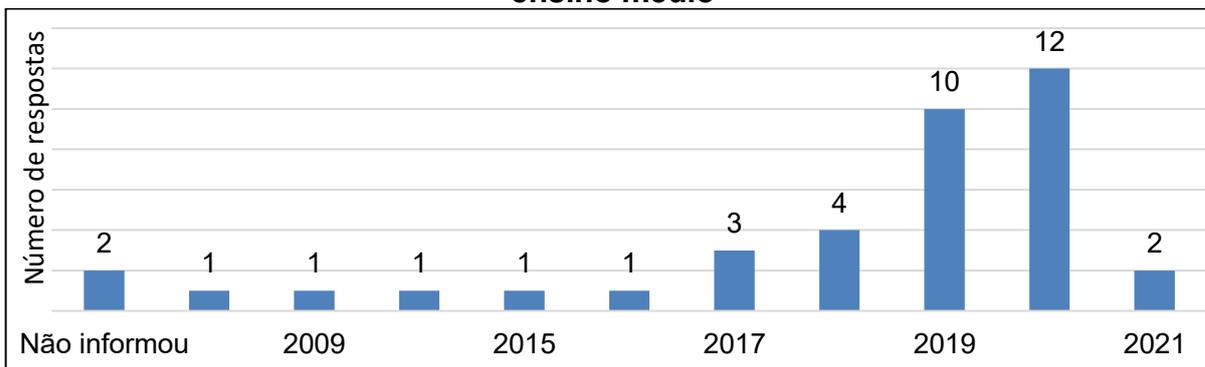
O YouTube e serviços de *streamings* de filmes são acessados por cerca de 80% dos entrevistados (Gráfico 12). Streamings de áudio (42%) e TV a cabo (36%), que também é utilizada. Em um dos casos, os serviços de streamings de áudio e vídeo são pagos por terceiros

**Gráfico 12: Serviços de áudio e vídeo que os entrevistados têm acesso em casa**

Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

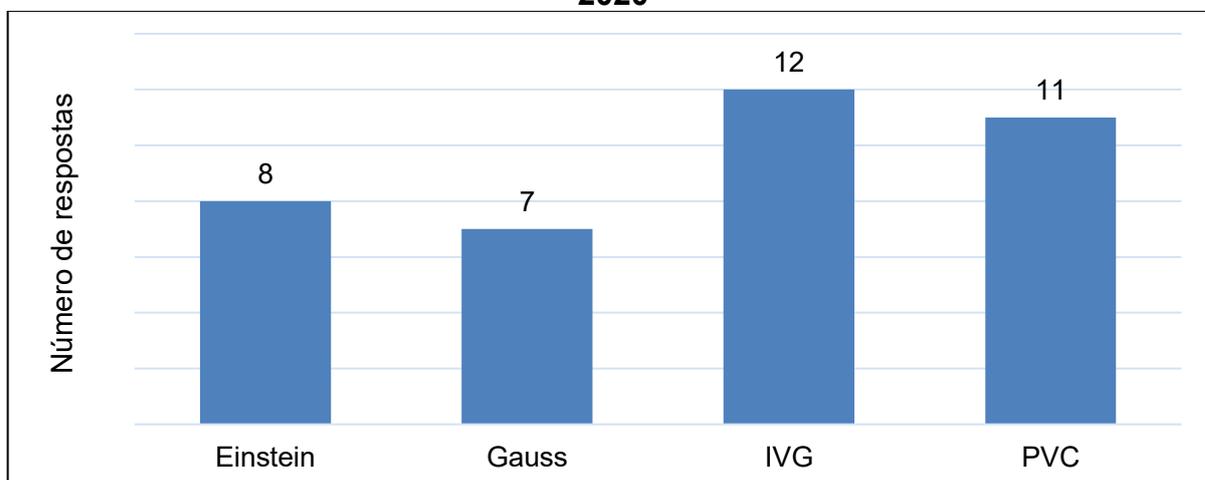
O Gráfico 13 apresenta a distribuição dos estudantes por ano de conclusão do ensino médio. No Gráfico 14, pode-se verificar a distribuição dos estudantes por curso pré-vestibular em 2020. O Gráfico 15 mostra em que períodos os estudantes frequentaram o mesmo curso em que estiveram matriculados em 2020. Já o Gráfico 16, mostra que há um equilíbrio entre os que não haviam frequentado anteriormente outro curso preparatório para o vestibular (20 estudantes) e os que já tinham feito (18 entrevistados). Dos que frequentaram outro pré-vestibular anteriormente, 13 o fizeram em um curso público, popular e gratuito, quatro em cursos privados e um entrevistado em cursos das duas categorias.

**Gráfico 13: Número de estudantes entrevistados por ano de conclusão do ensino médio**



Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

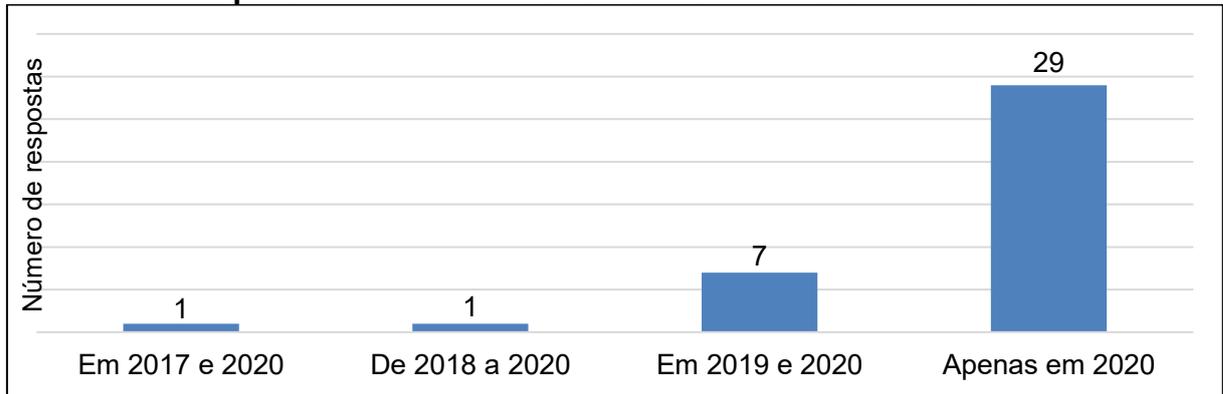
**Gráfico 14: Número de entrevistados por curso pré-vestibular frequentado em 2020**



Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

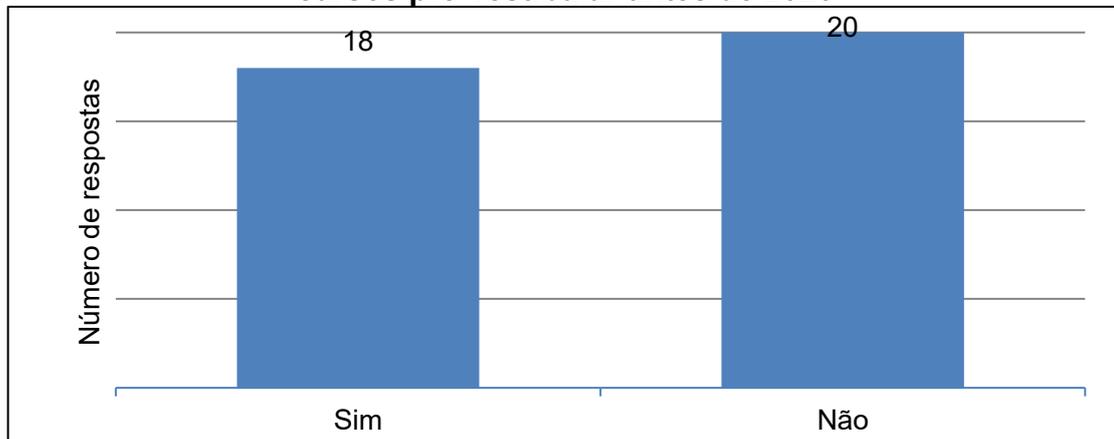
O Gráfico 17 mostra o número de edições de vestibular das quais os estudantes participaram, até a entrevista. Dos que já tinham feito alguma prova, 22 a fizeram como tentativa real e nove como treinamento, para adquirir experiência, e 13 foram aprovados pelo menos uma vez (Gráfico 18). A maior parte dos estudantes que responderam positivamente informaram que voltaram a se preparar para o vestibular porque desejam mudar de curso ou área de estudos. E três informaram que perderam a vaga por não terem compreendido o edital.

**Gráfico 15: Número de estudantes que frequentaram o mesmo pré-vestibular no qual estiveram inscritos no ano de 2020 e anteriores**



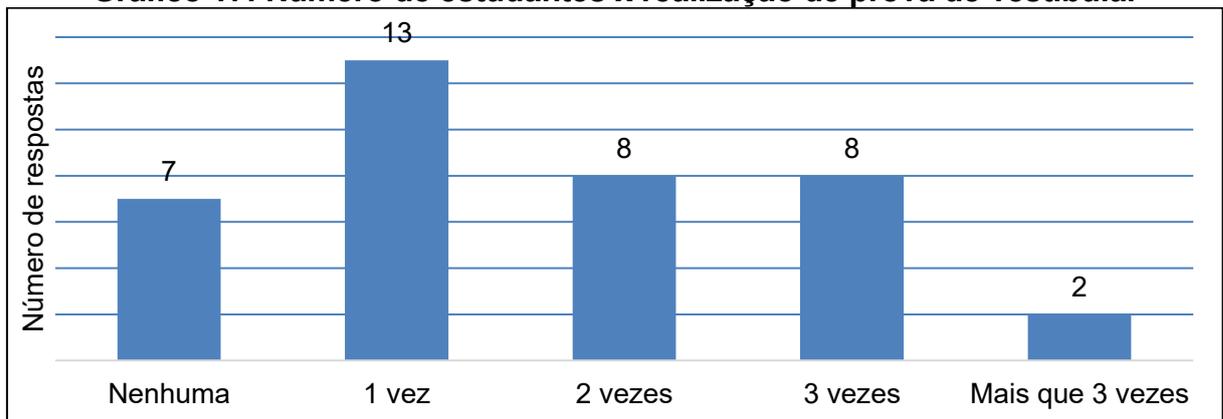
Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

**Gráfico 16: Número de estudantes que tinham frequentado ou não outros cursos pré-vestibular antes de 2020**



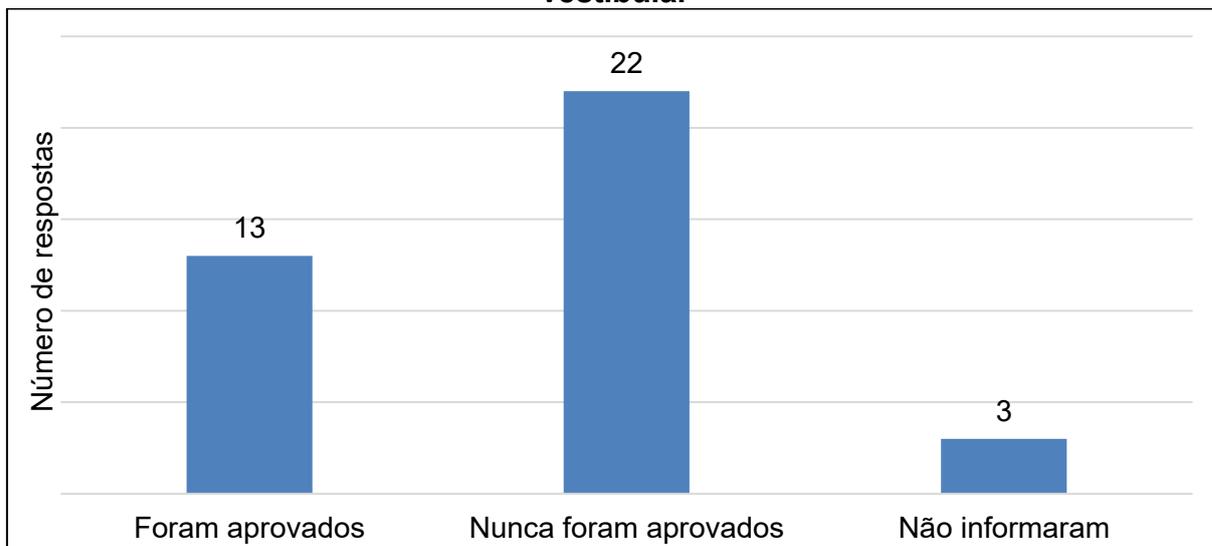
Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

**Gráfico 17: Número de estudantes x realização de prova de vestibular**



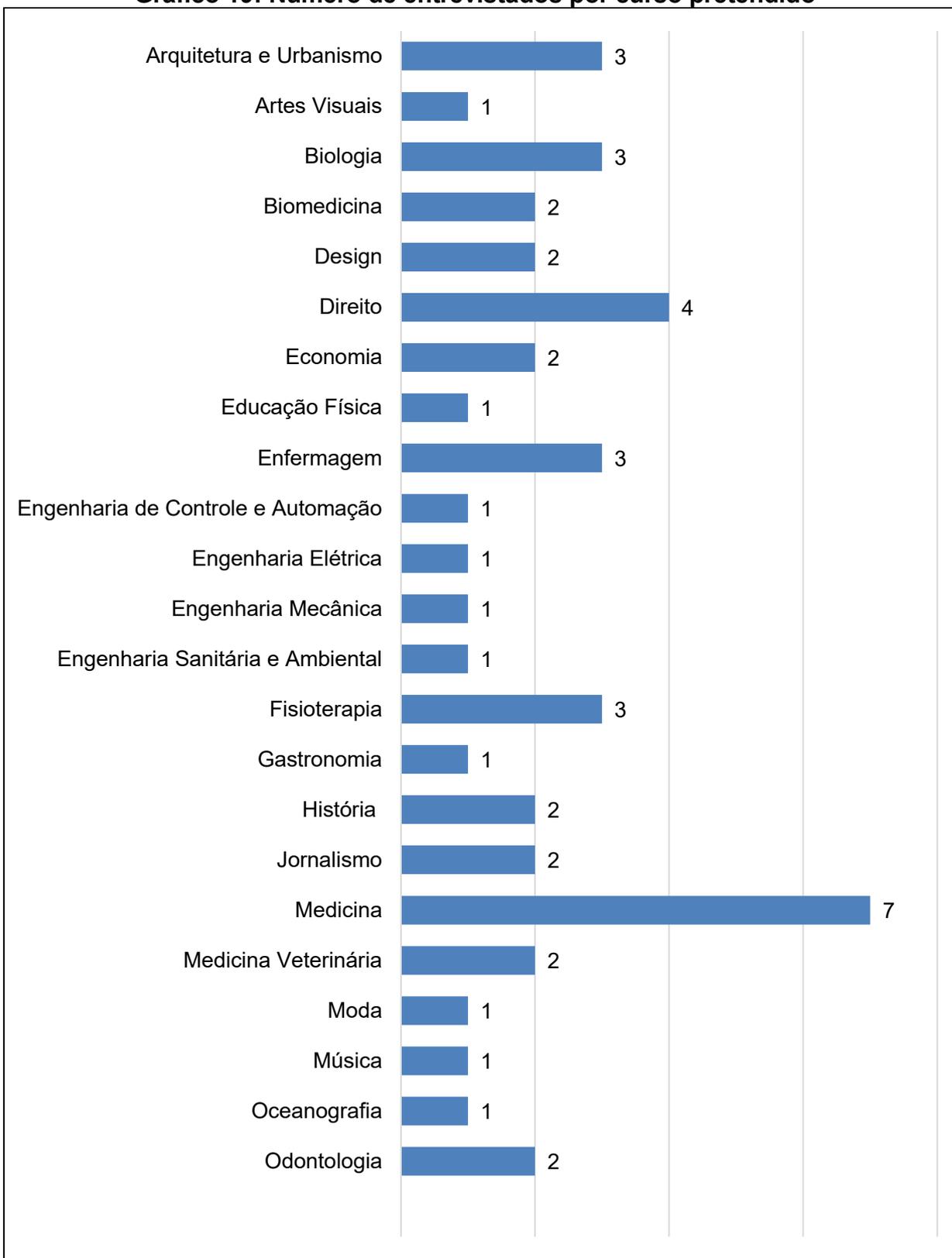
Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

**Gráfico 18: Número de estudantes aprovados anteriormente em algum vestibular**



Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

Os 38 participantes da pesquisa relacionaram 24 cursos almejados, sendo que vários estudantes citam duas ou mais opções, totalizando 48 indicações. O curso mais mencionado é o de medicina e a área da saúde responde por cerca de 40% das citações. Os motivos para as escolhas das profissões são a admiração, afinidade, identificação, aptidão ou interesse pela profissão ou pela área (18 citações), sendo que um disse ter descoberto a afinidade ao fazer o curso técnico; interesse pelo conteúdo estudado nos cursos (7); as oportunidades que a profissão oferece (1); a identificação com a causa – justiça, saúde ou comunicação – (3); gosto de trabalhar pessoas (alguns citam crianças), das interações humanas ou de animais (4); sonho de infância (2), além de uma estudante que se considera inventiva e deseja realizar o curso de arquitetura e outra se diz dividida entre o desejo dos pais (administração) e sua própria vontade (história).

**Gráfico 19: Número de entrevistados por curso pretendido**

Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

Nesta seção foram apresentados os dados de caracterização sociodemográfica dos entrevistados. Nas seções seguintes, serão apresentados resultados e análises dos demais aspectos das entrevistas.

## 6.2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Uma das premissas desta pesquisa foi compreender de que maneira os estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos buscam melhorar seu desempenho na lida com a informação. Para isso, considerou-se necessário identificar alguns aspectos relacionados à competência em informação desses entrevistados. Buscou-se entender em quais situações ou circunstâncias os entrevistados buscam a informação (em que momentos ou quando sentem essa necessidade), o quanto diversificam suas fontes de informação e se possuem *sítes* de referência para pesquisas (considerando-se apenas as investigações via internet), se elaboram estratégias para recuperar a informação; como avaliam e selecionam as informações e de que maneira utilizam a informação nos estudos para melhorarem seu desempenho.

Da mesma forma, foram indagados a respeito das suas rotinas e da organização (critérios e prioridades) para estudar. Essas perguntas foram feitas sem que houvesse uma menção à expressão “competência em informação”. Uma vez que os entrevistados responderam às questões, foi-lhes apresentado um conceito do tema, de Dudziak (2013) e, então, os estudantes foram indagados sobre as estratégias que utilizam para desenvolver sua competência em informação. A opção de discutir os atributos sem mencionar a expressão “competência em informação” ou o seu conceito, foi adotada para evitar uma possível distorção das respostas a partir de conjecturas ou imprecisões conceituais. Por isso, apenas na última pergunta deste tópico é que o tema foi tratado diretamente, com a menção, inclusive do conceito. Por fim, os participantes foram questionados se sentiam preparados para o vestibular ou o ENEM.

### 6.2.1 Motivações dos entrevistados para a busca de informações

Na etapa de questionamento sobre os motivos que levam os entrevistados a procurarem informação, algumas respostas chamaram a atenção:

*[...] eu não sei explicar muito bem. Na verdade, é uma coisa que eu sinto, só sinto, sabe. É como se eu precisasse, eu sinto como se precisasse saber. É aí que eu começo a ir atrás das informações que eu procuro, que é quando geralmente não sei alguma coisa ou quando to curioso pra saber alguma coisa, daí eu procuro e até apreende (APÊNDICE I, E4).*

*Quando eu sinto que, tipo, eu não sei alguma coisa que talvez seria bom para mim saber, eu vou atrás [...]. Depende muito do que eu quero saber, né, mas não sei exatamente como responder isso (APÊNDICE I, E8).*

*[...] eu gosto de buscar, eu gosto de aprender [...] (APÊNDICE I, E16).*

*Acho que é a partir da vontade, quando sinto vontade, seja pra ingressar numa faculdade ou, como falei antes, a vontade de só saber sobre a família real. Acho que parte da minha própria vontade, do meu desejo [...] (APÊNDICE I, E29).*

Essas três respostas transcendem a média das demais sobre o tema. Esses três estudantes reconhecem que alguma coisa, um sentimento – como um deles se referiu – os perturba, mas não conseguem descrever exatamente o que sentem. Eles revelam uma ânsia pelo aprendizado.

Outro estudante seguiu na mesma linha, porém associou esse desejo à dificuldade com a sobrecarga de informações.

*[...] eu acho que com cada vez mais nesse mundo globalizado a gente percebe [...] uma imensidão de informações [...]. Parece que quanto mais você consome, [...] não sacia, de certa forma, porque [...] tem muito para se consumir, tem muito pra se aprender [...]. Então, eu acredito que essa necessidade, ela seja continua, então não posso dizer que a partir de algo, [...], mas de certa forma, a gente acaba reconhecendo que, por conta de um todo, [...] eu vou falar da minha vida de pré-vestibulando. Então, por ser vestibulando eu tenho que me dedicar bastante. Então, a gente tem um teto, a gente tem a nota de corte que temos que alcançar, né. Então, acredito que [...] o máximo que puder absorver de informação seria o ideal. Então, essas necessidades de informação ela pode ser variada e, ao mesmo tempo, pode não ser nada (APÊNDICE I, E02).*

Entre os demais participantes, um objetivo que foi mencionado por mais da metade dos entrevistados, é a busca da informação para o aprendizado, para a compreensão dos temas, em especial os conteúdos previstos para as provas de vestibular e do ENEM e de atualização profissional. Há também os que afirmam procurar informação para sanar dúvidas e, outros, disseram que o fazem quando têm curiosidade – entre esses, dois que dizem que buscam informações complementares sobre filmes ou séries que estão assistindo. A palavra “curiosidade” é utilizada adicionalmente aos demais objetivos, diante do que, se infere que é usada para explicar

a busca da informação sem um objetivo relacionado a estudos, trabalho ou atualização profissional.

A pesquisa é uma ação constante para vários entrevistados:

*[...] a todo momento. Sempre que estou na frente do computador eu procuro buscar (APÊNDICE I, E01).*

*[...] acredito que 'sempre' poderia se encaixar melhor do que 'de vez em quando', então acredito que sempre. Sempre [...] na ativa, digamos. Sempre buscando aprender mais (APÊNDICE I, E02).*

*[...] em qualquer momento [...] Desde alguma série histórica que eu vejo, já procuro no Google alguma coisa. To sempre aprendendo alguma coisa [...]. Então, em qualquer momento do dia que eu leio um livro, alguma coisa, eu to sempre aprendendo um pouquinho mais (APÊNDICE I, E03).*

*[...] Eu busco informação, na verdade, o tempo inteiro, [...] mas, muitas vezes é [...] quando vejo realmente que não sei algo, daí quero aprender aquilo, quero saber aquilo, aí é quando [...] mais pesquiso, mais procuro (APÊNDICE I, E04).*

*[...] Então, nesse ano, assim, dentro do cursinho e tudo, foi praticamente o dia inteiro [...] (APÊNDICE I, E05).*

*[...] eu acho que em quase todo o momento, [...]. Eu sempre estudei em escola pública [...] e quando [...] comecei [...] o pré-vestibular [...] pra mim, foi um choque, sabe, porque era muita diferença na didática dos professores e estudar e no começo foi um pouco assustador [...] (APÊNDICE I, E17).*

*O meu dia inteiro, porque a gente navega pelo celular, e pelo Instagram tu já sabe um monte de coisa, então tu vai lá e pesquisa sobre aquilo. Então eu acho que é a todo o instante, porque eu vejo bastante televisão, vejo jornal, então... (APÊNDICE I, E35).*

Para esses estudantes, a busca pela informação se tornou um fluxo contínuo em suas vidas.

Um em cada três estudantes citou como motivação para a pesquisa a necessidade de se atualizar sobre os temas, em especial da política e do cotidiano, o que é feito por meio do noticiário. A principal perspectiva mencionada por esses entrevistados é compreender as diversas visões de mundo. “[...] pra não ficar só com aquele pensamento meu [...]” (APÊNDICE I, E10), incluindo as questões de saúde, “[...] porque ultimamente a gente tá passando numa crise que precisa de informação a todo momento[...].” (APÊNDICE I, E30).

*[...] eu sempre gosto de buscar quando eu estou na dúvida, quando eu não tenho certeza de algo, ou quando eu quero aprender sobre algo aí eu vou*

*atrás de artigos de revistas essas coisas e, também, quando o assunto está muito em alta, daí eu vou lá dar uma olhada ver como é que é, para poder criar a minha para opinião sobre aquilo, que eu sou uma pessoa que gosta debater bastante, gosto de conversar bastante [...] (APÊNDICE I, E34)*

A preocupação com as *fake news* – e a conseqüente necessidade de buscar a informação correta – também é expressa pelos entrevistados como mais uma entre as diversas razões que os levam a buscar mais informações.

*Eu busco quando vejo algo que aconteceu. Por exemplo, eu acho que tem várias formas de interpretar, porque se for uma notícia eu busco depois de ver [a notícia]. Mas, se é uma coisa do meu interesse, que eu preciso questionar e tirar uma dúvida eu acho que essa é a hora que eu vou ter a necessidade de buscar [...] (APÊNDICE I, E35)*

*[...] é que a gente vê muitas fake news [...]. Então, às vezes a gente tem necessidade de checar essa informação. Então, quando eu acho que uma informação é fake, por exemplo, ou até para saber mesmo. Ter acesso à informação [...] (APÊNDICE I, E36).*

*Eu acho que coisas levam a gente a buscar informação [...]. Então, que nem esse momento eu sei que eu tenho um objetivo final, então eu tenho que buscar informações para, por exemplo, estudar para o vestibular. Mas também quando, que nem nesse momento muito louco que tá agora, de pandemia, a gente tem que sempre estar buscando a informação, mas também averiguando se é uma fonte confiável e tudo mais. Porque o mundo, assim, é sempre muito doido, assim [...] Então, eu acho que a gente tem que estar sempre buscando... Claro que às vezes a gente busca mais com foco numa área, e tudo mais, do nosso interesse. Mas eu acho que é importante a gente tá vendo sempre meio geral [...] Para a gente estar bem amparado dos fatores principais do mundo. [...] (APÊNDICE I, E11).*

Essa preocupação dos estudantes com as notícias falsas encontra respaldo na literatura. Em artigo que trata de pesquisa sobre *fake news* no contexto da Covid-19, Moraes (2020) lembra que há alguns anos, durante a epidemia de Zika Vírus, no Brasil, houve disseminação de notícias falsas em redes sociais digitais. “No entanto, uma boa parcela desses usuários não consegue analisar a veracidade da informação que recebe e a toma como verdade, principalmente, quando essa notícia corrobora com a sua visão de mundo e às suas crenças pessoais” (MORAES, 2020, p. 224).

A autora defende que a competência em informação se configura numa das grandes aliadas no combate às *fake news*. “Ela pode auxiliar os indivíduos a não aceitar prontamente uma informação que lhe chega e buscar compará-la com outras”. E se as pessoas tiverem essa competência em refutar a informação mentirosa, mais as fontes se vigiarão antes de lançar mão desse estratagema (MORAES, 2020, p. 240).

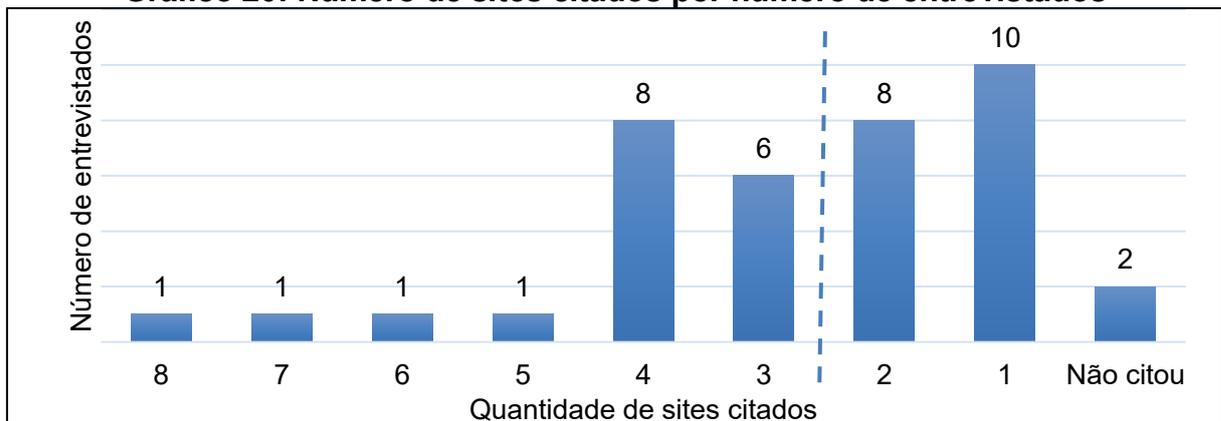
### 6.2.2 Diversidade, avaliação e seleção das fontes

Em relação às fontes de informação na internet, foram feitas perguntas que objetivaram perceber o quanto os alunos tentam diversificar suas fontes de pesquisa e de que maneira eles as selecionam e as avaliam. Para analisar o grau de diversificação das fontes, foi solicitado aos entrevistados que citassem os *sites* nos quais pesquisam mais costumeiramente. Em outra pergunta, cada entrevistado era indagado quanto às formas de avaliação e seleção de fontes e da informação em si.

Constata-se que os participantes não possuem diversidade de fontes na internet. Os 38 participantes da pesquisa listaram 42 *sites*, o que representa uma média aproximada de 1,1 por entrevistado. Além disso, conforme o Gráfico 20, há maior concentração de estudantes que mencionaram quantidade menor de *sites*. Percebe-se, à direita da linha tracejada, que 20 participantes, ou seja, um pouco mais da metade deles, listaram no máximo dois *sites*. O maior agrupamento é de estudantes que citaram apenas uma fonte (10 entrevistados). Duas estudantes não citaram fontes da internet, pois disseram preferir livros. No complemento da resposta, uma delas afirmou que faz pesquisas na internet também, mas não lembrou dos nomes de *sites*.

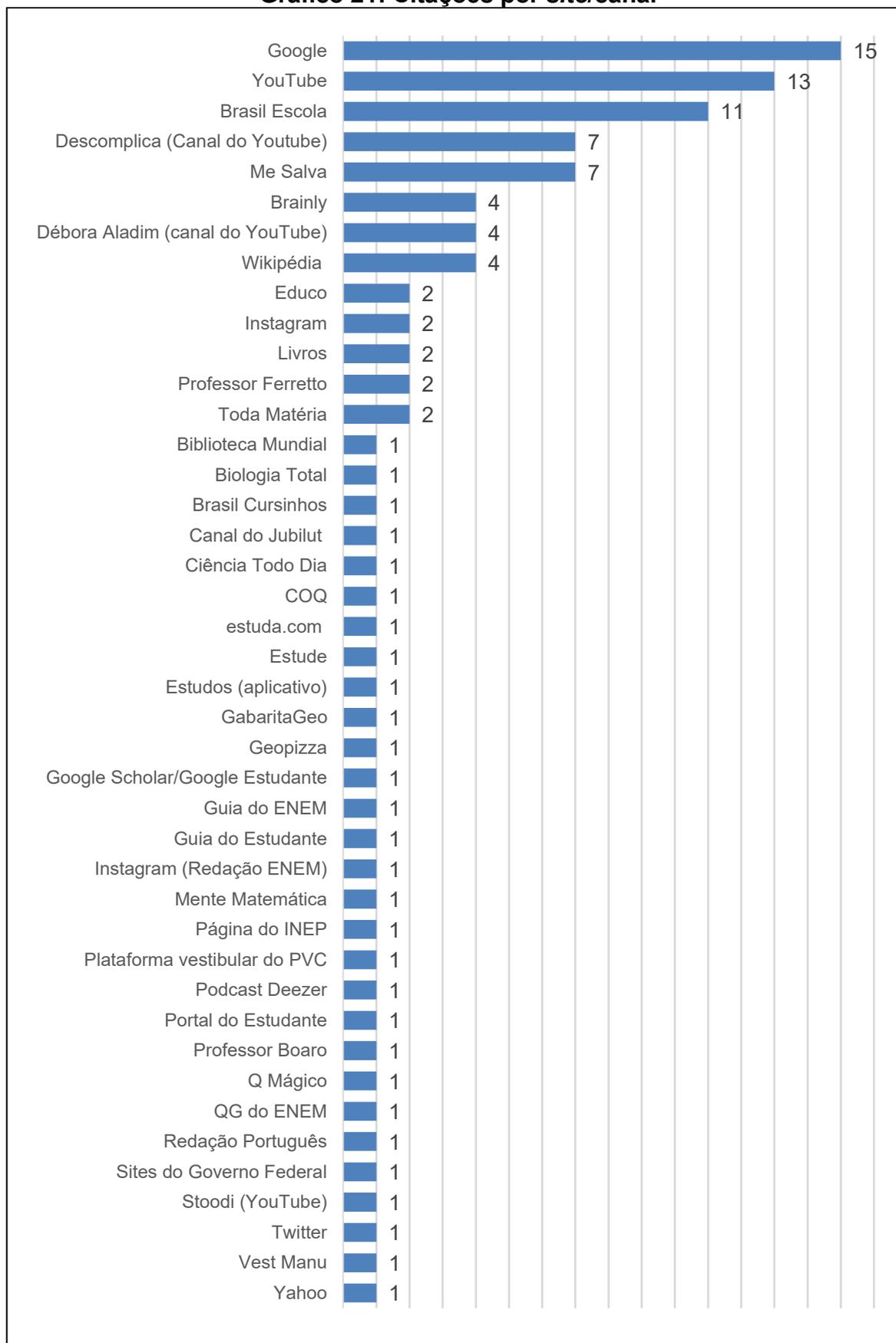
No outro extremo, entre os participantes que mencionaram maior quantidade, um estudante listou oito *sites*. Ele deu a entender que teria ainda mais, ao concluir dizendo “acredito que esses de imediato sejam suficientes” (APÊNDICE I, E02).

**Gráfico 20: Número de *sites* citados por número de entrevistados**



Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

A baixa diversidade é constatada também na relação dos nomes dos *sites*, como se observa no Gráfico 21.

**Gráfico 21: Citações por site/canal**

Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

Cerca de um terço dos *sites* relacionados, a começar pelos dois mais citados, não são repositórios de conteúdos destinados ao ensino médio ou preparação para o vestibular. O Google é apontado 15 vezes, e o Yahoo, uma vez, são serviços de busca, mas que podem apontar sites de conteúdo de interesse. O YouTube, mencionado 13 vezes, é um repositório genérico de vídeos, assim como o Deezer, mencionado apenas uma vez, é de arquivos sonoros. O Twitter e o Instagram são redes sociais. Todos esses ambientes virtuais podem auxiliar nas buscas de conteúdos de interesse de um pré-vestibulando, mas não são fontes específicas de busca de conteúdo para as demandas de um processo seletivo ao ensino superior.

As menções ao Google e ao YouTube ainda são agravadas pela frequência com que aparecem como a única ou uma das duas únicas referências dos entrevistados. Quatro participantes só se lembraram do Google. O serviço de busca foi citado ainda por cinco dos oito entrevistados que mencionaram dois *sites*. Portanto, nove de suas 15 menções são feitas por quem lista no máximo dois *sites*. Já o YouTube é o único portal mencionado por três entrevistados. Por outro lado, dos quatro estudantes que mais nominaram *sites*, apenas um mencionou o YouTube (genericamente, isto é, sem especificar um canal) e nenhum deles citou o Google.

Assim, há um contexto de similaridade nas percepções apresentadas: muitos estudantes não souberam determinar os nomes dos *sites* de pesquisa, nominando-os como “um aplicativo que se chama estudos” (APÊNDICE I, E17), “a própria página do INEP” (APÊNDICE I, E19) ou, genericamente, os conteúdos disponibilizados pelo curso.

A seguir algumas respostas entre os alunos com baixo número de *sites* listados:

*[...] agora principalmente pro ENEM, eu não sou muito de pesquisa, assim, em sites e tudo mais. Eu uso o material que eles [...] dão pra gente [...] e aí me surge uma dúvida muito pontual, assim, ou eu mando [para o] professor, [...] ou eu pesquiso no Google. Faço uma pesquisa rápida ali e é isso. Mas eu não tenho um site específico que eu faça as pesquisas (APÊNDICE I, E03).*

*E18: Eu estudo agora em casa pelo YouTube só. Não faço muita pesquisa em sites (APÊNDICE I, E18).*

*Eu acesso o, vou ter que lembra o nome, acho que é o Facebook, é... não o Google. [risos]. O Google (APÊNDICE I, E20).*

*[...] o pessoal lá do curso [...] dava bastante material pra gente, de nome agora eu não vou saber, mas tem bastante aplicativo que simula prova do ENEM, faz bastante simulado [...] por aplicativo, sempre buscava bastante aplicativo*

*e vídeo aula, assim, YouTube, também [...] de determinado assunto, sempre estava procurando, então, uma esclarecida melhor (APÊNDICE I, E 28).*

*Tem o Brainly que uso, que é de resposta de questões e coisas assim. Aí tem o estuda.com também. Eu acho que esses são os principais que me vêm à mente agora. [...] (APÊNDICE I, E37).*

Embora sejam fontes de informação para os estudantes, os professores e os materiais distribuídos pelos cursos não são objeto desta pesquisa. Por isso, não foram tratados nas entrevistas, nem são analisados aqui.

Não é possível determinar o quanto os estudantes deixaram de listar nomes de *sites* por esquecimento ou por não possuírem a prática de buscar em *sites* específicos ou especializados. Essa dúvida foi parcialmente resolvida com a questão seguinte sobre os critérios de avaliação de fontes e da informação.

#### 6.2.2.1 Avaliação e seleção

Com a pergunta “Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação”, buscou-se identificar o quanto as respostas a esta questão e à anterior (a citação de *sites*) estariam de alguma forma associadas. Quais critérios de seleção, mais precisamente, são adotados pelos que referenciam maior número e pelos que citam menor quantidade de *sites*. Assim, foram cotejadas as respostas dadas às duas questões.

Inicialmente, serão vistas as declarações dos estudantes E02, E23 e E30 (que mencionaram oito, sete e quatro *sites*, respectivamente). Estes entrevistados relatam critérios de seleção de fontes a partir do tipo de necessidades, que podem ser para trabalhos de aula ou mera curiosidade para um bate-papo informal.

*[...] eu acredito que o ‘selecionar’ vem a partir do que que a gente já considera como fonte confiável [...]. Então, querendo ou não, nós já estamos acostumados com certos blogs ou sites, alguns meios aí que já são mais confiáveis [...]. Então, eu acredito que a maioria das coisas que eu pesquiso são sempre [...] dentro desses mesmos meios, [...] desde os mesmos jornais, de certa forma... Claro, a gente sempre costuma sair um pouco, né, dessa... dessa mesmice. Mas, no geral, naquela pesquisa rápida, que no cotidiano demanda praticidade a gente acaba sempre indo [...] nos mesmos, assim. [...] eu acredito que sempre quando to entrando em um site que já considere confiável pra mim [...] o que está lá já é suficiente pra mim, [...] dependendo do que eu estou procurando (APÊNDICE I, E02).*

*[...] Como [...] estou inserido na vida acadêmica, [...] tenho experiência em pesquisa pra realização de trabalhos e estudos etc. [...], por exemplo, quando eu pesquiso algum assunto que tem no Brasil Escola, que é um site digamos, de conteúdo, assim, mas que não é tão profundo, [...] que dá um panorama geral sobre aquele assunto, então, eu leio aquelas informações e, tipo, 'ah! Ok. Essa é uma noção geral sobre o assunto'. E quando precisaria de algo mais específico [...] por exemplo, 'ah! saber mais a fundo sobre aquele fato histórico' aí eu recorreria a algum artigo científico sobre aquele determinado assunto. Mas, por exemplo, então, no Wikipédia, como eu falei, é uma pesquisa que eu uso não pra, por exemplo, pra responde [...] uma avaliação ou um trabalho ou pra estudar pro ENEM. Seria uma coisa mais de consulta, mesmo, por exemplo, 'ah! Cita aqui sobre a Revolução Industrial, porque aconteceu um negócio que eu posso usa nessa diálogo, mas eu lembro qual que é, se a primeira, a segunda ou a terceira que teve a máquina a vapor. Daí eu vou lá no Wikipédia que é o primeiro site que aparece, que geralmente tem muita informação lá e 'ok. Foi em 1850', daí eu vou lá... é pra isso que eu uso tipo o Wikipédia, algum blog, assim, então, tipo uma informação que é mais por curiosidade não por certeza, daí eu acabo utilizando o Wikipédia que é acesso. [...] Enfim, tem um mecanismo dele próprio... um mecanismo de funcionamento. Algum blog, talvez, poderia ser interessante, sim, uma informação mais por curiosidade, assim. E os próprios canais do Youtube que já são, digamos, que famosos. O próprio Me Salva, então o conteúdo que eles passam lá passa por toda uma triagem lá da equipe, vários professores etc. (APÊNDICE I, E23).*

*[...] eu só vou no sites que eu já conheço melhor, então geralmente sempre que eu vou estudar o Info Escola aparece primeiro [...] Então eu sempre vejo, às vezes, eu aperto nos links para ver quem são as pessoas que fizeram esse canal [...] da página. Também sigo outros rastros que eles deixam para gente pode ver se é uma fonte confiável ou não [...] e a forma como tá escrito, porque a escrita também ajuda muito a você [...] uma pessoa que escreveu de uma forma, se é uma pessoa confiável ou não quem tá escrevendo. A escrita, ela mostra muito isso. Então, [...] se o site está cheio de palavras muito difíceis num site [...] que é pra alunos entenderem e [...] são escritas muito difíceis e você já vê que não é um site muito confiável. Porque geralmente eles são feitos de forma que fique fácil pra todos entenderem. [...] Então, eu vejo isso pelo site. Se o site tem muitas palavras difíceis e textos muitos grandes e que enrolam muito já não é um site muito confiável [...] (APÊNDICE I, E30)*

No outro extremo, foram selecionadas respostas de alguns dos que citam apenas um site cada.

*Eu sempre tento olhar [...] olhar quem que escreveu aquela página ali do site, ver se é um site confiável e eu sempre abro dois ou três, pra ver se as informações batem. [...] se tem muita divergência, eu vou abrindo mais e vou vendo, porque tem essa diferença nas informações, mas eu sempre abre dois ou três sites pra ver [...] se eles condizem (APÊNDICE I, E03).*

*[...] o site as vezes eu posso até não ter [...] certeza da resposta, mas sempre quando a gente vê alguma resposta, a gente tenta olha pra ver se se pega bem [...] no fundo da pergunta, pra ver se responde tudo o que tem a ver com a minha dúvida [...] eu avalio isso, se tá respondendo mesmo (APÊNDICE I, E10).*

*[...] sempre procuro ver mais vídeos [...] de três a cinco vídeos ali pra sanar bastante e falar [...] é realmente isso' [...]. Ou mesmo não só vídeos, mas textos [...] E [...] seleciono [...] pela credibilidade, se é um professor ou algo do tipo[...] (APÊNDICE I, E14).*

*Eu busco [...] nos primeiros sites que aparecem. E eu vou lendo e [...] selecionando o que eu acho que combina mais com a pergunta, o que tá mais explícito, o que é mais utilizado, também os sites que são mais visitados (APÊNDICE I, E18).*

*Eu analiso se [...] por exemplo, [...] tá dentro do conteúdo daquilo que, por exemplo, vai cair dentro da prova.*

**P1: E você também costuma fazer uma análise que trata disso, se são sites reconhecidos, que você conhece ou não?**  
*Não.*

**P1: Então não faz análise de sites, né?**  
*Não (APÊNDICE I, E20).*

*[...] eu sempre quando pesquiso eu busco os resultados mais relevantes que são os que aparecem primeiro [...] e eu seleciono sempre acho os primeiros sites que passam e daí eu vou ler o conteúdo e se for algo que eu vejo que é relevante... (APÊNDICE I, E26).*

Os depoimentos, de maneira geral, e os trechos selecionados, expostos anteriormente, não permitem uma percepção inequívoca de que haja diferença nos modos e critérios de avaliação adotados pelos estudantes que mencionam maior quantidade de *sites* ou aqueles que mencionam menor quantidade. Existem, no entanto, algumas distinções mais explícitas, como é o caso de E23 no primeiro grupo, e E18 e E20, no segundo grupo. Nestes exemplos, que não podem ser tomados pelo todo, visto que não se configuram em amostragem representativa, é possível constatar diferenças consistentes no que diz respeito à forma como relatam o modo de avaliação dos *sites*.

As diferenças mais salientes são entre E23 e E20. De um lado, um estudante do Ensino Médio em uma instituição pública de renome, na qual já realiza pesquisas acadêmicas mais elaboradas. De outro, uma pessoa com mais de 50 anos de idade, que tenta retornar aos estudos depois de longo período de afastamento e que não possui internet, nem computador em casa, tendo que fazer pesquisas em uma *lan house*. Sua prática de pesquisa consistia em imprimir o conteúdo, com a ajuda do proprietário do estabelecimento, de páginas selecionadas para ler depois, em casa. Além disso, a *lan house* ficou fechada por longo período devido à pandemia.

De maneira geral, percebe-se que os estudantes adotam mais do que um critério, sendo que o mais recorrente (13 citações, ou seja, em torno de um terço dos entrevistados) é a comparação dos conteúdos entre as diversas fontes.

*[...] Então, na verdade, eu costumo lê e daí eu vou procurando em vários sites, [...] eu vejo que são muito [...] parecidos [...] pouca coisa [...] diferença, algumas palavras só que mudam e eu vejo que [...] três, quatro sites fala a mesma coisa, eu acabo [...]confiando naquilo. Agora, quando vejo que tem muitos sites que fala muita coisa diferente, [...] já tento buscar em alguma coisa mais profunda, [...], que explique melhor. E aí eu vou vendo também [...] pela fala [...] porque às vezes [...] eu já sei [...] mais ou menos do que se trata. Aí quando vejo que já não é tanto como eu achava que era, daí eu já vejo que realmente [...] não é aquela informação que eu procurava (APÊNDICE I, E04).*

*Eu vejo tipo uns três, quatro, se eu vejo que tá ali na mesma linha e tal, aí, sim. Se não, não (APÊNDICE I, E15).*

Infere-se, a partir do seu depoimento, que E04 tenta buscar mais informações em outras fontes, aprofundar os conhecimentos. Esse acúmulo de informações obtidas em *sites* diversos é outra prática comumente mencionada (nove vezes), como forma de seleção das informações.

*[...] sobre a questão [...] de seleção [...] vários sites e informações [...] se encaixando, a gente vê que realmente 'ah, vários sites estão falando diversas vezes desse momento, então [...] pode ser que realmente acontece [...] (APÊNDICE I, E19).*

*[...] vou lendo e [...] como é um pouco de cada site, eu vou lendo e vou vendo qual se encaixa melhor naquilo que eu preciso sabe. Eu faço um resumo, vejo qual se encaixa melhor no perfil daquela questão [...] (APÊNDICE I, E29).*

*[...] eu pego misturo assim de todos e vou criando uma coisa [...] (APÊNDICE I, E35).*

Nesta linha, E33 diz que prefere “começar a anotar e fazer uma espécie de mapa mental em cada coisa específica que [...] achasse” (APÊNDICE I, E33).

Depositar a confiança em fontes já reconhecidas é mais uma estratégia bastante citada, uma prática reportada também por nove participantes.

*[...]Normalmente [...] eu [...] tento olhar de alguns lugares que eu conheço, [...] por exemplo, algum site, quando é site de governo ou se é um estudo científico [...]. Não costumo muito olhar, tipo, site de blogs, essas coisas assim (APÊNDICE I, E13).*

Mencionada em oito oportunidades, a avaliação dos autores dos conteúdos é um critério, igualmente, usual.

*Assim, essa parte de avaliação e selecionar, seria mais, assim, como algo de comparação, [...] Pegar dois sites, assim, vamos dizer, e ver se esses dois sites, pelo menos, falam a mesma coisa, ou pelo menos falam a mesma coisa*

*em outras palavras [...] E as fontes, como você falou mesmo, eu procuro quem escreveu. Vamos dizer, tem no G1, entro no site do G1, tem as manchetes, quem escreveu e o horário que foi publicado [...]. Isso é uma validação de fonte que, pelo menos, eu uso [...]. Porque, eu sei quem é a pessoa [...] se eu precisar de mais uma verificação eu pesquiso o nome da pessoa e vejo o que que ela fez [...] Por que, às vezes, vamos pegar um texto, vamos entrar no site e só tenho informação jogada, não tem quem escreveu, não tem fontes, citações, não tem nada, só tem a informação jogada. Então, mesmo desses aí que tem a informação só jogada, também leio e comparo. Vou em outro que tem nome, tem horário, tudo, para ver se aquilo é válido mesmo [...]. E sempre opto pelo que vai ser melhor para mim, o que eu vou conseguir utilizar melhor [...]. Porque, [...] vou pesquisar para um relatório, para um trabalho [...], para uma apresentação que eu vou fazer, eu preciso ter todo um padrão [...]. Não posso só falar: 'Vi na internet, vi na internet' [...] ou estava num site aí'. Não, tem que ter o nome: 'Ah, foi tal pessoa que escreveu' [...]. Então, eu sempre crio esse mapa na minha cabeça para [...] funcionar melhor de como que vamos selecionar [...] (APÊNDICE I, E06).*

Outro parâmetro utilizado com determinada frequência entre os estudantes (em seis ocorrências) é contar com o aval de pessoas de sua confiança, em especial os professores.

*Eu sempre busquei [...] perguntar para pessoas confiáveis, como [...] meus professores, se eles me falavam que a fonte [...] avaliando sempre informação [...], se condiz com o que eu sei e se eu tivesse alguma dúvida procuraria é perguntar pra alguém confiável, como o professor (APÊNDICE I, E01)*

*[...] pra estudo é difícil fazer, é mais pra curiosidade [...] É porque, na verdade, eu uso mais a plataforma do cursinho, mesmo. Mas, quando preciso pesquisar, fazer alguma coisa na internet [...] eu avalio. Às vezes eu fico um pouco na dúvida pergunto pra alguém que entende melhor, se tá correto, se não tá [...]. Quando eu desconfio de alguma coisa eu recorro a alguém que entende melhor o assunto do que eu (APÊNDICE I, E17).*

Quando disponíveis nos *sites*, os números de acesso e comentários dos visitantes auxiliam na avaliação das fontes pelos participantes da pesquisa. Respostas nesse sentido foram apresentadas por E13 e E28. Por sua vez, E37 e E32 afirmam optar pelos primeiros listados durante a busca, por entender serem esses os mais relevantes e mais visitados (APÊNDICE I, E13; E28; E37; E32).

Por já estar matriculado em um curso universitário – ele deseja mudar de curso –, E38 diz que precisa acessar mais artigos científicos, teses e dissertações, sempre buscando maior quantidade de fontes. Assim, concebeu uma estratégia de leitura dinâmica, apoiada pela ferramenta de localização de termos no documento eletrônico (CTRL+F). Ele também adota o critério de verificar se a informação condiz com os princípios de cada disciplina. “[...] Se são questões de exatas, eu normalmente verifico na questão da lógica, da matemática, no que se baseia [...]. E nas questões mais de

humanas, em geral, também de geografia, o mais importante que vejo é a questão das fontes [...] (APÊNDICE I, E38). Esse estudante prefere buscar os artigos originais para compreender a ideia do autor a se ater apenas às citações.

Para alguns dos participantes a confiança em fontes de informação nunca é extrema, pois sempre há margem para dúvidas. E11 demonstra esse ceticismo.

*Isso é bem complexo [...]. Porque a gente pensa 'Ah, uma fonte segura...', mas até onde o parâmetro de uma fonte é tão segura para a gente usar ela de referência para comparar as demais? [...] Acredito que pessoas que eu sigo e que eu tenho uma confiança maior, ou sites também que geralmente estão mais de acordo com outros. [...] Tem vários sites falando assuntos semelhantes que talvez realmente sejam verdade. Não sei, assim, não sei se é a melhor forma de selecionar uma informação, mas geralmente é por esse método que eu uso mesmo (APÊNDICE I, E11).*

Manifestações como essa de E11 apontam que há uma preocupação recorrente quanto à necessidade de um alerta permanente em relação às fontes de informação.

#### 6.2.2.2 Bibliotecas

Apesar dos avanços tecnológicos que viabilizam o acesso remoto à informação, a biblioteca continua sendo uma alternativa de pesquisa para cerca de dois terços dos entrevistados. Dos 38 participantes, 24 prezam pelo uso da biblioteca como fonte de informação.

Entre os que descartam ou ignoram a alternativa de uso de biblioteca, três disseram que nunca foram a uma delas e outros 11 afirmaram que não têm o costume de ir. Entre as justificativas para não frequentar o ambiente estão a opção por pesquisar via celular ou computador (APÊNDICE I, E04); a preferência por *ebook* ou leitura em arquivos no formato PDF<sup>27</sup> e a de que só frequentava a biblioteca durante o ensino médio para usar os computadores (APÊNDICE I, E16); a biblioteca da escola do ensino médio não era atrativa e a do Centro é muito distante (APÊNDICE I, E24) ou que só frequentou a biblioteca da escola quando era atividade letiva, promovida pelos professores (APÊNDICE I, E10).

---

<sup>27</sup> *Portable Document Format*, criado pela Adobe, em 1993 (PEDRO, 2021).

Entre os que concebem a possibilidade de uso de biblioteca, nem todos a frequentam regularmente. A maior parte destes (16) afirmou que costumava ir durante o ensino fundamental ou o ensino médio. Outros disseram que pararam de ir por causa da pandemia, que iam poucas vezes ou que porque não havia uma perto de suas casas e temem tomar ônibus durante a pandemia.

Entre os participantes da pesquisa, sete expressaram afeição às bibliotecas.

*Até hoje eu vou na Biblioteca Pública daqui de Floripa. Eu sou muito apaixonada por livros. [...] quando eu estou no Centro e eu consigo dar um pulinho e vou ali buscar um livro que eu tenho interesse, ou [...] eu vou parar lá só para ler algum livro ou matar algum tempo dentro da própria biblioteca. Até hoje eu tenho costume de frequentar [...] (APÊNDICE I, E22).*

*[...] É lugar que eu me sinto muito bem (APÊNDICE I, E30)*

*Eu vivia na biblioteca. Inclusive eu ajudava as moças que trabalhavam lá, eu ajudava a organiza os livros. Adorava [...] tá ali envolvido, sabe. Tanto é que eu já cogitei a ideia de faze biblioteconomia (APÊNDICE I, E29).*

*Eu adoro biblioteca, mas eu não vou, [...] porque aqui perto de casa não tem nenhuma [...] então eu ia só lá na escola. [...] agora não tem mais escola, aí eu não vou... [risos] (APÊNDICE I, E03).*

*[...] ah! É muito bom entrar em uma biblioteca, né [sorrindo] é um lugar muito aconchegante (APÊNDICE I, E35).*

*[...] Nossa! Eu amo aquele lugar [...] (APÊNDICE I, E33).*

Outros não se manifestaram tão entusiasticamente. Cerca de um terço (12) dos entrevistados disse que utilizava a biblioteca para empréstimo e leitura. Outros usavam o ambiente para ler, estudar ou passar o tempo.

### 6.2.3 Estratégias de busca

O processo de avaliação e seleção de fontes e de informações está intrinsicamente associado às estratégias de busca, conforme revelaram os participantes da pesquisa.

*[...] pesquiso em vários sites [...] nunca confiei em um site só. Porque [risos], se a gente for vê, [...] é até meio confuso, chega uma hora que fica meio confuso, porque quando a gente pesquisa a mesma coisa em vários sites diferentes, cada site diz uma coisa [...]. Mas [...] vou pesquisando o que mais condiz [...] com a minha pesquisa. [...] geralmente eu vejo se [...] muitos sites*

*falam a mesma coisa e um fala errad... é... é, fala diferente, a sempre confio nos que mais falam daquele jeito, sabe, que mais me [...] mas tem informação dada da mesma forma (APÊNDICE I, E04, grifo nosso).*

É representativa esta retificação, na parte em que grifamos, de E04 durante sua fala: “muitos *sites* falam a mesma coisa e um fala errad... é... é, fala diferente”. Em tempo, ele trocou a palavra “errado” por “diferente”. É uma indicação do seu discernimento de que mesmo que uma fonte apresente uma versão diversa das demais, ainda que ela seja minoritária ou única, ela pode ser a correta.

Além de identificar possíveis erros de informação, utilizar várias fontes pode ajudar a sanar dúvidas. “[...] Eu cito a minha dúvida no Google, no YouTube e vejo uma sequência de vídeos, de três a cinco vídeos, que tenham a ver com o assunto da minha dúvida e vou tirando elas” (APÊNDICE I, E14); “eu vou lendo [...] A partir do momento que eu vejo que ele não tá [...] respondendo à minha dúvida, eu vou parando” (APÊNDICE I, E01).

A pesquisa por palavras-chave ou assunto é predominante entre os entrevistados – 30 deles disseram optar por este modelo. É o caso de E11, para quem palavras-chaves trazem melhor resultado do que as frases ou perguntas. “Geralmente eu uso mais palavras-chaves [...] ao invés de montar uma frase [...], porque aí eu acho que filtra melhor os dados [...]” (APÊNDICE I, E11). Alguns já identificaram fórmulas que geram melhores resultados, como escrever “diretamente o nome de um fato e, no caso de história as datas” (APÊNDICE I, E06) ou usar “sempre palavras bem objetivas, na maioria das vezes verbos ou substantivos, [...] pra eu conseguir chegar mais rápido no meu objetivo” (APÊNDICE I, E02).

A opção pelo modelo da busca tem um caráter muito pessoal, visto que outros entrevistados se sentem mais confortáveis elaborando perguntas ou frases e, também, preferem a objetividade. “Eu procuro ser objetiva no que eu to procurando [...] Por exemplo, [...] se eu quero saber [...] uma parte de uma questão, eu boto frases da questão, pra ser mais direta” (APÊNDICE I, E18). E03 se propõe a formular perguntas, mas reconhece que “às vezes é uma coisa muito difícil, que eu não consigo elaborar uma pergunta” (APÊNDICE I, E03).

#### 6.2.4 Incorporação da informação nos estudos

A forma como os participantes utilizam a informação em seus estudos e de que maneira buscam melhorar o desempenho usando a informação foram os enfoques de duas questões da entrevista. O objetivo foi identificar a capacidade e a forma como os estudantes incorporam a informação em seu arcabouço de conhecimento, em especial no seu cotidiano de estudos.

A essas indagações, E02 apresentou respostas que se identificam amplamente com alguns dos pressupostos da competência em informação, já aludidos no capítulo 3. Inicialmente, o estudante tratou da crítica e autocrítica em relação à informação.

*[...] a melhor forma de consumir todos esses conteúdos ao mesmo tempo de entender o processo que ele [...] tá exemplificando eu acho que é fazer autocrítica e a crítica [...]. A crítica, porque aquilo, porque daquela forma, e a autocrítica, a partir de você olhar o seu presente, a sua realidade e ve qual é a sua relação com aquilo, que com certeza tá completamente ligado, então, eu acho que alguém [...]que escreveu aquilo provavelmente veio antes de mim e vive uma realidade diferente e, por a gente estar nesse mundo completamente ligado, as coisas que sejam elas escritas, digitadas, tudo que é feito acredito que causa um certo impacto na vida do outro. Então, eu acho que se resume à crítica é uma palavra boa, assim, a forma que eu utilizo [...]. E aí a gente aplica isso aos nossos estudos[...] (APÊNDICE I, E02).*

Posteriormente, ele abordou um aspecto relacionado ao aprendizado ao longo da vida, uma proposição da competência em informação que vem sendo delineado pelo menos desde a Declaração de Alexandria (IFLA, 2005) e aprofundada por diversos autores.

*[...] se tratando de uma vida de pré-vestibulando, eu acredito que é colocar em prática o que que você consumiu. Então, acredito que colocar em prática seria fazer exercícios se eu considerar uma matéria aí – matemática, português, química, física –; se tratar de uma redação, eu preciso consumir um conteúdo e, a partir dele, num processo, ir construindo uma opinião e, querendo ou não, ela vai ser exemplificada ali em forma de escrita [...]. Então, eu acredito que, pra melhorar meu desempenho, é esse processo contínuo, assim, de estar sempre consumindo esse conteúdo, estar sempre antenado, [...], às novidades [...]. Então, eu acho que o fato de buscar melhorar esse processo, tipo ano após ano a gente estar nessa [...] (APÊNDICE I, E02).*

Numa perspectiva paralela, a entrevistada E11 considera que, mesmo sendo o um aprendizado para um objetivo imediato, no caso, de obter uma vaga na universidade, ele deve ser levado para a vida.

*Eu acho que que nem sobre diversos assuntos é só a gente jogar na internet que vai aparecer muita coisa, tanto no aspecto notícia, quanto também trazendo para este olhar mais dia de estudo, vestibular, essa parte mais teórica. Então, cabe à gente tentar relacionar até para o nosso dia a dia, porque eu acho que esse conhecimento de vestibular é o que a gente vê na prática, a gente tem que tentar associar a física com a prática, e não só fica pensando naquele 'problema chato'. Eu acho que é sempre tentar associar mesmo, tanto com o que eu quero, meu objetivo que é acertar questões, ir bem numa prova, tanto tentar associar desta forma, quanto também levar para minha vida, para o meu dia a dia. Eu acho que essa é a melhor forma que eu uso a informação que eu obtenho, mesmo, pesquisando (APÊNDICE I, E11).*

A consciência de sua condição, por meio de uma autoanálise, é a estratégia que a mesma estudante recomenda para melhorar seu desempenho.

*[...] a gente tem que [...] se autoanalisar [...]. Ver o que que a gente tá com mais dificuldade ou não. E ter o pé no chão melhorar [naquilo que tem] dificuldade, porque às vezes [...], trazendo para o mundo do vestibular, a gente é muito bom em biologia e química e a gente sabe que não é bom em matemática e física, mas continua não focando nisso. [...] usar o que a internet tem a nos oferecer, os sites, canal do YouTube que tem muita coisa, exercícios, para tentar dar uma equilibrada, assim, em tudo, porque eu acho que é isso que o vestibular quer, que a gente seja principalmente equilibrada em tudo, que saiba um pouco de tudo. Então, eu acho que [...] busco isso, assim, melhorar as minhas dificuldades, continuar me mantendo no que eu considero que eu vou bem, para tentar atingir este meio que equilíbrio aí (APÊNDICE I, E11).*

Como foi afirmado anteriormente, as assertivas de E02 e E11 evidenciam a fundamentação teórica sobre competência em informação, aprofundada na seção 3. Ao mesmo tempo, pela perspectiva mais reflexiva do tema, esses dois relatos se diferenciam dos que foram apresentados pelos demais entrevistados, que se ativeram a uma visão mais tecnicista da apropriação da informação em seus estudos, priorizando a menção de procedimentos e práticas.

A respeito das técnicas de estudo, as mais citadas (50 vezes) são as relacionadas à escrita – resumos, anotações, papéis adesivos, *flashcards*, marca texto e confecção de mapas conceituais – algumas delas cultivadas desde o ensino básico. E05 conta que aprendeu com a professora do terceiro ano do ensino fundamental a fazer uma transcrição manuscrita do tema com suas próprias palavras (APÊNDICE I, E05). E36 não considera a redação de um resumo uma técnica muito eficiente para entender um assunto e prefere elaborar um mapa mental, técnica que também aprendeu com um professor, o de biologia, no primeiro ano do ensino médio (APÊNDICE I, E36).

O reforço do aprendizado por meio de vídeos em alguma plataforma da internet é uma prática citada por 15 estudantes e um deles acrescenta *podcast* de áudios. Estas respostas corroboram com a ampla citação da plataforma de vídeos YouTube na indagação sobre as principais fontes de informação (veja Gráfico 21). Da mesma forma, corroboram com levantamento do IBGE, na PNAD 2019, que constata aumento do uso da internet para assistir vídeos, filmes ou séries (BRASIL, 2021).

Outro tipo de técnica citada por vários entrevistados, oito ao todo, caracteriza-se pelo uso da própria fala como método de assimilar conteúdo. São diversas estratégias como a leitura em voz alta (APÊNDICE I, E09), falar com “algum amigo meu que eu sei que gosta de debater sobre essas coisas [...], eu acabo [...] puxando aquele assunto na conversa pra gente debater um pouco sobre isso” (APÊNDICE I, E26); “[...] tenho um grupo com dois amigos meus do cursinho, então, a gente sempre conversa por ali, a gente tira dúvida ou chega assim: ‘ai vocês pegaram aquela matéria. Nossa! É super fácil’ [...]. falo muito sozinha, [...] eu converso comigo enquanto eu to estudando” (APÊNDICE I, E03); “explico pros outros, pra minha família; explico pra mim mesma” (APÊNDICE I, E15).

Alguns têm uma preocupação maior atinente à organização para os estudos. “[...] Se não me organizo, não rende. [...] é muito conteúdo, [...] [fico] perdido naquele monte de informação e monte de coisa” (APÊNDICE I, E01).

Outras respostas envolvem sanar dúvidas com os professores ou amigos, fazer exercícios, treinar redação, simular o dia da prova ou repetir a leitura. A maior parte dos entrevistados combinam diversas técnicas. “Eu sou a pessoa que resume, [...] faz na mão, escreve pra memorizar e sai pela casa falando [risos], falando sozinha” (APÊNDICE I, E19).

As técnicas de estudo compõem o processo de criação de informação, do qual pode surgir grande variedade de formatos de informação. Essa diversidade permite aos estudantes sofisticar suas seleções, combinando os produtos de informação com suas necessidades informacionais (ACRL, 2016).

### **6.2.5 Rotinas e organização dos estudos**

Para conhecer a forma de organização e as rotinas de estudos, foi solicitado a cada estudante que descrevesse sua rotina de estudos e que explicasse a forma como

se organiza (critérios/prioridades) para compreender a informação – qual seu método de estudo utiliza.

Quanto à rotina de estudos, os entrevistados se dividiriam em dois grupos equilibrados. De um lado, os que tiveram sucesso neste propósito. De outro, aqueles que não conseguiram.

Dos que disseram ter mantido algum tipo de organização, três lembraram de citar os intervalos para descanso e lazer e outros dois, as atividades físicas. A forma de organização mais usual é manter um ciclo de atividades, com estudos mais intensivos em um período do dia (normalmente o matutino), um reforço mais leve no outro período e as aulas no curso pré-vestibular à noite. Esse formato foi mencionado por 12 estudantes, nenhum deles com compromissos com emprego.

Entre as demais formas de organização citadas, estão as de destinar 45 minutos para cada disciplina (APÊNDICE I, E04), concentrar em cada sessão de estudos a revisão de duas ou três aulas de cada disciplina (APÊNDICE I, E13), seguir as demandas de atividades ou orientações do curso pré-vestibular (APÊNDICE I, E10; E31), se organizar em uma planilha (APÊNDICE I, E14; E37) ou se fixar nas matérias do dia no cursinho (APÊNDICE I, E32).

E15 fez uma descrição mais detalhada de sua rotina:

*[...] eu acordo cedo, dou uma caminhada, volto, tomo café. Aí eu já começo a ver as aulas do [cursinho]. [...] vejo as partes que eu tenho mais dificuldade, vou pro Youtube, procuro lá o que não entendi que eles explicaram. [...] Faço resumo. [...] quando eu faço caminhada eu vou repetindo para mim mesmo que eu aprendi. Respiro um pouco, converso com a minha família. Lá pelas onze, onze e pouco também ajudo a minha mãe, porque eu tenho uma irmãzinha, que ela é bebezinha, então também eu tenho que ajudar em casa. Também ajudo [...] com as tarefas domésticas [...], mas, no momento, como a minha mãe tá casa, ela faz a maior parte. [...] E lá pelas duas horas volto de novo e sigo em frente. Às vezes uma respirada vô lá vejo um filme, converso com a minha família e depois volto, das seis, sete. [...]. Até a hora em que eu cansar, quando eu cansar eu vou dormir, daí. Porque... senão a gente fica louca. [...]* (APÊNDICE I, E15).

A estudante salienta que faz as caminhadas e tenta manter uma alimentação saudável por não ter recursos para pagar uma academia e compreende que sua família faz um sacrifício para a sustentar enquanto ela tenta uma vaga na universidade. Por isso, acha que deve retribuir com a dedicação aos estudos. Apesar das dificuldades que enfrenta, ela se considera privilegiada:

*[...] eu me considero, eu sou [...] bem humilde, de renda baixa e tudo, nem trabalho, mas eu já me considero privilegiada, de eu ter acesso à internet, que a minha família luta e consegue pra mim ter, pra ter a internet, mais por causa de mim, porque eu to fazendo o cursinho via on-line [...]. Agora, se eu não tivesse a internet, se eu não tivesse o meu notebook, ah! Esquece. Eu não estudaria para o ENEM. Eu [cita seu nome] não teria condições. Por quê? Porque aqui não tem nenhuma biblioteca. A biblioteca do meu bairro é aqui da escola municipal e tá fechada por causa da pandemia e ninguém pode entrar lá. [...] eu não tenho dinheiro para comprar livro, então se eu não tivesse a internet e o meu notebook, esquece, e o meu celular, esquece. Que eu não estudaria pro ENEM esse ano. Eu acho [...] que essa é a realidade da maioria [...] dos alunos de escola pública e, sei lá, tipo das pessoas de renda baixa igual à minha. Eu acho que essa é a dificuldade (APÊNDICE I, E15).*

Embora diversos estudantes considerem que o isolamento social provocado pela pandemia tenha dificultado a organização dos estudos, alguns deles, como E05 e E36, afirmam que, estimulados pelo aprendizado que tiveram, passaram a adotar rotinas após o início das aulas *on-line*.

*[...] Antes de fazer o [pré] vestibular [...], eu não tinha uma rotina, eu nunca fui de ter. Eu só estudava assim antes de ter uma prova. Daí sempre que tinha uma prova, eu estudava lá uns dias antes, [...] que daí ficava mais para mais fresquinho na memória a matéria. Mas agora com o cursinho, lá no Einstein tem projeto de tutores que daí eu fiz a minha rotina lá eles, durante a quarentena e tudo. Daí, a minha rotina de estudos ficou: de manhã eu fazia os exercícios do Einstein, né, que eles passavam e também lê os livros do vestibular; de tarde eu continuava fazendo os exercícios do Einstein e mais um pouco da escola, também. Daí, de noite é quando é aula deles on-line, [...] tudo on-line mesmo, das seis da noite até as dez (APÊNDICE I, E05).*

*[...] Como eu já falei, eu acompanho o canal da Débora Aladim. Então, ela faz um planejamento. Por exemplo, ano passado eu estava acompanhando, ela começou no começo do ano o planejamento do ENEM deste ano. E ela viu necessidade de ajudar a gente por conta da pandemia e tudo mais. Então, eu acompanhava ela e o Gauss também, né, pelos conteúdos. Então, eu assistia aos vídeos, fazia um resumo e deixava ali pronto, depois eu revisava aquilo ali. E os mapas mentais me ajudaram bastante também, como eu já disse (APÊNDICE I, E36).*

Alguns entrevistados até tentaram, mas nem todos conseguiram perseverar na forma de organização dos estudos pela qual tinham optado. É o caso de E04 e E24:

*[...] até outubro, por ali, eu tinha uma rotina que eu acordava às oito; aí eu tomava café aí a [...] cada hora, a cada 45 minutos [...] eu estudava uma disciplina. E, uma hora e meia eu deixava pra redação, que era onde eu tinha mais dificuldade. [...] essa era a minha rotina, [...] eu tinha minhas horas livres, que era pra poder jogar jogos que gostava, vê filme e tudo mais. Só que ali pra outubro, [...] eu já comecei a desanda um pouco [...] disso (APÊNDICE I, E04).*

A rotina de E24 era alterada por atividades diárias que mantinha na igreja.

*[...] Às vezes tem planos que a gente escreve, mas não consegue bota em prática, [...] no final [...] para estuda mesmo é dumas nove e meia até meio dia, porque às oito da manhã eu tenho uma reunião também que é... é pra igreja. Aí seria das nove e meia mais ou menos até meio dia, [...] das duas horas, na verdade, até às três, porque às três eu também tenho uma outra reunião, aí das quatro até... que dizer, das quatro eu acho que não conta por que a tarde assim fica meio picado, aí fica mais difícil, à tarde, mas aí tem o cursinho, que à noite, das sete até às dez. Mais ou menos isso. É que não é bem certinho, bem regrado [...]. [...] a maioria dos dias eu [...] estudo mais de manhã. Aí à tarde é mais assim [...] despojado o horário da tarde. Às vezes, antes das três, às vezes depois das três [...] à tarde é não tão regrada, assim (APÊNDICE I, E24).*

Na outra metade, composta por aqueles entrevistados que nunca conseguiram estabelecer uma organização ou rotina de estudos, está E35, que se sentiu insegura quanto à suficiência do que estava estudando.

*[...] No início da quarentena muita coisa mudou na verdade, né. [...] no início foi difícil me adaptar, porque eu não tinha nenhum professor do meu lado como na sala de aula falando: ‘começa a estudar por esse assunto’..., ‘começa a fazer os exercícios dessa forma’..., ‘faz isso’..., ‘não vê isso agora’... [...] Então ter essa dependência de saber por onde começar e o que fazer, tornou muito difícil, até hoje é. Parece que ainda aumenta a minha insegurança, porque eu acho que não tá suficiente o que eu to vendo ou estudando pelo fato de não ter alguém me guiando e falando o que eu devo fazer (APÊNDICE I, E35).*

Neste grupo surgiram alguns argumentos, tais como o estabelecimento de outras prioridades, dificuldade em compatibilizar os estudos com emprego – 14 entrevistados relataram que estiveram empregados durante o ano letivo –, além de barulhos e outras distrações que ocorrem em casa. A situação de E20 se tornou emblemática pela inviabilidade de sua proposta de organização para os estudos. Sem ter computador ou internet em casa, ele se propôs a duas alternativas – frequentar uma *lan house* e ir mais cedo ao curso para estudar antes das aulas, na biblioteca da instituição. Mas, ele ficou prejudicado a partir da interrupção das atividades presenciais nos dois estabelecimentos por causa da pandemia (APÊNDICE I, E20).

E03 citou a dificuldade de conciliar as atividades do curso pré-vestibular com as do ensino médio.

*[...] ano passado eu acordava cedo de manhã e, como não trabalho, tinha o dia inteiro livre [...] pra estudar. Então, eu separava as matérias do dia pra estuda e conciliava com as matérias do [ensino médio] e aí ia estudando, assim. [...] tinha dias que eu estudava cinco matérias, tinha dia que estudava duas. Dependia muito do pique que eu estava, porque, às vezes, estava muito cansada, esgotada e aí acabava não rendendo. Mas o dia inteiro era só pra passar a matéria e vê os slides, vê apostila e tudo mais e aí à noite aula do...*

*do Einstein, né. Aula on-line. Então, começava às oito parava às dez da noite, basicamente isso (APÊNDICE I, E03).*

Aos 32 anos, mãe de dois filhos e dona de casa, E21 sonhava em seguir o exemplo do marido e iniciar os estudos em um curso superior vários anos depois da conclusão do ensino médio e de longo período sem estudar. No entanto, ela teve que se render a outras prioridades:

*[...] depois que veio a pandemia, desregulou tudo minha questão de estudo. E daí como eu tenho os meus filhos, também, então eu estudava com eles, porque, como a minha pequena... ele [o filho], não, ele se vira, ele tá no sétimo ano, [...] esse ano ele vai pro oitavo ano, [...] e minha filha estava no quarto, então ela depende muito de mim. E as atividades que eu fazia com ela, eu ia na escola, buscava atividade e trazia pra casa. Então cara dá 15 dias eu levava pra escola [inaudível]. Então eu passava o dia, tipo, à tarde, assim, estudando com ela. Então acabou que eu não estudei, pra mim [...]. dava uma passada aí na questão [...] do cursinho, mas bem pouco [...]. Eu não parei, pra estuda. [...] De manhã eu fazia as coisas de casa e à tarde eu estudava e à noite ia pro cursinho. Mas depois da pandemia acabo que eu estudei com minha filha só (APÊNDICE I, E21).*

E16 constata que priorizou o aprendizado de música:

*[...] Eu estudo mais música do que matéria pro ENEM. Sei que tá errado [risos]. Eu [...] tiro [...] à tarde, porque eu trabalho de manhã [...]. Então, às vezes eu tiro alguns dias de tarde e vou estuda música, estudo a parte teórica, estudo mais a prática, também. E eu pratico, tocando numa banda que toco na minha igreja. E [...] as que é matéria do ENEM, daí eu prefiro tira um dia que seja o dia todo [...] pra mim estuda bastante, assim, daí lê os livros, marca, fazer marcações, escreve num caderninho as coisas importantes (APÊNDICE I, E16).*

O cansaço após o trabalho e a falta de regramento são as causas apontadas por E27 para não ter uma organização nos estudos. “[...] Eu vou ser bem honesto, eu não sou uma pessoa muito regrada [...]. Eu sou, de certa forma, também, preguiçoso [...]. E a gente trabalha o dia inteiro, chega cansado [...]” (APÊNDICE I, E27).

Conciliar os estudos com emprego é também muito difícil para E19, cuja jornada de trabalho chegou a ser de 12 horas.

*[...] assim que começou a pandemia, eu comecei a trabalhar no emprego, onde eu trabalho 12 horas. E é muito maçante. [...] Por exemplo, é, hoje cheguei 8 horas em casa, das 6 da manhã às 8 horas. Então, muito, muito complicado mesmo estuda, principalmente, por vídeo, que é, como eu te falei, distrações enormes. Às vezes não dá vontade de abri a aula e estuda. Assim, acho essa questão do on-line é muito maçante pra mim. Então meus estudos caíram muito, digamos que caíram 80% dos meus estudos [...]. Eu to até desanimada para fazer o ENEM. Todos esses anos eu fiz. To até desanimada para fazer o ENEM (APÊNDICE I, E19).*

Ruídos, barulhos diversos e outras formas de distrações que ocorrem nas residências, são elementos que dificultam o aprendizado por meio de aulas na modalidade *on-line*, como observa E08. Para E09, este cenário é mais grave. Ela pondera que sua mãe cuida de oito crianças da comunidade, numa creche informal. “[...] eu me incomodo muito, sabe. Me estresso muito rápido [...]” (APÊNDICE I, E09).

Em outras situações, barulhos e distrações são provocados por outros familiares:

*[...] Procuo sempre reservar um momento para mim [...] principalmente estar sozinho dentro de casa, [...] sem a mulher pra tá ligando televisão, rádio, que eu gosto de silêncio, pra pode presta atenção [...] e geralmente é uma horinha, duas horinhas por dia pra pode fazer isso, quando to [...] mais embalado no estudo (APÊNDICE I, E09).*

A realização de afazeres ou outros compromissos domésticos podem afetar o estabelecimento de rotinas de estudo. Exemplos dessas situações são a necessidade de cuidar da casa e dos filhos (APÊNDICE I, E21), ajudar a mãe que tem uma filha bebezinha (APÊNDICE I, E15), conciliar atividades domésticas com o emprego (APÊNDICE I, E18; E26). E31 reconhece a necessidade de dividir as tarefas de casa com a esposa, já E35 busca uma renda produzindo e vendendo doces (APÊNDICE I, E31; E35).

Em relação aos critérios de prioridades para estudar, as respostas obtidas não permitem identificar um padrão proeminente. A afirmativa mais frequente, feita por pouco menos de  $\frac{1}{4}$  dos participantes, é a opção em focar nas disciplinas em que têm mais dificuldades ou “menos habilidade” (APÊNDICE I, E29).

Foram nove estudantes que responderam desta forma, sete dos quais citaram que têm maior dificuldade na área de exatas, nomeadamente, matemática, física e química. E28 disse priorizar as disciplinas sobre as quais tem dúvidas em cada circunstância (APÊNDICE I, E28). Já E02 explicou que busca equilibrar seu desempenho e conhecimentos em todas as disciplinas, “deixar todas no mesmo parâmetro”. Por isso, ele distribui o tempo de reforço entre as disciplinas, conforme a necessidade (APÊNDICE I, E02).

Critério diferente é utilizado por E06, que diz priorizar as disciplinas com as quais tem mais afinidade que, coincidentemente, são as de exatas.

*[...] Eu partia do princípio do que era mais fácil para mim, nas matérias que eu tinha mais afinidade [...]. No caso, Matemática, Física, coisa de exatas [...]*

*geralmente meu caderno de Matemática e de Física é bem mais visitado do que o caderno, vamos dizer, de História ou de Português. Então, essa parte, assim, eu dava mais prioridade, assim. Pelo fato de que eu iria aproveitar mais, que eu ia conseguir aproveitar mais e que eu iria conseguir otimizar meu tempo [...]. Que tempo a gente só tem 24 horas, e a gente sabe que para o estudante 24 horas por dia ainda é pouco [...]* (APÊNDICE I, E06).

A estratégia de E08 foi intercalar entre uma matéria pela qual tinha maior afinidade (usou como exemplo, biologia) e outra com maior dificuldade, citando o exemplo de história (APÊNDICE I, E08).

E15 declarou que foca nas matérias que considera “mais importantes”. Assim, na escala de valor que ela criou, usa como parâmetro para “importante” o método TRI (teoria de resposta ao item)<sup>28</sup>:

*Como eu vou fazer o ENEM e o ENEM tem aquele método do TRI, que ele foca nas questões mais fáceis, é que ajuda mais, né, a gente pode elevar a nossa nota, a redação também aumenta e a matemática, eu foco nisso. Meu foco: eu foco em redação, foco em matemática, é, no caso a matemática básica – eu não vou além do que eu não sei, do que eu não vou conseguir* (APÊNDICE I, E15).

Por seu turno, E05 explica que “[...] pra me organizar, eu gosto de fazer listas, [...] vou colocando tudo o que eu quero fazer no dia, [...] tudo o que eu preciso ou que eu quero e daí eu vendo a importância e pelo que também é mais fácil de começar [...]” (APÊNDICE I, E05).

A preferência pela área de humanas é determinante para E03. “[...] Eu deveria priorizar mais as de exatas, que é onde tenho mais dificuldades, mas justamente por isto, é como se fosse um ímã, puxa muito pra humanas e vou em humanas”. A estudante disse que se empolga e lê em voz alta “como se tivesse pronunciando pra mim mesma”, quando se trata de Geografia, História ou Português. Segundo ela, essa preferência se deu tanto durante o ano, quanto na época de revisão (APÊNDICE I, E03).

Outros entrevistados mencionam estratégias como seguir orientação dos professores para determinar prioridades (APÊNDICE I, E12; E13), focar em uma (APÊNDICE I, E22) ou até duas disciplinas por dia (APÊNDICE I, E10; E18; E26) ou em uma por semana (APÊNDICE I, E09), além de uma estudante (E24) que descartou se valer de qualquer método ou critério para definir prioridades. Há também os que optam por anotar as dificuldades e procurar a monitoria dos cursos ou os professores (APÊNDICE I, E07; E10; E20).

<sup>28</sup> Algoritmo utilizado para a correção e pontuação das notas do ENEM. (INEP, 2013).

Aproximadamente um terço (12) dos entrevistados não relatou qualquer tipo de estratégia. De modo geral, eles acabaram repetindo as técnicas de estudos, levantadas anteriormente. Nesse grupo também está E35, que já havia manifestado a dificuldade de estabelecer algum método de organização de sua rotina e reiterou sua dificuldade também quanto a definir as prioridades de estudo.

*Vou falar bem a verdade: eu busco isso até hoje. Porque eu já tentei me organizar de todas [as] formas e não consigo então eu só to vivendo um dia de cada vez e vejo como eu produzo melhor naquele dia, porque já tentei fazer cronograma, já tentei fazer igual sala de aula dividir horários por aula, mas não, não consigo levar adiante. Cada semana eu faço algo novo, não, não dá pra ter um critério da maneira que eu vou estudar até o ENEM. É muito difícil (APÊNDICE I, E35).*

E19, que igualmente não apontou critérios de prioridades entre as disciplinas, disse que tem melhor resultado se priorizar seu bem-estar. “[...] se eu estou com uma rotina de sono quebrada, acabou-se o dia pra mim. Então, eu priorizo o sono para [no] outro dia eu estar bem e ter disponibilidade de fazer alguma coisa”. Como chegou a trabalhar 12 horas por dia em seu emprego, ela reconhece que não conseguiu acompanhar o ritmo das aulas.

### **6.2.6 Estratégias para desenvolver a competência em informação**

Para compreender a competência em informação dos entrevistados, foi formulada uma pergunta direta sobre o tema: “quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação?” Diante da hipótese de que os estudantes não conhecessem uma definição de competência em informação e, também, para estabelecer um parâmetro para as respostas, foi apresentado um conceito, baseado em Dudziak (2013), segundo o qual, competência em informação consiste na capacidade de compreensão do contexto da informação que o envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la, considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos. Como foi mencionado, essa estratégia de citar a competência em informação e sua definição apenas no final do tópico, foi usada para evitar eventual distorção das respostas, tendo em vista o risco de os entrevistados pudessem deturpar o conceito central do termo.

Nas respostas, constata-se uma preocupação reiterada com a confiabilidade das fontes (16 manifestações), veracidade das informações (três) e com a análise crítica da informação (quatro respostas), sendo que seis desses fizeram referência explícita à expressão “*fake news*” (APÊNDICE I, E12; E15; E21; E25; E30; E38).

Para três entrevistados, a competência em informação envolve contextualizar a informação com a realidade.

*[...] pensando nas disciplinas, eu tento pensar no que que influencia na nossa vida, [...] tipo usando História, [...] o que aconteceu antes que tá influenciando agora. Por que que hoje é assim? [...] ou coisas de Física, [...] o que que tá envolvido em [...] um eletrodoméstico? O que [...] tá envolvido nas nossas coisas do dia a dia, assim. Então, [...] tento relacionar assim com isso (APÊNDICE I, E13).*

*[...] avaliar criticamente a informação e usá-la, eu diria que é uma das grandes dificuldades, [...] que tanto eu imagino que seja o grande o xis da questão na, por exemplo, na prova de redação, né, que é sabe, por exemplo, tu recebe um problema ali atual e tu consegui fazer a famosa alusão histórica, a alusão cultural, [...] que é tu, por exemplo, pega um contexto, [...] da Revolução Industrial, onde o trabalho era muito exploratório e tu consegui associar, [...] no dia de hoje, onde as condições também são exploratórias, 'ah! Porque tá acontecendo isso, será que é... é porque as grandes empresas estão com... o desemprego tá muito grande, tem muita mão de obra disponível então o salário vai lá embaixo. Putz! Parecido com a Revolução Industrial', né. Então, será que [...] a história não tá se repetindo, ou algo próximo, parecido, pra gente pensa? (APÊNDICE I, E23).*

Da mesma forma, E11 defende a necessidade da contextualização do conhecimento, mas constata que a informação pode ser uma espécie de antídoto de sua própria sobrecarga.

*Eu acho que o principal de tudo [...] é a questão do contexto. Eu sempre tento ter este olhar amplo, que às vezes a gente vê uma notícia que parece absurda para a gente, ou também parece ser sem sentido para a gente. Mas que para aquele contexto, para que ela comunidade, para aquela realidade, é totalmente importante [...]. Eu acho que essa questão da informação nesse sentido é o primordial, assim. [...] eu sempre tento também está vendo um pouco de cada aspecto da sociedade, assim, do meio ambiente, um pouco de política, um pouco de artes, um pouco de até coisas de lazer, assim, filmes, músicas. [...] E tem muita coisa importante, assim, que não pode viver só de estudo, também. Senão a gente surta, e esse é o momento que a gente precisa estar mais relaxado, mais com a saúde mental boa mesmo. Então, acho que a informação vem para esse lado nosso, também. Vem para ajudar a equilibrar nossos sentimentos, nossas emoções. [...] (APÊNDICE I, E11).*

O desenvolvimento da competência em informação passa, na opinião dos entrevistados, por amplas pesquisas e aprofundamento. E26 afirma que a competência em informação permite ter algo para acrescentar em uma conversa. “[...] eu gosto de

ler, pesquisar bastante [...], eu acho que a gente só vai [...] compreender, absorver melhor aquilo a partir do momento em que a gente debate com outra pessoa [...]”. Trata-se, na opinião do estudante de um fluxo contínuo de leituras e debates (APÊNDICE I, E26).

Essa amplitude da pesquisa e compartilhamento das informações por meio de diálogos, conversas ou debates também permite a compreensão de outros pontos de vista. “[...] eu gosto bastante de conversar com outras pessoas, aí eu sempre pergunto [...], converso pra ver se nós temos a mesma opinião [...] e também pra ver todos os lados [...] da informação” (APÊNDICE I, E05). Ter acesso a diferentes visões enriquece o conhecimento, avalia E10. “[...] sempre é bom ouvir uma opinião diferente, uma pessoa que tenha vida diferente da gente, sempre é bom a gente ouvir várias pessoas, várias fontes, pessoas mais velhas e mais novas pra todo mundo [...] pra mim entender tudo” (APÊNDICE I, E10).

A motivação pelo aprendizado, da mesma forma, compõe a dimensão estética da competência em informação, na opinião de um estudante. “[...] sentir aquele prazer de estar aprendendo, de falar ‘nossa, que matéria legal’ [...]. E foi isso que, eu acho, que manteve, que deu vontade de estudar, mesmo, de querer aprender, [...] ter prazer com o que está aprendendo” (APÊNDICE I, E07).

Embora com abordagens específicas sob determinados aspectos da competência em informação, de modo geral, as respostas a essa pergunta trazem exemplos práticos e reais da fundamentação teórica amplamente empreendida por autores do mundo inteiro.

### **6.2.7 Percepção da preparação para as provas**

Indagados se sentiam preparados para a prova do vestibular ou do ENEM, apostaram em um nível de preparação de 40% a 50% (11 participantes), 60% a 70% (13) ou de 75% a 85% (nove). Os outros cinco se dividiram entre não determinar um percentual ou fazer prognósticos otimistas (90%) ou pessimistas (10% e 20%).

Os sentimentos, neste caso, são bastante variáveis. “Quando comecei a fazer as provas como treineira [...] não entendia muita coisa [...], a primeira prova foi apavorante [...]. Depois do pré-vestibular [...] não estava mais nervosa já, fui confiante [...] como se estivesse [...] fazendo uma prova em casa”, disse E17, que disse acreditar na preparação em 90% (APÊNDICE I, E17). “De um a 100, eu estava preparada 10,

porque, tipo, eu não estudei. Estudei na última semana. [...] na prova do ENEM eu acertei só 20, 24 questões. [...] Porque eu foquei mais no estudo da escola do que [na preparação para] o ENEM”, declarou E09, que concedeu a entrevista após a prova e que revelou não ter conseguido realizar a redação por causa do nervosismo (APÊNDICE I, E09). E26 preferiu não prognosticar um percentual. “A gente tenta ser o mais otimista possível, mas [...] para falar que eu me sinto totalmente preparado não, não me sinto. Até porque eu acho que esse ano foi um ano difícil para todos” (APÊNDICE I, E26). Ainda em relação à preparação para as provas, os estudantes que se disseram mais preocupados com a pandemia (APÊNDICE I, E10; E14), que pesou muito a questão emocional (APÊNDICE I, E32) e que sentiram menos preparados em várias matérias (APÊNDICE I E01; E34), em exatas (APÊNDICE I, E07; E21; E30; E31) ou em redação (APÊNDICE I, E29; E30).

As referências às dificuldades com as disciplinas de exatas são constantes nos depoimentos dos entrevistados. Esse aspecto foi levantado em vários momentos e será observado ao longo das análises nas próximas sessões.

### 6.2.8 Considerações

Numa análise final dos aspectos relacionados à competência em informação desenvolvida pelos entrevistados, constata-se que alguns deles apresentam respostas que percorrem fundamentos já consolidados do tema. Tal juízo advém de depoimentos relacionados à motivação pelo aprendizado, ao gosto de aprender, a sentimentos mais profundos e que esses estudantes não conseguem descrever, como a percepção da informação a partir da crítica e autocrítica (também identificada como autoavaliação), bem como de que a informação e conhecimentos são válidos, desde que contextualizados. Vários participantes da pesquisa veem a informação como um fluxo contínuo, num processo constante de aprendizado. Ela pode sanar dúvidas, curiosidades ou necessidades ou mostrar as distintas visões de mundo. Há, entre os entrevistados, alguns que compreendem que a informação pode gerar mais dúvidas e, como numa espécie de dependência positiva, levar o estudante a sentir mais necessidade de consumi-la.

Em relação às fontes de informação na internet, os estudantes citaram relativamente poucas e algumas delas muito genéricas, como *sites* de busca, redes sociais ou *site* repositório de vídeos gerais. Percebe-se, adicionalmente, uma

consolidação para o aprendizado do uso de meios audiovisuais, especialmente vídeos. Isso se confirma pelo fato de que a segunda fonte de informação mais citada foi o repositório de vídeos YouTube.

Uma constatação relevante é que fontes genéricas, como o buscador Google ou o repositório YouTube, são mais citadas por estudantes que mencionam menor número de *sites*. Entre os dez entrevistados que listaram apenas uma fonte, sete se referiram a uma destas duas plataformas. E entre os quatro estudantes que indicaram maior quantidade de sítios, apenas um nominou uma delas – no caso, o YouTube genericamente, sem citar um canal específico.

Há uma preocupação, repetida em diversos momentos, referente à confiabilidade dos *sites* e das informações selecionadas, por isso, os participantes da pesquisa tentam adotar diversos filtros para identificar conteúdos que possam considerar como verdadeiro. A comparação entre *sites* e o aval de professores ou outras pessoas de referência, estão entre as estratégias mais disseminadas para dar crédito à informação. Os mesmos critérios são percebidos nas estratégias de busca.

Os estudantes demonstraram semelhante inquietação em relação à confiabilidade das fontes e das informações, quando indagados a respeito de como cada um desenvolve sua competência em informação. Neste caso, o argumento esteve fortemente acompanhado da expressão “*fake news*”.

Em grande número, os estudantes demonstram dificuldades para estabelecer técnicas ou métodos de estudo, prioridades, rotinas ou alguma forma de organização. Algumas das causas estão relacionadas a dificuldades pessoais, subjetivas, de estabelecer e perseverar as dinâmicas ou de adaptação à educação a distância. Outros fatores são relativos às condições de vida, às necessidades de ter um emprego, realizar atividades domésticas ou, ainda, são acarretadas por familiares, que ignoram a necessidade dos estudantes de silêncio e concentração e continuam a fazer barulhos e promover outros tipos de distração, como se o estudante estivesse na escola.

As situações experimentadas pelos estudantes em 2020, associadas a sua carga histórica, à competência que desenvolveram e às deficiências que mantiveram, os levou a realizar prognósticos relacionados ao grau de preparação que cada um sentia às vésperas das provas do vestibular ou do ENEM. Um grande número de estudantes apostou em um quantitativo intermediário de preparação, ou seja, em uma faixa intermediária, entre 40 e 70%. Assim, mantiveram-se prudentes, acautelando-se em relação a contextos de otimismo ou pessimismo exacerbados.

No conjunto, constatam-se preocupações – expressivas, ainda que em grupo relativamente pequeno de entrevistados – pertinentes e que condizem com as definições e desenvolvimento teórico da competência em informação. Entretanto, resta aos entrevistados limitações, insciência e inabilidades relacionados a elementos de ordem prática, dos procedimentos que devem adotar para a melhor incorporação da informação em sua vida acadêmica.

Sob outra ótica de análise, vislumbra-se que os testemunhos dos participantes se congregam às quatro dimensões da competência em informação – técnica, política, ética e estética. A dimensão **técnica** desvela-se nas práticas e procedimentos e domínio das fontes, tanto nas aptidões quanto nas limitações dos estudantes em relação a esses fatores. A dimensão **política** se faz presente, por exemplo, na questão da necessidade de emprego dos estudantes. A maior parte deles (24) só estudam e alguns deles ressaltam que é uma decisão familiar. A mesma dimensão se apresenta com o exemplo oposto, em que, por falta de recursos financeiros das suas famílias, estudantes são obrigados a buscar um emprego e este limita a capacidade de aprendizado. A existência de cursos pré-vestibulares gratuitos é outro aspecto da dimensão política, bem como as circunstâncias em que as condições de vida da família impedem a organização de um ambiente adequado para os estudos. A dimensão **ética** fica evidente na preocupação dos entrevistados em buscar conhecer a diversidade de pontos de vista em relação a temas polêmicos, notadamente no que tange a atualidades, e a divisar as fontes e informações confiáveis e verdadeiras. Na mesma dimensão, pode-se, por outro lado, associar o comportamento de familiares que não se ocupam de respeitar a necessidade de silêncio para que o vestibulando possa se concentrar nos estudos. A dimensão **estética** se revela na sensibilidade de alguns estudantes quanto a reflexões aprofundadas do contexto informacional, mesmo que, em tese, eles desconheçam os fundamentos teóricos da competência em informação. São os raciocínios que envolvem aspectos como a crítica e autocrítica, a aprendizagem ao longo da vida ou ainda um acentuado sentimento, que não conseguem descrever, da contínua necessidade de informação.

### 6.3 SOBRECARGA DE INFORMAÇÃO

A investigação relacionada à sobrecarga da informação foi feita por meio de quatro perguntas formuladas aos participantes, a saber:

- Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?
- O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.
- O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?
- Você se sente prejudicado(a) pelo excesso de informação?

Como visto anteriormente, a percepção de sobrecarga é subjetiva. Conforme afirmam Avelino, Löbler e Flaviano (2015, p. 1), “nem todas as pessoas reagem da mesma forma: algumas são especialmente vulneráveis à sobrecarga de informações, enquanto outras podem considerar essa complexidade uma riqueza de conhecimento”. Assim, poder-se-ia determinar que não existe informação em demasia, mas, sim, um “estado de sobrecarga de informações” ao qual as pessoas estão sujeitas e do qual resulta um “comportamento sob a influência de um número de informações maior do que o indivíduo pode processar” (AVELINO; LÖBLER; FLAVIANO, 2015, p. 2).

A partir desta constatação, revelou-se oportuno que o questionário buscasse identificar, subjetivamente, os sentimentos dos estudantes em relação à sobrecarga, possíveis prejuízos e as tentativas de superar o problema. Para buscar uma determinada objetividade, que permitisse algumas comparações, foi questionado o que os estudantes sentiam, sob a ótica psicossomática, nos momentos de sobrecarga de informação. A seguir, a análise das respostas obtidas.

### 6.3.1 O sentimento da sobrecarga

Com apenas uma exceção, os entrevistados manifestaram que, em variados graus, se sentem sobrecarregados com a quantidade de informações a que ficam sujeitos diariamente. Ainda assim, em geral eles reconhecem que se trata de uma situação típica do mundo contemporâneo.

*[...] Sem sombra de dúvida, é muita informação. Eu acredito que a cada ano que passa, a gente pode dizer que algum outro meio digital tem surgido, alguma nova rede social e tudo mais. E eu digo hoje consegui acompanhar, não dá. É literalmente aquele discurso da vida adulta que, quando vai passando o tempo você tem menos e menos tempo, né. E eu acredito que não, não, não dá pra gente absorver tudo e ainda assim o que a gente está vulnerável [...]. É... tem informação pra todo lado, né. Isso a gente não pode descartar. E então, sim, me sinto muito sobrecarregado, tanto quando a gente fala [...] do dia a dia e, principalmente, do vestibular. A demanda pra conseguir*

*[...] entrar na universidade, principalmente, federal [...] é [...] muito alta, você precisa de muito tempo, você precisa de muita dedicação e existe uma concorrência enorme. E esse processo ele não é uma é da noite pro dia. Então, são anos, literalmente [...] vai além ali do Ensino Médio [...] se comparar com cinco, dez, quinze anos atrás, essa realidade ela vai se mudando, assim, de forma discrepante. [...]* (APÊNDICE I, E02)

*[...] tem dois parênteses aí. O primeiro parêntese significa que o nosso mundo tem muita informação, tu abres qualquer plataforma, é celular, tablete, computador, é informação pra todo lado. Não só na internet, mas tu andas na rua é informação para tudo quanto é lado. E também tem aquele outro lado que basta você escolher as informações que você quer. Então eu só quero ouvir informação de política, eu só quero saber sobre economia e assim por diante. Então, mas eu procuro sempre... não tá sobrecarregado [...] vendo só o que é útil e importante pra mim. Eu penso assim* (APÊNDICE I, E14).

*Sinto. Sinto. Sinto. Tem vezes, quando eu to muito cansada, assim, psicologicamente, eu vou limpar a casa ou, às vezes, eu tiro um dia [...] para [...] desestressar a minha mente, porque é muita coisa, mesmo. Muita coisa. E, às vezes, eu até converso muito e falo sobre o que aprendi pra ver se eu tiro um pouco, porque é muita coisa. [...]* (APÊNDICE I, E15).

*[...] se a gente pisca, no mundo já aconteceu um milhão de coisas. A gente já é desatualizado, vendo de fora a gente já está desatualizado. [...] a cada segundo tem novas informações rolando. E é difícil, assim, a gente pensar o que que vai consumir. E a gente consome muita informação [...] Eu me sinto bem sobrecarregada* (APÊNDICE I, E11).

*[...] se utiliza o celular tu estás sendo obtendo informação [...] Então eu diria que sim, embora tenha momentos que isso me afetou mais e tenha momento que isso me afetou menos, né* (APÊNDICE I, E23).

*Sim, me sinto sobrecarregado demais. [...] para o estudante, 24 horas por dia é pouco ainda. **E ainda mais, não falando só de questões de aula, questões de formação política, questões de economia, questões do dia a dia, porque cada pessoa tem um problema.** [...] Então, muita informação chega e pouca informação eu abstraio, pelo menos. Então, essa parte de sobrecarregar é muito forte, é muito forte, eu sinto demais que eu to sendo sobrecarregado por informação, porque todo o dia praticamente tem uma notícia ruim, né. E ainda mais tem as aulas que precisam de um tempo para eu entender, para eu assimilar, para eu fazer, coletar meus resultados, fazer minha pesquisa, né. Realmente a resposta é sim. Sim, eu me sinto sobrecarregado e esse é o meu ponto* (APÊNDICE I, E06, grifo nosso).

A parte grifada no último trecho selecionado demonstra que a sobrecarga não se limita a conhecimentos necessários para o vestibular, ENEM e continuidade da vida acadêmica. A sobrecarga se mostra muito intensa na vertente de informações referentes à atualidade, nas quais em geral a informação está associada a inúmeras interpretações.

No relato das experiências, estudantes reportam situações extremas, tais como dores de cabeça ou dificuldades na atividade cerebral.

*[...] Às vezes, eu sinto que meu cérebro tá virando uma sopa [risos]. [...] tinha dia que eu conseguia estudar só duas matérias, porque eu já não aguentava mais [...]; a cabeça não funcionava. Mas tinha dia que ia, [...] que pegava no 'pique' e que conseguia fazer bastante coisa (APÊNDICE I, E03, grifo nosso)*

*[...] Me sinto [sobrecarregado]. Às vezes [...], dá vontade, [...] de [...] desistir de tudo [...], porque é muita coisa. [...] Chega uma hora [...] que a gente fica com a cabeça a mil e [...] quer um descanso e tal. É bem [...] cansativo, na verdade. E principalmente [...] com a pandemia, tem toda aquela dificuldade da internet, sempre muito problema. [...] (APÊNDICE I, E04)*

*[...] realmente é muita coisa [...] fiquei [...] o ano inteiro estudando e era tanta coisa na minha cabeça, porque eu também estava estudando pro colégio [...] eu tive [...] **muitas crises de ansiedade, inclusive em momentos de prova na aula, assim, sabe, em momentos que eu perdi controle** [riso], [...] porque era muita coisa na minha cabeça, muito sobrecarregada, [...]. Então, realmente é muita informação (APÊNDICE I, E16, grifo nosso).*

*[...] ficava aquela rotina, de acordar de manhã cedo, daí ficava [...] quatro horas na frente do computador, tinha aí a pausa do meio dia [...]; e chegava a tarde e tinha que dar [...] um foco naquela trabalho, naquele projeto que tinha que entregar; [...] chegava no período da noite tinha aula do PVC; daí, [...] chegava 10 horas da noite, assim, estava cansado, [...] no outro dia repete. E daí isso faz uma sobrecarga [...] lembro de alguns momentos que estava meio desanimado, provavelmente foi por conta disso, [...] ficava com dor de garganta, [...] dor de cabeça, com olho cansado de [estar] sempre na tela. Então, eu acho que isso seria sinais de quando eu estaria sobrecarregado, assim, e o meu corpo sentiu, [...] o reflexo [...] dessa sobrecarga (APÊNDICE I, E23).*

Uma faceta revelada por alguns dos entrevistados é a de que a sobrecarga se caracteriza ou se acentua nos temas pelos quais eles têm certa aversão ou não se familiarizam com facilidade. Conforme os relatos, essas ocorrências perpassam a dificuldade de compreensão, como é caso das disciplinas exatas, ou a aflição que causam, como no exemplo da pandemia da Covid-19 e suas consequências, incluindo o elevado número de mortes.

*Em relação à matemática, sim [há sobrecarga.]. Tudo bem, a matemática ela existe, [...] ela faz parte [...] da vida, né. Por exemplo, esse telefone existe [...] devido à matemática [...] eu acho que não precisaria tanto em informação na matemática, porque [...] tudo o que a gente vai fazer agora tá mais [...] nas quatro operações, [...] soma, divisão, multiplicação. [...] tu não usa uma raiz quadrada para [...] comprar [...]. Um livro de matemática, [...] nem todos, [...] tem 200 páginas, [...] eu não uso 200 páginas de matemática [...] que é pra mim ir lá no supermercado, [...] farmácia, [...] pega ônibus, [...] Uber [...]. Tudo o que eu aprendi no meu primeiro ou no meu segundo grau eu não estou usando nada. Claro, exceto as pessoas que vão trabalhar com a química, professor de matemática, médicos [...] eu acho que, pelo menos pra mim, é muita informação, uma informação muito pesada (APÊNDICE I, E20).*

*Em alguns assuntos, sim [há sobrecarga.]. Alguns assuntos quem sabe até que eu não goste. Porque esse negócio de vírus, dessa pandemia, no início eu gostava de ver [...], como era, como que ele se desenvolvia, enfim, estatísticas [...] de pessoas que pegaram, quantos ficaram vivos, quantos morreram. No início eu gostava de saber, mas isso foi me enfadando tanto, que hoje eu [...] não gosto mais de saber, e o tempo todo tão falando disso, em tudo quanto é lugar, é na televisão, é no celular, é pessoas que mandam vídeos [...]. Então, acaba que fica assim alguns momentos sobrecarregado. Em alguns aspectos [...]. Já no caso, eu gosto muito da área da psicologia. Então, se [...] falasse disso o tempo todo, tanto na televisão como no meu celular viessem mensagens, [...] era uma coisa que eu ia gostar. Eu ia amar ter essa informação o tempo inteiro. [...] essas outras coisas, política, [...], esse vírus, essas coisas, acaba que tá sobrecarregado (APÊNDICE I, E21).*

As informações falsas, ou *fake news*, também contribuem para a sobrecarga, conforme analisam os estudantes.

*[...] é uma chuva, né, muita informação [...] e 50% acaba sendo mentira. E são informações desnecessárias, que só encham tua cabeça de forma desnecessária também. Então essa informação que sobrecarrega [...], quando não é verdadeira também incomoda, porque se fossem todas as informações verdadeiras não te atrapalhariam, né (APÊNDICE I, E29).*

Bastante sobrecarregada. Que aonde a gente que, a gente tá lendo uma notícia, uma informação. Ela falsa ou verdadeira, mas é uma sobrecarga de coisas que a gente recebe. [...] É muita coisa (APÊNDICE I, E30).

Ainda que sofrendo os efeitos danosos desse excesso, entrevistados ressaltam que a informação é necessária, em especial para quem pretende avançar nos estudos.

*[...] Às vezes eu penso que é muita coisa para aprender e para absorver. Mas aí também eu já penso, porque se eu quiser fazer um curso superior, vai ser assim [...]. Imagino que seja uma carga enorme de informação que vão te jogando, provas, e trabalhos, então é uma coisa que eu tenho que me acostumar [...]. Não vou falar que é ruim, sabe. Mas às vezes me estressa, assim (APÊNDICE I, E27).*

A princípio, três entrevistadas refutaram a ideia de sobrecarga de informação. Entretanto, no prosseguimento da entrevista, duas delas reconheceram a superabundância de informação e seus reflexos em suas vidas, restando uma única exceção efetiva nesse quesito.

*Acho que não [há sobrecarga de informação]. Até é bom, né, para evoluir. Diante dos assuntos relacionados ao pré-vestibular, eu acho bem tranquilo, né, porque a gente está para aprender, então, a gente pega uma informação e às vezes a gente tira dúvida, às vezes a gente não entende e pergunta ao professor, ou vamos à algum site. Então acho que não tem muita sobrecarga. Não para mim (APÊNDICE I, E25).*

Ao concluir com a frase “não para mim”, a estudante E25 reconhece que outros possam sentir a sobrecarga. Esse entendimento bem como a diversidade das respostas comprovam a teoria de Avelino, Löbler e Flaviano (2015) de que as pessoas reagem de forma diferente, sendo algumas passíveis de sofrerem mais os impactos negativos deste fenômeno, “enquanto outras podem considerar essa complexidade uma riqueza de conhecimento” (AVELINO; LÖBLER; FLAVIANO, 2015, p. 1).

### 6.3.2 O que a sobrecarga de informação provoca

Com a clareza de que a sobrecarga é um aspecto subjetivo, podendo ser percebida de maneira diferente de uma pessoa para outra, os entrevistados foram indagados quanto ao que sentem diante de situações de sobrecarga. Os depoimentos revelam grande variedade de sintomas físicos e emocionais (Tabela 1).

**Tabela 1: Aspectos emocionais atribuídos à sobrecarga da informação**

Fatores <sup>29</sup>	Número de citações
Ansiedade	12
Tristeza, infelicidade	7
Estresse	5
Dificuldade de raciocinar, esgotamento mental, a cabeça já não pensa em nada, bloqueio	4
Irritação, raiva	4
Desânimo	3
Desestabilização emocional, confusão mental, abalo emocionai	3
Frustração, frustração quando não consegue resolver as questões	3
Não consegue absorver os conteúdos estudados, “achechada” [S/C], por não entender a matéria, 7 horas Estudando e nada tá dando certo,	3
Vontade de desistir, vontade de desligar o computador sem salvar o trabalho	3
Angústia	2
Choro, vontade de chorar	2
Desejo que acabe logo	2
Nervosismo	2
Sensação de incompetência - se sente “burro”, sensação de não saber	2
Sensação de peso, peso maior que consegue carregar	2
Alienação (não ouve a pessoa do lado)	1
Decepção	1
Desmotivação	1

<sup>29</sup> Foram mantidas as expressões como os entrevistados manifestaram originalmente suas sensações, evitando-se um agrupamento ou categorização que pudesse distorcer a intenção da resposta.

	(conclusão)
Dificuldade para gerenciar emoções	1
Falta de iniciativa de fazer o que tem para fazer (procrastinação), cobrança posterior	1
Fica mais tempo perdido na internet,	1
Insônia	1
Medo de esquecer	1
Medo que não dê tempo	1
Não parava para descansar	1
Preocupação com o que virá	1
Pressão	1
Sensação de estar desatualizada,	1
Sensação de estar perdido	1
Sensação de estar sempre atrasada nas tarefas	1

Fonte: Elaborado pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

Os problemas físicos mais citados são cansaço e dores – cabeça, costas e coluna, olhos, pescoço, peito, entre outros. A Tabela 2 apresenta a síntese das consequências físicas imputadas pelos participantes à sobrecarga de informação.

**Tabela 2: Aspectos físicos atribuídos à sobrecarga de informação**

Fatores	Número de citações
Cansaço	19
Dor na coluna, nas costas, na nuca, no pescoço, tensão, agravamento de problema na coluna	11
Dor de cabeça, cabeça cansada, agrava a enxaqueca	10
Dor e cansaço nos olhos	2
Medo de ficar doente	1
Palpitação	1
Tremor, dor no peito, não conseguia respirar, ânsia de vômito, quase desmaiou, dor de cabeça	1

Fonte: Elaborada pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

Algumas das respostas são emblemáticas. É o caso de E06, que relata os distúrbios orgânicos e psíquicos que sente:

*[...] Na condição física, eu me sinto muitas vezes cansado, cansado mesmo, assim, parece que eu corri uma maratona sendo que eu estou parado na frente do computador [...]. Meu olho, já não consigo ver coisas longe. Coisas, às vezes, nem perto eu consigo, porque eu já estou assim piscando demais. Eu não quero mais ver aquilo na minha frente. E o emocional é a mesma coisa [...] a cabeça [...] já não tá mais raciocinando. Se alguém faz uma pergunta, às vezes a pessoa tá do meu lado e eu não escuto [...] a minha cabeça tá longe, [...] pensando em outra coisa [...]. Minha cabeça já não pensa em nada. Então, essa sobrecarga, às vezes, reflete muito isso, assim. Reflete no meu corpo, como eu me alimento, como minha hidratação tá*

*sendo. Às vezes eu posso ficar doente só pelo fato de eu estar sobrecarregado de informação. E é isso. Acredito que seja bem esse ponto, assim, que é o que eu sinto (APÊNDICE I, E06).*

Em pelo menos um caso, a situação ensejou a necessidade de uso de medicamentos para aliviar as sensações.

*[...] eu gosto [...] de gerenciamento de emoções. Porque [...], quando eu [estou] muito mal, quando eu me sobrecarrego e não dou o respiro para minha mente, [...] eu não alívio, [...] me dá ansiedade. [...] [...] na metade do ano eu tive palpitação. Eu tive que tomar calmante, às vezes, eu também tomo porque [...], como é muita matéria e [...] e tem vezes que eu não consigo, porque eu também sou ser humano, eu não consigo, eh, ver ali, tipo, 'ah! hoje eu tenho para mim ver cinco aulas' e, às vezes, eu não consigo. Às vezes eu não consigo dormir direito, daí, porque me dá muita, me dá ansiedade, assim. Vem aquele pensamento 'poxa, o ENEM tá tão próximo e não e não vai dá mais tempo' ou 'que pena que não teve as aulas presenciais, né, que quebrou muito isso' (APÊNDICE I, E15).*

Outra situação de gravidade foi vivida pela estudante E16:

*[...] eu tinha crises, né. Eu começava a tremer, eu começava a sentir dor no peito e não conseguia respirar, eu quase vomitava e começava a chorar sem parar e tremia, assim, não conseguia para, sabe. Porque, eu não, estava tendo essa crise, assim. Inclusive dentro da escola várias vezes já aconteceu. E, eu já quase cheguei a desmaiar, às vezes na escola, assim, muitas, muitas vezes, por causa disso [...] minha cabeça estava doída [...] acontecia isso no meu físico. Só que o teu cérebro faz isso acontecer no teu corpo. Meu corpo tremia [...] por causa disso. É doído, mas acontecia (APÊNDICE I, E16).*

E23 revela um ciclo vicioso em seu comportamento: o desânimo e a tristeza o impeliavam a se dispersar e percorrer a internet em coisas aleatórias, sem o foco nos estudos. Essa navegação, por sua vez, se revelava improdutiva, desnecessária, o que instigava o estudante a uma posterior autocobrança, que intensificava o sentimento de desânimo e de tristeza.

*[...] seria basicamente [...] um cansaço que te dá, uma ansiedade, digamos, também pode acrescentar, [...] na condição física reflexo até com sintomas de alguma, de algumas... sintomas, né, acho que seria... E o emocional, ah, o próprio desânimo, se sente meio triste, às vezes, tu fica lá perdido na internet, tipo assim, [...] 'que tédio, mano'. Não tem nada, tipo várias coisas para fazer, mas também não estou com vontade, [...] daí fica lá, tipo navegando, mas também não está se divertindo, não está aprendendo, não tá fazendo nada, só [...] passando o tempo. Eh, daí, [...] vem aquela cobrança, às vezes, [...] 'ah! Será que vou passar? Será que não vou passar? Será que estou fazendo o certo? Será que não estou fazendo?' (APÊNDICE I, E23).*

É relevante, também, analisar a resposta da estudante E25 que, na pergunta anterior, rejeitou a ideia de que existe sobrecarga de informação. Ela reafirmou sua

resposta, mas reconheceu que às vezes fica um pouco confusa. Igualmente, ela cita reflexos da sobrecarga, não especificamente de informação, mas das atividades que realiza ao longo do dia e da noite, relativas ao trabalho e ao estudo.

*Na verdade, não é nem sobrecarga. Na hora que a gente está no aprendizado a gente fica meio confuso, porque é algo novo para gente que a gente está estudando a gente está aprendendo. Então é mais, assim, confuso, mas a gente tem que sempre procurar se orientar e saber se colocar na linha. Se eu não sei alguma coisa, eu vou lá e busco, e vou lá e procuro saber, [...]. Eu acho que a condição física é mais cansaço e preocupação com o que vem mais adiante, principalmente eu que trabalho o dia inteiro e só chego [em casa] às sete da noite. Então fica bem cansativo eu ter que chegar do trabalho e ter que estudar para conseguir ser alguém na vida, para conseguir ter um ensino superior. E emocional... porque não dá para a gente ser forte o tempo todo, então, às vezes a gente fica meio confuso, dá vontade de desistir, mas assim, sempre se elevando mais para cima e tentando seguir [...]. Ansiedade, bastante (APÊNDICE I, E25, grifo nosso).*

Percebe-se, portanto, que a estudante não segrega a sobrecarga de informação, mas identifica uma sobrecarga de atividades. Ainda assim, os efeitos que ela cita são semelhantes aos dos demais estudantes, que reconhecem a sobrecarga de informação.

### 6.3.3 Prejuízos pelo excesso de informação

Ainda que tenham assentido a tese da sobrecarga da informação e enumerado sintomas físicos e emocionais desse fenômeno, os participantes da pesquisa não expressam um sentimento generalizado de prejuízos acarretados por esse fenômeno. Apresentado o questionamento “você se sente prejudicado(a) pelo excesso de informação?”, constatou-se um equilíbrio entre os responderam afirmativa (17) e negativamente (18) – sendo que três entrevistados não responderam.

A negativa do prejuízo decorre de várias questões. Uma delas é a possibilidade de aprender mais. “Informação é sempre bem-vinda” (APÊNDICE I, E03), “sempre é bom (APÊNDICE I, E10), “não me sinto prejudicada [...], porque eu amo aprender” (APÊNDICE I, E15).

Esse excesso de informação chega a ser considerado um benefício.

*Eu diria que não. Eu acho até um privilégio, assim, a gente ter vários olhares para se obter uma informação. Porque, como eu disse, é a questão do contexto. Então, eu não posso dizer que aquilo que foi me repassado daquela forma é o certo, porque é só um olhar, é só um ponto de vista. Então, eu acho*

*que, justamente, ter várias informações, de várias formas de expressar essa informação é até uma vantagem (APÊNDICE I, E11).*

Outros entrevistados também descartam prejuízos decorrentes da avalanche de informação por terem aprendido a lidar, conviver ou superar o excesso de informação. “[...] é só saber separar direitinho e ver o caminho que você quer escolher [...]” (APÊNDICE I, E05); “Não [me sinto prejudicado], eu acho que basta a gente discernir o que a gente quer, ter um filtro ali [...] é muita informação, mas eu consigo escolher o que eu quero ou não [...]” (APÊNDICE I, E31); “agora não me sinto mais tanto [prejudicada]. [...] eu já aprendi a lidar com isso, mas antes, quando eu não sabia, eu era bastante prejudicada [...]” (APÊNDICE I, E16).

Ratificando uma preocupação demonstrada pelos participantes nas perguntas relacionadas à competência em informação, E27 destaca que o desafio é saber filtrar.

*[...] eu vejo que é necessário, mas não é uma coisa que me paralise de alguma forma [...]. É uma coisa mínima [...] é saber filtrar. A minha maior dificuldade é saber filtrar, tipo, o excesso [...]. Mas não é uma coisa que me prejudique ao extremo, não. [...] Com o tempo eu acho e tu vai se dando conta mais [...]. Vai aprendendo sites que são confiáveis, os que não são... porque tem coisas absurdas, então tu sabe que aquilo é mentira [...] Mas tem coisa que tu fica bastante na dúvida, assim, sabe. Principalmente na questão política, ou econômica, então é bem complicadinho (APÊNDICE I, E27).*

Embora refutem que sejam prejudicados, alguns dos participantes manifestam um desassossego com a estafa da atividade estudantil. “[...] não exatamente prejudicado, mas [...] chega uma hora que a gente fica exausto [...] E quando a gente fica exausto, [...] parece que [é] como se não entrasse mais nada na nossa mente” (APÊNDICE I, E04). A mesma sensação é descrita por E08: “[...] quando está cheio de informação, aí que a cabeça fica um pouco cheia também e não consegue pensar direito. Aí prejudica o mental da pessoa [...]” (APÊNDICE I, E08).

Para o entrevistado E06, não é negativo que a informação chegue facilmente às pessoas. O problema, no entendimento dele, é que a informação excessiva, não desejada, se interpõe em momentos inadequados, gerando transtornos emocionais e o desejo de se desligar dos meios de comunicação como forma de alívio da pressão.

*[...] Às vezes eu nem quero aquela informação para o meu dia [...]. É uma informação, [...] que eu não vou usar tanto naquele dia. Assim, não vai agregar coisa boa àquele dia, para a minha mente, naquele dia que vou precisar da minha mente boa. Então, muitos dias eu me sinto assim... ‘Meu Deus’, eu vou desligar a internet, vou desligar a TV, vou ficar no meu pátio sentado olhando para o céu. Porque não pode ser que essas informações*

*cheguem tão naturalmente! Eu [estou] rolando o meu feed de notícias e chega ali. Vou ler um jornal e a informação está ali, tá explícito o que está ocorrendo. [...] Não que isso seja ruim, a informação chegar fácil não é ruim. Só é ruim ela chegar de forma tão instantânea, que não precise pesquisar. O ato da pesquisa... às vezes não precisa pesquisar de tal assunto, às vezes já tá ali. Então, acredito que, assim, emocionalmente eu me sinto prejudicado por esse excesso de informação (APÊNDICE I, E06).*

O excesso de informação causa confusão e a constante necessidade de revisão, configurando-se, então, em grande prejuízo.

*Eu posso dizer que sim. Não sei se prejudicada, porque informação nunca é demais, né. Mas, muitas vezes tu acaba[s] confundindo algum tema que é parecido com outro. Então, 'Ah, esse aqui não era determinado desse tema, era de outro tema, era de outro assunto. Não era desse'. Então, às vezes eu acabo me confundindo com muitas informações, eu acabo misturando. Por isso que eu tenho sempre que estar revisando, o que eu já aprendi o que eu estou estudando, eu tenho que estar voltando e revisando de novo. Então, eu acho que é isso (APÊNDICE I, E22).*

O excesso de informação também é correlacionado à grande quantidade e tipos de canais de comunicação, especialmente na internet, o que exige uma atitude do usuário, conforme afirmou uma participante.

*[...] Às vezes eu me sinto [prejudicada], quando tem muita coisa, né. Daí quem tem [...] que direcionar o que que é melhor pra mim [...] é eu mesma, né. Que eu sei que eu preciso, por exemplo, estuda. Vou passa o dia inteiro no Twitter, no WhatsApp, no Instagram, Facebook? Porque são muitos aplicativos. Se a gente for ter todos, a gente não faz nada, nem comer não come; você passa o dia inteiro na frente do computador ou com celular na mão. Então, quem tem que ditar as regras sou eu, né? O que eu quero, daí, pra mim (APÊNDICE I, E21)*

Outra participante tributa o prejuízo ao excesso de informação que ela considera dispensável.

*Eu acho que a gente se prejudica, é como eu falei, o excesso de informação desnecessária. [...] isso prejudica que a gente. Quando é uma apostila que a gente vai usar, sei lá, 30% daquela apostila e ela tem mil páginas e tu olha[s] aquilo, [...] tu só de olhar já [te] sente[s] prejudicado, porque tu acha que tudo aquilo tens que absorve. E sendo que só absorves 30% do que tem ali. Então, acho que prejudica de alguma forma (APÊNDICE I, E29)*

Também autodeclarados afetados pelo excesso de informação, outros estudantes creditam a situação à incapacidade de selecionar. “[...] a gente fica um pouco aéreo de tanta informação, que já não sabe mais o que [...] é certo e o que é errado. Tem horas que prejudica bastante” (APÊNDICE I, E30). “[...] se a gente não

confere a informação, muitas vezes a gente leva como verdade e não é [...]” (APÊNDICE I, E12).

### 6.3.4 Formas de aliviar a sobrecarga de informação

As estratégias dos entrevistados para minimizar os efeitos adversos da sobrecarga da informação foram identificadas com a pergunta: “o que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?”. Nas respostas, constatou-se que as atividades mais comuns são os exercícios físicos, entretenimento (filmes ou séries, leitura, música), ou simplesmente meditar, se deitar ou relaxar. Uma única estudante disse que não fazia nada, pois não tinha nada que lhe agradasse. A Tabela 3 mostra as estratégias relatadas e o número de citações de cada atividade.

**Tabela 3: Estratégias citadas pelos entrevistados para superar a sobrecarga de informação**

<b>Atividade</b>	<b>Número de citações</b>
Realizar atividades física, caminhada, academia, andar de bicicleta, karatê, exercícios de yoga em casa (seguindo orientações do Youtube)	15
Fazer um intervalo, se deitar, dar uma volta dentro casa, no quintal, tomar sol, ir para a rua ("esfrio a cabeça")	14
Filmes, séries, vídeos	12
Meditar, olhar para o céu ("natureza é um refúgio"), ficar sozinho, ficar quietinha, ficar só deitado, fechar o olho, pensar bastante	10
Ouvir música	8
Conversar com as pessoas, com a família, com a namorada, estar com alguém que gosta, desabafar com a irmã	7
Ler	6
Dormir	5
Bíblia, visitar terreiro de umbanda	3
Cuidar da alimentação	3
Fazer algo que goste, focar em algo diferente, lembrar de outras coisas na vida	3
Navegar na internet, redes sociais	3
Sair da internet, das redes sociais, deixar o celular de lado	3
Assistir TV	2
Dançar	2
Não estudar nos finais de semana, reservar um dia sem estudar	2
Tomar banho (quente, gelado)	2
Administrar o tempo	1
Brincar com jogos eletrônicos	1
Cuidar da pele e do cabelo	1
Tocar violão	1

Fonte: Elaborada pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

As atividades relaxantes que os estudantes dizem praticar, em várias circunstâncias são opostas para um e outro entrevistado. Por exemplo, navegar na internet sem um objetivo ou brincar com jogos eletrônicos são alternativas aceitáveis (E23) ou absolutamente descartadas (E34) para espairar nos momentos de fadiga ou cansaço mental. Da mesma forma, interagir com redes sociais pode ser uma opção lenitiva (E36) ou evitada (E38), quando o desejo é serenar a mente.

Entre as atividades relatadas pelos estudantes como estratégias para desanuviar, algumas não são práticas diferenciadas do ato de estudar, como, por exemplo, navegar na internet, que exige atenção ao computador ou smartphone. A leitura também pode ser classificada desta forma, como alerta uma entrevistada quando afirma que ler é seu “meio de escape”. No entanto, essa e os demais estudantes que citam estas formas de aliviar a tensão, o fazem selecionando obras ou ações dissociadas dos estudos (APÊNDICE I, E22).

*Então, é meio contraditório, digamos assim. O meu meio de escape é a leitura. Então, se eu estou sobrecarregada, se eu estou ruim, qualquer coisa que está me acontecendo, eu pego meu livrinho e vou para dentro do mundo do livro. Que ali dentro não tenho perigo de me machucar. Eu fico ali dentro do livro lendo bem tranquilamente. Então, eu posso dizer que eu pego o meu livro, vou para um cantinho que eu me sinta confortável. E fico lendo, vez ou outra na cama, e vez ou outra até no meu quintal, que eu tenho um terreno bem bom, debaixo de uma árvore, tipo assim, para tenta me aliviar, [...]. Então, eu meio que saio de cima dessas informações todas e vou buscar mais informações dentro do livro que eu estou lendo. Mas, para mim, eu consigo me aliviar (APÊNDICE I, E22).*

Do isolamento a um terreiro de umbanda, um estudante busca alternativas distintas para relaxar:

*Geralmente quando eu to assim, tenho duas opções, que são meio até opostas: (que eu sou umbandista) ou eu vou para o meu terreiro, né, com o pessoal, confraternizo, converso, ou eu fico sozinho. A maioria eu gosto de ficar sozinho, tipo, eu chego em casa vou para o meu quarto, eu brinco um pouco com minha pequena, depois eu venho e vejo uma televisão, uma coisa aleatória, uma série, nada que vá me deixar estressado para poder dar uma aliviada, assim. Quando eu fico sozinho é eu comigo mesmo, não tenho aquele falatório, aquela pressão em cima de ti de gente perguntando isso ou aquilo, ou aquela coisa que tu tens que resolver alguma coisa. Então é teu momento contigo, sabe. Tu ficas ali sozinho mais relaxado. É onde vai baixando a energia ruim, vai dissipando esse estresse... melhorador e tal (APÊNDICE I, E27).*

A interrupção da atividade que está gerando o estresse é o caminho citado por diversos estudantes:

*Eu paro de fazer o que eu estou fazendo. Eu paro, porque não adianta ficar mais uma hora, mais duas horas ali tentando. Isso não funciona comigo, não adianta. Então, eu paro de fazer o que eu estou fazendo, vou fazer algo que me alivia. Vou ouvir uma música, vou ver uma série, um filme ou só deitar e relaxar, fechar o olho, às vezes dormir. Porque, na minha concepção, é a melhor coisa a se fazer, né, nesse momento de sobrecarga nesse momento que não é um bom dia. Então, é o que eu faço (APÊNDICE I, E06).*

E08 demonstrou uma espécie de desesperança:

*Na verdade, eu não fazia nada, porque, sei lá, eu não sentia que tivesse algo pra fazer, sabe. Não tem muita coisa que eu gosto de fazer ultimamente. Eu só ficava nos estudos (APÊNDICE I, E08).*

Uma situação peculiar ocorreu durante a entrevista com E35, precisamente quando lhe foi formulada a pergunta “O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?”. A estudante iniciou sua resposta afirmando “Não sei como aliviar, sinceramente” e riu. Nesse exato momento, a entrevista foi interrompida por causa de gritos em frente à casa dela, que saiu para verificar do que se tratava. Depois de alguns instantes, quando retornou, ela explicou que ainda estava apreensiva e um pouco apavorada, pois estava ocorrendo um assalto – que resultou com os integrantes de uma família feitos de reféns e troca de tiros dos assaltantes com a polícia – em uma casa nas proximidades da sua (SIMON, 2020). A entrevista, então, prosseguiu:

**P1: Retomando a entrevista... Como você faz quando se sente sobrecarregada?**

*E35: Eu vou adiando, não é muito bom [sorriso como que reconhecendo a atitude equivocada], mas eu não sei o que fazer então eu largo tudo e me desespero.*

**P1: Faz alguma atividade física, ouve música algo para relaxar a memória?**

*E35: É nesse momento que eu largo tudo é pra fazer outra coisa, ir pro celular, distrair minha cabeça e outra hora eu volto.*

Os episódios do assalto e dos ritos em frente à casa demonstram mais um ponto de tensão social, que pode se refletir negativamente nas atividades humanas, inclusive os estudos.

### 6.3.5 Considerações

Nas respostas sobre a sobrecarga da informação, constata-se que os entrevistados assentem que a informação surge como em uma avalanche, o que dificulta o domínio de seu conteúdo. E eles percebem igualmente que não se trata

apenas de informação para seus cursos, como toda uma gama de informações sobre a atualidade, incluindo as informações falsas ou desnecessárias, que tomam tempo e atenção dos estudantes, em um contexto em que a necessidade de filtros se impõe.

Uma ampla gama de prejuízos advém da sobrecarga da informação, associada à sobrecarga de atividades que eles têm (escolares, de emprego ou domésticas). Os entrevistados relatam transtornos emocionais e físicos. No primeiro grupo, o item mais citado foi ansiedade e, depois, tristeza, estresse irritação e esgotamento mental, com dificuldade de raciocinar. Entre as decorrências físicas estão o cansaço e dores de cabeça, coluna, costas, pescoço, nuca e olhos.

Embora, em sua maioria, identifiquem a sobrecarga de informação e relatem suas consequências, não há entre os estudantes um sentimento generalizado de prejuízos em relação ao fenômeno. Há um equilíbrio entre os que se sentem e os que não se sentem prejudicados. Vários entrevistados salientaram que se sentem beneficiados com a informação em grande quantidade, pois isso permite ter uma visão mais ampla do mundo. A capacidade de saber filtrar é considerada um aspecto determinante para suplantar o estágio do prejuízo e alcançar o do benefício.

Atividades físicas, de entretenimento e outras formas de relaxar são as mais comuns para aliviar os momentos de sobrecarga da informação. Em algumas situações, essas atividades podem até ser contraditórias. O que para um estudante pode ser bom, para outro pode ser negativo.

As dimensões técnica, ética, política e estética podem ser observadas neste grupo de respostas, de maneira muito semelhante às respostas relacionadas à competência em informação.

A dimensão **ética** se sobressai nos momentos em que os estudantes revelam a necessidade de filtros e que a informação, ainda que em escala difícil de administrar, é útil para abrir perspectivas do conhecimento e dos pontos de vista que existem no mundo. Nestes enfoques, também se incorpora a dimensão **estética**, que se caracteriza ainda pela criatividade, inovação, transformação, sempre com a finalidade de buscar a solução de problemas, no caso, as formas de superação dos efeitos indesejados da sobrecarga de informação, conforme revelado pelos estudantes. No que diz respeito à dimensão **técnica**, percebe-se que os estudantes não têm clareza quanto às melhores práticas para aliviar sua sobrecarga. Por sua vez, a dimensão **política** pode ser percebida nas manifestações dos estudantes quanto à necessidade de interagir com professores, colegas ou familiares, considerando-se que, entre as

características desta dimensão está o enfoque no compartilhamento, no coletivo e na socialização.

As dimensões **ética e política** interagem no cenário em que a abundância de informações incorretas, equivocadas ou desnecessárias tomam tempo, atenção e energia do usuário para filtrá-la. Uma vez que estas informações podem ter origem de caráter político ou econômico e, ao se infiltrarem no cotidiano de estudantes, se tornam nocivo ao desenvolvimento deles.

#### 6.4 REFLEXOS DA PANDEMIA

Como foi explicado nas seções 1.1 e 5, quando a presente pesquisa se aproximava da fase de coleta de dados de campo, ou seja, das entrevistas, apareceu o vírus SARS-Cov-2, que provocou a pandemia da Covid-19. Trata-se de uma crise sanitária de alcance global e que trouxe inúmeras incertezas quanto ao prosseguimento da pesquisa. Uma das primeiras medidas de enfrentamento foi o isolamento social e a recomendação para que as pessoas evitassem ao máximo reuniões, encontros e outras formas de interação social – e não havia uma previsão do tempo que tais afastamentos durariam. Com o passar do tempo, percebeu-se que eles seriam muito mais duradouros do que se imaginava e que a alternativa para a pesquisa seria sua realização de forma digital, *on-line*. O afastamento também dificultou as tratativas com os cursos selecionados e os contatos iniciais com os estudantes, resultando em mudanças no público entrevistado.

Ao mesmo tempo em que gerou embaraços e impasses, a pandemia se mostrou uma oportunidade para esta pesquisa, dada hipótese, que se reforçou nos pré-testes e foi confirmada nas entrevistas, de que ela avivava as atribuições dos estudantes em relação à informação, mais precisamente no tripé competência, sobrecarga e vulnerabilidade, que compõem o escopo central desta investigação. Desta forma, o juízo foi o de que, ainda que sob a ótica da entrevista presencial pudesse debilitar, em contrapartida, a pandemia poderia engrandecer a pesquisa ao ampliar o repertório de experiências e testemunhos dos entrevistados.

“O cenário provocado pela pandemia do novo coronavírus é inédito e, por vezes, caótico para todos os profissionais de todas as áreas”. Desta forma, esse cenário se torna “propício para o surgimento de malefícios, tanto para quem trabalha em

informação como para quem apenas a utiliza, e um deles se chama ansiedade informacional ou ansiedade de informação” (BALBINOTTI, 2020, p. 53).

Em sua associação com a pandemia, a ansiedade informacional pode ocasionar prejuízos e/ou danos psicológicos e físicos aos profissionais e aos usuários da informação. “Além dos cuidados básicos para não se contaminar com o novo coronavírus durante a pandemia, são necessários cuidados para não se prejudicar devido ao excesso de informação ou a falta dela no dia a dia” (BALBINOTTI, 2020, p. 53-54).

Neste contexto, foram adicionadas três perguntas ao questionário:

- O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?
- Como foi sua adaptação para estudar *on-line*? Comente sua experiência.
- Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?

Esta terceira pergunta se justificou diante das incertezas que se estabeleceram para os próprios estudantes, tendo em vista que universidades e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) alteraram datas e formas de seleção nos vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Neste caso, a hipótese seria de que a insegurança e mudanças no processo poderiam se refletir na preparação e no estado de espírito dos vestibulandos.

#### **6.4.1 Isolamento social**

Quanto aos reflexos do isolamento social, eles foram negativos para cerca de dois terços (24) dos entrevistados; outras 12 respostas apontam para aspectos positivos e negativos e somente dois dos entrevistados têm o entendimento que os reflexos foram somente positivos. Todos os 15 entrevistados que consideram o isolamento parcial ou totalmente positivo para os estudos incluem a alegação de que tiveram mais tempo para estudar. Entre as razões estão a diminuição de “convites para sair” (APÊNDICE I, E31), não perderam tempo com locomoção (APÊNDICE I, E02; E03), e terem uma melhor divisão de tempo entre estudos e lazer (APÊNDICE I, E29).

Entre os entrevistados que levam em conta tanto os aspectos positivos quanto os negativos do isolamento social, dois afirmaram que a dificuldade os ensinou a estudar sozinhos ou com maior autonomia. “[...] meu pai ficou desempregado. Teve várias e várias coisas. [...]. Mas [...] para os estudos, eu acho, eu aprendi a estudar” (APÊNDICE I, E07). O estudante reconhece que antes desse episódio, jamais tinha tido uma experiência tão efetiva com os estudos quanto foi nesse período de pandemia. “senta [...], pega o conteúdo, entende o conteúdo. Isso é uma coisa que a gente não aprende no colégio, não é explicado, ver aula é diferente de estudar” (APÊNDICE I, E07).

Em 2020, diversos estudantes entrevistados estavam concluindo o ensino médio e, em paralelo, fizeram o curso preparatório para o vestibular, por isso, tinham uma rotina intensa, o que poderia ser agravado, no entendimento de alguns deles, se as atividades fossem presenciais.

*[...] tive que estudar para a escola e para o cursinho, então veio muito mais coisas [...]. E, na escola eu percebi que, não sei, pelo fato de esta em casa, parece que [...] duplicou as coisas que eles mandavam normalmente, se nós estivéssemos indo pra escolas [risos]. [...] A parte positiva, então, é que eu consegui me dar bem, assim, e fazer as coisas, talvez com um pouquinho de atraso, mas consegui da conta. E a parte negativa, é [...] ter muita coisa [...]. E da escola, como eu estava no último ano, vinha muito coisa que o cursinho também estava passando. Daí, vinha a mesma coisa nos dois (APÊNDICE I, E05).*

Os participantes apresentam diversas dicotomias entre aspectos positivos e negativos. Um exemplo, foi que a permanência no ambiente aconchegante do lar é boa, mas para alguns é também um local mais difícil para se concentrar. Outro exemplo dessa dicotomia, envolveu as limitações do aprendizado *on-line* e as situações em que os cursos e os professores tiveram mais empatia com essas adversidades dos alunos e deram um atendimento diferenciado. Esse acolhimento é reconhecido, mas não foi suficiente para todos.

*Eu acho que metade-metade [positivo e negativo]. Foi negativa por essa questão de ficar em casa e ter que ter aula EAD e eu, por exemplo, não ter um espaço adequado para eu estudar. Aí, às vezes, a internet não funciona etc. Mas [...] os professores do Einstein, eles sempre foram muito acolhedores, sabe, tipo se precisasse deles, era só chamar, mandar uma mensagem ou ligar, eles iam te ajudar de qualquer jeito. Então não prejudicou muito isso, sabe. Essa questão... (APÊNDICE I, E08).*

*[...] acho que cinquenta por cento positiva e cinquenta por cento negativa, porque, entre aspas, eu tive tempo, de estudar [...]. Mas negativa porque eu*

*deixei de aprender muito onde eu sou ruim, onde tenho mais dificuldade, em exatas, por exemplo. Em casa eu não consegui [...] o que eu acho que eu tenho potencial e capacidade para aprender [como] se eu tivesse em sala de sala de aula, com professores, esclarecendo as minhas dúvidas (APÊNDICE I, E 15).*

*[...] tem muita gente que prefere a pandemia pelo fato de poder fazer tudo em casa. É muito mais aconchegante, porém para se concentrar não é nada legal. Eu acho que é negativo, porque me abalou muito. É muito diferente se eu estivesse numa sala de aula e pudesse explicar e debater com os professores. Então eu acho que é algo negativo (APÊNDICE I, E35)*

As dificuldades da educação *on-line* e a inadequação do ambiente doméstico para estudos, mencionados por E35, E11, e outros citados anteriormente, são os itens mais listados como negativos para os estudos, com, respectivamente, 20 e 13 respostas cada. Aspectos emocionais aparece com quatro respostas.

A principal dificuldade com as aula *on-line* é a falta de interação com professores ou colegas. “[...] é muito melhor a explicação do professor, a gente consegue entender melhor. Porque se fosse só para pesquisar na internet, [...] não precisaria de um professor, [...] não trocaria o ensino presencial pelo remoto” (APÊNDICE I, E32); “[...] assim pela internet ficava um pouco de medo de pedir alguma coisa [para o] professor” (APÊNDICE I, E03); “[...] Tem hora, que é a hora que dá dor de cabeça [...]. Eu sinto muito mais dificuldade de aprender vendo aula [...] pelo celular do que estar ali numa aula presente, presencial” (APÊNDICE I, E28).

O desejo manifestado de interação pessoal não é apenas para obter explicações pessoalmente ou melhorar o aprendizado. Os entrevistados entendem que estar fisicamente ao lado de docentes e colegas estimula o foco e eleva a motivação para os estudos.

*[...] é aquela relação [...] de sempre ter estudado presencialmente. Então, eu sempre contei com os professores ali, com meus próprios amigos, meus próprios colegas, [...] ali prontos para ajudar. Eu pronto para ajudar alguém. Então, ter o contato é importante [...]. De encostar na pessoa e falar ‘calma, vai ficar tudo bem. Vamos fazer isso aqui junto. Vamos para a biblioteca juntos estudar’. Fechar uma roda de mesa, assim, com os amigos todos em volta, ‘Vamos estudar. Vamos ficar em silêncio, vamos estudar. Vamos fazer isso’. [...] (APÊNDICE I, E06).*

*[...] te alguém te ensinando, tu [te] sente[s] mais motivado porque tem alguém aí no teu lado [...] (APÊNDICE I, E27).*

*[...] tinha a presença dos professores, principalmente, para tirar dúvida, eu tinha o apoio do PVC para passarem conteúdo... Digamos, dar uma linha reta para tu seguir, hoje em dia eu acabo fazendo muitas curvas. Tipo, [...] eu*

*estudo sobre isso, mas eu me desvio um pouco para o outro tema, e me desvio para outro tema [...] (APÊNDICE I, E22).*

O ambiente doméstico não é contributivo, segundo entende um significativo número de participantes. “[...] não tem um espaço adequado para eu estudar. [...] às vezes, a internet não funciona” (APÊNDICE I, E08); “[...] o tempo todo em casa, começava a estudar, tinha um barulho, alguma coisa, já me distraia, saia, alguém me chamava [...]” (APÊNDICE I, E17).

Nesta linha da falta de uma estrutura adequada para estudos no ambiente doméstico, outros entrevistados também apresentaram depoimentos relevantes:

*[...] moro numa rua é que ela é muito barulhenta, passa muito carro, moto e o meu quarto, a minha, onde fica o computador, eles ficam bem de frente pra essa rua. Então, eu sempre tendo que escutar a moto passar, carro passar, buzina [...] era cachorro latindo – que eu tenho cachorro em casa, também, né – aí, às vezes passava algum cachorro na rua, elas ficavam latindo, então acaba atrapalhando bastante [...].o essencial para mim seria mesmo eu estar numa sala [...] com todo mundo prestando atenção, [...] ia ser perfeito (APÊNDICE I, E04).*

*[...] a pandemia misturou muito a questão do estudo em casa e teu lugar de descanso não existe mais [...]. E eu tenho uma certa dificuldade para me concentrar, em casa piorou. [...] é aquela barulheira às vezes, e também [...] qualquer coisinha tu já distraís e tens que fazer as coisas da casa porque tu está[s] todo o tempo em casa. Antes da pandemia, às vezes que eu precisava estudar e focar eu conseguia ir na biblioteca da UDESC ou do próprio IFSC [...] e ficava numa sala ali sozinho, só estudando e focando naquilo. Acho que evitavam essas distrações. Fora o estresse emocional, também, nessa questão da pandemia. [...] estou estudando hoje sempre em cima da minha cama, porque a sala e a cozinha estão sendo utilizadas [...] sentado, boto uma mesinha daquelas de café da manhã. Aí eu boto o notebook em cima dela para ficar um pouquinho mais alto e fico sentado ali normalmente. Até chego a dar uma dobradinha no colchão de tanto ficar sentado no mesmo lugar. A postura sentiu bastante, assim, a coluna e o próprio fato de ficar mais sedentário também, que já piora. E a iluminação também, é uma iluminação de casa, não é de um ambiente de estudo ou um ambiente de trabalho (APÊNDICE I, E38).*

A condição de natureza mental ou emocional dos estudantes já tinha sido abordada nas questões relacionadas à sobrecarga de informação, em cujas respostas os participantes da pesquisa indicaram uma ampla gama de reflexos físicos e emocionais. Percebe-se, neste caso, que a pandemia contribuiu para o agravamento dos reflexos no campo emocional dos estudantes. Os depoimentos a seguir revelam que participantes percebem que ficaram desestimulados ou estressados.

*[...] estudando em casa, eu vi que eu desleixei em algumas matérias, que eu deixei de acompanhar algumas. Então, porque simplesmente não sentia a*

*energia, não me sentia motivada algumas vezes, para entrar nas aulas on-line e não consegui prestar muita atenção em algumas. Porque [...] não consigo me concentrar como eu me concentro quando eu estou numa sala de aula. Então foi de uma forma negativa (APÊNDICE I, E30).*

*Eu acho que no geral foi negativo, [...] porque além do estresse que você tem com o estudo, você tem [...] todo estresse da pandemia e os cuidados e, enfim, das pessoas que [...] adoecem. [...] então acho que no geral foi um impacto negativo, porque adiciona mais a pressão, [...] além de ser um ano que já é muito cansativo, ainda tem mais esse fator de pressão [...] (APÊNDICE I, E37).*

*[...] sua cabeça não tem mais tempo para pensar em um monte de coisa para ficar muito mais nervoso, para ficar muito mais sobrecarregado de informação, então, o lado negativo vezes pesa mais que o lado positivo [...] (APÊNDICE I, E34).*

Estas três entrevistadas haviam revelado, quando indagadas sobre os efeitos da sobrecarga de informação que sentem estresse, frustração, vontade de chorar (APÊNDICE I, E30), agravamento da enxaqueca (APÊNDICE I, E22), ansiedade e cansaço mental (APÊNDICE I, E37). Demonstração de que o isolamento social e a falta de aulas presenciais agravam problemas que já existiam.

#### **6.4.2 Adaptação para estudar *on-line***

O questionamento seguinte foi quanto à forma como cada estudante se adequou para o novo formato de estudos, a distância. Para mais da metade dos participantes (21) foi uma tarefa difícil, os demais se dividem entre os que consideram mais ou menos difícil (dez) ou fácil (seis).

A dificuldade de adaptação com as aulas *on-line* foi a mais apontada pelos estudantes. “[...] no começo estava [...] muito perdido [...] depois eu comecei a me entender um pouco melhor [...]. É um pouquinho complicado, [...] mas deu para acostumar [...] Mas não é uma coisa tão boa assim [...]. Acho que pessoalmente [...] é melhor” (APÊNDICE I, E10); “[...] até a adaptação com a internet e tudo, foi bem ruim” (APÊNDICE I, E12); “[...] a própria plataforma me deixa confusa [...], porque ela buga, [...] desliga, daí é aquele transtorno” (APÊNDICE I, E16)

A dificuldade inicial levou muitos estudantes a abandonar. “[...] Até eu me acostumar demorou um mês, um mês e pouco. Eu achei que eu ia desistir, pensei em desistir [...] muita gente da minha sala desistiu. A gente era 80, se não me engano, e ficou, tipo, 20 pessoas até o final [...]” (APÊNDICE I, E15).

Conforme E33, a dificuldade de adaptação também foi dos professores, que diversas vezes enviaram informações erradas. Além disso, problemas como distrações e ruídos domésticos, mencionados na questão anterior, voltaram a ser citados neste questionamento (APÊNDICE I, E11; E19; E30; E32; E33)

A dificuldade de utilizar a tecnologia foi reportada por diversos estudantes. E20 não possui computador, por isso dependia de uma *lan house* ou da biblioteca do curso e ambos fecharam suas portas por conta do isolamento social. E21 também relatou que por um período a família não possuía computador em casa, o que dificultou igualmente os estudos dos seus filhos.

*[...] Não deu certo, nem pra mim nem pros meus filhos, porque eu tentei de tudo pra eles estudarem on-line que ia ser mais fácil pra mim, pra eu não ter que ir busca atividade na escola. Não deu certo. [...] como a gente estava sem computador. Conecta tudo no celular, não baixava aplicativo, não dava certo, nossa. Foi muito horrível, horrível. Não gostei. Graças a Deus que daí a escola [...] deles [...] fez as atividades impressas, então, pude buscar. Foi isso que ajudou eles [a] passar [de ano]. Se fosse pela internet, eles tinham ficado. [...] Então, eu não gostei (APÊNDICE I, E21).*

A falta de familiaridade com a tecnologia e a ausência de uma formalização dos horários de estudos foram outras dificuldades mencionadas.

*[...] Eu não me dou bem com tecnologia, não gosto muito da tecnologia. Então, esse negócio de tentar buscar coisas mais pela internet mesmo, me atrapalhou bastante, porque é uma ferramenta que eu não tenho muito o hábito de usar. Eu prefiro os livros [...] não gostei mesmo de estudar on-line. E também é uma coisa que eu tenho que ter uma rotina própria [...] antigamente eu saía de casa ficava quatro horas. Então, [...] botava na minha cabeça o quê? 'Essas quatro horas vou ficar dentro de uma escola. [...] é para [...] estudar. Não tem para onde eu fugir, vou fazer o quê nessa escola?' [...]. Agora, em casa não. Tu estás ali estudando, chega um amigo seu e acaba chamando a tua atenção, ou acaba te tirando de dentro de casa, ou tu tá ali e tem que resolver algum problema que apareceu no meio do dia. Então, isso acaba me desfocando bastante (APÊNDICE I, E22).*

A insegurança quanto à correção dos exercícios gerou apreensão e medo para um entrevistado.

*[...] quando não aprendia muito ali na aula, no EAD, e aí a gente ia pro exercício, e aí você fazia exercício, você tirava dúvida, mas ainda ficava algo muito raso, e aí o conteúdo da outra semana dependia daquele e isso acabava embolando, e a gente tinha cinco seis aulas por dia, mais monitoria, mais aula extra, então, assim, não dava pra conseguir abarcar tudo isso, né (APÊNDICE I, E02).*

Outro participante percebeu sua empolgação inicial se transformar em frustração:

*[...] no começo estava mais motivado, e eu ainda estava naquela pilha [...] então eu estudava um pouco mais, eu me esforçava um pouco mais. Depois, foi vindo um cansaço do isolamento, até um cansaço psicológico, porque tu acabas ficando em casa. Veio muito medo porque eu não estava mais saindo com amigos e tal, e eu continuei trabalhando, eu trabalho no mercado, então eu tenho muito medo, também, disso. Então, veio um cansaço psicológico muito grande. Me esgotou um pouco assim, deu uma baixada no meu ânimo para estudar. [...] ainda persisti, [...]. Mas bem menos [...]* (APÊNDICE I, E27).

Enquanto cinco estudantes se referiram à dificuldade em trabalhar com a tecnologia, outros nove apontaram esse fator como argumento da facilidade de adaptação às aulas *on-line*. Embora considere o modelo cansativo, para E03, “tecnologicamente [...] foi tranquilo, [...] tenho internet, tenho computador e tal [...]” (APÊNDICE I, E03). A mesma facilidade foi destacada por outros estudantes: “foi, no começo, um pouco difícil, mas depois eu fui me adaptando, fui achando tranquilo e pelo menos eu achei bom [...]” (APÊNDICE I, E07); “[...] não tive nenhuma dificuldade em aprender a mexer na plataforma ou a chamar professores nem nada, foi fácil [...]” (APÊNDICE I, E08).

Estudar pela internet exige muito autocontrole:

*[...] a gente tem que se policiar bastante também, né, para não perder o foco. Às vezes tá vendo algum vídeo no YouTube, de matéria, aí passa um vídeo de pegadinha, algum vídeo nada a ver e tu perde o foco, [...] a gente tem que se policiar bastante* (APÊNDICE I, E31).

O desenvolvimento da capacidade de assumir o controle dos estudos é outro aspecto citado por alguns dos entrevistados.

*[...] o momento da pandemia me fez refletir, me estimulou a aprender, a ser autodidata, procurar eu mesmo me virar, assim. Então, eu acho que tem pontos positivos e negativos dos dois lados, a pandemia também propiciou um momento de fazer vários cursos gratuitos, vários cursos extras que as pessoas talvez nem fariam num momento ‘normal’. [...] Então, a pandemia abriu muitas oportunidades nesse sentido da educação, também. [...] Tem e teve vários momentos ruins. Mas eu acho que teve pontos positivos e pontos negativos nos dois lados [...]* (APÊNDICE I, E11).

*Peguei mais maturidade, assim, pra estudar, porque, nesse ano de 2020, né, o conhecimento dependia mais de nós. Se o professor mandou a matéria e não consegui entender vou ter que me virar pra entender, tem que dá um jeito,* (APÊNDICE I, E24).

*No início, na fase de adaptação, no início não foi tão fácil, mas também não acho que foi tão difícil por eu já ter familiaridade [...] com a internet, com o computador e esses meios. Então, acho que isso facilitou [...]. A adaptação foi mais no caso de estudar por conta própria, [...] porque antes a gente tinha o professor que ficava explicando. Então, eu acho que essa adaptação não foi tão rápida, [...] como estudar sozinha, o acesso às informações, e aprender até mesmo quais são os melhores locais para buscar informação e os recursos. [...] No saldo total eu acho que foi positivo, para mim, ir até porque eu vi essa evolução que eu tive, que foi uma evolução maior do que eu tive nos outros anos [...]. Neste ano, por eu estar mais no controle do meu aprendizado eu estava mais ativa, no caso, nesse processo de aprendizado. Então, eu assumi esse papel mais ativo que me beneficiou por eu... não sei, talvez, reter mais informação, ou por eu meio que ser obrigada a procurar, e a buscar informação, então acabou retendo mais informação e tendo mais contato com informação. Então, eu acho que no saldo geral foi positivo pela minha evolução nos estudos que eu senti que eu tive. Uma boa evolução (APÊNDICE I, E37).*

Boa organização pessoal também foi destacada. “Adaptação de estudar *on-line*, na minha parte, foi bem tranquila, porque [...] sou bem-organizado [...] nunca tive uma atividade faltando e tudo mais, sempre adiantava as atividades” (APÊNDICE I, E14).

Um dos estudantes que inicialmente não tinha essa capacidade de organização pessoal acabou encontrando apoio na tutoria do curso pré-vestibular.

*Eu estava bem desorganizado, sabe, eu estava meio perdido, porque eu nunca tinha estudado, assim [...] on-line e tudo mais. Daí eu fiquei ‘meus Deus do Céu! Como é que eu vou fazer?’ [...] um dia eu estudava uma coisa ou outro estudava outra. E aí ela foi lá e organizou tudo direitinho pra mim. Ela fez uma planilha e falou: ‘ó, estuda assim e tal, éeh, estuda tantas horas por dia, que é pra ti não fica exausto e tudo mais’. Aí ela passou tudo certinho pra mim (APÊNDICE I, E04).*

Por sua vez E15, a estudante que se referiu ao grande número de desistências entre os colegas, ressalta o apoio familiar para que ela própria não seguisse os passos dos demais. “[...] Minha família me ajuda muito [...]. Minha mãe mesmo me ajudou [...] por ela eu não desisti [...]” (APÊNDICE I, E15).

#### **6.4.3 Mudanças no processo seletivo das universidades**

As regras de isolamento social foram determinantes para que diversas universidades brasileiras, incluindo a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),

se decidissem por alterações no processo seletivo de novos acadêmicos. Entre as mudanças estão a não realização da prova do vestibular 2021, adotando-se outros mecanismos de apuração, incluindo provas em vestibulares anteriores ou do ENEM, atual e anteriores. O próprio ENEM 2020, realizado no início de 2021, teve uma mudança substantiva poucos dias antes da data prevista para as provas, em virtude da lotação das salas. No dia da prova muitos estudantes foram surpreendidos com a dispensa para retornarem nas semanas seguintes, para evitar que as salas tivessem mais que 50% de sua ocupação tomada.

Essas modificações estavam diretamente relacionadas aos estudantes entrevistados, pela sua condição de candidatos às vagas. As entrevistas foram feitas durante o processo de alterações. Algumas delas, quando surgiram as primeiras informações de que haveria mudanças no processo seletivo, num período ainda de incertezas e cogitações quanto ao modelo. As últimas entrevistas foram realizadas depois da primeira etapa de provas do ENEM. Esses aspectos se refletem tanto no estado de espírito dos participantes, quanto na linguagem, adotada – incluindo os tempos verbais usados nas falas.

Em torno de dois terços dos entrevistados se dizem intensa ou relativamente afetados pelas mudanças realizadas. Neste caso, eles relatam vários sentimentos, entre eles, o desalento e a redução de chances de ingressar em uma universidade próxima de casa.

*[...] agora eu [estou] tranquila. [...] já aceitei a ideia de que não vai ter o vestibular, que só vai ter o ENEM. Mas, quando eles, estavam nessa transição 'de vai ter, não vai ter' e tudo mais, eu entrei em desespero, eu fiquei: 'meu Deus! E a agora, o que vai ser de mim?' [risos]. Aí eu mandava mensagens pra os meus amigos e [com voz de desesperada]: 'meu Deus! Eu não vou conseguir e não sei o que' [risos]. Porque, imagina [...] eu tinha duas chances, o ENEM e o vestibular. Agora, eu tenho só uma (APÊNDICE I, E03).*

*Muito desesperador [...] principalmente a gente que é de escola pública, a gente precisa [...] não só do ENEM, mas também a UFSC não vai ter mais vestibular próprio dela. Então, a gente ficou, assim, desamparado total. [...] a gente fica bem frustrado [...] de não conseguir passar numa universidade, que a gente conta com isso, que é a nossa única forma de evoluir na vida (APÊNDICE I, E25).*

A mudança nas datas de realização das provas do ENEM também causou desassossego.

*o ENEM era para ter sido em novembro do ano passado, foi acontecer só em janeiro. E [...] a inscrição deles fechou em abril do ano passado. [...]*

*simplesmente impedir a pessoa do outro ano não conseguir usar e ter essa oportunidade, acho bem complexo. Também porque vai [...] impedir também as pessoas mais próximas das instituições [...]. Porque [...] vai ficar à mercê da nota do SISU [...] (APÊNDICE I, E38).*

Para algumas pessoas que estavam vivendo sua primeira experiência essa insegurança foi ainda maior:

*[...] mesmo que eu já soubesse o que era vestibular e todo esse conceito, ainda assim eu não sabia que [esse] universo era grande e complicado, né. Essa parte de, não só de inscrições, de editais, de pesquisa, regras de ensino. [...] Essa falta de preparação foi sentida no ano vinte e vinte (2020), então [...] foi difícil, foi horrível, muitas pessoas não tinham noção [...], foi um contexto horrível. Completamente nova e nem um pouco de familiaridade, mais o estresse [...]afetou bastante. Como é que eu ia fazer aquela prova? Na época eu não sabia como seria essa dimensão em função da pandemia, prova de redação, tinha um tema pesado, sendo que tinha outras cadeiras, então, foi um contexto, horrível. Estar fazendo a prova pela primeira vez, principalmente de vestibulando que não tem muita preparação. [...] De escola pública sem nenhuma preparação, relacionadas ao estudo. Foi um cenário desesperador, a gente fica impotente perante essa situação (APÊNDICE I, E33).*

Ainda assim, estudantes perceberam e defenderam a necessidade das medidas, como forma de prevenção. “[...] vai pegar corona na prova? [...] É complicado, mas a gente tem que entender” (APÊNDICE I, E14).

A situação tornou-se, para os estudantes, um dilema entre o risco de contaminação e a eventual perda de uma chance de ingressar na universidade pública.

*[...] o sentimento é um pouco de raiva [risos], porque ENEM poderia muito bem ser adiado [...] pra que ninguém se ponha em risco por uma prova, mas ao mesmo tempo se tu desistir de ir tu pode perde uma oportunidade. [...] eu pensei em desisti de ir pro ENEM [...]. Eu penso isso 90% do dia, mas eu acho que se eu deixar de ir, [...] eles não vão [...] adiar a prova, então, eu vou, [...] mas é, é um sentimento, assim, a gente se põe em risco, a gente põe em risco quem com quem a gente mora [...] (APÊNDICE I, E29).*

O foco do estudante, conforme ele revela, deixou de ser a preparação para a prova e passou a ser o risco de contaminação sua ou de seus familiares.

Outros motivos que levaram os estudantes a considerar que foram afetados pelas mudanças são a opção de que fariam apenas o vestibular, por isso, a preparação foi focada nessa prova e alguns nem se inscreveram para o ENEM, o aumento da concorrência no ENEM e o julgamento de que o SISU não seja um bom método de seleção.

#### 6.4.4 Considerações

A pandemia acentuou as dificuldades que muitos já sentiam quanto à sobrecarga de informação e outras dificuldades relacionadas ao tema. Em grande número, cerca de dois terços, os entrevistados apontaram que o isolamento social apresenta apenas aspectos negativos. No outro extremo, ficaram dois participantes, para os quais o isolamento foi positivo. Os demais citaram tanto os aspectos positivos quanto os negativos.

Entre as circunstâncias benéficas de ter permanecido em casa, os entrevistados citam que tiveram mais tempo para estudar, com menos convites de amigos para sair, menos tempo em locomoção e maior equilíbrio entre estudos e lazer. Também houve quem disse ter aprendido a ter autonomia e mais efetividade nos estudos, a despeito de que a maior reclamação, como fator pernicioso desse isolamento, foi a dificuldade de estudar *on-line*, em muitos casos pelas distrações e ruídos domésticos. Para mais da metade dos entrevistados, a adaptação para as aulas a distância foi muito difícil.

Para os entrevistados, o principal obstáculo para esta modalidade de ensino foi a falta de interação direta com professores e colegas. Conforme os testemunhos, é mais fácil compreender um conteúdo quando a explicação é feita pessoalmente. Além disso, os participantes disseram que se sentiram retraídos em fazer perguntas à distância e que estar ao lado de professores e outros alunos aumenta o foco e motiva o aprendizado.

Os estudantes lamentaram as mudanças nas provas dos vestibulares e do ENEM, em função da pandemia da Covid-19. Embora em grande número tenham se sentido afetados por essas medidas, não há por parte dos entrevistados censura às decisões, pois eles reconhecem a necessidade de prevenir o contágio.

As abordagens dos entrevistados apresentam muitas correlações com a dimensão **política** da competência em informação: os aspectos relacionados à pandemia, ao isolamento social, às mudanças nos processos seletivos das universidades e de datas de realização do ENEM, além das opiniões e atitudes dos próprios estudantes. O respeito a essas decisões, na medida em que eles contribuem para salvar vidas, se associam à dimensão **ética**. Observa-se, neste caso, que os estudantes lamentam, se sentem prejudicados pelas mudanças, mas não as recriminam, reconhecendo a necessidade de sua adoção.

As práticas da educação à distância – e a dificuldade de adaptação manifestada pelos entrevistados – se vinculam à dimensão **técnica**. E, neste caso, os participantes declararam sentir muitas dificuldades.

No contraponto desse embaraço, alguns estudantes, que podem ser considerados exceções, disseram ter desenvolvido autonomia e independência nos estudos durante a pandemia. Revela-se aí a dimensão **estética**.

## 6.5 VULNERABILIDADE

Nos pré-testes se constatou que a abordagem quanto à vulnerabilidade seria uma questão delicada, dado o estigma que a expressão carrega. Os estudantes que responderam ao pré-teste argumentavam que tinham dificuldades ou limitações, mas que não necessariamente se sentiam vulneráveis. A estratégia então passou a ser a de buscar respostas que mostrassem os três níveis de adversidades – um que seriam as dificuldades (talvez mais corriqueiras), outro que seria a situação de limitação ou impotência e, o último, a vulnerabilidade em informação, esta, em um nível mais profundo. Ao término das entrevistas, constatou-se que as respostas sobre impotência e sobre vulnerabilidade traziam resultados muito parecidos, por isso, as respostas de ambas são analisadas em conjunto.

### 6.5.1 Dificuldades

Os 38 participantes da pesquisa fizeram 116 manifestações de dificuldades, que podem ser categorizadas em cinco grupos. A Tabela 4 apresenta a relação das adversidades relatadas (categorizadas nos cinco grupos) e a quantidade de citações de cada uma. Mais de 80% das dificuldades citadas são relacionadas às capacidades e habilidades dos estudantes. No entanto, para facilitar a análise optou-se pela separação delas em dois grandes grupos. O grupo maior trata exclusivamente das dificuldades de compreensão e interpretação de conteúdos e o segundo reúne aquelas referentes a outras habilidades e capacidades dos estudantes entrevistados.

**Tabela 4: Dificuldades mencionadas pelos entrevistados**

<b>Tipos</b>	<b>citações</b>
<b>Quanto a conteúdos</b>	<b>58</b>
Compreender da linguagem dos textos (considerada muito formal ou complexa), Compreensão da leitura	18
Saber se a informação é confiável	11
Compreender as disciplinas de exatas	10
Formação básica deficiente	9
Compreensão de assuntos complexos ou fora do interesse	3
Sítes apresentam os temas com pouca profundidade, muito genéricos ou sem muitos detalhes	3
Conteúdos não vistos no ensino médio, conteúdos novos	2
Confusão entre informações de diferentes fontes	1
Entender “diferentes visões” sobre o mesmo fenômeno	1
<b>Demais capacidades e habilidades dos estudantes</b>	<b>37</b>
Forma de fazer pesquisa, incluindo pesquisas <i>on-line</i>	13
Adaptação às aulas <i>on-line</i> ; não ter um professor orientando e sanando dúvidas pessoalmente	6
Muita informação, muito conteúdo cobrado, sobrecarga	5
Pouco hábito de leitura	3
Localizar alguns conteúdos na internet	2
Vários anos sem estudar após a conclusão do ensino médio	2
Emocional	1
Autonomia de aprendizagem.	1
Concentração	1
Distrações na internet	1
Manter o foco nos aspectos positivos da informação, filtrar	1
Organização e ter um cronograma	1
<b>Quanto ao poder aquisitivo</b>	<b>11</b>
Acesso à conteúdos pagos ou livros	3
Conciliar o trabalho e estudos	3
Adquirir conteúdos físicos (livros) por falta de dinheiro e risco da pandemia	2
Ambiente de estudo: muito barulho, lugar inadequado para estudar	1
Não ter condições de comprar computador e assinar internet	1
Necessidade de realizar serviços domésticos	1
<b>Quanto às tecnologias de informação</b>	<b>9</b>
Conexão de internet	4
Tecnologia não funciona adequadamente	3
Só tem o celular para acessar a internet	2
<b>Quanto ao apoio público ou institucional</b>	<b>1</b>
Acesso a conteúdo fora da internet: não ter biblioteca aberta ao público no bairro	1

Fonte: Elaborada pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

As dificuldades concernentes aos conteúdos totalizam 58 manifestações, basicamente quanto à compreensão, predominantemente de linguagens (para 18, ou seja, cerca de metade dos entrevistados), e de exatas (para dez dos participantes). Além disso, nove entrevistados citam deficiências na formação básica e onze consideram difícil identificar se a informação é confiável ou não. Outras adversidades foram nominadas menos frequentemente.

Ao abordar a limitação de apreender os textos, os estudantes falam de sua insistência na leitura. “[...] eu já enfrentei muito problema de interpretação de texto. Apesar de eu gostar muito de escrever e ler, [...] eu sempre meio que me incomodava um pouco com interpretação, [...] eu lia, daí relia e não entendia” (APÊNDICE I, E29).

Situação semelhante foi relatada por outra estudante:

*[...] É muito difícil eu entender, tipo, de eu ler uma vez e entender, sabe. É muito difícil eu entender a informação só eu ler. Porque, tipo, para mim entender aquela informação, eu tenho que ler, pesquisar na internet... mesmo tendo o texto ali [...] na minha frente, sabe, numa folha, vamos supor, assim, o texto numa folha. Eu li o texto todo, eu não entendi, eu tenho que ir no Google, ver vídeo, para [...] entender aquela informação (APÊNDICE I, E06).*

As atribuições alusivas às demais capacidades e habilidades dos entrevistados, compõem o segundo grupo, que totaliza 37 exteriorizações. Neste caso, as principais ocorrências são relacionadas às formas de fazer pesquisas, inclusive *online* (13 menções); aulas à distância e não ter um professor para explicar pessoalmente (6); de superar a sobrecarga de informação (cinco), além de outras respostas com menos citações, como a falta de hábito de leitura, o aspecto emocional ou a forma de organização e de orientar autonomamente sua aprendizagem. “[...]o tanto de, de informação meio que sempre me atrapalhou desde o ensino médio e esse ano ainda mais por ser EAD eu, com certeza, fiquei muito mais perdido do que um ano normal, que teria com aulas presenciais, por exemplo [...]” (APÊNDICE I, E01); “[...] o fato de ter tanta informação, que eu acabo me perdendo toda por não saber me localizar, por que é muita coisa para filtrar” (APÊNDICE E35)

Problemas com a tecnologia da informação, que compõem mais um grupo, foram relatados nove vezes. Esses problemas incluem conexão de internet, tecnologia que não funciona adequadamente ou da forma que é esperada ou, ainda, o fato de só terem acesso por meio do celular, entre outros. “[...] as dificuldades [...] maiores [...] eram com aparelhos, [...] com a internet, principalmente com aparelho, porque, [...] eu só tinha emprestado esse celular que [estou usando agora. [...] ele estava, [...] com muito problema [...]” (APÊNDICE I, E24).

Embora muitas das adversidades que integram os grupos listados anteriormente possam ter origem nas limitações orçamentárias das famílias, há mais um rol de dificuldades, citadas onze vezes, que remetem mais diretamente ao poder aquisitivo dos entrevistados. Tais embaraços tratam da impossibilidade de adquirir conteúdos pagos, necessidade buscar emprego e conciliá-los com os estudos, entre

outras. Uma privação apontada pode ser classificada como uma deficiência do serviço público ou institucional. É a ausência de uma biblioteca no bairro.

### 6.5.2 Como supera as dificuldades

Na sequência, os estudantes foram indagados quanto ao que fazem para suplantar as dificuldades que enfrentam. As 25 estratégias citadas foram organizadas em cinco categorias. A Tabela 5 apresenta a síntese das respostas.

**Tabela 5: Estratégias adotadas pelos entrevistados para superar as dificuldades em informação**

<b>Recorre a ajuda de alguém</b>	<b>28</b>
Professores	14
Familiares	7
Amigos	5
Alguém mais velho que já tenha passado pelos mesmos problemas	1
Contatos profissionais	1
<b>Pesquisa ou estuda mais</b>	<b>22</b>
Pesquisa mais sobre o assunto (na internet)	7
Vê o conteúdo: aulas, apostilas, materiais na internet etc.	6
Tenta ler até entender, pratica exercícios para compreender melhor, persiste na revisão	5
Anota o que considera relevante	2
Pesquisa em livros	1
Tenta entender desde o básico do assunto	1
<b>Atividades para desestressar</b>	<b>14</b>
Cursinho oferece a ajuda para lidar com o emocional e para conversar	4
Faz serviços de casa para desfocar um pouco do estudo	3
Faz algo para relaxar: assistir filmes/séries, ler um livro	2
Desiste de procurar a informação para não se estressar mais, para de estudar por um tempo	2
Conversar com alguém	1
Atividade física	1
Condicionamento mental para se tranquilizar, se cobrar menos	1
<b>Organização e motivação para os estudos</b>	<b>8</b>
Se organiza para estudar	4
Criou interesse por conhecimento	1
Tenta arranjar tempo para estudar	1
Se motivou a estudar depois que teve que parar de trabalhar por problemas na coluna	1
Percebeu que adia a busca de uma solução ou informação e mudou esse comportamento	1
<b>Aspectos materiais</b>	<b>2</b>
Arrumou um espaço melhor para estudar	1
Espera a internet voltar a funcionar	1

Fonte: Elaborada pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

Como se pode ver na tabela, o tipo mais citado (28 vezes) de estratégia é pedir ajuda a alguém. Os professores são os mais lembrados (14 vezes), depois, familiares, amigos, contatos profissionais ou pessoas que já tenham tido a mesma experiência. No segundo grupo, constam 22 respostas relacionadas a insistir em aprofundar a pesquisa,

os estudos ou a revisão do conteúdo não compreendido adequadamente. Nesse cenário, são citadas questões como pesquisar mais sobre o assunto na internet ou em livros; revisar conteúdos de aulas, apostilas, incluindo a internet; tentar ler ou revisar até entender; tentar entender desde o básico do tema e anotar o que compreende. Constata-se que não há menção nem às bibliotecas, nem aos bibliotecários, o que denota que ambos estão “invisíveis” aos estudantes como referência para sanar dúvidas.

A terceira categoria é composta por estratégias para reduzir a tensão mental, o estresse. São 14 menções, que incluem o apoio dado pelos cursinhos para esta atividade, além de diversas atividades de relaxamento como realizar afazeres domésticos, buscar algum entretenimento, interromper os estudos por algum tempo, praticar exercícios físicos. Há também o condicionamento mental para se cobrar menos.

Quanto ao auxílio prestado pelo curso pré-vestibular,

*[...] acredite que para superar a o questionamento e ir atrás de quem tem o conhecimento para me ajudar, para contribuir nesse processo foi a peça-chave pra isso. [...] eu explorei o máximo, por exemplo, o que Einstein podia oferecer. Então, o Einstein acho que é a prova de viva disso. É um projeto muito incrível e que ele consegue estar próximo. [...] existem muitas pessoas à sua disposição [...], a gente consegue ser ouvido, a gente consegue alcançar o outro lado [...]. E é justamente isso, professor e aluno caminham juntos. [...] (APÊNDICE I, E02).*

Para relaxar, E23 tem várias técnicas.

*[...] no dia em que [estou] mais, digamos, [...] não tão afim daquele conteúdo, digamos, no dia que eu não estou consciente, basicamente, assim, ‘ah! Hoje eu não to a fim de perceber como o mundo tem seus problemas e pensar, refletir sobre tais coisas’. Então, eu busco só ignorar ou então eu vou [...] buscar lá o alívio lá da sobrecarga, ou então vejo algum vídeo engraçado ou alguma coisa do tipo, alguém falando alguma coisa interessante, que seja do meu interesse – interessante, interesse, enfim. Ou então eu jogo alguma coisa, vou tocar violão, vou ler, vou ficar sem fazer nada ou, então, até mesmo atividade doméstica, às vezes, tipo – ‘ah! – eu fico meio preguiçoso, mas a gente nunca gosta e ‘nossa, tem que lava a louça’ [...]. Daí eu vou lá boto uma música e, sem pensar, ali, só fazer aquela atividade mecânica, [...] um alívio pro cérebro, até, mesmo, às vezes curtindo a música que tu gosta e tals, então, seria um, né, algumas, das ações aí que superariam, aliviariam um pouco essa sobrecarga (APÊNDICE I, E23).*

Há um grupo de respostas (12) relacionadas à motivação para os estudos. São aspectos como organização, buscar tempo para estudar, o desenvolvimento do interesse pelo conhecimento, entre outros. Por fim, dois estudantes se referiram a aspectos materiais. Uma disse ter conseguido um espaço melhor (uma escrivaninha)

para estudar. Outro, diante das quedas do sinal de internet, resigna-se a esperar que retorne.

Sobre aumentar a motivação para os estudos, E38 revela que

*Em geral, eu tentava sempre... que acaba que eu me sentia muito, assim, desamparado e ficava pouco produtor, ficava bem procrastinando. Então, em geral, sempre tentava achar algum método para me organizar e tentar manter uma rotina. Aí foi onde eu comecei a achar aqueles aplicativos de celular para criar uma grade curricular para eu estudar em casa, ou achar outro tipo de aplicativo que me ajudasse, tipo, a manter uma ordem, e falasse 'Tem que estudar isso e isso, tal horário, tal horário tu descansa, vai fazer outra coisa, e aí agora vai ler um livro que não seja necessariamente do vestibular...' e assim vai (APÊNDICE I, E38).*

Outra estudante relata dois episódios que marcaram o seu ensino médio. Um deles é o que ela cita como uma implicância de um professor de sociologia, filosofia e exatas. Independentemente de ser correta ou equivocada, a percepção ou a sensação da existência dessa implicância atrapalhava o desempenho da estudante. Outra circunstância que a estudante cita em relação ao ensino médio, é a liderança que ela exercia, como integrante do Conselho Deliberativo e do grêmio da escola e, também, como líder de classe. “[...] sou uma pessoa muito responsável em questões. Então [...] eu abraço muita coisa. Até a coisa que eu não posso [...], era muita responsabilidade em cima de mim e acabava deixando as coisas de lado [...]” (APÊNDICE I, E19).

Por algum motivo, que não explicou, essa estudante disse que adiava a busca pela solução das dúvidas, um comportamento que precisou mudar.

*[...] hoje eu entendo que foi falha minha deixar essas situações de lado, essas minhas dúvidas e tudo mais [...], não ser tão persistente comigo mesma e hoje eu tenho ideia [...] dessa minha falta. Sinto de falta disso e, me conscientizo dizendo 'não, hoje preciso de ajuda em algumas matérias', em algumas coisas, também [...] além vida escolar e tudo mais. Então, eu me conscientizo e... e tenho que procurar ajuda. É a forma que eu tenho de superar isso, [...] essa minha falta [...]* (APÊNDICE I, E19).

A estudante se diz muito satisfeita com a escola de ensino médio, mas pondera que faltou alguém que a alertasse do excesso de responsabilidades assumidas.

### 6.5.3 Impotência e vulnerabilidade

Além das dificuldades, os estudantes foram indagados a respeito de sua impotência e vulnerabilidade em relação à informação, se eles se encontram ou se encontraram em algum momento impotentes diante da informação? Se em alguma

circunstância, se sentiram vulneráveis em informação. Essas duas perguntas compuseram o questionário e, para a parametrização das respostas, no caso da vulnerabilidade, lhes foi apresentada uma definição do tema, extraída de Vitorino (2018), a qual entende que

[...] todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco) (VITORINO 2018, p. 73).

Nas respostas, apenas três estudantes, dois do gênero masculino e outra do gênero feminino, disseram não terem se sentido vulneráveis em informação em algum momento de suas vidas. Os três e outros cinco refutaram também o sentimento de impotência. Considerando-se que as respostas às duas perguntas se tornaram muito semelhantes, aqui elas serão analisadas em conjunto.

Os fatores de impotência e/ou vulnerabilidade em informação mais frequentemente relatados dizem respeito a condições como a insegurança dos entrevistados em relação à informação, que em alguns casos pode chegar a situações extremas. Esses fatores também estão relacionados à já citada dificuldade de compreensão dos conteúdos, notadamente os de exatas e de atualidades, em especial a temas da política, da economia e mesmo da pandemia.

A insegurança e/ou a inaptidão para apreender afetam praticamente todos os entrevistados, sendo que apenas seis deles não fizeram referência a pelo menos um desses dois fatores. A insegurança é derivada de vários motivos, com destaque para o excesso – de informação e conteúdo ou mesmo de disciplinas ou atividades. “O excesso [...] meio que me prejudica muito” (APÊNDICE I, E01); “o acúmulo de muita informação aqui acaba me atrapalhando bastante. [...] eu misturo muito as informações [...]” (APÊNDICE I, E22); “fico um pouco nervosa, [...] porque às vezes é [...] tanta informação num texto só, num negócio só, que me deixa confusa, [...] e aí eu fico nervosa” (APÊNDICE I, E16); “muita informação, que não consiga lidar e consiga lembrar de tudo na hora que eu preciso bota em prática” (APÊNDICE I, E18).

O momento da vida desses estudantes, iniciando novos cursos, etapas e rotinas, contribui para a insegurança.

*[...] no início do cursinho, [...] fiquei muito animada por ter conseguido um cursinho gratuito com professores excelentes [...]. E, como é uma rotina diferente, [...] as mesmas matérias, [...] só que com mais professores e [...] me veio [...] na mente que eu não iria conseguir da conta de tantos professores [...]. Isso no primeiro dia. No segundo dia, já fui com uma outra cabeça, [...] E comecei me animar [...] no começo me senti [...] impotente. [...] eu falava que não iria conseguir, e que era muita coisa pra minha cabeça, porque, [...] eu saí de uma rotina totalmente diferente [...] (APÊNDICE I, E19).*

Mesmo com esforços intensos, os estudantes se dizem inseguros quanto a alcançar bons resultados.

*[...] Apesar de conhecer meu potencial e saber que já conquistei muita coisa que muita gente gostaria de ter conquistado, às vezes bate uma insegurança, porque a gente vê muita coisa na internet. A gente vê gente que às vezes, sei lá, estudava 25 horas por dia, e parece que o que a gente faz não é suficiente ou que não vai ter reflexos bons. Mas eu acho porque essas realidades que a informação traz para a gente também é que a gente tende a se comparar, que não é forma [...] nesse ponto [...] às vezes me dá uma angústia, [...] um desânimo de continuar na nossa realidade, porque parece ser um caminho tão longe que tem pela frente. Eu acho que é nesses pontos que a informação, talvez, não seja tão boa quanto ela deveria ser, ou não caia tão bem quanto ela é (APÊNDICE I, E11).*

A incapacidade de localizar a informação necessária também é mencionada pelos participantes neste contexto de insegurança.

*[...] A gente acaba se sentindo, porque muitas vezes não tem a informação [...] adequada como a gente quer. Aí a gente acaba pesquisando muito, pesquisando muito. Tem informação [...] que é rápido. Tem informação que a gente já consegue achar em, sei lá, dez minutos [...]; agora têm informação que fica... a gente fica pesquisando, aí abre um site, que diz que é aquilo, aí, vai ver e não tem nada a ver, é só uma palavra [...] acaba dificultando ainda mais (APÊNDICE I, E04).*

Embora relativamente pequeno, há um grupo de alunos que demonstram uma autodepreciação, assumindo para si toda a responsabilidade pelo insucesso, como se não houvesse outros fatores. Neste sentido, E10 diz que poderia se esforçar mais:

*[...] eu acho que assim: impotente, não [...] Mas acho que às vezes [...] que eu [...] poderia me esforçar mais [...] Poderia ter feito mais. Às vezes é um pouco complicado que a gente faz tanto para conseguir aquilo e não consegue, **mas eu acho que mesmo assim eu acho que é da gente mesmo [...]. Se tem gente que consegue, acho que não tem porque se sentir impotente e não conseguir [...]** (APÊNDICE I, E10, grifo nosso).*

E10 é negro, aluno de escola pública e mora numa comunidade do Maciço do Morro da Cruz, em Florianópolis. Na coleta da assinatura do TCLE, ele se deslocou a uma rua próxima de sua casa, para encontrar a pesquisadora, pois não há acesso de

carro até sua residência. Foi acompanhado pela mãe e pela irmã, que ficou a uma certa distância, atenta ao movimento na rua. A mãe explicou que tinha muito medo da violência, que no bairro ocorrem assassinatos com frequência (diariamente, segundo ela) e que teme muito pela segurança dos filhos. Conforme o relato da mãe de E10, sua filha estava lá para dar sinal de alerta em caso de alguma situação de perigo. Constatou-se na resposta acima, e no restante da entrevista, que o jovem não se referiu à sua condição de vida como uma das possíveis causas de eventuais insucessos na sua vida estudantil.

Outros depoimentos trilham o mesmo sentimento de inferioridade, como se pode constatar nos testemunhos a seguir, em especial nos trechos grifados.

*[...] Tem vezes assim que eu me sinto muito fraca, [...] muito frágil. E [...] às vezes, eu acho **que eu não tenho competência** pr'aquilo. Tipo, eu falo para minha mãe 'eu não tenho competência para isso, eu não vou sabe faze, não vou'. [...] e aí quando eu vou lá e faço [...] e vejo que eu tinha [...]. Que nem na redação, eu achei que eu não tinha [...] competência para fazer aquilo e tinha [...]* (APÊNDICE I, E09, grifo nosso).

*Eu diria que sim, nessa questão de não saber e, às vezes **me sentir incapaz, burro**. Mas não é muitas vezes não, assim, eu até não me cobro demais [...] Como eu falei, eu até fico um pouco irritado, mas não é uma cobrança de eu imaginar que eu tenho o dever de saber. E de certa forma eu sou muito emocional, mas racional também. [...] Então eu penso: 'poxa, não posso me cobrar, porque, [...] eu to estudando em EAD, muito tempo parado sem estudar, com uma certa dificuldade'. Então, eu não vou me cobrar tanto, [...]'. Mas [...], às vezes eu sinto que eu sou... principalmente [...] poderia me esforçar mais, e buscar mais, [...]* (APÊNDICE I, E27, grifo nosso).

Esse aspecto de baixa autoestima foi manifestado por um estudante em outro momento da entrevista, quando afirmou que

*[...] a pessoa se sente meio fraca de não conseguir aprender aquilo, triste de não conseguir aprender aquilo, acha que a pessoa está [...] entre aspas, **muito burra** e que [...] não está apta para aquilo e acaba desistindo, mas eu acho que sim, acho que era isso, de às vezes tristeza por não conseguir aprender a matéria, de achar que é burra a pessoa. [...]* (APÊNDICE I, E07).

Outra característica citada com frequência pelos estudantes que se sentem impotentes e/ou vulneráveis em informação, é a limitação em absorver conteúdo. Este tema foi o mais citado quando da indagação sobre as dificuldades enfrentadas.

*[...] vou pesquisar, pesquiso, encontro e quando eu encontro eu não entendo. Nem lendo 15 vezes o mesmo texto eu não entendo. Então, fica muito difícil, eu me sinto assim: 'O que que eu to fazendo?' [...]; 'O que que eu to fazendo de errado?'; 'que palavra que eu perdi? que termo que eu perdi?' Então, isso*

*já aconteceu, já aconteceu. Eu não tenho todas as respostas do mundo, eu não tenho todas as respostas que eu quis procurar, que eu quis achar [...]. Então, com certeza na minha vida de estudante aconteceu muito isso de eu me sentir impotente pelo simples fato de não entender (APÊNDICE I, E06).*

*[...] quando eu buscava algo e não conseguia ter um entendimento daquilo. [...] sentimentos vinham, surgiam, de desespero, tristeza, insatisfação. Então eu acho que era isso. Ou então, quando eu estudava algo e fazia algum exercício com essa informação e no exercício parece que não fluiu tão bem, daí vinha[m] todos os sentimentos ruins e me botavam lá embaixo (APÊNDICE I, E35).*

E23 cita dois exemplos de situações em que se sentiu vulnerável. O primeiro deles é atinente à dúvida quanto à veracidade de informações relacionadas à pandemia, que poderiam ou não ser rotulados como teoria da conspiração. O outro exemplo vem do período escolar, de quando aprendeu sobre probabilidade, na disciplina de matemática no ensino médio. “[...] seis meses estudando e fazendo mil exercícios, [...] dedicando o mesmo tempo que eu dedico geralmente a uma matéria eu não consigo entender isso”. Nesse caso específico, E23 disse conseguiu compreender um pouco melhor o conteúdo depois de realizar muitos exercícios e reconheceu que o problema surgiu do primeiro contato que teve com o tema, numa prova, na qual não teve bom desempenho e acabou criando uma espécie de bloqueio (APÊNDICE I, E23).

A vulnerabilidade ou a impotência podem ser determinadas também pela incapacidade de argumentar sobre determinados temas na internet (APÊNDICE I, E26), quando “[...] chega na prova, a gente sabe que sabe o assunto, conhece, que já viu, mas não consegue resolver [...]” (APÊNDICE I, E27), ou quando “[...] não consegue absorver [...] aquela informação [...] de primeira, daí tu acha que tu estudou à toa que tu leu à toa [...]” (APÊNDICE I, E28).

As disciplinas do campo das exatas são as que mais se apresentam como razões de impotência/vulnerabilidade. Elas são citadas genericamente como de exatas ou individualmente: matemática, física, química.

Como em outros momentos já apresentados, também neste ponto foram relatadas situações extremas de desespero.

*[...] muitas vezes eu abria o caderno [...] e chorava. Não uma, mas algumas vezes, [...] na matéria de matemática [...] on-line, senti foi mais [ênfase na sílaba ‘ma’, para dar dramaticidade à fala] difícil, assim. [...] então, eu conseguia fazer com dificuldade, até certo ponto [...] professor me ajudava com comentários [...]. Mas chega uma hora que eu fui lá [...], pequei a matéria que ele mandou, li pra entender, vi os vídeos que ele indicou [...]. Mas na hora de fazer as atividades: ‘e agora?’ Aí toda vez que ia lá, tentava abrir o caderno e ia olhar, sabia que não tinha conseguido, tentava mais uma vez e não*

*consequia. Aí batia uma tristeza, assim, frustração, uma impotência realmente [...] me sentia super mal e chorava, daí tentava abrir o caderno outra vez pra fazer e pior [...]. Cada vez que olhava lá [...] via que aumentava, que as atividades não paravam de chegar. Eu não ia conseguindo, mas as atividades continuavam chegando, empilhava. E aí ficava uma coisa assim horrível, bem triste, mesmo. Aí, graças a Deus, [...] todos os meus professores foram bem compreensíveis [...], tentaram nos ajudar o máximo, [...] mesmo que eu tivesse com dificuldade, mandando comentários e tentando ajudar, mesmo, mas – nossa! – me senti muito assim, com essa impotência, assim, de não consegui, de não... de chorar, mesmo e [risos] [...], mas foi ótimo que no cursinho, [...] me senti muito bem na matéria de matemática, estudei muito, [...], consegui ter bastante proveito, [...] nessa disciplina (APÊNDICE I, E24).*

O apoio de professores e das instituições de ensino pode ser fundamental para superar a vulnerabilidade em informação.

*[...] Um pouco das situações que enfrentei, acho que o [escola de ensino médio] me dava muito essa oportunidade de ter esse acesso dentro da instituição mesmo. E depois quando [...] consegui passar no Gauss, o Gauss me dava esse auxílio também. Então, eu acho que eu não fui deixado nessa vulnerabilidade, não fui largado nessa solidão (APÊNDICE I, E38).*

Esse apoio recebido por E24 e E38 contrasta com a situação relatada por E21, em pergunta sobre a sobrecarga da informação.

*[...] o dia que eu ia pro cursinho, que era sobre textos, sobre português, sobre ciências, dessas coisas assim, eu gostava. Eu vinha embora feliz, queria contar para o meu marido, queria compartilhar com o filho com a filha, de lembrar também o que eu já estudei [...]. Mas quando era matemática eu chegava muito irritada, muito nervosa, com dor de cabeça, odiando mais ainda a matemática. Então, é essa coisa, eu gosto [...] eu gosto desse excesso [...] de informação, mas o que eu gosto. O que eu não gosto, aí ataca tudo. Ataca nervoso, dor de cabeça, tudo [...].*  
*Eu tive um bloqueio com relação a matemática quando eu estava [...] não lembro se foi a primeira ou a segunda série. Acho que foi a primeira, foi até a primeira série eu reprovei a primeira série. Para você ver como me fez mal [...] psicologicamente essa questão [...]. E daí ela vai causou um bloqueio, sabe, que eu não sei como eu preciso desbloquear. Uma professora minha... A matemática, ela não entrava na minha cabeça, não entrava. O mais e o menos entrou perfeitamente. Como que não ia entrar, [...] uma coisa tão simples? Mas dividir e [...] as continhas de multiplicação, menina, não entravam na minha cabeça. Não entravam, não entravam. E essa professora, no meio de todos os alunos – eu já era uma aluna muito quieta, não levantava nem para pedir para ir no banheiro – [...] ela [professora] me expôs, ela falou assim na frente de todo mundo: ‘poxa! Nada entra na sua cabeça’. Me chamou de burra [...] na frente todo mundo. Aquilo me deixou tão envergonhada que eu cheguei em casa muito mal. Minha mãe teve que ir na escola e tudo mais. A partir daí eu criei um bloqueio não só com a matemática, como com a professora, porque ela foi minha professora [...] o resto do ano. Então eu não flui. O resto do ano eu não flui, porque a mesma professora me deu matemática o ano inteiro, então não [...] foi pra frente. Não foi. Eu simplesmente parei na matemática [...]. Eu passava assim no mínimo, na quarta série, quinta série, [...] eu passava assim sempre [...] seis era a minha nota máxima, [ia] [para o] conselho de classe até muitas vezes, de tão ruim que eu sempre fui na matemática. E daí eu criei uma coisa assim que eu não*

*gosto de matemática. Mas eu acho que eu não gosto porque eu não sei – entendeu? Eu, na verdade, teria que fazer desde lá, do começo. Desde criancinha [...]. Porque até para ensinar minha filha, eu não consigo ensinar. Não consigo. Eu consigo ensinar mais e menos. Agora se ela me pedir vezes [...] e dividir, não vai de jeito nenhum e eu fico nervosa [...]. Então, eu acho que foi uma deficiência que causou lá da infância. Acho, não, né. Certeza que foi (APÊNDICE I, E21).*

Em outro momento da entrevista, já na pergunta sobre as causas de impotência, a estudante voltou a tratar do assunto.

*[...] no cursinho, como já estava há muito tempo, sem estudar, quando chegou [...] na questão de exatas, eu me senti, sim, insegura, impotente, até envergonhada, porque, já de uma certa idade, não ter [...] tanto estudo [...]. Tantos adolescentes que estavam ali fazendo o curso comigo sabiam de tudo e eu estava assim um peixinho fora d'água. E não é culpa de ninguém. É culpa minha, mesmo. Não, não culpo ninguém. Eu culpo eu mesma, por não ter ido atrás dessas informações, não ter estudado, [...] então hoje eu colho as consequências [...].*

*Faltou ali um pouquinho do incentivo dos meus pais, porque eles também já vêm de uma questão que ninguém fez ensino médio. A minha mãe [...] terminou ensino médio ela estava casada, ela já tinha meus irmãos, [...] na minha família, infelizmente, o estudo nunca foi prioridade, porque todos tiveram que ir pra roça cedo [...]. Então sempre o que era prioridade era o trabalho, não o estudo. Então ali na minha família ninguém tem [...] tem faculdade [...]. E na do meu marido, a mesma coisa. Só um tio dele que decidiu se formar quando já estava com 40 e poucos anos e se formou, graças a Deus, ele é advogado, com muita dificuldade, trabalhando na roça, e um irmão do meu marido [...] que é formado. [...] Então a gente vem de duas bases [...] que estudo tanto faz pra eles [...]. Mas, graças a Deus, eu e meu marido mudamos a chave da nossa cabeça e entendemos hoje a importância dos estudos, porque [...] tanto nós quanto nossos filhos serão diferentes [...]* (APÊNDICE I, E21).

Os relatos relacionados à vulnerabilidade em informação apontam para substanciais prejuízos dos estudantes. Três estudantes informaram que perderam vagas em cursos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) por não terem compreendido adequadamente o edital. E28 foi classificado para o segundo semestre no curso de Economia, mas entendeu que seria segunda chamada, não tendo efetuado a matrícula em tempo hábil. “Faltou um pouco mais de conhecimento, faltou mais informação” (APÊNDICE I, E28).

E31 e E08 passaram por situações semelhantes

*[...] quando eu passei em serviço social [...] eu não fazia ideia [...] de que eu precisava me inscrever [...] de forma on-line, até dois dias do resultado, se não me engano. [...] eu até pensei em fazer o curso, mas, aí passou esses dois dias, passou mais até e me falaram que eu não podia mais fazer a inscrição [...] porque eu não corri na hora. Como eu não tinha essa informação, então, eu acabei perdendo a vaga (APÊNDICE I, E08).*

A falta de informações relacionadas a procedimentos nos estudos também se caracteriza como motivo de impotência ou de vulnerabilidade em informação. “No começo, [...] quando eu estava começando a estudar para o vestibular, [...] eu não tinha uma real noção do que eu precisava para esse processo, do que eu precisava estudar ou do melhor método” (APÊNDICE I, E37). O entendimento da estudante é que superou essa insuficiência, pois atualmente tem as informações necessárias.

A insegurança reportada por E37 não está relacionada à interpretação de conteúdo, mas a procedimentos em relação à condução dos estudos. É um tipo de insegurança mencionado com relativa frequência entre os entrevistados. São situações como a incerteza quanto ao curso a fazer (APÊNDICE I, E13), no que diz respeito ao modelo de avaliação ou o que vai cair na prova (APÊNDICE I, E05; E06), e em relação ao ENEM – datas das provas, não ter estudado o suficiente ou pela ausência no ensino médio dos temas desse exame (APÊNDICE I, E09; E30).

Um estudante cita a inabilidade para estudar sozinho, à distância.

*[...]sim, teve momento de vulnerabilidade, acho que, principalmente, estudando sozinho. Mas [...] o cursinho, ele sempre deu um apoio muito grande. E sempre deu [...] todos os materiais bem completos, tudo. E não deixava faltar nada, entre aspas. Mas, sempre que eu precisava de alguma coisa, ou eu ia na monitoria ou procurava no Google e sempre achei. Às vezes, não, mas de certa forma eu sempre achei, quanto estava estudando sozinho, principalmente. Aí, vem um sentimento de não conseguir achar, de estar para trás (APÊNDICE I, E07).*

O conteúdo da informação também pode ser perturbador para diversos entrevistados. Uma jovem, que saiu de uma cidade pequena para morar em Florianópolis, usou o exemplo das informações que recebia sobre os riscos de viver em uma cidade maior; para outro participante, o incômodo está nos agrotóxicos existentes em alimentos e relacionados nos rótulos. Uma entrevistada disse que se sente vulnerável ao se informar sobre os episódios mais sangrentos da história.

*[...] Já [me] senti [vulnerável]. Na parte de informação ali sobre História. [...] um exemplo: a Segunda Guerra Mundial. Me sinto muito vulnerável nessa [...] nessa questão. Mexe muito comigo [...], mexe demais, assim. É até um assunto que eu não gosto de estudar porque, [...] eu fico chocada [...] com [...] tanto horror, tanta morte, tanta destruição de vidas. Fico muito vulnerável (APÊNDICE I, E15).*

A complexidade de temas da política, da economia e das atualidades em geral também geram transtornos entre os estudantes.

*[...] Eu diria até que a todo o momento, [...] porque, agora principalmente com essa onda das [...] fake news, essa [...] polarização do mundo, [...] tipo, ou é uma coisa ou é outra, então [...] se tu busca ali um meio termo, [...] tem gente que acha que tá em cima do muro, entender os dois lados, então se sente, assim, meu Deus do céu! Mas quem tá falando a verdade [...]? Será que é esse lado aqui ou será que é aquele outro lado? Então, nesse mundo de hoje, em relação[...] às atualidades, o que é verdade, [...] o que não é verdade? O que de fato acontece e o que não acontece? [...] É bem difícil, [a gente] se sente [...] bem impotente [...]. Daí tu vais [...]participar da discussão de algum assunto e daí uma pessoa que apoia aquilo apresenta tais argumentos que tu [...] ‘ah! Ok’. Daí a pessoa que não apoia apresenta outros argumentos e tu fala ‘Tá, faz sentido também’. Então [...] uma busca de uma certeza tá muito difícil. Então eu diria que causa uma certa impotência, assim, em relação à informação (APÊNDICE I, E23).*

No contexto dos temas complexos, a pandemia da Covid-19, da mesma forma, promove desassossego entre os estudantes. Um dos problemas apontados foi o desencontro de informações.

*[...] Logo no começo da pandemia, tinha a informação que a máscara era para o grupo de risco, para o pessoal da saúde [...]. E daí tinha outro grupo que atestava e falava que era importante a gente estar usando a máscara naquele momento. Então, nesse período faltou informação. Eu tentava buscar. [...] A gente precisa ou não precisa? [...] nesse momento aí eu me senti um pouco vulnerável[...]. Então, essa falta de informação precisa [...] ficou bem a desejar [...] eu me senti meio que impotente [...]. (APÊNDICE I, E31).*

*[...] esse negócio de vírus, dessa pandemia, no início eu gostava de ver [...] como era, como que ele se desenvolvia, enfim, estatísticas [...] de pessoas que pegaram, quantos ficaram vivos, quantos morreram. No início eu gostava de saber, mas isso foi me enfadando tanto, que hoje eu [...] não gosto mais de saber, e o tempo todo tão falando disso, em tudo quanto é lugar, é na televisão, é no celular, é pessoas que mandam vídeos [...]. Então, acaba que fica assim alguns momentos sobrecarregado. [...] Já no caso, eu gosto muito da área da psicologia. Então, se [...] falasse disso o tempo todo, tanto na televisão como no meu celular viesse[m] mensagens, [...] era uma coisa que eu ia gostar. Eu ia amar ter essa informação o tempo inteiro. Eu já essas outras coisas, política, [...] esse vírus, essas coisas, acaba que tá sobrecarregado (APÊNDICE I, E21).*

Em outro momento da entrevista, a mesma participante abordou o isolamento social como fator de vulnerabilidade. “[...] em vários momentos a gente se sente vulnerável, [...] você não pode sair de casa [...]. Você tem dinheiro para comprar, mas você está tão vulnerável a sair pra rua, com medo, com medo tão grande daquele vírus, que parecia que ele estava no ar [...]” (APÊNDICE I, E21).

Como foi visto na análise das respostas relacionadas à pandemia, grande número de estudantes se sentiu prejudicado com o isolamento e o ensino remoto.

*Eu me senti vulnerável, sim. Tipo, muitas vezes durante todo este ano e eu diria que como exemplo eu citaria o sentimento de solidão, principalmente, que era, tipo, o EAD sempre foi muito ruim para mim. Sempre foi muito ruim, não. Foi ruim esse ano, tipo, demais assim. Eu não me adaptei muito bem e sempre senti solidão devido ao EAD e isso me marcou muito, sim. [...] sempre que acontecer de pensar em EAD eu, eu vou saber que vou me sentir em solidão por muito tempo, sim (APÊNDICE I, E01).*

Por fim, a carência de uma infraestrutura de Tecnologia da Informação (TI) se constitui em mais um fator de vulnerabilidade, conforme a descrição dos entrevistados. Como mencionado anteriormente, E20 disse não possuir nem assinatura dos serviços de internet, nem computador ou smartphone. Ele informou que fazia suas pesquisas ou no curso pré-vestibular, para onde se deslocava com antecedência para as aulas, ou em uma *lan house*. No entanto, os dois locais tiveram que interromper as atividades presenciais por causa da pandemia. A situação deste entrevistado foi o caso mais extremo de carência de equipamentos ou serviços. Entre os demais estudantes, as dificuldades relacionadas à infraestrutura técnica foram citadas como sendo de aparelhos lentos ou de serviços interrompidos. “Quando estou sem internet e não tenho acesso à informação, acho que é um momento vulnerável, né” (E12). E25 estima que 90% da informação que recebe é da internet. “[...] não tenho televisão em casa, jornal não sei nem onde que compra [...] Então, 90% da parte minha informação é da internet Se eu fico sem internet, eu meio que fico desamparada de tudo” (E25). A estudante cita também situações em que estava na rua, precisando de informações sobre horário de ônibus, sem dinheiro em cédulas (somente cartão) e sem acesso à internet via smartphone, condição que a deixou em situação desconfortável.

A ausência momentânea ou permanente da internet gera situações de desestabilização.

*Acho que foram mais momentos, assim, que eu talvez não tivesse acesso à internet no momento ou não tivesse o aparelho para acessar a internet, que eu precisava saber alguma coisa e eu não conseguia [...]. E, principalmente, assim, no meu período de Ensino Fundamental e Médio que eu não sabia usar os aparelhos eletrônicos, não tinha tanto o hábito [...]. E por conta disso eu acho que eu até desestimulava, não saber usar e não ter o acesso também. [...] Não sei se em situações em que eu precisava de uma informação e ainda não se tinha, talvez, na internet, uma notícia ou alguma coisa assim. Um momento, assim, de desamparo. Não sei se teria algum ponto além disso (APÊNDICE I, E11).*

*[...] Eu já sofri falta, sim, de informação. Porque até pouco tempo atrás eu não tinha internet em casa. Então, só fui ter internet depois, já, de muito grande, posso dizer assim. Então, nesse período eu [me] senti, sim, vulnerável pela falta de informação [...]. Eu busco muito pelos livros [...] Mas tem*

*determinados conteúdos que eu não consigo encontrar no livro que está em acesso para mim, ou que eu não consigo buscar aquele livro naquele determinado momento. Então, a internet é um meio de escape. Eu estou aqui dentro de casa e me apareceu alguma dúvida ou alguma coisa que eu preciso buscar pela informação e eu não tenho o livro sobre o determinado tema que eu preciso, eu vou ali e digito na internet e em menos de segundos aparece a resposta para mim, ou aparece sobre o conteúdo. Então, nesse período que eu estive sem internet eu me senti, sim, vulnerável (APÊNDICE I, E22).*

Ao dizer que não lembrava de em algum momento ter se sentido vulnerável em informação, um dos entrevistados destacou que o acesso à internet é um privilégio, pois ainda não está amplamente disseminado.

*Acho que eu tive esse... não vou chamar de privilégio, porque deveria ser um direito básico a todos... Mas consegui esse acesso à informação e a utilização da informação boa. Em parte por causa da estrutura de ter um notebook, de ter acesso a isso. E também por causa, acho que, do apoio do Gauss, assim. Os professores foram fundamentais, eles estavam sempre ali ajudando a gente e o que não tinham na aula ali, tinha o WhatsApp deles (APÊNDICE I, E38).*

Novamente, este estudante salientou o apoio que recebeu nas escolas como um fator que o ajudou a não experimentar os sentimentos de vulnerabilidade ou impotência.

#### **6.5.4 Considerações**

Nesta seção foram apresentadas as dificuldades – e estratégias para a superação – e a impotência ou vulnerabilidade diante da informação relatadas pelos entrevistados.

Na primeira abordagem, relacionada às dificuldades que enfrentam, mais de 80% das 116 menções de dificuldades citadas estão relacionadas às capacidades e habilidades dos estudantes. Para aprimorar a análise, esse enfoque foi dividido em duas categorias.

Metade das manifestações são relacionadas aos conteúdos. Na análise intracategoria, observam-se praticamente duas linhas – uma de compreensão e outra de confiabilidade. No contexto da compreensão dos conteúdos, destaca-se a limitação com as linguagens, o que afeta em torno de 50% dos entrevistados. Outra inaptidão é com as disciplinas de exatas, que atinge em torno de um quarto dos estudantes. Também em torno de um quarto dos estudantes entendem que têm deficiências na formação básica (ensino fundamental e médio), o que pode explicar as barreiras para

assimilação. Por fim, dentro do agrupamento relacionado aos conteúdos, há o impasse de identificar se a informação é confiável ou não, que também atinge em torno de um quarto dos estudantes.

A segunda maior categoria de respostas (37 ao todo) é referente às demais capacidades e habilidades dos estudantes. São citadas, em especial, a realização de pesquisas (incluindo as da internet), de adaptação às aulas *on-line* e de não ter um professor orientando, e a administração da sobrecarga de informação. Entre as respostas citadas em menor número de vezes, estão a incapacidade de organização e de orientação autônoma da aprendizagem.

Problemas relativos às tecnologias de informação (TI) foram manifestados por cerca de um quarto dos entrevistados. Eles concernem ao acesso precário à internet, tecnologias que não funcionam adequadamente ou carência de equipamentos.

Ha um outro grupo, composto por problemas como a carência de acesso a conteúdos pagos e a necessidade de conciliar trabalho e emprego, entre outras adversidades. Este grupo congrega respostas que correspondem a um terço dos estudantes. A inexistência de uma biblioteca no bairro foi mencionada por um entrevistado.

Embora as dificuldades possam ter origem no aspecto econômico, essa conclusão seria precipitada, tendo em vista que não houve um questionamento específico. Entretanto, as limitações relacionadas às TI, necessidades ou adquirir conteúdos pagos se mostram mais diretamente relacionadas ao poder aquisitivo das famílias.

As respostas referentes às formas como os estudantes fazem para superar os obstáculos também foram agrupadas em categorias. No total, são 25 diferentes tipos de estratégias, que foram divididas igualmente em cinco categorias, sendo que as duas que contém os procedimentos mais vezes referenciados são a busca pelo apoio de outras pessoas, em especial dos professores, e a insistência em estudar ou pesquisar mais para esclarecer os temas não compreendidos. Neste caso, são citadas pesquisas e aulas na internet, a persistência em fazer continuamente exercícios e revisão até que o estudante entenda aquele tema. Estas duas categorias mais mencionadas podem ser relacionadas diretamente à principal dificuldade, que, como foi visto anteriormente, é a compreensão de conteúdos.

Uma terceira categoria de estratégias propõe ações para desestressar, ou relaxar a mente. São atividades como entretenimento ou até realizar tarefas

domésticas, conversar com professores, além de aproveitar as oportunidades que os cursos oferecem para isso.

Outro agrupamento congrega as iniciativas de organização para os estudos, desenvolvimento de interesse pelo conhecimento e busca de tempo para se dedicar aos estudos. Por fim, dois estudantes se referiram a aspectos materiais. Uma se sentia feliz por ter ganhado uma escrivinha e outro se mostrou resignado em esperar a internet retornar, quando há interrupção do sinal.

De forma geral, os entrevistados reconhecem que se sentem ou já se sentiram impotentes e, até mesmo, vulneráveis em informação, pois somente três disseram que jamais se sentiram vulneráveis e os mesmos juntamente com outros cinco negaram se sentirem impotentes. Em vários exemplos, as dificuldades, que tinham sido relatadas anteriormente, são citadas agora como causas da impotência ou da vulnerabilidade.

Mais de 80% dos entrevistados disseram se sentir inseguros diante da informação e/ou não compreender os conteúdos. Destacam-se a insegurança ou inaptidão com as disciplinas de exatas e as questões de atualidade – política, economia e a pandemia. Essas três causas de impotência ou vulnerabilidade estão intrinsicamente ligadas, e pode-se afirmar que têm uma derivação mútua.

A insegurança aludida pelos estudantes deriva de vários motivos: o excesso de informação, conteúdos, disciplinas ou atividades; a etapa de vida deles com novos cursos e rotinas; a expectativa de alcançar bom desempenho e a insuficiência para localizar a informação necessária. Referida por quatro estudantes, a baixa autoestima resultante das deficiências no aprendizado é um dos itens que surgem como origem da insegurança. São manifestações de sentimentos de inferioridade em relação à capacidade de compreensão dos temas estudados e que se tornam fatores de vulnerabilidade.

A incapacidade de assimilar conteúdos (com destaque para a área de exatas) é destacada como causa de impotência ou vulnerabilidade mesmo para aqueles que não manifestam sentimentos de inferioridade ou baixa autoestima. As respostas também indicam como geradores de vulnerabilidade em informação a incerteza quanto à veracidade das informações, a incapacidade de argumentar sobre determinados temas, o isolamento social e estudar sozinho, a distância, as informações controversas sobre a pandemia, a complexidade de temas da atualidade (política, economia). Mesmo quando compreendido, o conteúdo da informação pode ser agente de vulnerabilidade – como é o caso da estudante que se sente mal ao estudar sobre os horrores da 2ª

Guerra Mundial. Estudantes se dizem suscetíveis também quando não concebem procedimentos referentes à condução da disciplina, de acordo com o que o professor espera, o modelo de avaliação ou o que deve ser questionado na prova.

Há relatos de substanciais prejuízos de estudantes decorrentes de potenciais situações de vulnerabilidade em informação. São três casos de pessoas que perderam suas vagas na universidade porque, depois de aprovados no vestibular, não compreenderam adequadamente os procedimentos de matrícula expostos no edital.

As narrativas dos estudantes apresentam eventos em que os professores desempenham papéis benignos e fortalecedores ou catastróficos para os estudantes. Alguns dos entrevistados revelam que o acolhimento dos docentes os ajudou a superar as condições de susceptibilidade. Em situação oposta, outros estudantes contaram episódios em que foram humilhados publicamente pelos professores, tornando a dificuldade no aprendizado de determinado conteúdo em um bloqueio permanente para aquela disciplina. Em uma análise ampliada, pode-se considerar que tais atitudes devem ser motivo de cuidado por parte também dos demais profissionais da educação – gestores, pedagogos e bibliotecários inclusos – e, também, da família.

As dificuldades, impotências e vulnerabilidade também se enquadram nas quatro dimensões da competência em informação. A incapacidade dos estudantes em compreender conteúdos, notadamente as linguagens e as exatas, pode se associar a todas as dimensões: **técnica**, no sentido em que o estudante não conseguiu dominar o assunto; **ética**, se for fruto de um bloqueio causado pela atitude de algum professor; **estética**, se derivar de um sentimento de aversão desenvolvido pelo próprio estudante, e **política**, quando decorre de deficiências no ensino básico. Da mesma forma, o papel dos pais e familiares nas dificuldades do desenvolvimento educacional e estudantil dos filhos engloba as quatro dimensões, respectivamente, por causa do desconhecimento, omissão, falta de sensibilidade para a causa ou limitações advindas de questões políticas e econômicas.

A rigor, as quatro dimensões estão presentes, de maneira isolada para alguns estudantes ou associadas, em outros casos, em todas as dificuldades ou causas de impotência/vulnerabilidade, como pode-se observar nos exemplos a seguir. A dimensão estética coopera com as demais em várias situações: com a ética quando os estudantes se propõem a recorrer à ajuda de outras pessoas para dirimir dúvidas ou com a técnica nas atitudes correspondentes à busca de estratégias para o relaxamento mental ou nas dificuldades e iniciativas de superação inerentes à organização para os estudos e

autonomia para a condução do aprendizado. Não são exclusivamente políticos, mas há uma relação mais direta desta dimensão com os aspectos econômicos que dificultam o desempenho escolar. Desta forma, enquanto limitações orçamentárias das famílias inviabilizam a dedicação de um espaço adequado para o aluno estudar, é do campo ético o desrespeito ao silêncio necessário para o alcance do bom desempenho.

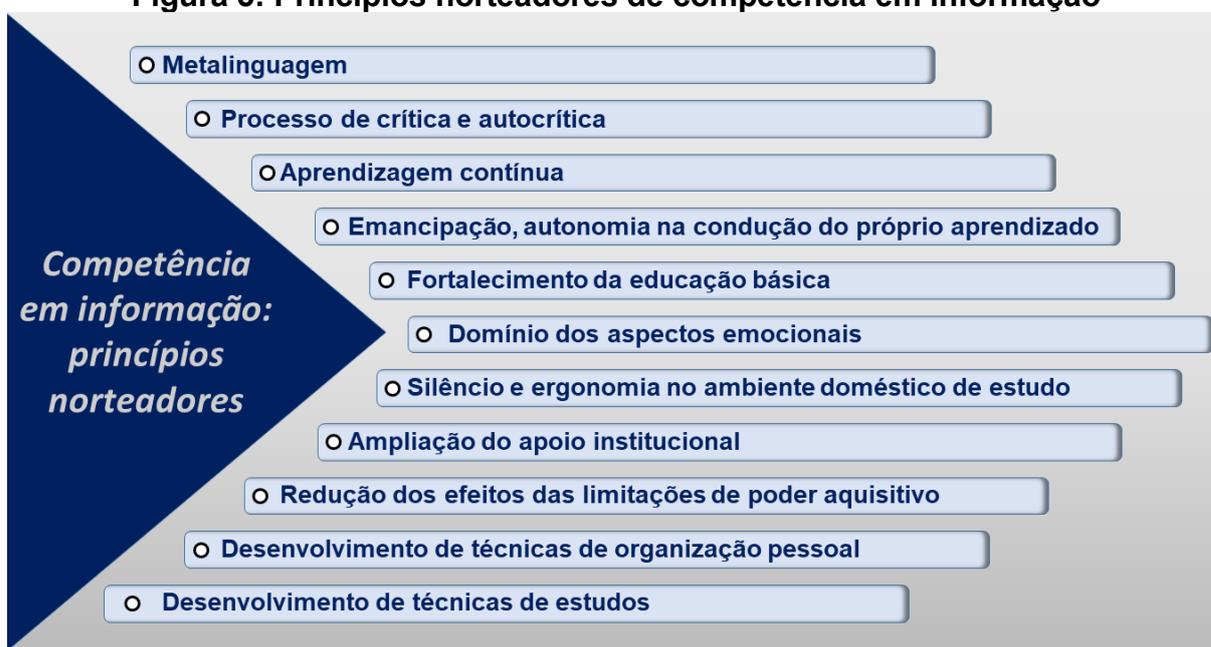
Dificuldades e vulnerabilidades podem afetar estudantes em maior ou menor grau. As respostas sobre estes temas obtidas nas entrevistas e analisadas aqui são exemplos da amplitude que o tema adquire. O estudante precisa se observar e ser observado de maneira holística, para que privações circunstanciais não alcancem um grau de maior gravidade.

## 7 PRINCÍPIOS NORTEADORES

Nesta pesquisa, foram identificados 11 princípios norteadores da competência em informação, extraídos das manifestações dos participantes da pesquisa. Alguns desses princípios corroboram o que preconizam muitos autores e pesquisadores, enquanto outros propõem novas discussões no escopo da competência em informação.

Na identificação desses princípios, houve um cuidado para uma perspectiva holística, buscando-se a abordagem de todos os aspectos da relação dos entrevistados com a informação. Esta visão holística é reforçada pela abordagem da competência em informação com base em quatro dimensões, como está apresentado na seção 3.3.2. Esta percepção abrangente, que considera a competência em informação e as pessoas em sua integralidade fica perceptível pela complementaridade ou interligação entre os diversos princípios. Por vezes, depoimentos que são associados, que exemplificam um dos fundamentos caberiam perfeitamente em outros.

**Figura 5: Princípios norteadores de competência em informação**



Fonte: Elaborada pela autora (2021) a partir de dados obtidos nas entrevistas.

A seguir, serão apresentados e discutidos princípios norteadores da competência em informação extraídos da pesquisa de campo.

## PRINCÍPIO 1 – METALINGUAGEM

A competência em informação fala de si própria. A pesquisa traz alguns exemplos, como o de E02, que, ao término da entrevista, foi perguntado se gostaria de complementar, fazer um comentário adicional. O estudante então relatou sua história: veio de uma família classe média alta, teve acesso a bons colégios em Minas Gerais, onde nasceu e viveu por muitos anos. No entanto, seus pais se separaram e ele, a mãe e a irmã foram residir em Blumenau. Com a separação, não havia mais condições de pagar um colégio particular. E02 conta que passou no teste seletivo para o Instituto Federal Catarinense, que considera um excelente colégio e ele credita o resultado do teste seletivo à educação básica que havia recebido. A narrativa de sua história prossegue com a transferência da família para Florianópolis, motivada apenas pela oferta de cursos superiores em Universidades Públicas, já que a mãe poderia trabalhar à distância e a irmã ficou desempregada durante a pandemia. O aspecto da metalinguagem da competência em informação surge da reflexão que E02 fez na sequência.

*Então, assim, uma coisa que é o percebi muito ainda em 2020, ele resumiu isso é, como oportunidades elas são muito variáveis. De cor, de onde você vem, da sua classe social e quantas ironias tem neste processo também, né. É, a indicação do Einstein veio [...] de uma equipe de alunos, enfim, de um grupo, [...] de uma das melhores escolas do estado que é a rede Bom Jesus, de Blumenau, eh, e quando eu parei e foi muito bom esse... foi muito boa essa indicação, mas ver também que não são todas as pessoas que conhecem esse projeto, né e como é um desafio isso, porque as pessoas que deveriam saber da existência dele, elas não sabem e as pessoas que porventura têm mais acesso à informação, elas acabam tendo esse... essa oportunidade, né. Então, isso, claro, né, esses alunos [da escola Bom Jesus, que indicaram o curso pré-vestibular gratuito] não fariam parte desse projeto, mas de certa forma a elas são meios para propagar pra um nicho de pessoas uma determinada eh, oportunidade, né. Enfim, essa é minha experiência que eu tive, né, até chegar no Einstein. [...] conheci muitas realidades muito distantes da minha, mesmo eu sendo aqui uma pessoa que veio de escola pública de Ensino Médio que também vim de um cursinho [...] em 2019, que eu havia feito também, promovido [...] por alunos da UFSC, mas que, enfim, cada um vai ter sua situação, sua experiência, mas existem patamares completamente diferentes de onde esses processos começam [...]. A minha batalha, eu vejo que ela começou em 2017, quando entrei no Ensino Médio, quando tive uma percepção mais real e outras pessoas estão nela desde quando nasceu [...]. Então acredito que [...] isso é um ponto importante de ressaltar [...] nessa pesquisa que você tá promovendo e, então, eu acho que é isso, [...] que complementa, acho que minha história é uma... é uma peça-chave pra isso [...] pra todas essas respostas (APÊNDICE I, E02).*

Percebe-se que o estudante foi perspicaz e ao longo da entrevista percebeu que se tratava de uma pesquisa sobre aspectos do acesso à informação. Percebeu,

também, que o curso preparatório para o vestibular que ele frequentou era destinado a pessoas de baixa renda. Mas ele sabe que muitas pessoas que se encaixam nesse perfil desconhecem a oportunidade. No entanto, um público que estuda em um colégio particular em Blumenau tem conhecimento da existência do curso gratuito em Florianópolis. A metalinguagem se efetiva na reflexão a respeito do objetivo da pesquisa e de uma informação relevante que ele poderia adicionar.

Outras respostas contribuem na mesma linha para consolidar a competência em informação como uma metalinguagem. “Sobre sua pesquisa, eu achei bem necessária, ver as problemáticas e ver a nossa opinião, [...] tentar entender, tem empatia. Isso é muito importante” (APÊNDICE I, E08).

Naturalmente, para falar sobre um tema, as pessoas precisam refletir sobre aquele assunto. No caso da entrevista, as respostas trouxeram conteúdo para a pesquisa e, também, induziram os participantes à reflexão sobre seus comportamentos.

*Eu acho que [a entrevista] foi bem interessante, acho que [...] às vezes são coisas assim, [...] bem simples, mas que às vezes a gente [...] não para pra realmente pensar. Acho que foi legal assim pra retomar um pouco dessas coisas e ver realmente o que eu já fiz e o que que ainda tenho que fazer (APÊNDICE I, E13).*

*[...] eu gostei bastante dessa entrevista, sabe, me fez refletir bastante sobre a informação, a importância dela e tudo o que tu me perguntou, sabe, me fez refletir muito, mesmo. Foi bem importante pra mim essa entrevista, eu gostei. Não acho que tenha sido difícil, foi fácil, acho (ininteligível) (APÊNDICE I, E16)*

*[...] eu gostei muito da entrevista, me senti acolhida pela senhora, gostei muito de conversar com a senhora. [...]  
Sabe, [...] essa conversa foi ótima pra mim [...]. Ótima, me inspirou mais, me inspirou mais para mim estuda [...]. Como é que se diz? Me motivou mais, sabe. Eu espero que, né, que eu melhore bastante, que eu estude bastante, assim, mais do que eu já estudo, né. É isso (APÊNDICE I, E09).*

Berrío Zapata (2012) insere a metalinguagem como um nível intermediário da competência em informação, que consiste no reconhecimento dos canais de informação e a capacidade de percebê-los, decodificá-los e integrá-los.

O pressuposto básico de metalinguagem é a da linguagem que se refere (analisa, descreve) à própria linguagem. “A dimensão metalinguística da linguagem relaciona-se à negociação de sentidos e aos usos sociais da linguagem que [...] nunca são tão [...] desinteressados, seja no que diz respeito à construção do conhecimento, seja no que respeita à apreensão da realidade” (FLÔRES, 2011, p. 247).

Não se vislumbra possibilidade de uma linguagem absolutamente objetiva, que não faça qualquer referência a si própria. É assim no cinema, nas artes em geral e nas línguas ou dialetos. O discurso representa uma forma de memória social e a memória, que se constitui no interdiscurso, “apresenta-se como um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, lugar de conflitos e de regularização” (LUCAS, 199, p. 156). Os entrevistados foram instigados a responder sobre aspectos da competência em informação, acontecimento que lhes provocou reflexões a respeito de suas relações com a informação, formatando seus discursos. As reflexões que os entrevistados faziam para elaborar as respostas à entrevistadora serviam, também, para uma autoanálise, uma abordagem que integra o próximo princípio.

## **PRINCÍPIO 2 – PROCESSO DE CRÍTICA E AUTOCRÍTICA**

Trata-se de uma visão ao mesmo tempo objetiva e subjetiva da informação, ou seja, a análise deve focar a informação em si e a relação que cada um tem com a informação. É como se a análise tivesse um viés de dentro para fora, olhando para a informação e outro viés de dentro para dentro da pessoa. A explanação sobre o tema também foi apresentada por E02:

*Olha, eu acho que a melhor forma de consumir todos esses conteúdos ao mesmo tempo de entender o processo que [...] ele está exemplificando eu acho que é a fazer autocrítica e a crítica [...]. A crítica, porque aquilo, porque daquela forma, e a autocrítica, a partir de você olhar o seu presente, a sua realidade e ver qual é a sua relação com aquilo, que com certeza está completamente ligado. Então, eu acho que alguém [...] que escreveu aquilo provavelmente veio antes de mim e vive uma realidade diferente e, por a gente estar nesse mundo completamente ligado, as coisas que sejam elas escritas, digitadas, tudo que é feito acredito que causa um certo impacto na vida do outro. Então, eu acho que se resume à crítica é uma palavra boa, assim, a forma que eu utilizo [...]. E aí a gente aplica isso aos nossos estudos [...] (APÊNDICE I, E02).*

A complementaridade – ou inter-relação – é muito evidente nos primeiros princípios, muito especialmente quando este segundo aborda a autocrítica ou autoanálise. Esta condição se expressa em pelo menos duas respostas dadas por entrevistados.

*Eu gostei da entrevista, achei bem bacana [...]. Até me fez rever coisas de mim [...] ? Que eu posso melhorar, coisas que eu posso buscar mais. [...]. Esse negócio da leitura, eu nunca tinha [...] e tipo, procurar uma ajuda de psicólogo, alguma coisa, sei lá, para ver se pode ser um déficit de atenção. E eu acho que eu vou correr atrás disso, cara. Isso me prejudica um pouco, sabe? (APÊNDICE I, E27).*

*[...] como eu te falei que foi a questão de, [...] eu acha que não precisava de auxílio, mas ao meu tempo eu precisava e negava [...]. Sempre neguei, eu fui orgulhosa, assim, [...] 'ah, não preciso de ajuda', mas, às vezes, deixava de lado e, algum professor me ajudava, alguma coisa do tipo, mas muitas das vezes eu deixava de lado e pensava 'esquece não vou conseguir', hoje [...] sinto, querendo ou não, uma falta (APÊNDICE I, E19)*

E11 também defende a autoanálise, ao afirmar que

*[...] a gente tem que sentar, assim, e se auto analisar [...], ver o que [...] a gente tá com mais dificuldade ou não. E ter o pé no chão melhorar [...], porque às vezes a gente é, trazendo para o mundo do vestibular, a gente é muito bom em biologia e química e a gente sabe que não é bom em matemática e física, mas continua não focando nisso [nas disciplinas em que está bem]. Então, acho que toda essa informação, tanto as plataformas, e o IVG e tudo mais, [...] priorizar também as nossas prioridades, usar o que a internet tem a nos oferecer, os sites, canal do YouTube que tem muita coisa, exercícios, Para tentar dar uma equilibrada, assim, em tudo, porque eu acho que é isso que o vestibular quer, que a gente seja principalmente equilibrado em tudo, que saiba um pouco de tudo. Então, eu acho que eu tento... acho que eu busco isso, assim, melhorar as minhas dificuldades, continuar me mantendo no que eu considero que eu vou bem, para tentar atingir este meio que equilíbrio aí (APÊNDICE I, E11)*

A abordagem com o viés objetivo, ou seja, na crítica à informação, surgiu várias vezes nas entrevistas e ao longo da pesquisa, como nestes exemplos, das entrevistas de E23 e E11.

*a alusão cultural, [...] que é tu, por exemplo, pega um contexto, [...] da Revolução Industrial, onde o trabalho era muito exploratório e tu consegui associa, [...] no dia de hoje, onde as condições também são exploratórias, 'ah! Porque tá acontecendo isso, será que é... é porque as grandes empresas estão com... o desemprego tá muito grande, tem muita mão de obra disponível então o salário vai lá embaixo. Putz! Parecido com a Revolução Industrial', né. Então, será que [...] a história não tá se repetindo, ou algo próximo, parecido, pra gente pensa? (APÊNDICE I, E23).*

*Eu acho que que nem sobre diversos assuntos é só a gente jogar na internet que vai aparecer muita coisa, tanto no aspecto notícia, quanto também trazendo para este olhar mais dia de estudo, vestibular, essa parte mais teórica. Então, cabe a gente tentar relacionar até para o nosso dia a dia, porque eu acho que esse conhecimento de vestibular é o que a gente vê na prática, a gente tem que tentar associar a física com a prática, e não só ficar pensando naquele 'problema chato'. Eu acho que é sempre tentar associar mesmo, tanto com o que eu quero, meu objetivo que é acertar questões, ir bem numa prova, tanto tentar associar desta forma, quanto também levar para minha vida, para o meu dia a dia. Eu acho que essa é a melhor forma que eu uso a informação que eu obtenho, mesmo, pesquisando (APÊNDICE I, E11).*

A exemplo do primeiro, este segundo princípio é extraído de respostas que trazem reflexões a respeito da relação de cada entrevistado com a informação e

corroboram com autores que atribuem à competência em informação uma perspectiva crítica. É o caso de Shapiro e Hugges (1996), para os quais a competência em informação exige uma compreensão sociocultural e uma análise crítica dos aspectos intelectuais, humanos, limites sociais, entre outros. Kuhlthau (1996) entende a procura de informação como um processo de construção, no qual os usuários estão ativamente engajados e podem ampliar o aprendizado com as informações, as quais tornam-se parte das experiências pessoais. O usuário procura significado em meio ao emaranhado de informações. Este significado o ajuda a resolver os problemas.

### PRINCÍPIO 3 – APRENDIZADO CONTÍNUO

A pesquisa igualmente corroborou a perspectiva da competência em informação como o desenvolvimento da capacidade de aprender continuamente, do aprendizado ao longo da vida, já consagrado na literatura. Sem que, em tese, conheçam a fundamentação teórica sobre o assunto, alguns estudantes se manifestaram sobre o aprendizado contínuo, como nos exemplos de E29 e E02.

*[...] eu acho que a gente vive para aprender, por mais que tu não queiras aprender, eu acho que tu vive pra aprender. Tu estás aprendendo todos os dias. Seja como se portar diante de uma pessoa, seja como responder a pessoa de forma educada, tá sempre aprendendo. E a gente teve que aprender esse ano [...] como estudar de forma sozinho [...] (APÊNDICE I, E29).*

*[...] Então, eu acredito que, pra melhorar meu desempenho, é esse processo contínuo, assim, de estar sempre consumindo esse conteúdo, estar sempre antenado, [...], às novidades [...]. Então, eu acho que o fato de buscar melhorar esse processo, tipo ano após ano a gente estar nessa [...] (APÊNDICE I, E02).*

*Eu também procuro estar sempre pesquisando para tentar aprender coisas novas. E aprender outras formas, Eu acho que isso é o mais importante. Porque se a gente não aprende do jeito que foi, não sei... Algum professor lá do ensino fundamental... A gente vê outras formas, ou que a mesma é para a gente agora, eu acho que a chance de aprender, de se apropriar dessa informação de fato, agora é muito melhor [...] (E11).*

*Na verdade, isso foi até o professor que falou também que quando a gente estuda sempre é bom a gente aprender [...]. Aprender, tipo não só ficar memorizando [...]. Tá dizendo isso e quando eu for responder eu vou dizer isso. É sempre bom a gente olhar aquilo e ir [...] além. Não decorar [...]. É ler e ler bastante e fica com aquilo na cabeça (E10).*

Esses estudantes compreenderam, e manifestaram, que o aprendizado é um processo ininterrupto, confirmando uma das mais difundidas premissas da competência em informação, que é o aprendizado ao longo da vida, citado em documentos referência, como o Relatório Final do Comitê Presidencial da *American Library Association* (ALA) e a Declaração de Alexandria. A competência em informação pressupõe as habilidades e percepção crítica da informação, de maneira que a pessoa se torne independente para conduzir um aprendizado contínuo. Trata-se de um conceito vinculado “à necessidade de se exercer o domínio sobre o sempre crescente no universo informacional, abrangendo três dimensões: conhecimento, habilidades e atitudes, compondo direito humano básico em um mundo digital, necessário” (BELLUZZO, 2018, p. 48). O Relatório da ALA (1989) salienta que os mais necessitados de informação são que têm mais dificuldades de aprendizagem.

Mais do que uma obrigação, vários estudantes percebem o aprendizado como um prazer.

*[...] eu amo aprender (E15).*

*Eu gosto... é muito pela curiosidade eu gosto muito de aprender coisas novas, então, é uma coisa que eu sempre to... sempre to lendo, sabe livros, coisas assim, porque que eu gosto de aprender coisas novas, assim. Então é pela curiosidade (E16).*

*Eu busco informação, na verdade, o tempo inteiro, né, mas, muitas vezes é quando... quando vejo realmente que não sei algo, daí quero aprender aquilo, quero saber aquilo, aí é quando mais... mais pesquiso, mais procuro (E04).*

Sob a ótica da satisfação em estudar, Gomes (2014, p. 56) observa que “o movimento em busca da informação para ampliar o conhecer pode gerar o prazer e o sentido do belo, quando contemplado pela conquista da autonomia, construída a partir da efetividade da ação mediadora”. E acrescenta que

há na mediação da informação o sentido de compartilhamento, de cooperação, de abertura ao diálogo e ao movimento e ao exercício da crítica que gera criatividade, portanto, esta ação guarda ainda uma dimensão formativa. Ao transitar por essas ‘vias’ com conforto e confiabilidade os sujeitos envolvidos sentem-se acolhidos como participantes ativos, como protagonistas da informação e, conseqüentemente, sentem o prazer dessa experiência e do aprendizado, o que confere beleza à mediação da informação, indicando a existência das suas dimensões estética e formativa. (GOMES, 2014, p. 56).

Essas observações reforçam a perspectiva holística da competência em informação e ampliam os desafios de estudo, ao propor reflexões a respeito de aspectos como a satisfação e o prazer de pesquisar e estudar.

#### **PRINCÍPIO 4 – EMANCIPAÇÃO, AUTONOMIA NA CONDUÇÃO DO PRÓPRIO APRENDIZADO**

Outro princípio extraído das falas dos estudantes e que é consagrado na literatura (veja seção 4.1, que discorre sobre aspectos políticos e sociais da competência em informação), é a condição de autonomia para os estudos proporcionada pela competência em informação. É a emancipação da pessoa, que se torna uma cidadã livre e plenamente responsável pelo seu destino.

E24 traz uma reflexão ampliada sobre o tema. Fala das dificuldades, das angústias e de seu crescimento pessoal.

*[...] sobre a questão da informação, [...] senti um pouco de dificuldade pra entende as perguntas, porque o conceito um[...] pouquinho abstrato, assim, pra mim. [...] mas [...] tenho mais propriedade pra falar assim sobre o meu cotidiano, sobre como é pra mim os estudos e, eu diria que as pessoas do cursinho, do ensino médio, [...] que é bem difícil, mesmo, [...] é bem sobrecarregado, mesmo, muita coisa, muita matéria, muita coisa pra pensar, pra decidir, na verdade é muita decisão, na verdade, sobre o que vai fazer da vida, o que é uma dúvida gigantesca, que você, né, tá ali na frente de várias opções e não sabe qual escolher e nem se vai passar, pra que você escolher e como vai ser inclusive a tua vida, o que você vai fazer no próximo ano se não passar enfim, parece que várias coisas passam, assim, pela mente [...] tive umas dificuldades, mas tentei passar por cima e tentar [me] esforçar o máximo, porque é um conhecimento muito grande, muito rico que a gente tem no ensino médio, [...] na escola toda e muitas vezes a gente não dá muito valor, não se esforça tanto e mais tarde a gente precisa [...] daquilo, tem que correr atrás e às vezes a gente não tem a maturidade [...] quando tá no colégio e a gente ganha mais maturidade pra estudar quando fica mais velho, assim, no meu caso foi esse ano. **Peguei mais maturidade, assim, pra estudar, porque, nesse ano de 2020 [...] o conhecimento dependia mais de nós. Se o professor mandou a matéria e não consegui entender vou ter que me virar pra entender, tem que dar um jeito [...]** (APÊNDICE I, E24, grifo nosso).*

E37 tem entendimento consoante.

*[...] uma coisa que eu senti é que [...] quando começou essa pandemia ninguém estava bem-preparado para como o ano se desenrolou. Então, acho que foi complicado também para [...] os cursinhos se adaptarem, principalmente porque são cursinhos com voluntários, muitos são alunos [de universidades]. [...] então eu acho que isso refletiu nos próprios estudantes. Eu vi que eles fizeram o melhor que eles conseguiam com os recursos que eles tinham, porém houve uma dificuldade dos alunos acompanharem, houve*

*bastante desistências [...]. Então, acho que ficou complicado, acho que ficou complicado para todo mundo [...] muita gente que não conseguiu ir, que não conseguiu participar. Acho que foi complicado, principalmente para os alunos de escolas públicas, né, que foram os mais prejudicados, que muitos não tiveram aulas, enfim. Não sei, eu acho que o que talvez [...] tenha me ajudado nesse ano de pandemia foi ter descoberto pela internet mesmo, talvez pela pandemia, por ter ficado mais conectada, no caso, ter descoberto métodos de estudos mais eficientes para aprender para o ENEM, né, para os vestibulares, que me ajudou bastante nesse ano de estudo, de eu conseguir melhorar meu desempenho, né, no ENEM. Então, eu acho que isso que falta bastante para os alunos, justamente dos cursos mais concorridos, aprender a estudar voltado para essas provas [...]* (APÊNDICE I, E37, grifo nosso).

Manifestações de estudantes nesse sentido, foram apresentadas também na seção 6.4.2 (sobre adaptação para estudar *on-line*). “[...] estava [...] muito perdido [...] depois eu comecei a me entender um pouco melhor [...]. Pessoalmente [...] é melhor” (APÊNDICE I, E10); “[...] até a adaptação com a internet e tudo, foi bem ruim” (APÊNDICE I, E12); “[...] a própria plataforma me deixa confusa [...], porque ela buga, [...] desliga, daí é aquele transtorno” (APÊNDICE I, E16); “[...] Eu achei que eu ia desistir, pensei em desistir [...]” (APÊNDICE I, E15).

A dificuldade de estudantes em se adaptar a cursos a distância é reconhecida em estudos específicos já publicados. É o caso de pesquisa comparativa de resultados de Exames Nacionais de Desempenho dos Estudantes (Enade) de 2015, 2016 e 2017 relatado por Cortelazzo e Elisei (2021) aponta para um desempenho inferior de concluintes de cursos a distância (EaD) em relação aos de cursos presenciais. A análise exploratória dos dados disponíveis considerou estudantes de todas as turmas participantes e dos concluintes de instituições que ofereceram simultaneamente as duas modalidades.

Os resultados mostraram que estudantes de cursos EaD, especialmente naqueles com grande quantidade de concluintes, tendem a apresentar um conceito Enade contínuo numericamente menor e médias com maior variabilidade. Para uma instituição que oferece cursos EaD e presenciais, houve diferença nos resultados em função da sua natureza jurídica: escolas públicas tiveram conceitos significativamente maiores nos cursos presenciais, enquanto que nas escolas privadas essa diferença não foi observada ou foi menos evidente (CORTELAZZO; ELISEI, 2021, p. 1).

Da referida seção 6.4.2 foi extraído outro trecho da fala de E37, em que reconhece seu crescimento durante o ano de 2020.

*[...] No saldo total eu acho que foi positivo, para mim, ir até porque eu vi essa evolução que eu tive, que foi uma evolução maior do que eu tive nos outros anos [...]. Neste ano, por eu estar mais no controle do meu aprendizado eu*

*estava mais ativa, no caso, nesse processo de aprendizado. Então, eu assumi esse papel mais ativo que me beneficiou por eu... não sei, talvez, reter mais informação, ou por eu meio que ser obrigada a procurar, e a buscar informação, então acabou retendo mais informação e tendo mais contato com informação. Então, eu acho que no saldo geral foi positivo pela minha evolução nos estudos que eu senti que eu tive. Uma boa evolução (APÊNDICE I, E37).*

Apesar de muitos dos entrevistados terem apontado grandes dificuldades por causa do isolamento social, alguns reconhecem o avanço que tiveram nesse período. “[...] o momento da pandemia me fez refletir, me estimulou a aprender, a ser autodidata, procurar eu mesmo me virar [...]” (APÊNDICE I, E11).

Esta manifestação de E11 concorda com a proposição de Dudziak (2011, p. 175), de que “a educação para a competência em informação está direcionada à autonomia informacional dos indivíduos”. Duarte *et al.* (2012) igualmente percebem esta perspectiva da autonomia da pessoa para a construção do arcabouço de conhecimento.

## **PRINCÍPIO 5 – FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

A seção 6.5, que discorre sobre a vulnerabilidade, apresentou um panorama de dificuldades e de fatores que geram impotência ou vulnerabilidade em informação. Os entrevistados citaram 116 vezes algum tipo de dificuldade, sendo a mais comum, a de compreensão de linguagens dos conteúdos que consomem. Os entrevistados mencionaram várias vezes a dificuldade com as disciplinas exatas e, diretamente, a deficiência na educação básica.

*E assim, em relação à educação, eu acredito que a educação tem que evoluir muito ainda. O acesso à informação que a gente realmente precisa, acesso filtrado que a gente precisa. Tem que evoluir muito, muito, muito, muito. A gente tem que investir muito mais na base. Eu acredito nisso. Acredito que a gente tem que, desde cedo estar ali incentivando. Não, não é tirar do superior e colocar [...]. É investir de igual para igual, investir bastante na base e investir bastante no superior. Porque assim a gente vai ter pessoas evoluídas quanto mais, e a gente vai pensar mais e mais e mais e mais em coisas novas, de curiosidades e mais dúvidas. E é assim que eu sinto, que eu penso sobre educação. Esse é o meu ponto sobre educação. E o acesso à informação também tem que ter para todos. Não o excesso de informação, mas o acesso à informação tem que ter, né. Porque hoje a falta de informação é grande e o excesso de informação também é muito grande. Não tem meio termo. [...]. Então, esses são meus pontos que eu queria complementar, né, que eu queria fazer esta ‘crítica’, talvez. Mas trazer este ponto para cá. Bom, eu acredito que seja isso mesmo (APÊNDICE I, E06).*

Outros estudantes citam diretamente o ensino público como insatisfatório (APÊNDICE I, E08; E12).

Por sua vez, E33 apresenta uma sugestão que pode contribuir para a formação básica dos estudantes. “[...] como pesquisar, a informação de como a gente quer e com isso traz um desempenho, nas escolas eles não ensinam eu nunca vi o desempenho de ensinar a fazer pesquisa, eu acho que faltou essa parte e é muito chato” (APÊNDICE I, E33). A proposta é interessante sob a ótica de que a competência em informação tem entre suas perspectivas a capacidade de aprender ao longo da vida e a autonomia, já citadas como princípios norteadores neste trabalho. Portanto, se o estudante desenvolver sua capacidade de gerir o próprio aprendizado, de aprender autonomamente e de aprender a aprender, boa parte das deficiências do ensino básico pode ser superada. Neste aspecto, as bibliotecas podem exercer um papel determinante, ao se envolver mais diretamente com o processo de ensino e apoiar o desenvolvimento da competência em informação dos estudantes. O apoio familiar também pode ser integrado a esse processo (APÊNDICE I, E33).

O depoimento de E33 encontra respaldo na literatura em autores como Mata (2006), Demo (1998, 2009) e Morigi e Souto (2006), que defendem a pesquisa escolar como elemento essencial no processo de aprendizagem. Sob esta ótica, a biblioteca escolar tem um papel muito mais abrangente do que a simples manutenção de acervos ou de ser sua guardiã e passa a cooperar diretamente no desenvolvimento da competência em informação dos estudantes. Esta acepção é um desafio para a biblioteca escolar a mudar seu perfil “de mero repositório de informação para constituir-se em uma organização e espaço aprendente, uma vez que a aprendizagem ocorre por toda a vida” (QUEIROZ, 2006, p. 27). Trata-se de um enfoque semelhante ao proposto por Freire (1987) de que a educação transcenda o paradigma da transferência de conteúdos, o qual compara com o modelo bancário.

A respeito da pesquisa como fator de construção do conhecimento, Demo (2009) apregoa que:

Se buscarmos uma cidadania emancipada, capa de projeto próprio de desenvolvimento, ou se buscarmos garantir aos marginalizados condições equânimes de luta, o instrumento mais decisivo, hoje, é a habilidade de manejar e produzir conhecimento. Se a educação se diz emancipatória, não poderá prescindir de lançar mão deste meio. Não corresponderá ao desafio da cidadania moderna, se permanecer na mera transmissão, cópia, reprodução de conhecimento, no puro ensino e na pura aprendizagem, nos treinamentos domesticadores. Onde o aluno é objeto de aprendizagem, copiam-se lacaios, não se fazem cidadãos competentes. Onde o professor apenas ensina, reproduz-se a sucata, não projeto próprio de desenvolvimento (DEMO, 2009, p. 33-34).

A proposição de pesquisas escolares e o desenvolvimento de competência em informação de estudantes, mais precocemente em estudantes do ensino fundamental não são, evidentemente, os únicos caminhos para o fortalecimento da educação básica, mas se constituem em importante contribuição. Assim, outras propostas no âmbito das ciências da educação continuam sendo necessárias.

## **PRINCÍPIO 6 – DOMÍNIO DOS ASPECTOS EMOCIONAIS**

Fatores de natureza psicológica ou emocional foram detectados ao longo da entrevista e merecem uma atenção especial, dos próprios estudantes, consigo mesmos, de pais e familiares, de professores e gestores educacionais e do poder público. Como discutido na seção 4.4, a literatura trata da saúde mental de jovens e adolescentes. No entanto, conforme já foi referido anteriormente, esta proposição de princípios norteadores está circunscrita aos elementos coletados na pesquisa de campo.

Em diversos momentos, conforme relatado na seção 6, que aborda os resultados da pesquisa, os entrevistados revelam aspectos emocionais que os afetam. As sensações mais frequentemente relatadas são ansiedade, tristeza, infelicidade, estresse, dificuldade de raciocinar, esgotamento mental, bloqueio, irritação, raiva, desânimo, desestabilização emocional, confusão mental, abalo emocional, frustração, vontade de desistir, angústia, vontade de chorar, desejo que acabe logo, nervosismo, baixa autoestima, sensação de um peso maior do que consegue carregar, entre outros. Evidentemente que todos esses e os demais devem merecer a atenção familiar ou da escola e podem necessitar de ajuda profissional. Para efeito deste trabalho, serão discutidos, a seguir, alguns desses sentimentos, selecionados não pela frequência de citações, mas por suas características mais diretamente associadas aos estudos.

O primeiro deles diz respeito à baixa autoestima e é expresso por palavras fortes como “não tenho competência” (APÊNDICE I, E09), “me sentir incapaz, burro” (APÊNDICE I, E27), “acha que a pessoa está [...] entre aspas, muito burra” (APÊNDICE I, E07), “eu poderia me esforçar mais, poderia ter feito mais” (APÊNDICE I, E10).

As entrevistadas E19 e E21 mencionam experiências muito negativas que tiveram com professores da educação básica.

*[...] no meu ensino médio, eu tive um professor, [...] que, [...] pegou filosofia e sociologia e esse professor [...] não sei por qual motivo ele cismava em, digamos, certos alunos, um desses alunos era eu e acabou que, no terceiro,*

*no último ano, [...] ele pegou exatas e é onde eu tenho mais dificuldades e onde, também, a questão também de não ter uma [...] relação legal com professor, já prejudica [...]* (APÊNDICE I, E19).

*[...] Para você ver como me fez mal [...] psicologicamente essa questão [...]. [...] causou um bloqueio, sabe, que eu não sei como eu preciso desbloquear. Uma professora minha... A matemática, ela não entrava na minha cabeça, não entrava. O mais e o menos entrou perfeitamente. Como que não ia entrar, [...] uma coisa tão simples? Mas dividir e [...] as continhas de multiplicação, menina, não entravam na minha cabeça. Não entravam, não entravam. E essa professora, no meio de todos os alunos – eu já era uma aluna muito quieta, não levantava nem para pedir para ir no banheiro – [...] ela [professora] me expôs, ela falou assim na frente de todo mundo: ‘poxa! Nada entra na sua cabeça’. Me chamou de burra [...] na frente todo mundo. Aquilo me deixou tão envergonhada que eu cheguei em casa muito mal. Minha mãe teve que ir na escola e tudo mais. A partir daí eu criei um bloqueio [...]* (APÊNDICE I, E21)

As duas situações são relatos de partes envolvidas e obviamente não cabem julgamento quanto ao que ocorreu efetivamente. O que há de real, entretanto, é o bloqueio que ambas as alunas possuem com as disciplinas de exatas, independentemente da causa. E esse bloqueio deveria ser tratado, como inclusive entende E21, que reconhece a necessidade de buscar apoio profissional. É um tema que merece atenção e ações preventivas por parte dos gestores da educação em âmbito macro e micro institucionais, ou seja, na governança do setor nas três esferas da administração pública e, também, dentro das escolas. Além disso, pais e comunidade escolar devem ter a mesma preocupação. Em seu depoimento, E21 conta ainda que tanto sua família quanto a de seu esposo não tinham tradição em se dedicar ao prosseguimento dos estudos e que ambos, hoje, procuram modificar essa cultura no seu núcleo familiar. O esposo retomou aos estudos, ingressando em um curso superior, ela tenta o mesmo, os dois tentam inculcar nos filhos essa perspectiva e, uma das formas que adotam, é participar ativamente da vida escolar dos filhos.

Contrastando com os relatos anteriores, há evidentemente, os alunos que encontram nos docentes o apoio necessário para perseverar nos cursos e aprendizado.

*[...] sobre a dificuldade, eu acredito que, com ou sem pandemia, a gente sempre tem dificuldade em alguma coisa, né. É impossível a gente viver uma vida sem dificuldade [...]. Isso é uma coisa que não existe, infelizmente. [...] então, ter sempre o pensamento positivo é muito bom; [...] nunca desistir, sempre correr atrás do sonho. Isso é o essencial. E sobre o meu curso – nossa! – tenho muito que agradecer a eles, que eles me ajudaram demais, assim em vários momentos que eu precisei; [...] os professores sempre correndo atrás [...] para ajudar a gente [...] nunca deixando [...] a gente [...] perdido em alguma coisa, por exemplo, ‘ah! Tens ajuda em alguma matéria? Tá tudo bem? Tá se sentindo bem?’. Eles sempre, sempre tentando animar a gente, quando a gente queria desistir, eles botavam a gente pra cima, assim. É muito bom, mesmo. Eu super recomendo. [...]* (APÊNDICE I, E04).

Outro sentimento destacado vem da repercussão emocional causada pela pandemia e sua relação com os estudos.

*[...] a gente se sente vulnerável ao que está acontecendo [...]. Por exemplo, muitas pessoas estão morrendo disso [Covid-19] e a gente não pode fazer nada. E então a gente fica meio assim: 'O que que está acontecendo?'. Eu acho que a gente foca muito nos estudos, por exemplo, quando a gente tá se preparando para o ENEM e a gente esquece que a gente tem uma vida fora disso. Então, muita gente [...] que quer muito passar no vestibular e fica 24 horas por dia em casa só estudando. A gente tem uma vida fora disso, a gente pode sair, sei lá [...]. Sair com os amigos. Então, não focar só nisso. E acho que é isso. [...] (APÊNDICE I, E36).*

A estudante E25 demonstra preocupação com as situações mais graves que sua geração enfrenta.

*[...] eu tenho 18 anos [...], eu estou saindo de uma fase super comprometedora, que é onde eu decido o que eu quero da minha vida, qual curso eu vou fazer, [...] qual profissional vou me tornar, que tipo de pessoa vou me tornar, isso no meu caráter e tal... Então a gente fica meio desesperado, eu acho que em toda a fase da vida todo mundo vai passar por isso, não é só a gente. Então qualquer fase da sua vida [você] vai ficar meio angustiado com algo, mas depois [...] vai se levantar, né. Então, acho que a sobrecarga de informação nessa idade [...] é bem comprometedora, porque as taxas de depressão e suicídios só sobem. Eu particularmente não tenho essas coisas, mas ansiedade eu tenho bastante, tanto é que eu tomo remédio já, para me controlar. Porque, assim, eu vim de uma família que sempre me deu [...] uma base para [...] ficar estável. [...] sua pesquisa foi muito válida para mim, eu te agradeço também, muito válido para eu evoluir. [...] (APÊNDICE I, E25).*

Os temas de natureza emocional merecem a atenção de pais, da comunidade escolar ou mesmo dos estudantes, conforme forem adquirindo maturidade. É relevante compreender as implicações dos fatores emocionais no processo de aprendizagem. Conforme lembra Wurmman (1991), culpa e ansiedade impedem o fluxo da informação para a memória, constituindo-se, desta forma, em grandes ameaças para uma efetiva aprendizagem. Na mesma linha, Jan e Anwar (2019) recomendam o domínio da inteligência emocional como forma de desenvolver o aprendizado.

Especificamente sobre as variações de sentimentos afetivos e emocionais durante as diversas etapas do processo de busca de informação, Kuhlthau (2018) relata estudos que investigou sobre “Processo de Pesquisa de Informação” (ISP<sup>30</sup>, na sigla em inglês). Segundo a autora, uma das descobertas mais expressivas é a de que depois de iniciar a pesquisa, os estudantes elevam seus graus de incerteza e reduzem a

---

<sup>30</sup> Information Search Process

confiança. A pessoa imersa em uma pesquisa tem sentimentos de incerteza, confusão e ansiedade, até que consiga estabelecer um horizonte nela.

Cardoso (2017) afirma que crianças com dificuldades em leitura, escrita, matemática, consciência fonológica e conhecimentos ortográfico e matemático têm desempenho em aula comprometido. Além disso, podem desenvolver sentimentos negativos de si mesmas, com maior risco de desenvolver psicopatologias, transtornos de aprendizagem, entre outros.

## **PRINCÍPIO 7 – SILÊNCIO E ERGONOMIA NO AMBIENTE DOMÉSTICO DE ESTUDO**

Diferentemente dos demais, este tema não tem sido acolhido pela literatura no âmbito dos estudos sobre competência em informação. Mas as entrevistas demonstram que o apoio familiar tem uma importância muito grande no desenvolvimento da competência em informação em estudantes do ensino básico – crianças e adolescentes. Os entrevistados abordaram várias situações nas quais caberiam ações efetivas dos pais ou demais familiares e, às vezes, até mesmo de amigos e vizinhos. Sabe-se, entretanto, que nem todas as famílias têm condições materiais ou culturais para solucionar todos os problemas. Neste ponto, são tratadas algumas das circunstâncias que podem ser alvo de uma ação dentro de casa e que podem melhorar as condições para os estudantes.

O primeiro caso é o do respeito ao silêncio. Os entrevistados apontam a dificuldade de concentração.

*[...] a pandemia misturou muito a questão do estudo em casa e teu lugar de descanso não existe mais [...]. E eu tenho uma certa dificuldade para me concentrar, em casa piorou. [...] é aquela barulheira às vezes, e também [...] qualquer coisinha tu já distraís e tens que fazer as coisas da casa porque tu estás todo o tempo em casa. Antes da pandemia, às vezes que eu precisava estudar e focar eu conseguia ir na biblioteca da UDESC ou do próprio IFSC [...] e ficava numa sala ali sozinho, só estudando e focando naquilo. Acho que evitavam essas distrações. Fora o estresse emocional, também, nessa questão da pandemia. [...]* (APÊNDICE I, E38).

*[...] é uma coisa que eu tenho que ter uma rotina própria, né. Então, antigamente eu saía de casa ficava 4 horas. Então, eu saía de casa botava na minha cabeça o que? ‘To saindo de casa, vou ficar 4 horas fora. Essas quatro horas vou ficar dentro de uma escola. Eu to indo até essa escola, é para mim estudar’. Não tem para onde eu fugir, vou fazer o quê nessa escola? Não tem para onde fugir. Agora, em casa não. Tu tá ali estudando, chega um amigo seu e acaba chamando a tua atenção, ou acaba te tirando de dentro de casa, ou tu tá ali e tem que resolver algum problema que apareceu no meio do dia. Então, isso acaba me desfocando bastante* (APÊNDICE I, E22).

*[...] Procuro sempre reservar um momento para mim... acho... principalmente estar sozinho dentro de casa, [...] sem a mulher pra tá ligando televisão, rádio, que eu gosto de silêncio, pra pode prestar atenção [...] geralmente é uma horinha, duas horinhas por dia pra pode fazer isso, quando to a fim mesmo, [...] mais embalado no estudo (APÊNDICE I, E28).*

*Não, não foi fácil me adaptar porque eu acho que num ambiente de casa, tipo assim, a gente tem barulho, a gente tem, passa carro, tipo meus irmãos vêm aqui no meu quarto. [...] (APÊNDICE I, E32).*

*Em casa não conseguia te... estando o tempo todo em casa, começava a estudar, tinha um barulho, alguma coisa, já me distraia, saia, alguém me chamava, já parava, sabe, não conseguia ter foco pra estudar. E aquele momento, assim, no começo mesmo foi bem assustador, todo mundo apavorado e isso e aquilo. Eh, acho que pela condição mental, mesmo, do momento (APÊNDICE I, E17).*

*[...] No começo das aulas do Einstein eu assistia a aula ali na sala, mas como tem mais gente morando comigo é muito complicado, aí a televisão ligada, não tem como. Aí eu passei a assistir do meu quarto, mesmo, em cima da minha cama, o que não muito confortável, mas era o que tinha (APÊNDICE I, E08).*

*[...] no início do ano eu tinha que estudar na cozinha, daí era sempre o movimento de pessoas, televisão ligada na sala, enfim, tira as coisas da mesa pra janta, pra almoço e, enfim, na cozinha também era bem difícil pra estudar. Aí, sentia que tinha dificuldades, mas não ficava pensando nelas, porque se eu ficasse pensando nas dificuldades, né, não ia funciona, não ia consegui estuda, Então tentava passar por cima daquilo e continuar estudando. É o que eu podia fazer (APÊNDICE I, E24).*

Pode-se perceber que são vários estudantes que apontam a dificuldade de concentração por causa de barulhos ou distrações que ocorrem dentro de casa. Não se pode saber exatamente qual é a efetiva possibilidade material para cada família criar um ambiente mais favorável. Algumas das narrativas indicam que o silêncio poderia ser suficiente para ajudar na concentração e foco.

Dois relatos, mostrados a seguir, revelam o mesmo problema, mas com uma dificuldade maior de solução. No caso de E09, a mãe obtém renda fazendo atividades que geram o barulho. Uma dessas atividade é cuidar em casa de oito crianças de dois a 11 anos, sendo que é um imóvel pequeno, composto de sala, cozinha, um quarto e banheiro. A mãe de E09 também é vendedora. “[...] minha mãe vende um monte de produto de Boticário, joia, essas coisas, sabe. Então, tipo, toda hora chega uma pessoa aqui. Toda hora, toda hora, entendeu. Aí é muito barulho” (APÊNDICE I, E09). O principal argumento da estudante é a impossibilidade, por causa do isolamento social, de se deslocar a um local mais adequado, como uma biblioteca ou o próprio curso preparatório.

A situação mostrada a seguir está na mesma linha de dificuldade de concentração.

*[...] moro numa rua é que ela é muito barulhenta, passa muito carro, moto e o meu quarto, a minha, onde fica o computador, eles ficam bem de frente pra essa rua. Então, eu sempre tendo que escuta a moto passa, carro passa, buzina e aí é... é... era cachorro latindo – que eu tenho cachorro em casa, também, né – aí, às vezes passava algum cachorro na rua, elas ficavam latindo, então acaba atrapalhando bastante, sabe. E o... o essencial para mim seria mesmo eu estar numa sala, eh, com todo mundo prestando atenção, [...] no silêncio. Aí ia ser perfeito (APÊNDICE I, E04).*

Ainda no âmbito das dificuldades domésticas para os estudos e que poderiam merecer a atenção dos pais, está a ergonomia de cadeiras ou mesas. A exemplo de E08, citada anteriormente, o assunto também foi levantado por diversos estudantes, como pode ser observado a seguir:

*Não, não acho que [meu ambiente de estudos] seja assim apropriado [...] porque eu acho que apropriado seria ter um [...] lugarzinho [...] adequado, uma luz boa, [...] uma ventilação boa, que é pra pessoa se sentir à vontade [...] para estudar mesmo. E aqui acaba sendo algo um pouco improvisado [...]. A gente arruma ali o que dá na hora ou na cama ou no sofá ou até mesmo no espacinho [...] na mesa [...] de almoço e a gente vai se arranjando como pode [...]. Creio que não seja adequado [...], mas é [...] o que dá para fazer (APÊNDICE I, E26).*

*Cansada, com muita dor nas costas... [gemido de dor], ombro. Enfim, porque a gente fica numa postura não muito boa, estudando, principalmente em casa, porque na escola pelo menos a gente tinha aquela cadeira, tinha uma postura. Em casa, eu, por exemplo, estudo no sofá, ou na cama, então, não é muito bom, né? E isso afeta também o nosso psicológico, porque eu sei que quando a gente não está num lugar muito apropriado, a gente não tem um rendimento muito bom, né? (APÊNDICE I, E35).*

*Estou estudando hoje sempre em cima da minha cama, porque a sala e a cozinha estão sendo utilizadas [...] sentado, boto uma mesinha daquelas de café da manhã. Aí eu boto o notebook em cima dela para ficar um pouquinho mais alto e fico sentado ali normalmente. Até chego a dar uma dobradinha no colchão de tanto ficar sentado no mesmo lugar. A postura sentiu bastante, assim, a coluna e o próprio fato de ficar mais sedentário também, que já piora. E a iluminação também, é uma iluminação de casa, não é de um ambiente de estudo ou um ambiente de trabalho (APÊNDICE I, E38).*

Alguns dos entrevistados, sentindo o mesmo problema relacionado à ergonomia dos móveis domésticos, encontraram soluções paliativas, dentro de suas limitações orçamentária. É o caso de E33, que fez a própria escrivaninha, mas continua tendo problemas com o barulho produzido pelos vizinhos.

*[...] antes eu estudava no meu quarto, é uma casa dividida ao meio, então, tenho os meus vizinhos faziam... esse vizinho do lado e outro casal também tem uma moça que é esquizofrênica, e as vezes ela dá um surto de madrugada. [...] até hoje eu uso a escrivaninha que eu fiz, tinha outros dias que a bunda doía para os estudos (APÊNDICE I, E33).*

A estudante E24 contou com a ajuda dos pais para ter uma escrivaninha.

*[...] na cozinha, muito movimento, muito... não era algo que eu podia ficar bastante tempo ali e aí... eh, aí muitas vezes eu vinha pro meu quarto e ficava estudando no balcão. Ele é tipo um armarinho, assim, eh, um armarinho pra guarda-roupa, é um balcão, assim, é plano em cima. Aí eu colocava a cadeira e tentava estudar só não tinha bem onde coloca as pernas, daí ficava uma postura totalmente fora do padrão. Aí tentava estuda [...], mas era muito, muito, muito, muito, muito difícil, muito ruim. Aí comecei a falar pros meus pais que eu precisava, ia comprar na OLX e tal, mas no fim, graças a Deus, meu pai e a minha mãe conseguiram fazer em casa mesmo com materiais que [...] já tinha, não foi comprado, na verdade [risos]. [...] Considero que é um espaço bem confortável, assim, que eu tenho agora, meu quarto, escrivaninha, cadeira, bastante post-it, marca texto. O único problema mesmo é a internet que não pega bem no meu quarto e, até assim, você falou do ambiente, uma vez eu conversei com uma pessoa também de arquitetura, ela me falou [...] sobre as coisas do ambiente e tal e com isso eu percebi mesmo que algumas [...] do quarto não [...] tão bem na hora de estuda. Por exemplo, esse roxo aqui, não sei se tu consegue ver [aponta para a parede], um roxo escuro, assim. Percebi que não fazia muito bem fica próximo dele. Aí coloquei a escrivaninha virada pra parede roxa e tem uma parede branca, que pra onde eu fico virada de frente. [...] a cadeira [de madeira] [...] não é lá [...] muito confortável, mas sinceramente é a cadeira que eu tenho. Sou muito grata a Deus pela cadeira de eu tenho. Ela tem uma almofadinha, assim, bem fina, assim, pra fica um pouquinho mais fofinha, mas pra mim é suficiente assim. To satisfeita com ela (APÊNDICE I, E24).*

Outro entrevistado economizou dinheiro do estágio para comprar uma cadeira melhor. Ele considera um bom investimento, pois pretende continuar estudando por muito tempo.

*[...] Eu estudo na cozinha [...] na mesa da cozinha. Então basicamente eu ficava sentado aqui na minha cadeira [...] da cozinha, então, cadeirinha de madeira, colocava um pano [...] no assento e uma almofadinha nas costas e [...] passava aqui o meu tempo estudando, daí, tanto que durante todo esse ano, em virtude de tanto tempo sentado [...] nessa posição e tals, eh, consegui juntar o dinheiro do estágio e comprei uma cadeira do escritório, que já melhorou muito, então, agora... Agora nesse exato momento, tipo, to mais confortável [...] embora que tanto tempo sentado, ainda, gera um desconforto físico, mas melhorou bastante. Mas ao longo de todo esse ano eu sofri, sim, de dor nas costas, devido [...] à cadeira [...] que não respeitava ali a ergonomia [...]. [Foi] um investimento, também. A vida acadêmica não vai parar por aqui [...] se Deus quiser, então precisei de um conforto na hora de tá aqui estudando, até pra melhorar a absorção da informação. [...] (APÊNDICE I, E23).*

Já a estudante que mora numa casa pequena e cuja mãe cuida de crianças e vende perfumes e joias, disse que sua mãe lhe comprou uma cadeira confortável.

*Agora minha mãe comprou, minha mãe comprou esse mês, uma cadeira boa pra estudar. Porque antes, quando eu sentava na... numa cadeira que tinha, doía muito as costas, meu Deus! [...] Sim, é porque, tipo, quando eu estudava na mesa, a cadeira era baixa e a mesa era muito alta, aí tinha que escreve assim com coluna, tipo, [...] corcunda, assim, sabe (APÊNDICE I, E09).*

Constatou-se, neste princípio, que o apoio familiar pode ser determinante para a evolução da competência em informação dos estudantes. No entanto, nem a participação da família, nem questões como ambientes silenciosos e ergonômicos têm sido tratados na literatura de competência em informação. Outros princípios norteadores que serão discutidos a seguir consignam, igualmente, um papel relevante dos pais ou de outros familiares.

## **PRINCÍPIO 8 – AMPLIAÇÃO DO APOIO INSTITUCIONAL**

Aproximadamente dois em cada três entrevistados não descartam o uso de bibliotecas para realizar pesquisas. Alguns manifestaram um apreço especial por esse ambiente. “Até hoje eu vou na Biblioteca Pública daqui, de Floripa. Eu sou muito apaixonada por livros. [...] quando eu estou no Centro e eu consigo dar um pulinho e vou ali buscar um livro que eu tenho interesse [...]” (APÊNDICE I, E22).

A manifestação da estudante E15 apresentou uma proposição de ampliar a oferta de ambientes do gênero:

*[...] a gente conversando ali já expandiu meu horizonte em pensar que poderia, sim, aqui no meu bairro, estar com a biblioteca aberta, não tanto só para mim, como para os estudantes[...] de vestibulares ou [...] de rede pública que, às vezes, não têm acesso à internet [...] ou mesmo com acesso à internet [...] os livros sempre vão ser importantes. Poderia, estar aberto, claro, com higienização, com gente monitorando, eu acho que não ia ser um dinheiro da prefeitura que ser em vão se eles fizessem isso. Eu acho que faltou, sim. Eh esse descaso com os alunos da rede pública, com o pessoal que não tem condição [...], de ter uma internet [...] (APÊNDICE I, E15).*

Como se pode observar, a proposta da estudante tem um viés social bastante relevante, pois permitiria o acesso à informação, a capacitação no uso de tecnologias, a promoção da competência em informação e, também, ser um ambiente adequado para estudos, em especial para aqueles que enfrentam dificuldades como a falta de móveis ergonomicamente adequados ou de silêncio para a concentração.

A oferta de cursos preparatório ao vestibular gratuitos a pessoas de baixa renda se caracteriza como uma forma de apoio institucional a esse público. Embora seja uma ação relevante, provavelmente não seja suficiente para superar as desigualdades. A proposta de ampliar a oferta de serviços de acesso ao conhecimento é respaldada por Válio (2003):

É possível entender realmente a função da biblioteca pública: ser uma instituição da comunidade que dá acesso ao conhecimento, à formação do cidadão para o desempenho de suas potencialidades de produção e, ao mesmo tempo, oportunizar ao seu usuário momentos de lazer e descanso para poder usufruir dos bens sócio-culturais. São justamente esses bens culturais que podem providenciar a formação do usuário/leitor como cidadão de uma dada comunidade (VÁLIO, 2003, p. 53).

As propostas dos estudantes de que existam espaços públicos inclusive para acesso à internet, como forma de apoio aos estudantes, também é de relevância social. No entanto, é necessário considerar o alerta de Sorj e Guedes (2005), quando afirmam que

O valor efetivo da informação depende da capacidade dos usuários de interpretá-la. Informação só existe na forma de conhecimento, e conhecimento depende de um longo processo de socialização e de práticas que criam a capacidade analítica que transforma *bits* em conhecimento. Portanto, combater a exclusão digital supõe enfrentar a exclusão escolar (SORJ; GUEDES, 2005, p. 115-116).

Para os autores, “as políticas de universalização do acesso à Internet nos países em desenvolvimento serão uma quimera se não estiverem associadas a outras políticas sociais, em particular às da formação escolar” (SORJ; GUEDES, 2005, p. 116). Eles consideram imprescindível que a universalização de outros bens sociais consolide a defendida disseminação do acesso às avançadas tecnologias da informação e da comunicação.

## **PRINCÍPIO 9 – REDUÇÃO DOS EFEITOS DAS LIMITAÇÕES DE PODER AQUISITIVO**

O princípio norteador número sete, citado anteriormente, aborda um aspecto muito importante dentro da competência em informação, notadamente em sua dimensão política, que é o poder aquisitivo das famílias. A seção 6.5, que trata das dificuldades e fatores de impotência/vulnerabilidade, apresenta um conjunto de circunstâncias associadas a dificuldades financeiras, que incluem as limitações ao

acesso a conteúdos pagos, necessidades de conciliar trabalho e estudos, dificuldades de acesso a equipamentos de tecnologia da informação e a serviços de acesso à internet.

Políticas públicas em prol do aumento do poder aquisitivo das famílias, oferta de sinal público de internet, programas de apoio à aquisição de equipamentos ou oferta de serviços em bibliotecas de bairro poderiam ajudar a mitigar tais problemas. Do ponto de vista individual ou das famílias, as soluções podem advir, como citado por alguns estudantes, do compartilhamento de assinaturas de serviços de streaming. Há alternativas que dizem respeito à definição de prioridades, como relatou E15:

*[...] eu me considero, eu sou [...] bem humilde, de renda baixa e tudo, nem trabalho, mas eu já me considero privilegiada, de ter acesso à internet, que a minha família luta e consegue pra mim ter, pra ter a internet, mais por causa de mim, porque eu to fazendo o cursinho via on-line [...]. Agora, se eu não tivesse a internet, se eu não tivesse o meu notebook, ah! Esquece (APÊNDICE I, E15).*

Este princípio evoca notadamente a dimensão política da competência em informação, ainda que perpassem por ele aspectos éticos, técnicos, estéticos, ou colaborativos, por tratarem, por exemplo, do respeito ao coletivo, do desenvolvimento de habilidades e da criatividade e da cooperação na busca de soluções. A dimensão política ganha evidência por ser campo no qual são estabelecidos “os critérios de justiça e do bom governo e, examinando as condições sob as quais o homem pode atingir a felicidade (o bem-estar) na sociedade, em sua existência coletiva” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 220).

As ações que implicam esse conceito são tanto as de governos (em qualquer esfera), instituições não governamentais e das pessoas em geral. Neste sentido, cursos pré-vestibular populares, públicos e gratuitos, como aqueles nos quais foi desenvolvida esta pesquisa também contribuem para aumentar as oportunidades de acesso à universidade de pessoas de baixa renda. Enfim, a limitação de renda é um aspecto estrutural e que passa por uma solução mais ampla, envolvendo diferentes políticas públicas, ações de entidades da sociedade civil, voluntários e as próprias famílias.

## **PRINCÍPIO 10 – DESENVOLVIMENTO DE TÉCNICAS DE ORGANIZAÇÃO PESSOAL**

Conforme se pode inferir dos relatos dos estudantes, a pandemia potencializou dificuldades que já existiam, entre elas as técnicas de estudo e as técnicas de

organização pessoal, discutidas em vários momentos do capítulo 6. Em alguns casos, estas são associadas aos aspectos emocionais discutidos no princípio 6.

Quanto à organização pessoal, há uma percepção geral quanto a dificuldades de estabelecer prioridades, concentração e foco e persistência nas técnicas eventualmente adotadas. Depreende-se que nas aulas presenciais do ensino escolar, os estudantes seguiam a rotina determinada pela escola – os dias e horários de cada disciplina – e as dinâmicas – provas e conteúdos – estabelecidos pelos professores. A mudança para um novo formato e, principalmente, a pandemia escancaram uma dificuldade até então incógnita.

*[...]No início da quarentena muita coisa mudou na verdade [...]. Na quarentena, no início, foi difícil me adaptar, porque eu não tinha nenhum professor do meu lado como na sala de aula falando: ‘começa a estudar por esse assunto’..., ‘começa a fazer os exercícios dessa forma’..., ‘faz isso’..., ‘não vê isso agora [...].*

*Não estava conseguindo... Eu parei um pouco ali, em setembro, por aí, porque eu não seguia mais focar, as coisas já estavam... Sabe. Nesse momento eu não conseguia focar direito e estou tentando fazer tudo de novo.*

*E é difícil, é bem difícil, porque eu acordo cedo só eu tenho em mente que é para estudar e ter, no fim do dia, aquela conclusão que eu não estudei como... o tanto que eu deveria ter estudado [...]* (APÊNDICE I, E35).

Essa estudante é uma das que não consegue manter um padrão de organização pessoal.

*Vou falar bem a verdade: eu busco isso até hoje. Porque eu já tentei me organizar de todas formas e não consigo então eu só to vivendo um dia de cada vez e vejo como eu produzo melhor naquele dia, porque já tentei fazer cronograma, já tentei fazer igual sala de aula dividir horários por aula, mas não, não consigo levar adiante. Cada semana eu faço algo novo, não, não dá pra ter um critério da maneira que eu vou estudar até o ENEM. É muito difícil.*

**P1: Estuda mais as disciplinas em que você tem mais facilidade ou as que tem mais dificuldades?**

*No início do ano [2020] comecei nesse pensamento: ‘ah! Vou estudar o mais fácil primeiro ou o mais difícil primeiro’, mas agora no final do ano eu mudei. Eu não to fazendo assim tipo: ‘ah! Vai predominar a matemática, porque eu gosto mais e preciso relembrar tudo’. Não. [...] Agora no momento, no momento, porque é bem relativo, eu to fazendo uma ou duas matérias por dia, tipo: de manhã geografia, à tarde biologia. Não é nada de nível de dificuldade ou não. Porque eu quero rever tudo, sabe* (APÊNDICE I, E35).

A sobrecarga de informação igualmente contribui para o caos ou confusão mental dos estudantes.

*[...] ter vontade de ter o desejo de buscar informação, sabendo que constantemente a gente fica desatualizado. ‘Ai, eu to sempre atrasada’ [...].*

*Eu to sempre 'Eu não sei disso', é a sensação de não saber mesmo, que eu acho que essa sobrecarga causa. De estar perdido, de... Acho que é isso, assim, de não saber algo de às vezes pode estar todo mundo sabendo e você ainda não soube, porque aquela informação ainda não chegou para você, ou você não procurou ainda. [...]*

*Apesar de conhecer meu potencial e saber que já conquistei muita coisa que muita gente gostaria de ter conquistado, às vezes bate uma insegurança, porque a gente vê muita coisa na internet, a gente vê gente que às vezes, sei lá, estudava 25 horas por dia, e parece que o que a gente faz não é suficiente ou que não vai ter reflexos bons. Mas eu acho porque essas realidades que a informação traz para a gente também é que a gente tende a se comparar, que não é forma, mas às vezes a gente tende a se comparar. Eu acho que nesse ponto eu me sinto... às vezes me dá uma angústia, às vezes me dá um desânimo de continuar na nossa realidade, porque parece ser um caminho tão longo que tem pela frente. Eu acho que é nesses pontos que a informação, talvez, não seja tão boa quanto ela deveria ser, ou não caia tão bem quanto ela é (APÊNDICE I, E11).*

Os estudantes relatam diversas estratégias que adotam. Constata-se que aquela que funciona para um, não é apropriada para outro, caracterizando ainda mais a diversidade entre as pessoas. A competência em informação pode ajudar a abrir caminhos para que cada um descubra ou desenvolva a prática que melhor se ajusta ao seu perfil, tais como elaboração de resumo, construção de mapas mentais, anotações, explicar o conteúdo para amigos ou familiares, falar sozinho sobre o conteúdo, ler em voz alta, entre outras técnicas citadas pelos entrevistados.

Os impasses relatados pelos participantes da pesquisa evocam consideração de Belluzzo (2018, p. 16), a qual ressalta a que o desenvolvimento da capacidade de o aprendizado implica em “disciplina, foco, precisão, pressupondo-se criatividade, responsabilidade e concentração, sendo que as pessoas assumem um papel de protagonistas nos seus estudos e aprender como estudar aquilo que é de seu interesse”.

## **PRINCÍPIO 11 – DESENVOLVIMENTO DE TÉCNICAS DE ESTUDOS**

Embora possam seguir a mesma lógica abordada no princípio anterior, as técnicas de estudo são mais voltadas para as formas como o estudante absorve a informação. Neste caso, se constata que os estudantes adotam a linha de tentativa e erro também na definição de uma estratégia. As mais comuns são formas de escrever à mão – resumos, anotações, anotações em papéis adesivos.

Conforme relatado na seção 6.2.4, sobre a incorporação da informação nos estudos, a experiência dos professores pode contribuir para o desenvolvimento de técnicas adequadas a cada estudante.

*Meu professor de biologia do primeiro ano [ensino médio], ele ensinou a gente a fazer um mapa mental. [...] algumas vezes que eu tinha necessidade de tentar entender melhor o assunto aí eu fazia o mapa mental e eu acho isso muito válido [...]. É mais fácil para entender do que para escrever um resumo, por exemplo, para mim [...]. Porque o olho ali e eu já sei que que eu escrevi ali, é mais fácil de entender, para mim. Então, pode ser mapa mental, ou até pequenos resumos também (APÊNDICE I, E36).*

Ao enfatizar que a técnica é adequada para ela, essa estudante tem a dimensão de que a adoção de cada estratégia é uma decisão subjetiva, individual. Cada um pode se ajustar a uma prática diferente. Também como sugestão de um docente, E10 descobriu outra fórmula para organizar seus estudos. “[...] foi um negócio que o professor falou que é tipo assim botar em papel. Tudo o que a gente tem dificuldade é aquilo que a gente sabe, mas não sabe 100% pra poder continuar estudando, pra entender completamente [...]”. Para ele, é fundamental “[...] tirar um tempo só para estudo, tipo esquecer o resto, só pra estudar” (APÊNDICE I, E10).

A pesquisa revelou, ainda, algumas nuances importantes que podem ser consideradas pelas instituições de ensino. A principal delas é a oralidade e o audiovisual, que se alinha também a uma das principais reclamações dos estudantes quanto à pandemia e ao isolamento social, que é a distância dos professores para ouvir uma explicação oral. Os entrevistados dizem preferir explicações orais e gostam de complementar seus estudos assistindo vídeos, que também trazem explicação verbal – na seção 6.2.2, que trata da diversidade, avaliação e seleção das fontes, verifica-se que a plataforma de vídeos YouTube é a segunda fonte de informações mais procurada pelos entrevistados na internet.

Além do crescimento da busca por vídeos como forma de reforço ao aprendizado, os estudantes também citam a eficiência de falar para outras pessoas aquilo que aprendem. “[...] tenho um grupo com dois amigos meus do cursinho, então, a gente sempre conversa por ali [...]. falo muito sozinha, [...] eu converso comigo enquanto eu to estudando” (APÊNDICE I, E03); “explico pros outros, pra minha família; explico pra mim mesma” (APÊNDICE I, E15).

No seu depoimento, E03 trata da formação de grupos de estudos, é mais uma estratégia adotada e pela qual também perpassa a oralidade. A experiência também foi adotada por E02.

*[...] mesmo que eu procurava os professores-mentores, falava ‘olha eu tenho dificuldade nisso, vocês acham que deveria dar atenção?’ ‘a quanto tempo... quanto tempo deveria ficar em cima desse conteúdo?’ isso aqui vale a pena estudar ou eu passo?’ e, principalmente, [...] quando não aprendia muito ali na aula, no EAD, e aí a gente ia pro exercício, e aí você fazia exercício, você tirava dúvida, mas ainda ficava algo muito raso, e aí o conteúdo da outra semana dependia daquele e isso acabava embolando, e a gente tinha cinco seis aulas por dia, mais monitoria, mais aula extra, então, assim, não dava pra conseguir abarcar tudo isso, né. Então, estudar on-line foi uma missão. Um dos meios foi fazer um grupo de estudos, com outros alunos, pra se sentir um pouco mais inserido e todo mundo conseguia junto [...]. eu acredito que, se fosse sozinho, sem ninguém, sem nenhum aluno seria muito mais difícil, só tendo a orientação do professor, porque a realidade do professor é muito diferente da realidade do aluno. Então, você está junto com alunos é melhor, mas mesmo esse processo sendo on-line também é complicado [...]* (APÊNDICE I, E02).

E35 relata uma experiência que, apesar de positiva, a preocupou. Como outros, a estudante afirma que prefere uma explicação oral, pois tem dificuldades com livros e textos. “[...] eu sempre entendi os conteúdos e as coisas quando alguém me explica, mas explica assim de uma forma como se fosse uma conversa [...]”. Da mesma forma, ela reconhece que compreende melhor os conteúdos que ela explica. Desta forma, no ensino fundamental, ela encontrou uma alternativa, que era trocar ideias com uma colega de aula. “[...] Nas minhas provas de ensino fundamental eu costumava sempre ligar para minha amiga e a gente estudava juntas. Então, uma fazia pergunta pra outra [...]”. O problema é que no ensino médio as duas colegas foram estudar em escolas diferentes. “[...] não tive mais isso. Então, pra mim foi um pouco difícil começar a estudar sozinha, sem fazer perguntas e responder perguntas [...]” (APÊNDICE I, E35).

A constatação é de que a estratégia de E35 e sua colega foi boa e, de certa forma, inovadora. À pergunta se ela deveria ser estimulada por pais e professores, a resposta provável seria afirmativa. No entanto, o que restou foi uma dificuldade, dada o contexto que a estudante disse ter desenvolvido a partir dessa estratégia: “[...] eu acho que eu criei algo que não era para ter sido criado” (APÊNDICE I, E35).

Há mais uma estratégia para a qual os estudantes manifestam imenso desejo de elaborar, que é uma forma de identificar as informações falsas ou *fake news*. O tema é um dos mais citados entre dificuldades e desafios e a principal prática para identificar

a notícia sem credibilidade que eles mencionam é a comparação entre *sites*, incluindo as páginas que consideram confiáveis.

Como no caso das técnicas de organização pessoal, as práticas de estudo dependem da capacidade de cada pessoa para se adaptar a cada uma delas. No entanto, nos dois casos, talvez seja adequado que pais e escolas promovam nos estudantes uma reflexão a respeito das possíveis técnicas que possam ser adotadas, pois podem ser consideradas princípios norteadores da competência em informação.

Estratégias e técnicas de organização pessoal e de estudos integram as funções executivas (FE) um campo de estudos da neuropsicologia. Para Cardoso (2017, p. 5), as FE têm “papel crucial na educação e são relevantes para aprendizagem e comportamento autorregulatório”. Como “construto multidimensional”, as FE articulam a capacidade de o estudante “se organizar e regular o comportamento e todas as demais habilidades mentais para atingir um objetivo específico e para responder às demandas de tarefas complexas”.

Embora considere que ainda não haja consenso quanto aos componentes da FE, a autora entende que dispositivos externos, lembretes ou pista por escrito integram a modalidade chamada de Instrução de Estratégias Cognitivas/Abordagem Metacognitiva, cujo “objetivo é ensinar as crianças a observar, avaliar, monitorar e gerenciar suas habilidades cognitivas” (CARDOSO, 2017, p. 20). Nesta abordagem também estão inclusos “o ensino direto do processo sistemático de organização, resolução de problemas e como se monitorar e regular o comportamento” (CARDOSO, 2017, p. 20).

Como ocorre em geral com nos diversos campos de estudo, os autores se dividem quanto à forma de estruturação das FE. Cardoso (2017, p. 12) relata dois modelos, ambos compostos pela “flexibilidade cognitiva, atualização/memória de trabalho e inibição”. A autora adere a um desses modelos, no qual esses três fatores “permitem o gerenciamento das atividades diárias na rotina da criança e que formam a base para outras habilidades mais complexas, tais como, raciocínio, resolução de problemas e planejamento”. Nesta concepção, a flexibilidade cognitiva se constitui na “capacidade de alternar entre tarefas e focos atencionais, assim como de considerar novas e diferentes alternativas visando se adaptar a imprevistos e a diferentes demandas do ambiente” (CARDOSO, 2017, p. 13). Essa habilidade permite “abordar um mesmo problema a partir de diferentes perspectivas, buscando, como respostas, alternativas novas e criativas” (CARDOSO, 2017, p. 13).

Entre as funções executivas consideradas no modelo analisado por Cardoso (2017), está o planejamento, que consiste em ‘pensar antes’ (destaque da autora), ou seja, a capacidade de “elaborar e executar um plano de ação”, estipulando as etapas para alcançar um determinado objetivo. “Esse processo também inclui a organização, ou seja, competência de sistematizar informações ou materiais necessários à execução da tarefa” (CARDOSO, 2017, p. 13).

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese tratou da competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos: em busca de relações e de princípios norteadores. A pesquisa buscou compreender a sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos com vistas à busca de relações e de princípios norteadores ao desenvolvimento da competência em informação no referido público. Inicialmente, foi realizada pesquisa bibliográfica para descrever o cenário de competência, sobrecarga e vulnerabilidade em informação. A pesquisa de campo, por meio de entrevistas, investigou se os estudantes sentem a ocorrência da sobrecarga de informação e as possíveis relações com a competência em informação e a eventual ocorrência de vulnerabilidade em informação entre os estudantes entrevistados. Houve uma pesquisa documental a respeito dos cursos pré-vestibular nos quais foi feita a pesquisa.

A partir da pesquisa bibliográfica e das entrevistas foi possível vislumbrar um panorama que permite a melhor compreensão dos aspectos relacionados à sobrecarga de informação no público-alvo, bem como refletir sobre 11 princípios norteadores, extraídos das entrevistas e que se apresentam de maneira holística, considerando a informação em todos os aspectos da vida dos estudantes. Alguns desses princípios corroboram com a literatura, enquanto outros suscitam debates, pesquisas e estudos acerca de novos aspectos que precisam ser incorporados e aprofundados pela competência em informação.

Entre os princípios identificados nas falas dos estudantes, estão pontos como a consideração da competência em informação como metalinguagem, processo que envolve crítica e autocritica conduzindo para um aprendizado contínuo e de emancipação e autonomia do estudante para a condução do próprio aprendizado. Também surgem, como princípios norteadores, o fortalecimento da educação básica, ampliação do apoio institucional, mecanismos para atenuar as limitações de renda das famílias e o desenvolvimento de técnicas de organização pessoal e de estudos. Por fim, o apoio dos pais e políticas públicas e gestão escolar são fundamentais para a superação de problemas relacionados às questões de natureza emocional e na criação de ambientes domésticos e públicos/coletivos (biblioteca de bairro etc.) favoráveis ao desenvolvimento de estudos, notadamente com cuidados quanto à ergonomia e à redução de fatores de distração, como barulhos.

Da mesma forma que o objetivo central, os específicos foram alcançados. Os estudantes reconhecem a sobrecarga de informação e relatam sintomas psicossomáticos. Entretanto, em sua maior parte, eles não se consideram prejudicados pelo excesso de informação, exceto no que diz respeito a informações desnecessárias ou inverídicas. Para a maior parte deles, a grande quantidade de informações agrega conhecimento. O grau de competência em informação que eles demonstram corresponde à capacidade de superar a superabundância de informação.

Os entrevistados relatam dificuldades e fatores que muitas vezes os fazem se sentir vulneráveis em informação. Há sentimentos quanto a dificuldades com o aprendizado, compreensão de conteúdos (em especial, linguagens e exatas) e com a identificação de informações equivocadas ou inverídicas. A insegurança em relação à informação ou de compreensão de conteúdos afeta em torno de 80% dos entrevistados. As disciplinas de exatas e questões de atualidade, em especial política, economia e pandemia, são os temas considerados mais problemáticos. Em casos extremos, alguns sentem-se com autoestima baixa e chegam a usar expressões como “burros” para se descrever. São percebidos nas respostas casos de dificuldade de compreensão dos sentidos dos códigos, o letramento em si, que denotam uma fragilidade em nível básico de competência em informação.

Em estudo no campo da neuropsicologia, Cardoso (2017) lança o alerta de que crianças que com prejuízos em atividades acadêmicas como a leitura, a escrita, a matemática ou pré-acadêmicas, nas quais se incluem a consciência fonológica e os conhecimentos ortográfico e matemático, “se beneficiam menos em sala de aula, podem desenvolver percepções negativas de si mesmos [...] e podem apresentar um comprometimento significativo em seu desempenho escolar e social, aumentando o risco de desenvolver transtornos de aprendizagem” (CARDOSO, 2017, p. 14).

Embora nem todos os estudantes entrevistados consigam aplicar em seu dia a dia ou mesmo conheçam os fundamentos da competência em informação, nas entrevistas eles trazem reflexões pertinentes sobre particularidades consagradas na literatura. Uma preocupação recorrente é quanto à confiabilidade de fontes e informações, notadamente no que se refere ao risco de consumir ou disseminar *fake news*.

Outra conclusão relevante da pesquisa é a elevada consideração que os entrevistados têm das bibliotecas. Ainda que alguns não cogitem mais utilizar bibliotecas físicas, a maioria dos participantes da pesquisa dizem que poderiam usá-las

e alguns manifestam maior apreço por elas. Alguns dos estudantes defendem a instalação de bibliotecas nos bairros ou comunitárias, para consulta e empréstimos de acervo físico como acesso à internet, espaços de estudos e de leitura. A premissa é de que o acesso à informação é uma necessidade básica.

As experiências que os estudantes trazem ao longo de sua trajetória escolar podem deixar marcas positivas ou negativas. Nas entrevistas, surgiram relatos de situações de apoio de professores e outro de trauma causado por comentário do docente a respeito da incapacidade cognitiva de uma estudante, que se diz bloqueada para a matemática. O desenvolvimento do estudante, inclusive sob questões emocionais e psicológicas, deve merecer a atenção da comunidade escolar – das famílias aos profissionais da educação – gestores, pedagogos e bibliotecários.

Considerando-se que a vulnerabilidade se caracteriza pela incapacidade ou falta de autonomia para a solução de problemas, não é recomendável julgar, determinar ou atribuir a alguém a condição de vulnerável, em especial da vulnerabilidade secundária. Além disso, conforme definição de Kottow (2004, p. 72), a vulnerabilidade “significa estar suscetível”, está associada a “circunstâncias desfavoráveis” sendo, portanto, um “estado circunstancial”. Tais expressões denotam que a vulnerabilidade pode ser superada quando a pessoa adquire resiliência, sendo, portanto, mais adequado falar “estar” do que “ser” vulnerável.

Desta forma, os três estudantes que, mesmo aprovados no vestibular, perderam a vaga na universidade por não terem compreendido adequadamente o edital, pode se constituir em, mas não obrigatoriamente é, um estado de vulnerabilidade, mais especificamente de vulnerabilidade em informação. Ainda que eles tenham aprendido com o episódio, os três tiveram prejuízos expressivos, que se agravarão caso a vaga não venha a ser reconquistada. Os episódios confirmam a definição de vulnerabilidade em informação proposta por Vitorino (2018, p. 82) de que se trata de “um estado de susceptibilidade a danos causados às pessoas [...] devido à ausência de resiliência no que concerne o desenvolvimento das dimensões técnica, estética, ética e política da competência em informação” (VITORINO, 2018, p. 82).

Ainda que a pandemia tenha concorrido para gerar imprevistos e impedir o fluxo planejado da pesquisa, seu surgimento acrescentou elementos para o estudo, enriquecendo-o com exemplos e narrativas, especialmente quanto ao isolamento social e aulas *on-line*. Parte dos estudantes sentiu fortemente os reflexos dessa

imprevisibilidade e, outra, sentiu ter amadurecido e melhorado sua competência em informação em decorrência da nova realidade vivida a partir de março de 2020.

O estudo aqui apresentado não é definitivo ou absoluto. Ele representa um recorte de uma realidade, a partir das perspectivas teóricas e conceituais da pesquisadora e dos participantes, dentro de um momento histórico. A expectativa é que ele contribua para o desenvolvimento do arcabouço de conhecimento a respeito do tema.

Todos os temas aqui abordados podem ser aprofundados. Entre a grande quantidade de sugestões de novas pesquisas, algumas merecem ser destacadas:

- como os pais e famílias podem se inserir no contexto do desenvolvimento da competência em informação de seus filhos;
- de que maneira os ambientes domésticos podem ser aperfeiçoados para se transformarem em locais mais adequados para os estudos;
- como os pais, as famílias, as comunidades escolares e as autoridades gestoras da educação podem interferir para promover a saúde mental de jovens e adolescentes, intervindo na redução de transtornos;
- o desenvolvimento da competência em informação em estudantes da educação básica, contando com a participação das bibliotecas escolares;
- o papel dos profissionais da informação em todas estas abordagens.

Como foi dito, estas são algumas das possibilidades de pesquisas que podem ser aprofundadas.

É importante lembrar que, como afirma Belluzzo (2017), o desenvolvimento da competência em informação é uma agenda comum entre as áreas da educação, em especial por suas novas teorias – e da informação. Desta forma, é papel da biblioteca e do bibliotecário tomar à frente na promoção da competência em informação. Diversos dos princípios norteadores identificados requerem ação efetiva dos pais e familiares dos estudantes. E esta ponte também deve ter participação, legítima, dos profissionais da informação, na linha do que Mata (2006, p. 38) chama de “bibliotecário educador”.

A respeito disso, é relevante considerar que a estratégia para superar dificuldades em informação mais citada pelos entrevistados é pedir ajuda a alguma pessoa de referência, notadamente os professores. Nesta questão, os bibliotecários ficaram “invisíveis”, pois não citados por nenhum dos entrevistados. Denota-se disto, que o papel de bibliotecário-educador não é percebido pelos estudantes entrevistados.

A satisfação pessoal pela condução desta pesquisa se revela no conjunto de conhecimentos que a investigação agregou à pesquisadora e nas conclusões das entrevistas, nas quais diversos estudantes salientaram a importância de terem participado, de poderem expor seus sentimentos, de terem tido a oportunidade de expressar suas opiniões. Alguns se sentiram orgulhosos de terem participado de uma pesquisa de doutorado e não esconderam o desejo de um dia estarem realizando uma investigação desta natureza. Desta forma, o retorno dos resultados da pesquisa aos cursos e aos entrevistados faz-se necessário, pois fará a devida conexão entre a Universidade e a comunidade, em especial as pessoas que mais carecem de informação e instrumentos para lidar com ela, auxiliando a minimizar a vulnerabilidade em informação.

## REFERÊNCIAS

ALLERIE, Karine; MCNICOL, Sarah. Are social networking *sites* information sources? Informational purposes of high-school students in using SNSs. **Journal of Librarianship and Information Science**. v. 50, n. 1. p. 103-114, 2018. Disponível em: <https://journals-sagepub-com.ez46.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1177/0961000616631612>. Acesso em: 11 abr. 2019.

ALA. Association of College & Research Libraries (ACRL), American Library Association, dynamically generated page. **Presidential Committee on Information Literacy**: Final Report. Washington, D. C. 1989. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acesso em: 02 fev. 2018.

ALA. The Association of College and Research Libraries. A division of the American Library Association. Information Literacy Competency Standards for Higher Education. Chicago: ALA, 2000. Disponível em: <https://alair.ala.org/handle/11213/7668>. Acesso em: 10 maio 2019.

ALENZUELA, Reysa *et al.* "Building information research skills in the Pacific region", **Global Knowledge, Memory and Communication**, v. 68 n. 3, p. 177-190, 2019. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/GKMC-05-2018-0049/full/html?skipTracking=true>. Acesso em: 11 abr. 2019.

ALMEIDA, Fernanda Gomes; CENDÓN, Beatriz Valadares. Avaliação do impacto do treinamento sob a perspectiva da Competência Informacional: o caso do Portal de Periódicos da Capes. **Em Questão**, v. 21, n. 1, jan./abr. 2015. p. 27-50. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/49451/34205>. Acesso em: 11 abr. 2018.

ALVES, Elaine Jesus. **Formação de professores, Literacia Digital e Inclusão Sociodigital**: estudo de caso em curso a distância da Universidade Federal do Tocantins. 2017. 384 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade do Minho, Instituto de Educação, Braga, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/685>. Acesso em: 07 jul. 2018.

ALVES, Ermeson Nathan Pereira; BEZERRA, Sarah Freire; SAMPAIO, Débora Adriano. Ansiedade de informação e normose: as síndromes da sociedade da informação. **Biblion-line**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 130-139, 2015. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/viewFile/17168/14657>. Acesso em: 01 jun. 2018.

ALVES, Mirian Ferreira; SUAIDEN, Emir José. Bibliotecas públicas e letramento informacional. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, jan./abr. p. 214-241, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245221.214-241>. Acesso em: 27 fev. 2018.

AMARAL, Rogerio do. **Exposição privada nas redes sociais: uma análise sobre o Facebook na sociedade contemporânea.** Presidente Prudente: [s. n.], 2016. 215 f. Orientador: Divino José da Silva. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143853/amaral\\_r\\_dr\\_fct.pdf?sequence=3](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143853/amaral_r_dr_fct.pdf?sequence=3). Acesso em: 02 set. 2019.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília-DF, v. 32, n. 3, p. 21-27, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a13.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 4, p. 57-79, 2014a. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/19120/10827>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação.** São Paulo: KMA, 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação? **Informação & Informação.** (UEL. *On-line*), v. 19, p. 1-30, 2014b. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958/14205>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ASCOM. Capital Teresina. **Jovens da geração Y estão cada vez mais conectados com o mundo digital:** essa geração que também é chamada de Geração da Internet cresceu vendo os avanços nos veículos. 2014. Disponível em: <http://www.capitalteresina.com.br/noticias/tecnologia/jovens-da-geracao-y-estao-cada-vez-mais-conectados-com-o-mundo-digital-23504.html>. Acesso em: 07 ago. 2016.

AVELINO, Ana Flávia Andrade; LÖBLER, Mauri Leodir; FLAVIANO, Viviane. Sobrecarga de informação no processo decisório: o papel da motivação epistêmica na resposta individual. *In: XXXIX ENCONTRO DA ANPAD.* 2015, Belo Horizonte, MG. **Anais [...].** Disponível em: [http://ufr.br/administracao/index.php?option=com\\_phocadownload&view=category&download=163:sobrecarga-de-informacao&id=25:tema-6&Itemid=232#:~:text=Durante%20o%20processo%20de%20busca,quando%20ao%20inv%C3%A9s%20de%20auxiliar](http://ufr.br/administracao/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=163:sobrecarga-de-informacao&id=25:tema-6&Itemid=232#:~:text=Durante%20o%20processo%20de%20busca,quando%20ao%20inv%C3%A9s%20de%20auxiliar). Acesso em: 12 jun. 2020.

BALBINOTTI, Stheve. Ansiedade, ansiedade informacional, *home office* e teletrabalho: desafios para os bibliotecários em tempos de pandemia. *In: SPUDEIT, Daniela; SOUZA, Cláudia (orgs.). Atuação de profissionais da arquivologia, biblioteconomia e museologia em época de pandemia.* Florianópolis (SC): Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 53-70.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 5. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.

BAWDEN, D. Information and digital literacies: a review of concepts. **Journal of Documentation**, v. 57, n. 2, p. 218-259, 2001. Disponível em: <https://repository.arizona.edu/bitstream/handle/10150/105803/bawden.pdf;jsessionid=5634ABC8790771D2ADB11BD9802736CF?sequence=1>. Acesso em: 20 maio 2019.

BBC. **'Nativos digitais' não sabem buscar conhecimento na internet, diz OCDE**. 31 maio 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57286155>. Acesso em: 01 ago. 2021.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. A information literacy como competência necessária à fluência científica e tecnológica na sociedade da informação: uma questão de educação. *In*: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO DA UNESP, 7., 2001, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: UNESP, 2001. Disponível em: [http://www.simpep.feb.unesp.br/anais\\_simpep\\_aux.php?e=8](http://www.simpep.feb.unesp.br/anais_simpep_aux.php?e=8). Acesso em: 31 jul. 2018.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Competência em informação no Brasil: cenários e espectros**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/214>. Acesso em: 23 maio 2020.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 30-50, jun. 2005. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/download/772/787>. Acesso em: 10 maio 2017.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O estado da arte da competência em informação (CoInfo) no Brasil: das reflexões iniciais à apresentação e descrição de indicadores de análise. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 13, n. especial, p. 47-76, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/648>. Acesso em: 25 abr. 2021.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; FERES, Glória Georges. Inteligência, criatividade e competência e informação: uma articulação necessária no contexto social contemporâneo. *In*: ALVES, Fernanda Maria Melo; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; LUCAS, Elaine Rosangela de Oliveira (orgs.). **Competência em Informação: Políticas Públicas, teoria e prática**. Salvador, BA: EDUFBA, 2016. p. 125-153.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; SANTOS, Camila Araújo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A Competência em Informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, maio/ago. p. 60-77, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n2p60>. Acesso em: 27 fev. 2018.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BERRÍO ZAPATA, Cristian. Entre la alfabetización informacional y la brecha digital: Reflexiones para una reconceptualización de los fenómenos de exclusión digital. **Rev. Interam. Bibliot.** Medellín, v. 35, n. 1, p. 39-53, 2012. Disponível em: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/RIB/article/view/13333/11932>. Acesso em: 27 fev. 2018.

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORGES, Ana Luiza Vilela; FUJIMORI, Elizabeth. **Enfermagem e a saúde do adolescente, na atenção básica**. São Paulo: Manole, 2009.

BORKO, Harold. Information Science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.5090190103/epdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris *et al.* **Formação do professor como agente letrado**. São Paulo: Contexto, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (Ciências sociais da educação). Disponível em: <https://mega.nz/fm>. Acesso em: 13 jun. 2020. [Capítulo, p. 71-19].

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. *In*: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. DOU nº 12, quinta-feira, 13 de junho de 2013, Seção 1, página 59. Disponível em: <https://cep.paginas.ufsc.br/files/2010/06/Reso466.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. **Edital PROEX nº 16/2019 Protagonismo discente**. Relatório de propostas recebidas e distribuídas à avaliação. Florianópolis: Instituto Federal de Santa Catarina. Disponível em: [https://www.ifsc.edu.br/documents/30713/1567917/Edital\\_Protagonismo\\_2019+Retificado+16.05.2019.pdf/858d24f9-52ce-4cf4-9f09-dc7cd608805e](https://www.ifsc.edu.br/documents/30713/1567917/Edital_Protagonismo_2019+Retificado+16.05.2019.pdf/858d24f9-52ce-4cf4-9f09-dc7cd608805e). Acesso em: 04 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.

BRASIL. Ministério das Comunicações. IBGE. **Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet**: dados são referentes a 2019 e representam um crescimento de 3,6 pontos percentuais em relação a 2018. Ascom/Ministério das Comunicações, Brasília, DF: 2021. [Publicado em 14/04/2021 17h12 Atualizado em 14/04/2021 17h17.]. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>. Acesso em: 15 maio 2021.

BRETAS, Maria Beatriz Almeida Sathler. **Interações telemáticas**: um estudo sobre jovens internautas de Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000. 231 p. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EARM-74HPK5/tese.pdf?sequence=1>. Acesso em: maio, 2019.

BRUCE, Christine Susan. Information Literacy as a Catalyst for Educational Change. A Background Paper. *In*: Danaher, Patrick Alan, Eds. **Proceedings Lifelong Learning: Whose responsibility and what is your contribution? the 3rd International Lifelong Learning Conference**, Yeppoon, 2004. p. 8-19.

BRUCE, Christine Susan. Information literacy research: dimensions of the emerging collective consciousness. **Australian Academic and Research Libraries (AARL)**. v. 31, n. 2, p. 91-109, 2000.

BURCHINAL, Lee G. The Communications Revolution: America's Third Century Challenge. *In*: **The future of organizing knowledge**: papers presented at the Texas A & M University Library's Centennial Academic Assembly, Sept. 24, 1976 (College Station, Tex.: Texas A & M University Library, 1976. Disponível em: [https://personalpages.manchester.ac.uk/staff/drew.whitworth/burchinal\\_the\\_communications\\_revolution.pdf](https://personalpages.manchester.ac.uk/staff/drew.whitworth/burchinal_the_communications_revolution.pdf). Acesso em: 12 jan. 2018.

CAMPBELL, Alastair V. Pessoas vulneráveis: experiências e esperanças. *In*: GARRAFA, Volnei; PESSINI, Leo (orgs.). **Bioética: poder e injustiça**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 87-93.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. 2003. Disponível em: [http://www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm). Acesso em: 13 jun. 2020.

CARDOSO FILHO, Jair Cunha; ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique de. Sistema de prospecção de competências emergentes: proposta de modelo. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jan./abr. p. 246-272, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245222.246-272>. Acesso em: 12 jan. 2018.

CARDOSO, Caroline de Oliveira. **Programas de intervenção neuropsicológica precoce-preventiva**: estimulação das funções executivas em escolares. 2017. 196 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUCRS. Porto Alegre. RS: 2017. Disponível em: [http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7287/2/TES\\_CAROLINE\\_DE\\_OLIVEIRA\\_CARDOSO\\_PARCIAL.pdf](http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7287/2/TES_CAROLINE_DE_OLIVEIRA_CARDOSO_PARCIAL.pdf). Acesso em: 12 jul. 2021.

CARTA DE MARÍLIA. Marília: UNESP; UnB; IBICT, 2014. Disponível em: [https://ofaj.com.br/textos\\_conteudo.php?cod=546](https://ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=546). Acesso em: 23 nov. 2019.

CARVALHO SILVA, Jonathas Luiz; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Um olhar sobre a origem da ciência da informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 1-29, abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p1>. Acesso em: 24 jun. 2019.

CAVALCANTI, Marcelo José. **Metodologia para estudo de caso**: livro didático. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.

CEDLAN – Centro Educacional do Lago Norte. Projeto Político-Pedagógico 2018. GDF – SEE – CRE Plano Piloto. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/pppcedlanppc-12nov18.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2019.

CHEN, Lin Ching; HUANG, Tsai-Wei; CHEN, Yaw-Huei. The effects of inquiry-based information literacy instruction on memory and comprehension: A longitudinal study. *Library and Information Science Research*. v. 39, 256–266, 2017. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S0740818816303012?token=4AB2E9E79515BBEF8986C88A8D22E87C776B45D3F004A6220C2772BE8510A47CF0B1CEE1F4C8DF1771BA461DE8DF3DDB>. Acesso em: 11 abr. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Programa Banco Social de Serviços em Psicologia. Relatório final. 2005. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/DVC\\_relatorio\\_final.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/DVC_relatorio_final.pdf). Acesso em: 01 jul. 2019.

CORREIA, Ana Maria Ramalho. Information literacy for an active and effective citizenship. 2002. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Information-Literacy-for-an-Active-and-Effective-Correia/a0e67eab49d5e6e01fe49270a15018088949ab6a>. Acesso em: 02. jun. 2019.

CORTELAZZO, Angelo Luiz; ELISEI, Cristina de Carvalho Ares. Desempenho dos estudantes de cursos presenciais e a distância no Enade em 2015, 2016 e 2017. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação [online]. 2021, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002902247>. Acesso em: 02. jun. 2019.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed: Bookman, 2010.

CRUZ, Magda Rosa Ramos da; PERINI, Carla Corradi; CAMPOS, Antônio Carlos Ligoeki. Autonomia e cirurgia bariátrica na adolescência. *In*: ROSANELI, Caroline Filla (org.) **Contexto, conflitos e escolhas em alimentação e bioética**. Curitiba: PUCPress, 2016. Disponível em: [http://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/03/contextos\\_conflitos\\_e\\_escolhas.pdf](http://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/03/contextos_conflitos_e_escolhas.pdf). Acesso em: 25 jun. 2019.

DANTAS, M. **Trabalho com informação**: valor, acumulação, apropriação nas redes do capital. Rio de Janeiro: Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, 2012.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. Tradução: Bernadette Siqueira Abrão. 6. ed. São Paulo: Futura, 1998.

DAVIS, G. Megan; WATSON, Elaine. Creating an *on-line* information literacy course for concurrent enrollment students: a collaboration with a state-sponsored *on-line* school, **College & Undergraduate Libraries**, v. 24, n. 1, 29-50, 2017. Disponível em: <https://www.tandfon-line.com/doi/pdf/10.1080/10691316.2016.1190676>. Acesso em: 11 abr. 2019.

DE AQUINO, Carlos Tasso Eira. **Como aprender**: andragogia e as habilidades de aprendizagem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.

DE LUCCA, Djuli Machado de. **Princípios para o desenvolvimento da competência em informação do idoso sob o foco da dimensão política**. 2019. 424 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PCIN0205-T.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.

DE LUCCA, Djuli Machado; VITORINO, Elizete Vieira. Competência em informação e necessidades de informação de idosos: o papel do profissional da informação nesse contexto. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 458-483, mar. 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/30127>. Acesso em: 04 abr. 2019.

DECLARAÇÃO DE MACEIÓ sobre a Competência em Informação. Maceió, 2011. Disponível em: [http://febab.org.br/declaracao\\_maceio.pdf](http://febab.org.br/declaracao_maceio.pdf). Acesso em: 23 nov. 2019.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 1998. 120 p.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. 7. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michele. O delineamento da pesquisa qualitativa. *In*: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 127-153.

DOHERTY, John J. “No Shhing: Giving Voice to the Silenced: An Essay in Support of Critical Information Literacy” (2007). **Library Philosophy and Practice** (e-journal). 133. Disponível em: <http://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/133>. Acesso em: 25 maio 2019.

DOYLE, Christine. Outcome Measures for Information Literacy Within the National Education Goals of 1990: Final Report of the National Forum on Information Literacy. **Summary of Findings (ERIC document no. ED 351033)** (US Department of Education, Washington, DC, 1992). Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED351033.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.

DUARTE, Emeide Nóbrega *et al.* Comportamento e competência em informação: uma experiência de extensão universitária. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 553-575, out. 2012. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/859>. Acesso em: 15 ago. 2020.

DUDZIAK, E. A. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15970.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Bibliotecário como agente multiplicador da competência informacional e midiática. *In book: Competência em informação: de reflexões às lições aprendidas*. Editora: FEBAB, Editors: FEBAB, p. 209-224. São Paulo: FEBAB, 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/282576068\\_Bibliotecario\\_como\\_agente\\_multiplicador\\_da\\_competencia\\_informacional\\_e\\_midiatica](https://www.researchgate.net/publication/282576068_Bibliotecario_como_agente_multiplicador_da_competencia_informacional_e_midiatica). Acesso em: 15 set. 2019.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy education: integração pedagógica entre bibliotecários e docentes visando a competência em informação e o aprendizado ao longo da vida. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS - SNBU*. 2002, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/47.a.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2016.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Em busca da pedagogia da emancipação na educação para a competência em informação sustentável. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 166–183, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1925>. Acesso em: 15 abr. 2021.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Políticas de Competência em Informação: leitura sobre os primórdios e a visão dos pioneiros da Information Literacy. *In: ALVES, Fernanda Maria Melo; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; LUCAS, Elaine Rosangela de Oliveira (orgs.). Competência em Informação: políticas públicas, teoria e prática*. Salvador, BA: EDUFBA, 2016. p. 19-50.

EINSTEIN Floripa Pré-Vestibulares. 2021. Disponível em: <https://einsteinfloripa.com.br/sobre-nos/>. Acessado em: 26 abr. 2021.

EINSTEIN Floripa Pré-Vestibulares. Florianópolis, SC, [2017?]. Disponível em: <https://einsteinfloripa.com.br/wp-content/uploads/Institucional.pdf> Acesso em: 12 jun. 2020.

EINSTEIN Floripa Pré-Vestibulares. **Relatório de Impacto 2020**. Disponível em: [https://einsteinfloripa.com.br/wp-content/uploads/Relat%c3%b3rio-Impacto-2020\\_FINAL-2.pdf](https://einsteinfloripa.com.br/wp-content/uploads/Relat%c3%b3rio-Impacto-2020_FINAL-2.pdf). Acesso em: 26 jun. 2021.

ELMBORG, James. Critical information literacy: implications for instructional practice. **Journal of Academic Librarianship**, v. 32, n. 2, p. 192-199, mar. 2006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/sdfe/reader/pii/S0099133305001898/pdf>. Acesso em: 19 dez. 2018.

ERHARDT, Caroline; PERINI, Carla Corradi. Ética e o direito humano à alimentação adequada. In: ROSANELI, Caroline Filla (org.) **Contexto, conflitos e escolhas em alimentação e bioética**. Curitiba: PUCPress, 2016. 248 p. Disponível em: [http://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/03/contextos\\_conflitos\\_e\\_escolhas.pdf](http://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/03/contextos_conflitos_e_escolhas.pdf). Acesso em: 25 jun. 2019.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

FERREIRA, João Rodrigo Santos; LIMA, Paulo Ricardo Silva; SOUZA, Edivanio Duarte de. Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das *fake news* no cenário da COVID-19. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 30-58, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/102195/59076>. Acesso em: 16 jun. 2021.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FLÔRES, Onici Claro. (Meta) Linguagem. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 243-261, jan./jun. 2011. Universidade de Santa Cruz do Sul. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15389> Acesso em: 8 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOX, Lynne M.; RICHTER, Judith M.; WHITE, Nancy E. A multidimensional evaluation of a nursing information literacy program. **Bulletin of the Medical Library Association**, v. 84, n. 2, p. 182-190, abr. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo\\_freire\\_pedagogia\\_do\\_oprimido.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf). Acesso em: 17 jan. 2019.

**G1. Brasil registra pior alta na média móvel de casos de Covid desde março.**

Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_14b6b7a184014cfa87b8fe37a6ada1af.pdf//g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/21/brasil-registra-pior-alta-na-media-movel-de-casos-de-covid-desde-marco.ghtml](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_14b6b7a184014cfa87b8fe37a6ada1af.pdf//g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/21/brasil-registra-pior-alta-na-media-movel-de-casos-de-covid-desde-marco.ghtml). Acesso em: 26 jun. 2021. [21/06/2021 20h00].

GARCIA, Thábata Kelli *et al.* Os temas “vulnerabilidade” e “vulnerabilidade em informação” no buscador Google. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 102-122, dez. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/818>. Acesso em: 26 jun. 2021.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Information literacy for inquiry-based learning. **Transinformação**, Campinas, v. 28, n. 3, set./dez., p. 253-262, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2318-08892016000300001>. Acesso em: 17 abr. 2018.

GAUSS Pré-Vestibular PET. **Sobre**. Disponível em: [gausspet.mtm.ufsc.br](http://gausspet.mtm.ufsc.br). Acesso em: 08 fev. 2020.

GERRITY, Caitlin. The New National School Library Standards: Implications for information literacy instruction in higher education. **The Journal of Academic Librarianship**. v. 44, p. 455–458, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0099133318300557>. Acesso em: 11 abr. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GIORGI, Amedeo. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas; teoria, prática e avaliação. *In*: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 386-409.

GOMES, Marcos Aurélio; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Possíveis relações entre o uso de fontes de informação e a competência em informação. **Transinformação**, Campinas, v. 27, n. 2, maio/ago., p. 133-143, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-37862015000200003>. Acesso em: 17 abr. 2018.

GOMES, Henriette Ferreira. Prefácio. *In*: **Atuação dos profissionais da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia em época de pandemia**. Daniela Spudeit; Claudia Souza (orgs.). Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 11-14. Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_14b6b7a184014cfa87b8fe37a6ada1af.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_14b6b7a184014cfa87b8fe37a6ada1af.pdf). Acesso em: 26 jun. 2021.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. *In*: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 95-124.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Identidade, subjetividade, alteridade e ética. *In*: PLONER, Kátia Simone *et al.* (org.). **Ética e paradigmas na psicologia social** [*online*]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 19 dez. 2018.

GUERRA, Sidney; EMERIQUE, Lilian Balmant. (coords.). **Direitos das minorias e grupos vulneráveis**. Ijuí: Unijuí, 2008.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima; OLINTO, Gilda. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. Nova Série, São Paulo, v. 4, n. 1, jan./jun. 2008. p. 20-34. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/64/78>. Acesso em: 04 de jun. 2018.

HUGHES, Hilary; COOPER, Liz; FLIREL, Michael *et al.* The role of the University Library in supporting international student transition: insights from an Australian-American case study. **The Journal of Academic Librarianship**. v. 44, p. 582–594, 2018. Disponível em: <https://scholarlycommons.pacific.edu/libraries-articles/104/>. Acesso em: 19 dez. 2018.

IFLA. **Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida**. 2005. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfsoc-pt.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

IFLA. International Federation of Library Associations and Institutions. **Declaração de Havana: 15 ações de competência em informação**. 2012. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/information-literacy/publications/Declaration/Compet.Declara-de-Havana.2012.Portu-Brasil.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

INSTITUTO PE. VILSON Groh. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.redeivg.org.br/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

JACOBS, Heidi L. M. Perspectives on... Information Literacy and Reflective Pedagogical Praxis. **The Journal of Academic Librarianship**. v. 34, n. 3, p. 256–262. maio, 2008. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0099133308000414>. Acesso em: 04 abr. 2019.

JAN, Sajjad Ullah; ANWAR, Mumtaz Ali. Emotional Intelligence, Library. Use and Academic achievement of University Students. **Journal of the Australian Library and Information Association**. [S. l.]. v. 68, n. 1, p. 38-55, 2019. Disponível em: <https://www.tandfon-line.com/doi/full/10.1080/24750158.2019.1572482>. Acesso em: 04 abr. 2019.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU). Disponível em: <https://gisanddata.maps.arcgis.com/apps/dashboards/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>. Acesso em: 04 abr. 2019. [Atualizado em: 26/06/2021 15:21].

JOHNSTON, Bill; WEBBER, Sheila. As we may think: Information literacy as a discipline for the information age. **Research Strategies**. v. 20 p. 108-121, 2006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0734331006000097>. Acesso em: 04 abr. 2019.

KOTTOW, Michael H. Comentários sobre bioética, vulnerabilidade e proteção. *In*: GARRAFA, Volnei; PESSINI, Leo (orgs.). **Bioética: poder e injustiça**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 71-78.

KUHLTHAU, Carol C. The Concept of a Zone of Intervention for Identifying the Role of Intermediaries in the Information Search Process. Association for Information Science. 1996. Disponível em: <http://www.asis.org/annual-97/annual-6/ElectronicProceedings/kuhlthau.html>. Acesso em: 02 jan. 2019.

KUHLTHAU, Carol Collier. **Longitudinal Evidence of the Influence of the ISP on Information Workers**. Rutgers, the State University of New Jersey. 2018. Disponível em: <https://wp.comminfo.rutgers.edu/ckuhlthau/wp-content/uploads/sites/185/2019/03/Asist-siguse-2019.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

LEAL, Mayara Lacerda *et al.* O tema “vulnerabilidade” no Portal BU-UFSC: subsídios para a construção de um conceito de vulnerabilidade em informação no âmbito da competência em informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 53-80, dez. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/816/652>. Acesso em: 26 jun. 2021.

LIMA, Rebeca Ludmila de; SOARES, Maryella Eduarda Correa; PRADO, Stafani Niehues do *et al.* Estresse do Estudante de Medicina e Rendimento Acadêmico. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 678-684, dez. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022016000400678&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000400678&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 ago. 2019.

LISTON, Rose Cristiane Franco Seco; SANTOS, Plácida L. V. A. da Costa. Representando a Information Literacy “Competências Informacionais” na Biblioteconomia. **Em Questão**, v. 14, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/5043/4742>. Acesso em: 10 maio, 2017.

LLOYD, Annemaree. Information Literacy: The Meta-Competency of the Knowledge Economy? An Exploratory Paper. **Journal of Librarianship and Information Science**. 2003. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Annemaree\\_Lloyd/publication/249750578\\_Information\\_Literacy\\_The\\_Meta-Competency\\_of\\_the\\_Knowledge\\_Economy\\_An\\_Exploratory\\_Paper/links/0c9605385ab0456bf9000000/Information-Literacy-The-Meta-Competency-of-the-Knowledge-Economy-An-Exploratory-Paper.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Annemaree_Lloyd/publication/249750578_Information_Literacy_The_Meta-Competency_of_the_Knowledge_Economy_An_Exploratory_Paper/links/0c9605385ab0456bf9000000/Information-Literacy-The-Meta-Competency-of-the-Knowledge-Economy-An-Exploratory-Paper.pdf). Acesso em: 02 abr. 2019.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. A metalinguagem como lugar da interpretação: terminologia e bases de dados informatizadas. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 15, n. 1, fev. p. 151-160, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/vQR8p7pMG8s5g6XP4VwjcCh/?lang=pt#>. Acesso em: 8 abr. 2021.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2002.

MAÇALAI, Gabriel; STRÜCKER, Bianca. O princípio da igualdade aristotélico e os seus debates atuais na sociedade brasileira. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE PROCESSO COLETIVO E CIDADANIA UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO. [Anais...]. Ribeirão Preto, n. 6, p. 684-702, out., 2018. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/cbpcc/article/download/1258/1058/4630#:~:text=Arist%C3%B3teles%20afirmou%20que%20a%20igualdade,a%20desigualdade%20a%20certas%20circunst%C3%A2ncias>. Acesso em: 14 jun. 2021.

MACKLIN, Ruth. Bioética, vulnerabilidade e proteção. In: GARRAFA, Volnei; PESSINI, Leo (orgs.). **Bioética: poder e injustiça**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 59-70.

MAGNANI, M. C. B.; PINHEIRO, M. M. K. “Regime” e “Informação”: a aproximação de dois conceitos e suas aplicações na ciência da informação. **Liinc em Revista**, v. 7, n. 2, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3278/2899>. Acesso em: 31 jul. 2021.

MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS. **Competência em Informação e as populações vulneráveis: de quem é a responsabilidade?** FEBAB: IBICT: UnB: UNESP, Florianópolis, 2013. Documento elaborado durante o XXV CBBB – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Disponível em: [http://febab.org.br/manifesto\\_florianopolis\\_portugues.pdf](http://febab.org.br/manifesto_florianopolis_portugues.pdf). Acesso em: 23 nov. 2019.

MARQUES, Cláudia Lima; MIRAGEM, Bruno. **O novo direito privado e a proteção dos vulneráveis**. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2012.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, descrever, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARTINS, Lígia Márcia; CARVALHO, Bruna; DANGIO, Meire Cristina Santos. O processo de alfabetização: da pré-história da escrita a escrita simbólica. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 337-346, ago. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572018000200337&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572018000200337&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 24 set. 2019.

MATA, Marta Leandro da. **A competência informacional no âmbito escolar: um projeto para desenvolvimento de habilidades informacionais no ensino fundamental.** 2009. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006. Disponível em: [https://www.academia.edu/17670667/A\\_Comet%C3%Aancia\\_Informacional\\_no\\_%C3%A2mbito\\_escolar\\_um\\_projeto\\_para\\_o\\_desenvolvimento\\_de\\_habilidades\\_informacionais\\_no\\_ensino\\_fundamental](https://www.academia.edu/17670667/A_Comet%C3%Aancia_Informacional_no_%C3%A2mbito_escolar_um_projeto_para_o_desenvolvimento_de_habilidades_informacionais_no_ensino_fundamental). Acesso em: 15 jul. 2021.

MATTOS, Alessandro Nicoli de. **Informação é prata, compreensão é ouro: um guia para todos sobre como produzir e consumir informação na era da compreensão.** São Paulo: [s. n.], 2009. Disponível em: <http://ia600502.us.archive.org/1/items/InformacaoEPrataCompreensoEOuro/MattosAlessandroNicolilnformaoPrataCompreensoOuroRev1201003.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2016.

MEDEIROS NETO, Benedito; PASSARELLI, Brasilina. Uma perspectiva para interseção e união de conceitos e contributos: inclusão digital, competência em informação e literacias digitais. *In: XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB 2017.* GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. 2017. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/324/948>. Acesso em: 24 jun. 2018.

MELLEGARI, Iara Lúcia Santos. **Direitos humanos e cidadania: no pensamento de Hannah Arendt.** Curitiba: Juruá, 2012.

MENEZES, Priscila Lopes; VITORINO, Elizete Vieira. A Competência Informacional fundamentada na dimensão ética. **Em Questão**, v. 20, n. 2, jul./dez. p. 86-107, 2014. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/46044/32151>. Acesso em: 11 mar. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2009a. Cap. 1. p. 9-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2009b. Cap. 3. p. 61-77.

MIRET, Marta; PÉREZ, Elvira Lara. As redes sociais aumentam a nossa solidão? De acordo com pesquisa, uso em excesso de tecnologias seria responsável pela deterioração das relações sociais e um aumento da solidão. **Galileu**. 17 jun. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/06/redes-sociais-aumentam-nossa-solidao.html>. Acesso em: 15 set. 2019.

MORAES, Marcos; FURTADO, Renata Lira; TOMAÉL, Maria Inês. Redes de Citação: estudo de rede de pesquisadores a partir da Competência em Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, maio/ago. 2015. p. 181-202. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245212.181-202>. Acesso em: 11 mar. 2018.

MORAES, Marielle Barros de. *Information literacy* em tempos de pandemias: guerra contra a verdade e a democracia no contexto da Covid-19. In: SPUDEIT, Daniela; SOUZA, Cláudia (orgs.). **Atuação de profissionais da arquivologia, biblioteconomia e museologia em época de pandemia**. Florianópolis (SC): Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 223-242.

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento**: planejando a educação para o desenvolvimento de competências. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 189-206, jan. 2006. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

NGO, Huyen Thi; PICKARD, Alison Jane; WALTON, Geoff. An information literacy teaching model for Vietnam's schools. **Literacy teaching model for Vietnam's schools**. *Global Knowledge, Memory and Communication*, v. 68, n. 3, p. 191-206. 2019. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/GKMC-05-2018-0047/full/html?af=R>. Acesso em: 04 abr. 2019.

NITAHARZA, Akemi. Acesso a nível superior no Brasil é abaixo dos padrões internacionais. Rio de Janeiro, Agência Brasil, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/acesso-nivel-superior-no-brasil-e-muito-abaixo-dos-padroes-internacionais>. Acesso em: 03 abr. 2021. [Publicado em 06/11/2019 - 10:04].

OLIVEIRA, Ítalo Weiner Martins de. **Permanência na Universidade**: estudo de caso sobre o percurso acadêmico de uma estudante. 2019. 65 f. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/24446/3/Perman%C3%AAnciaUniversidadeEstudo.pdf>. Acesso em: 21 set. 2019.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

OLIVEIRA, Soraia Santos de. **Afiliação universitária**: trajetórias de estudantes cotistas e não cotistas em cursos de alto prestígio social na Universidade Federal da Bahia Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2017. 1. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/25234/1/PDF%20disserta%c3%a7%c3%a3o%20estruturada.pdf>. Acesso em: 02 maio 2019.

ORTOLL, Eva. Gestión del conocimiento y competencia informacional en el puesto de trabajo. **UOC**. Disponível em: <https://www.uoc.edu/dt/20343/index.html>. Acesso em: 9 mar. 2019.

PAIANO, Géssica de Souza *et al.* O tema “vulnerabilidade” na SciELO: contribuições para a construção conceitual de “vulnerabilidade em informação”. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 81-101, dez. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/817>. Acesso em: 26 jun. 2021.

PEDRO, Wagner. O que é um arquivo PDF [e como abrir um]?. **Tecnoblog**. 2021. Disponível em: <https://tecnoblog.net/398470/o-que-e-um-arquivo-pdf-e-como-abrir-um/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

PELLEGRINI, Eliane. **A dimensão ética da competência em informação: a experiência narrada dos bibliotecários do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC)**. 2016. 301 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2016. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PCIN0133-D.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

PELLEGRINI, Eliane; ESTÁCIO, Leticia Silvana dos Santos; VITORINO, Elizete Vieira. Instrumentos de avaliação da competência da informação: um mapeamento em âmbito nacional e internacional. *In*: ALVES, Fernanda Maria Melo; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; LUCAS, Elaine Rosangela de Oliveira (orgs.). **Competência em Informação: Políticas Públicas, teoria e prática**. Salvador, BA: EDUFBA, 2016. p. 155-182.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

PIRES, Álvaro P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. *In*: POUPART, Jean. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 43-94.

PONTES JÚNIOR, João de; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Alfabetização Digital: proposição de parâmetros metodológicos em competência informacional. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 19, n. 2, p. 81-98, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/2990/3037>. Acesso em: 21 nov. 2019.

PVC. **Pré-Vestibular Comunitário Gratuito (Rio Tavares)**. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/pvcflorianopolis>. Acesso em: 08 fev. 2020.

QUEIROZ, Solange Palhano de. Information Literacy: uma proposição expressiva para a biblioteca escolar. *In*: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. (org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 21-31.

RAMOS, Ana Paula Broncas. **A tele-educação**. 2000. Disponível em: [http://www.carloscorreia.net/citi2/educacao\\_final/trab\\_final\\_tele\\_educacao/multilinearidade\\_multivocalidade.html](http://www.carloscorreia.net/citi2/educacao_final/trab_final_tele_educacao/multilinearidade_multivocalidade.html). Acesso em: 24 jan. 2020.

RAMOS, André Godoy. Comunicação de risco referente ao consumo de alimentos industrializados no Brasil. *In*: ROSANELI, Caroline Filla (org.) **Contexto, conflitos e escolhas em alimentação e bioética**. Curitiba: PUCPRes, 2016. Disponível em: [http://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/03/contextos\\_conflitos\\_e\\_escolhas.pdf](http://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/03/contextos_conflitos_e_escolhas.pdf). Acesso em: 25 jun. 2019. p. 177-194.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lidia Eugênia A Competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública. **Encontros Bibli**, v. 18, n. 36, jan./abr., p. 157-180, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p157/24518>. Acesso em: 17 de abr. 2018.

REDE IVG. PRÉ-VESTIBULAR IVG 2019/1. **Edital de Seleção**. O cursinho pré-vestibular comunitário da REDE IVG abre o processo seletivo para o curso preparatório para os vestibulares do ano de 2019. Disponível em: <https://www.redeivg.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Edital-2019-Pre-Vestibular-REDE-IVG-1.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020. [Equipe do Instituto Pe. Vilson Groh].

RIBEIRO, Leila Alves Medeiros; GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Letramento Informacional e Midiático para professores do século XXI. **Em Questão**, v. 21, n. 2, mai./ago. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/download/51891/35087> Acesso em: 02 maio 2019.

RIBEIRO, R. R.; MARTINUZZO, J. A. A reinfosfera na pandemia do novo coronavírus: infodemia, fake news e sociabilidade perversa. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e5694, 2021. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5694>. Acesso em: 24 ago. 2021.

RIGHETTO, Guilherme Goulart; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da; VITORINO, Elizete Vieira. O papel social do bibliotecário voltado às pessoas trans: aproximações teóricas. **Em Questão**, v. 25, p. 212-238, 2019.

RIGHETTO, Guilherme Goulart; MURIEL-TORRADO, Enrique, VITORINO, Elizete. Imbecilization - in the disinformation society: what can information literacy do about it?. **Investigacion Bibliotecologica**, JCR, v. 35, p. 33-55, 2021.

RIGHETTO, Guilherme Goulart; VITORINO, Elizete Vieira. Competência em informação das pessoas trans: em busca de narrativas. 2017. *In*: **XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**. GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/149/630>. Acesso em: 10 jun. 2018.

ROJAS DÍAZ, Gloria; ALARCÓN-LEIVA, Jorge. Las habilidades informacionales en el contexto de la formación profesional. **Biblios**: revista electrónica de bibliotecología, archivología y museología. v. 39, n. 24, abr./jun., 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/28130978\\_Las\\_habilidades\\_informacionales\\_en\\_el\\_contexto\\_de\\_la\\_formacion\\_profesional](https://www.researchgate.net/publication/28130978_Las_habilidades_informacionales_en_el_contexto_de_la_formacion_profesional). Acesso em: 31 nov. 2018.

ROSA E SILVA, Elizabeth Coelho; VITORINO, Elizete Vieira. A Gestão da Informação sob a abordagem da Ecologia: possibilidades à Competência em Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, jan./abr. 2016. p. 242-266. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/55547/37101>. Acesso em: 17 fev. 2019.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos: contém capítulo sobre normas da ABNT. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2014.

SANTOS, Adalcio Machado dos. Gutemberg: a era da imprensa. **Percepções**. Caçador, SC, v. 1, n. 1, jan./jun. p. 14-23, 2012. Disponível em: <http://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/percepcoes/article/download/25/81>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SANTOS, Laís Katharina da Paixão dos; SOUZA, Marta Vanessa Oliveira de; SANTANA, Cláudia de Carvalho. Ações para o fortalecimento da resiliência em adolescentes. **Cien Saude Colet.**, mar. 2019. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/acoes-para-o-fortalecimento-da-resiliencia-em-adolescentes/17146?id=17146&id=17146&id=17146>. Acesso em: 10 maio 2019.

SANTOS, Rosimeire Martins Régis dos; MELIM, Ana Paula; PANIAGO, Maria Cristina Lima. Formação continuada de professores universitários na rede social *facebook*: interagir, trocar, dialogar, compartilhar, aprender e conviver. **Interações**, Campo Grande, v. 18, n. 2, p. 13-20, abr. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-70122017000200013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122017000200013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 02 set. 2019.

SARACEVIC, Tefko. Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**. v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999. CCC 0002-8231/99/121051-13. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/%28SICI%291097-4571%281999%2950%3A12%3C1051%3A%3AAID-ASI2%3E3.0.CO%3B2-Z>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SHAPIRO, Jeremy J; HUGHES, Shelley K. Information literacy as a liberal art: enlightenment proposals for a new curriculum. **Educom Review**, v. 31, n. 2, mar./abr., 1996. Disponível em: <https://teaching.uncc.edu/sites/teaching.uncc.edu/files/media/article-books/InformationLiteracy.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2019.

SILVA, Eduardo Graziosi; DIAS, Fernando Brito da Costa. *In: Atuação dos profissionais da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia em época de pandemia*. Daniela Spudeit; Claudia Souza (org.). Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 37-52. Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_14b6b7a184014cfa87b8fe37a6ada1af.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_14b6b7a184014cfa87b8fe37a6ada1af.pdf). Acesso em: 26 jun. 2021.

SILVEIRA, Luhilda Ribeiro; FEIJÓ, Suzinara da Rosa. Fundamentos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos nas ciências humanas e sociais e paradigmas científicos: olhares sobre a biblioteconomia e a ciência da informação. *In*: MATOS, José Cláudio. **Reflexões sobre ética na gestão da informação**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2018. Disponível em:

<http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00007c/00007c29.pdf>&gt;. Acesso em: 17 fev. 2020. [Capítulo 5 p. 130-163].

SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares; MARQUES, Márcia; CUEVAS-CERVERÓ, Aurora. Mediação e ação comunicativa: conformando nuvens e formando competências para a mediação nas redes sociais virtualizadas. **Ciência da Informação**, v. 43, n. 2, 2014. Acesso em: 12 jun. 2020.

SIMON, Guilherme. Família é feita refém durante jantar em Florianópolis e assalto termina em troca de tiros com a polícia. **NSC Total**. 23 dez. 2020. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/familia-e-feita-refem-durante-jantar-em-florianopolis-e-assalto-termina-em-troca-de-tiros>. Acesso em: 26 dez. 2020.

SORJ, Bernardo; GUEDES, Luís Eduardo. Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. **Novos estudos**, n. 72. p. 101-117, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/vZ6fSRKr6SDKBHP6vdxGTP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SOUSA, Livia Mesquita de; SOUSA, Sônia M. Gomes. Jovens Universitários de Baixa-Renda e a Busca pela Inclusão Social Via Universidade. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 1, n. 2, São João Del-Rei, dez. 2006. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistalapip/LiviaeSonia.pdf>. Acesso em: 19 maio. 2021.

SOUZA, Ana Cristina; JACINTHO, Eliana. Maria. S. B.; VITORINO, Elizete V. Dimensões da competência em informação sob a perspectiva de Zarifian. **Perspectivas em Ciência da Informação (on line)**, JCR, v. 25, p. 56-76, 2020.

SOUZA, Edivanio Duarte de. A institucionalização da Ciência da Informação no Brasil: elementos disciplinadores do campo científico. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 22, p. 49-64, Número Especial, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/13297>. Acesso em: 14 jun. 2019.

SOUZA, Marcela Reinhardt de. **Competência em informação e ansiedade de informação: conexões possíveis**. 2019. 128 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PCIN0210-D.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2020.

SOUZA, Marcela Reinhardt; VITORINO, Elizete Vieira. Competência em informação e ansiedade de informação: estudo bibliográfico. *In*: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102191>. Acesso em: 26 jun. 2020.

SPUDEIT, Daniela *et al.* Implementação do observatório covid-19 como forma de combate à desinformação gerada no período de pandemia. *In: Atuação dos profissionais da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia em época de pandemia.* Daniela Spudeit; Claudia Souza (org.). Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 349-366. Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_14b6b7a184014cfa87b8fe37a6ada1af.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_14b6b7a184014cfa87b8fe37a6ada1af.pdf). Acesso em: 26 jun. 2021.

SPUDEIT, Daniela; PORTES, Veridyanna. Práticas em Bibliotecas Escolares no período de isolamento físico. *In: SPUDEIT, Daniela; SOUZA, Cláudia (orgs.). Atuação de profissionais da arquivologia, biblioteconomia e museologia em época de pandemia.* Florianópolis (SC): Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 277-292.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa:** estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

STRAUSS, Anselm L; CORBIN, Juliet M. **Pesquisa qualitativa:** técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, Bookman, 2008.

SYAZILLAH, Nordin Hani; KIRAN, Kaur CHOWDHURY, Gobinda. Adaptation, translation, and validation of information literacy assessment instrument. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v. 69, n. 8, 996-1006, 2018. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/asi.24023>. Acesso em: 16 jun. 2019.

TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana. Além da Alfabetização. *In: TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana. (orgs.) Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática.* São Paulo: Ática, 1997.

TREIN, Juliane M.; VITORINO, Elizete Vieira. A evolução da temática competência em informação no Brasil: um estudo bibliográfico no período de 2006 a 2013. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação.** Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/416/469>. Acesso em: 05 mar. 2018.

TREIN, Juliane Marlei; VITORINO, Elizete Vieira. A evolução da temática competência informacional no Brasil: um estudo bibliográfico no período de 2006 a 2013. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 190-210, jun. 2016. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/416/469>. Acesso em: 26 jun. 2021.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2011.

UFSC. **GPCIn** – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação. Disponível em: <https://gpcin.ufsc.br/>. Acesso em: 21 maio 2021.

USA. **Secretary of Labor. Skans Skills.** [199-]. Disponível em: <http://www.academicinnovations.com/report.html>. Acesso em: 01 ago. 2019.

VALENTIM, Maria Lúcia Pomim; JORGE, Carlos Francisco Bitencourt; CERETTA-SORIA, Maria Glades. Contribuição da Competência em Informação para os processos de gestão da informação e do conhecimento. **Em Questão**, v. 20, n. 2 – jul./dez. 2014. p. 207– 231. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/48642/32122>. Acesso em: fev. 2018.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Fome de ler: a leitura em movimento como processo de inclusão social. **Transinformação**. 2003, v. 15, n. spe, p. 45-74. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/C5cHhh3Tnj7tZgnCsvhKC7b/?lang=pt#>. *Epub*. Acesso em: 13 out. 2014.

VARELA, Aida; BARBOSA, Marilene Lobo Abreu. Trajetórias cognitivas subjacentes ao processo de busca e uso da informação: fundamentos e transversalidades. **Encontros Bibli**, v. 17, n. esp.1, 2012. p. 142-168. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17nesp1p142/22730>. Acesso em: abr. 2018.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **O que é psicologia comunitária**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VIGNOLI, Jorge Rodríguez. **Vulnerabilidad y grupos vulnerables**: un marco de referencia conceptual mirando a los jóvenes. Naciones Unidas: Cepal, Santiago, p.01-62, ago. 2001. Disponível em: [http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/7150/S018659\\_es.pdf](http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/7150/S018659_es.pdf). Acesso em: 26 jun. 2021.

VILHENA, C. M. A. Inter-relação entre competência em informação e a covid-19. **Biblionline**, v. 16, n. 3/4, p. 11-23, 2020. Disponível em: DOI: 10.22478/ufpb.1809-4775.2020v16n3/4.55950. Acesso em: 24 ago. 2021.

VITORINO, Elizete Vieira *et al.* Teoria e prática sobre as dimensões da competência em informação: atividade de aprendizagem e de vivência com alunos de graduação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 2269-2286, dez. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/820/938>. Acesso em: 26 jun. 2021.

VITORINO, Elizete Vieira. A competência em informação e a vulnerabilidade: construindo sentidos à temática da “vulnerabilidade em informação”. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 47, n. 2, set. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4187>. Acesso em: 04 mar. 2019.

VITORINO, Elizete Vieira. Análise das dimensões da competência em informação. In: VITORINO, Elizete Vieira; DE LUCCA, Djuli Machado (orgs.). **As dimensões da competência em informação**: técnica, estética, ética e política. Florianópolis: Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020. Disponível em: <http://www.edufro.unir.br/uploads/08899242/Capas%206/As%20Dimensoes%20da%20Competencia%20em%20Informacao.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021. Cap. 2, p. 37-49.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, set./dez., 2009. p. 130-141. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf>. Acesso em: abr. 2018.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 40, n. 1, jan./abr., p. 99-110, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v40n1/a08v40n1.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2018.

WILDER, Phillip M. Supporting adolescent literacy requires a focus on literacy practices in a local context. **Knowledge Quest**. v. 46, n. 1, set./out. 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/38695203/Supporting\\_Adolescent\\_Literacy\\_Requires\\_a\\_Focus\\_on\\_Literacy\\_Practices\\_in\\_a\\_Local\\_Context](https://www.academia.edu/38695203/Supporting_Adolescent_Literacy_Requires_a_Focus_on_Literacy_Practices_in_a_Local_Context). Acesso em: 25 jul. 2019.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação**: como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura, 1991.

XAVIER, Gleice Maria da Silva. *et al.* Competência informacional: estudo com alunos de curso de administração. **Pretexto**. Belo Horizonte v. 14, n. 4, p. 46 – 64 out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/1881>. Acesso em: 10 maio 2019.

XIAOMU, Zeng; PING, Sun; MENGLI, Wang *et al.* Delphi Research on Information Literacy Competency Standards for Higher Education in Beijing, China. **Chinese Librarianship**: an International Electronic Journal, v. 25, 2008. Disponível em: <http://www.iclc.us/cliej/cl25ZSWD.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

YEUNG, Alice H. W.; CHU, Connie B. L.; CHU, Samuel Kai-Wah *et al.* Exploring junior secondary students' plagiarism behavior. **Journal of Librarianship and Information Science**. v. 50, n. 4, p. 361–373, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0961000616666625>. Acesso em: 16 jun. 2019.

ZURKOWSKI, Paul G. The Information Service Environment Relationships and Priorities. **Related Paper**. n. 5. 1974. ERIC Number: ED100391. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED100391.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2019.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Florianópolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Prezado(a) estudante,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa sobre competência em informação, abordando aspectos como sobrecarga de informação e vulnerabilidade em informação, de estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos. Esta pesquisa está associada ao projeto de doutorado de Dilva Páscoa De Marco Fazzioni, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O objetivo geral desta pesquisa é identificar princípios norteadores da competência em informação que ajudem na compreensão de como os estudantes de cursos pré-vestibular lidam com a sobrecarga de informação e sua vulnerabilidade em informação a partir das relações e implicações possíveis com o desenvolvimento da competência em informação. Ou seja, a nossa proposta é compreender como a sobrecarga de informação pode prejudicar os estudantes de cursos pré-vestibular e que estratégias esses estudantes adotam para superar essas dificuldades.

Esta pesquisa segue as diretrizes do Conselho Nacional de Saúde, pela resolução CNS 510/16. As pesquisadoras comprometem-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a referida resolução.

Sua participação não é obrigatória. Também não é obrigatório responder a todas as perguntas. Sinta-se absolutamente à vontade em deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa, podendo retirar seu consentimento. E se assim decidir, não terá qualquer prejuízo. A qualquer momento você também pode solicitar mais informações sobre a pesquisa. Ao término do estudo, se desejar, lhe enviaremos cópia do relatório final.

Durante a pesquisa você será entrevistado(a) e irá responder a um questionário semiestruturado. Poderemos fazer presencialmente ou *on-line*, por meio de algum aplicativo via internet – Whatsapp, Skype, Google Meet, Zoom ou outro de sua preferência. Seguiremos os protocolos determinados em razão da Covid-19. A entrevista será gravada em áudio e vídeo, mas sua imagem e voz serão utilizadas apenas para a transcrição das respostas. Somente as pesquisadoras terão acesso a esses arquivos.

Os dados serão tratados de forma confidencial. As pesquisadoras serão as únicas pessoas a terem acesso aos dados e respostas individuais. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em eventos, encontros ou revistas científicas. No entanto, serão mostrados apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição onde estuda ou qualquer informação relacionada à sua privacidade. As pesquisadoras assumem o compromisso ético de reunir e tratar

os dados com fidedignidade, divulgando os resultados somente para os fins propostos nos objetivos deste estudo.

Apesar de todos os esforços, o sigilo pode eventualmente ser quebrado de maneira involuntária e não intencional, por algum imprevisto, como, por exemplo, perda ou roubo de documentos, computadores, pen drive ou outros. As consequências de tais situações serão tratadas nos termos da lei.

A legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisa. Você se beneficiará indiretamente, pois ela contribuirá para que a ciência e a sociedade compreendam melhor a realidade do estudante que se prepara para o vestibular. Os resultados permitirão visibilidade do tema e discussões importantes para a área e para a sociedade. Eles podem promover outras pesquisas para aprofundar o tema.

Você não terá nenhuma despesa advinda da participação na pesquisa. Caso alguma despesa extraordinária comprovadamente decorrente da pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido(a) nos termos da lei.

Os riscos da pesquisa serão mínimos. Entretanto, durante a entrevista aspectos desagradáveis de sua vida podem ser evocados, gerando algum desconforto emocional. Caso você se sinta desconfortável em falar sobre algum tema, poderá deixar de responder uma ou mais perguntas ou mesmo deixar de continuar a entrevista. Se o desconforto persistir, poderemos buscar ajuda profissional em um serviço de saúde para acompanhamento. Caso você tenha algum dano material ou imaterial comprovadamente em decorrência da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada.

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC), por meio do Parecer nº. \_\_\_\_\_ de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

O CEPSH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões. Foi criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Caso tenha alguma dúvida sobre os procedimentos ou sobre o projeto, a qualquer momento você poderá entrar em contato com as pesquisadoras ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, por telefone, e-mail ou pessoalmente conforme os endereços abaixo.

- Dilva Páscoa De Marco Fazzioni (pesquisadora-doutoranda)  
e-mail: dilvafazzioni3@gmail.com – telefone: 48 3207 3067 – 99903-3067  
Endereço residencial: Travessa Colombo Faraco, 35 – Córrego Grande  
CEP 88037-335 - Florianópolis/SC.
- Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorino (professora do CIN/UFSC, orientadora)  
e-mail: elizete@cin.ufsc.br – telefone 48 3221 9304 – ramal 27
- Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC)  
R. Desembargador Vitor Lima, nº 222 - Prédio Reitoria II - sala 401 - Trindade  
CEP 88040-400 - Florianópolis/SC.  
Contato: (48) 3721-6094 – e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

No caso de a entrevista ser *on-line*, seu acesso ao link deixará implícita a concordância com este TCLE e seu aceite em participar da pesquisa, dispensando a assinatura, conservando a transparência e a rastreabilidade na relação participante/pesquisador.

Este documento será assinado e rubricado em duas vias por você e pelos pesquisadores responsáveis. Você ficará com uma cópia. Guarde-a cuidadosamente, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa. Você também terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitar.

Agradecemos a atenção dispensada e o apoio à pesquisa.

Atenciosamente,

---

Dilva Páscoa De Marco Fazzioni  
Doutoranda em Ciência da Informação  
da Universidade Federal de Santa  
Catarina

---

Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorino,  
Professora do CIN/UFSC,  
Orientadora da pesquisa

Eu,

---

RG: \_\_\_\_\_, li este documento e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa de doutorado “Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos: em busca de relações e de princípios norteadores” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC.

---

Assinatura

## APÊNDICE B – Ofício de solicitação de autorização do curso Einstein Floripa Pré-Vestibulares



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
Campus Universitário - Trindade - 88040-970 Florianópolis, SC

Florianópolis, 04 de agosto de 2020.

Ao Senhor Vitor Cazula Naves  
Presidente do Einstein Floripa  
Trindade - Florianópolis

Ref.: Solicitação de autorização para desenvolvimento de pesquisa com  
estudantes de Curso Pré-Vestibular

Senhor Presidente,

Eu, Dilva Páscoa De Marco Fazzioni, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina, estou desenvolvendo a pesquisa de tese intitulada “**Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos**: em busca de relações e de princípios norteadores”, sob orientação da Dra. Elizete Vieira Vitorino, professora do Departamento de Ciência da Informação da mesma universidade. O objetivo geral desta pesquisa é identificar princípios norteadores da competência em informação que ajudem na compreensão de como os estudantes de cursos pré-vestibular lidam com a sobrecarga de informação e sua vulnerabilidade informacional a partir das relações e implicações possíveis com o desenvolvimento da competência em informação.

Para tal, peço autorização para realizar entrevistas com os estudantes do curso preparatório ao vestibular mantido por essa instituição. Ressalto que a entrevista será realizada de forma voluntária, mediante o consentimento livre esclarecido dos participantes. A coleta de dados acontecerá no segundo semestre de 2020. A qualquer momento poderão ser solicitados esclarecimentos sobre o desenvolvimento da pesquisa. Também solicito autorização para consultar os documentos referentes ao curso. Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados no texto da tese e possíveis publicações científicas. Assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de vossa instituição, como o nome e outras informações pessoais. Anexo, cópia do roteiro semiestruturado de entrevista. A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
Campus Universitário - Trindade - 88040-970 Florianópolis, SC

pesquisa poderá ser realizada presencialmente ou on-line, conforme normas e protocolos vigentes relacionados à pandemia do SARS-CoV2 (Covid-19). No caso das entrevistas on-line, serão utilizadas plataformas digitais, como WhatsApp, Zoom ou Google Meet, entre outras, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados.

Em caso de aprovação da realização da pesquisa em sua instituição, pedimos a gentileza de formalização de sua resposta em papel timbrado, para que o mesmo seja anexado ao projeto que será encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Contando com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

Atenciosamente,

Dilva Páscoa De Marco Fazzioni  
Doutoranda em Ciência da Informação da  
Universidade Federal de Santa Catarina –  
UFSC  
Telefone: 48 3207 3067 / 99903 3067  
E-mail: dilvafazzioni3@gmail.com



Documento assinado digitalmente  
Elizete Vieira Vitorino  
Data: 04/08/2020 20:00:16-0300  
CPF: 590.646.509-00

Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorin  
Professora do CIN/UFSC  
Orientadora da pesquisa  
E-mail: elizete@cin.ufsc.br

## APÊNDICE C – Ofício de solicitação de autorização do curso Gauss Pré-Vestibular



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
Campus Universitário - Trindade - 88040-970 Florianópolis, SC

Florianópolis, 04 de agosto de 2020.

Ao professor José Luiz Rosas Pinho  
Tutor do PET-MTM/ GAUSS Pré-Vestibular

Ref.: Solicitação de autorização para desenvolvimento de pesquisa com  
estudantes de Curso Pré-Vestibular

Senhor professor,

Eu, Dilva Páscoa De Marco Fazzioni, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina, estou desenvolvendo a pesquisa de tese intitulada “**Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos**: em busca de relações e de princípios norteadores”, sob orientação da Dra. Elizete Vieira Vitorino, professora do Departamento de Ciência da Informação da mesma universidade. O objetivo geral desta pesquisa é identificar princípios norteadores da competência em informação que ajudem na compreensão de como os estudantes de cursos pré-vestibular lidam com a sobrecarga de informação e sua vulnerabilidade informacional a partir das relações e implicações possíveis com o desenvolvimento da competência em informação.

Para tal, peço autorização para realizar entrevistas com os estudantes do curso preparatório ao vestibular mantido por essa instituição. Ressalto que a entrevista será realizada de forma voluntária, mediante o consentimento livre esclarecido dos participantes. A coleta de dados acontecerá no segundo semestre de 2020. A qualquer momento poderão ser solicitados esclarecimentos sobre o desenvolvimento da pesquisa. Também solicito autorização para consultar os documentos referentes ao curso. Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados no texto da tese e possíveis publicações científicas. Assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de vossa instituição, como o nome e outras informações pessoais. Anexo, cópia do roteiro semiestruturado de entrevista. A pesquisa poderá ser realizada presencialmente ou on-line, conforme normas e protocolos vigentes relacionados à pandemia do SARS-CoV2 (Covid-19). No



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
Campus Universitário - Trindade - 88040-970 Florianópolis, SC

caso das entrevistas on-line, serão utilizadas plataformas digitais, como WhatsApp, Zoom ou Google Meet, entre outras, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados.

Em caso de aprovação da realização da pesquisa em sua instituição, pedimos a gentileza de formalização de sua resposta em papel timbrado, para que o mesmo seja anexado ao projeto que será encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Contando com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

Atenciosamente,

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Dilva Páscoa De Marco Fazzioni'.

Dilva Páscoa De Marco Fazzioni  
Doutoranda em Ciência da Informação da  
Universidade Federal de Santa Catarina –  
UFSC  
Telefone: 48 3207 3067 / 99903 3067  
E-mail: dilvafazzioni3@gmail.com



Documento assinado digitalmente  
Elizete Vieira Vitorino  
Data: 04/08/2020 20:01:10-0300  
CPF: 590.646.509-00

Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorino,  
Professora do CIN/UFSC  
Orientadora da pesquisa  
E-mail: elizete@cin.ufsc.br

**APÊNDICE D – Ofício de solicitação de autorização do Instituto Pe. Vilson Groh**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
Campus Universitário - Trindade - 88040-970 Florianópolis, SC

Florianópolis, 04 de agosto de 2020.

Ao Instituto Pe. Vilson Groh - IVG  
Balneário - Florianópolis - SC

Ref.: Solicitação de autorização para desenvolvimento de pesquisa com estudantes de Curso Pré-Vestibular

Prezados senhores,

Eu, Dilva Páscoa De Marco Fazzioni, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina, estou desenvolvendo a pesquisa de tese intitulada "**Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos**: em busca de relações e de princípios norteadores", sob orientação da Dra. Elizete Vieira Vitorino, professora do Departamento de Ciência da Informação da mesma universidade. O objetivo geral desta pesquisa é identificar princípios norteadores da competência em informação que ajudem na compreensão de como os estudantes de cursos pré-vestibular lidam com a sobrecarga de informação e sua vulnerabilidade informacional a partir das relações e implicações possíveis com o desenvolvimento da competência em informação.

Para tal, peço autorização para realizar entrevistas com os estudantes do curso preparatório ao vestibular mantido por essa instituição. Ressalto que a entrevista será realizada de forma voluntária, mediante o consentimento livre esclarecido dos participantes. A coleta de dados acontecerá no segundo semestre de 2020. A qualquer momento poderão ser solicitados esclarecimentos sobre o desenvolvimento da pesquisa. Também solicito autorização para consultar os documentos referentes ao curso. Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados no texto da tese e possíveis publicações científicas. Assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de vossa instituição, como o nome e outras informações pessoais. Anexo, cópia do roteiro semiestruturado de entrevista. A pesquisa poderá ser realizada presencialmente ou on-line, conforme normas e



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
Campus Universitário - Trindade - 88040-970 Florianópolis, SC

protocolos vigentes relacionados à pandemia do SARS-CoV2 (Covid-19). No caso das entrevistas on-line, serão utilizadas plataformas digitais, como WhatsApp, Zoom ou Google Meet, entre outras, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados.

Em caso de aprovação da realização da pesquisa em sua instituição, pedimos a gentileza de formalização de sua resposta em papel timbrado, para que o mesmo seja anexado ao projeto que será encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Contando com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

Atenciosamente,

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Dilva', is positioned above the contact information for Dilva Páscoa De Marco Fazzioni.

Dilva Páscoa De Marco Fazzioni  
Doutoranda em Ciência da  
Informação da Universidade Federal  
de Santa Catarina – UFSC  
Telefone: 48 3207 3067 / 99903 3067  
E-mail: dilvafazzioni3@gmail.com



Documento assinado digitalmente

Elizete Vieira Vitorino  
Data: 04/08/2020 20:04:41-0300  
CPF: 590.646.509-00

Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorino,  
Professora do CIN/UFSC  
Orientadora da pesquisa  
E-mail: elizete@cin.ufsc.br

## APÊNDICE E – Ofício de solicitação de autorização do curso PVC Pré-Vestibular Comunitário



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
Campus Universitário - Trindade - 88040-970 Florianópolis, SC

Florianópolis, 04 de agosto de 2020.

À Senhora Janete Teixeira  
Diretora do PVC - Pré-Vestibular Comunitário  
Rio Tavares - Florianópolis

Ref.: Solicitação de autorização para desenvolvimento de pesquisa com estudantes de Curso Pré-Vestibular

Senhora Diretora,

Eu, Dilva Páscoa De Marco Fazzioni, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina, estou desenvolvendo a pesquisa de tese intitulada “**Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos**: em busca de relações e de princípios norteadores”, sob orientação da Dra. Elizete Vieira Vitorino, professora do Departamento de Ciência da Informação da mesma universidade. O objetivo geral desta pesquisa é identificar princípios norteadores da competência em informação que ajudem na compreensão de como os estudantes de cursos pré-vestibular lidam com a sobrecarga de informação e sua vulnerabilidade informacional a partir das relações e implicações possíveis com o desenvolvimento da competência em informação.

Para tal, peço autorização para realizar entrevistas com os estudantes do curso preparatório ao vestibular mantido por essa instituição. Ressalto que a entrevista será realizada de forma voluntária, mediante o consentimento livre esclarecido dos participantes. A coleta de dados acontecerá no segundo semestre de 2020. A qualquer momento poderão ser solicitados esclarecimentos sobre o desenvolvimento da pesquisa. Também solicito autorização para consultar os documentos referentes ao curso. Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados no texto da tese e possíveis publicações científicas. Assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de vossa instituição, como o nome e outras informações pessoais. Anexo, cópia do roteiro semiestruturado de entrevista. A pesquisa poderá ser realizada presencialmente ou on-line, conforme normas e



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
 Campus Universitário - Trindade - 88040-970 Florianópolis, SC

protocolos vigentes relacionados à pandemia do SARS-CoV2 (Covid-19). No caso das entrevistas on-line, serão utilizadas plataformas digitais, como WhatsApp, Zoom ou Google Meet, entre outras, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados.

Em caso de aprovação da realização da pesquisa em sua instituição, pedimos a gentileza de formalização de sua resposta em papel timbrado, para que o mesmo seja anexado ao projeto que será encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Contando com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

Atenciosamente,

Dilva Páscoa De Marco Fazzioni  
 Doutoranda em Ciência da  
 Informação da Universidade Federal  
 de Santa Catarina – UFSC  
 Telefone: 48 3207 3067 / 99903 3067  
 E-mail: dilvafazzioni3@gmail.com



Documento assinado digitalmente  
 Elizete Vieira Vitorino  
 Data: 04/08/2020 20:05:35-0300  
 CPF: 590.646.509-00

Profa. Dra. Elizete Vieira Vitorino,  
 Professora do CIN/UFSC  
 Orientadora da pesquisa  
 E-mail: elizete@cin.ufsc.br

**APÊNDICE F – Formulário de caracterização do público participante da pesquisa - identificação e aspectos sociodemográficos**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_ Tem filhos? ( ) SIM (Quantos \_\_\_\_\_) ( ) NÃO

Há quanto tempo você frequenta esse curso? \_\_\_\_\_

Quantas vezes tentou vestibular? \_\_\_\_\_

Foi aprovado em algum vestibular? ( ) Sim ( ) Não.

Já frequentou outros cursos pré-vestibulares anteriormente? \_\_\_\_\_

Qual modalidade: ( ) Popular/comunitário/público ou ( ) Privado

Ano em que concluiu ou deve concluir o Ensino Médio? \_\_\_\_\_

Qual curso superior pretende fazer? \_\_\_\_\_

Qual é o principal motivo para a escolha dessa profissão? \_\_\_\_\_

Renda familiar: ( ) Até 1 SM ( ) de 1 a 3 SM ( ) de 3 a 5 SM ( ) mais que 5 SM

Quantas pessoas na família? \_\_\_\_\_

Bairro onde mora: \_\_\_\_\_

A família tem casa própria? ( ) Sim ( ) Não

Em que local você tem acesso à internet? ( ) Casa ( ) Lan House ( ) Biblioteca  
( ) Curso Pré-vestibular ( ) Rede pública aberta ( ) Outro local (cite) \_\_\_\_\_

Como você acessa? ( ) Celular ( ) Computador de casa  
( ) Computador da biblioteca ( ) *Notebook* ( ) Tablet ( ) outro (cite) \_\_\_\_\_

A quais desses recursos você tem acesso? ( ) TV a cabo ( ) Serviço de filme  
(Netflix, Amazon) ( ) Serviço de áudio (Spotify).

**APÊNDICE G – Roteiro de entrevista semiestruturada com estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos da Grande Florianópolis – 1ª versão**

Pesquisa de tese: Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos: em busca de relações e de princípios norteadores

Doutoranda: Dilva Páscoa De Marco Fazzioni

Orientadora: Elizete Vieira Vitorino

Os dados obtidos das entrevistas realizadas com a ajuda do roteiro buscam obter os resultados relacionados ao objetivo geral desta pesquisa que é identificar princípios norteadores da competência em informação que ajudem na compreensão de como os estudantes de Cursos Pré-vestibulares lidam com a sobrecarga de informação e sua vulnerabilidade informacional a partir das relações e implicações possíveis com o desenvolvimento da competência em informação.

1. Fale como você identifica, busca, seleciona e utiliza a informação para seus estudos? Fale dos critérios e como você se organiza para estudar.
2. Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso e uso da informação?
3. Existem situações em que você acha que tem muita informação disponível, sobre um determinado assunto ou de maneira geral? Como você percebe essa situação?
4. Relate o que você sente quando se depara com uma grande quantidade de informação, que dificulta o entendimento e a compreensão?
5. Explique a forma como você se organiza para utilizar a informação?
6. Você se sente com dificuldades ou prejudicado(a) por causa do excesso de informação? Você tem dificuldade para superar esse problema?

**APÊNDICE H – Roteiro de entrevista semiestruturada com estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos da Grande Florianópolis – 2ª versão – desenvolvida após a aplicação dos pré-testes**

1. Em que momento/situação você busca informação?
2. Como você identifica a sua necessidade de informação?
3. Cite alguns *sites* de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM?
4. Você costuma ir à biblioteca? Quando fazia o ensino médio e cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza ou utilizava?
5. Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação? Usa texto, áudio?
6. Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação?
7. De que forma você utiliza a informação para seus estudos?
8. De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?
9. Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso a informação?
10. Você sente dificuldade em compreender a informação que está disponível na rede, em alguma apostila ou em algum livro?
11. Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia?
12. Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação? (Qual é o seu método de estudo?)
13. Para a próxima pergunta, gostaria de inicialmente apresentar uma definição apresentada pela autora DUDUZIACK (2013). Ela afirma que A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (DUDZIACK, 2013). Considerando esta definição, quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação?
14. Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?
15. O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.
16. O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?
17. Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação?
18. O que você faz para superar essas dificuldades?
19. Você se sente prejudicado(a) pelo excesso de informação?
20. Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.
21. O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?

22. Como foi sua a adaptação de estudar *on-line*? Comente como foi sua experiência.
23. Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?
24. Nesta pergunta também vamos utilizar uma definição teórica, de autoria de Vitorino (2018, p. 73) a respeito de vulnerabilidade em informação. a pesquisadora afirma que [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco). Neste sentido, você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação?
25. Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?
26. Algo que você queira complementar?

## APÊNDICE I – Transcrição das entrevistas

### ESTUDANTE 01 (E01)

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E01: Eh A todo momento. Sempre que estou na frente do computador eu procuro buscar.*

**02. P1 - De modo geral, além de estudar, quando mais você busca a informação.**

*E01: Eu diria que quando surge alguma dúvida que me deixa tipo pensativo, eu diria, e u procuro buscar mais informação sobre o que for, assim.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E01: Eh Youtube, eu assisto bastante vídeo aula, eh, Brasil Escola, eu acho acabo por ler alguns textos, e eu não sei se posso citar o Educo, que do pré-vestibular que eu faço, que é onde eles disponibilizam o material e eu acabo usando muito também o Educo.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E01: Eu não tenho esse costume de ver biblioteca, não.*

**Pesquisadora (P1): Você estudou em qual colégio no ensino médio?**

*E01: Eh Intendente José Fernandes.*

**P1: Nos Ingleses?**

*E01: Isso. Isso. Fica aqui nos Ingleses.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E01: Eu vou lendo, assim, sabe. A partir do momento que eu vejo que ele não tá... Eh respondendo à minha dúvida, eu vou parando, mas se continuar... se ele for respondendo à minha pergunta, eu continuou e se for suficiente a resposta eu paro por ali. Senão, eu continuo a buscar em outro site, outra via de informação.*

**P1: E você busca no site de que maneira.**

*E01: Eu procuro por palavra-chave, na verdade...*

**P1: Por assunto?**

*E01: Isso. Isso. Por conteúdo.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E01: Eh, em questão de fonte, eu sempre busquei tipo perguntar para pessoas confiáveis, como, tipo, meus professores, se eles me falavam que a fonte... como Wikipédia, por exemplo. O Wikipédia eles sempre me falaram que não é tão confiável assim. Aí eu acabava por não utilizar muito Wikipédia e sempre procurar em outro meio, outro site e, tipo, avaliando sempre informação, tipo, se condiz com o que eu sei e se eu tivesse alguma dúvida procuraria é perguntar pra alguém confiável, como professor.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E01: Eh, não sei se entendi a pergunta, para falar a verdade.*

**P1: Como você se organiza?**

*E01: Eu costumo fazer anotação, tipo... aqui em cima dá não dá pra ver. Aqui em cima, aqui, ó [apontando para alguns papéis com anotações]*

**P1: Sim...**

*E01: Tem uns papelzinhos colados, que tem tipo fórmulas, tem algumas coisas que eu vou precisar pra resolver alguma, alguma, algum exercício, por exemplo, eu deixo, tipo, anotadinho aqui ou anoto em caderno, mesmo.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E01: Eh Tipo, eu tento fazer cada vez mais exercícios, tipo... Eh elevando a dificuldade, tipo... se eu não consigo fazer um exercício não vou deixar ele de lado, só, tipo, vou procurar entende mais o conteúdo para depois voltar neste exercício pra eu consegui resolver ele, por exemplo.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso a informação.**

*E01: Eu diria que tem... eh, talvez tem... tenha conteúdos mais Eh escassos, eu diria, talvez, que, tipo eu não encontro tanta informação sobre, tipo, não, não que... não tanta informação que me agrada, que me... que sacie a minha, a minha curiosidade, digamos assim. Tem muito conteúdo que eu não consigo encontrar tudo, tipo, o que eu quero encontrar. Aí acaba por eu desistir ou eu procurar por outra, outra maneira, falar com professor, mesmo*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E01: Eh, muitas vezes sim, tipo, quando é um conteúdo mais, tipo que nunca vi, por exemplo, eu sinto o pouco de dificuldade, sim, aí; mas é só algo que eu tenho que continuar tentando até entende, mesmo.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E01: Tipo, agora como a gente tá no final do ano Eh eu já tão mais só em revisão, mesmo, do que eu vi durante todo o ano. Aí tipo eu to pegando uma parte da minha tarde e um pouco da noite também, eu começo tipo duas horas, por exemplo, e reviso um conteúdo até quatro horas da tarde, por exemplo, e faço alguns exercícios, tipo... daí tem vezes que eu faço exercício e paro e faço tipo outra coisa como pra me distrair e eu continuo à noite, tipo, depois das oito, por exemplo. Eu faço isso durante segunda sexta só vai sábado eu deixo pra não fazer nada, mesmo.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E01: Então eu sempre, eu prefiro foca o que eu tenho mais dificuldade, tipo, eh, física, matemática, e é esses conteúdos que eu to revisando agora. Tipo... todo dia tenho revisando alguma exata porque eu sinto que eu tenho mais dificuldade nisso. Então, eu vou procurar ficar na área bom no que eu tenho dificuldade e, no que eu já sou bom, que eu me considero um bom, eu deixo pra a revisar mais perto da prova, assim.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E01: Eh, essa pergunta... difícil.*

**P1: Você tem relatado algumas...**

*E01: É isso que eu ia falar, tipo, procuro, eh, sempre procurar algo que eu considere confiável, como professores, que já tão nesse meio há um tempo, assim. Se eles me passam o feedback de que algo é confiável, eu vou confiar neles. Tipo, eu não vou confiar em um site que eu achei hoje, assim. Eu sempre vou procurar confiar em, em quem eu já tenho u... uma certa confiança.*

**P1: É uma estratégia sua?**

*E01: Hum-hum.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E01: Eu diria que sim, sim. É muito... Eh Acaba sendo muito conteúdo, de muitas matérias. Então, eu diria que às vezes dá um... uma sobrecarregada, sim.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E01: Me sinto muito cansado fisicamente e muito triste emocionalmente, tipo, eu realmente não quero fazer nada quando me sinto sobrecarregado. Só quero deitar ficar ali até que eu consiga melhorar. Eu procuro me distrair, mesmo, quando me sinto sobrecarregado*

**P1: Isso é com frequência, durante o dia, durante a semana?**

*E01: Durante a semana é frequente, eu diria.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E01: Eu procuro me distrair, assim, tipo, eu procuro falar com meus amigos, eu procuro fazer algo com eles, mesmo on-line que... por causa da quarentena. Mas eu procuro sempre me distrair.*

**P1: Ouvindo música, assistindo um filme?**

*E01: Sim também.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E01: Eh, eu diria que o tanto de, de informação meio que sempre me atrapalhou desde o Ensino Médio e esse ano ainda mais por ser EAD eu, com certeza, fiquei muito mais perdido do que um ano normal, que teria com aulas presenciais, por exemplo. Então isso, só o fato de ser EAD, assim, eu já fiquei bem... já foi um obstáculo bem grandes para eu superar, assim.*

**P1: Você tinha hábito de trabalhar em grupo, em equipe, antes do tempo da pandemia, no Ensino Médio?**

*E01: Isso. Isso. Isso.*

**P1: E se sentiu mais sozinho agora?**

*E01: Sim. Sim. Isso aí.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E01: Cara, eu procuro conversar, assim, tipo. Sempre conversar com alguém que meio que me acalme, entre aspas, que, tipo, me dê um conselho bom. Sempre procurei me manter calmo, assim, que senão eu já teria desistido faz bastante tempo, eu diria.*

**P1: E quem são essas pessoas que te acalmam?**

*E01: Amigos*

**P1: Amigos?**

*E01: Isso. E eu tenho um tutor no Einstein também e sempre o Einstein sempre me abriu... deixou tipo sempre aberto pra que se a gente quisesse conversar com eles e eles estariam ali, sabe. Aí sempre que eu preciso...*

**P1: E a família também?**

*E01: Sim. Sim.*

**19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

*E01: Eu não diria prejudicado, mas eu diria que fica mais difícil, sim, com a quantidade de informação, mas não prejudicado, assim, tipo não ok, prejudica. É algo só torna mais difícil.*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E01: Um-hum. Não. Eu não me sinto preparada pra, pra realização da prova. Numa questão de porcentagem, eu diria que eu to tipo quarenta por cento, talvez. Que me sinto só quarenta por cento preparado, que seria a parte de biológicas, mesmo, que o*

*resto eu me sinto realmente que eu não sei nada, por mais que eu estude, estude, estude eu sempre sinto que eu não to preparado. Isso é algo pra melhorar, sim.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para seus estudos?**

*E01: Eh, totalmente negativa, assim. Eu não, eu não consegui me concentrar no... devido à quarentena por muitos meses de es... de EAD. Eu passei meio auê, meio fora, assim. Tipo, só, só me atrapalhou, só me prejudicou, eu diria.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente sua experiência.**

*E01: Bom, eu sempre. Eu me adaptei por, tipo... Eh reservar um horário Eh durante minha tarde, durante minha manhã, pra ficar lendo e estudando na frente do computador. Tipo eu já ficava na frente do computador um tempo quando não era pandemia e tal, mas não tanto tempo quanto eu fico agora com a quarentena, por exemplo. Isso fez com que eu ficasse muito cansado; tipo, tinha vezes que eu não conseguia ficar na frente do computador porque não eu aguentava mais, tipo, isso foi e como eu tive que me adaptar ao EAD.*

**23. P1 - Você se sente impotente em relação ao contexto da informação?**

*E01: Eh, eu diria que sim, sim. Muito... O excesso, ele meio que me prejudica muito, eu diria.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco). Então você já se sentiu em algum momento vulnerável?**

*E01: Eu me senti vulnerável, sim. Tipo, muitas vezes durante todo este ano e eu diria que como exemplo eu citaria o sentimento de solidão, principalmente, que era, tipo, o EAD sempre foi muito ruim pra mim. Sempre foi muito foi ruim, não. Foi ruim esse ano, tipo, demais assim. Eu não me adaptei muito bem e sempre senti solidão devido ao EAD e isso me marcou muito, sim. Se você vai me marcar, sempre que acontecer de pensar em EAD eu, eu vou saber que vou me sentir em solidão por muito tempo, sim.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E01: Ahhh. Eu não me senti tão um afetado, eu diria. Porque, exemplo, tipo, o Einstein, ele prepara pra prova da UFSC e com eles cancelando e mudando só pra prova do ENEM, o Einstein teve que se adaptar pras provas do ENEM. Então, tipo, o Einstein foi maravilhoso, sim. Tipo, ele. Ele realmente mostrou o que a gente precisava estudar e o que a gente não precisava estudar porque o ENEM não cobrava e a UFSC, sim. Então isso deu uma aliviada em alguns conteúdos, o que, o que foi até muito bom pra só focar no ENEM. E não um em conteúdos que só caem em específico na UFSC então isso vai tirar muito estresse, eu diria, de ter que estudar um conteúdo que não vai cair mais.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E01: Certo. É sobre a sua pesquisa em específico?*

**P1: Sobre as perguntas, sobre o público?**

*E01: Não... Eu achei legal entrevista, pra falar a verdade. Eu tava nervoso, mas durante foi, durante as perguntas eu vi que não precisava de, tipo, estar tão nervoso assim, que foi algo natural, assim, foi bem de boa, eu diria, que realmente eu tirei de*

letra, como você disse. E eu di... Agora me perdi. Eh. Tipo, a entre... a entrevista foi legal, tipo foi, foi bom, tipo, eu realmente fiquei muito nervoso, mas eu não precisava, porque realmente foi de boa e espero que, eh, totalmente... todos os estudantes que você entrevistou tenham pensado o mesmo, que foi de boa, a entrevista.

**[entrevistadora agradece e dá palavras de estímulo]**

*E01: Ok. Obrigado, obrigado. Eh Realmente ouvir você falar é... Ehh ajuda muito em manter a calma, em não se desesperar. Agradeço, sim. Se eu a ajudei na pesquisa fico grato, também. E agradecer a você, mesmo.*

## **ESTUDANTE 02 (E02)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E02: Olha, diante da situação, do modelo de ensino que a gente vive, eu acredito que boa parte das vezes é por conta de conteúdos vistos já, eh de alguma forma, né, seja ele por meios midiáticos, seja ele dentro da sala de aula, seja ele eh da boca do povo, eh, mas em outra parte eu gosto de explorar, também, desde de coisas que eu acho extremamente aleatórias ou até mesmo interesses, assim, eh que a gente presume que outras pessoas não teriam, sabe. Eh, digo que eu tenho muita... eu gosto muito da geografia, da geografia política da geografia hidrográfica. Então são coisas que a maioria das pessoas não costumam pesquisar, então de certa forma é um exemplo de pesquisa que eu costumo realizar por conta própria, né. Então acho que essas duas vertentes, aí.*

**P1: Você costuma buscar sempre informações diariamente, de vez em quando, como é essa rotina?**

*E02: E acredito que 'sempre' poderia se encaixar melhor do que 'de vez em quando', então acredito que sempre. Sempre no aí na ativa, digamos. Sempre buscando aprender, mais.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E02: Nossa [riso] pergunta legal. E, eu acho que com cada vez mais nesse mundo globalizado a gente percebe, eh, uma imensidão de informações, né. Parece que quanto mais você consome, não... não sacia, de certa forma, porque tem... tem muito para se consumir, tem muito pra se aprender, né. Então eu acredito que essa necessidade ela seja continua, então não posso dizer que a partir de algo, eh, mas de certa forma, a gente acaba reconhecendo que, por conta de um todo, por conta de... eu vou falar da minha vida de pré-vestibulando. Então por ser vestibulando eu tenho que me dedica bastante. Então a gente tem um teto, a gente tem a nota de corte que temos que alcançar, né. Então, acredito que, eh, o máximo que puder absorver de informação seria o ideal. Então essas necessidades de informação ela pode ser variada e, ao mesmo tempo, pode não ser nada.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E02: Eh, Guia do ENEM, Guia do Estudante. Eh, eu acho que a gente não pode descartar Brasil Escola, eh, Geopizza, eh, Débora Aladim, Vest Manu, eh, acho que o próprio Wikipédia se torna uma fonte de mais rápida de informações, eh, eu acho que, de imediato, é esses, assim, que eu me lembre, pra falar de ENEM, né, que nem acaba englobando muito. Mas acredito que esses de imediato sejam suficientes. Até mesmo os próprios sites, eh, do Governo, né, Federal tem ainda há sempre alguma... algum parâmetro pra usar como... como aprendizado, então acredito que... Esse ano principalmente entre muito em sites federais, assim, do governo federal.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E02: Não. Nunca foi muito de ir à biblioteca.*

**P1: Lembra de algum serviço que tenha utilizado na biblioteca?**

*E02: Lembro. Eu, na verdade, eu posso dizer que usei, sim, algumas vezes, no... no meu Ensino Médio, a biblioteca do Instituto [Federal Catarinense, de Blumenau], mas eu não me... eu não me recordo. Ah! foi com certeza pra algo relacionado ao curso técnico que fiz em conjunto com o Ensino Médio, mas não me lembro o que é que é o li ou coisa do tipo.*

**P1: Você estudou no Instituto Estadual de Educação?**

*E02: No Instituto Federal Catarinense, campus de Blumenau.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E02: Palavras-chaves. Sem, nenhuma outra... sem... me sumiu o nome... sem outros artigos, números eh sinais... Então, sempre palavras bem objetivas, na maioria das vezes verbos ou substantivos, assim, pra eu conseguir chegar mais rápido no meu objetivo, ali, do que estou procurando, mas, sigo essa linha, se tratando de palavras, né.*

**P1: Por assunto, por áudio, você não faz pesquisa?**

*E02: Até faço, né, querendo ou não, não podemos... não podemos dizer que não faço, mas acredito que mais por esse meio, assim, mais tradicional, digamos.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E02: Eh, Eu acredito que o 'selecionar' vem a partir do que que a gente já considera como fonte confiável, né. Então, querendo ou não, nós já estamos acostumados com certos blogs ou sites, alguns meios aí que já são mais confiáveis, né. Então, eu acredito que a maioria das coisas que eu pesquiso são sempre dentro dessas mesmas... dentro desses mesmos meios, né. Então desde os mesmos jornais, de certa forma... Claro, a gente sempre costuma sair um pouco, né, dessa... dessa mesmice. Mas, no geral, naquela pesquisa rápida, que no cotidiano demanda praticidade a gente acaba sempre indo no... nos mesmos, assim. Então, acredito que... eu avalio a partir... eu acredito que sempre quando to entrando em um site que já considere confiável pra mim essas... o que... o que está lá já é suficiente pra mim, né, desde... dependendo do que eu estou procurando.*

**P1: E como você determina se um site é confiável? Como é o seu processo de avaliação? Como você faz essa análise?**

*E02: Ahhm. Se tratando de sites que eu já percebo que através ali, da... da barra final, né, que a gente consegue ver eh o surgimento daquele site, o ano, e... ou até mesmo quem escreve por ele, uma equipe que seja. Então, a partir da equipe, eu costumo olhar a formação dessas pessoas. Eh, isso se tratando mais de sites, vamos dizer menores, assim, que não têm uma escala nacional eh de certo o impacto, prestígio, de certa forma, né. Agora já... eu vou... se quando comparar, por exemplo, no jornal O Globo, Estadão, Folha de São Paulo, eu nem me questiono, então eu confio de olhos fechados, digamos, né. Então, faço essa análise. Então se eu percebo que se... é um blog, alguma revista nova, então eu vou procurar mais quem essas pessoas, então que que elas fazem, o que elas deixam de fazer, que que elas apoiam e até mesmo isso pode ser um reflexo do que que está ali no... de conteúdo, né, pra ser consumido. Mas aí, agora, se tratando a um nível mais... maior macro... aí eu e nem... nem fico muito atrás. Claro, né, eventualmente, ali, se tratando de referência [riso] bibliográfica, a gente acaba precisando saber quem é que escreveu a matéria, enfim, qual equipe, mas, caso contrário, só pesquiso, mesmo.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E02: Olha, eu acho que a melhor forma de consumir todos esses conteúdos ao mesmo tempo de entender o processo que ele, né, o que que ele tá exemplificando eu acho que é a fazer autocrítica e a crítica, né. A crítica, porquê aquilo, porquê daquela forma, e a autocrítica, a partir de você olhar o seu presente, a sua realidade e vê qual é a sua relação com aquilo, que com certeza tá completamente ligado, então, eu acho que alguém, eh, que escreveu aquilo provavelmente veio antes de mim e vive uma realidade diferente e, por a gente estar nesse mundo completamente ligado, as coisas que sejam elas escritas, digitadas, tudo que é feito acredito que causa um certo impacto na vida do outro. Então, eu acho que se resume à crítica é uma palavra boa, assim, a forma que eu utilizo, né. E aí a gente aplica isso aos nossos estudos, né.*

**P1: E você costuma fazer resumos, anotações, destacar textos, somente a leitura, assiste vídeos?**

*E02: Eh, eu acredito, a leitura, dentre os pontos que você citou, a leitura, anotação de alguns pontos também costuma ser bem viáveis. Eu acredito que vídeos é ferramenta bem, bem boa, ali. Videoaulas ou até mesmo documentários, eh entrevistas. Então, acredito que esses meios seriam os mais pertinentes a ressaltar.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E02: Olha, [em] se tratando de uma vida de pré-vestibulando, eu acredito que é colocar em prática o que que você consumiu. Então, acredito que colocar em prática seria fazer exercícios se eu considerar uma matéria aí – matemática, português, química, física –; se tratar de uma redação, eu preciso consumir um conteúdo e, a partir dele, num processo, ir construindo uma opinião e, querendo ou não, ela vai ser exemplificada ali em forma de escrita, né. Então, eu acredito que, pra melhorar meu desempenho, é esse processo contínuo, assim, de estar sempre consumindo esse conteúdo, estar sempre antenado, né, às novidades que... que sejam. Então, o eu acho que o fato de buscar melhorar esse processo, tipo ano após ano a gente estar nessa, né. Então, eu acho que... eu creio que seja isso a pergunta e esta seria a melhor resposta.*

**P1: É a busca constante da informação? É essa absorção de informação, que você lê, interpreta, reescreve e vai desenvolver um novo conhecimento...**

*E02: Exatamente.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E02: Eh, no geral, eu acredito que, para a minha faixa etária, essa... esse encontrar informações, dependendo do conteúdo que está à procura, ele vai variar muito. Então se eu for procurar um assunto conteudista de vestibular, eu acredito que vou encontrar mais facilidade, pra eu achar e desenvolver; aquilo será um facilitador, né. Agora, se eu eh for pegar um artigo, uma entrevista com filósofo muito renomado no Youtube ou se eu for ler um livro do [sociólogo Émile] Durkheim, eu com certeza vou ter uma realidade bem destoante, né, de como esse processo de interpretar a absorver esse conteúdo coloca isso prática, né. Então eu acredito que a minha dificuldade seria eh... talvez os meios, assim, eles são um pouco diferentes. Eu acredito que, eh... quando a gente tá no Ensino Médio, a gente vai tá aprendendo aquilo para o vestibular, para entrar na faculdade, só que eventualmente os nossos estudos do Ensino Médio requer algum assunto, né, eh de ensino superior e, quando a gente se depara com esse tipo de conteúdo, a gente vê uma realidade muito diferente. A gente vê essa realidade diferente no dialeto, no linguajar, na escrita, eh na articulação, seja ela de movimentos, ideias. Então eu acredito que talvez quando a gente quer subiu um pouquinho mais o*

nível. A gente vai... eu encontro um pouco mais de dificuldade. Então eu acho que... eu acho que isso seria a melhor forma para descrever isso.

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E02: No geral não. Não posso dizer que tenho dificuldade. Eu consigo... aí, eventualmente, caso a gente... eu encontre algum empecilho, aí eu vou buscar ajuda em algum recurso, assim, extra, seja uma pessoa, seja algum outro material. Mas não diria que eu teria.. tenho dificuldade em compreender a informação. Mas dificuldade... acredito que não seria uma dificuldade.*

**P1: Quando você se reporta que você busca informação com alguém, outra pessoa. Quem seriam essas pessoas?**

*E02: Acredito que na maioria das vezes seriam os meus professores. Então, sejam eles do Einstein, sejam eles da minha carreira de Ensino Médio, eh Curso Técnico ou até mesmo ensino fundamental. Então acho que são essas as pessoas [a quem] mais recorro, que grito socorro.*

**P1: E você busca informação com a família também? Familiares?**

*E02: Busco, também. Não posso esquecer, a minha mãe é professora, então, querendo ou não, eu uso ela como um meio, também.*

**P1: E em biblioteca, então, você não busca informação?**

*E02: Quando você fala biblioteca, eu acredito que seja física, né.*

**P1: Isso**

*E02: Não. Não diria que busco*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E02: Eh, eu acredito que vale ressaltar o ano de dois mil e vinte. Então eu vou levar como base. A minha rotina em dois mil e vinte foi... eu estabeleci e, tendo ciência que a minha aula iria da seis horas [18 horas] até as dez [horas, 22 horas], então esse era as aulas, eh, no formato EAD, né, então a gente tinha todos... de segunda a sexta essas aulas fixas e eventualmente tínhamos horários extras, né, eh, sejam eles no sábado ou até mesmo durante a semana em outro período. Também tínhamos as monitorias todos os dias, das cinco às seis horas. Eh, então, como eu não trabalho esse ano estabeleci uma rotina em que eu acordava, então, ali, só a questão de me ajeita, tomar um café e as nove horas já começava, então, eu parava ali três horas, três e meia. Então, de nove horas a três e meia todos os dias do ano foi assim com intervalo de trinta minutos pro almoço, ali, por volta de meio-dia, meio-dia e meia. Então, a minha rotina era essa. Então, basicamente todo... se eu tinha a uma aula de geografia, física, biologia, na segunda-feira, na terça feira, das nove às três meia, eu ia estudar biologia física geografia. Então, seria... foi esse o parâmetro que usei durante o ano, assim.*

**P1: Bastante foco...**

*Sim. Bastante foco. [risos]*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E02: Hã-ham. É, então, segue um pouco da linha de raciocínio questão número onze, né. Eh, eu acredito que eu estabeleci sempre, eh, então, a partir do que o que eu tinha no período da noite. Então, se a minha aula era ali de biologia, geografia eu com certeza iria essas matérias no dia seguinte. Claro, temos dificuldades em uma disciplina maior... mais do que a outra, né. Então, nessas disciplinas que eu tinha mais dificuldade, eu costumava duplicar o horário de estudo. Então, seu tinha mais dificuldade em geografia, tsc, em biologia, eu com certeza ia estudar duas horas biologia e uma hora, geografia. Eventualmente se eu sentia seguro naquele assunto eu diminuiria essa carga de geografia pra meia hora e aumentaria trinta minutos em*

biologia. Então eu trabalhei muito, né, nessa vertente, assim. Tanto colocando as minhas prioridades ao que eu tinha mais dificuldade, assim como se eu não entendia muito à matéria – podia até ser da matéria que costumo gostar, mas eu dava uma certa ênfase pra ela ten... tentando, assim, eh, deixar todas no mesmo parâmetro, assim, tendo... conseguindo obter mesmo conteúdo em todas, alinhar, né. Então, eu busquei fazer isso o ano inteiro para eu conseguir ter as mesmas notas. Até mesmo porque, eh, o critério que a UFSC usa pra entrar, pra ingresso é que, no meu curso, pelo menos, eu tenho que ter a mesma média, ter o mesmo... a mesma cota em todas as disciplinas. Então, eu tinha que ser... tinha que alcançar pelo menos o mínimo em todas. Então, por isso, acabei seguindo essa linha de... de raciocínio. Então, eu acredito que essa é a melhor forma para eu conseguir aprender né o que eu buscava, assim, durante o ano.

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E02: Deixa eu pensar um pouquinho [risos] Eh, tá. Vamos lá. Eu acredito que essa busca, aí, por fontes ela é um... é um processo bem complexo, né. É aquele dilema de que a gente acaba sendo influenciado dependendo do meio que a gente consome, né. Então, eu acredito que quando, né, na referência, ali, que você usou no texto, fala sobre considerando aspectos éticos, sociais políticos e econômicos. Eh, é uma linha bem tênue, né, de a gente conseguir eh, caminhar com isso de forma bem coerente, sem aplicar os nossos princípios, ideologias e ideais e isso também vai varia muito, acho que de profissão. Eh. Mas é o estereótipo dizer que varia de profissão pra profissão, porque quem faz ela somos nós. Então, eu acredito que as estratégias é ao mesmo tempo buscar o máximo de informações, conseguir entender o que é esse processo que ela pode tá me ensinando e, ao mesmo tempo, ser muito sábio imparcial, ao mesmo tempo. Porque eu acredito que se a gente coloca muito do que a gente pensa, do que a gente quer, a gente vai acabar interferindo nesse processo de aprendizado. Porque acredito que a informação ela trabalha muito com fatos. Então é isso, é isso. Aconteceu, aconteceu. Então acredito que esse a gente aplicar muitas e processo de ‘eu acredito que tal coisa e deveria ter dessa forma ou colocar muito uma percepção, eh, nossa, eu acho que as coisas podem mudar um pouco. Então acredito que as estratégias pra desenvolver, né,... tudo isso seria o cuidado. Eu acho que... acredito que o cuidado e ao mesmo tempo a crítica, né. Só que é um processo de... de mão dupla, porque ao mesmo tempo que a gente realiza a crítica, a gente aprende... aprende com a informação a realizar essa crítica, né. Então um não sei se isso. Mas é... mas é uma estratégia que eu aplico assim.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E02: Para tudo [risos]. Sem sombra de dúvida, é muita informação. Eu acredito que é cada ano que passa, a gente pode dizer que algum outro meio digital tem surgido, alguma nova rede social e tudo mais. E eu digo hoje consegui acompanhar, não dá. É literalmente aquele discurso da vida adulta que, quando vai passando o tempo você tem menos e menos tempo, né. E eu acredito que não, não não dá pra gente absorver tudo e ainda assim o que a gente está vulnerável a, eh, capta ainda muita coisa. É... tem informação pra todo lado, né. Isso a gente não pode descartar. E então, sim, me sinto muito sobrecarregado, tanto quando a gente fala do... do dia a dia e,*

*principalmente, do vestibular. A demanda pra conseguir, eh, entrar na universidade, principalmente, federal, né, é... é muito ou muito alta, você precisa de muito tempo, você precisa de muita dedicação e existe uma concorrência enorme. E esse processo ele não é uma é da noite pro dia. Então, são anos, literalmente, é mais... vai além ali do Ensino Médio, né. Então, é bastante coisa. Se... eu acho que se comparar com cinco, dez, quinze anos atrás, essa realidade ela vai se mudando, assim, de forma discrepante. Então é isso.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E02: Eh, eu acredito que a ansiedade, né, seja o ponto mais comum da geração Z. Então, não podemos descartar ela. Eu sofro... eu sofro disso. Eh Conheço pessoas, vivo com pessoas que sofrem muito mais, com o nível de ansiedades absurdos e, inexplicáveis, ainda mais que isso é algo muito individual, mas é um eh é um processo também que a gente acaba liderando, né, porque que não saber controlá-la pode nos prejudicar e muito. Então isso também faz parte do... do do vestibular, né. É mais um... um quê. Então, acredito que a minha condição física ela seja tranquila e esse processo da emocional também, eh faz parte, né. Eu consigo lidar de uma melhor forma, assim. A gente, com o tempo vamos encontrando uma melhor alternativa a se seguir, de autocuidado, meditação, relaxar, pausas; esquecer também de algumas coisas. Então, acredito que esse é um... é um refúgio. Então, a ansiedade eu acho que não posso descartar como exemplo disso aí.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E02: Acredito que três coisas: caminhar, eu acredito que caminhar, sair de perto... e não dois mil e vinte foi muito isso, meu Deus! Eh, estar dentro do quarto. Às vezes, era um perigo para mim, porque, Senhor, eu não aguentava mais, eu precisava sair de dentro do quarto. Então, caminhar, seja dentro de casa seja, na rua. Pensar bastante, assim, em qualquer outra coisa, ficar olhando pro céu já era uma... Nossa! aliviava em muito. E algum meio, assim, de lazer, mas eu acho que nessa ordem que eu citei, eh foram as... os... as coisas que mais recorriam. Então, em último ponto, eu acredito que eu buscava ver um filme ou assistir uma série. Eu acho que esses são os meios principais de lazer em meio à pandemia, né. Não tinha outra coisa [riso]. Mas foi mas nessa... nessa linha, assim né, que eu busquei achar e solucionar esse meu problema.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E02: Aaam. Eu acredito que. Me deu... referente [incompreensível] Eh, Eu acredito que esse processo de orientação. Eh, se eu fosse fazer, digamos, ser um ser autodidata. Eu acho que não seria capaz. Então eu precisava de uma orientação, seja ela familiar seja ela através de um cursinho pré-vestibular, seja ela através da escola. Então, que se fazer tudo sozinho foi um processo... considerando 2020, também, mas considerando o fato de estar atrás informação, fazer por conta própria é um processo mais complicado. Acredito que até mesmo, por conta de termos muito o que saber, muito o que pesquisar, eh, você fica: 'por onde eu vou?', 'por onde eu começo'. Então, acho que essa dificuldade de discernir uma prioridade, eh Foi uma a uma dificuldade ao mesmo tempo um desafio. E também essa questão de não ter orientação, até mesmo, vou considerar meu Ensino Médio, então. Eh, no Ensino Médio, às vezes eu me sentia... mesmo tendo todos os professores à disposição, quando você queria ir por uma outra vertente, você, às vezes, acabava se deparando no vazio, assim, né. Não tinha ninguém pra te orientar e pra te encaminhar pra aquilo, né, Eu acredito que*

só a gente, através da máquina, a gente consegue muito mais. Nem sempre é o suficiente, né. Eu acho que isso é a resposta plausível para isso aí.

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E02: Eu posso dizer que eu aprendi muito a questionar. Então, durante esse processo, principalmente, no Ensino Médio, do meu cursinho eu fiz em 2019 e no Einstein eu fui percebendo que não adiantava também eu ficar esperando alguém fazer por mim. Então eu tinha que fazer o mesmo. Então acredite que pra superar a o questionamento e ir atrás de quem tem o conhecimento pra me ajudar, pra contribuir nesse processo foi a peça-chave pra isso. Então um eu explorei o máximo, por exemplo, que Einstein podia oferecer. Então, o Einstein acho que é a prova de viva disso. E um projeto muito incrível e que ele consegue estar próximo. Então existe muitas pessoas à sua disposição. Então, a gente consegue ser ouvido, a gente consegue alcançar o outro lado, que muitas vezes em uma escola, considerar uma escola, a gente não consegue ter acesso. A gente não consegue contribuir com nossas ideias, a gente não consegue fazer parte daquilo; a gente está inserido naquilo. Então, existe uma diferença bem grande nessa percepção de você contribuir para esse processo. É como o dilema, né, do Einstein de aluno para o aluno, e você simplesmente só estar aí, claro, aprendendo e recebendo essas informações, mas esses processos tá meio que desvinculado, né. E é justamente isso, professor e aluno caminham juntos. Então, acho que pra superar isso, buscar, eh, orientação seria o certo a se dizer.*

**19. P1 - Você se sente prejudicado(a) pelo excesso de informação?**

*E02: Eu acredito que sim. Sim. Eh, Mas por outro lado eu creio que seja algo que a gente consegue trabalhar conosco. Então, uma coisa que 2020 ressaltou foi: 'você está nas redes sociais, eh, você absorve tanta informação e parece que você se insere naquele cotidiano que pode ser tratado de diversas formas e isso pode te prejudicar emocionalmente, fisicamente eh, na conjuntura familiar, entre amigos, enfim... Então acredito que sim. Posso ser muito prejudicado pelo excesso de informação, mas eu também está responsável por... pelo que estou consumindo então eu consigo, eh, controlar isso. Então, é isso.*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E02: Eu tava conversando com a minha mãe sobre isso ontem. Eh, eu acho que ter a garantia, a certeza eu, eu acho que é algo muito forte a se dizer. Mas, em números, eu acho que 70 por cento seria um número plausível, assim, acho que não posso dizer menos, por que eu fiz... eu entendo que eu fiz muito. E eu não posso dizer mais porque, às vezes, a gente esperar demais também, não sei essa é a percepção que tenho hoje, esperar demais talvez pode me desapontar. Então, não estou despreparado, mas 100 por cento preparado também eu acho que é fazer com que a gente queira de mais da gente, né. Acho que não é possível estar 100 por cento preparado, talvez. Mas é o suficiente para encarar uma prova [riso].*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E02: Reflexões. Negativa. Negativa. Teve seus lados positivos, principalmente, eh, eu acho que pela locomoção. Não dá para falar as sobre estudar, sem citar o deslocamento do estudante e encarar a realidade do nosso país, né. Então, eu acredito que isso foi uma vantagem muito grande. Isso, no... me contribuiu muito pra que eu ganhasse horas. E em contrapartida estar em casa sozinho, te dá mais brecha para não manter focado. Então, eu acho que o não manter focado, ele te prejudica mais do que você só se locomover. Então, eu acredito que mais me prejudicou, é mais*

algo negativo [do] isolamento social do que algo positivo. Isso só citando dois pontos, né, dois aspectos.

**P1: Se quiser citar mais algum, fica à vontade...**

*E02: Eu acredito que, eh, eu acho que quando você tem inserido numa sala de aula, acho que as coisas serão muito melhor. Meu Deus! Isso é sem sombra de dúvidas. Isso é um fato, assim. Eu acho que é mais fácil professor, mil vezes mais fácil e ainda mais que eu tenho um professor em casa. Meu Deus! Fui usado de todos os meios este ano de 2020 e assim como pra gente estar cara a cara perante um problema de matemática, física, química do que simplesmente tá ali no... no meio digital, né, e principalmente a atenção, por mais que você, eh, enfim pode ter fala, veja fala no EAD é muito mais complicado isso pra solucionar o problema ali, de imediato, né. Então, enfim, isso é mais algum dos pontos. Meu! Eu acho que com certeza tem bem mais aspectos negativos do que positivos.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E02: Muito difícil no início. Meu Deus! Eu não sabia o que eu ia fazer se ia dar conta, se ia dá certo, se ia aprende de fato. Fiquei [com] muito medo, eh, principalmente porque no início a gente tinha um calendário e nesse calendário haviam as provas estabelecidas nas datas e a gente já recebe ele pronto e começar o ano cogitando não ter provas presenciais me deixava um pouco afoito [afrito], porque eu sabia que se eu não aprendesse durante o... o trimestre ia chegar a prova e a prova ia me mostrar isso. Então, o tempo, assim, foi uma peça-chave pra conseguir administrar tudo isso. Eh, foi bem complicado saber definir, chegar até o que eu respondi em outra pergunta acima, que foi estabelece o que que eu deveria colocar como prioridade. Eh, mesmo que eu procurava os professores-mentores, falava 'olha eu tenho dificuldade nisso, vocês acham que deveria dar atenção?' 'a quanto tempo... quanto tempo deveria fica em cima desse conteúdo?', isso aqui vale a pena estudar ou eu passo?' e, principalmente, eh quando não aprendia muito ali na aula, no EAD, e aí a gente ia pro exercício, e aí você fazia exercício, você tirava dúvida, mas ainda ficava algo muito raso, e aí o conteúdo da outra semana dependia daquele e isso acabava embolando, e a gente tinha cinco seis aulas por dia, mais monitoria, mais aula extra, então, assim, não dava pra conseguir abarca tudo isso, né. Então, estudar on-line foi uma missão. Um dos meios foi fazer um grupo de estudos, com outros alunos, pra se senti um pouco mais inserido e todo mundo consegui guia... se guia junto, assim, sabe. Eh,, eu acredito que, se fosse sozinho, sem ninguém, sem nenhum aluno seria muito mais difícil, só tendo a orientação do professor, porque a realidade do professor é muito diferente da realidade do aluno. Então, você está junto com alunos é melhor, mas mesmo esse processo sendo on-line também é complicado, né. Então, acho que foi uma experiência maluca. Consegui. Mas não recomendo [risos]*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E02: Eh, eu acredito que o sentimento de impotência ele vem quando dependendo do, de a, eh dia assunto, que ele pode se cotidiano, a gente não consegue compreende ele na íntegra. Eu acho que um exemplo disso seria o contexto político ou a própria política. Acredito que a política é algo bem complexo de compreender. Fazer política, certas pessoas vão fazer com que ela seja muito fácil, vão parecer com que ela seja muito fácil, mas o que rola por trás, eu acho que é um processo muito complexo. Então, às vezes, você está inserido, né, eu tenho dezoito anos estou inserido numa sociedade que existe política em tudo. Papel é política, uma caneta é político tudo é político. Então, acredito que você estar inserido, dezoito anos – vou*

*colocar minha a minha percepção – e ainda não compreendeu todo esse processo e ter ciência de quem tem noventa anos não vai compreender é como um todo é meio estranho. Não é que nem formar uma sílaba com a outra e no fim gerar uma palavra, né. Então, acho que se colocar esse parâmetro de informação, eu acredito que é um exemplo de impotência, sim. Não consegui compreende o todo e sabe que você está fazendo parte daquilo; você faz a política mais você não tem, não seria a total influência, mas eu acho que poder, pra colocá-la em prática. Você sozinho, não, você precisa de mais pessoas. Então, assim, por outro lado é um processo de aprendizado, né. No decorrer da vida você vai aprendendo, mas o sentimento de impotência vem quando essas coisas são muito difíceis, né, Então, acho que isso é a melhor resposta.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E02: Sim. Eh, Deixa eu pensar assim melhor. Sim. Eh, já estive. Eh, é a minha... a minha experiência foi com o meu curso técnico em informática, que eu fiz em conjunto com o Ensino Médio e a gente aprendia algumas linguagens de programação. E é algo que você precisa de livros, pessoas – no caso professores, no plural, quanto mais, melhor [risos] – eh alunos, muita paciência e todos os meios, assim, possíveis em todas as... todas as línguas, eh, enfim, literalmente qualquer pessoa do mundo que tiver o seu lado, que tiver disposto a te ajudar vai contribuir para esse processo. Só que mesmo você tendo tudo isso, você pode não conseguir. Então, eu acho que isso seria o melhor, a melhor exemplificação para esse... esse momento vulnerável à informação. Eh porque não tem coisa melhor ali pra exemplificar, porque como é um curso técnico integrado em informática é, literalmente, sobre isso, né. Eh, o que tem por de trás de meu click, é uma... é algo muito complexo de compreender e mesmo quando você compreende toda a parte teórica pra você coloca isso em prática, através de códigos, eh, você pode coloca quantas vezes você quiser, mas são muitos detalhes. E até mesmo com... com todas as pessoas a sua volta te dando apoio, eu acredito que nem sempre isso é possível, é... é bem difícil. Eu considero isso como bem difícil. A parte da tecnologia em si, como a mágica acontece ela é bem complexa. Então, acredito que esse seja um momento de vulnera... vulnerabilidade em relação a ter isso porque eu acredito que mesmo com apoio assim, eh, você encontra bastante dificuldade. Então, eu acho que responde à ocasião.*

**P1: A linguagem é complexa**

*E02: E demanda por um olhar bem cauteloso.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E02: [Risos] Muito boa a pergunta. Nossa! Tivemos muitas discussões disso no Einstein pra nos reconfortar. Eu acredito que tanto os professores como projetaram num ano pensando em que iria ter o vestibular da UFSC, assim como outros vestibulares, né. E... e... e... ter essa limitação do ENEM é algo bem complexo. A gente sabe que o vestibular por si só ele não é nada justo, mas é muito difícil dizer que tem como ser. Eh, eu acredito que até esse processo acontecer, não, não sei o quanto isso vai demandar e o quanto burocrático isso será. Então, assim, foi*

decepcionante como as coisas se deram. Eh, Mas, assim, quando os resultados vieram, quando as coisas foram estabelecidas a gente acaba tendo que acha uma forma de lidar com isso. Uma coisa que a gente sempre ressalta é que na maioria das vezes são sempre pessoas que não têm nada a ver com a história e que definem pela gente, né. Então, é bem complexo isso porque é uma cadeia e as coisas são definidas de cima para baixo e quem tá embaixo obrigatoriamente vai acatar com isso de uma forma ou de outra e a gente tem que lidar com isso. E ao mesmo tempo que é um desrespeito, mesmo sendo um desrespeito ou não, as coisas vão seguir da mesma forma. Claro, eventualmente, vão ter, né, a gente cita aí o Conselho Universitário e muitos dilemas na... na discussão do que seria feito com esse vestibular, a forma de ingresso e tudo mais. ED, enfim, acharam mais viável o ENEM. Se realmente é, não sei. Pra mim, eu não vejo como mais viável, né. Eu acredito que, ainda mais, assim, outros vestibulares pelo país eu acredito que tem mais semelhança. Agora pegar o vestibular da UFSC, que não, não... O parâmetro de nota é muito diferente do ENEM, a forma como é aplicada a prova é muito diferente, a quantidade de dias, as formas como as questões são trabalhadas, descritas, a forma de como é a pergunta, o problema. Isso é bem, bem diferente, então... É claro a gente estudou o máximo que pode, pensando nas duas coisas, mas infelizmente focamos em uma, mas, claro, né, o aprendizado não tá perdido, mas de certa forma é... é lamentável, assim, por um lado.

**P1: Queres colocar mais alguma coisa sobre essa questão?**

E02: Acho que tá... tá... tá ok, assim, a gente... [risos] eu já me conformei, neste processo aí eu já ficou louco... já fiquei: 'Meu Deus! Não acredito, não pode ser assim' e aí, por outro lado: 'é, mas é o que tem, porque se não for assim também não vai ter nada', então... Vamos, né, fomos premiados, aí, com um... com esse ano extremamente atípico. Eu acredito que, eu acho que é através desses momentos que revoluções acontecem, eh, planos b são colocados, eh, de lado mas eles vão passar a existir pra que ele, né, futuramente coisas assim não continuem a acontecer e existe e que exista, venha a existir um plano mais conciso. Eu acredito que muito, neste ano principalmente na vida do estudante, foi de muitas variáveis e [acelerando a fala] as coisas variavam muito, mudava muito de um dia pro outro, era literalmente de um pro outro, de manhã era definido uma coisa de tarde era definida outra, de noite as coisas já mudavam totalmente. [retornando ao ritmo normal]. Então eu acho que, em funç... em respeito ao estudante, que nunca foi muito assistido, eu acho que as coisas deveriam ser mais, eh, cautelosas, né. Então, enfim, pra, então, fechar questão 25 [risos].

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

E02: Eh, eu acho que eu vou começar acredito que pontuando meu Ensino Médio e... Antes, meu Ensino Fundamental. Então, eu um aluno que vim até o meu nono ano eu estudei em escola privada. Eh, A partir do meu Ensino Médio no primeiro ano do Ensino Médio eu entrei no Instituto Federal. Então, desde então, ali na transição, a gente teve um contexto um pouco diferente na minha casa, que foi a separação dos meus pais. Então, isso foi algo que mudou a realidade financeira da casa. Então, até o nono ano eu tive um... um suporte, eu tive uma qualidade de vida totalmente diferente do que eu viria ter no... posteriormente, né. Eh, se tratando de ensino, a gente sabe que existe uma variação gritante do ensino público e privado, né. Então, eu não posso dizer que eu ensino privado ele foi precário, porque não foi. Então foi muito bom, foi muito suficiente e também foi um dos meios que me permitiu prestar uma prova pra concorrer uma vaga de Ensino Médio no Instituto Federal. Então, é... é um processo e é um privilégio, né, literalmente, ter essa... essa condição e que me

*permitiu isso. Então foi também uma realidade muito des... destoante, assim, o que via dentro de uma escola privada e dentro de escola pública, eh, me deparar com Ensino Médio e ao mesmo tempo foi surpreendente a questão de, eh, de ensino, eh, no sentido de a forma como é ensinado.*

*Então no Ensino Médio eu me deparei com uma realidade muito diferente, com uma equipe muito maior. Eh, a questão, também, de, né, você está crescendo, então você tem inserido em outro meio. O fato também de eu está inserido já pensando no trabalho, então, desde os meus quinze anos. Então, eu fiz uma escolha de entrar no Ensino Médio, visando também que um curso técnico me beneficiaria financeiramente, posteriormente o Ensino Médio. Então, a realidade foi mudando, algo que eu não via até o final do meu nome o ano isso será impossível cogita um médio público integrado a um curso técnico, visando um ponto financeiro, né. Então essa realidade mudou totalmente de um ano pro outro. Então, no decorrer desses anos, eh, amadureci muito tive muitas percepções de mundo diferentes eh, que eu acredito que melhoraram muito assim essa questão de compreender a... as coisas no geral e se deparar com uma realidade também diferente do que seria o Ensino Superior. Então, conhecer, eh, professores que vieram de universidades públicas federais, estaduais e me deparar também com uma reflexão assim, onde os meus... os meus pais visaram, projetaram uma vida é que não, não, não posso dizer que era a de classe média, mas assim, batalharam muito para custear o estudo, mas pensando também que no ensino superior poderia vir a cursar uma graduação numa instituição privada, né.*

*Então, chegar no ensino público e se deparar com o processo de entrar no ensino, eh, de graduação público foi totalmente diferente também. Eu vi que havia concorrência. Assim como eu o vi que a maioria das pessoas que ocupavam aquelas cadeiras não eram as pessoas que deveriam estar naquelas cadeiras né. Então foram processos bem, bem complexos, assim, se deparar com realidades muito distantes e ver que que ia no... na instituição privada, na maioria das vezes, era aquele que não tinha condições e aí através de financiamentos estudantis conseguia, eh, dar continuidade ao ensino meu superior né. Então foram dilemas, né.*

*Fiz muitas escolhas, assim, e decisões pra continuar nesse Ensino Médio concluir ele e quando a gente chegou, literalmente, na pauta de definir como seria o meu futuro, virei pra minha mãe e falei: 'olha, na realidade em que estamos é impossível pagar uma universidade privada'. E, aí eu morava em Blumenau, acho que cheguei a comentar isso contigo, em Blumenau nas uni... instituições privadas o processo de bolsa ele era muito complexo. Na maioria das universidades de lá, elas não... não faziam parte dos programas PROUNI, FIES, Mais Valer. Então, as bolsas que você conseguiam, elas eram ali na faixa de 30 por cem e eu me deparei com a mensalidade de 2 mil e quinhentos, 3 mil reais. E aí era completamente inviável principalmente porque não somos uma família que mora de aluguel há muitos anos, eu nem sei quanto tempo, então era... era muito inviável isso.*

*Aí colocando na ponta do lápis, ao invés de eu vir sozinho para Florianópolis que é o único lugar onde tinha meu curso público e um... o quinto melhor do país, eu vi que seria interessante começarmos a orçar isso, né. O que seria mais vantagem - me mandar sozinho ou vir todos, né. Então, no fim das contas, a gente acabou decidindo por vir a minha mãe e minha irmã junto comigo.*

*Então, aí temos um outro privilégio gigante, que é ter o apoio da família e que topou junto. A minha mãe é professora de educação infantil, ela prestou processo seletivo, como eu prestei vestibular pra cá tanto para instituição privada quanto pra pública. A minha irmã, também, que é um pouco mais velha e também tava fazendo faculdade lá e aí começamos a organizar pra transferir. Então, arquitetamos a nossa vida, eh,*

*saindo de Blumenau vindo pra cá. E não seria a primeira vez porque eu sou nativo de Montes Claros, Minas Gerais. É norte de Minas, a gente se mudou há oito anos para Santa Catarina. A gente se mudou primeiro pra Blumenau, moramos aí sete anos em... em Blumenau, então viemos para em Floripa. E, então, desde então, eh, foi um processo, claro, mudança não é nada fácil, né, foi um processo bem complexo eh, financeiramente e emocionalmente e aí projetamos muita coisa, gastos, enfim, e aí nos deparamos com a pandemia.*

*Né, então, claramente não foi nada fácil, mas tive a minha mãe que esteve empregada, e aí quando as coisas começaram a caminhar, a minha irmã que estava empregada, ficou desempregada. Era alg... alguém que ainda ajudava em casa e ficou aquele dilema: 'como vamos fazer e tudo mais?' e esse processo foi muitos meses, acredito que a minha irmã ficou oito meses desempregada, ela tava muitos anos de casa já em outra empresa. Não era previsto que isso acontecesse, eh, estive numa situação onde 'vou trabalhar vou procurar ou não procuro?' e aí a gente entra no contexto do que algo que chamou muita atenção em 2021 [2020], a vida do... do professor de educação infantil dentro do contexto de pandemia. Então, a decisão de ter alguém pra ajudar foi basicamente da minha mãe, assim: 'vamos definir se você ajuda o financeiro ou se você me ajuda aqui, porque eu sozinha não vou dá conta de trabalhar com todo, tudo, todo, tudo em EAD'.*

*Então a gente acabou definindo que eu não deveria, deveria ficar em casa estudando pro vestibular e também ajudando ela no... no trabalho. Então, enfim, foram muitos desafios, ah, não posso descartar aqui que tive muitos e muitos privilégios, eh, pra ter chego até aqui. É, de ter conseguido também a vaga no Einstein, que foi por conta de contatos em Blumenau que me indicaram antes mesmo de mudar.*

*Então, assim, uma coisa que é o percebi muito ainda em 2020, ele resumiu isso eh, como oportunidades elas são muito variáveis. De cor, de onde você vem, da sua classe social e quantas ironias tem neste processo também, né. Eh, a indicação do Einstein veio de uma... de uma equipe de alunos, enfim, de um grupo, da..., de uma das melhores escolas do estado que é a rede Bom Jesus, de Blumenau, eh, e quando eu parei e foi muito bom esse... foi muito boa essa indicação, mas ver também que não são todas as pessoas que conhecem esse projeto, né e como é um desafio isso, porque as pessoas que deveriam saber da existência dele, elas não sabem e as pessoas que porventura têm mais acesso à informação, elas acabam tendo esse... essa oportunidade, né. Então, isso, claro, né, esses alunos [da escola Bom Jesus, que indicaram o curso pré-vestibular gratuito] não fariam parte desse projeto, mas de certa forma a elas são meios para propagar pra um nicho de pessoas uma determinada eh, oportunidade, né. Enfim, essa é minha experiência que eu tive, né, até chegar no Einstein.*

*Foi um lugar que me fez crescer muito e que bom que fez não me fez crescer muito me surpreendi muito porque aprendi bastante, assim. Eh. Nossa! Imensurável o que aprendi tanto se tratando de conteúdo, quanto de vida, quanto na questão cultural, também. Eh, então, eu acredito que acho que esse contexto ele é interessante ressaltar, né, que conheci muitas realidades muito distantes da minha, mesmo eu sendo aqui uma pessoa que veio de escola pública de Ensino Médio que também vim de um cursinho, no... em 2019, que eu havia feito também, promovido pela UFSC, eh, por alunos da UFSC, mas que, enfim, cada um vai ter sua situação, sua experiência, mas existem patamares completamente diferentes de onde esses processos começam, né. A minha batalha, eu vejo que ela começou em 2017, quando entrei no Ensino Médio, quando tive uma percepção mais real e outras pessoas estão nela desde quando nasceu, né. Então acredito que acho que isso é um ponto importante*

de ressaltar na... nessa pesquisa que você tá promovendo e, então, eu acho que é isso, assim, acho que complementa, acho que minha história é uma... é uma peça-chave pra isso, né, pra todas essas respostas.

### **ESTUDANTE 03 (E03)**

#### **01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E03: É. Eu acho que em qualquer momento, em... um... Desde alguma série histórica que eu vejo, já procuro no Google alguma coisa. To sempre aprendendo alguma coisa, assim, sabe. Então, em qualquer momento do dia que eu leio um livro, alguma coisa, eu to sempre aprendendo um pouquinho mais.*

#### **02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E03: Hum. Deixa eu tentar formular uma resposta. Pera aí*

#### **P1: Tudo bem. Pode pensar. Fica à vontade.**

*E03: Ah! Eu acho que sem informação a gente não consegue crescer na vida, né. Então eu acho que é muito importante e eu identifiquei... Assim, se eu quero ser alguém na vida, eu preciso buscar informações, preciso crescer pessoalmente e profissionalmente, enfim. Então, eu acho que a informação é a base de tudo.*

#### **P1: Em que situação você precisa de informação?**

*E03: Eh, eu acho que mais, tipo, pela necessidade, por exemplo, de, né, passar no ENEM e tudo mais e quando me surge uma curiosidade, que eu lendo ou vendo alguma coisa que eu não sei e eu quero aprender mais sobre isso. Agora eu não busco informação se eu to tranquila em algum canto, só querendo relaxar. Eu não faço isso por hobby. [risos]*

#### **03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E03: Então, eu não sou muito de... agora principalmente pro ENEM, eu não so muito de pesquisa, assim, em sites e tudo mais. Eu uso o material que eles, eh, dão pra gente, né, e aí se me surge uma dúvida muito pontual, assim, ou eu mando pro professor, eh, ou eu pesquiso no Google. Faço uma pesquisa rápida ali e é isso. Mas eu não tenho um site específico que eu faça as pesquisas.*

#### **P1: Quando você pesquisa no Google, de que maneira que você pesquisa?**

*E03: O mais simples possível eu coloco uma palavra-chave e eu pergunto como é que faz tal e aí coisa e eu consigo me virá. [risos]*

#### **04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E03: Eu adoro biblioteca, mas eu não vou, eh, porque aqui perto de casa não tem nenhuma, né, então eu e ia só lá na escola. Então, agora não tem mais escola, aí eu não vou... [risos]*

#### **P1: Qual era a escola?**

*E03: O IFSC [Instituto Federal de Santa Catarina].*

#### **P1: E quais os serviços da biblioteca que você utilizava lá no IFSC?**

*E03: Eu nunca fui de pegar livros na biblioteca para levar, como é que fala?*

#### **P1: Empréstimo**

*E03: Pegar para levar pra casa e lê. Eu gosto de ter os meus livros, aqui em cima, ó [aponta para estante de livros]. Eu sempre compro. Mas eu usava a biblioteca pra estudar, então eu ia lá nas mesinhas e estudava.*

#### **05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E03: Não. Seria isso mesmo. Eu abro o Google lá em pergunto. Faço uma pergunta aleatória, tipo... às vezes é uma coisa muito difícil que eu não consigo elaborar uma*

pergunta. Eu vou colocando as palavras-chaves lá e vou... e vou buscando, daí consigo me virar.

**P1: Você faz perguntas por texto ou por áudio?**

*E03: Por texto*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E03: Eu sempre tento olhar, eh, olhar quem que escreveu aquela página ali do site, ver se é um site confiável e eu sempre abro dois ou três, pra ver se as informações batem. E, aí, se tem muita divergência, eu vou abrindo mais e vou vendo, porque tem essa diferença nas informações, mas eu sempre abre dois ou três sites pra ver se tá... se eles condizem*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E03: Essa que eu pesquiso?*

**P1: É. Isso.**

*E03: Eu pesquiso mais quando é para tirar uma dúvida, mesmo, porque eu uso mais material dos professores, né. Então, às vezes é uma coisa, assim, que eu não... não tava pegando muito bem, ou é uma fórmula que eu não lembro, alguma coisa do tipo, então, é sempre um extra, assim. Não é a base dos meus estudos. É sempre um extra.*

**Ent: E você costuma fazer resumos, anotações, destacar o texto, copiar?**

*E03: Eu não faço aqueles resumos bonitinho, mas eu tenho vários cadernos e aí eu sempre faço as anotações. Porque eu aprendo melhor anotando, né, então, eu sempre anoto.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E03: Eh, deixa eu pensar.*

**P1: Pode pensar, fica à vontade.**

*E03: Ah! Eu não sei...*

*E03: Como você faz para absorver aquela informação da rede? Além dos resumos, por exemplo, você memoriza, conversa com outras pessoas (familiares, colegas, professores), lê em voz alta?*

*E03: Tá, agora... agora acho que foi [risos]. Eh, eu tenho um grupo com dois amigos meus do cursinho, então, a gente sempre conversa por ali, a gente tira dúvida ou chega assim: 'aí vocês pegaram aquela matéria. Nossa! É super fácil' e vai falando e tudo mais. Eh, eu falo muito sozinha, então, eu converso comigo enquanto eu to estudando. Eh, às vezes eu faço post-it, ó aqui na minha parede tem vários [aponta para a parede]. E quando descubro, assim, uma curiosidade que tem a ver com... com... com o conteúdo que to estudando, geralmente é mais história e geografia isso, né, eu sempre conto, assim, pra quem vem na minha frente e falo 'nossa! Você sabia que em tal país acontece tal coisa. Então, eu faço isso.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E03: Hã-ham. Tá. Eu vou falar mais da minha experiência, que eu pesquiso só na internet. Eu não sou de pesquisar em livros e em biblioteca e tal. Eh, eu acho que a maior dificuldade que eu tenho é de encontrar site realmente confiável, sabe. Porque, às vezes, sempre fica aquela dúvida: será que quem escreveu realmente é uma pessoa que entende do assunto? Enfim, porque sempre têm aquelas pessoas que querem dar pitaco em tudo e se acham os experts e aí, então, essa é a minha maior dificuldade, de encontrar realmente uma fonte bem confiável.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E03: Não. A maior dificuldade que eu tenho é em exatas, então, é [risos] onde eu mais pesquiso, assim, tipo mais quebro a cabeça. Mas no geral, não.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E03: Bom. Agora a gente deu uma parada, né, teve o recesso, então, to tentando volta pra o ritmo, mas ano passado eu acordava cedo de manhã e, como não trabalho, tinha o dia inteiro livre, né, pra estudar. Então, eu separava as matérias do dia pra estudar e conciliava com as matérias do IFSC e aí ia estudando, assim. Eh, tinha dias que eu estudava cinco matérias, tinha dia que estudava duas. Dependia muito do pique que eu tava, porque, as vezes, tava muito cansada, esgotada e aí acabava não rendendo. Mas o dia inteiro era só pra passar a matéria e vê os slides, vê apostila e tudo mais e aí à noite aula do... do Einstein, né. Aula on-line. Então, começava às oito parava às dez da noite, basicamente isso.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E03: Bom. Eh, em Geografia, História Português, que é mais leitura, eu gosto muito de ler em voz alta. E como se tivesse pronunciando pra mim mesma, sabe. E aí eu paro e fico: 'nossa! Mas é isso mesmo?' E aí vou conversando comigo e tal. Eh, eu escrevo, também, né, então isso me ajuda bastante. E com a questão de prioridade, eu... eu não consigo priorizar.*

**[Interrupção, por problema de conexão]**

**[Conexão reiniciada]**

*E03: Tá, eu ia falar agora da parte das prioridades e dos critérios...*

**P1: Ok. Vamos repetir, então.**

*E03: Ok. Eh, nessa parte de prioridades, eu sempre priorizo mais as matérias de humanas e de linguagens. Eu deveria priorizar mais as de exatas, que é onde tenho mais dificuldades, mas justamente por isto, é como se fosse um ímã, puxa muito pra humanas e vou em humanas. Então era o que eu mais estudava... Eh, ano passado, né, e agora, nessa época de revisão, também.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E03: Tá. Deixa... nesse sentido, o que eu faço pra ter certeza que essa informação é útil e relevante?*

**P1: Isso**

*E03: A eu não sei. Deixa eu pensar. [risos]*

**P1: À vontade...**

**[pausa]**

**P1: Por exemplo, você reconhece a necessidade de informação, você avalia informação, você a usa de formar crítica na construção de um texto, na construção de uma redação.**

*E03: Tá. Eh. Vamos ver se... Eu vou responder e aí tu me diz se respondi de acordo com a questão.*

**P1: Tá.**

*E03: A é é como um relação aos materiais que o estudo do dos professores e monitores é é eu entendo que eles estudaram é buscar informações para escrever as apostilas e tudo mais. Só que durante a leitura tem coisas que eu me questiono se*

disse o realmente tá correto sabe então mas eu vou buscar minha própria formação é em tudo é deixou o é impor digo ela baixo né por que tem coisa que pode ser que eles tenham se confundido tinha normal né as vezes é uma coisa que não entendi direito a questionar a tratamentos e seguir explica direito nem em dinheiro é isso mesmo ontem sequela de outra forma. Então, eu acredito que seja isso. Não se eu respondi certinho.

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E03: Às vezes, sim. Às vezes, eu sinto que meu cérebro tá virando uma sopa [risos]. Tem o dia, como eu falei lá na questão da rotina, tinha dia que eu conseguia estudar só duas matérias, porque eu já não aguentava mais, assim; a cabeça não funcionava. Mas tinha dia que ia, assim; que pegava no pique e que conseguia fazer bastante coisa.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E03: Muito cansaço; aí batia um... a desmotivação que daí eu ficava pra que que to estudando isso, eu não vou usar isso futuramente, só pra passar no ENEM. Coisas do tipo, assim, sab. Ficava meio borocochô, desanimada, mas logo, assim, passava. Então, era muito de dia, variava muito.*

*E03: E na condição física?*

*E03: Eh, muito... muita, muita dor nas costas e, principalmente muita tensão. Eu sentia muita tensão e aí os nervos tudo embolado, uma tristeza que só e dor de cabeça.*

*E03: E isso diariamente, algumas vezes na semana?*

*E03: Dor de cabeça, uma vez na semana, por aí, agora, duas nas costas direto, direto. Daí eu ficava tensa, né. Daí eu ficava tensa e aí quase todo dia.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E03: Eu geralmente desligava o computador e ia fazer um... uma hidratação na pele, no cabelo, ia tomar um banho, colocava uma música e dançava. Ficava olhando pro céu, enfim, qualquer coisa que me tirasse das telas, assim, sabe, que eu fugisse dessa realidade de estudante e tirasse um tempinho pra mim.*

*E03: Outro aluno do Einstein que fala sobre olhar para o céu. Posso perguntar se é uma dica do curso?*

*E03: Não. Não. É uma coisa que vem comigo já há muito tempo. Eu amo olha pro céu, então. Da minha janela que eu consigo ver ele [risos]. Adoro.*

*E03: [Pesquisadora explica que também tem uma forma de se desestressar, olhando para uma palmeira]*

*E03: Qualquer coisa relacionada à natureza, assim, pra mim é um refúgio muito grande.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E03: Poderia me explicar essa questão, por favor?*

*E03: Sim. Você tem informação ali na apostila, na internet, livros e ainda assim tem dificuldades. Quais são essas dificuldades e desafios?*

*E03: Tá. A minha principal dificuldade, ali na parte de exatas, não importa quantas vezes eu leio eu sempre me esqueço as fórmulas sempre... não, não consigo encucar na cabeça. E aí, o que eu faço pra enfrentar isso é mandar mensagem pros monitores, pedindo tipo uma extra pra eles me explicarem porque eu por si só, só lendo aquela informação eu não conseguia... eh desenvolvendo eu não conseguir resolver as questões e tudo mais.*

*E03: Especificamente quais disciplinas?*

*E03: Matemática, física e química [risos].*

*E03: A dificuldade maior é a aplicação das fórmulas?*

**E03: É. Às vezes, às vezes, até a teoria eu consigo entender agora... ai, ai... exatas é uma dificuldade muito grande.**

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E03: Sim. Eu tento relê e fazer as questões e se não consigo aquela questão eu pulo pra outra. Mas alguma questão eu tenho que conseguir fazer, pelo menos uma. E eu vou tentando, vou tentando.*

*E03: E você buscar é orientação com familiares, com o professores, ex-professores?*

**E03: Não. Com familiares, não. Eh, com ex-professores eu não, não gosto muito de incomoda, apesar de eu ter contato com alguns deles nas redes sociais. E [busco orientação] ou então com os meus professores e monitores atuais do cursinho ou com os colegas, mesmo, mando mensagem lá no grupo: 'ah! Vocês conseguiram fazer, entenderam e tal? Me ajuda'.**

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E03: Não. Eu acho que informação é sempre bem-vinda. Acho que a gente nunca sai prejudicada. Eu tenho um professor do Einstein que ele fala assim, ó: 'tu nunca vai... nunca vai encontrar um nerd arrependido'. Porque sempre informação é bom, né, apesar da gente ficar um pouco sobrecarregado, nunca é jogado fora, né.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E03: Eh. Eu já vou emendar ali com a segunda a pergunta, eh, eu não me sinto 100 por cento preparada. Eu acho que eu podia ter feito um pouco mais, mas ao mesmo tempo eu vejo que eu fiz tudo o que eu podia fazer, não entendo, eu... Um mas um mix de sentimentos, um mix de emoções, mas eu acho que uns 80 por cento. Eu acho que eu consigo, sim, tirar uma nota boa. E to indo na fé, né. [risos].*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E03: Eu acho que os dois. Positiva, no sentido de, tipo, da minha casa até a escola e da escola até a UFSC eu... eu perderia muito tempo no ônibus. Então, foi um tempo que eu consegui extra, digamos, pra estudar, né. Agora, negativa, eu sou muito de conversar durante a... durante a aula, assim, não paralelamente. Eu converso sobre o assunto, então, se eu já não entendia, eu pergunto pra uma amiga: 'ah! Tu entendeu? Ah! depois me explica', alguma coisa do tipo. Eh, eu sou muito desse contato, assim. Eu senti muita falta disso esse ano. Então, negativamente pra mim foi horrível. Eh, e aquela coisa, assim pela internet ficava um pouco de medo de pedi alguma coisa pro professor tal. Já, eh, ao vivo, assim, já levanta a mão, uma pergunta. Então esse contato, assim, mesmo, foi uma... um baita ponto negativo para mim.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E03: Eh. Técnico... tecnologicamente pra mim foi tranquilo, assim, né, tenho internet, tenho computador e tal. Mas para mim foi muito mais cansativo, muito mais exaustivo, assim num nível muito alto. Eh, foi horrível nunca quero ter que experimentar isso de novo. Eh, nunca quero na minha vida fazer uma faculdade EAD pra mim. Isso seria o fim dos tempos, porque eu realmente [risos] não consigo. Eu tenho muita... muito problema, assim, de me concentra. Então, se passava uma borboleta, assim, eu já... na janela, eu olhava. Então, pessoal... eh, pessoalmente, né, presencialmente para mim é muito melhor. Então, assim, em casa, tenho um desafio muito grande, mesmo. Sobrevivi. Mas foi difícil.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E03: É no sentido de tá um pouco desfalcada?*

*E03: Isso, de não ser capaz, de não conseguir, de não atingir seu objetivo.*

*E03: É. Receio e medo eu tenho, assim, né, de não conseguir, eh, atingir o meu objetivo. Mas, por questões de ficar nervosa na hora da prova, por mais que a gente vai treinando, pode acontecer, né. Então, tem que tá preparada pro... pro positivo e pro negativo. Mas eu acho que com relação à informação, não, sabe, eu acho que o Einstein, ele foi um... foi presentes, assim, sabe. Eles conseguiram suprir todas as expectativas que eu tinha de um cursinho e passaram tudo o que eu poderia imaginar; até mais coisas que eu nunca tinha aprendido na escola, eh, informações e conhecimentos que eu nunca tinha ouvido falar eu aprendi no cursinho, então, acho que, além de levar pro ENEM, eu vou levar para a vida. Então, eu, nesse sentido, eu me sinto bem. [risos]*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E03:*

*E03: Tá. Eu vou responder igual àquele esquema e, a, tu me diz se respondi, certinho. Tá?*

*E03: Hu-hum.*

*E03: Eh, já me senti vulnerável. Um exemplo, eh, é, ano passado, agora, no... no cursinho, a gente aprendendo, enfim, conta em matemática e tal e etc. e u não lembrava conceitos básicos. E às vezes eu nunca tinha aprendido um conceito básico que o professor já tava cobrando e tudo mais. Então, eu fiquei, tipo, igual eu entendi nesse sentido ali do... da fome e do dinheiro [na pergunta, a pesquisadora, como exemplo de vulnerabilidade, a situação de uma pessoa que esteja com fome e mesmo que tenha dinheiro, poderia estar vulnerável, caso não haja alimento disponível], né, eu tava aprendendo, eh, a conta difícil, que seria o dinheiro, mas a fo... a fome, que seria aquela conta básica eu não sabia, né. Então, nesse sentido, eu acredito.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E03: Então... agora eu to tranquila. Agora, eu já aceitei a ideia de que não vai ter o vestibular, que só vai ter o ENEM. Mas quando eles, tavam nessa transição 'de vai te, não vai te e tudo mais, eu entrei em desespero, eu fiquei: meu Deus! E a agora, o que vai ser de mim?' [risos]. Aí eu mandava mensagens pros meus amigos e [faz voz de desesperada]: 'meu Deus! Eu não vou conseguir e não sei o que' [risos]. Porque, imagina, né, eu tinha duas chances, o ENEM e o vestibular. Agora, eu tenho só uma. Então, foi um baque muito grande. Mas, por outro lado, eh, a UFSC cobra livros pra lê, né. A forma de redação da UFSC é diferente. Então, não tem da UFSC, a gente conseguiu foca só no ENEM, então, só na redação do ENEM, não precisamos mais lê aqueles livros que era necessário. Então, mudou todo uma... a gente focou em uma coisa só. Então nesse lado foi muito positivo e agora to tranquila, já. Já passou todo aquele desespero de antes.*

*E03: E esse passar o desespero, você contou com apoio do curso...*

**E03:** *Sim, hã-ham. Essa questão de ‘ah! Não precisa foca em dois vestibulares, só em uma prova’, a gente escutou isso de vários professores, né. Eles sempre conversaram com a gente nesse sentido, sempre foram muito abertos; a organização, também. Então, eles conseguiram passar gente tranquilidade, também, sabe. Então a gente tinha, agora em novembro, dois simulados um do ENEM e um da UFSC. A gente fez o primeiro do ENEM e aí o segundo da UFSC – foi bem nessa época que eles tavam decidindo e tudo mais – o cursinho cancelou aquele... aquele simulado da UFSC, fizemos um segundo simulado do ENEM. Então, justamente pra gente não ficar desfalcado e focar ainda mais no ENEM, sabe. Então, eles foram perfeitos. [risos]*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

**E03:** *Ah! Vamos por partes, então. Eh, com relação ao meu ano e ao cursinho e tudo mais, eh foi bem difícil, mas eu fico muito feliz por ter, eh, conseguido sobreviver e dá a volta por cima, porque na metade do ano eu achei que não ia conseguir dá conta e chegou dezembro e eu vi que eu dei conta. E eu fiquei muito feliz que tu, quando tu me mandou a mensagem: ‘ah! Eh gostaria de participar de uma entrevista...’; eu me senti bem importante, não vou negar. E eu gostei bastante de poder participar disso, foi a primeira experiência que eu tive, assim, de poder ajudar alguém no TCC e tudo mais. Eh, te desejo muita sorte, né, e que tu eu consiga. Eh, é isso, eu acho. [risos]*

**ESTUDANTE 04 (E04)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

**E04:** *Ah! Eu busco informação, na verdade, o tempo inteiro, né, mas, muitas vezes é quando... quando vejo realmente que não sei algo, daí quero aprender aquilo, quero saber aquilo, aí é quando mais... mais pesquiso, mais procuro.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

**E04:** *Ah! Na verdade, aí é uma pergunta que eu não sei explicar muito bem. Na verdade é uma coisa que eu sinto, só sinto, sabe. É como se eu precisasse, eu sinto como se eu precisasse saber. É aí que eu começo a ir atrás das informações que... que eu procuro, que é quando geralmente não sei alguma coisa ou quando to curioso pra saber alguma coisa, daí eu procuro e até apreende.*

**P1: E você buscar essa informação para conhecimento, para atender uma necessidade informacional ou para resolver um problema ou uma questão?**

**E04:** *É mais conhecimento. Muitas vezes eu pesquiso, só... só por curiosidade. Eu vejo alg... alguma palavra ou alguma coisa que eu não sei, daí pesquiso pra saber o que que é, mas é mais de mim, mesmo, para mim saber, mesmo.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

**E04:** *É que eu tenho alguns, ali que é pra... que eles corrigem ah... palavras, por exemplo, quando eu tem... eu tenho dificuldade pra se alguma palavra pra bota em redação, aí ele geralmente me ajuda e tem... É que agora, assim, de cabeça não lembro o nome. Ele é ele salvo no meu computador. E eu pesquiso muito, na verdade, no Instagram, que a... uma hashtag chamada Redação ENEM e lá sempre tem professores ajudando, tem muita informação de Português e tudo mais. Eu posso em... eu posso enviar, depois, os sites aí que eu uso.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

**E04:** *Não. Não chego a ir à Biblioteca. É não tenho o hábito. É porque eu uso muito celular e computador, né, daí eu sempre consigo tudo o que... o que eu preciso, através deles.*

**P1: Em escola você cursou o Ensino Médio?**

*E04: No Instituto Estadual de Educação.*

**P1: E lá tinha biblioteca, mas você não costumava usar?**

*E04: É que, na verdade, nem tinha muito tempo, assim, pra ir na biblioteca, por que fazia o Ensino Médio integral. Eu estudava de manhã e de tarde, sabe. E eu faziam um curso, só que não era pré-vestibular, ele era técnico, na... nos dias que eu estudava à tarde. Então, eu mal tinha tempo, assim, pra pegar o livro lá e consegui lê, porque eu tava sempre muito cansado.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E04: Ah! Então, na verdade, pesquiso em vários sites, né. Eu nunca confiei em um site só. Porque [risos], se a gente for vê, até... é até meio confuso, chega uma hora que fica meio confuso, porque quando a gente pesquisa a mesma coisa em vários sites diferentes, cada site diz uma coisa, né. Mas aí, eu vejo, eu vejo, eh, vou pesquisando o que mais condiz, mesmo, com aquela... com a minha pesquisa. E o que eu ve... aí, geralmente eu veja se, tipo, muitos sites fala a mesma coisa e um fala errad... eh, fala diferente, a sempre confio nos que mais falam daquele jeito, sabe, que mais me mas tem informação dada da mesma forma.*

**P1: Para fazer as pesquisas, você usa palavras-chave, faz pesquisa por texto ou por áudio?**

*E04: Geralmente. Geralmente eu coloco a palavra que eu quero pesquisar, eh, já direto. E aí eu já vou pesquisando tudo, eh, em volta dela, porque geralmente eles já... já abrem vários caminhos para outras pesquisas junto, eh, da... da palavra e aí já consigo ver tudo, tudo mesmo tempo.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E04: Então, na verdade, eu costumo lê e daí eu vo procurando em vários sites, né, como eu falei, os que, eh, eu vejo que são muito, eh, parecidos, eh, pouca coisa de... de diferença, algumas palavras só que mudam e eu vejo que já, eh, três, quatro sites fala a mesma coisa, eu acabo, eh, confiando naquilo. Agora, quando vejo que tem muitos sites que fala muita coisa diferente, eu já... já tento buscar em alguma coisa mais profunda, algum site mais profundo, que explique melhor. E aí eu vou vendo também pela... pela fala, né, é porque às vezes eu... eu já sei algumas... mais ou menos do que se trata. Aí quando vejo que já não é tanto como eu achava que era, daí eu já vejo que realmente tá... não é aquele... não é aquela informação que eu procurava.*

**P1: E quando você se reportar a site mais profundo, o que você quer dizer com isso?**

*E04: Ah! É que geralmente eu vou... eu costumo pesquisa e de um site eu pulo pra outro, porque sempre tem um site dentro de outro. Então, sempre vou... costumo a ir me... me aprofundando sobre aquilo. Eh, por exemplo, vamos supor a biologia, por exemplo. Aí, beleza, eu pesquisei a biologia, daí lá na biologia lá, tava, ah eh, biologia explicando tudo certinho como é e embaixo, daí, já tá lá bio... biotecnia, biomedicina, biotal, daí já vou... começo a entrar neste site para ver se... que daí já falam sobre outras informações para ver se realmente condiz.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E04: Então, eu uso na verdade mais quando to com muita dificuldade em um assunto, por exemplo. O Youtube é o lugar que me ajuda bastante principalmente com matemática. Matemática no Youtube, eles ajudam bastante, eles ensinam muito cálculo. Porque, assim, às, às vezes a gente pensa 'ah! Tudo o que aprendi na escola não vou mais esquecer'. Daí, a gente pensa que não precisa mais estudar aquilo, porque já aprendeu. Aí, passa três, quatro anos e, quando a gente vai ve, já esqueceu*

a maior parte e ficou só um pouquinho gravado na memória. Às vezes passa dificuldade. Aí eu corro pro Youtube e o Youtube vai lá e me ensina tudo .

**P1: Revê as bases, né.**

*E04: É.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E04: Então, eu costumo vê onde eu tenho mais dificuldades, né. Eu vi que tinha muita dificuldade em redação. Aí eu... até no Einstein eles, eh, dão um professor, assim, ajudante pra gente e a professora ajudante que eu pedi foi uma de redação, inclusive. E aí ela... ela me ajudou bastante em redação e aí... ela também... ela cursa medicina. Então, ela já acabou, eh, me ajudando em muitas outras coisas, como, por exemplo, a matemática, também, que eu tinha dificuldade. Ela me mandava vídeo dos professores que ela teve, né, eh, que eles têm canal no Youtube e tudo mais; eu assistia os vídeos que ela me mandava. Ela sempre corrigia minhas redações. Ela sempre me ajudando muito. Então, eu costumo vê, eh, onde eu tenho mais dificuldade e corre atrás pra sempre melhora.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E04: Ah!. É verdade eu acabo não tendo tanta dificuldade... A minha dificuldade maior mesmo, eh, é a internet em si, que colabora né, que com a pandemia aí ficou muito lenta e às vezes demora um ano pra achar um site só e, às vezes, não site que a gente queria. Então, essa é minha maior... minha maior dificuldade, mesmo.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E04: Não. Na verdade, não. Quando, eh, eu pesquiso, mesmo, que eu procuro aprofunda, ali, a minha pesquisa, ali, eu consigo sempre... sempre gravar o que... o que eu quero, ali. Eu sempre consigo fixar na mente tudo que eu preciso.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E04: Então, eh, até outubro, por ali, eu tinha uma rotina que eu acordava às oito; aí eu tomava café aí a cada, aí a cada hora, a cada 45 minutos eu tinha uma... eu estudava uma disciplina. E, uma hora e meia eu deixava pra redação, que era onde eu tinha mais dificuldade. E, aí essa era a minha rotina, sabe, e aí nas horas... aí eu, eu tinha minhas horas livres, que era pra pode jogar jogos que gostava, vê filme e tudo mais. Só que ali pra outubro, ali, eu já comecei a desanda um pouco de disse.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E04: Então, eu sempre priorizo as que eu tenho mais dificuldade, né. E as que eu já tenho mais uma facilidade, eu costumo revisa. Então, eh, por exemplo, eu tenho dificuldade em Matemática e Redação. Então, eu costumo sempre pesquisar, eh, tema de redação, eh, costumo pesquisar, pra botar a Redação, algumas falas que eu não conheço, algumas palavras diferentes. Eh, costumo pesquisar bastante coisa assim. Em matemática eu costumo ver muito vídeo no Youtube, que é pra me ajudar em algumas contas que eu tenho dificuldade ou que, às vezes, acabo ou que, às vezes, acabo esquecendo. Então, acabo priorizando mais as que eu tenho dificuldade e as outras já costumo só dar uma revisada uma lida.*

**P1: Você faz resumo, post-it, sublinha, destaca?**

*E04: Eu faço... eu faço... faço mais é rascunho, mesmo, na verdade.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de**

informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).

*E04: Ah! Então, na verdade, é que como, eh, eu busco a Medicina e eu já sei quais eram as competências que lá eles pedem, eh, maiores notas, eu vejo as que tenho mais dificuldade e aí eu vô sempre pesquisando pelas que eu tenho mais dificuldade. Como já fiz outros anos, eu sei as minhas notas e onde eu já tenho mais dificuldade acaba até facilitando pra mim, Então, eu sempre vejo onde tirei a... as melhores notas e costumo correr atrás para sempre melhorar.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E04: Ah! Me sinto. Me sinto. Às vezes... às vezes, dá vontade, assim, de a gente desistir de tudo, né, na verdade, porque é muita coisa. Nossa! Chega uma hora, assim, que a gente fica com a cabeça a mil e a gente quer um descanso e tal. É bem... é bem cansativo, na verdade. E principalmente... né, e principalmente, agora, com a pandemia e tem toda aquela dificuldade da internet, sempre muito problema. Eh, foi muito complicada este ano.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E04: A minha condição física, assim, na verdade piorou, né, porque aí eu só... basicamente acordava, tomava café, sentava no computador e ficava lá o dia todo, que daí eu estudava nas horas livres e logo em seguida já vinha as aulas do curso. Aí eu estudava nas horas do curso, jantava, tomava banho e ia dormir; era basicamente essa rotina. Ahhh e a emocional ficava, nossa! Nem sei descrever, porque a gente sente, sei lá, no início a gente tenta se motiva e tudo mais, mas aos poucos a gente vai se abalando, né, é meio difícil aguentar, porque, aí, a gente não conseguia ver ninguém; a gente não via ninguém, além da... da tela do computador, do celular; mal conversa com as pessoas e o emocional fica bem abalado.*

**P1: Alguma palavra que defina a sua emoção?**

*E04: Eh, olha, abalado, seria uma palavra que definia.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E04: Ah! Eu costumo, eh, assistir um filme, uma série, jogar algum jogo no computador, conversar com meus amigos. Alguma coisa que me faça relaxar, sabe.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E04: Então, o meu primeiro maior desafio foi meu computador, que... que não ligava [riso]. Aí eu... como eu não entendo, assim, da parte do hardware, que é... que é a parte física do computador, aí eu tinha muita dificuldade em saber o que tava acontecendo, eu procurava, eh, meus amigos e tudo mais que pudesse me ajudar ou algum profissional. Só que, eh, como eles não poderiam mexer nele pra saber o que tava acontecendo, era sempre muito difícil. Aí, um dia, eh, eu levei lá no meu primo, que ele mora perto da minha casa e ele entende o básico, assim, aí levei na casa dele; ele foi lá e em cinco minutos ele arrumou pra mim. [risos]*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E04: Ah! Eu sempre busco corre atrás de tentar melhorar onde eu tenho dificuldade. Mas essa pergunta seria a dificuldade, por exemplo, da informação ou do estudo no geral?*

**P1: É do uso da informação no geral. Por exemplo, a quem você recorre caso não compreenda. Como você lida com isso?**

*E04: Ah! Então. Lá no Einstein a gente tem o professor que ele sempre ajuda a gente. Então, quando a gente tem alguma dificuldade, em qualquer matéria e geralmente*

eles são específicos de alguma que eles entendem mais, só que no geral, eles geralmente entendem de todas e todos os professores, na verdade, ficam disponíveis pra gente, né. Eh, a gente pode perguntar para qualquer um deles, que eles sempre respondem a gente. A minha, por exemplo, a minha tutora Einstein, como é chamada, ela da era... é especialista em Redação, mas eu sempre perguntava de matemática pra ela e ela conseguia me ajuda, sabe. Às vezes, nem precisava perguntar pra ela, eu perguntava pra outros professores também e eles me respondiam sem problema. Eh, eles sempre também chamando, perguntando se ele eu precisava de alguma ajuda, se eu tava entendendo a matéria.

**P1: Esse acompanhamento deles bem próximo dá confiança?**

E04: Dá. Cara, muitas vezes, assim, a gente tava com a cabeça, assim: ‘Nossa! Eu to cansado, vô desistir de tudo, esse ano não é pra mim’. Eles vinham: ‘Ah! Tá tudo bem, vamos conversar’. Aí perguntavam o que que tava acontecendo, sabe. Eles sempre, sempre motivando a gente, dizendo pra gente não desistir, que tudo ia melhorar, é só uma fase, que o importante é a gente supera tudo isso. São bem... bem atenciosos.

**19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

E04: Olha, não exatamente prejudicado, mas é porque a gente fica... chega uma hora que a gente fica exausto, né. E quando a gente fica exausto, a gente não... acaba... parece que como se não entrasse mais nada na nossa mente. Então, acaba sendo... por esse lado acaba sendo, é, prejudicial, um tanto. Que tem... tu tem que te o, assim, o limite, né. Tu tem o limite, daí quando vai com esse excesso, muito excesso, aí a cabeça já não fica mais legal e a gente já não consegue mais prestar atenção, não consegue entende a matéria.

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

E04: Então, eh, preparado, preparado, não me sinto, né, que eu tive bastante dificuldade, na... não tem como negar. Mas eu diria que uns 60 por cento preparado, só, por aí, assim, uma média.

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

E04: Ah! Pra mim foi negativa, porque, eh, moro numa rua é que ela é muito barulhenta, passa muito carro, moto e o meu quarto, a minha, onde fica o computador, eles ficam bem de frente pra essa rua. Então, eu sempre tendo que escuta a moto passa, carro passa, buzina e aí é... é... era cachorro latindo – que eu tenho cachorro em casa, também, né – aí, às vezes passava algum cachorro na rua, elas ficavam latindo, então acaba atrapalhando bastante, sabe. E o... o essencial para mim seria mesmo eu estar numa sala, eh, com todo mundo prestando atenção, [inaudível] no silêncio. Aí ia ser perfeito.

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

E04: De início eu tive... tive muita dificuldade, né. Aí eu tava tendo muita dificuldade, daí eu conversando com o pessoal, eles falaram; ‘olha, como tu tá tendo dificuldade, a gente tem os tutoriais, tu, é, vê onde tu tá tendo mais dificuldade, eles te proporcionam um professor pra te ajudar naquela tal matéria, mas tu pode pedi ajuda também para todos os outros professores’. Aí eu corri atrás de... de consegui um tutoriais, [inaudível], aí eu consegui e ela – nossa! – ela super me ajudou. Ela que, eh, ajudou no meu plano de estudos de estudar... eh, acordar às oito e estudar as matérias que eu tava tendo dificuldade e tudo mais; ela super me ajudou em tudo.

**P1: Desde a organização, cronogramas?**

*E04: Desde, eh, desde a organização, porque eu tava bem desorganizado, sabe, eu tava meio perdido, porque eu nunca tinha estudado, assim, eh, on-line e tudo mais. Daí eu fiquei 'Meus Deus do Céu! Como é que eu ou fazer?' Daí, um dia eu estudava uma coisa ou outro estudava outra. E aí ela foi lá e organizou tudo direitinho pra mim. Ela fez uma planilha e falou: 'ó, estuda assim e tal, eh, estuda tantas horas por dia, que é pra ti não fica exausto e tudo mais'. Aí ela passou tudo certinho pra mim.*

**P1: E essa planilha, ainda tens? Poderias compartilhar?**

*E04: Eu tenho. Só que ela tá no meu computador. Daí eu consigo enviar por e-mail, se... se puder.*

**P1: Sim.**

*E04: É. Mando, sim.*

**P1: Obrigada.**

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E04: Ah! Sim. A gente acaba se sentindo, porque muitas vezes não tem a informação tudo adequado como a gente quer. Aí a gente acaba pesquisando muito, pesquisando muito. Tem informação que... que é rápido. Tem informação que a gente já consegue achar em, sei lá, dez minutos, gente já... já consegue ver que é aquilo, mesmo, que gente procurava; agora têm informação que fica... a gente fica pesquisando, aí abre um site, que diz que é aquilo, aí, vai vê e não tem nada a vê, é só uma palavra, eh, só a palavra que em no site e aí acaba dificultando ainda mais.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E04: Sim. Já, já me senti, eh, vulnerável em relação à informação.*

**P1: E você tem algum exemplo que possa citar?**

*E04: Ah, eh, muito também sobre o sentimental, né, que a gente e acabava ficando abala... eh, com o sentimento abalado e, aí a gente acabava querendo 'ah! Hoje eu to... to meio triste, eu vô fica só assistindo um filme; vô só descansa'. E isso querendo ou acabava sendo prejudicial, né, porque o vestibulando, ele tem sempre que tá, é, o quanto mais pesquisa, o quanto mais aprende, sempre melhor.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E04: Então, eh, na verdade é uma coisa complicada, né. Eu me senti triste e em um certo modo, mas querendo ou não, eh, eu acabo entendendo, né, que a gente tá sofrendo uma pandemia. É complicado colocar, por mais que a gente acabe fazendo, eh, o exame pra... de calor pra vê se a nossa temperatura tá... tá alta, baixa, pode sim ter alguém que, que seja, transmissível, mas aqueles que não mostra, sabe. Ah, me esqueci o nome da palavra, que quando a pessoa é...*

**P1: Ele transmite o vírus da Covid sem estar sintomático. Está assintomático.**

*E04: Assintomático. Isso. É uma pessoa assintomática pode ser. Então é muito complicado bota, eh, milhares de adolescentes numa sala, trancado por várias horas. É muito arriscado, então acabo entendendo. Mas, por outro é triste, porque a gente*

*estudou, estudou, estudou para chegar agora, quando a gente... a hora que a gente mais esperava e não ocorrer. Mas, pelo menos, o ENEM tá aí pra... pra dá uma ajuda.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E04: Sim. Então, eh, a sobre a dificuldade, eu acredito que, com ou sem pandemia, a gente sempre tem dificuldade em alguma coisa, né. É impossível a gente vive uma vida sem dificuldade, né. Isso é uma coisa que não existe, infelizmente. Eh, então, ter sempre o pensamento positivo é muito bom; eh, nunca desistir, sempre corre atrás do sonho. Isso é o essencial. E sobre o meu curso – nossa! – tenho muito que agradece a eles, que eles me ajudaram demais, assim em vários momentos que eu precisei; eh, os professores sempre correndo atrás pra... pra ajudar a gente, eh, nunca deixando assim, eh, a gente, eh, perdido em alguma coisa, por exemplo, ‘ah! Tens ajuda em alguma matéria? Tá tudo bem? Tá se sentido bem?’. Eles sempre, sempre tentando animar a gente, quando a gente queria desistir, eles botavam a gente pra cima, assim. É muito bom, mesmo. Eu super recomendo. E acho que é isso.*

**ESTUDANTE 05 (E05)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E05: Voltada aos estudos? Que eu busco aprender?*

**Sim**

*E05: Ah! Então, nesse ano, assim, dentro do cursinho e tudo, foi praticamente o dia inteiro, né. E, daí, eu buscava uma plataforma que eles têm, que é Educo. E daí, eles mandavam os... as atividades por lá e tudo. Daí, eu buscava as informações lá, também. E daí, alguma coisa mais assim que eu tinha mais, assim, que eu tinha mais dificuldade de entender, que eu tenho, daí pesquisava... dava uma mais pesquisada no Google.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E05: Então, eu tento resolver as coisas, né, e tento entender as coisas, né as atividades e tudo no geral lá, as matérias e, daí, o que eu não entendo, eu busco procurar né, busco mais informações, daí, quando tenho uma dúvida a mais.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E05: Ah! Eh, eu não sei, porque eu faço as pesquisas no Google e daí eu vou vendo qual o site tem a melhor... o melhor... que eu entendo melhor, né, então. Mas tem uns assim que não lembro, que é Brasil Escola ou Info Escola, eu acho que é o nome, alguns assim.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E05: Então. Eu gosto de ir, mas ir mesmo eu não vou ainda muito.*

**P1: E no Colégio que você estudava no Ensino Médio, você frequentava a Biblioteca?**

*E05: Assim, tem... tem biblioteca lá, mas eu não usei muitas vezes, assim, que a turma foi levada para lá. Acho que foram umas cinco vezes, assim, não... não foi tanto.*

**P1: Cinco vezes durante todo o Ensino Médio?**

*E05: Ah! Não [riso], eh, assim, durante os anos, né, [inaudível] foram pouquinhas às vezes.*

**P1: Sozinha, então, você não tinha o hábito de ir?**

*E05: Não.*

**P1: E você estudou desde que ano no Simão?**

*E05: Eh, desde o primeiro ano, do Ensino Médio, né.*

**P1: São três anos, né.**

*E05: Isso, três.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E05: Então. Eu pesquiso. Quando eu to fazendo exercícios, tudo, eu coloco a pergunta do exercício na busca, né, pra busca lá, mas, senão eu vou tentando escrever, eh, de acordo, assim, mais parecido com o que eu quero achar, que eu quero encontrar.*

**P1: E você pesquisa por assunto, por palavras-chave ou por texto?**

*E05: Ahm. Eu pesquiso por texto, né, por textos e eu acho que é por palavra-chave, mesmo. Eu escrevo a palavra-chave.*

**P1: Você pode citar um exemplo?**

*E05: Ah!. Não sei. Agora, no momento, não me lembro.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E05: Assim. Eu, pra fazer avaliação, eu, quando eu pesquiso eu vejo ali os links e abro todos em uma janela diferente dali eu vou lendo e o que eu mais, normalmente o que eu mais entendi e o que eu mais gostei, assim, de como foi escrito, daí é o que eu escolho.*

**P1: E você costuma analisar esses sites, as fontes?**

*E05: Sim. Eu também sempre comparo pra ver se os site, assim, estão escrito coisas similares e tudo. Pra ter certeza de que tá no caminho certo.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E05: Ah! Eh [risos]. Eu não sei essa.*

**P1: Por exemplo, você acessa, separa, faz resumo, destaca texto, sublinha, imprime, risca, faz post-it, reescreve? Como você faz com a informação que recupera?**

*E05: Ah! Um costume que eu tenho, que eu aprendi, acho que no terceiro ano, assim, do ensino fundamental, com uma professora, que eu uso até hoje é de fazer um resumo com as minhas próprias palavras. Daí, sempre que tinha uma prova, que tem, eu faço esse resumo numa folha, mesmo, escrito, escrita à mão.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E05: Então, além de fazer resumo, eu também leio os livros que a escola disponibiliza. Daí eu leio os livros, eu faço mais algumas anotações sobre o assunto, também. Não raro também E eu gosto bastante de ler, então... Normalmente eu aprendo melhor lendo e escrevendo.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E05: Então, tem vezes que eu mesma não sei bem como pesquisar. Daí a dificuldade é em como achar a melhor forma de fazer a pesquisa [risos].*

**P1: De montar a estratégia de busca?**

*E05: É uma coisa que eu já percebi que tenho uma dificuldadezinha.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E05: Bom, [risos], um pouquinho mais na parte de exatas, assim, [risos] [inaudível] bem ali nas exatas.*

**P1: Entre as disciplinas das exatas, qual que você tem mais dificuldade?**

*E05: Eh. Matemática. [riso].*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E05: Então. Antes de fazer o [pré] vestibular, antes de fazer, eu não tinha uma rotina, eu nunca fui de ter. Eu só estudava assim antes de ter uma prova. Daí sempre que tinha uma prova, eu estudava lá uns dias antes, pra estudar. É que daí ficava mais para mais fresquinho na memória a matéria. Mas agora com o cursinho, lá no Einstein*

*tem projeto de tutores que daí eu fiz a minha rotina lá eles, durante a quarentena e tudo. Daí, a minha rotina de estudos ficou: de manhã eu fazia os exercícios do Einstein, né, que eles passavam e também lê os livros do vestibular; de tarde eu continuava fazendo os exercícios do Einstein e mais um pouco da escola, também. Daí, de noite é quando é aula deles on-line, foi tudo pela, eh, tudo on-line mesmo, das seis da noite até as dez.*

**P1: E você costuma ajudar em casa, trabalha em casa, ajuda nas tarefas de casa?**

*E05: Sim. Ajudo.*

**P1: E isso atrapalha os estudos ou não? Dá pra conciliar?**

*E05: Não. Não. Foi bem tranquilo.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E05: Ah! Pra me organizar, eu gosto de fazer listas, também. Daí eu faço, vou colocando tudo o que eu quero fazer no dia, né, tudo o que eu preciso ou que eu quero e daí eu vendo a importância e pelo que também é mais fácil de começar. Daí eu vou fazendo e também o meu método de estudo... eh, nessa quarentena, assim, porque o vestibular eu não fiz no método, eu fui assim, indo pelos exercícios e tudo mais, mas normalmente o método é aqueles resumos de textos e daí... ou enquanto os professores iam falando na aula, eu também ia anotando no caderno o que eu achava importante que eles falavam.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E05: A estratégia?*

[risos, silêncio]

**P1: O que você faz pra desenvolver, sua competência em informação. Por exemplo, em aspectos éticos, reconhecer os autores, nos aspectos sociais, qual é o fim da informação; as questões políticas, aspectos relacionados a governos, e a questão econômica, às vezes vem propaganda...**

*E05: Ah! Entendi. Então, pra mim, eh, desenvolver a competência em informação, eu gosto bastante de conversar com outras pessoas, aí eu sempre pergunto, assim, pra minha mãe, pro meu pai, tudo e pra outras pessoas também, eu converso pra ve se nós temos a mesma opinião ou se nós pensamos diferentes e também pra ve todos os lados né, de o... da informação.*

**P1: Além dos seus familiares, você busca informação com mais alguém?**

*E05: Ah! Sim, eh, com os meus amigos também nós trocamos bastante informação e tudo.*

**P1: E professores e ex-professores?**

*E05: Ah! Sim, também [risos]. Também. Com todos que estão à minha volta, assim, eu falo.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E05: Ah! Tem vezes que sim [riso]. Tem vezes que sim. Um exemplo foi nesse ano de 2020, agora, que eu fiquei estudando pro vestibular e tudo. É bastante coisa que precisa focar, acho que é bem intenso.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E05: Então... nos momentos que eu tive, assim, de sobrecarga, eu parei, né, de fazer um pouquinho e tentei relaxar pelo dia, daí pra começar outra hora. Então, daí, eu parei de fazer pra fica mais calma. Assim, e teve vezes que eu realmente quis desistir, mas então em vez de desistir, só dei um tempinho [riso] E daí... A condição física eu não sei bem como explicar.*

**P1: A condição física é, por exemplo, se você sente dor de cabeça, se sente cansaço, se sente alguma dor no corpo. É algo que acontece no seu corpo.**

*E05: Entendi. Então, eu fico com dor de cabeça, né.*

**P1: Você sente muita dor de cabeça, por muitos dias, precisa de medicação? Como é essa situação da dor cabeça?**

*E05: Ah! Não. É leve. Eu só sinto assim uma dor de cabeça depois de ler por muito tempo, né [riso]. Isso também eu tenho um probleminha de visão, ali e, se ficar lendo por muito tempo, já na dorzinha. E a condição emocional daí [risos], e como falei, eu quis algumas desistir, né. Não foram tantas, só algumas, assim, que eu tava sentindo que não tava dando certo, que não tava indo pra lugar nenhum, mas, durante todo, eu até me surpreendi que consegui ficar bem positiva quanto às coisas e aceitei, né, porque tivemos uma pandemia [risos], ainda estamos em uma, né, daí... uma a situação bem diferente.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E05: Ah! Normalmente, né, assim, já que [risos] o meu foco é sempre os estudos, esse ano, tudo, o que eu fazia era, assim, no final de semana, daí eu parava, eu dava um tempo e daí ia fazer as coisas que eu queria e não as que eu precisava. Daí eu fazia, né, uns exercícios físicos, né, exercícios físicos ou eu ia ler um livro diferente ou também assistia uma série, alguma coisa assim. Ou até sai pra caminhar aqui pelo condomínio, um pouquinho. Pra tomar um sol e tudo mais.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E05: Teve coisa que nesse ano de cursinho eu descobri é que as escolas, é que nas escolas que estudei, assim, tinha umas que tavam um pouquinho atrasadas... É que como eu me mudei algumas vezes daí, eu tinha que trocar de escola e eu percebi tava, umas um pouquinho atrasadas outras, adiantadas. Isso torna um pouquinho uma dificuldade, né [risos], daí pra acompanhar o conteúdo. E também, outra coisa que é percebi do cursinho é que na escola parece que não dá tempo de dá todas as informações daquela matéria, assim, durante os anos, parece que no cursinho, o jeito que eles dividiram as matérias e tudo, deu bem certinho e eu senti que eu aprendi muito mais coisas do que na própria escola, assim.*

**P1: É outra velocidade o cursinho, né.**

*E05: É, nossa! Eu achei bem interessante o jeito que eles dividiram as matérias. Eles fazem por frentes, daí eles colocam, por exemplo, história A, B e C – e D, também, se precisar. Eles tão dividindo assim nas frentes e, daí, cada uma tem o foco da matéria.*

**P1: Que fica segmentado e você estudar melhor?**

*E05: Isso. Eu achei bem interessante isso no cursinho.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E05: Bom, pelas dificuldades que eu falei [risos], eu acho que consegui superar elas foi também no cursinho, né, que daí eles deram mais informações e descobri coisas novas e também, eu acho que pela minha mentalidade, né, que já tava um pouco melhor [risos], um pouco melhor pra entender certas coisas e tudo mais.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E05: Não. Na verdade, não. Assim é só saber separa direitinho e vê o caminho que você quer escolhe, né, quer levar.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E05: Hum. Eu acho que eu... Eu acho que eu to preparada, sim, Mas uma porcentagem: Eu acho que um 80 por cento [risos]... 80 por cento. É que ainda fica aquele medo de não ter feito a coisa certa e tals, mas acho que eu to preparada.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E05: Bom, eu acho que os dois [risos]. É que daí ei tive que estudar para a escola e para o cursinho, então veio muito mais coisas, né. E, na escola eu percebi que, não sei, pelo fato de está em casa, parece que, assim, eh, duplicou as coisas que eles mandavam normalmente, se nós estivéssemos indo pra escolas [riso]. E, daí, no cursinho, eu descobri que uma outra coisa, né, que eles fazem de modos diferente e, daí, veio várias informações. A parte positiva, então, é que eu consegui me dá bem, assim, e fazo as coisas – talvez com um pouquinho de atraso, mas consegui dá conta. E a parte negativa, é isso, de ter muita coisa, assim. E da escola, como eu tava no último ano, vinha muito coisa que o cursinho também tava passando. Daí vinha a mesma coisa nos dois.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E05: Nossa!. Bom, teve... nós que tivemos que estudar pela... por outra plataforma, que agora não me lembro o nome. Ah! Pelo Meet, lembrei. Nós estudamos pelo Meet, o cursinho. E daí, até saber mexer e tudo [risos] e como se comunicar bem, daí, foi meio difícil faze a sincronização no celular, mas depois que eu fiz isso e também com o Google Calendar, o calendário do Google, lá, depois que eu fiz a sincronização, foi mas fácil, assim, quando eu descobri como se fazia [risos]. E daí, as aulas, assim, em si foram bem tranquilas, os professores faziam os slides animados, assim, mais coloridos e tudo pra chamar a atenção. Eles colocavam umas piadinhas ali no meio pra [riso] despertar mais pra aula e tudo. Eles também, eh, levavam várias frases de motivação, né, e dizer pra nós continuar, que depois valeria a pena. Então foi adaptação bem boa.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E05: Eh. Quando eu entendo, né, muito bem, eu fico meio insegura [risos]. Quando não entendo, né, por que eu quero fazer as coisas bem certinha e aprendendo direitinho, daí, se não entende, dá um medo, assim.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E05: Então, é sim [longa pausa]. E os exemplos eu já pensei aqui, que é pela escola, que como esse foi on-line, mas não, eh, eh, videoaulas; só foi [com] eles mandando as tarefas. E daí, com questão às notas, né, que nós estávamos fazendo e eu me senti meio no escuro de não saber como que eles tavam fazendo isso [riso]. Assim, até o final, eu tava com medo de tá indo mal e tudo. Não se sabia bem como eles tavam corrigindo as coisas. Daí, esse é o exemplo, né.*

**P1: Que você se sentiu vulnerável, então, em informação?**

E05: É

**P1: Isso com a tua escola de ensino médio?**

E05: Isso.

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

E05: Olha, esse também é um bom exemplo pra pergunta de antes, né, que, a na realidade eu não tava sabendo disso. Eu só fui saber depois, quando o cursinho, falou, daí, né. Mas, mas eu assim, não sei. Não parece que mudou alguma coisa. Não vai ter o vestibular da UFSC, mas mesmo assim eu tive que continuar estudando, porque daí vai ter o ENEM. Então, como eles estavam focando nos dois, eu acho que não foi tão ruim. A única coisa que poderia ser negativa é que daí é um pouco... parece que baixa as chances, né, porque tem muitos alunos e não tendo mais de um vestibular pra fazer, já que eles cancelaram alguns, daí a concorrência vai ser bem maior. [riso].

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

E05: Então [riso], uma coisa que percebi em mim esse ano é que eu posso fazer muita coisa [riso], assim, eu posso, eh, tenho a capacidade de fazer muitas coisas pra evoluir e tudo e também eu acho que esse ano eu consegui me entender melhor, né, nas coisas e tudo o mais. Consegui ter um bom equilíbrio do que fazer. E daí um lema que tive esse ano é que, assim, nas horas que eu queria desistir e tudo, eh, eu tenho, assim, um caderno de frases, que não são minhas, são da internet, assim. Eu pego sempre da internet umas frases que eu gosto, que parecem de motivação e vários outros assuntos, daí quando eu to meio triste, eu vou lá lê essas frases. É como como se fosse um hobby meu, né [riso], tem que pesquisar frases e tudo. E daí, o lema que eu fiz é que desistir não é uma opção, daí eu ficava com essa frase e dizendo que, no fim, tudo daria certo. [risos]

**[Pesquisadora indaga se a entrevistada pode compartilhar algumas frases para eventual publicação no relatório de pesquisa]**

E05: Posso, sim. Eu só tenho que avisar que quando eu pesquisei eu era, assim, mais nova ainda, acho que foi lá por 2015, e daí não pensei em colocar de quem era a frase, eu só peguei as frases e fui escrevendo. Daí não tem a pessoa que fez.

Encerramento

## **ESTUDANTE 06 (E06)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

E06: Quando a dúvida aparece, assim. Porque eu gosto... eu não sei bem o que eu encaixo quando eu vou pesquisar algo, né. Então, assim, se existe alguma dúvida, pode ser sobre o universo, pode ser sobre algum livro, pode ser coisas que eu nunca vi, alguma palavra, que eu tente buscar, aí já busco essa palavra, já vou para outro lugar. Então, eu acho que é mais no momento de dúvida, assim, e essas dúvidas são recorrentes, porque a gente não nasce sabendo. Então, eu mesmo sou uma pessoa que eu me considero uma pessoa cheia de dúvidas no mundo. Sempre tento buscar essa pesquisa. Então, acho que seria um momento de dúvida, um momento de reflexão, assim, quando paro e penso.

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

E06: Assim, quando eu sinto que eu já entendi algo, que eu julgo algo correto, né. Uma palavra, 'ah esse é o significado dela, tá, então esse é o correto. Ok, vamos buscar onde ela se aplica', 'ok, então, eu então essa é a verdade. Ok', aí então vou para outra. E também são gatilhos, assim. Eu, particularmente... eu, [cita seu nome], tenho, né. Então, não é algo que eu fico ali pensando, pensando, pensando. Tipo, vem

*eu e eu já vou procurar, né. Eu não consigo alimentar esta dúvida por muito tempo, porque eu também tenho medo de esquecer. E daí, se eu esquecer eu parto para outra coisa, assim, sem saber aquela anterior, e aquela anterior eu posso usar futuramente. Eu posso, sei lá, ir para outros caminhos também.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E06: Bom, no cursinho do Einstein, os professores preparam apostilas e preparam estudos dirigidos para os alunos, né. Então, principalmente, a gente busca este caminho, que é o estudo dirigido, são as apostilas que eles disponibilizam. Mas também, tem sites como o Brasil Escola, que eu já usei muito para algumas dúvidas, também para questões que eu realmente não sabia, assim. Também tem o Brainly, que é muito famoso entre os alunos, com certeza, alunos do ensino médio principalmente. Assim, para buscar questões que são complexas, que a pessoa às vezes precisa ali na hora, e que acaba jogando na internet e aparece. Sabe. Então, acho que são esses sites mesmo, mais apostilas, assim, e também os próprios professores também ajudam bastante. Tem essas duas [inaudível].*

**P1: E no Google? Você pesquisa no Google?**

*E06: Sim, sim, com certeza. Sim, que daí eu chego no site Brasil Escola, chego no Brainly, que ajuda a gente, também. Tem vários sites, assim, e eu mesmo, assim, tento não me apegar muito aos sites, assim. Tento ver se é verídica a informação, pelo menos, tanto comparar se aquilo é coerente. Mas, eu não sei dizer, assim, exatamente quais todos, assim, utilizamos, né. Mas, eu principalmente uso esses dois, assim, né.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E06: Sim, principalmente no ensino médio. No ensino médio eu tinha algumas questões que nem na internet eu iria conseguir achar. Que só na biblioteca teria um livro específico para aquela informação, livros técnicos, né. Então, eu costumava ir depois da aula na biblioteca, fazer algum trabalho, nem almoçava. Ia direto para biblioteca fazer o trabalho, porque era o único tempo que tinha, porque depois a gente ia ter aula de novo. Então, eram mais conceitos técnicos, conceitos específicos, que na biblioteca. Também tinha, se tivesse algum livro, assim, que eu quisesse ler também, a biblioteca sempre disponibilizou. Assim, às vezes não tinha o livro que eu queria, mas tudo bem, a gente se conforma. Mas, assim, acredito que eram mais conceitos técnicos, assim, que eu costumava ir à biblioteca, mais conceitos específicos, assim, informações que eu precisava ali na hora.*

**P1: Você pegava livros emprestados na biblioteca?**

*E06: Ah sim. Sim, sim, sim. Não desses conceitos técnicos. Desses os conceitos técnicos, acredito que não era muito fácil de conseguir levá-los para casa, porque eram um pouco limitados, e também outras pessoas poderiam querer, né. Mas, livros, assim, com outras informações que não seriam mais específicos, livros literários e tudo mais, sim, eu costumava.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E06: A pesquisa, eu acredito que seria mais por palavras chaves, assim. Se for pesquisar algo sobre História, pesquisar direto diretamente o nome de um fato, ou o ano também... o ano ajuda muito, porque História trabalha sempre com ano, né. 'Ah, lá em 1904'. Então, colocar o ano, 'o que ocorreu em 1904, então vai aparecer basicamente tudo que ocorreu, né. Então, acredito que datas, que né, sejam palavras chaves né, datas, nomes, algo bem específico para chegar no resultado que a gente quer, né. Então, seria neste caminho.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E06: Assim, essa parte de avaliação, e selecionar, seria mais, assim, como algo de comparação, né. Pegar dois sites, assim, vamos dizer, e ver se esses dois sites, pelo menos, falam a mesma coisa, ou pelo menos falam a mesma coisa em outras palavras, né. E as fontes, como você falou mesmo, eu procuro quem escreveu. Vamos dizer, tem no G1, entro no site do G1, tem as manchetes, quem escreveu e o horário que foi publicado, né. Isso é uma validação de fonte que, pelo menos, eu uso, assim. Porque, eu sei quem é a pessoa, eu vou lá... se eu precisar de mais um verificação eu pesquiso o nome da pessoa e vejo o que que ela fez, né, vejo o que que ela fez, e é assim né. Porque, às vezes, vamos pegar um texto, vamos entrar no site e só tenho informação jogada, não tem quem escreveu, não tem fontes, citações, não tem nada, só tem a informação jogada. Então, mesmo desses aí que tem a informação só jogada, também leio e comparo. Vou em outro que tem nome, tem horário, tudo, para ver se aquilo é válido mesmo, né. E sempre opto pelo que vai ser melhor para mim, o que eu vou conseguir utilizar melhor, né. Porque, geralmente a gente usa... vamos dizer, vou pesquisar para um relatório, para um trabalho, né, para uma apresentação que eu vou fazer, eu preciso ter todo um padrão, né. Não posso só falar: 'Vi na internet, vi na internet', né, ou 'Tava num site aí'. Não, tem que ter o nome: 'Ah, foi tal pessoa que escreveu' e tudo mais. Então, eu sempre crio esse mapa na minha cabeça para, né, funcionar melhor de como que vamos selecionar, né..*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E06: Então, primeiramente eu leio, né. É um bom primeiro passo. Eu leio, e eu vejo e leio até entender, né. Eu sempre procuro entender primeiro do que sair escrevendo qualquer coisa ou citar qualquer coisa, né. Prefiro entender o que que a pessoa está falando, e daquele ponto eu começo a escrever. Daquele ponto que começo a escrever com as minhas palavras o que eu entendi, se eu precisar fazer uma citação, eu cito a pessoa, ou cito a frase, para dar uma sintetizada, né, não ficar enchendo de palavras, de coisas, enchendo de texto. Então, faço citação, 'Oh, expliquei isso e isso quer isso'. Então, é mais ou menos dessa forma, assim, que eu utilizo a informação.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E06: Bom, tem uma coisa muito pessoal que... Assim oh, eu sou uma pessoa que talvez eu seja muito acelerado nos pensamentos, como eu disse, tenho gatilhos de dúvida, eu já vou lá e pesquiso. Então, minha cabeça trabalha assim, toda a hora, toda a hora eu to pensando em algo, toda a hora to pensando em fazer alguma coisa. Só que às vezes eu preciso total foco em uma coisa só, que no caso é o estudo, preciso fazer um trabalho, preciso de total foco aí, né. Aí eu pego, coloco o fone, e eu coloco alguma música assim que eu gosto. Até eu ficar tranquilo, até eu ficar, tipo, relaxado, e quando eu relaxo é hora de começar, sabe. Que daí os pensamentos já foram tudo. Eu já to bem na minha, bem tranquilo. Então, eu acho que é algo bem específico, assim, não sei. Mas, talvez, muita gente deve usar também, que é eu focar em mim mesmo, colocar minha música, ficar em silêncio. Às vezes fazer até uma meditação, né. E é assim que eu tento melhorar o meu desempenho, tentando ficar tranquilo, tentando não pensar em muita coisa. Porque, se eu pensar muita coisa, às vezes eu to lá fazendo, to escrevendo algum artigo, to fazendo alguma coisa, e do nada já vem um pensamento aqui, e eu já não consigo mais escrever. E aquele raciocínio às vezes precisa só em um dia, você precisa fazer aquilo só num dia, porque não tem como voltar o raciocínio tudo de volta, porque é muita coisa que você tem*

que fazer, né. Então, eu acho que é eu ficar calmo mesmo. Ficar calmo comigo mesmo.

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação?**

*E06: Bom, eu geralmente... vou ser bem franco... Eu não tenho tanta dificuldade, assim, em buscar a informação, até porque tem o celular, tem notebook, tem o tablet, né. Que geralmente eu uso os três para estudo, quando a minha família não tá usando aquilo para trabalhar, eu to usando o tablet para estudar, to usando o tablet para assistir a aula, né. To usando o celular para pesquisar. Então, eu particularmente não tenho muito essa dificuldade estrutural, essa dificuldade tecnológica, de ter internet que até agora não me deu tanto problema, né. Às vezes cai, obviamente, assim, mas é tranquilo, é normal, né. Então, eu não tenho muito essa complicação, assim, para ser bem franco. Mas às vezes a dificuldade maior, às vezes, é achar mesmo a informação que eu quero, assim.*

**P1: Já aconteceu de você procurar e não encontrar a informação na rede?**

*E06: Já, claro. Claro, claro. Como eu falei, às vezes tem que procurar em livros muitos específicos. Coisas que, assim, obviamente, o professor fala: 'Ah, tentem pesquisar sobre tal coisa'. Aí, a primeira coisa que eu faço é ir na internet. Pô, na internet tem de tudo. Então vamos pesquisar, vamos ver como que se faz. E aí, às vezes na internet não tem, às vezes na internet é só uma palavra que tu pesquisou, que aparece outra informação que desencadeia outra informação e que não é a que a pessoa quer. Então, aí tem que ir em um livro específico. 'Ah professor, o senhor sabe algum livro?'. 'Sei. Tal, tal livro vai ter de certeza'. Aí vamos 'Ah, vamos pesquisar o livro'. Pega o livro e vê que é informação que tu quer que tem no livro. Aí vamos lá e pesquisa no livro. Entendeu?*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E06: Então, como eu sempre estudei presencialmente, minha vida toda, desde o primeiro ano fundamental, né, o ano de 2020 foi bem atípico, né, a gente teve que se adaptar ao ensino à distância. Então, foi bem complicado de compreender muita informação, assim. Porque não é a mesma coisa de pesquisar, assim, na internet e ver a informação. Ta tendo aula através de vídeo. Tu tem a pedir para o professor através de mensagem. É uma coisa, assim, que ainda é uma coisa estranha. Não estranho de ruim, mas estranho de diferente. É uma coisa diferente ainda. Então, esse medo, esse estranhamento talvez, distanciou a compreensão bastante... assim, pelo menos a minha compreensão... Porque antes era só levantar a mão, 'Professor, o que que é isso?', né. Sentar na primeira carteira e ficar olhando, assim, para o professor. Agora não tem mais isso, não existe mais, né, neste momento. Então, foi um pouco complexo... ainda está sendo complexo... de entender como funciona de 'Meu Deus, eu preciso que pegar o celular 6 horas da tarde, 6 horas da tarde', em vez de 'Ah, vou ter que sair do estágio 5:30 correndo, porque tenho aula 6 horas da tarde na UFSC', sabe. Essas diferenças ainda ficam batucando a cabeça, assim, e ficam às vezes impedindo que a pessoa consiga raciocinar bem, que a pessoa consiga ir bem nas coisas. Então, com certeza eu senti bastante dificuldade nessa parte, assim. Senti muita dificuldade nesta parte, né. Então, é isso.*

*Nessa dificuldade também entra aquela coisa de às vezes estar com 50 alunos on-line, mas, sei lá, 5 estão com a câmera ligada. Então, nem o professor consegue ver a reação dos alunos, ver se eles estão entendendo, enxergar se eles estão entendendo. O aluno, para dizer que ele não está entendendo, ele tem que exatamente falar que ele não está entendendo. O professor antes já olhava para o aluno e perguntava: 'Tá entendendo?'.*

[Áudio da ligação travou].

Então, como eu estava falando. Eu caí aqui, minha internet deu uma caída... Mas voltamos.

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E06: Bom, como eu me formei em outubro... Então, desde Março, Abril, quando começou o cursinho, né, até outubro, eu tinha uma rotina, né. Porque eu tinha aula, eu tava me formando, eu tinha aula do meu último semestre e tinha o cursinho. Então, de manhã eu pegava coisas do meu colégio, né, do IFSC, porque eu tinha aula de manhã do IFSC. Então, de manhã eu tinha as minhas aulas, eu já tentava fazer tudo que eu tinha para fazer de manhã mesmo. Durante as aulas eu já ia fazendo as coisas. O professor passava alguma matéria, eu já estava fazendo o trabalho na hora. Também usava minha parte da tarde se precisasse, né. E de tarde eu dava uma descansada, dava uma descansada na mente, e depois voltava para os estudos. Aí, já vinham os estudos do Einstein, do cursinho. Que daí eu estudava a matéria que tinha sido passada no dia anterior, no cursinho. Que daí já estava na mente ali, que eu já sabia alguma coisa, então eu ia para os estudos dirigidos. Ali eu via alguma coisa, lia de novo, fazer algum exercício, assim, os exercícios que eu conseguia fazer, né. E daí logo após os estudos, aí já vinha o cursinho, que começava às 6 horas e até 10 horas da noite. Aí eu tinha aulas, né, essas quatro horas de aula do cursinho. Então, isso era praticamente meu dia, até outubro. Aí, acabou as minhas aulas, eu me formei. Aí eu tive mais tempo ainda para o cursinho. Então, eu conseguia pegar as matérias do dia anterior, e ainda conseguia ver alguma coisa que eu ia ver no mesmo dia, ou futuramente, né. E aí, às vezes ainda dava tempo de fazer alguns exercícios também. E mais tempo para descansar a mente também, porque o último semestre do meu curso, não foi tranquilo como qualquer último semestre de qualquer curso não é tranquilo. A gente quebra a cabeça para fazer muitas coisas, tem que decidir muita coisa. Decidir coisas em grupo é difícil. Essa foi minha rotina.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E06: Assim, se eu não conseguisse contemplar o que era para eu contemplar, enfim as matérias. Eu partia do princípio do que era mais fácil para mim, nas matérias que eu tinha mais afinidade, né. No caso, Matemática, Física, coisa de exatas assim, que eu tinha mais afinidade. Então, geralmente meu caderno de Matemática e de Física é bem mais visitado do que o caderno, vamos dizer, de História ou de Português. Então, essa parte, assim, eu dava mais prioridade, assim. Pelo fato de que eu iria aproveitar mais, que eu ia conseguir aproveitar mais e que eu iria conseguir otimizar meu tempo, né. Que tempo a gente só tem 24 horas, e a gente sabe que para o estudante 24 horas por dia ainda é pouco, né.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E06: Bom, o que que eu faço? Ta. Eu acho que reconhecer a necessidade de informação, como já está sendo o primeiro passo ali, realmente o primeiro passo, né. A gente só vai fazer alguma coisa se a gente necessita, né. E às vezes a gente nem necessita das coisas e a gente faz também, né. Quando a gente necessita mesmo é quando a gente vai fazer, a gente tem certeza que vai fazer. Bom, identificar fontes*

potenciais também, potenciais e confiáveis também, é um passo, assim... quando a gente entra no ensino médio, a gente já cai de cara com isso, a gente já... Pelo menos eu, né. To falando muita gente, assim, envolvendo muitas pessoas. Eu tenho que falar mais de mim próprio. Mas, eu, assim, antes de entrar no ensino médio, não tinha uma ideia muito desenvolvida de fontes confiáveis. Assim, poderia pegar de qualquer site, qualquer pessoa, uma pessoa na rua poderia falar e eu usar como fonte. Mas, quando a gente... Quando eu entro no ensino médio, eu vejo que tem que identificar, é preciso, essa necessidade... a necessidade não está só na informação, como na necessidade de identificar o que pode, o que não pode, o que tá certo e o que está errado. Eu acredito que tudo que está grifado ali [texto citado na pergunta 13] seja todos os aspectos que utilizo na verdade. Porque Aquela parte de entender, é entender no meio que a gente vive, né, na situação que a gente tá, na situação que o país está. Porque, geralmente, a gente constrói trabalhos não visando mudar o país que tá há milhares de quilômetros da gente, do Brasil. A gente utiliza para a gente pega para usar aqui onde a gente vive. Então, aqui a gente... eu tenho que pensar em aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos realmente. O que que está ocorrendo agora? O que que tá ocorrendo durante minha pesquisa? né. Mesmo que as informações sejam de outros anos, comparar, né. Se está falando bem de algo que aconteceu 10 anos atrás, vamos ver o que está acontecendo agora. E fazer sempre esta comparação. Comparação também é uma estratégia muito boa, pelo menos eu acho, de desenvolver alguma informação, algum texto, algum artigo. Fazer comparações, né. Acredito que todos esses pontos, esses tópicos sejam bem importante, e sejam os que eu mais uso, assim, né. Ou os únicos que eu uso também, porque eu não consigo pensar agora não quer mais eu poderia usar. Mas, esses são pontos bem específicos que, acredito, todo mundo deveria levar em conta, né. E que é o que eu uso.

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

E06: Sim, me sinto sobrecarregado demais. Assim, como eu já tinha dito, né, para o estudante 24 horas por dia é pouco ainda. E ainda mais, não falando só de questões de aula, questões de formação política, questões de economia, questões do dia a dia, porque cada pessoa tem um problema. Ninguém é perfeito, né, ninguém tem uma vida perfeita, cada um tem seus problemas pessoais, e a pessoa em algum momento do dia vai encarar este problema pessoal que ela tem, e como que ela vai lidar com isso, né. Então, muita informação chega e pouca informação eu abstraio, pelo menos. Muita informação chega e pouca informação eu abstraio. Então, essa parte de sobrecarregar é muito forte, é muito forte, eu sinto demais que eu to sendo sobrecarregado por informação, porque todo o dia praticamente tem uma notícia ruim, né. E ainda mais tem as aulas que precisam de um tempo para eu entender, para eu assimilar, para eu fazer, coletar meus resultados, fazer minha pesquisa, né. Realmente a resposta é sim. Sim, eu me sinto sobrecarregado e esse é o meu ponto.

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

E06: Assim, claro. Na condição física, eu me sinto muitas vezes cansado. Muitas vezes cansado, cansado mesmo, assim, parece que eu corri uma maratona sendo que eu estou parado na frente do computador, né. Meu olho, já não consigo ver coisas longe. Coisas, às vezes, nem perto eu consigo, porque eu já to assim piscando demais. Eu não quero mais ver aquilo na minha frente. E o emocional é a mesma coisa também. Assim, a cabeça, assim, já não tá mais raciocinando. Se alguém faz uma pergunta, às vezes a pessoa tá do meu lado e eu não escuto. Às vezes a pessoa: 'Oh, tá me escutando?' e a minha cabeça tá longe, minha cabeça tá pensando em outra coisa, sabe. Minha cabeça já não pensa em nada. Então, essa sobrecarga às

vezes reflete muito isso, assim. Reflete no meu corpo, como eu me alimento, como minha hidratação tá sendo. Às vezes eu posso ficar doente só pelo fato de eu estar sobrecarregado de informação. E é isso. Acredito que seja bem esse ponto, assim, que é o que eu sinto.

**P1: Na condição física, você sente dores musculares? Como é você é um ambiente de estudo?**

*E06: Sim. Oh, vamos dizer. Agora eu estou no meu quarto. Meu quarto tem uma escrivaninha, tenho uma mesa aqui, e eu to com uma cadeira que eu uso para mesa de jantar. Então, não é a melhor condição, por que essa cadeira não foi feita para ficar mais de, pelo menos, duas horas, uma hora, né. Foi feita para tu se alimentar ali, dar uma encostada. E depois ir para o sofá, ficar de boa, dar uma caminhada. Mas não, eu fico aqui 5, 6 horas, 7 horas às vezes, só aqui no tablet, no celular às vezes, computador. Fazendo um texto todo curvado. Não é a melhor ergonomia que eu tenho, né. Eu acredito que muita gente também não tenha essa total ergonomia que queria, né.*

*E06: Bom, aqui no meu quarto eu acredito que seja um ambiente bem iluminado, porque o sol bate praticamente o dia inteiro aqui no meu quarto. Quando está escurecendo, quando já tá no final da tarde como agora, quase 6 horas, 5 horas agora, ligo a luz, fecho a cortina, e ele fica bem iluminado. Acredito que iluminação não atrapalhe tanto. É mais que o corpo já não está mais respondendo.*

**P1: Na condição emocional, você sente muita ansiedade?**

*E06: Ah sim, com certeza. Tem momentos, assim, que eu to lá 7 horas estudando e nada ta dando certo, que nada que eu to pensando ta dando certo. Que aquele não é um bom dia. Eu sinto que aquele não é um bom dia para estar estudando. Que eu tenho outros problemas. Eu tenho problemas pessoais, eu tenho problemas, sei lá, posso estar no trabalho, tenho problemas de alguma coisa. Sei lá, diversos problemas. Posso está com um machucado, que eu esteja pensando 'Meu Deus, eu tenho que ir para o hospital!', ou alguma coisa assim. Então, às vezes sim, dá vontade de chorar, assim. Bate a tristeza, bate a raiva. Que dá vontade, assim, 'Nem quero salvar este trabalho' e só desligar o computador. Com certeza já passei por isso, e, né, fazer o quê?*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E06: Eu paro de fazer o que eu to fazendo. Eu paro, porque não adianta ficar mais uma hora, mais duas horas ali tentando. Isso não funciona comigo, não adianta. Então, eu paro de fazer o que eu estou fazendo, vou fazer algo que me alivia. Vou ouvir uma música, vou ver uma série, um filme. Ou só deitar e relaxar, fechar o olho, às vezes dormir. Porque, na minha concepção, é a melhor coisa a se fazer, né, nesse momento de sobrecarga nesse momento que não é um bom dia. Então, é o que eu faço.*

**P1: Isso acontecia com frequência?**

*E06: Sim, com certeza, né. Pelo fato de tanto ser um ano atípico, descer um ano que só aconteceu, e acontece, né... Só aconteceu coisas que eu avalio como coisas que não foram tão boas, né. Não foi benefício para ninguém, né, o que aconteceu em 2020. Então, ficava um lance que eu pensava: 'Meu Deus do céu. O que que vai ser de mim? O que que vai ser do país? O que que vai ser do mundo em relação a isso?' e eu, às vezes, só travava, né. Só travava e eu não conseguia mais fazer. Então, acontecia com bastante frequência.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E06: Bom, tem muita coisa aqui no fundamental, né... como alguém da escola pública, escola de bairro... eu, assim, não cheguei a aprender, não cheguei a escutar de*

professor. Então, eu entrei no ensino médio no IFSC com muita gente, né, que vem de escola particular, e que vem de outros colégios. Nem todos os colégios são iguais, não vão ter as mesmas informações repassadas, né. Então, já informações novas, informações diferentes, informações que eu deveria, na minha concepção, saber, mas eu não sabia. Coisas que os professores falavam: 'Ah, mas vocês já viram isso no fundamental'. E aí eu ficava: 'Mas que fundamental é esse que o professor fez que foi diferente do meu?', 'Que fundamental é esse, professor? Porque eu não tive'. Mas essas foram algumas dificuldades, assim, essas diferenças. Como eu mudei de 2 escolas. Que eu estudei do primeiro ano do fundamental até o nono numa escola só, e depois eu estudei no IFSC até me formar agora, né. Então, eu senti essa diferença, né. E daí que eu vi que essas foram minhas dificuldades, porque se eu não mudasse de colégio eu ficaria como se aquilo foi a única verdade existente, talvez, né. Talvez as minhas dúvidas, as minhas dúvidas rápidas, os meus gatilhos de dúvida não contemplassem as dúvidas que eu precisaria, que eu tive no ensino médio, né. Então, aqui acredito que essas foram as dificuldades, de ter essa perda de informação que ficou no tempo, do timing que o professor no fundamental não utilizou direito para falar sobre aquilo, ou, sei lá, ou alguma matéria, né, alguma matéria que não deu tempo de ver. Então, acredito que essas foram as dificuldades, né, mais enfrentadas, assim, que eu hoje tenho ciência que eu perdi, que eu tive que correr atrás depois.

#### **18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

E06: Hoje em dia, com o passar do tempo, né, a gente foi conhecendo muitas pessoas, né. Eu conheço muito mais pessoas do que eu conhecia há um ano atrás, ou uma semana atrás. Então, esse contato de pessoas vai suprimindo as necessidades. Às vezes eu tenho um contato com o pessoal da Casan, que eu não tinha o contato há 4 anos atrás, ou até dois anos atrás que eu não tinha contato. Hoje em dia, eu posso perguntar; 'Ah, o que que está ocorrendo? Pode me dizer?', que não sejam informações que sejam internas, né. Mas informações do que está acontecendo, alguma coisa assim. Eu preciso entender o porquê está acontecendo isso, porque eu preciso usar um trabalho, preciso usar em alguma coisa. Eu já precisei usar desta ferramenta, de ter que entrar em contato e tudo mais. Então, eu acho que sobre essas dificuldades de hoje em dia, eu acredito que eu esteja muito mais preparado do que eu estava antes. Essas dificuldades, eu utilizo das pessoas, utilizam da internet... 'Ah, eu preciso de tal contato', eu vou para a empresa da pessoa, ligo para a empresa. 'Preciso de tal pessoa, porque preciso de tal informação'. Às vezes eu preciso, a gente tem disciplinas no curso que a gente precisa fazer, vamos dizer, orçamentos. Eu tenho que precisar ligar para uma empresa real, uma empresa real, para saber quanto custa a tal material na empresa dela, para conseguir colocar no meu trabalho. Sem comprar nada, só preciso saber dessa informação. Então, assim, eu me sinto mais preparado para lidar com essas dificuldades desta forma. De conversar com as pessoas, de ligar, de pesquisar na internet, né, de pesquisar no livro... Hoje, eu tenho muito mais coragem de pesquisar no livro... De correr atrás da pessoa, perguntar para o professor, né. Mais coragem de parar e pensar, 'Ta, eu preciso de tal informação. Onde que eu posso conseguir essa informação?', e botar a cabeça para funcionar um pouco, né. Então, é assim que eu vou lidando com as dificuldades e ir entendendo o que eu preciso também. A base de tudo é entender, não só gravar. É entender o que você está fazendo.

#### **19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

E06: Assim, acredito que sim. Eu me sinto prejudicado de uma forma, assim, que me prejudica porque chega de uma forma muito natural. Às vezes eu nem quero aquela informação para o meu dia, sabe. É uma informação, às vezes, que eu não vou usar

tanto naquele dia. Assim, não vai agregar coisa boa àquele dia, para a minha mente, naquele dia que vou precisar da minha mente boa. Então, muitos dias eu me sinto assim... 'Meu Deus', eu vou desligar a internet, vou desligar a TV, vou ficar no meu pátio sentado olhando para o céu. Porque não pode ser que essas informações cheguem tão naturalmente! Eu to rolando o meu Feed de notícias e chega ali. Vou ler um jornal e a informação está ali, tá explícito o que está ocorrendo. Então, esse excesso de informação, esse 'como' é fácil informação chegar, hoje em dia... Não que isso seja ruim, a informação chegar fácil não é ruim. Só é ruim ela chegar de forma tão instantânea, que não precise pesquisar. O ato da pesquisa... às vezes não precisa pesquisar de tal assunto, às vezes já tá ali. Então, acredito que, assim, emocionalmente eu me sinto prejudicado por esse excesso de informação.

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E06: Então, preparado, preparado, eu me senti até preparado. Só que assim, como a E06: gente tá no meio de uma pandemia e, querendo ou não a prova do ENEM é totalmente presencial, porque até quem vai fazer a digital vai ter que ir até algum lugar para fazer. Então, não tem diferença: é presencial e presencial. E eu tive contato com pessoas que eu não sei de onde vieram, não sei com quem estavam no dia anterior. Porque, eu sou grupo de risco, eu tenho problemas respiratórios, minha mãe é grupo de risco e eu moro com ela. Então, isso levou bastante em conta durante a prova, com a preocupação de passar álcool em gel, de trocar a máscara. Como que eu vou comer? Como que eu vou tomar água, sabe. Da pessoa sentar no meu lado e eu ficava: 'Nossa, Meu Deus, está muito perto!', sabe. Então, eu acredito que eu me sentir preparado até a hora que eu passei do portão. Que daí eu pensei: 'Nossa eu já estou aqui. E agora? E eu estou vendo um monte de gente aglomerada aqui na minha frente.'. Um monte de gente que, querendo ou não, as pessoas que encontram os amigos durante essa prova, é o único momento que 'está liberado' encontrar os amigos, né. Porque é algo que o governo, né... É um aglomerado sendo financiado pelo próprio governo, né. Então, não tem porque ser errado fazer isso. Então, vai juntar um monte de grupos de amigos, né. Então, isso já desestabiliza um pouco, com certeza. Mas a 'porcentagem em relação a sua preparação', eu acredito que seja entre 40% e 60%. Eu não sei se eu tava preparado mesmo ou se eu tava com medo. Eu só sei que eu fui lá e fiz a prova, e eu não consegui olhar para o lado... Obviamente que não era para olhar para o lado, né, na hora da prova... Mas eu estava 100% concentrado na minha prova, e eu só queria que aquilo passasse logo, que eu queria ir para casa, que queria estar com a minha família, que eu queria tomar um banho, que eu queria tirar aquela roupa que estava suada e que tava, que poderia tá com a doença, com o vírus. E tipo, acredito que seja 40%. 40% acho que eu tava preparado e 60% era a vontade de ir para casa e o medo instalado em mim. Mas em relação ao intelecto, o que eu sei fazer, 100% com certeza. Com certeza, se fossem outros tempos eu conseguiria fazer esta prova, sem nenhum problema, sabe. Porque, além de ser uma prova que não é fácil, que é uma prova que desgasta bastante, essa chavinha que virou, que no caso veio o vírus, veio a pandemia, ajudou mais ainda a ficar mais difícil ainda. Questões que eram fáceis conseguiram ficar mais difíceis, né. Querendo ou não, a mente fica conturbada com isso, principalmente a minha. Então é isso, 40% preparado e 60% de medo, agonia, ansiedade, querendo sumir dali, né.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E06: Acredito que negativa. Negativa totalmente. Porque é aquela relação, né, que eu já tinha dito, de sempre ter estudado presencialmente. Então, eu sempre contei com*

os professores ali, com meus próprios amigos, meus próprios colegas, né, ali prontos para ajudar. Eu pronto ajudar alguém. Então, ter o contato é importante, né. De encostar na pessoa e falar 'Calma, vai ficar tudo bem. Vamos fazer isso aqui junto. Vamos para a biblioteca juntos estudar'. Fechar uma roda de mesa, assim, com os amigos todos em volta, 'Vamos estudar. Vamos ficar em silêncio, vamos estudar. Vamos fazer isso.', né. 'Oh, toma esse livro, lê aí', sabe. Isso... isso não existe mais. Não existiu no ano de 2020, ou pelo menos desde março, né, de 2020 não existiu. Então, com certeza contribuiu de uma forma totalmente negativa. Mas foi preciso, né. Fazer o que?

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E06: Ah, foi uma experiência bem diferente. Foi uma experiência que, assim... Se me perguntar, assim, hoje, se eu gostei, eu vou dizer que não. Não, não gostei. Não é para o que eu tinha preparado para quando eu entrei no Ensino Médio, quando eu entrei no curso técnico. Não era o que eu queria, não era o que eu sonhei. Não foi o que eu sonhei, né. Determinar assim, de não poder ir na apresentação do meu trabalho final, que é apresentação junto com a turma toda, que vem os pais. Vem Até o pessoal da Reitoria, vem a diretora do IFSC assistir a gente, presencialmente, a gente dá um abraço, entrega as flores. Não é o que a gente pensava que seria. Eu sentado na mesa, apresentando, sentado na minha cadeira da cozinha, apresentando para o pessoal vendo no YouTube. Não era o que eu pensava. Não foi o que eu pensei, né. Então, foi uma experiência, assim, uma experiência diferente, né. Não totalmente ruim, mas no geral foi ruim, né. E essa é a minha experiência, assim, que eu mesmo na minha apresentação eu cheguei até a me emocionar um pouco, assim. Que na apresentação final eu falei que não queria estar apresentando ali daquela forma, mas que, né, pelas circunstâncias foi preciso, né. Não queria, não foi o que eu tinha imaginado. E que agora é só bola para frente, porque o tempo não para e o tempo não volta. Então, é só ir para frente.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E06: Já, já, muitas vezes, muitas vezes. Eu acho que todo o estudante tem isso, que eu vou pesquisar, pesquiso, encontro e quando eu encontro eu não entendo. Nem lendo 15 vezes o mesmo texto eu não entendo. Então, fica muito difícil, eu me sinto assim: 'O que que eu to fazendo?', né, 'O que que eu to fazendo de errado?'. Que palavra que eu perdi? Que termo que eu perdi? Então, isso já aconteceu, já aconteceu. Eu não tenho todas as respostas do mundo, eu não tenho todas as respostas que eu quis procurar, que eu quis achar, né. Então, com certeza na minha vida de estudante aconteceu muito isso de eu me sentir impotente pelo simples fato de não entender. De eu... o porquê eu poderia, claro, com certeza, lendo uma ou duas vezes eu conseguiria gravar todo o texto que tá escrito ali. Poderia reescrever o texto, mas não entender. Então, a impotência vem quando eu não entendo, quando eu não assimilo e não consigo transpor algum sentimento naquilo, ou comparar com o que eu penso, né. Eu não sinto uma relação comigo mesmo, ou com qualquer coisa que esteja acontecendo. Então, acho que essa é uma das maiores impotências que eu sinto em relação à própria informação.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à**

**competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E06: Ah, sim já. Quando, vamos dizer, eu tinha que ler um livro para uma prova oral, e eu não sabia o porquê que eu tinha que ler aquele livro. Não estava bem claro na minha mente, na minha cabeça. O porquê não fazia sentido. Tá, eu vou ler esse livro para essa prova, mas 'Ta, e aí? Vai ser só para essa prova? O que é que vai ter nessa prova aí? Que eu preciso ler o livro? Esse livro todo mundo tá lendo? Esse livro é um livro didático que o estado disponibiliza?', sabe. 'Porque é diferente de filmes, assim, que, em vez de livros didáticos, vamos usar algo perto da realidade de vocês, vamos usar algo que vocês entendam melhor?'. Não, só foi apenas 'Tenho esse livro. Vocês leem e vamos fazer prova, vai ter avaliação oral sobre isso. Vocês vão ter que me dizer sobre o que que o livro trata, essas coisas...'. Então, essa falta de... Na verdade, seria mais uma falta de comunicação, talvez. Uma falta de dizer, de descrever o quê que aquilo representava para a gente. E isso é um fato, um fato real que aconteceu e tal, no sexto ano. E eu não sabia porque eu tava fazendo aquilo. Mas obviamente eu fiz, porque era uma obrigação da escola. Obrigação do professor, se eu não fizesse aquilo eu não rodaria de ano, e né, eu nem poderia estar aqui, né. Não sei. Então, acho que são pequenas coisas, pequenas coisas que deixam a gente vulnerável à informação. São pequenas palavras, são coisas que não são muito complexas que deixam a gente vulnerável, né. São coisas simples, como você mesmo deu exemplo de comida e de remédio. São coisas, vamos dizer, básicas que a gente precisa, né. Mas que a gente não tem ali na hora e não sabe como resolver isso. Não sabe o que é o certo o que é errado. Então, acredito que esse seja o meu ponto.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E06: O que eu penso em relação a isso... Então, tem muita gente foi prejudicada, porque... provavelmente, né, muita gente, não vou generalizar que muita gente foi prejudicada... Mas acredito que muitos estudantes foram prejudicados em relação a isso, porque conheço pessoas que optaram não fazer o ENEM pelo fato que iriam tentar o vestibular e apenas por conta da pandemia agora que tá muito alta e que precisa se resguardar e queria fazer, né, o vestibular que estava esperando agora perto, vestibular que ia ser, pelo menos, perto da matrícula das universidades, né. Mas isso não ocorreu. Por exemplo UFSC, né, a UFSC que vai fazer o vestibular... em um processo seletivo que utiliza o ENEM e os vestibulares anteriores, não vai usar o vestibular que acredito que não tem a data ainda, né. Não to sabendo da data pelo menos. Mas no edital está escrito que vai ser usado o ENEM de até 3 anos atrás e vestibulares de até 3 anos atrás, acredito também, né. Mas não vai ser usado o vestibular... É, então, acredito que isso prejudicou, porque muita gente também... provavelmente deve ter estudantes que perderam a data do ENEM. Então, a tua única maneira de entrar na universidade Federal, ou universidade estadual, né, é pelo vestibular, né. E que agora, este ano, né, como não tem data, então, podemos dizer que não vai ter, né. Então, aqui acredito que... Eu, eu no caso não me sinto prejudicado. Mas eu me sinto... que ter empatia né, pensar um pouco, parar para refletir. Tá, as pessoas que têm o mesmo objetivo que eu, que podem estar na minha turma de engenharia, por exemplo, ou poderiam estar concorrendo comigo no ENEM não estão lá pelo simples fato que resolveram respeitar a sua integridade e integridade dos seus. De acolher a sua família... logicamente que não foi uma responsabilidade de eu ter ido fazer o ENEM. Mas parar para pensar um pouco e ver que, Nossa, muita*

gente desistiu. Pelo simples fato que ele não queria entrar numa faculdade, se formar numa faculdade, mas o seu pai não está lá para ver, seu avô não está lá para ver. Porque quando você for fazer uma prova, você simplesmente preferiu fazer a prova. E acredito que isso pesa bastante na cabeça do estudante. Que muitos estudantes sonha em entrar na faculdade, tem a opção, desde que entra no ensino médio. 'Eu quero fazer um vestibular. Eu quero fazer o ENEM. Eu quero estar dentro da universidade.', né. Então, acho que o que mais me abalou foi a empatia, foi ter empatia de pensar um pouco nas pessoas, nas outras pessoas, né. Que tão no mesmo barco que eu, optar por se resguardar mesmo, optaram por, né, por ter, vamos dizer, o seu direito de viver, de continuar vivendo, de ter a certeza que vai viver mais um pouco, né. Porque eu não tenho certeza que daqui a uma semana eu vou estar aqui, né. É eu espero que sim, também, espero que eu esteja aqui para ver o resultado do ENEM, pelo menos, né... Brincadeira, mas é nessa corrente, assim, que eu penso.

## **26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E06: Bom, primeiramente, eu queria agradecer por ter me contactado, né. Eu não esperava, assim, mas foi muito legal e a primeira vez que eu estou participando de um projeto assim, de pesquisa de doutorado que é super importante, super sério. E então, é a primeira vez que eu estou participando, né. Eu agradeço demais, demais, demais por eu estar participando.*

*E assim, em relação à educação, Eu acredito que a educação tem que evoluir muito ainda. O acesso à informação que a gente realmente precisa, acesso filtrado que a gente precisa. Tem que evoluir muito, muito, muito, muito. A gente tem que investir muito mais na base. Eu acredito nisso. Acredito que a gente tem que desde cedo estar ali incentivando... Não, não é tirado superior e colocar... não é subsidiária educação, não. É investir de igual para igual, investir bastante na base e investir bastante no superior. Porque assim a gente vai ter pessoas evoluídas quanto mais, e a gente vai pensar mais e mais e mais e mais em coisas novas, de curiosidades e mais dúvidas. E é assim que eu sinto, que eu penso sobre educação. Esse é o meu ponto sobre educação. E o acesso à informação também tem que ter para todos. Não o excesso de informação, mas o acesso à informação tem que ter, né. Porque hoje a falta de informação é grande e o excesso de informação também é muito grande. Não tem meio termo. Não tem algo que seja bom mesmo. Então, esses são meus pontos que eu queria complementar, né, que eu queria fazer esta 'crítica', talvez. Mas trazer este ponto para cá. Bom, eu acredito que seja isso mesmo.*

## **ESTUDANTE 07 (E07)**

### **01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E07: Desculpa, acho que não entendi a pergunta. Em que momento que eu busco informação? Mas qualquer tipo de informação?*

**P1: Isso, qualquer tipo de informação. A pesquisa está canalizando mais pra ENEM e vestibular, mas, em que circunstância você vai buscar informação?**

*E07: Ah! Tá. Olha. Foi, meus horários de estudo era de manhã e eu via aula à noite. Então, acho que pode ser de manhã eu estudava sozinho.*

**P1: Em casa, daí?**

*E07: Em casa sozinho, sim.*

**P1: E por que você buscava a informação, então?**

*E07: Para obter bagagem para o vestibular.*

**P1: Ter mais conhecimento, né.**

*E07: Sim, às vezes, a... a por curiosidade de certas coisas, né.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E07: Olha, a partir da necessidade, eu acho. Da necessidade que... não pera aí... É você me confundiu um pouco agora.*

**P1: Você tá lá estudando, mas, às vezes, o material não é suficiente, o que te faz procurar mais informação. É a necessidade? É a curiosidade?**

*E07: Acho um pouco dos dois.*

**P1: Um.**

*E07: A necessidade e a curiosidade também, [inaudível] dos dois. Tem muitas matérias, [inaudível] curiosidade para saber e para aprender.*

**P1: [interrupção por problema técnico na transmissão**

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E07: Eu usei bastante a plataforma Me Salva...*

**P1: [Batida de janela] To fechando aqui porque tem cachorro latindo...**

*E07: [risos] A plataforma Me Salva<sup>31</sup> e o próprio... a plataforma do Einstein, que ele usava, que era o Q Mágico<sup>32</sup> e Brasil Cursinhos<sup>33</sup>.*

**P1: Uhum. Ok. QMágico?**

*E07: Mas eu acho que me... mais fácil colocar Plataforma do Einstein, eles são apenas colocados como [inaudível]*

**P1: Além dessas duas plataformas, algum outro site que você costumava acessar?**

*E07: Olha, que eu lembre, um outro, mas bem... não frequentemente, sabe, bem de vez em quando.*

**P1: E você usa o Google?**

*E07: Ah! Sim. O Google totalmente. É o Google [inaudível] O Google é sempre.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Quando fazia o ensino médio e cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza ou utilizava antes da pandemia?**

*E07: Eu ia na biblioteca do colégio e, depois de um tempo, quando eu... quando eu fui... Não, quando eu come... ia começar a ir na biblioteca da prefeitura, que é lá no Centro de Florianópolis, deu pandemia e acabou [riso] mas eu ia pra biblioteca estudar e ler. Estuda depois das aulas.*

**P1: Você estudava onde no ensino médio?**

*E07: Instituto*

**P1: Instituto Estadual Educação.**

*E07: Isso.*

**P1: E durante o ensino médio no Instituto vocês eram levados para a biblioteca ou não?**

*E07: Não. Não tinha incentivo nenhum, mas tinha biblioteca. Ela era muito boa, muito grande, com bastante espaço e era, tipo, uma estrutura ótima só que muito pouco incentivo, sabe.*

**P1: Por parte dos professores, no caso?**

*E07: Por parte dos professores, claro, dos coordenadores. Todos.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação? Usa texto, áudio?**

*E07: Tá. Eu principalmente eu via aula do Einstein à noite e no outro dia de manhã eu fazia lista de exercícios. Ou, se eu não entendia uma matéria direito, uma matéria muito bem, que não peguei, eu ia no Google ou em alguma plataforma que eu tinha, do Me Salva, e via a aula de novo ou lia algum texto, eh, junto com o material de apoio,*

<sup>31</sup> mesalva.com/

<sup>32</sup> Antigo nome do Portal Educo - qmagico.com.br/

<sup>33</sup> brasilcursinhos.org/

*alguma coisa e depois fazia mais questões. E eu ficava nessa, de vê aula, lê textos e fazer questões depois.*

**P1: E no site você buscava por assunto, por palavra-chave?**

*E07: Pelo assunto. Aí eu botava pelo assunto, já aparecia um módulo, com os vídeos e, tipo, as questões. Aí ficava bem fácil. [inaudível]*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E07: É isso eu não costumo fazer. Não porque assunto de vestibular de, pelo menos em média assim, são assuntos não tão...que... que é comum encontra em vários sites, sabe. Eu acho... não é uma coisa que faço o de questiona quem é o autor daquilo. Só na Wikipédia, Wikipédia não uso pra fazer pesquisa. Eu acho o único site que eu lembro agora que, tipo, pega assim, porque lá realmente a pessoa coloca quer, entre aspas.*

**P1: E como é que você faz pra analisar, como você avalia a informação e como separa o que acha interessante pra estudar?**

*E07: Eu vejo o que talvez possa ser cobrado ou que eu imagino que possa ser cobrado e vá lendo, estudando. E não há uma distinção tão grande que eu fica olhando, analisando, assim. Eu vou [inaudível]*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E07: Desde o começo da quarentena eu tentei procura outras coisas pra [inaudível] estudar. Tentei post-it, tentei... só que resumo eu nunca fui muito de fazer resumo. Eu faço quando eu gosto muito de um tema ou quero lembrar muito daquele tema. E, como eu fazia, era estudar em questões, eh, tipo anotando ou vendo a aula, anotando, eh, escrevendo o que eu... o que eu entendi e depois fazendo questões. Não era muito uma coisa de fazer resumo ou post-it, essas coisas, sabe. Eu era bem o básico.*

**P1: Mas fazer os exercícios, né.**

*E07: Isso.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E07: Olha, eu lia, eu lia, eu leio, na verdade, bastante, eu faço exercício físico, também, que eu vi que é bom pra... pro desempenho nos estudos e eu acho que foca o máximo, quando a gente se foca bastante em alguma coisa melhora também. E, nunca ia, sei lá, ia estudar sabendo com [inaudível] uma pulga atrás da orelha com outra coisa, sabe. Porque eu sabia que eu não ia focar. Quando eu sentava na mesa pra estudar era pra estudar e deixava outras coisa de lado. É assim.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E07: Tá. [inaudível] Dificuldade, dificuldade, eu não tive muito. Eu realmente fui bem privilegiado nesse momento, porque, meu irmão mais velho e a namorada dele tinham um computador, que estava parado, e me trouxeram o computador e eu já tinha internet. Aí eu tô com computador até agora estudando. E meu pai, minha madrastra, eles... eu pedi um daqueles cursos Me Salva, que estava com a promoção eu [inaudível] no curso. Mas quando eu ia, principalmente no Google, em sites, sei lá, como Educa Mais e [inaudível] outras não era... não era um conteúdo tão completo, era um conteúdo mais genérico, as coisas, tipo, mais básicas. Mas é... é isso. Quando a pessoa não tem dinheiro realmente é bem difícil, bem complicado. Porque eu imagino como se eu ti... se eu tive... tivesse que estudar só por aquilo ou só pelo YouTube, sabe. O YouTube é um pouco mais difícil, também. E eu acho que é isso. Acho que a principal dificuldade foi em aulas no YouTube ou no... em plataformas do*

*Google – não sei se pode coloca isso. Porque não tava tão completa as matérias, sabe.*

**P1: Mas, por exemplo, acesso à internet tá ok? Tu não tens dificuldade? Tua internet é legal? Pra chega até a informação no ato de pesquisa aí, o resultado vem rápido ou teve alguma vez, por exemplo, que você não conseguiu?**

*E07: Que eu lembre não. Porque, sempre [inaudível] teve conteúdos relacionados ao ensino médio, aí. Também é bem fácil de encontrar esse tipo de conteúdo, mas... A princípio é isso.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação que está disponível na rede, em alguma apostila ou em algum livro?**

*E07: Em... na maioria das matérias, sim, mas principalmente em exatas eu tive bastante dificuldade, tipo assim, dificuldade mesmo, tanto que no começo do ano eu tinha me matriculado num curso que tem no próprio Instituto, que é de matemática, é um reforço aos sábados, pra... pra pode, eh, trabalha isso, né. Trabalha essa dificuldade e aprende. E tava, eu fui em duas aulas, tipo, já tava sentindo uma coisa que, tipo, ajudava, sabe. Era uma coisa boa lá. Aí quando parou tudo, eu acabei deixando de lado e fiquei só com as aulas de matemática do cursinho. Mas, mesmo assim, não... É bem difícil, bem difícil estudar sozinho, assim.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E07: Não. Eu... eu tive o privilégio de ficar só em casa e fica sustentado pelo meu pai, porque eu não trabalhei. Não fiz, entre aspas, nada, fiquei só estudando, realmente eu acordava de manhã, acordava uma sete e meia. Acordava antes e começava a estudar às sete e meia, até umas 11, 10 horas. E à tarde eu lia. Não fazia muita coisa à tarde, ficava mais solto, assim, e à noite eu via aula. Eu não... eu tentei não sobrecarregar com isso, sabe, pra não... pra deixa uma coisa mais leve, não fica tão pesado essa coisa de... de pré-vestibular*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E07: Eh, em exatas, principalmente, às vezes eu ia pra monitoria, que o Einstein tinha, mas não foi tantas vezes, que a monitoria que realmente era... É difícil esse contato de tá no computador, de... de entende a matéria, mesmo com a pessoa explicando é bem difícil. Mas a princípio é isso. Quando eu não entendia uma matéria de exatas eu ia para a monitoria.*

**P1: Uhum...**

*E07: Ou até mesmo deixava de lado, assim, porque realmente fica difícil sobrecarregando ou deixan... indo atrás de uma matéria que tá lá atrás [inaudível] sabe. A pessoa que tá atrasada nisso aí.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E07: Ah! Sim. Uma... o que eu fazia bastante era... o que aprendi, pelo menos no início do ano é pega gosto pelo que tá aprendendo, sabe, tipo, te a vontade de... senti aquele prazer de tá aprendendo, de fala nossa, que matéria legal, sabe. E foi isso que, eu acho, que manteve, que deu vontade de estudar, mesmo, de quere aprende, quere te prazer com o que tá aprendendo. E, acho que é isso, a princípio. Não sei se [inaudível].*

**P1: Quando você precisa de uma informação, sabe identificar qual é essa informação?**

*E07: Sim*

**P1: As fontes, por exemplo, sabe quais são as mais confiáveis, em função das fake news que existem? Você uma análise...**

*E07: Sim. Sim.*

**P1: ... dessas informações?**

*E07: Agora eu entendi do que você está falando e, sim, eu tenho uma ideia do que é fake news e dos sites que se propagam, dos livros que se propagam, principalmente dos livros, que eu... que eu vi... Eu não li o livro, mas eu vi um vídeo da pessoa, tipo falando sobre o livro do... não ironizando, mas mostrando os principais pontos que estavam errados no livro daquele [inaudível], eh, Leandro Narloch. Não sei se sabe daquele livro, da história do Brasil, que é tudo uma falácia aquele livro todo. E, acho que, principalmente isso, as pessoas... agora entendi o que você tava falando, das fontes, eu acho que as pessoas quando vão procurar a história do Brasil não espero não procuro aquilo, acha aquilo, sabe.*

**P1: Uhum...**

*E07: Acho que aquilo até nem poderia estar, por... por apresentar fatos falsos e... equivocados, né, e distorcer discursos, mas, sim, eu tenho uma noção de como... eu tenho uma noção de sites de governo, quais são confiáveis e quais não são.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E07: Sim, eu acho que, de certa forma, sim, mas eu tentei uma vez pra forma mais... tentei levar da forma mais leve, tipo, não me sobrecarregando, deixando, sabe, reconhecendo que tem coisa que eu vou deixa de lado pra não prejudica, sei lá, minha saúde mental ou como eu estou, sabe. Então, tem muita matéria que eu deixei de lado, pensei não, eu não preciso aprender tudo isso agora, não preciso, eh, vê 12 horas de aula por dia. Não preciso disso, sabe, eu posso vê num horário tranquilo. Então, de certa forma, sim, e é, eu acho que sim, pode [inaudível]*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E07: Olha, eu precisava, assim uma... a pessoa se sente meio fraco de não consegui aprende aquilo, triste de não consegui aprende aquilo, acha que a pessoa está [inaudível] entre aspas, muito burra o que não... não está apta para aquilo e acaba desistindo, mas eu acho que sim, acho que era isso, de às vezes tristeza por não conseguir aprende a matéria, de acha que é burra a pessoa. No mais é isso.*

**P1: E no físico, sentia alguma coisa ou não?**

*E07: Não. No físico, não.*

**P1: Nem na questão de postura, por exemplo, na questão ergonômica de ficar muito tempo abaixado, estudando?**

*E07: Pois é, mas, nisso, eu tava ficando bastante com isso e pensei, tipo, a fazer exercício físico e foi ajudando a ajeita a coluna. De certa forma é isso, sim, às vezes dava uma dor de coluna, assim, de ficar tanto tempo, assim, sentado.*

**P1: Você pode me descrever como é o seu ambiente de estudo?**

*E07: Tá, eu de novo sou bem privilegiado, sou bem assim tranquilo, porque, eh, as coisas [risos] as coisas aqui são tudo do meu irmão, que, ele saiu de casa e as coisas ficou tudo aqui também. Aí eu tenho uma mesa, eu tenho... eu tenho um quadrozinho que era dele, eu tenho uma estante, eu tenho canetas, eu tenho essas coisas, eu tenho livro pra estuda. Eu tenho um livro que eu ganhei da minha... da mãe da minha namorada, que, tipo, é livro de história, é muito massa, da Saraiva. E são coisas que*

*eu vou reaproveitando e que tem gente que fala que é lixo, mas que [inaudível] reaproveitando [inaudível], sabe. E é um baita livro... livro que eu tenho [riso].*

**P1: Ok...**

*E07: Assim como...*

**P1: Ah?**

*E07: Não, nada...*

**P1: Assim como... você ia falar...**

*E07: Ah. Não. Eu ia fala que... de outros livros que eu também peguei no... que realmente, às vezes, eu acho que ninguém vai naquela biblioteca que tem na Comcap – sabe onde é a Comcap, no Itacorubi?*

**P1: Sei.**

*E07: Lá tem uma biblioteca que tem, tipo, muito, muito livro. Eu peguei dois livros... peguei dois livros, peguei um de Getúlio Vargas, [inaudível] de história, e também é bem legal.*

**P1: Sim, eu conheço lá a Biblioteca da Comcap, onde as pessoas doam livros.**

*E07: Exatamente*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação? Além do exercício físico, o que mais você faz?**

*E07: Tento, fazo tarefas domésticas, tipo ajeita a casa, limpa o terreno, eh, passa um tempo com a minha namorada, às vezes ela vem pra casa, a gente faz alguma coisa. E, acho que é isso, eh, cuida, principalmente cuida da saúde mental, né, cuida das coisas, não se sobrecarrega tanto de matéria.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E07: Eu acho que principalmente foi a dificuldade de entende certas coisas, como eu te falei, na área de exatas. E é bem difícil. Eu acho que é isso, na compreensão e, principalmente na... de não te ninguém na hora, pra ajuda, na hora em que você tá ajudando. Pedi ajuda, sabe. E acho que é isso, na compreensão.*

**P1: E você atribui essa dificuldade de compreensão à escola, aos governantes ou a você mesmo?**

*E07: Olha, realmente acho que são. É bem difícil, eu acho que a gente também não pode culpar os professores o... mas foi uma... um despreparo do colégio... o colégio, principalmente, porque teve [inaudível] porque é o Instituto, tem cinco mil alunos. Mas eu acredito que se fosse planejado, uma coisa mais certa, daria certo. Os professores no meu colégio pelo menos, eles só colocavam matérias na plataforma do Google na [inaudível] de aula e, tipo, deixa lá e faz exercícios e se vira, sabe. Não tinha um vídeo explicando, ou, às vezes, poucos professores falavam ah, me chama no Whatsapp se precisa, se estiver com dúvida. Pouquíssimos, sabe, da mi... da minha grade de professores, tinha dois professores que fizeram isso, de fala no Whatsapp, de 'ah, qualquer coisa me chama' ou cria um grupo no Whatsapp.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E07: Quando eu me sinto sobrecarregado, [inaudível] eu apenas deixo de lado e vou fazer algo que me agrada. Ou limpa a casa, ou, sei lá, ajeita alguma coisa pra fica tranquilo. E depois, quando eu tive melhor, eu estudo. Mas muitas vezes eu também forcei, mesmo sem quere, pra estuda, entendeu. Mas eu acho que é isso. É deixa o estudo de lado e relaxa [inaudível]*

**P1: Mas aí continua o problema lá, daquilo que você tem dificuldades?**

*E07: Ah! Sim. Entendi*

**P1: Mas pra superar, você busca informação com familiares, com professores?**

*E07: A monitoria.*

**P1: Os monitores também são professores do Einstein?**

*E07: Sim. Do Einstein. Isso.*

**P1: Além disso, procura informação em outro lugar?**

*E07: Procuo informação no Google. Quando... às vezes quando não acho alguma coisa, boto a pergunta específica e, às vezes o Google acha. Não é sempre também.*

**19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

*E07: Não. Mas eu... eu... eu pessoalmente não sou muito, não gosto do... do método que a prova do... do ensino médio, o ENEM, e a UFSC, tipo, bota, sabe. Mas não me sinto prejudicado. [inaudível]*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E07: Eu me senti preparado, porque eu também estudei o ano todo e eu consegui manter um... uma coisa regrada, estuda de manhã, estuda à noite. E eu fazia meta de faze lista, de faze isso, de faze aquilo, de faze uma redação por semana. E, sim, eu me senti preparado, mas na prova de exatas eu não me senti tão preparado, realmente. E foi... fui... eu não fui tão bem na prova de exatas.*

**P1: E tu tens um percentual de preparação que você acha?**

*E07: De um a 100, eu diria 80. Mas isso também é porque eu tive o cursinho pré-vestibular o ano todo.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E07: Olha, tem pontos positivos e pontos negativos, pra mim, né. [inaudível] falando pra mim, porque realmente meu pai... meu pai ficou desempregado. Teve várias e várias coisas. Não tem... não tem como fala assim [inaudível] Mas, eh, para os estudos, eu acho, eu aprendi a estuda. Uma coisa que eu não aprendi a estuda, realmente, senta e, tipo, pega o conteúdo, entende o conteúdo. Isso é uma coisa que a gente não aprende no colégio e, não é explicado, do vê aula é diferente de estuda. E, eu acho que foi positivo para mim, para os meus estudos, pelo menos. Com toda a base que eu tinha, com tudo que eu tinha em casa, com o espaço que eu tinha pra estuda, foi, sim, muito positivo, para mim.*

**P1: Te deu autonomia, digamos, assim, né.**

*E07: Exatamente. Em algu... Em outras matérias também não. Em compensação em outras matérias eu fiquei sem o suporte de poder falar com os professores, mas foi positivo, sim. [risos].*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência. Como você se sentiu estudando sozinho on-line?**

*E07: Foi, no começo, um pouco difícil, mas depois eu fui me adaptando, fui achando tranquilo e pelo menos eu achei bom. Não... não em todas as matérias, mas... porque eu sempre gostei de fica em casa, bastante de casa e fica sozinho, assim, compreende. E, então, pra mim foi, entre aspas, tranquilo, assim.*

**P1: E quais as matérias que você não gostou de estudar on-line? Poderia me falar?**

*E07: Matemática... Matemática, física, química, algumas matérias legais, até mais. Eh, Matemática, física e química. Biologia, eu achei, até muito legal. Tem muita coisa de biologia e é algo realmente muito interessante. E a princípio é isso.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E07: Ah! Sim. Com certeza, com materiais de física, de matemática, como eu te falei, que grande dificuldade, então, assim. Me senti impotente, assim de não consegui... de não... de não consegui faze a matéria. E eu acho que foi isso.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E07: Bom, sim, teve momento de vulnerabilidade, acho que, principalmente, estudando sozinho. Mas... mas o cursinho, ele sempre deu um apoio muito grande. E sempre deu, tipo, todos os materiais bem completo, tudo. E não deixava faltar nada, entre aspas. Mas, sempre que eu precisava de alguma coisa, ou eu ia na monitoria ou procurava no Google e sempre achei. Às vezes, não, mas de certa forma eu sempre achei, quanto tava estudando sozinho, principalmente. Aí, vem um sentimento de não consegui achar, de estar para trás.*

**P1: Você tem mais algum exemplo...**

*E07: Olha que esse ano, pedi informação, não sei entra muito bem, mas de livros. Quando eu queria lê algum livro, eu às vezes pegava da biblioteca, mas não podia mais ir na biblioteca. Eu comecei a lê muito livro por PDF, no celular e teve livros, que, do... da própria UFSC, como aquele Negro de Cruz e Souza, que não tinha... não tinha PDF, não existe, porque é um livro próprio da... de uma escritora da UFSC. Aí, uma... uma monitora, que tinha o livro, ela teve que fazer o escaneamento da cada página pra... pra ela proporciona o livro pra gente, sabe, então foi. Aí realmente foi uma dificuldade bem grande, isso, de encontrar livros e não tinha dinheiro para comprar livros, então piorava ainda mais a situação.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E07: Olha, de certa forma, apropriado, por [inaudível] fazer um unificado, na verdade, na verdade não deveria ter um vestibular, neste momento, com o aumento dos casos e, de pessoas que não podem fazer a prova pela vulnerabilidade, de ter senhores em casas, por ter avós em casa. Mas de suspender os vestibulares e colocar só com a prova do ENEM, é uma unificação que eu achei válida, pelo menos, até porque a prova da UFSC é dividida em três dias, são três dias cansativos, mas eu acho que até seria mais difícil a prova da UFSC. [inaudível]*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E07: Acho que se... [riso] se eu for falar de tudo o que acontece, no contexto aí fica um pouco longo. Mas, principalmente sobre educação, acho que [inaudível]. Eh, faltou... foi um baita que aconteceu e nos casos que aconteceu com as escolas públicas municipais deixou muita gente, sem o amparo e sem poder estudar. Eh, e é o mínimo que muitas pessoas não têm, eh, que não têm acesso à informação, né. Não tem acesso a um computador, a um celular. Não tem como estudar... neste momento não ter como estudar sem um computador ou celular. Isso prejudica bastante. Eu acho que essas provas que foram [inaudível] deveriam ter levado um pouco disso em consideração. Espero que a UFSC também leve isso em consideração e, no mais, eu acho que é isso, falando principalmente disso. E eu vi, uma notícia de que o [prefeito] Gean Loureiro, da... de Florianópolis, ele ia... ele ia dar um chip para todos os alunos. Eu achei interessante a ideia. Até interessante, para que eles possam ter... ter os números e teve pequenos projetos aqui que distribuíram computadores. Minha família, principalmente a parte de pais, ajudaram, deram computador, pra gente poder estudar.*

*E, a questão do cursinho, eles sempre proporcionaram tudo, não faltou nada, nada, sempre fizeram tudo pra gente pode estuda. E, acho que a principal coisa que eu foquei esse ano, tirando o estuda, foi a saúde mental. Acho que muita gente deixou disso, deixou, tipo, tentar trabalhar isso, em vez de, aí, gente que se matou estudante, achando que, 'pô, só vou estuda, só vou estuda, não vou fazer mais nada'. Isso não acaba gerando nada, no fim, entre aspas. Mas é isso a princípio, de cuida da saúde mental, de cuida do que... não deixa de fazer nada porque tá estudando pro vestibular e sim readequa os horários. Certo? Acho que é isso.*

### **ESTUDANTE 08 (E08)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E08: Quando eu me sinto, eh, atraída por aquilo, quando eu realmente quero saber, sabe, tenho interesse. Aí eu vou atrás.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E08: Quando eu sinto que, tipo, eu não sei alguma coisa que talvez seria bom para mim saber, eu vou atrás.*

**P1: E que tipo de informação que você procura geralmente?**

*E08: Notícias. Depende muito do que eu quero saber, né, mas não sei exatamente como responder isso.*

**P1: Tudo bem. Por exemplo, o que você costuma pesquisar mais no dia a dia, que tipo de assunto?**

*E08: Eu gosto de... de vídeos de dança e etecetera. Gosto bastante.*

**P1: Você não pensa em fazer aula de música de dança?**

*E08: Eu... eu fiz... eu comecei a fazer em 2020 aula de dança no Instituto Estadual de Educação, só que com a pandemia a gente parou, né. [inaudível]*

**P1: [inaudível]. Oi, desculpa, eu te cortei...**

*E08: Eu gosto bastante de fazer exercício.*

**P1: Você nunca pensou em fazer curso superior de educação física para trabalhar essa questão dança, ser professora de dança e exercícios físicos?**

*E08: Não. Eu gosto, mas não pra ser professora...*

[Entrevista é interrompida a pedido da entrevistadora]. [Pausa].

**P1: Estávamos conversando sobre a possibilidade de você ser, por exemplo, professora de educação física para ensinar dança...**

*E08: Eu, na verdade eu nunca gostei muito de eu ir... a questão de me tornar professora do jeito... do que for não me agrada muito.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E08: Bom, eu uso bastante o YouTube e o Google, mesmo, mas como eu tava no Einstein, eu... eu geralmente estudava só pelo que eles passavam, que era muito bom o material.*

**P1: Eles têm uma plataforma própria deles?**

*E08: Eles usam o Educo, que é para cursinhos, gratuito.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Quando fazia o ensino médio e cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza ou utilizava?**

*E08: Ia à biblioteca, tipo, pra passa um tempo lá e estuda, não muito, mas eu ia à Biblioteca Pública só para reservar alguns livros.*

**P1: Onde você fez o ensino médio**

*E08: No Instituto Estadual de Educação.*

**P1: Ah! No Centro. E o Instituto tinha biblioteca ou não?**

*E08: Tinha sim. É, pra fala a verdade eu passava um tempo lá quando eu tinha que espera até minha aula.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação? Usa texto, áudio?**

*E08: Geralmente palavra-chave, que eu sei que eu vou encontrar alguma coisa relacionada*

**P1: Palavras-chave, assuntos? Você pesquisa mais por texto ou por áudio?**

*E08: Por texto.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E08: Então, quando eu pesquiso no YouTube algo para estudar, assim, algo que eu... que eu... quero realmente a informação, eu pesquiso onde geralmente meus professores indicam, tanto no Google também nos sites que eles indicam pra estudar [inaudível]*

**P1: E você costuma avaliar, seleciona ou usa tudo que traz de resultado.**

*E08: Geralmente eu seleciono o que eu acho que faz mais sentido, sabe, [inaudível]*

**P1: E na análise você, por exemplo, você acha que toda informação que tá na internet é válida, você desconfia de alguma que não é certa, você faz algum tipo de avaliação assim?**

*E08: Ah! Sem dúvida, todas não são válidas, tipo, algumas não são. Aí tem que ter essa seleção, né. [inaudível] informações. E confia nos sites onde você pesquisa.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E08: Então, geralmente eu dou uma lida no material, aí eu analiso as partes mais importantes ou as que é pra trabalhar e faço um resumo ou algo assim.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E08: Complicado. Eu não sei exatamente [inaudível]*

**P1: Por exemplo, você faz alguma ação, lê mais, tenta se organizar, procura buscar mais tempo para estudar?**

*E08: Sim. Ah! É que [inaudível] lá no Einstein ajusta uns planos de estudo pra mim, às... a maioria das vezes não dava certo, sabe. Mas geralmente quando eu to estudando eu pego o material que os professores me passavam, aí se eu não entendesse muito eu ia [inaudível] pra eles ou ia assistir algum vídeo sobre.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso a informação.**

*E08: Não sei se é exatamente uma dificuldade, mas essa questão das fake news, realmente atrapalham no processo de informação, sabe.*

**P1: Além disso, você tem acesso a toda informação, tem bom sinal de internet, tem algum empecilho que dificulta pra você ter a informação à mão pra poder estudar?**

*E08: Eh, tipo, essa questão da internet, computador etc.?*

**P1: Isso. Isso.**

*E08: Então, às vezes o meu computador, ele fica doído e não quer funcionar [riso], mas tirando isso tudo certo.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação que está disponível na rede, em alguma apostila ou em algum livro?**

*E08: Tá, acho que essas perguntas são muito amplas, é tipo, depende muito, sabe. Se for um livro difícil, complicado de compreender, é óbvio que eu não vou entender tudo. Aí, sempre quando eu realmente to interessada em aprender algo e eu não compreendo, eu vou atrás pra tentar entender, por completo.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E08: Então, ano passado eu geralmente acordava cedo, tentava pega meu computador, aí lia material, tentava entende, fazo exercício, qualquer coisa chamava o professor também, mas como era EAD, é um pouco complicado, né, tem barulho, tem distração.*

**P1: É uma outra forma, né. Aí você não conseguia estudar adequadamente?**

*E08: Às vezes não, às vezes eu tinha que ajuda minha mãe, nos afazeres de casa, sabe. E daí eu tinha que deixa o estudo de lado, e às vezes não dava tempo de estuda todo naquele dia. Daí ia me atrasando, bastante.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E08: Sim. Então, a gente tinha aula à noite, né, só por se à noite já um pouco mais complicado, ainda mais o EAD, na minha opinião. Aí eu assistia à aula e no dia seguinte, pelo meu método de estudo, estudava o que eles tinham passado na noite anterior, né. Aí acordava cedo, eu pegava, começava a lê o material. Qualquer dúvida, chamava os professores também, aí eu fazia alguns exercícios e basicamente era isso, porque eu também tinha tempo pra cada matéria, né. Aí, digamos que eu priorizava biologia, eh, por ser uma matéria que eu gosto de estuda, e também algumas que eu tenho mais dificuldade, como história...*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E08: Então, eu tento... a partir do momento que eu recebo informação ou eu busco por ela, eu tento compreende ela e entende realmente e usa da melhor maneira possível no meu dia a dia ou no que eu tenho que fazer.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E08: Isso sem dúvida. Porque... bom eu sempre, estudei a minha vida toda em colégio público, né, então, é um pouco precário a forma de ensino deles. Não todos, claro, muitos professores são ótimos, mas, assim, eu vi muita coisa no cursinho que eu nunca tinha ouvido falar na minha vida, então foi pesado, foi bem complicado entende tudo.*

**P1: E você sentiu sobrecarregada então com bastante informação?**

*E08: [inaudível]*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E08: Ah! Eu me... fisicamente eu me sentia muito cansada, né, [inaudível] rotina, mentalmente, ah, pior ainda porque eu sentia que eu tinha um monte de matéria acumulada pra estudar e qualquer tempinho meio que eu tirava pra mim, meio que só fazia eu pensa naquilo, sabe. Então era... não era um descanso, era só... eu me cobro demais.*

**P1: Ah! Tá, você se cobra. Na questão física, como é o seu ambiente de estudo. Você acha, pode me descrever como ele é?**

*E08: [inaudível] aqui em casa, infelizmente, eu não tenho uma mesinha, uma cadeira no meu quarto. No começo das aulas do Einstein eu assistia a aula ali na sala, mas como tem mais gente morando comigo é muito complicado, aí a televisão ligada, não tem como. Aí eu passei a assisti do meu quarto, mesmo, em cima da minha cama, o que não muito confortável, mas era o que tinha.*

**P1: E essa condição física ela reflete, por exemplo, dor na nuca, dor no pescoço. Você sente isso?**

*E08: Ahã. Dor nas costas.*

**P1: Dor nas costas... e no emocional, então o que você sente na sobrecarga?**

*E08: Ah! Eu via aquele monte de matéria acumulada e eu ficava mal, sabe. Eu não conseguia tira um tempo para mim descansa e quando eu tava estudando, às vezes, eu não conseguia me concentra naquilo e me cobrava ainda mais.*

**P1: Você sentia ansiedade, angústia, vontade de chora, o que que você sentia?**

*E08: Tudo isso... tudo isso... tudo isso*

**P1: E chegava a chorar mesmo ou não?**

*E08: Geralmente eu seguro, mas, às vezes, não tem como.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E08: Na verdade, eu não fazia nada, porque, sei lá, eu não sentia que tivesse algo pra fazer, sabe. Não tem muita coisa que eu gosto de fazer ultimamente. Eu só ficava nos estudos.*

**P1: Focava nos estudos. Mas, por exemplo, nem uma atividade física, uma dança, um momento pra relaxa, uma caminhada?**

*E08: Não. Nada disso. Só quando vinha, tipo, alguma prima minha pra cá, aí eu tirava um tempo, [inaudível]*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E08: Como eu disse, tipo, o meu ensino médio público não foi lá essas coisas, né. Aí quando eu cheguei no Einstein era muita informação ao mesmo tempo. No começo eu tava conseguindo conciliar, mas daí, depois ficou complicado, eu meio que deixei atrasa algumas matérias. Aí, o professor tinha que da uma lida por cima de algumas e faz o que dava, sabe. Mas não tem dificuldade.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E08: Ah! É geralmente o que eu faço, né, ou ir atrás dos professores ou ir atrás de vídeos ou [inaudível] matéria. Qualquer coisa assim*

**P1: Você busca ajuda com familiares, amigos?**

*E08: Não.*

**P1: Não?**

*E08: Não.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E08: Prejudicada, não necessariamente. Depende, tipo, quando tá cheio de informação, aí que a cabeça fica um pouco cheia também e não consegue pensa direito. Aí prejudica o mental da pessoa, né. Não sei explicar direito. Mas isso é... faz parte, é normal.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E08: Eh. Em relação a algumas matérias sim e a outras, não. Teve realmente matérias que eu estudei mais durante o ano do que outras, que eu me dediquei mais também, porque eu não tinha tempo pra tudo aí tive que escolhe. Aí... Sobre essas [inaudível] sim, mas eu diria que a porcentagem da minha preparação não era tudo aquilo, eu diria que uns 60%.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E08: Eu acho que metade-metade. Foi negativa por essa questão de ficar em casa e te que te aula EAD e eu, por exemplo, não te um espaço adequado pra eu estuda. Aí, às vezes, a internet não funciona etc. Mas, eh, os professores do Einstein, eles sempre*

*foram muito acolhedores, sabe, tipo se precisasse deles, era só chama, manda uma mensagem ou liga, eles iam te ajuda de qualquer jeito. Então não prejudicou muito isso, sabe. Essa questão...*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar *on-line*? Comente como foi sua experiência.**

*E08: Pra mim foi simples, tipo, não tive nenhuma dificuldade em aprender a mexer na plataforma ou a chamar professores nem nada, foi fácil, sempre, mas essa questão, né, de não te espaço adequado realmente prejudica...*

**P1: E a questão da internet, também, né, de às vezes não estar funcionando...**

*E08: Sim, ou às vezes falta luz, sabe, e aí [inaudível]*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E08: Bom, tipo, eu tenho um pouco de dificuldade nas matérias matemática, física etecetera e, como eu não tive muita... uma base muito boa no meu fundamental e no ensino médio, digamos que tinha coisa que eu tinha que revisa desde esse período, sabe. Então era tipo uma atraso. Isso prejudica um pouco, sabe, no tempo e tal.*

**P1: Com relação ao ensino fundamental e médio, que você disse não ter tido uma base muito boa, na sua opinião faltou responsabilidade dos professores, era um problema de política de governo ou você atribui à sua situação pessoal que não se esforçou?**

*E08: Eu acho que o pouco de cada, porque o ensino público é de longe, sabe, assim, não tudo, claro, mas assim, tanto, às vezes, fica sem professor, sabe, por irresponsabilidade mesmo. Ou o professor não dá a mínima pros alunos a ponto de [inaudível] não tirar dúvidas ou, às vezes, mesmo eu sem muito interesse, sabe. Alguns professores, às vezes, têm que fazer um esforcinho, principalmente no fundamental, eu acho, pra tenta ajuda as crianças a entende, sabe.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E08: Tipo, sim, e... eh, eu não sei como explica, mas, tipo, eh, é muito importante ter informação [inaudível] dependendo do quê, de, por exemplo, eu, quando eu passei em serviço social, eh, eu não fazia ideia que como... de que eu precisava me inscreve, eh, de forma *on-line*, até depois dias do resultado, se não me engano. E daí, tipo, quando eu passei eu até pensei em fazer o curso, mas, aí passou esses dois, passou mais até e me falaram que eu não podia mais fazer a inscrição, sabe, porque eu não corri na hora. Como eu não tinha essa informação, então, eu acabei perdendo a vaga. Esse foi um dos momentos.*

**P1: Essa situação de perda de vaga por falta de orientação ou de informação já foi relatada por outros estudantes. Seria uma oportunidade para que as universidades ou os cursinhos expliquem melhor essa questão...**

*E08: Eu pelo menos nunca achei essa informação em nenhum edital nem nada e fui sabe por uma amiga minha que não eu podia mais me inscreve, porque já tinha passado a data, sabe. Então, eu nem sabia que tinha isso.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E08: Bom, eu achei sinceramente uma falta de respeito eles liberarem essa informação tão no final do ano, assim, sabe, no ano passado. Eu achei que a gente estudou lá no Einstein, né, eh, basicamente o ano todo pro vestibular da UFSC, eu pelo menos, que eu prefiro o vestibular da UFSC do que o ENEM, eu tava focando nisso e eu tinha lido já os livros, sabe, então, tipo, uma falta de respeito. Aí, beleza, quando eles soltaram a informação, a gente começou a focar mais no ENEM, mas realmente mexeu, tipo comigo, sabe e eu fiquei, bem mal, porque eu prefiro bem mais a prova da UFSC. Eu... eu acho ela mais fácil, porque ano 2019 eu quase passei em design, tivesse acertado um negocinho lá, eu teria passado. Então, isso realmente mexeu com o psicológico e, por alguns dias, eu fiquei mal, a questão...*

**P1: A questão emocional, né.**

*E08: Ahã.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E08: Então, eu gostaria de falar um pouco sobre o Einstein, porque foi o primeiro cursinho pré-vestibular que eu fiz. Eles foram super acolhedores e mesmo, tipo, sem sabe o que faz por causa da pandemia eles deram um jeito de te aula on-line. Foi tudo muito bem-organizado. Professores são incríveis, muito dedicados. Tu chama eles, eles dão um jeito de te responde, resolvem questões, eles fazem chamada de vídeo só com você pra tira as dúvidas. Eles são incríveis. Foi uma experiência muito boa, mas só o EAD que é meio complicado, mas acho que isso é pra todo mundo. E realmente o cursinho é incrível e realmente gostei muito de fazer parte do cursinho. E sobre sua pesquisa, eu achei bem necessária, vê as problemáticas e vê a nossa opinião, né, tenta entende, te empatia. Isso é muito importante.*

### **ESTUDANTE 09 (E09)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E09: Quando eu to com muita dúvida do assunto, assim, eu pesquiso bastante, sabe. Até eu consegui entender.*

**E você pesquisa onde, daí?**

*No Google, aí tem o Mundo Escola... Brasil Escola<sup>34</sup>, no Brainly<sup>35</sup>, nesses lugar, sabe.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E09: Quando eu vejo alguma palavra diferente, que eu não entendo, aí eu vou... e quando eu quero me aprofunda muito no assunto, sabe. Aí, eu procuro muita informação, assim.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E09: Aí e agora?*

**P1: Se você lembra...**

*E09: Eu tenho... eu posso ir aí no notebook, é porque eu tenho um site aberto e tava estudando pro ENEM?*

**P1: Pode, pode.**

*[Entrevistada pede permissão para seu irmão, que estava usando o notebook].*

*E09: Só um minutinho.*

**P1: Tranquilo.**

<sup>34</sup> [brasilecola.uol.com.br](http://brasilecola.uol.com.br)

<sup>35</sup> [brainly.com.br](http://brainly.com.br)

*E09: Eh, eu tava estudando no Simulado ENEM Brasil Escola<sup>36</sup>.*

**Mais algum que você lembra?**

*E09: Ah. Eu... eu pesquisei no Brainly, no... ah, esqueci o outro. É porque se eu olha no histórico, ali, tem, sabe, o que eu estudei.*

**P1: Mas tranquilo... Depois, você pode me passar no WhatsApp.**

*E09: É depois eu mando no WhatsApp.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Quando fazia o ensino médio e cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza ou utilizava?**

*E09: Só quando eu iria... ia fazer trabalho e quando, às vezes, quando me dá vontade de lê, assim, sabe.*

**P1: E você utilizava algum dos serviços da biblioteca, por exemplo, empréstimo de livro ou outras coisas?**

*E09: Sim*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação? Usa texto, áudio?**

*E09: Eu boto ti... ah, eu boto assim, às vezes, quando eu quero sabe o significado da palavra eu boto 'o que significa', né, a palavra. E às vezes, quando eu quero, tipo, sabe, o que, vamos supor o que tá acontecendo, vamos supor, no Brasil, assim, sabe, aí eu pesquiso sobre e quando eu quero saber, tipo da história do Brasil, alguma coisa assim, eu procuro, sabe, boto ah, é... eh, 'a hist... tudo sobre a história do Brasil, vamos supor assim, sabe'. Que nem eu tava estudando... quando eu tava estudando ali, no... que eu estudei pro ENEM só uma semana, né. Aí tipo, eu botei assim: eh, 'tudo sobre o ENEM', sabe.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E09: Às vezes, sim. Mas só que quando eu quero, eh, me interes... quando me interessa, assim, no conteúdo, eu não procuro só num site, sabe. Aí... os que eu mais uso, aí vou lá e leio bem, aí quando eu to em dúvida no que tá escrito ali eu vou em outro site e pesquiso, entendeu, e procuro outras informações.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E09: É que nem quando falo: quando eu quero aprender [riso], vou lá, faço um re... resumo, tipo, escrevo, leio, mas... e pra mim, quando eu quero entende mais, assim, eu leio em voz alta, sabe, pra mim pode entende. Senão, eu não consigo entende.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E09: Quando eu não entendo no... quando eu pesquiso no Google, né, eu vou no Youtube, procuro um vídeo aula sobre aquilo pra mim entende, entende.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E09: Aí, e agora? De... tipo de lê, lê, lê e não entende, sabe. Essa é a minha dificuldade. Aí eu preciso escuta alguém falando pra mim entende. Ou, se não, eu tenho que lê umas dez vezes pra pode entende [riso].*

**P1: Bastante, pouco, médio? Algum exemplo que você possa citar?**

*E09: Não. Mas, só que, tipo, é mais ou menos assim, sabe. Mas não tem nenhum texto, não.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação que está disponível na rede, em alguma apostila ou em algum livro?**

<sup>36</sup> vestibular.brasilecola.uol.com.br/enem/simulado

*E09: Eu pego um canto, né. Pego notebook, pego caderno, pego caneta, lápis e fico ali. Aqui em casa é muito pequeno, tipo, só tem uma sala, um quarto e uma cozinha, sabe. Aí, tipo, não tem muito... muito lugar pra estudar, assim, sabe. É muito barulho. Que a mãe cuida... porque, tipo, minha mãe cuida de bastante criança, sabe, aí, é muito barulho. E pra mim entende, tem que ficar... eu tenho que ficar tudo em silêncio, porque se não, eu não entendo.*

**P1: Para entender o contexto: a sua mãe trabalha em casa e cuida de várias crianças, isso?**

*E09: Sim*

**P1: E você está nesse ambiente e é um ambiente pequeno?**

*E09: Sim.*

**P1: E você pode descrever um pouco mais o seu cantinho, onde você estuda?**

*E09: É porque é aqui no qua... é no quarto de minha mãe. Tipo, agora ela tá arrumando um cantinho só pra mim estudar, sabe. Ela manda fazer uma mesinha só pra estudar pra mim, uma escrivaninha, sabe. Pra botar aqui no cantinho do quarto dela, que aí ela fecha a porta do quarto dela e eu fico aqui trancada pra estudar.*

**P1: E como é a ergonomia? Você tem uma cadeira boa pra estudar?**

*E09: Agora minha mãe compro, minha mãe compro esse mês, uma cadeira boa pra estudar. Porque antes, quando eu sentava na... numa cadeira que tinha, doía muito as costas, meu Deus!*

**P1: A mesinha também ela comprou...**

*E09: Sim, já mandou fazer, já. Essa semana eu já pego.*

**P1: A questão da iluminação, cores de parede, o que você acha, tá tudo certo?**

*E09: Não, não falta nada.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E09: Tipo, eu es... Eu estudo, vamos supor, uma semana, só aquela matéria pra mim poder entender, entendeu...*

**P1: E você...**

*E09: Pode falar.*

**P1: Não. Você estava numa linha de raciocínio e eu interrompi. Pode continuar**

*E09: Não. Aí, tipo, eu tenho que ficar só naquela matéria, porque senão eu não entendo, tipo, como eu tava estudando pro ENEM, pra escola e pro vestibular. Então, tipo minha cabeça tava muito – que eu tinha que estudar pros três. Então tava muito avoada, assim, sabe. Eu não sabia o que eu fazia.*

**P1: E você estuda como as disciplinas? As mais fáceis, as que mais gosta?**

*E09: [inaudível] tipo, assim, ó: eu não gosto da matéria de português. Mas eu amo matemática, o resto, todas as matérias eu adoro, sabe.*

**P1: Português é...**

*E09: Aí eu sou péssima [risos].*

**P1: E porque você acha que é péssima em português?**

*E09: Ah, porque eu não gosto, eu não gosto de estudar português.*

**P1: Alguma influência em relação a algum professor que ministrou essa disciplina em sua vida?**

*E09: Não.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a**

informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).

*E09: Não sei. [pausa]*

**P1: Se quiser pensar mais um pouco... [pausa]. As estratégias. Como você faz para cada dia ser melhor no estudo, pra usa a informação...**

*E09: Eu tento evolui mais. Tipo, pra mim entende, eu tento faze o mapa mental, sabe. Faze o mapa mental com as informações mais importantes, pra mim pode entende.*

**P1: Isso é uma competência muito bacana...**

*E09: Que aí, eu, tipo, vamos supor, num dia eu leio, faço meio que um resumo, no outro dia também a mesma coisa e no terceiro dia eu tento faze um mapa mental, sabe.*

**P1: um belo exemplo? Quer dar mais um exemplo?**

*E09: Eu tento pesquisa mais coisas, tento vê vídeo aula, assim, vídeo, pra pode cada vez melhora, sabe*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E09: Sim.*

**P1: Tem algum exemplo que queira falar?**

*E09: O que me mais deixou assim foi a redação, sabe. Porque, tipo, eu não estudei muito pra redação. Estudei mais para as matérias e esqueci da redação.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E09: Muita dor de cabeça.*

**P1: É?**

*E09: Uhum.*

**P1: Isso na parte física e na parte emocional?**

*E09: Tipo, às vezes, eu fico meio 'achechada' [SIC], por não entende a matéria, sabe.*

**P1: E você sentia dor nas costas, né.**

*E09: Sentia muito. Muita dor de cab... muita dor nas costas*

**P1: Era a posição, né**

*E09: Sim, é porque, tipo, quando eu estudava na mesa, a cadeira era baixa e a mesa era muito alta, aí tinha que escreve assim com coluna, tipo, concuna... corcunda, assim, sabe.*

**P1: Daí, no emocional você se sente chateada, isso.**

*E09: Sim, muito.*

**P1: E você sente também ansiedade, angústia?**

*E09: Ansiedade, muita.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E09: Paro de estuda, assim, um pouco, sabe. Ix, vou um pouco na rua, esfrio um pouco a cabeça, sabe. Faço isso.*

**P1: E você ouve música, assiste um filme?**

*E09: Eu só... eu escuto música só quando eu to muito, muito estressada e quando quero relaxa a cabeça, assim, sabe.*

**P1: E isso é com frequência ou poucas vezes?**

*E09: Muita frequência [risos]. É porque como a mãe cuida de criancinha, eu me incomodo muito, sabe. Me estresso muito rápido.*

**P1: Quantas crianças em média sua mãe cuida?**

*E09: Oito.*

**P1: Oito. Nesse mesmo ambiente que você diz que é pequeno? Como é, sala cozinha e quarto?**

*E09: E um banheiro.*

**P1: Uhum**

*E09: Sim, no mesmo ambiente.*

**P1: E qual a faixa etária dessas crianças?**

*E09: Onze, nove, três, dois, quatro, cinco...*

**P1: Até 11 anos?**

*E09: É.*

**P1: Entendi.**

*E09: De dois a 11 anos.*

**P1: Ela tem uma creche, tem o nome da creche ou só cuida em casa.**

*E09: Não. Ela só cuida em casa, mesmo.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E09: Tipo de eu entende a informação?*

**P1: Isso**

*E09: Tipo. É muito difícil eu entende, tipo, de eu lê uma vez e entende, sabe. É muito difícil eu entende a informação só eu lê. Porque, tipo, pra mim entende aquela informação, eu tenho que lê, pesquisa na internet... mesmo tendo o texto ali pra mim lê, na minha frente, sabe, numa folha, vamos supor, assim, o texto numa folha. Eu li o texto todo, eu não entendi, eu tenho que ir no Google, vê vídeo, pra tende entende aquela informação que eles tão querendo [inaudível]. Tipo, a info... é que nem a informação que eles deram, tipo um exemplo da redação do ENEM. Eu não... eu li e não entendi, entendeu. Eu fui entender em casa, quando eu li e pesquisei.*

**P1: E qual é o desafio agora em relação à redação? O que você vai fazer pra desenvolve essa competência para a redação?**

*E09: Vou estuda bastante, vou treina bastante redação.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E09: Tipo, porque eu não estudo muito, sabe. Eu estudo só quando eu... quando eu vejo que eu tento estuda bastante, assim, sabe. E pra redação eu não tava, tipo o ENEM, eu não liguei pro ENEM, entendeu. Praticamente, eu comecei a estuda uma semana antes do ENEM. E eu me arrependo até agora de não ter estudado antes, porque se eu tivesse começado a estuda antes, já eu podia ter tirado uma nota ótima na redação e na prova, sabe*

**P1: E por que você não conseguiu estudar antes?**

*E09: É porque, tipo, eu não... eu não tava nem aí, porque tipo eu tava muito com a cabeça muito impre... impressionada, sabe, porque, tipo, eu tinha que estuda pro vestibular, pra escola e pro ENEM. Três coisa ao mesmo tempo e isso não dá pruma cabeça só, cheia de gente, porque minha mãe vende um monte de produto de Boticário, jóia, essas coisas, sabe. Então, tipo, toda hora chega uma pessoa aqui. Toda hora, toda hora, entendeu. Aí é muito barulho.*

**P1: Talvez seja o caso de quando acabar a pandemia buscar um outro local, uma biblioteca do bairro para estudar com mais sossego...**

*E09: Porque, tipo, o cursinho do vestibular tava me ajudando muito na escola, sabe, muito mesmo. Tava me ajudando bastante. Porque eu estudava... a matéria que eu tava estudando na sala de aula eu estudava lá no cursinho, entendeu. Se eu tivesse o meu quarto era melhor, né, que [inaudível] em casa, não tinha barulho, assim, sabe.*

**19. P1 - Você se sentia prejudicado(a) pelo excesso de informação?**

**20. P1 - Você se sentia preparada para a realização da prova do ENEM e se sente preparada para as provas do vestibular? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E09: Como assim? Tipo, quantas porcentagem eu tava preparada?*

**P1: Isso. Tipo de um a 100, qual era uma média que você se considerava preparada pra fazer a prova?**

*E09: Eu vô ser verdadeira.*

**P1: Tem que ser verdadeira. O que você pensa...**

*E09: De 100 a... de um a 100 eu tava preparada 10, porque, tipo, eu não estudei. Estudei na última semana. Eu, pra senhora vê, eu ace... na... na prova do ENEM eu acertei só 20... 24 questões. Que não tava preparada, sabe. Porque eu foquei mais no estudo da escola do que do ENEM.*

**P1: Mas tem mais prova no ano que vem e você tá olhando pra trás e reconhecendo que deveria ter se preparado mais...**

*E09: A minha mãe ficou chateado porque eu não fiz a redação e tal. Mas eu falei pra ela, eu tava muito nervosa. Eu já sabia que eu não ia muito bem. Você minha primeira prova, eu tava muito nervosa.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E09: Negativa. Não consegui estudar em casa.*

**P1: Além disso, algum outro ponto forte que você gostaria de colocar?**

*E09: Não. Porque na escola eu estudava e se eu não entendia eu ia pro laboratório da escola e era mai... era melhor.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E09: Para mim foi horrível. Porque muitas matérias, eu não... vou ser sincera, da escola eu copiava tudo da internet, eu não estudava, não fazia quase nada, sabe. Eu... aí quando eu queria me... me especializa, me esforça naquela matéria, eu ia, pesquisava, aprendia, sim, sabe. Mas quando eu não queria, eu ia no Brainly, pegava as resposta do Brainly e mandava pros professores, sabe. To sendo sincera, porque eu não gosto de menti [riso].*

**P1: E você acha que isso que você fazia era uma forma correta ou você sabia que não era legal**

*E09: Eu sabia que não era legal, porque, tipo, mais para frente eu ia me... me prejudica, né.*

**P1: Sim. E hoje tendo essa divisão, você já pensa diferente, já pensa em mudar isso?**

*E09: Sim, já penso que agora eu tenho que pesquisa e não copia a resposta assim, sabe.*

**P1: Outra questão é a questão ética, de uso do material do cursinho. Você o referenciava, dizia que era de lá que você tirava ou não?**

*E09: Não, porque na... quando eu ia pra sala sim, sabe. Mas aí não, porque, tipo, nem no cursinho eu tava vendo as aulas, sabe. Porque eu tava focada no... no... no estudo pra terminar os estudo, pra, tipo, pra esse ano começa a estudar pro ENEM e pro vestibular, sabe.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E09: Em algumas, sim.*

**P1: Em que situações. Tu lembra?**

*E09: Não exatamente. Tipo agora eu to me sentindo assim, sabe, não ter feito a redação e tal, não ter estudado pro ENEM.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a**

vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).

*E09: Sim. Tem vezes assim que eu me sinto muito fraca, sabe, muito frágil. E tipo, às vezes, eu acho que eu não tenho competência praquilo. Tipo, eu falo pra minha mãe 'eu não tenho competência pra isso, eu não vô sabe faze, não vô'. A na ho... e aí quando eu vô lá e faço eu vô lá e vejo que eu tinha, sabe. Que nem na redação, eu achei que eu não tinha, eh, compe... compet... ts, competência pra faze aquilo e tinha, sabe.*

**P1: Um sentimento de insegura...**

*E09: Sim, eu me senti muito insegura, eu fiquei com medo, sabe, nervosa.*

**P1: Isso na prova do ENEM?**

*E09: Sim. Não e também, às vezes, assim, na sala de aula, sabe.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E09: Não sei, sabe, porque eu não to... eu não to, tipo, eu não ta... eu não to muito preparada pra nenhu... eu não tava preparada pra nenhum dois, entendeu. Então, pra mim, não tem diferente*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E09: Assim, eu gostei muito da entrevista, me senti acolhida pela senhora, gostei muito de conversar com a senhora*

**P1: Obrigada.**

*E09: Sabe. Eh, essa conversa foi ótima pra mim, sabe. Ótima, me inspirou mais, me inspirou mais pra mim estuda, sabe. Como é que se diz? Me motivou mais, sabe. Eu espero que, né, que eu melhore bastante, que eu estude bastante, assim, mais do que eu já estudo, né. É isso.*

**P1: Então, tá, se quiser falar mais alguma coisa...**

*E09: Não. Não quero não.*

## **ESTUDANTE 10 (E10)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E10: Ah!. Informação sempre procura perguntar para algumas pessoas que eu acho que podem me auxiliar, tipo assim a minha família. Até... quando vou, assim, pra escola, procuro prestar bastante atenção no que os professores falam, porque eles ensinam bastante coisa pra gente, né, sobre a visão do mundo, geral*

*E10: Mas tu diz assim pra estudar mesmo ou de modo geral assim?*

**P1: De modo geral, além de estudar, quando mais você busca a informação.**

*Internet, também, né. Eu também gosto de ouvir as pessoas que têm, tipo, o pensamento diferente, pra saber o outro lado também. Acho que tudo isso é informação.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E10: Quando eu começo a perceber que eu tenho dificuldade ou então quando é um assunto que eu acho que têm várias pessoas com uma opinião diferente, eu sempre tento buscar saber o que essas pessoas têm pra dizer, pra não ficar só com a ficar só com aquele pensamento meu, que é o que eu penso.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E10: Um site fixo, fixo, eu não tenho, mas pode ser o Brasil Escola.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E10: Olha, biblioteca, não nego, mas não tenho muito, assim, o costume de ir não, sabe.*

**P1: No Ensino médio?**

*E10: Na escola tem uma própria biblioteca, que tem ali na escola do Pe. Vilson, que é o Marista. Ali tem. Aí a professora de português até levava a gente lá e tudo. Até meio, tipo assim que obrigação, nem era que a gente ia. Aí a gente ia, sim. Era bom pra ler e tal.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E10: Ah! Eu sempre tento ler para ver se tem a ver o que to buscando. Tento ver em outros sites com a mesma pergunta pra ver se tem a mesma resposta, pra ter certeza. Aí o que for, o que tiver mais amplo, que eu sinto que tem a ver o que eu to falando e que tá certo aí eu...*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E10: Pra mim, o site as vezes eu posso até não ter, tipo, certeza da resposta, mas sempre quando a gente vê alguma resposta, a gente tenta olha pra ver se se pega bem, tipo assim, no fundo da pergunta, pra ver se responde tudo o que tem a ver com a minha dúvida, né, aí eu avalio isso, se tá respondendo mesmo.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E10: Eu uso essa informação pra vida e também tento sempre ler, ler pra entender da minha forma e pra também ver se alguém tiver essa dúvida poder ensinar também, né.*

**P1: Você costuma fazer resumo, trabalhar essa informação que extrai da internet?**

*E10: Não. Sim. Sim. O resumo é bom de qualquer coisa, pra não ficar aquela coisa toda explicada nos detalhes. Às vezes o resumo é melhor pra entender, né.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E10: Na verdade, isso foi até o professor que falou também que quando a gente estuda sempre é bom a gente aprender, né. Aprender, tipo não só ficar memorizando na cabeça, né. Ah! Tá dizendo isso e quando eu for responder eu vou dizer isso. É sempre bom a gente olhar aquilo e ir mais além.*

*E10: Não decorar, sabe. É ler e ler bastante fica com aquilo na cabeça.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E10: Dificuldade? Acho que às vezes é o básico, porque... A gente tá fazendo do ENEM, mas às vezes o que a gente tá fazendo é uma coisa bem diferente do ensino médio e às vezes no ensino médio teve algumas coisas básicas que a gente não pegou, né. Tipo assim, né.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E10: Um pouco, né. Mas a gente sempre busca estudar pra gravar e aprender, né.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E10: Assim, no curso do pré-vestibular que eu fazia uma coisa eles ajudavam a gente bastante a estudar no dia a dia é que eles davam bastante livro, redação pra gente fazer em casa. Então, assim eu costumava fazer assim de tarde, assim, depois do curso também, que aí a gente já vem preparado.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E10: Isso também foi um negócio que o professor falou que é tipo assim botar em papel. Tudo o que a gente tem dificuldade é aquilo que a gente sabe, mas não sabe 100% pra poder continuar estudando, pra entender completamente e também eu acho que é sempre bom tirar um tempo só para estudo, tipo esquecer o resto, só pra estudar.*

**P1: Estuda mais as disciplinas que têm mais facilidade ou as que tem mais dificuldades?**

*E10: No início do ano comecei nesse pensamento: 'ah! Vou estudar o mais fácil primeiro ou o mais difícil primeiro?', mas agora no final do ano eu mudei. Eu não to fazendo assim tipo: 'ah! Vai predominar a matemática, porque eu gosto mais e preciso relembrar tudo'. Não. Todo dia... Agora no momento, no momento, porque é bem relativo, eu to fazendo uma ou duas matérias por dia, tipo: de manhã geografia, à tarde biologia. Não é nada de nível de dificuldade ou... Não. Porque eu quero rever tudo, sabe.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E10: Na verdade, foi aquilo que eu falei, sempre é bom ouvir uma opinião diferente, uma pessoa que tem uma vida diferente da gente, sempre é bom a gente ouvir várias pessoas, várias fontes, pessoas mais velhas e mais novas pra todo mundo... pra todo mundo... pra mim entender tudo*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E10: Bastante das vezes assim, que vem tanta informação em nossa cabeça que a gente fica meio sem saber no que vai prestar atenção.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E10: A maioria das vezes eu fico um pouco preocupado porque sempre vai chegar uma hora que eu vou precisar disso tudo que tá vindo na minha cabeça e medo de esquecer, medo de tipo assim, pensa: 'ah não! Agora que to precisando daquela informação não tenho e antes eu tinha'. Aí acho que é nervoso que se fala, né. meio ansioso.*

**P1: E na condição física, como é que você se sente?**

*Física? Como a...*

**P1: Você se sente cansado, estressado?**

*Estressado, estressado.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*Aliviar?*

**P1: Aliviar.**

*E10: Eu tento focar em uma das informações que eu tenho para poder olhar só aquela e depois as outras eu meio que eu separo para olhar depois, né, mais tarde, pra dividir as coisas e não ficar tudo em cima da pessoas.*

**P1: Você faz uma atividade física, assiste um filme?**

*E10: Antes assim atividade física eu fazia mais, né. Eu jogava futebol. Mas como teve a pandemia eu costumo mais ficar em casa, assistindo filme, TV, né. Música, escutando música.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E10: Acho que toda a informação tem um pouco de dificuldade, mas o que é bem difícil pra mim é quando, tipo assim, quando eu percebo que o básico, que é o simples pra mim já saber esse que é o difícil, meio que eu não sei, sabe. Às vezes eu vou fazer uma conta que é avançada, que dá pra ver que não é tão difícil, mas como não sei nem tipo o básico daquela conta, às vezes eu fico meio estressado, nervoso, sabe. Que é uma dificuldade que eu tenho, né.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E10: Eu estudo né. Eu, presto atenção naquilo, tento olhar básico, que o que tá faltando pra mim. Eu sempre tento olhar o simples, que é começo pra poder entender as outras mais difíceis que vem depois do básico.*

**P1: E você busca ajuda de alguém?**

*E10: Sim, sim. A redação, principalmente, eu peço ajuda da minha mãe, da minha irmã, de amigo que faz o curso comigo também.*

**19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

*E10: Eu acho que informação sempre é bom. Não sei, acho que sempre é bom, na verdade.*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E10: Olha. Com essa pandemia, é um pouco complicado, mas eu me sinto bem empolgado pra fazer a prova, sabe. A redação é uma coisa que eu treinei bastante esse ano.*

*E10: Eu acho que eu posso ir bem, sim. Acho que porcentagem é um pouco complicado, né.*

**P1: Não que arriscar, de um 100?**

*E10: É que a pandemia dificultou muita coisa também. Eu acho que eu vou colocar 70 [por cento], 80 [por cento].*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para seus estudos?**

*E10: Ah! Bem negativa. Em todos os modos pra estudar, pra pessoa também sair de casa pra poder escutar os professores pessoalmente, tal, dificultou em tudo, não só nos estudos.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente sua experiência.**

*E10: Olha, no começo tava muito, muito perdido, no começo. Aí depois eu comecei a me entender um pouco melhor, mas mesmo assim... É um pouquinho complicado, mas... mas deu pra acostumar né. Mas não é uma coisa tão boa assim, não. Acho que pessoalmente eu acho que é melhor.*

**23. P1 - Em algum momento você se sente impotente em relação ao contexto da informação?**

*Impotente, tipo, incapacitado de poder aprender?*

**P1: Isso.**

*Olha, eu acho que tudo... acho que... eu acho que assim: impotente, não, sabe. Mas acho que às vezes eu que eu que podia me esforçar mais, sabe. Podia ter feito mais. Às vezes é um pouco complicado que a gente faz tanto pra conseguir aquilo e não consegue, mas eu acho que mesmo assim eu acho que é da gente mesmo, sabe. Aprende. Se tem gente que consegue, acho que não tem porque se sentir impotente e não conseguir, acho que dá, sim.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum**

momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco). Então você já se sentiu em algum momento vulnerável?

*E10: Alguns momentos, sim, senhora.*

**P1: E tens alguns exemplos pra citar?**

*E10: Na verdade, é aquilo que nem aquilo que eu falei no começo, né. Tem várias vezes que a gente sente que aquela informação é bem difícil pra gente conseguir e tal, mas a gente supera isso com aquela coisa, né: 'Não, eu sei que eu consigo', porque se tá ali, pra gente aprende, alguém conseguiu e eu posso conseguir também e a gente tem que estudar pra isso, né.*

**P1: Algum exemplo específico?**

*E10: O que acontece bastante é tipo, quando às vezes na matemática e na redação, porque quando cheguei no curso, tinha bastante dificuldade assim, não sei se é tópico... Não é tópico de redação que se fala, acho que é o contexto, que é o início, o meio e o fim. Na redação eu tinha essa preocupação de não tá entendendo nada, de não sabe o básico, aí eu tinha essa vulne... vulnerável.*

**Vulnerabilidade?**

*E10: É.*

**P1: Pra entender como era a estrutura da redação?**

*E10: Exatamente, isso mesmo.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E10: Olha, é bem complicado por causa dessa nova coisa que tá acontecendo. Mas acho que é aquela coisa, acho que tudo o que acontece, a gente tem que saber se adaptar e saber lidar com essa situação, mas também não posso negar: é tão drástico assim pra que mude as coisas é bem complicado.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar? Do curso? Do pré-vestibular?**

*E10: Olha, eu acho que esse coronavírus veio pra fazer a gente entender que a gente tem que saber se adaptar às situações que acontecem do nada, que a gente tem que sempre manter a cabeça centrada naquilo que a gente quer e se a gente quiser alguma coisa, acho que gente tem que estudar ou treinar.*

## **ESTUDANTE 11 (E11)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E11: Eu acho que coisas levam a gente a buscar informação, né. Então, que nem esse momento eu sei que eu tenho um objetivo final, então eu tenho que buscar informações para, por exemplo, estudar para o vestibular. Mas também quando, que nem nesse momento muito louco que tá agora, de pandemia, a gente tem que sempre estar buscando a informação, mas também averiguando se é uma fonte confiável e tudo mais. Porque o mundo, assim, é sempre muito doido, assim, coisas acontecem... Então, eu acho que a gente tem que estar sempre buscando... Claro que às vezes a gente busca mas com foco numa área, e tudo mais, do nosso interesse. Mas eu acho que é importante a gente tá vendo sempre meia geral, sabe. Para a gente estar bem amparado dos fatores principais do mundo. Então, eu acho que é isso.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E11: Acho que quando a gente se encontrar conversas... Às vezes a gente está no ônibus e a gente ouve pessoas conversando, já desperta alguma dúvida na gente, e a gente quer saber mais sobre aquilo. Até notícias locais, assim. Eu acho que é geralmente quando eu vou pesquisar ou quando eu preciso saber alguma informação que realmente eu: 'Ah, preciso saber...' não sei '... previsão do tempo'. Alguma coisa assim do cotidiano mesmo, né. E a gente agora, mais do que nunca, a gente tá conectado numa era de internet então tudo fica muito fácil para a gente pesquisar. Muito rápido, muito prático.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E11: Tem uns muito interessantes que usava já, que é uma plataforma de estudos que é o Professor Ferretto, é muito boa e muito acessível. E agora até um dos professores do COC que davam aula para a gente, ele entrou para esta plataforma e eu fiquei muito feliz, que é o Groth [Padre Vilson Groth]. E, assim, é uma plataforma muito legal, além de outras do YouTube... Tem o Redação Português, que dá dicas, o Descomplica também, Me Salva. Tem umas páginas, assim, bem interessantes que disponibilizam muito conteúdo de muita qualidade e grátis, gratuito, né, de forma gratuita.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E11: Aham, principalmente antes da pandemia eu ia muito ali na Biblioteca Pública do centro. Pegava diversos livros, livros de vestibulares, de leitura de vestibular. Quando tinha lá também pegava lá, sempre estava de olho para ver a disponibilidade dos livros. E eu usava bastante lá. Um ambiente bem calmo, bem tranquilo também, e bem no centro da cidade.*

**P1: E os serviços que você utilizava era mais o empréstimo de livros? Ou tinha mais algum?**

*E11: Era mais empréstimo de livros mesmo.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E11: Tenho muitos sites que eu favorito as páginas para ficar salvo, para quando eu quiser retornar e ver de novo. Até no Facebook, que aparece muita notícia, também tem uma opção de salvar publicações para eu ver mais tarde, que dá para salvar em... como se fosse álbuns de temas. É bem legal eu uso bastante essas ferramentas para salvar as coisas que eu acho bem importante e que eu não consigo ver tudo no momento.*

**P1: E quando você busca ali no site, você usa assuntos? Usa palavras chaves? Textos? Áudios?**

*E11: Geralmente eu uso mais palavras chaves. Que eu, ao invés de montar uma frase, assim, porque aí eu acho que filtra melhor os dados. Aí geralmente eu uso mais palavras chaves mesmo.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E11: Isso é bem complexo, assim, né. Porque a gente pensa 'Ah, uma fonte segura...', mas até onde o parâmetro de uma fonte é tão segura para a gente usar ela de referência para comparar as demais? Então, que nem tem, sei lá... acredito que pessoas que eu sigo e que eu tenho uma confiança maior, ou sites também que geralmente estão mais de acordo com outros. Mas de referências eu acho que eu vou selecionando meio que, não sei se é o certo ou se não é, mas eu até meio [inaudível]. Tem vários sites falando assuntos semelhantes que talvez realmente sejam verdade.*

*Não sei, assim, não sei se é a melhor forma de selecionar uma informação, mas geralmente é por esse método que eu uso mesmo.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E11: Eu acho que que nem sobre diversos assuntos é só a gente jogar na internet que vai aparecer muita coisa, tanto no aspecto notícia, quanto também trazendo para este olhar mais dia de estudo, vestibular, essa parte mais teórica. Então, cabe à gente tentar relacionar até para o nosso dia a dia, porque eu acho que esse conhecimento de vestibular é o que a gente vê na prática, a gente tem que tentar associar a física com a prática, e não só fica pensando naquele 'problema chato'. Eu acho que é sempre tentar associar mesmo, tanto com o que eu quero, meu objetivo que é acertar questões, ir bem numa prova, tanto tentar associar desta forma, quanto também levar para minha vida, para o meu dia a dia. Eu acho que essa é a melhor forma que eu uso a informação que eu obtenho, mesmo, pesquisando.*

**P1: E você costuma fazer resumos, fazer post-it, ler em voz alta?**

*E11: A minha forma de aprendizado, assim, que eu acho que eu aprendo melhor é sempre vendo muito bem, escutando muito bem, e na hora só se eu for fazer anotação é mais de palavras-chaves, assim. Que eu olho depois que eu escrevi e já recapitulo o que eu estava vendo, que eu tava ouvindo. Então, na faculdade, assim, meu exemplo, né, tinha muita gente que às vezes chegava na prova e vinha com aquelas folhas de resumo e tals, e eu não... Dá até um negócio assim, porque não é minha forma de estudo... Então, é só se eu precisava que eu dava uma lida. É que eu consigo pegar bem, assim, capturar bem só de dar aquela primeira visualizada com atenção, sabe. Da aula, assim. Diga o que é a minha maior parte do conhecimento eu já pego ali. Então, as outras coisas que eu faço em casa é só mais uma revisão mesmo, ou dar uma profundada que precisa que também não tenha... ou a aula não a botou totalmente, ou eu não consegui... ou me dispersei, ou alguma coisa assim. Mas, acho que minha melhor forma de aprendizagem é vendo e escutando na hora.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E11: Eu acho que a gente tem que sentar, assim, e se auto analisar, sabe. Ver o que que a gente ta com mais dificuldade ou não. E ter o pé no chão melhorar dificuldade, porque às vezes a gente é, trazendo para o mundo do vestibular, a gente é muito bom em biologia e química e a gente sabe que não é bom em matemática e física, mas continua não focando nisso. Então, acho que toda essa informação, tanto as plataformas, e o IVG e tudo mais, fazer uma força... Fazer uma força, não, mas priorizar também as nossas prioridades, usar o que a internet tem a nos oferecer, os sites, canal do YouTube que tem muita coisa, exercícios, Para tentar dar uma equilibrada, assim, em tudo, porque eu acho que é isso que o vestibular quer, que a gente seja principalmente equilibrado em tudo, que saiba um pouco de tudo. Então, eu acho que eu tento... acho que eu busco isso, assim, melhorar as minhas dificuldades, continuar me mantendo no que eu considero que eu vou bem, para tentar atingir este meio que equilíbrio aí.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E11: Eh, acredito que muitas vezes é mais a linguagem utilizada. Às vezes se eu pegar um livro que tem uma linguagem muito difícil, que não vou entender, principalmente neste momento de estudar em casa. Ser autodidata é muito difícil, então eu acho que essas formas de... As formas de que informação se apresenta mesmo para gente, acho que isso é o ponto que eu mais encontro dificuldades muitas vezes. É muito melhor... depende também, mas na minha forma eu acho muito melhor*

*ter um professor que vai associando com o dia a dia, do que pegar um livro com a linguagem super mais difícil, uma linguagem acadêmica científica e tentar interpretar aquilo ali sozinha. Então, eu acho que é isso, assim, a forma que se apresenta.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E11: Acho que no dia a dia, eu acho que entraria mais nessa questão da linguagem. Mas eu me adapto, assim, releio, tento, e acho que consigo me apropriar de informação e tornar isso um conhecimento. Então, acho que dificuldade sempre vai ter, porque o mundo é variável, as coisas de forma variada. Mas eu acho que a gente vai se adaptando e a gente vai vendo outras formas que informação se apresenta para, também, conseguir compreender melhor.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E11: Antes, quando eu entrei no cursinho eu não estava trabalhando, né. Eu tinha bastante tempo disponível para estudos. Eu acordava de manhã, assim, por volta das 8, 8:30, tentava ver coisas da aula, coisas da aula anterior também e tentava ler um pouco da aula seguinte, fazer questões a respeito. Para, no período da tarde, por aí, eu tava procurando a rotina para ir para a noite. Mas também fazendo tarefas domésticas que precisavam. E coisas assim. E daí por volta das 5 horas eu saía de casa para ir para o cursinho, porque lá era por volta das 6:30 às 10, 10:30. Daí, esse horário mas de noite eu já, antes de ir para lá, já tava mais organizando as coisas para levar e as coisas da casa que precisavam ser feitas. Mas, e daí, chegava em casa às 11 horas, tomava um banho e dormia. Assim, eu acho que era resumidamente isso. E era o período da manhã, mesmo, que eu mais conseguia fazer atividades, fora da aula em ser, relacionadas ao estudo.*

**P1: E agora que você está trabalhando?**

*E11: Aham, daí agora que eu cheguei em casa por volta de umas 5 horas. Daí no período da noite, que nem agora voltou a ter uns plantões de aula de revisão, agora essa semana. Aí eu visualizei todos, daí eu uso ali o período ali das... eu tento que estudar alguma coisa entre 6 e às 9:30 da noite. Aí eu olho alguma coisa, olha plataforma, olha o vídeo, que agora está tendo bastante aulas e tudo mais. Aí eu to aproveitando para ver e dar uma revisada nos conteúdos.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E11: Eu... Quando eu estudo, eu sempre vejo a teoria, e aí eu faço exercícios. É que o exercício te recapitula muito da teoria, mas também te apresenta os pontos que eu talvez você não tenha compreendido tão bem. Então, eu gosto sempre de fazer bastante exercício, pensar e eu gosto de corrigir e de avaliar o que eu errei. Daí, nesse momento eu que eu avalio se eu preciso realmente retomar a teoria, quais pontos eu preciso retomar da teoria. Então, acho que isso é o mais importante do que a gente fazer um exercício, acertar e passar para o próximo. Porque às vezes a gente pensa 'Ah, acertei...'. Às vezes nem entendeu tão bem assim, o que ele queria, mas a gente acertou, né. E eu acho que esses exercícios que a gente erra, que retoma e avalia minuciosamente o erro, eu acho que são os mais importantes. E que, principalmente, eu acho que marca na gente, a gente não erra mais aquele ponto ali. Então, de critério e prioridades seriam isso, e as matérias que eu sinto mais dificuldade, que eu tenho mais dificuldade na aprendizagem. Mas eu acho que é sim. Vou fazer exercícios, vou lendo essas formas que a informação se apresenta.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de**

**informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E11: Eu acho que o principal de tudo, e que frisou bem neste enunciado, é a questão do contexto. Eu sempre tento ter este olhar amplo, que às vezes a gente vê uma notícia que parece absurda para a gente, ou também parece ser sem sentido para a gente. Mas que para aquele contexto, para que ela comunidade, para aquela realidade, é totalmente importante, ou não totalmente prejudicial. Eu acho que isso é o mais importante, até para a gente não viver numa bolha, né, da nossa realidade que, não é, talvez, a melhor que a gente queira ter, mas é a que a gente vive e dá para a gente viver bem. Eu acho que essa questão da informação nesse sentido é o primordial, assim. Então... Eu não sei, eu não completo isso, mas eu acho que é isso. Desenvolver a competência. Mas eu sempre tento também está vendo um pouco de cada aspecto da sociedade, assim, do meio ambiente, um pouco de política, um pouco de artes, um pouco de até coisas de lazer, assim, filmes, músicas. Eu gosto de estar sempre percolando por estes setores da informação. E tem muita coisa importante, assim, que não pode viver só de estudo, também. Senão a gente surta, e esse é o momento que a gente precisa estar mais relaxado, mais com a saúde mental boa mesmo. Então, acho que a informação vem para esse lado nosso, também. Vem para ajudar a equilibrar nossos sentimentos, nossas emoções. Eu acho que é isso.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E11: Com certeza. Eu acho que, assim, se a gente pisca, no mundo já aconteceu um milhão de coisas. A gente já é desatualizado, vendo de fora a gente já está desatualizado. Então, um assunto que tem em diversos sites, diversos livros, tem muita informação rolando, a cada segundo tem novas informações rolando. E é difícil, assim, a gente pensar o que que vai consumir. E a gente consome muita informação, se a gente abre o Instagram é muita coisa, se a gente abre o Facebook é muita coisa. Então, é difícil ter um olhar para tudo, assim. Eu me sinto bem sobrecarregada.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E11: Eu acho que, assim, o físico é ter a iniciativa de buscar, sabe. A gente sabe que muita coisa rola, mas ter vontade de ter o desejo de buscar informação, sabendo que constantemente a gente fica desatualizado. 'Ai, eu to sempre atrasada', sabe. Eu to sempre 'Eu não sei disso', é a sensação de não saber mesmo, que eu acho que essa sobrecarga causa. De estar perdido, de... Acho que é isso, assim, de não saber algo de às vezes pode estar todo mundo sabendo e você ainda não soube, porque aquela informação ainda não chegou para você, ou você não procurou ainda. Acho que é.*

**P1: E na condição física? Dá alguma dor? E na questão da ergonomia?**

*E11: Eu acho que sim, porque a gente fica muito tempo na frente do celular, do computador, olhando coisas. Eu acho que dá um cansaço mental, uma dor de cabeça, dá uma dor, assim, nos olhos mesmo. Chega uma hora que não dá nem para ficar na frente do computador ou vendo o celular. Meu ambiente de estudos eu considero bom, assim. É bem iluminado, eu tenho uma cadeira confortável, uma mesa. Mas às vezes por vício de postura eu sento errado ou eu me posiciono errado, mas é mais por vício e eu até tento me policiar muito nisso. E muitas coisas que a gente vai tentar resolver, não só em questão de estudos, mas questão de compromissos até, coisas bancárias, enfim, a gente tem que estar sempre usando o computador, ou celular. Então, está sempre bem sentado, até no transporte, eu sentada então eu tenho que cuidar muito dessas questões de postura. Porque se não é muito prejudicial.*

**P1: E você sente essas dores de postura?**

**E11:** Ah, tem momentos que sim, assim. Umhas dores nas costas. Principalmente as vezes que eu sento errado, assim. Mas é um vício de muitos anos já.

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

**E11:** Aí, eu só largo, assim, o computador e o celular. Eu vou fazer um carinho nos meus cachorros, vou ouvir uma música, Eu vou sair para dar uma caminhada. No final de semana, mesmo, eu tento fazer uma atividade bem de lazer. E, quando eu tenho tempo livre, eu gosto de ir na academia, que eu acho que é um momento que faz tanto bem para o corpo que isso reflete nos restantes dos teus dias, nas outras atividades que você tem que estar ali numa posição mais parada, e tudo mais. Então, eu gosto de fazer exercícios, eu gosto de dar uma dispensada. Tomar um ar, assim, sair para rua tomar um ar já faz total diferença. Enfim.

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

**E11:** Eu acho que é assim, recapitulando de um ensino mais básico do Fundamental e Médio, eu tive muita... Eu não sabia como estudar, e também eu sempre estudei em escola pública e não tinha esse olhar de estimular o aluno a procurar a informação. E a gente também não, de alguma forma, vivia naquela bolha e achava que não era essencial, sabe. Então, também, didáticas de professores que eu não conseguia absorver a informação que vinha daquela forma, mas principalmente, assim, é bem notável, assim, diferença da necessidade [inaudível], quando se tem contato a informação, assim. Isso te estimula a procurar mais informação, porque quando tu não se preocupa em procurar outro aceita tudo que venha você, você fica confortável naquela posição. Então, acho que realmente o estímulo da necessidade de o que eu vou fazer do meu futuro daqui para frente a partir de eu sair da escola, estimula isso muito, assim. Ainda mais nesse período de construção da minha formação básica, é bem essa questão, assim, de não haver estímulo a procurar informação. Eu aceitava muito o que era passado para mim enquanto aluna. E fui construindo assim quem eu sou, né. Quem eu sou hoje foi construído desta forma, aí agora estou lapidando de uma forma melhor, eu tento buscar, eu tento preencher estas lacunas que eu acho que ficaram, assim, no meu conhecimento.

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

**E11:** Eu acho que esses são os pontos que hoje me fizeram sentir dificuldades, né. Então, eu tenho que tocar nessas minhas dificuldades pessoais. Não só assim no âmbito de estudo, mas dificuldades às vezes que eu não saiba fazer alguma coisa, assim, do cotidiano eu também procuro estar sempre pesquisando para tentar aprender coisas novas. E aprender outras formas, Eu acho que isso é o mais importante. Porque se a gente não aprende do jeito que foi, não sei... Algum professor lá do ensino fundamental... A gente vê outras formas, ou que a mesma é para a gente agora, eu acho que a chance de aprender, de se apropriar dessa informação de fato, agora é muito melhor. Que a gente tem também... justamente a informação que nos proporcionam isso, né, uma variedade de formas de ver ela. Então, eu acho que isso é muito importante, assim. Eu acho que é dessa forma que eu tento, de fato, aprender agora. Vendo por várias óticas, assim.

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

**E11:** Eu diria que não. Eu acho até um privilégio, assim, a gente ter vários olhares para se obter uma informação. Porque, como eu disse, é a questão do contexto. Então, eu não posso dizer que aquilo que foi me repassado daquela forma é o certo, porque é só um olhar, é só um ponto de vista. Então, eu acho que, justamente, ter várias informações, de várias formas de expressar essa informação é até uma vantagem.

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E11: Eu diria que eu me sinto preparada. E a questão da porcentagem eu teria que por volta de 84% ou 85%.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E11: Eu diria que um pouco positivo e um pouco negativa, assim. Porque ao mesmo tempo que eu estava condicionada a ter a rotina estudo de ver os professores, ter esse contato mais próximo, trocar experiências com os colegas, e que o ensino presencial de volta a essa rotina mais 'certa'. Ao mesmo tempo, o momento da pandemia me fez refletir, me estimulou a aprender, a ser autodidata, procurar eu mesmo me virar, assim. Então, eu acho que tem pontos positivos e negativos dos dois lados, a pandemia também propiciou um momento de fazer vários cursos gratuitos, vários cursos extras que as pessoas talvez nem fariam num momento 'normal'. Assim, se o mundo estivesse 'normal'. Então, a pandemia abriu muitas oportunidades nesse sentido da educação também. Mas também me afastou de [inaudível]. Tem e teve vários momentos ruins. Mas eu acho que teve pontos positivos e pontos negativos nos dois lados, assim.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E11: Eu acho, assim, que foi tranquila. Nos anos anteriores eu sempre complementava minhas aulas da escola mesmo com vídeo aulas da internet. Então, eu tenho um pouco de noção de como eram os professores ensinando e eu buscando as informações, e os exercícios, as questões para fazer. Então, eu acho que a minha maior dificuldade sempre foi criar uma rotina em casa também. Porque aqui em casa a gente tem vários pontos de lazer, muitas distrações, muitas coisas até das tarefas domésticas para fazer, que às vezes a gente se perde um pouco, assim, no que é prioridade ou não. Então, acho que foi tranquila minha adaptação, assim, até porque eu já tinha um contato mais anterior. Está indo, assim está fluindo.*

**P1: Você costuma colaborar com seus familiares nas demandas de casa?**

*E11: Aham, eu e o meu irmão a gente sempre colabora, assim, com as atividades domésticas. E também meus pais trabalham fora. Então, principalmente, quando estava trabalhando tanto, era um momento que eu mais consegui ajudar. Agora eu também to trabalhando, aí já aperta um pouco as coisas. Mas sempre que possível eu também ajudo.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E11: Ah, com certeza. Apesar de conhecer meu potencial e saber que já conquistei muita coisa que muita gente gostaria de ter conquistado, às vezes bate uma insegurança, porque a gente vê muita coisa na internet, a gente vê gente que às vezes, sei lá, estudava 25 horas por dia, e parece que o que a gente faz não é suficiente ou que não vai ter reflexos bons. Mas eu acho porque essas realidades que a informação traz para a gente também é que a gente tende a se comparar, que não é forma, mas às vezes a gente tende a se comparar. Eu acho que nesse ponto eu me sinto... às vezes me dá uma angústia, às vezes me dá um desânimo de continuar na nossa realidade, porque parece ser um caminho tão longo que tem pela frente. Eu acho que é nesses pontos que a informação, talvez, não seja tão boa quanto ela deveria ser, ou não caia tão bem quanto ela é.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum**

momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).

*E11: Acho que foram mais momentos, assim, que eu, talvez, não tivesse acesso à internet no momento, ou não tivesse o aparelho para acessar a internet, que eu precisava saber alguma coisa e eu não conseguia, assim. Não consigo ver muito além disso. E, principalmente, assim, no meu período de Ensino Fundamental e Médio que eu não sabia usar os aparelhos eletrônicos, não tinha tanto o hábito, assim. E por conta disso eu acho que eu até desestimula, não saber usar e não ter o acesso também. Então, acho que... Não sei se em situações em que eu precisava de uma informação e ainda não se tinha, talvez, na internet, uma notícia ou alguma coisa assim. Um momento, assim, de desamparo. Não sei se teria algum ponto além disso.*

**P1: Você considera que já teve momentos de vulnerabilidade?**

*E11: Acho que sim, mas, assim, no acesso do que, de fato, navegando pela informação.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E11: Eu concordo e discordo, assim. O ponto que eu concordo não dá para ignorar a situação atual da pandemia e querer realizar o vestibular presencial, então eu concordo com a suspensão... Suspensão não, adiamento, que seja. E, ao mesmo tempo, também, eu até entendo, assim. Mas eu acho que deve ser frustrante para muita gente que se prepara, pessoas que ainda não fizeram outros ENEMs, por exemplo, para utilizar agora nesses outros métodos seletivos. Mas eu acho que é importante, assim, é sensato esse adiamento. Porque são vidas que estão ali em jogo, em vulnerabilidade, e não só daquelas pessoas, mas dos familiares daquelas pessoas. Então eu acho que é a melhor forma no que se tem disponível. Eu sei que a gente gostaria de estar estudando esse ano normalmente, fazer a prova que era o jeito que a gente contava, mas eu realmente fico feliz que, ao contrário do que o governo faz muitas vezes, fico feliz que as Universidades estão tomando essas atitudes E preservando, assim, a vida. Porque, até questão de continuar com a suspensão das aulas nas universidades, eu fico bem aliviada porque é muita gente, é muitas famílias. É um contato realmente que não tem como, mesmo tomando medidas de prevenção, não tem como. Então, eu fico bem aliviada, assim, nesse ponto. Eu acho que para mim e para os estudantes que, talvez, contávamos com uma prova agora final do ano, eu acho que é melhor a gente esperar um pouco mais e fazer a prova em segurança do que expor a nossa vida. E a gente vai ter outras oportunidades além desta também. E nunca é tarde para tentar de novo. Se não vai dessa vez, a gente pode tentar de novo outra vez também.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E11: Primeiramente, eu gostaria de agradecer a oportunidade. Eu acho que uma pesquisa bem importante mesmo, principalmente para essa visão estudantes de pré-vestibular, porque eu acho que muitas vezes depois que a gente ingressa no ensino superior, que eu já felizmente tive oportunidade também, a gente meio que esquece das pessoas que ainda estão tentando entrar naquilo. Então, eu acho que a gente foca muito naquele mundo, assim, de ter que, talvez, ser o melhor, tem que, talvez, pegar um estágio ou entrar uma bolsa do PIBIC... Esse olhar de sempre se mostrar*

dominando aquilo e a gente esquece de tudo que a gente passou e das dificuldades que a gente ainda, talvez, carregue, ou daquelas pessoas que ainda estão tentando entrar ali na faculdade ainda. Então, eu acho que é bem importante a pesquisa neste ponto. E sobre a questão da informação, eu acho que as perguntas complementaram bem, assim, o que eu esperava, o que eu estava sentindo e os pontos que eu sentir dificuldade. E em relação às formas... eu acho que é isso mesmo, tentar... é um desafio, assim, diário tentar estar a par dos pontos que talvez sejam essenciais para minha realidade, né. O que eu preciso saber de informação não é o que a outra pessoa precisa de saber da informação. Então, eu acho que isso é um desafio, tentar se manter a par do que eu preciso no meu dia a dia. Mas ao mesmo tempo, também, focar nos outros âmbitos da minha vida, assim. Em relação a pandemia, [inaudível] esse governo... Meu Deus, eu vou militar aqui [risos]... Mas eu acho que, assim, a respeito das suspensões, foi bem aquilo que eu disse, eu acho que é o mais sensato a se fazer. Não sei como é que vai ser este ENEM agora em janeiro, realmente acho que deveria ser adiado. Mas eu espero que ocorra da melhor forma. A pandemia se prolonga é isso me preocupa, assim, essa resistência do governo enquanto a vacina também. Mas eu espero, assim, que as coisas se encaixem, que as coisas voltem. Que a gente não fique, assim, nessa escuridão, sem informação, né, nesse apagão da informação a respeito do que o governo vai decidir sobre a gente, e tudo mais. Acho que, a respeito dos estudos, assim, eu fico muito, muito feliz, Por toda a oportunidade do IVG, das coisas que eu já consegui, as amizades que eu consegui. O contato com a Tainara também é muito importante, ou notebook eu consegui deles. Eu sou bem grata, assim, porque eu vejo, né, vindo do ensino público, eu não consigo, talvez, nem imaginar, como estão os estudantes ali do Fundamental e Médio, totalmente desamparados com a parada das aulas, e, até a questão, assim, da comida, assim. Muita gente a refeição principal é na escola eu não sei como, eu fico até com... Eu não consigo imaginar como eles estão agora, assim. Sempre que eu posso eu tento ajudar, eu faço doações também, mas isso me preocupa, assim. Tanto numa visão social, quanto numa visão também... Imagina tendo o ENEM agora, isso é uma das únicas oportunidades para muita gente fazer o ensino superior e talvez nem conseguiu estudar durante o ano todo para fazer uma prova, sabe. Então, é bem angustiante. E, principalmente, esse descaso do governo enquanto à essas pessoas mais vulneráveis também. Então, eu acho que é isso.

### **ESTUDANTE 12 (E12)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

E12: Ah! Desculpa. Eu não te ouvi.

**P1: [entrevistadora repete a pergunta]**

E12: Na internet, na televisão, é isso? Assim, em casa?

**P1: Isso**

E12: É em casa, na TV.

**P1: A partir de que você vai buscar informação?**

E12: É em casa, na TV, nestes momentos, né

**P1: Mas você busca para resolver problema, para curiosidade, entendimento?**

E12: Ah! Eu acho que é um pouco de tudo, né a gente. Eu quando [incompreensível], quando procuro entender melhor.

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

E12: Quando eu não entendo algo, como eu falei. Quando... Eh Como eu posso dizer? Quando eu pre [corte na ligação] sobre algo.

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E12: Eh tem o Me Salva, tem... ah! Esqueci o nome do site agora... [incompreensível/corte na ligação], mas de busca, principalmente o Google, assim, não tem nenhum [incompreensível/corte na ligação] faz a busca [incompreensível/corte na ligação], geralmente.*

**P1: [Pesquisadora tenta saber qual é o outro site, que a entrevistada esqueceu]**

*E12: [Corte na ligação]... cursinho, que daí ele tem questões de vestibular, daí dá pra responder, ele já te dá a resposta. Mas a [corte na ligação] não to lembrando, um sitesinho verde.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca?**

*E12: Eh pública, não. Assim, não*

**P1: Onde você fez o ensino médio?**

*E12: No Aderbal, ali no Estreito.*

**P1: No ensino médio, costumava ir à biblioteca?**

*E12: [Corte na ligação] que também era fechada*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E12: Geralmente eu boto [corte na ligação]. Eh, tipo, Eh Como eu posso dizer? Eu preciso compreender aquilo melhor, então eu boto o conteúdo principal, na busca, e pesquisa, né.*

**P1: Então, você busca por assunto, por palavra-chave ou faz a pergunta direta?**

*E12: É palavras-chave assim. Palavra-chave.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E12: Eu busco em vários sites, né. E daí eu vejo o que mais se conecta e o que mais é verí [corte na ligação] e daí eu trato aquilo como verdade.*

**P1: Então, você avalia se as fontes de informação são confiáveis ou não, se não são fake news?**

*E12: Sim. Sim. Sim.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E12: Geralmente quando a gente estuda para o vestibular, a gente anota ou faz um faz o men [corte na ligação].*

**P1: [Pesquisadora alerta que houve corte e pede que entrevistada repita]**

*E12: É, tipo mapa conceitual, assim, ou faz atividades.*

**P1: [ligação cai de novo]**

*E12: Oi. Tá caindo. Internet é muito ruim.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E12: É sempre fazendo atividades, acredito.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E12: Eh Dificuldades? Mais, além disso, acredito que, Eh em sites, Eh vou dar um exemplo. Sem sites, as informações elas não se batem. Então, fica difícil saber o que realmente acontece, o fato, enfim.*

**P1: As informações são diferentes?**

*E12: Isso, informações diferentes.*

**P1: Houve um corte quando você falou sobre as dificuldades. Poderia repetir?**

*E12: No momento, a internet, como eu te falei. Não sei se isso conta, mas a internet tá bem ruim. Não to conseguindo acessar nada.*

**P1: [corte na ligação]**

**P1: Além da internet, alguma outra dificuldade que você queira relatar?**

*E12: Acredito que não.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E12: Eh em diferentes sites, sim. Que às vezes, tá muito confuso, informações diferentes, como eu te falei.*

**P1: E, de modo geral, no material do cursinho ou obras que você lê?**

*E12: Não.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E12: É. No momento, como ... vestibulares, principalmente do COQ, que foi cedido pelo IVG, antes quando eu tava no cursinho e [corte na ligação] net, eu acessava as aula [corte na ligação] aula.*

**P1: E hoje?**

*E12: Hoje por livros de vestibulares, assim.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E12: Sim. Eh [corte na ligação] Que mais cai no ENEM, vestibular. [corte na ligação].*

**P1: [Pesquisadora alerta que houve corte e pede que entrevistada repita]**

*E12: Quando a gente entra no cursinho, os professores [inaudível] dão por prioridade o que mais cai em vestibulares. [inaudível].*

**13. P1 - A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

**Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação?**

*E12: Eu acredito que é sempre pesquisar, né. Se as fontes são confiáveis, se o que eu pesquiso é algo correto. Acredito que é isso, porque atualmente as fake news tão tomando conta, né.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E12: Sim. Sim. Porque a todo o momento tem informação, né.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E12: Eh Ansiedade. Eh Muita dor de cabeça. Acredito que isso, sim.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E12: Ah! Eu tento me distrair com livro, música, entretenimento no geral.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E12: Eh Dificuldades e desafios? 'É. Eu acho que é o que eu sempre cito ali*

**P1: [Corte da ligação]**

**P1: [Pesquisadora alerta que houve corte e pede que entrevistada repita]**

**P1: [Corte da ligação]**

**P1: A informação em sites diferentes, esse é o maior desafio, né.**

*E12: Isso*

**P1: O desafio é em pesquisar ou avaliar a informação?**

*E12: É pesqui... Não é pesquisar. É avaliar, acho. Porque em diferentes sites tem diferentes notícias [corte da ligação]. Às vezes fica confuso na notícia, o que que realmente aconteceu. Acho, acredito que é isso.*

*E12: [Corte da ligação]*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E12: Eu tento ler bastante, pra ver se eu encontro algo que conecte as informações.*

**P1: Você busca esclarecer com seus professores também ou não?**

**[Interferência na ligação]**

*E12: É. No momento, não, por causa da pandemia. Mas geralmente sim quando tinha contato.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E12: Ah, sim. Hã-ham. Porque se a gente não confere a informação, muitas vezes a gente leva como verdade e não é, né.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

**[Ligação foi refeita].**

**P1: Você se sente preparada...**

*E12: Não.*

**P1: Defina uma porcentagem do quanto se sente preparada?**

*E12: Uns 60%, eu diria.*

**P1: Por que você acha que não se sente preparada?**

*E12: Eh, porque acho que o vestibular ele é muito inseguro, né. [Provoca insegurança]. E... Por conta de dificuldades, enfim, acredito que é isso.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos? Comente**

*E12: Eh, negativa. Porque, quando o isolamento social aconteceu, o cursinho, né, ele parou totalmente, porque ninguém tava habituado a ter aula on-line. Então contribuiu, assim, muito negativamente nessa parte.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E12: Foi bem ruim, porque não tava acostumada, né, sempre no presencial e quando aconteceu não tava habituada. Então, até a adaptação com a internet e tudo, foi bem ruim*

**23. P1 - Em algum momento você se sente impotente em relação à informação?**

*E12: Ah. Sim. Hã-ham.*

**24. P1 - Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco). Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação?**

*E12: Sim. Eh, por exemplo... é vou dar um exemplo de agora, na verdade. Quando to sem internet e não tenho acesso à informação, acho que é um momento vulnerável, né.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E12: Eu, na verdade, achei essa [inaudível] bem ruim, assim. Porque eu acredito que o vestibular é mais uma chance de o vestibulando conseguir entrar na universidade.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E12: Tá. Eh Então, com a pandemia e isolamento social, eu senti muitas dificuldades, não só apenas comigo, acredito [que] com todos os estudantes. Porque a gente não*

tava preparado, né, pra ter aula on-line, pra entrar nesse novo ritual, que a gente não tava acostumado a ter aula [on-line]. Então, esse ano foi um ano muito difícil, acredito, que principalmente pra escola pública, pra alunos de escola pública. Porque eu vejo, né, porque sou aluna de escola pública, eu vejo quanto a gente tem dificuldade ainda em... Agora eu volto a ter... to terminando o ensino médio, mas como a gente tinha dificuldade pra, Eh pra acessar o conteúdo, pra ter as aulas, pra fazer as atividades. Né. E eu acho que é isso, assim.

### **ESTUDANTE 13 (E13)**

#### **01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E13: Eh Seria informação*

#### **P1: Informação que você precisa...**

*E13: Eh Normalmente durante, durante o dia, assim, quando, quando eu tento separar, tipo um tempo pra estudar, pra ver as aulas. Normalmente é mais à tarde, assim, à noite.*

#### **02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E13: Ah! Eu acho que, bem grande, assim. (incompreensível), Eh não aprendo assim tão fácil, tão rápido, então tenho que treinar um pouco mais, assim, então... Eh acho bem importante ter, ter esses treinos, assim, fazer as coisas e repetir, assim.*

#### **03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E13: Eh, é o... o site que usei acho que é o Me Salva, que eu peguei alguns conteúdos que eles mostram, alguns exerc, uma lista de exercícios. Acho que é o único que eu, que eu cheguei a usar*

#### **04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E13: Não. Agora não. Eu usava antes na, na UDESC. Não mas agora, não. Depois que parti pro cursinho, assim, não.*

#### **P1: E quais os serviços da biblioteca da UDESC que você utilizava?**

*E13: Pra pegar livros, mesmo.*

#### **05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E13: Eh, eu acho que eu tento, tento organizar, eh, um período de um tempo ou algum número de... número de exercícios que eu vou fazer. Tento, por exemplo, normalmente eu estudo a matéria, estudo algumas aulas, tipo, por exemplo, duas aulas de física, duas aulas de biologia, duas aulas de geografia e aí depois eu pego, tipo, dez exercícios de cada sobre, sobre aquelas matérias que eu, que eu estudei no dia. Aí no final do dia eu faço exercícios. Normalmente eu organizo assim.*

#### **P1: E quando busca nos sites, busca por assunto, faz perguntas, elabora palavras-chave:?**

*E13: Eh, acho que normalmente por, ou palavra-chave ou por pergunta, assim.*

#### **06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E13: É. Normalmente eu vejo, tipo, avaliação de outras pessoas, assim, pra ver os sites que já têm avaliações boas ou já têm um número maior de acessos, assim. Normalmente é por isso.*

#### **P1: E você costuma fazer uma análise das fontes?**

*E13: É. Normalmente eu, eu vejo assim, tento olhar de alguns lugares que eu conheço, né. O de... por exemplo, algum site, quando é site de governo ou se é um estudo científico, assim. Não costumo muito olhar, tipo, site de blogs, essas coisas assim.*

#### **07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E13: Eh, eu acho que... uma coisa que eu uso bastante agora é procurar, assim, o que é mais cobrado, assim, nas provas. Tipo, então, se, tentar... pra ter mais um foco, né, tipo não... Mesmo que eu já tenha feito algumas provas do ENEM, mas eu, tipo, o que mais eu tento pesquisar assim é isso. Tipo o que que mais é cobrado, o que é mais importante eu foca, assim.*

**P1: Você costuma fazer resumo, trabalhar essa informação que extrai da internet?**

*E13: Eu faço... Eu faço normalmente resumos, assim, anotando, né.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E13: Eh Eu acho que treinando os exercícios, mesmo, tipo, colocando mais na parte prática, assim, pra ver se eu realmente consigo fazer ou se eu to tendo dificuldade em alguma coisa. Acho que é mais treinando, mesmo.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso a informação.**

*E13: Eh Acho que dificuldades... é que algumas, talvez que alguns, algumas coisas não são totalmente gratuitos, alguns sites. Por exemplo, o Me Salva eu... eu fiz um plano que era de... de atividades, daí. Não era totalmente gratuito. E, acho que essa é a maior dificuldades, assim.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E13: Não. [incompreensível] tranquilo, assim.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E13: Hum-hum. Eh Então, eu normalmente, eu vejo, tento ver duas ou, às vezes, três aulas de cada disciplina, assim. Eu vejo umas seis aulas, oito aulas por dia. E aí depois do... aí descanso um pouquinho, dou um tempinho de intervalo e depois tento fazer exercícios sobre aquelas, sobre aquelas matérias que eu estudei*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E13: Eh, eu acho que critério é... eu sempre tento focar, assim no, nas coisas que eu vejo que tanto que os professores falam que eu vejo assim no que pesquiso que é as coisas mais cobradas. Eu sempre tento focar mais nessas partes. Eh, e como método, é fazendo... é anotando durante as aulas, assim, vou fazendo resuminho, assim, vou anotando os tópicos mais importantes e depois treinando, mesmo.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E13: Eh, eu acho que eu tento pensar assim no, por exemplo, pesando nas disciplinas, eu tento pensar no que que influencia na nossa vida, assim, tipo, nas partes de, ah tipo usando História, assim, o que aconteceu antes que tá influenciando agora. Porque que hoje é assim, eh, ou coisas de Física, assim, o que que, o que que tá envolvido em, tipo, um eletrodoméstico. O que que... eh, o que tá envolvido nas nossas coisas do dia a dia, assim. Então, tento... tento relacionar assim com isso.*

**P1: Você faz pontes com informações anteriores, com vivência pra poder fortalecer sua competência em informação. Isso?**

*E13: Isso.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E13: Eh Eu acho que um pouco, assim, pela quantidade de conteúdos, assim, que... que são cobrados, assim, mais, assim, psicologicamente, assim.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E13: Hã-ham. Eh Ah, acho que um pouco... um pouco cansado e ansioso pra, ao mesmo tempo, que nem... não quero que chegue, mas, eu acho que tenho que estudar mais, mas eu quero que passe logo, também, assim. Eh acho que fica um pouco entre isso, assim.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E13: Eh Eu tento descansar um pouco, ir pra academia ou assistir alguma série, ver algum filme. Coisas assim... Umas coisas assim.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E13: Eh, [murmura parte da pergunta]... eu acho que a... talvez agora por... por estar sendo tudo on-line, às vezes não ter, não tem muito como tirar dúvidas, assim, às vezes eu acabo perdendo um pouco mais de tempo pra procurar em algum lugar alguma resposta de alguma coisa que eu não to entendendo ou... ou... ou alguma coisa que... que eu não to achando, assim. Acho que é mais isso, assim.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E13: Ah! Acho que é mais, assim, tentando procurar, assim, em alguma... ou vê na apostila ou vê... eh tentar procurar alguma aula extra, assim. Acho que é mais isso. Normalmente eu tento olhar mais a apostila pra ver se eu... se encontro alguma coisa.*

**P1: E você busca ajuda com professores ou com a sua irmã?**

*E13: Sim. Sim. Também.*

**19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

*E13: Eh É eu acho que não... É não sei. É talvez o excesso, se for contar assim que às vezes a gente tem que estudar, assim, coisas que vão além do que a gente vai usar em nossa profissão, né. Mas, eu acho que, talvez não prejudicado, mas talvez um pouco... um pouco sobrecarregado, não necessariamente prejudicado.*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E13: Eh Porcentagem? É. Eu acho que uns 75%.*

**P1: Então você se sente preparado? Tá confiante?**

*E13: É [risos]*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para seus estudos?**

*E13: Eh Eu acho que negativa, assim, por... por não ter uma rotina, assim, às vezes, né... é difícil de conseguir seguir aquilo que a gente planeja, de conseguir realmente Eh, cumprir... não ter uma rotina, tipo, de horários certos e ter que fazer aquilo pela gente, mesmo*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente sua experiência.**

*E13: Eh Eu acho que no começo foi... foi pior assim, que era mais... às vezes dava... era mais difícil já ficar sempre na frente do computador, vendo aula, coisa assim. Aí depois foi, foi meio que se adaptando, assim.*

**23. P1 - Em algum momento você se sente impotente em relação ao contexto da informação?**

*E13: Eh, acho que não.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a**

vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco). Então você já se sentiu em algum momento vulnerável?

*E13: Eh Eu acho que mais, assim, quando tava ali no... no final da fisioterapia que eu tava já pensando em, em sair que, eu já tinha, aquilo que eu...eu já tá... eu saí na oitava fase e então já tinha... faltava um ano pra terminar, já... já trabalhava há bastante tempo em projetos com, com pacientes, assim, já... já atendia pacientes há bastante tempo. Eh E aí eu tava sempre estudando bastante aquilo, uma coisa que eu gostava e aí chegou aquela hora que eu fiquei pensando se, se era realmente aquilo que eu queria, assim, fazer, assim, para minha vida, então, tipo acho que é mais com relação à isso e também agora depois no pré-vestibular, assim, se eu realmente fiz a escolha certa, se vale a pena ter saído agora, se eu vou, se eu vou conseguir entrar na outra universidade, se vale a pena, pela minha idade, acho que mais nessas coisas, assim, nestes dois momentos.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E13: Ah! Eu acho que faltou bastante organização, assim, das próprias universidades, até por eu ta dentro da UDESC, acho eu sei, sei mais ou menos como é funciona, assim. Eu tive bastante contato também com pessoas da reitoria e tal. Então, eu acho que... vejo que faltou bastante organização deles, assim, de... de não conseguir... de acaba não conseguindo fazer a prova, tem que usar tudo pelo ENEM.*

**P1: E como você se sente em relação a isso?**

*E13: Ah. Acho que que mim não influencia tanto, porque o meu foco desde o início já era o ENEM, assim. A minha ideia já era focar no ENEM desde o início. Então, não me afetou tanto assim, mas acho que é bem frustrante para as pessoas que tão focadas nos vestibulares da UFSC, da UDESC, nas outras provas também.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E13: Ah! Eu acho que foi bem interessante, acho que é legal pra... às vezes são coisas assim, tipo, bem simples, mas que às vezes a gente não... não para pra realmente pensar. Acho que foi legal assim pra retomar um pouco dessas coisas e vê realmente o que eu já fiz e o que que ainda tenho que fazer.*

#### **ESTUDANTE 14 (E14)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E14: Quando eu tenho alguma dúvida em algum assunto, ou algo do tipo.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E14: A partir de uma dúvida recorrente minha.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E14: Site, não. Mas eu uso Youtube. Canal, assim, de cabeça eu também não me lembro. Eu vou nos vídeos e vou vendo.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E14: Não. Não vou, não.*

**P1: Em que escola você fez o ensino médio?**

*E14: No Instituto [Estadual de Educação]*

**P1: Você costumava utilizar a Biblioteca nesse período?**

*E14: Não. Não. Não ia, não.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E14: Eu vou... Eu cito a minha dúvida no Google, no Youtube e vejo uma sequência de vídeos, de três a cinco vídeos que tenham a ver com o assunto da minha dúvida e vou tirando elas.*

**P1: Faz por assunto ou palavra-chave?**

*E14: Palavra-chave.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E14: Então, pra mim ter uma resposta concreta, de algo que eu acredito ou algo do tipo, eu sempre procuro ver mais vídeos, né, como eu falei, de três a cinco vídeos ali pra sanar bastante e falar 'ó, não... é realmente isso' e tudo mais. Ou mesmo não só vídeos, mas textos e algo do tipo. Eh, é isso a pergunta? Tem alguma parte que eu não falei?*

**P1: Como você avalia e como você seleciona?**

*E14: Ah! Sim. Seleciono a partir dos vídeos, né, Eh, templates ou algo do tipo. E, Eh seleciono, é pela credibilidade, se é um professor ou algo do tipo. Essas coisas assim.*

**P1: E você costuma avaliar pela instituição responsável pelo site?**

*E14: Não. Não olhava, não. Não olhava*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E14: Eu uso, a meu favor, pro meu aprendizado.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E14: De que maneira? Eu procuro... se, se eu tiver dúvidas, vou atrás, solucioná-las. E sempre procuro tá atrás de alguma dica, alguma coisa.*

**P1: E quando você diz que busca solucionar, busca com o quê?**

*E14: Sanar dúvidas?*

**P1: É.**

*E14: Dentro da internet, com... com... com vídeos, professores, algum artigo, algo do tipo. Ou, se não tivesse a pandemia, com meus professores e tudo mais.*

**P1: Com a família, também? Não?**

*E14: Não. Família, não.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E14: O acesso, acredito que nenhuma. Não há dificuldade, não.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E14: Não.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E14: Então, minha rotina de estudos, né, é, ela é basicamente uma plataforma que... onde eu listo tudo o que eu tenho que fazer no dia a dia e ali eu vou enumerando as coisas, os pontos que eu tenho que fazer naquele dia, as atividades, os estudos que eu tenho que realizar e ali vou marcando um por um as coisas que eu já tenho feito e tenho o controle da minha rotina.*

**P1: Essa plataforma é do IVG?**

*E14: Não. É o Trello [inaudível]*

**P1: Ele é pago ou gratuito?**

*E14: Não. Gratuito. Gratuito.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E14: Então, meu método de estudo, ele basicamente... Eh eu leio ou vejo um vídeo. Eu gosto sempre de fazer resumo, anotar pontos críticos dali, pontos importantes. E depois leio de novo aqueles pontos e assim por diante. Então: 'O Brasil foi descoberto em 1500, veio a cavalo, não sei o que e tal', 'Brasil foi descoberto em 1500' e aí?*

**13. P1 - A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013). Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação?**

*E14: Então, o que eu uso e que eu faço pra mim ter a minha competência em informação? O que que eu faço para ir atrás da informação, né. Basicamente é isso?*

**E14: [Entrevistadora repete o conceito]**

*E14: Então, Eh eu sou bem crítico na minha, na minha procura, né, sobre informação ou algum assunto que eu queira saber, dentre estudos e fora de estudos, né. Então, ali enumero as minhas dúvidas: 'Ah! Eu não sei isso, não sei isso, não sei isso'. Vou atrás da informação... vou atrás da informação em, no Google, no Youtube ou até mesmo em livros e algo do tipo. E ali enumero os pontos que eu entendi, os pontos que eu não entendi daquela informação. Caso for ela é solucionada a minha dúvida ou caso for eu tenho mais outras dúvidas que possa ta sendo selecionadas. Entendeu? Mas basicamente é isso?*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E14: Então, tenho, tem dois parênteses aí. O primeiro parêntese significa que o nosso mundo tem muita informação, tu abre qualquer plataforma, é celular, tablete, computador, é informação pra todo lado. Não só na internet, mas tu anda na rua é informação pra tudo quanto é lado. E também tem aquele outro lado que basta você escolher as informações que você quer. Então eu só quero ouvir informação de política, eu só quero saber sobre economia e assim por diante. Então, mas eu procuro sempre... não tá sobrecarregado [incompreensível] vendo só o que é útil e importante pra mim. Eu penso assim.*

**P1: Tem muita informação e a competência em informação é saber selecionar, saber usufruir o que melhor, né.**

*E14: Daí, muita [incompreensível] sobrecarregado de coisas que não é útil pra gente e fica mal e fica... é complicado.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E14: Como eu falei, eu não... eu não sinto, por conta que eu escolho bem as informações que eu quero no meu dia a dia e tudo mais.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E14: [Sem resposta por não sentir a sobrecarga]*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E14: Eu acredito que... que não há nenhuma, porque na internet tem praticamente tudo, né, mas eu acredito que nenhuma. Só quando tem alguma dúvida que é muito, tipo muito difícil de ser recorrente ou alguma ideia que você tenha que não possa ser solucionada. Mas acredito que não... não há nenhuma dúvida, todo o conteúdo tem na internet. Mas a princípio é isso.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

**P1: No seu caso, o que você faria?**

*E14: Sempre solucionar com professor ou com alguém que saiba do assunto, tudo mais.*

**19. P1 - Você se sente prejudicado(a) pelo excesso de informação?**

*E14: Não*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E14: A minha preparação? Não. Não me sinto preparado. E se fosse em percentagem, poderia-se falar de 40 a 50%. Eu acredito que não vai ter ENEM dia 17, mas vamos ver o que vai acontecer aí. Pandemia e tudo mais. Vamos ver o que acontece.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E14: Em relação aos estudos, de forma negativa.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E14: Então, adaptação de estudar on-line, na minha parte, foi bem tranquila, porque sou... sou bem-organizado, assim. Sei li[incompreensível] então, nunca tive uma atividade faltando e tudo mais, sempre adiantava as atividades, mas em relação a professores e cobranças era bem complicado, porque a gente não tinha aula, então era só atividade específica. Mas em relação à minha experiência de... de aula on-line e tudo mais foi bem tranquilo. Consegui cumprir tudo.*

**23. P1 - Em algum momento você se sente impotente em relação à informação? Impotente seria se eu não soubesse procurá-la ou algo do tipo? Incapaz?**

*E14: Não. Não me sinto, não.*

*E14: [Entrevistado relê a pergunta na tela e reitera:]*

*E14: Não. Não me sinto, não. Bem tranquilo*

**24. P1 - Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco). Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação?**

*E14: Não. Eu não me sinto, não.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E14: Eh, então, se sentindo bastante complicado, por conta de que era um ano esperado por todos, né, que passou na faculdade e se formar e ter festa e tudo mais. É bastante complicado, foi um baque bastante grande, mas eu acho que todo mundo, meus amigos e eu, né, já engolimos, assim, já começamos e digerir e entender. É chato, é, acontecer isso nesse nosso ano e tudo mais, mas acontece e eu me sinto mal alguém se sentir feliz porque tá acontecendo tudo isso, ENEM, sabe o que vai fazer, o que não vai, como é que vai ser e vai pegar corona na prova, tomar vacina e não vai. É complicado, mas a gente tem que entender, mas a gente ao mesmo tempo não entende. Mas a gente vai levando. Entendeu?*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E14: Entendo. Eu acredito que a informação, nessa pandemia, a gente pode levar de dois lados, né. Tem a fake a news e as informações verdadeiras, concretas ali. Eu acredito que na pandemia teve uma grande evolução, podemos falar assim, entre aspas, de informação de tecnologia. A informação pode ser levada pro bem ou pro*

*mal. Então, basta a gente escolher e todo mundo acha que tem consciência que toda informação tem na internet, então basta, podemos falar, sentar a bunda na cadeira e procurar o que a gente quer, desde que seja educação, desde que seja matéria, desde que seja alguma coisa que seja particular pessoal nosso. Então acho que a informação cada vez mais vai melhorar, cada vez mais, mais rápida, melhorada. E vai ter o lado ruim dela também que cada vez vão querer [incompreensível] das coisas e tudo mais, mas a gente tem que ter um filtro e saber lidar e saber pegar as melhores coisas pra gente. Não sei se seja isso[incompreensível] tudo tá na internet, basta a gente querer procurar e achar.*

### **ESTUDANTE 15 (E15)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E15: Como assim?*

**P1: Em que tipo de situação você busca informação?**

*E15: Pra me manter informada eu vejo muito jornal e eu me mantenho informada com a parte de... porque o COQ tem aula de atualidades, eu vejo também. E redes sociais, no caso, pela internet, né. Eu vejo muita TV. É jornal, né. Eu gosto de jornal. E pela internet.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E15: Eh, mas é informação... se refere a que? É informação de mundo, é informação do que eu to estudando?*

**P1: Isso. Informação voltadas para as provas do vestibular ou ENEM.**

*E15: Ah! Tá pro ENEM. É como eu identifico: é quando os professores passam a matéria e eu não entendo. Daí eu vejo que eu tenho que correr atrás, da informação. Quando eles passam a matéria e eu não entendo.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E15: Eu estudo pelo... Quando eu quero saber de algumas outras coisas assim, eu vou pelo... eu estudo no, pelo Youtube, daí. Eu sigo alguns youtubers que... que falam sobre ENEM, que eles ajudam no ENEM e tem vários... e lá no Youtube, como é que eu vou te falar? Eu sigo as pessoas que falam sobre os estudos, tipo, tem o Ciência Todo Dia, que é um cara que fala sobre física. Eu vejo a Débora Aladim, que explica sobre História. É, eu assim. Que daí é... é de uma maneira muito legal, que chama a atenção do... dos jovens e fala sobre isso tudo. Eu vejo assim por fora. Fora o COQ.*

**P1: Além desses youtubers, algum site específico que você busca informação. Nem no Google, nem no Google Acadêmico?**

*E15: Pior que não. Não mesmo. Só COQ e Youtube. Vou te falar a verdade: assim, ó, passo muitas horas no Youtube. Estudando.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E15: Não.*

**P1: No ensino médio você usava?**

*E15: Não. Eu usei a biblioteca só o Ensino Fundamental. Que aí na... era a época que não era muito... a internet não era acessível, eu não tinha computador. Daí eu ia. Mas agora não.*

**P1: E qual colégio você estudava no Ensino Fundamental?**

*E15: No Batista Pereira, o do meu bairro aqui. Municipal.*

**P1: E tinha biblioteca lá?**

*E15: Hã-ham. Tem biblioteca lá.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E15: É tipo... eu pego, eu pego tipo, tipo o assunto. Um exemplo: eu to lá na parte de história geral, aí tem a parte de Idade Contemporânea. Eu vou lá no Youtube e coloco 'Idade Contemporânea' e daí eles me dão os vídeos.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E15: Eh, os voltados pro ENEM. Como eu só vou fazer o ENEM eu vejo os voltados pro ENEM. 'Ah! Esse aqui é voltado pro ENEM... é focado pro ENEM. A Idade Contemporânea, o que vai cair no ENEM'.*

**P1: Você tem segurança com relação à informação, se as fontes são confiáveis?**

*E15: Eu vejo tipo uns três, quatro, se eu vejo que tá ali na mesma linha e tal, aí, sim. Se não, não. E eu só pesquiso, tipo, assim, as, as pessoas mais pessoas mais top, entre aspas. Tipo: ah! A Debora Aladim já foi premiada, foi reconhecida pelo Youtube porque ela explica sobre informação. Então, tipo, eu sei que ela é de confiança. Ah! Quando eu quero ir lá pra matemática, eu vou no Matemática Rio e vou no Humberto, que eles já fazem há anos aulas pro ENEM. Entendeu. Eu faço assim. Pessoas que são voltadas pro ENEM há anos. Eu... eu... eu pesquiso minhas minas fontes, assim.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E15: Eu entendo. Eu tento entender. Às vezes eu escrevo e faço resumo, mas é bem difícil, porque eu consigo entender bem, daí...*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E15: Que maneira você busca... [a entrevistada repete a pergunta em voz baixa] Eh, como eu busco melhorar? Eu vejo várias vezes, tento entender, tipo, é... na parte de exatas é... é um pouco difícil, mas, fazer o que? Mas o resto, assim eu vou, eu fico vendo várias vezes, a maneira que eu tento melhorar é isso. Vejo uma vez, faço resumo; vejo outra, faço resumo. Até eu entender. Explico pros outros, pra minha família; explico pra mim mesma.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E15: Você encontra toda a informação que busca na internet?*

*E15: De modo geral, sim. De modo geral, sim. Mas é... é bem raro eu não achar alguma coisa que eu não consigo entender, assim. Mas de modo geral, consigo, sim.*

**P1: Então, você não tem dificuldades? Ou tem dificuldades?**

*E15: Navegando na internet, não. Porque, pra mim, o Youtube é uma mão na roda, sabendo usar ele adequadamente, assim, é muito bom.*

**P1: E, digamos, fora da internet, em outro local. Quais seriam as suas dificuldades?**

*E15: Ah! Tá. Muita dificuldade, porque daí, ó, se eu não tivesse... eu me considero, eu sou eh, bem humilde, de renda baixa e tudo, nem trabalho, mas eu já me considero privilegiada, de eu ter acesso à internet, que a minha família luta e consegue pra mim ter, pra ter a internet, mais por causa de mim, porque eu to fazendo o cursinho via on-line, né. Agora, se eu não tivesse a internet, se eu não tivesse o meu notebook, ah! Esquece. Eu não estudaria para o ENEM. Eu, [cita seu nome], não teria condições. Por quê? Porque aqui não tem nenhuma biblioteca. A biblioteca do meu bairro é aqui da escola municipal e tá fechada por causa da pandemia e ninguém pode entrar lá. Eh, eu não tenho dinheiro para comprar livro, então se eu não tivesse a internet e o meu notebook, esquece, e o meu celular, esquece. Que eu não estudaria pro ENEM esse ano. Eu acho que, eu acho que essa é a realidade da maioria dos... dos alunos de escola pública e, sei lá, tipo das pessoas de renda baixa igual à minha. Eu acho que essa é a dificuldade.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E15: Sim. Eu tenho dificuldade de entender na parte de exatas, que é, que é a minha maior, que é a minha maior, assim, na parte de exatas. Na parte na parte ali de química, eh física, matemática é onde eu mais tenho dificuldade. Daí, ali... eh, eu vou dizer porá ti que tá faltando muita falta o cursinho pré-vestibular com aula normal, né, com aula presencial, porque na parte assim de on-line, onde eu tenho de dificuldades, que é na parte de exatas, é bem compre... é bem complicado, tem que ficar vendo, revendo. E tem coisa que eu não consigo compreender, entender de verdade, assim. Não. Não consigo. Tem coisa que não. Na parte de exatas.*

**P1: E você acha que não consegue entender por quê?**

*E15: Porque a minha matemática, eh, do Ensino Fundamental e do Ensino, eh, e do ensino médio, na rede pública, ela é muito ruim. Eh, não vou julgar professores, porque eu sei que também, né... eu... eu sempre tive que trabalha, então tem um pouco desse fato, que eu não me dedicava muito. Eh, mas a minha matemática é muito ruim. A minha matemática básica, ela é bem ruim.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E15: Eh, hoje. Eu acordo... eu acordo cedo, dou uma caminhada, volto, como café. Aí eu já começo a ver as aulas do COQ. Ia eu vejo as partes que eu tenho mais dificuldade, vou pro Youtube, procuro lá o que não entendi que eles explicaram. Beleza. Faço resumo. Eh, quando eu faço caminhada eu vou repetindo para mim mesmo que eu aprendi. Respiro um pouco, converso com a minha família. Lá pelas onze, onze e pouco também ajudo a minha mãe, porque eu tenho uma irmãzinha, que ela é bebezinha, então também eu tenho que ajudar em casa. Também ajudo com as tar... com as tarefas domésticas, né, mas, no momento, como a minha mãe tá casa ela faz a maior parte. E é isso. E lá pelas duas, duas horas volto de novo e sigo em frente. Às vezes uma respirada vo lá vejo um filme, converso com a minha família e depois volto, das seis sete. Daí fico, também. Até a hora em que eu cansar, quando eu cansar eu vou dormir, daí. Porque... senão a gente fica louca. Mas é isso.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E15: Hu-hum. Eu faço assim, ó. Como eu vou fazer o ENEM e o ENEM tem aquele método do TRI, que ele foca nas questões mais fáceis, é que ajuda mais, né, a gente pode eleva a nossa nota, a redação também aumente e a matemática, eu foco nisso. Meu foco: eu foco em redação, foco em matemática, eh, no caso a matemática básica – eu não vou além do que eu não sei, do que eu não vou consegui –, as aulas do COQ, eu vejo muitas as aulas do COQ, então, eu vejo ali o que eu, tipo assim, ‘ah! Eu sou boa em História, sou boa em português, sou boa nas humanas, filosofia, eu nem copio nada, eu só vejo ali, eu vejo aula deles, pronto. Eu já sei que lá no meu cérebro eu já consegui absorver tudo. Aí tranquilo. Onde eu me esforço mais? Onde eu sou ruim – matemática e to melhorando redação cada vez mais porque eu sei que é uma... é necessário, né.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E15: Eh, como tu falou ali antes na parte de ter as suas fontes confiáveis, então pra mim, né, onde que é? Jornal, eh, confio muito nos meus professores do COQ, então*

*lá parte de atualidades ou quando eles tão explicando alguma matéria, às vezes eles ampliam os nossos horizontes, eh, pela internet, mais ou menos porque... eh,... porque tem coisa ali, tipo assim, é por isso que eu não eu não pesquiso muito em site, né, eu vou mais no Youtube e vejo o que os youtubers, os mais confiáveis, eles... eles falam, né. Eh, eu acho que é isso. As minhas estratégias é eu vejo as minhas fontes seguras – o que pra mim é seguro, né. E converso, também, com as pessoas que eu confio. Eh, o que eu não faço é acreditar em rede social. Isso eu não faço. Eu até tenho rede social e tudo, uso pra me distrair um pouco, mas não confio, porque eu sei que ali é tudo fake, pra mim é, não, não dá pra confiar e besteira também.*

**P1: E às vezes a gente perde muito tempo com essas coisas, que não leva a nada...**

*E15: Com coisas fúteis, que não leva a nada. Ah! E livro também, e livro, com os livros que eu tenho... com os livros que eu tenho, eu também, eu vou muito por eles, também.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E15: Sinto. Sinto. Sinto. Tem vezes, quando eu to muito cansada, assim, psicologicamente, eu vou limpar a casa. Ou, às vezes, eu tiro um dia – teve dias já que tiro um dia, tipo, sabe – eu tiro um dia para poder me, eh me desestressar a minha mente, porque é muita coisa, mesmo. Muita coisa. E, às vezes, eu até converso muito e falo sobre o que aprendi pra ver se eu tiro um pouco, porque é muita coisa. Pra o ENEM, eu acho que é muita coisa, muita coisa, mesmo, assim.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E15: Então, eh, eu, eu vejo muita aula e leia também muito Augusto Cury, eh, eu gosto dessa parte de... de, assim, de gerenciamento de emoções. Porque pra mim, [cita seu nome], eh, eu acho que é muito importante eu ta bem na minha parte de condição física e emocional, porque isso tem tudo a ver para eu poder absorver a... é... a matéria e a absorver tudo, porque, quando eu to muito mal, quando eu me sobrecarrego e não dou o respiro pra mim mente, eu não... eu não alivio, eu fico, me dá ansiedade. Eu tive no... na metade do ano eu tive palpitação. Eu tive que tomar calmante, às vezes, eu também tomo porque eh,, às vezes, como é muita matéria e quando... e tem vezes que eu não consigo, porque eu também sou ser humano, eu não consigo, eh, ver ali, tipo, 'ah! hoje eu tenho para mim ve cinco aulas' e, às vezes, eu não consigo. Às vezes eu não consigo dormir direito, daí, porque me dá muita, me dá ansiedade, assim. Vem aquele pensamento 'poxa, o ENEM tá tão próximo e não e não vai dá mais tempo' ou 'que pena que não teve as aulas presenciais, né, que quebrou muito isso'. Mas, por isso que, assim, eu foco em gerenciar minhas emoções, porque daí eu sei que vou conseguir. Agora, quando... eu odeio ficar sobrecarregada, assim, por isso que... eu faço o que? Eu me alimento melhor, saudavelmente, na medida do possível, né, que a gente pode aqui em casa e eu faço caminhada, por isso. Que eu não tenho dinheiro pra fazer uma academia, aí faço caminhada. Isso tem tudo a ver aí. Pra mim tem tudo a ver, pra não dá essa sobreca... essa sobrecarga, que faz mal.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E15: Você já me respondeu, né.*

*E15: Hu-hum*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E15: Minhas dificuldades? Eh,. é o tempo, acho. Às vezes, eu tenho muita coisa para fazer aqui em casa e daí, às vezes... às vezes, quando eu quero ajudar, tipo, aqui em casa, aí eu fico meio dividida. Ou eu vou ajudar ou às vezes vou fazer comida aqui*

*em casa ou eu estudo. Aí eu vou lá, faço a comida ou limpo a casa e acabo ficando cansada. Aí. Aí eu vou dormir, ou sei lá, descansar, daí eu volto pra estudar aí fica... aí eu fico naquele pensamento de 'poxa, naquele tempo eu poderia ter estudado'. Eu acho que essa é minha maior dificuldade. na. É que, às vezes, a gente tem que ajuda aqui... tem que fazer as coisas, né, fora de... fora eh, de só estudar não dá. Eu... eu não tenho condição de só estudar. Tenho que ajudar também. Então eu acho que é essa é pra mim a minha maior dificuldade, eu não ter o meu tempo, tipo de cem por cento livre pra estudar. Eu queria ter. Não tenho.*

**P1: E seus desafios, então, seria mais essa questão do tempo, mesmo, né.**

*E15: É.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E15: Tento... eu tento falar pra mim mesma que sou ser humano [rsrs] e que pra mim... eu tento fazer minha cabeça relaxar e para isso. Eu tento me cobrar menos, porque eu também tenho uma família, também tenho que ajudar, tipo assim, já não trabalho, então eu tenho que ajudar em casa e eu tento... eu... eu tento relaxar minha mente assim, tipo, falar pra mim mesma 'menos cobrança, menos cobrança'. Tipo, ninguém é perfeito, então não dá, não dá. Fazer o quê?*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E15: Prejudicada, não. Não me sinto prejudicada. Não, porque eu amo aprender.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E15: Não. Ainda não.*

**P1: Defina um percentual...**

*E15: Setenta por cento.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E15: Aí. No meu caso, sei lá cinquenta por cento, eu acho, porque... acho que cinquenta por cento positiva e cinquenta por cento negativa, porque, entre aspas, eu tive tempo, né, entre aspas, de estudar, daí tipo quem teve que fica em casa, então... Mas negativa porque eu deixei de aprender muito onde eu sou ruim, onde tenho mais dificuldade, em exatas, por exemplo. Em casa eu não consegui... eu não consegui, o que eu... o que eu acho, que eu tenho potencial e capacidade pra aprender se eu tivesse em sala de sala de aula, com professores, esclarecendo as minhas dúvidas.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E15: Então, no começo foi horrível. Até eu me acostumar demorou um mês, um mês e pouco. Eu achei que eu ia desistir, pensei em desistir também, porque muita gente da minha sala desistiu. A gente era 80, se não engano, e ficou, tipo, 20 pessoas até o final. Então eu... eu... eu quase fui uma das... das pessoas que desistiram, porém eu tenho a minha família que não deixou, assim. Minha família me ajuda muito e elas não... ela... ela não deixou eu desistir. Minha mãe mesmo me ajudou e eu... e por ela eu não desisti. Agora... aí fui, aí fui me adaptando. Mas no começo foi horrível, horrível, mesmo. Depois eu fu... Sei lá, eu coloquei na cabeça, tipo, eh, 'eu tenho que, eu não posso desistir'. Vai ser on-line, então tá, então vamos embarcar. O que eu não aprender, beleza. O que eu aprender... me esforço mais no que eu aprende e o que não aprender, vou tentar no máximo, sei lá, aprender uns 20 [por cento], 30 por cento. É isso.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E15: Sim. Na parte de exatas. Me sinto impotente.*

**P1: E você acha que essa impotência você conseguiria resolver de que maneira?**

*E15: Em sala de aula. Em sala de aula, com professor.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E15: Já. Já senti. Na parte de informação ali sobre História. Eh, um exemplo Segunda Guerra Mundial. Me sinto muito vulnerável nessa parte...nessa... nessa questão. Mexe muito comigo. Eh, mexe demais, assim. É até um assunto que eu não gosto de estudar porque, assim, eu fico chocada, chocada com tanta... tanto horror, tanta morte, tanta destruição de vidas. Fico muito vulnerável.*

**P1: Isso mexe com teus sentimentos, então?**

*E15: Hu-hum. Mexe.*

**P1: Não querendo te deixar em situação desconfortável, te referes ao contexto histórico ou às dificuldades de obter as informações, que é mais difícil.**

*E15: Não. Não. O contexto que ela é mais difícil, não. É com a questão das... das barbaridades, elas cometidas contra... ela contra vidas, inocentes [riso de ironia], só por um ideal... um ideal horrível, assim, ideal que, pra mim, eu, [cita seu nome], pra mim, um ideal absurdo, bobo. Eh, julgar pessoas pela religião e, por isso, acaba matando seis milhões de vidas. Então... Meu Deus do Céu, eu nunca... Fico muito vulnerável, mesmo, de não poder, né, de não poder fazer nada para impedir isso.*

**P1: A gente vê tantas barbáries, por nada...**

*E15: Por nada.*

**P1: Essas coisas ruins seria bom afastar, mas são informações que precisamos...**

*E15: Hu-hum. Eu gosto muito da história então é o gosto de... eu gosto de entender o meu passado, conhecer, pra fazer diferente no presente e melhorar o futuro, pra no poder ter, sei lá, um futuro melhor, por assim dizer.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E15: Eu to me sentindo ótima, porque [risos] eu só... eu só foquei no ENEM. Então... tranquila, tranquilíssima. Muito feliz, até [risos].*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E15: O que eu gostaria de complementar, eh, que realmente... a gente conversando ali já expandiu meu horizonte em pensar que poderia, sim, aqui no meu bairro, estar com a biblioteca aberta, não tanto só pra mim, como pro os estudantes de... de vestibulares ou de... de rede pública que, às vezes, não têm acesso à internet, então... ou mesmo com acesso à internet, né, os livros sempre vão ser importantes. Poderia, sim, tá aberto, claro, com higienização, com gente monitorando, eu acho que não ia ser um dinheiro da prefeitura que ser em vão se eles fizessem isso. Eu acho que faltou, sim. Eh, esse descaso com os alunos da rede pública, com o pessoal que não tem condição, é, de ter uma internet. Então, faltou... faltou, sim, isso. E, o que mais? Não. Acho que o mais importante é isso. E uma pena que não teve as aulas... as aulas presenciais do cursinho pré-vestibular. No mais é isso.*

## **ESTUDANTE 16 (E16)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E16: No caso, qual o momento do dia?*

**P1: Não. Em que circunstância? A partir de que você vai buscar informação?**

*E16: Eu gosto... é muito pela curiosidade eu gosta muito de aprender coisas novas, então, é uma coisa que eu sempre to... sempre to lendo, sabe livros, coisas assim, porque que eu gosto de aprender coisas novas, assim. Então é pela curiosidade*

**P1: E você sempre tem curiosidade?**

*E16: Sim.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E16: Eh, eu gosto de buscar, eu gosto de aprender, eh, psicologia, eh, inglês, música. Eu fico pesquisando sobre esses temas, assim, e um pouco de política, também. Gosto bastante de ver sobre esses temas.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E16: Eu livros, mesmo.*

**P1: Livros?**

*E16: Isso.*

**P1: Ok e esses livros que você lê, você busca onde?**

*E16: Então, a minha amiga [risos], ela tinha, tipo, uns sete livros... É. São sete livros que ela me deu. Eh, livros completos, assim, sabe, de física, química, português e daí ela não queria mais fazer, eh, vestibular, daí ela me deu os livros. É livro disso, sim, é matéria, mesmo, sabe.*

**P1: Então você pesquisa nos livros?**

*E16: É eu uso algumas coisas de sites, mas é muito pouco, assim, eu prefiro lê ali no livro, mesmo, né.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E16: Não. Aqui não tem biblioteca, né [riso]. Só tem lá no Centro, daí é ruim. Daí eu não costumo ir na biblioteca. Eu gosto de lê livro, então, como aqui não tem, eu leio e-book, livro pela internet, sabe. PDF... É o que eu consigo, né.*

**P1: Em que escola você cursou o ensino médio?**

*E16: Eu fiz no [Colégio] Marista.*

**P1: E lá tinha biblioteca? Você costumava frequentar?**

*E16: Sim. Lá tinha biblioteca. Eu usava bastante.*

**P1: E que tipo de serviço você usava naquela biblioteca?**

*E16: Lá tinha informática, né, e pesquisa umas coisas lá pros meus trabalhos e eu pegava alguns livros lá pra mim lê. Não só de matérias, mas livros de ficção científica, assim, sabe, de histórias.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E16: Eu costumo... ou eu pesquiso no... nos lugar que eu já conheço, sabe, por exemplo, de psicologia, eu tenho... tem um Instagram que ele de... de uns psicólogos que montaram umas clínicas e ficar muitos muito famosos, né. Aí eles colocam muitas coisas lá, sabe, eles gravam muitos vídeos de TV, vídeos, assim, e aí quando, eh, quero fazer alguma pergunta, alguma coisa, eles sempre uma caixinha, eu pergunto lá. Ou então eu pesquiso, mesmo, sabe, no Google, algumas outras coisas.*

**P1: Você pesquisa por texto ou voz? Busca para assunto ou palavra-chave?**

*E16: Por texto. Pesquisa por assunto, assim.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E16: Ahã. Então, uma coisa que eu aprendi é que não dá para confiar em todos os sites, né. Porque eu já confiei em sites e depois eu descobrir que ele estava mentindo, né. Então, eu costume pega e lê o site que eu abri, mas eu não confio totalmente nele. Eu primeiro vejo se ele é um site seguro, né, mas mesmo assim... [riso] Aí eu pego, pesquiso em outros sites, em outros lugares pra ver se as informações batem.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E16: Eh. Por exemplo, eh, o texto que a gente que fazer no ENEM, que é de dissertação, é muito bom você coloca coisas de experiência, sabe, tipo trechos de livros, trechos de filmes. Eh, conta bastante ponto. Então, tipo, quanto mais, eh, informação tu tive sobre livros de temas de ENEMs que já foram, tu fica melhor nisso, sabe. Então quando tu for fazer o texto, tu vai con... consegui utiliza a informação que tu pesquisou antes. É assim que eu penso, né. Então alguns livros que eu leio... por exemplo, têm livros que falam sobre hábitos, têm livros que falam sobre... um monte de coisa, pego alguns textos que são importantes e marco pra mim lembrar e usar nesses dissertativos, mas também pesquiso algumas coisas que são da matéria, por exemplo, inglês, né, porque daí eu opto por inglês, daí eu pesquiso coisas de inglês pra mim aprender, pra fazer a prova.*

**P1: Você ouve músicas em inglês, também?**

*E16: Sim.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E16: É... uma coisa que me distrai bastante é o celular. Então, eh, eu tenho uma opção no meu celular que é de... ele fica tudo travado, assim, em todas as... os aplicativos que eu escolhe eles ficam travados eles, tipo, eu não consigo abri eles, sabe, até uma determinada hora. Então tipo eu posso escolher 'ah! Vou coloca das três às quatro', Daí, quando for três horas eu começo estudar e, mesmo que eu queira abri o celular e mexe em algum aplicativo, ele não vai abri. Entendeu? Que ele é um pro... programado pra isso daí. Então, é algumas técnicas, assim, que a gente vai se...*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E16: Ah! Por exemplo, têm algumas informações que a gente não consegue encontrar na internet, que elas tão em livros, né. E, aí, vou tentar achar esse livro na internet e não acho, não tem, só tem na biblioteca. Aí vou te que gasta dinheiro pra ir lá no Centro pra consegui ir na biblioteca pra pega um livro, sabe. Isso é uma coisa que dificulta bastante, né. Mas, tirando isso, não tem muita dificuldade assim.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E16: Não. não muito.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E16: O que eu faço? Tá. Eh. Eu estudo música, né. Eu estudo mais música do que matéria pro ENEM. Sei que tá errado [risos]. Eu faço isso. Então, tipo, eu tiro, por exemplo, à tarde, porque eu trabalho de manhã, né. Então, às vezes eu tiro alguns dias de tarde e vou estuda música, estudo a parte teórica, estudo mais a prática, também. E eu pratico, tocando numa banda que toco na minha igreja. E, assim, as que é matéria do ENEM, daí eu prefiro tira um dia que seja o dia todo, assim, sabe, pra mim estuda bastantes, assim, daí lê os livros, marca, fazer marcações, escreve num caderninho as coisas importantes.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E16: Eu gosto de anota. Eu bastante de anota o que eu acho importante, assim, que eu pesquiso. Então, é o método que eu uso, assim. Anoto tudo, mas anoto bastante no meu celular.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E16: Eh, essa questão de princípios éticos, valores morais, eu uso bastante quando é uma informação, principalmente quando é um assunto de alguma coisa que tá acontecendo agora, né, por exemplo, um caso de violência doméstica, um caso de estupro, um caso de alguma coisa que tá repercutindo bastante. Por exemplo, o caso da Mariana Ferrer<sup>37</sup>, não sei se tu conhece esse caso, ele [o réu, acusado de estupro] saiu como inocente, ele foi absolvido das acusações. Só que, tipo, um site, que era bastante confiável, ele postou falando que os advogados tinham falado que foi estupro, estupro culposo, sem a intenção de estuprar, né. Ele falou que os advogados falaram isto, mas depois eu fui ver mais a fundo, né, fui pesquisar melhor e tals nos arquivos do caso não tá escrito em nenhum momento isso. Tá escrito que ele foi absolvido por falta de... de evidência. Porque não tem prova exata de ele ter feito isso, sabe. Então, tipo, é complicado [risos]. Então eu tenho que avaliar, quando avalio isso, tem que avaliar não só vê o que a pessoa tá me mostrando, sabe. Mas pensa, eticamente, moralmente, tipo, eu não, só as duas pessoas sabem o que aconteceu ali, sabe. Então, tu tem que, ah é complicado [risos], então eu, eu faço isso.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E16: Ah! Um pouco, assim. Porque realmente é muita coisa, sabe. Ano passado quando fiz o vestibular... não agora nós estamos em 2021. Eu fiz o vestibular em 2019 e quando eu fui fazer, eu fiquei o que o ano inteiro estudando e era tanta coisa na minha cabeça, porque eu também tava estudando pro colégio que eu tive, eh, muitas crises de ansiedade, inclusive em momentos de prova na aula, assim, sabe, em momentos que eu perdi controle [riso], sabe, porque era muita coisa na minha cabeça, muito sobrecarregada, sabe. Então, realmente é muita informação.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E16: Uhum. Então, eh, eu tinha crises, né. Eu começava a tremer, eu começava a sentir dor no peito e não conseguia respirar, eu quase vomitava e começava a chorar sem parar e tremia, assim, não conseguia para, sabe. Porque, eu não, tava tendo*

<sup>37</sup> O caso Mariana Ferrer ganhou projeção nacional em 3 de novembro de 2020, quando o site The Intercept Brasil relatou detalhes do julgamento de um acusado de ter estuprado, em dezembro de 2018, uma jovem de então 21 anos, em um clube localizado numa praia em Florianópolis. A reportagem abordou a humilhação a que a jovem foi submetida durante o julgamento do acusado. Segundo a reportagem, o advogado de defesa do réu teria se utilizado de uma estratégia de humilhar a vítima, com falas ofensivas e apresentando imagens da jovem não relacionadas ao caso, sob o silêncio do juiz que presidia a sessão e do promotor que cumpria o papel de acusação. A reportagem cita ainda que o “processo tinha sido marcado por troca de delegados e promotores, sumiço de imagens e mudança de versão do acusado”. A reportagem ganhou notoriedade por ter utilizado a expressão “estupro culposo”, no seguinte trecho: “segundo o promotor responsável pelo caso, não havia como o empresário saber, durante o ato sexual, que a jovem não estava em condições de consentir a relação, não existindo, portanto, intenção de estuprar – ou seja, uma espécie de ‘estupro culposo’”. Essa expressão se tornou polêmica, pois foi uma interpretação da reportagem, não tendo sido utilizada nas alegações do promotor, nem na sentença do juiz (ALVES, 2020, p. 1).

essa crise, assim. Inclusive dentro da escola várias vezes já aconteceu. E, eu já quase cheguei a desmaiar n vezes na escola, assim, muitas, muitas vezes, por causa disso, sabe. [inaudível]... minha... minha cabeça tava doida, assim, mas [inaudível]... acontecia isso no meu físico. Só que o teu cérebro faz isso acontecer no teu corpo. Meu corpo tremia, sabe, por causa disso. É doido, mas acontecia. Mas eu aprendi a lida com... com a ansiedade, sabe. Tem algumas técnicas que a gente faz. E agora aprendi a lida.

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

E16: Eh. Eu tento não pensar nisso, sabe. Tipo... por exemplo, eh, como é que vou explicar? Eh, eu começo a... primeiro eu gosto de fazer meditação, assim, sabe, porque daí eu começo a descarregar a minha mente, assim, e, depois, eh, eu começo a lembrar que eu tenho outras coisas na minha vida também, sabe. Então, começo a focar em outras coisas e deixo um pouquinho isso de lado, porque senão a minha mente vai pira. Eu faço isso?

**P1: Além da música você costuma ver filme, costuma andar de bicicleta, fazer alguma atividade, coisa assim ou não?**

E16: Atividade física?

P1: É.

E16: Sim. Eu gosto bastante de fazer aeróbico, eu corro, eu gosto de andar de bicicleta, faço exercícios. Eu gosto.

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

E16: Uhum. Pra mim são as palavras. Porque, por exemplo, eh, eu já estudei bastante livros, assim, e... que são de vestibular, né, e eles têm umas palavras muito difícil de entender. Então eu anoto elas e o significado delas pra eu lembrar. Só que, às vezes, é difícil lembra, às vezes, por exemplo, eu já fiz o vestibular, né, e quando eu fui fazer tinha muita palavra que eu não entendia nada, assim, nada. Não sabia o que significava, aquilo, sabe. Palavra difícil pra mim. Não conheço. Então essa é a minha dificuldade.

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

E16: Eu... eu pesquiso essas palavras. Eu anoto elas, pra mim lembra e eu fico revendo elas, sabe. Aí eu tenho anotado que não sei o significado delas e eu leio bastante, tem que lê, né, bastante coisa de palavra que eu não sei, tipo livros com palavras difíceis, sabe, pra mim fica eh, como é que é a palavra... pra eu fica com elas na cabeça, sabe. Pra elas não se mais uma coisa estranha pra mim.

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

E16: Me sentia, né. Agora não me sinto mais tanto. Que eu já aprendi a lidar com isso, mas antes quando eu não sabia, eu era bastante prejudicada.

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

E16: Eh. Eu me sinto preparada uns sessenta, setenta por cento, assim. Eu nunca acho que tá bom o suficiente, sabe. Eu gosto... eu gosto não, uma coisa que eu faço é sempre, eh, fica melhor, sabe, não acho que tá o suficiente, entendeu? Então, sempre tento buscar mais, mais, mais. E, uns sessenta por cento, setenta, eu acho.

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

E16: Não sei... é porque, eu acho que se torna positiva pros estudos. Que eu ficava mais em casa, tinha mais tempo pra estudar mais, né. Então, acho que positivo.

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E16: Olha não gostei [risos]. Eu não gostei muito, não. Prefiro pesso... pessoalmente. Que eu estudo outras coisas on-line também, por exemplo, CNH, essas coisas e é bem melhor pessoalmente do que virtual, sabe, que é muito confuso, às vezes, é a própria plataforma me deixa confusa, sabe, porque ela buga, aí ela desliga, daí é aquele transtorno, sabe.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E16: Eh, como assim, impotente?*

**P1: Em algum momento você se sente incapaz, você se sente que não vai conseguir, você tem algum medo, algum receio, digamos, com relação ao uso da informação? Você fica impactada, fica temerosa por causa da informação?**

*E16: Eh, fico. É fico, sim. Fico um pouco nervosa, assim, porque às vezes é tanta coi... tanta informação num texto só, num negócio só, que me deixa confusa, sabe, e aí eu fico nervosa.*

**P1: E quando você fica nervosa, quando tem um texto, algo que você não entende, você buscar informação com alguém?**

*E16: Sim. Peço ajuda pra alguma pessoa, um amigo ou então eu pesquiso.*

**P1: Você faz contato com seus professores de curso pré-vestibular, procura alguém da família?**

*E16: É, eu procuro as pessoas que eu conheço aqui, né. Os amigos, às vezes meus familiares.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E16: Eu acho que sim. Em vários momentos já conversei com algumas pessoas que daí no caso elas falavam coisas que eu não conseguia compreender, sabe. Tipo se elas falassem de uma outra maneira, eu entenderia do que ela... a informação que ela tá falando, sabe, mas ela falo de um jeito que eu não consigo entende, com palavras mais difíceis, por causa do vocabulário, né. Então, eu me senti vulnerável, assim, sabe.*

**P1: Algum exemplo que tu lembra agora, algo te marcou bastante?**

*E16: Poxa, agora eu não me lembro.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E16: Muito triste. Porque pelo ENEM eu não consigo entrar na música, né, porque para entrar na faculdade de música tem que fazer uma outra parte que eles pedem que aí, no caso é toca, é lê uma partitura e ali no ENEM não tem isso, então eu não... não posso entrar pro ves... pra universidade que eu quero, sabe, não posso fazer o que eu quero, porque no ENEM não tem como, entendesse? Então fico triste.*

**P1: E você vai fazer o ENEM?**

*E16: Vê. Vou fazer, igual vô fazer.*

**P1: E vai escolher outro curso, que não música?**

*E16: É. Eu tava pensando, sabe, faz alguma outra coisa, só pra mim te mais conhecimento, assim, sabe. Não custa nada [risos]. Mas depois eu quero fazer música, sim, com certeza.*

**P1: E qual seria sua outra opção?**

*E16: Tava pensando em administração, em alguma coisa assim, sabe.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E16: Uhum. Eh. Eu é... eu gostei bastante dessa entrevista, sabe, me fez refletir bastante sobre a informação, a importância dela e tudo o que tu me perguntou, sabe, me fez refletir muito, mesmo. Foi bem importante pra mim essa entrevista, eu gostei. Não acho que tenha sido difícil, foi fácil, acho (inaudível).*

### **ESTUDANTE 17 (E17)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E17: Eh, mas informação, assim, de quê?*

**P1: Informação voltada para seu conhecimento, na sua vida estudantil, para vestibular, ENEM. A informação em si. Em que situação você busca informação?**

*E17: Óh! Eu acho que em quase todo o momento, que... Quando eu comecei o vestibular... Eu sempre estudei em escola pública, né. E quando só eu comecei o vestibular... o pré-vestibular lá, ah, o primeiro ano, assim, pra mim, foi um choque, sabe, porque era muita diferença na didática dos professores e estudar e no começo foi um pouco assustador, assim. Foi um choque pra mim. Mas, aí, depois, a gente começa, tipo, assim, vinha as aulas de matemática, de geografia e tudo mais, aí a gente começa a colocar as aulas em nosso dia a dia, né. [risos]*

**P1: Mas depois do choque inicial, você se adaptou? Mas em que circunstâncias você procura informação?**

*E17: Às vezes, a gente vê um filme, vê uma coisa interessante, até num filme, vô lá, pesquiso; [se] alguém fala alguma, pesquiso. Às vezes lendo na internet e vendo alguma coisa na rede social.*

**[Pesquisadora observa mudança no volume do microfone da entrevistada]**

**P1: Você busca informações em situações específicas?**

*E17: Não só específicas, né. Eu digo... assim que eu me lembro de ver, mas durante os estudos também busco, sempre pesquiso durante o estudo*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E17: Eu acho que é através de curiosidade.*

**P1: Mais alguma coisa?**

*E17: Não... Curiosidade e conhecimento.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E17: Prova do ENEM, a gente utilizava no pré-vestibular no aplicativo que se chama estudos. Usava bastante. E fora esse aplicativo eu uso a plataforma do pré-vestibular e os livros, só. Uma ou outra... porque já é bem completo, né. Uma hora ou outra eu pesquiso um exercício ou outro na internet, mas é mais difícil.*

**P1: E quando pesquisa na internet, geralmente na internet você pesquisa onde?**

*E17: Ah! Eu vou abrindo os sites que tem ali e vou vendo os exercícios [que] se adequam melhor ao que eu to estudando na hora, mas não tem... não é sempre o mesmo site, assim.*

**P1: Você utiliza o Google?**

*E17: Isso.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E17: No ensino médio eu ia poucas vezes. Depois não fui mais*

**P1: E quando ia, quais os serviços que utilizava?**

*E17: Somente pra leitura. Geralmente era trabalho de aula.*

**P1: Pegava livros emprestados, não?**

*E17: Às vezes.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E17: Ah! Eu só digito o que eu quero ali. Não entendi.*

**P1: Você digita por assunto, palavra-chave? Busca por áudio?**

*E17: É sempre... ou coloco assunto ou uma palavra-chave relacionada.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E17: U-hum. Eu abro. É difícil fazer... Assim, pra estudo é difícil fazer, é mais pra curiosidade, assim. É porque, na verdade, eu uso mais a plataforma do cursinho, mesmo. Mas, quando preciso pesquisar, fazer alguma coisa na internet, eh, eu avalio. Às vezes eu fico um pouco na dúvida pergunto pra alguém que entende melhor, se tá correto, se não tá, se é, né... Quando eu desconfio de alguma coisa eu recorro a alguém que entende melhor o assunto do que eu.*

**P1: E a quem que você se reporta?**

*E17: Ou algum professor do cursinho, eles sempre tão disponíveis pra atender a gente quando a gente precisa, ou o meu pai.*

**P1: Qual é a formação de seu pai?**

*E17: O pai, ele tem o curso, ensino médio completo e ele fez... esqueci*

**P1: Técnico?**

*E17: É. Técnico em Radiologia, mas ele não atua.*

**P1: Então, você avalia, seleciona e faz uma análise das fontes, isso?**

*E17: U-hum.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E17: E agora? Não entendi muito bem.*

**P1: Como você utiliza a informação? Quando acessa a informação na internet, você faz resumo, destaca, faz post-its, escreve, lê em voz alta?**

*E17: Não. Sempre escrevo e vou destacando. Só a escrita.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E17: Então, tento sempre me organizar. Se não me organizo, não rende. Só a organização, assim. Eu pego... comprei aqueles planners, sabe. Pego um planner, divido tudo o que precisa, porque é muito conteúdo, se eu... se eu não organizo, tu fica perdido naquele monte de informação e monte de coisa. Então, organizo, cada dia tem uma disciplina e um tempo pra cada coisa e organizo também os assuntos que... aula de matemática, pego todos os assuntos que vão te... vão te na apostila, né. Um dia isso, um dia isso, um dia aquilo. Só me organizando, senão, não consigo.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E17: Não, eu não tenho dificuldade.*

**P1: Geralmente quando pesquisa no site você consegue resposta para aquilo que pesquisa?**

*E17: U-hum.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E17: Às vezes, sim. Dependendo do assunto, quando o assunto é muito complexo, sim.*

**P1: E há algum assunto mais específico que você nota ter dificuldade?**

*E17: Geralmente matemática. [risos]*

**P1: Só matemática ou as exatas em geral?**

*E17: É mais matemática, mesmo. Tenho bastante dificuldade.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E17: Então, quando a gente tinha o cursinho presencial era mais fácil, né. Aí eu tirava minha manhã inteira, acordava sete horas, começava sete e meia, tinha tempo pra tomar café e ia até perto do meio-dia. Aí, à tarde ficava fazendo as tarefas de casa e no final do dia pegava o ônibus e ia pro cursinho. Aí, esse ano, no começo da pandemia a gente praticamente não teve, quase não aula, né.*

*E17: E a partir do momento em que começou ali recesso de aula e tudo mais, comecei a ter dificuldades pra ficar... ficando só em casa, tive mais dificuldades para estudar. Fiquei cerca de um mês, assim, sem uma rotina de estudo. Não... não conseguia sentar e estudar. Aí as coisas foram [inaudível] não dá, tem que fazer alguma coisa pra me organiza. Aí... porque em casa é mais difícil de ter foco, né. Tá em casa. Lá em casa é sempre cheio de gente, não... não conseguia fica ali parada pra... pra estuda. Aí comecei a me organiza assim: tal horário, como seu eu tivesse indo pra aula. De tal horário a tal horário sou obrigado a tá aí, como se eu pegasse o ônibus e fosse [pra aula]. Assim.*

**P1: Mas agora que se organizou, como ficou a sua rotina?**

*E17: Sim. Eh, vou quatro vezes por semana pra academia, dá uma hora, uma hora e meia, mais ou menos, e uma vez por semana tento dá uma caminhada ali na [avenida] Beira-Mar, pertinho de casa, e estudo cerca de, deixa eu ver [murmura um cálculo], quatro ou cinco horas por dia. Às vezes mais, porque, eh, quando a gente tá estudando, quando vê a hora passa que... [inaudível].*

**P1: E que tipo de atividade você faz na academia.**

*E17: Musculação.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E17: Eh, escrevendo e revendo videoaulas*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E17: Então, a partir do momento que a gente vê uma informação tanto quando vai fazer uma pesquisa no Google quanto tá navegando nas redes sociais eu penso assim, sempre desconfia um pouquinho de tudo, né. Porque a gente nunca sabe se o que a gente tá lendo é verdade ou não. Às vezes pode cair isso é verdade, mas não é. Às vezes tem uma parte do contexto que pode tá incorreto. Sempre busco verifica se é... se a informação é inverídica.*

**P1: E de que maneira você verifica se é a informação é verdadeira ou não?**

*E17: Pesquisa em mais de um site, faço várias pesquisas. Às vezes... Já aconteceu de eu entrar num site e te uma informação e eu desconfia, fazer um questionamento pro pai, pesquisa mais a fundo e vê que não era verdade, acha outro que tava correto, enfim. E, assim, faço mais pesquisa. Pesquiso quem escreveu.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E17: Às vezes, sim. Principalmente quando comecei, né. Quando... quando comecei aquele primeirão do cursinho pré-vestibular, pra mim, nos primeiros meses foi um...*

*foi até um pouco estressante, sabe, porque parecia que eu tava ali naquele... engolindo, engolindo informação, ele não... não acabava nunca, cada vez mais, parecia, assim, que eu não ia dá conta. Depois fui me organizando, me acostumando e aí foi... foi indo, mas no começo foi bem sobrecarregado.*

**P1: Essa sobrecarga vinha de seu desconhecimento do funcionamento de um cursinho?**

*E17: Não, eu acho que era quantidade de... de conteúdo e informação, mesmo.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E17: Sentia cansada. Às vezes passava o dia estudando. E não é cansaço físico. Aquele cansaço emocional de tu tá tão atordoada, de, sabe, de estudar, de informação. Aquele cansaço mental, mesmo. Às vezes me sentia um pouco estressada.*

**P1: Alguma dor? Não?**

*E17: Não.*

**P1: Hoje, estudando no curso pré-vestibular, você sente alguma dor ou não?**

*E17: Dor, não. Às vezes um pouco de dor nas costas de tanto ficar sentada. [risos]*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E17: Eu... Pra aliviar a sobrecarga de informação eu me organizo. Na maioria das vezes [inaudível] fazer uma atividade física, relaxa. Seja uma caminhada ou ir pra academia ou fazer qualquer outro tipo de coisa. E esse ano comecei a fazer ioga e meditação, também, me ajudou bastante. Adorei. Faço em casa pelo Youtube.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E17: U-hum. No pré-vestibular é a quantidade de informação. Tem que me organiza muito bem. No começo a gente recebeu muita apostila, né. Eu acho que até nesses dois anos de cursinho eu ainda não consegui ler tudo o que tinha pra ler. É muito, muito conteúdo, muito exercício. Mas é sobre a quantidade.*

**P1: E o seu desafio seria superar isso? Você acha que deveria ler todas as apostilas?**

*E17: Não que eu ache que eu deveria ler do começo ao fim, mas sim dá uma boia olhada em tudo, né. Teve... teve... teve inclusive umas duas apostilas que eu nem cheguei a mexer ainda. Porque cada conteúdo é um, tem muitas disciplinas e muito conteúdo dentro da cada uma.*

**P1: O fato de não ter conseguido ler todo o material te deixa frustrada?**

*E17: U-hum*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E17: U-hum [pausa]. Não eu acho que organização, também. Se eu não me organizo eu acho eu não consigo fazer nada, assim, porque se eu vou lá no [inaudível] 'ah! Essa semana não me organizei, vou sentar pra estudar, não sei por onde começo'.*

**P1: E se organizando, os estudos fluem bem, você fica satisfeita e chega a um resultado positivo?**

*E17: Sim.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E17: Não. No começo, sim. Mas depois fui me acostumando e ficou, assim... fui me organizando, sabendo como lidar com isso e daí foi fluindo.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E17: U-hum, me sinto preparada.*

**P1: Alguma estimativa de porcentagem?**

*E17: Acho que 90%.*

*E17: Quando comecei a fazer as provas como treineira, né, não entendia muita coisa que tava ali, ali foi... a primeira prova foi apavorante, né. Aí foi mais tranquila. Aí depois do pré-vestibular, então, sentava na cadeira, não... não tava mais nervosa já, fui confiante, então [inaudível] fazendo como se tivesse estudando em casa, assim, fazendo uma prova em casa.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E17: No começo bem negativa. Agora já, de uma forma ou de outra, a gente acaba se acostumando, né.*

**P1: Depois foi se tornando um pouco mais positiva?**

*E17: Não. Acho que não.*

**P1: Mais pra negativa, mesmo?**

*E17: Isso.*

**P1: O que mais pesa como negativa?**

*E17: Em casa não conseguia te... tando o tempo todo em casa, começava a estudar, tinha um barulho, alguma coisa, já me distraia, saia, alguém me chamava, já parava, sabe, não conseguia ter foco pra estudar. E aquele momento, assim, no começo mesmo foi bem assustador, todo mundo apavorado e isso e aquilo. Eh, acho que pela condição mental, mesmo, do momento.*

**P1: E o isolamento te causou ansiedade?**

*E17: Bastante*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E17: No início foi bem difícil, assim, senti bastante falta de assim, tipo o cursinho, aquela coisa animada e tudo o mais e a gente [inaudível], claro, a gente tinha aquela plataforma de que é de aulas gravadas, né, e... mas tinha também, a gente usava o discord pra... pra plataforma on-line, a gente ficava naquela ansiedade de chega a hora daquela plataforma on-line, porque mesmo sendo no computador já era diferente, ter alguém falando contigo ali na hora, né.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E17: Não.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E17: Não. Acho que... durante o ensino médio, não me recordo de nenhum momento. Durante o pré-vestibular, também não. Quando, agora, lendo... tu lendo esse texto, eu lembrei, assim, bem no começo da pandemia, quando, na verdade, a gente não tinha pouca informação, tinha um bombardeio de informação [risos] de tudo o que foi lugar e era um sentimento, assim, de risco, de ansiedade, me sentia... Não lembro outra época da minha vida que eu tenha me sentido tão ruim, como no começo desse a... do ano passado [2020], né, nos meses de março e abril.*

**P1: Então você se sentiu vulnerável naquele momento pelo bombardeio de informações sobre a pandemia?**

*E17: Hu-hum.*

**P1: Então seria mais pelo excesso do que pela falta de informação?**

*E17: Isso.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E17: Ah! Eu... pra mim... assim, no começo fica naquele... ficou na situação de, eh, muda a data, uma hora é tal data, uma hora é outra, a gente se sente meio impotente, porque não tinha o que fazer e ansiosa também, né, porque a gente se prepara tanto pra... pra prova e fica lá naquela situação, não sabe se vai ter, se não vai, qual dia vai ser. Eh, mas a partir do momento que eu tive essa informação [confirmação da realização do ENEM, apesar do adiamento do vestibular da UFSC] que o ENEM geralmente é uma prova que geralmente eu vou bem, não tem... não tenho, assim, dificuldade em relação à prova, né.*

**P1: Você tá se sentindo tranquila, confortável com essa situação?**

*E17: U-hum.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E17: Não. A entrevista assim foi bem tranquila, mas acho que não tem nenhuma questão que eu queira complementar.*

### **ESTUDANTE 18 (E18)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E18: Na hora que eu preciso estudar alguma coisa ou que eu procuro conhecimento alguma... um... um certo assunto.*

**P1: Quando você tem dúvidas, curiosidade?**

*E18: Sim, sim.*

**P1: Quanto tem que resolver algum problema.**

*E18: Também.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E18: Como, desculpa.*

**P1: A partir de que situação você percebe que você precisa buscar informação?**

*E18: Quando eu vejo que eu não sei responder ou que eu não tenho conhecimento no assunto.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E18: Eu estudo agora em casa pelo YouTube só. Não faço muita pesquisa em sites.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Quando fazia o ensino médio e cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza ou utilizava?**

*E18: Nunca fui.*

**P1: Nem no ensino médio nem agora no cursinho.**

*E18: Isso.*

**P1: Em que escola fizeste o ensino médio?**

*E18: No Aderbal, aqui no Estreito.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação? Usa texto, áudio?**

*E18: Por texto.*

**P1: E você geralmente usa palavras-chave, perguntas, assunto?**

*E18: Eu... eu procuro ser objetiva no que eu to procurando, né. Por exemplo, eh, se eu quero saber, eh, uma parte de uma questão, eu boto frases da questão, pra ser mais direta.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E18: Eu busco olha em... no... tipo, nos primeiros sites que aparecem. E eu vo lendo e, eh, selecionando o que eu acho que combina mais com a pergunta, o que tá mais explícito, o que é mais utilizado, também os sites que são mais visitados.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E18: Pode me explicar de outro jeito?*

**P1: Sim. Por exemplo, você busca informação, aí como você se apropria dessa informação? Como você trabalha ela? Você lê em voz alta, faz resumos?**

*E18: Ah, eu costumo fazer resumos.*

**P1: Somente resumos ou mais alguma forma?**

*E18: Leio em voz alta, também.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E18: Busco lê mais vezes e procura questões, também, sobre o assunto que eu to estudando. E lê mais também, né, o que eu escrevi.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E18: Não. Não.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação que está disponível na rede, em alguma apostila ou em algum livro?**

*E18: Acho que depende muito do assunto, mas normalmente não. Só quando é alguma coisa, eh, em alguma matéria de exatas, alguma coisa que eu tenha, que eu sinta que eu tenha mais dificuldade.*

**P1: E das exatas, qual é a disciplina que você mais sente dificuldade?**

*E18: Física e química.*

**P1: Física e química?**

*E18: Isso.*

**P1: Matemática não?**

*E18: Também.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E18: Eu estudo na parte da noite, enquanto eu saio do trabalho. Depois que eu saio do trabalho, termino de fazer minhas coisas em casa, eu tiro um tempo pra estudar.*

**P1: Quando você se retorna fazer as coisas de casa são as atividades domésticas? O que especificamente você faz?**

*E18: Arruma a casa, faz a comida.*

**P1: E isso te atrapalha no estudo?**

*E18: Eh, eu sinto que eu, às vezes, eu tenho que separar bem meu tempo, porque senão agora trabalhando pelo menos eu não tenho tanto tempo pra estudar.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E18: Só lê várias vezes, mesmo, e fazer os resumos e questões. É o que eu normalmente eu uso, mesmo.*

**P1: E você estuda mais as disciplinas que você tem dificuldade ou aquelas que você mais facilidade? Como é que você se organiza?**

*E18: Eu separo bem. Eu, normalmente, eu tinha dias, né... agora faz um tempo que eu não estudo, mas normalmente, separava por dia as matérias, que nem tem no cursinho, mesmo.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada**

peessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).

*E18: Ah, Dilva, eu to com um pouquinho de dificuldade nessa pergunta.*

**P1: Tá uma pessoa para ser considerada competente em informação, no primeiro passo, ela precisa reconhecer a sua necessidade informacional; segundo saber onde buscar a informação; terceiro saber avaliar de uma forma crítica aquela informação, saber avaliar se ela é correta ou não, se a fonte é confiável; também de que maneira você usaria essa informação, onde porque, como, dentro de que responsabilidade. Então, nesse contexto que estratégia você adota pra desenvolver sua competência em informação?**

*E18: Não sei se eu vou responder muito bem, mas é... é isso que... é isso que você falou, checa sempre as fontes do que a gente pesquisa na internet, porque hoje a gente... o que mais tem informação por aí, né. Então, acho que checa antes de passa adiante ou de bota no papel, eh, checa o que eu to procurando. Se é verdade.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E18: Sim.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E18: Eh, me sinto cansada e, às vezes, me... ansiosa, também.*

**P1: Chega sentir alguma dor?**

*E18: Nã... dor de cabeça, porque eu tenho enxaqueca, mas isso é normalmente.*

**P1: Dor nas costas, na nuca...**

*E18: Sim.*

**P1: Me descreva seu ambiente de estudos, o espaço e o mobiliário.**

*E18: Em casa normalmente eu estudo na mesa, na mesa da cozinha, da sala, no caso.*

**P1: E sua cadeira é confortável, ergonômica?**

*E18: É uma cadeira normal. É estofada, mas não é 100% confortável.*

**P1: E você acha que esse ambiente de estudos tem reflexos na sua saúde?**

*E18: Não.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E18: Eu... eu paro de estudar quando sinto que eu to muito sobrecarregada.*

**P1: Você para e faz alguma atividade?**

*E18: Não, eu paro e fico um pouco quieta, assisto televisão.*

**P1: Você medita, vê filmes?**

*E18: Eu vejo filmes.*

**P1: Além disso, mais alguma atividade, algo que te dê uma sensação de alívio?**

*E18: Eu gosto de lê, também, alguns livros, mas não é sempre.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação. Algum episódio que a marcou.**

*E18: Não. Acho que não teve nada muito marcante.*

**18. P1 - O que você faz para superar as dificuldades do dia a dia?**

*E18: Eh, às vezes eu estudo, mesmo cansada, mesmo. Mas desde que eu comecei a trabalha nesse meu novo trabalho, eu parei de estuda, porque eu provavelmente vá começar numa faculdade particular, né, porque é o que encaixa com o tempo do meu trabalho. Então, no momento é isso. Mas eu tentava estuda de noite, assim mesmo. Tenta encaixa um tempo.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E18: Prejudicada, não.*

**P1: Algum outro sentimento?**

*E18: Não*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas?**

*E18: Não.*

**P1: Não se sente. Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E18: Não sei. Acho que, não sei. 40.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E18: Eh. Positiva, não tem, porque eu não fiquei trabalhando, mas negativa pelo fato de que eu me sentia mais preparada indo presencialmente no cursinho, não estudando em casa.*

**P1: E o que que te dava mais tranquilidade e mais segurança, que você se sentia mais bem preparada se fosse para a sala de aula?**

*E18: Ter os professores perto.*

**P1: E à distância você não conseguia ter a mesma sintonia, a mesma segurança?**

*E18: Não.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar *on-line*? Comente como foi sua experiência.**

*E18: Eu achei bem complicado, porque eu não consegui te tanto foco.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E18: Não.*

**P1: Mas não se sente angustiada, não se sente insegura?**

*E18: Insegura, talvez.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E18: Eh, eu acredito que sim. Que, às vezes, se sentia que, assim, muitas coisas, muita informação, que não consiga lidar e consiga lembrar de tudo na hora que eu precisa bota em prática. Mas eu não consigo pensar em outro exemplo além disso.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E18: Não sei muito o que pensa. Por um lado, eu acho bom, porque às vezes a gente consegue ter uma nota melhor no ENEM, mas, por outro lado, às vezes, eu prefiro o vestibular também porque eu acho o ENEM uma prova muito complexa e muito desgastante, tendo em vista que são dois dias com 90 questões.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E18: Eh, eu acho que o cursinho é muito bom, né, pra quem teve um ensino médio meio médio precário, né. Eu sempre estudei em escola pública, então acho que eu aprendi muita coisa lá que não eu tinha aprendido na escola, Então acho que é muito importante, ainda mais pra quem, eh, não tem, por exemplo, um computador em casa, a internet em casa, e lá tu tem uma assistência com os professores, né. E mesmo eu*

tendo internet e computador, eu mesma me senti, eh, mais acuada em casa, assim, posso dizer, acho desse jeito, por não ter assistência dos professores, então eu imagino quem dependia exclusivamente deles, né. Mas eu acho que é isso.

**P1: E qual a importância de um cursinho pré-vestibular**

*E18: É muito importante, né, porque eu não teria condição no momento, eh, de pagar um cursinho e lá eles... e lá eu consegui ter uma boa base. Entendeu, isso aqui é público e, muita gente, eh, por não ter dinheiro, às vezes, não tem conhecimento também e acho que ajuda muito todo mundo.*

### **ESTUDANTE 19 (E19)**

**01. P1 - Em que momento ou situação você busca informação?**

*E19: Como assim em relação aos cursos e tudo mais?*

**P1: Isso no ensino médio ou no cursinho pré-vestibular ou no seu dia a dia mesmo. A partir de que circunstâncias ou situações você busca informação?**

*E19: Ah, a partir do cursinho pré-vestibular e no ensino médio já, do cursinho pré-vestibular e do dia a dia. O dia a dia ele busca... dá muitas informações em redes sociais e tudo mais. [inaudível] no meu Instagram e só tem coisa de medicina, de parto de tudo quanto é coisa [risos].*

**P1: E você aproveita para se informar, então, para se inteirar.**

*E19: Exatamente*

**P1: Mas você busca informação mais a título de curiosidade ou a título de informação para focar no vestibular...**

*E19: de informação.*

**P1: Só a título de informação?**

*E19: É, de informação. Na verdade, assim, até quando a gente vai pesquisa, assim, pra dá um – como eu vou te falar? – por curiosidade também agrega valor, né. Então, querendo ou não, a gente já... é... é uma mão de via dupla, né, no caso, tu pesquisa uma coisa que também pode servir pra tira alguma... em algum no momento, num vestibular, numa redação, alguma coisa do tipo.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E19: Ah! Eu creio que a parte aí de – ah, como é que eu posso falar? – não é conflito de interesses. Ah! Fugiu a palavra da cabeça.*

**P1: Tranquilo**

*E19: [inaudível] é como, por exemplo, na o... na outra questão. É [inaudível] de que tira a curiosidade, né. E saber mais no caso, né. Tudo vai agregando valor.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E19: Site eu não lembro, mas geralmente páginas, né, como o YouTube, algumas páginas do Instagram, até a página... própria página do INEP, do... no INEP também tem várias coisas legais, é o site do INEP, né, o que eu falei página foi do Instagram, mas o site do INEP também tem bastante informação lá de como tem que ser a redação e... no caso não tem nada melhor do que aquela página do INEP pra gente ter a base do que precisa, foca no [inaudível]. A gente vê no Youtube uma coisa, chega na prova as regras ou tudo mais é de forma, né. Os sites... site, assim, não... não lembro por nome, mas, geralmente, Instagram, coisa do tipo, que é uma coisa que a gente mais procura mais bem, né, [inaudível]*

**P1: E o Google, você utiliza o Google?**

*E19: O Google, também. Sim, o Google, também.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Se sim...**

*E19: Não.*

**P1: ... cite alguns dos serviços que você utiliza ou utilizava?**

*E19: Não, biblioteca ultimamente não. Só no ensino médio mais eu ia.*

**P1: E quais nos serviços que você utilizava?**

*E19: É livros, mais os livros. Na minha escola não tinha... não tinha um computador na biblioteca, né, mas, é mais livros.*

**P1: Em qual escola você cursou o ensino médio?**

*E19: Eh, Escola Pedro Bittencourt.*

**P1: Ela é de onde? Daqui de Florianópolis?**

*E19: Ela... não, ela é de Imaruí e vim pra cá a procura de um vestibular, de melhoria de vida, né. [inaudível] É porque é uma cidade pequena, interior.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação? Usa texto, áudio?**

*E19: Ma... Por assunto, mas, assim, eu nunca pesquiso só uma página, pesquiso n páginas e vou agregando o que cada página tem de informação pra mim, né. Às vezes até uma diferente e assim vai, [inaudível] diferente.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E19: Então, sobre a questão da... de seleção ali, né, é, como te falei, né, vários sites e informações [inaudível] se encaixando, a gente vê que realmente 'ah, vários sites estão falando diversas vezes desse momento, então pode ser... pode ser que realmente acontece. Al falou: 'Ah, pesquisei sobre o momento', além das... além do que eu pesquisei, né, e assim vai. E sobre a questão de avaliação, geralmente é sites mais confiáveis, vamos dizer assim, né, que já pesquiso há bastante tempo - agora não me vem o nome dos sites, mas tem o Meu Mundo, Meu Planeta, se não me engano, alguma coisa do tipo - eh, que a gente vê que a... a... a informação pode ser... é verdadeira, né, a maioria dela são. Né, até as palavras e tudo mais, geralmente linguajar também ajuda bastante e aprimora o nosso também, né.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E19: De que forma eu uso?*

**P1: Isso. Você rascunha, lê em voz alta, resume, destaca, usa post-it?**

*E19: Ah. Sim. Eu sou a pessoa que resume, bota m... faz na mão, escreve pra memorizar e sai pela casa falando [risos]. Falando sozinha.*

**P1: Sim. É bom pra memorizar, né.**

*E19: Sim. Sim.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E19: É. Eu procuro sempre procura mais daquele assunto. Exemplo 'ah, eh, Guerra Fria'. Ah, eu vou lá vê uma série - eu gosto muito de história - eu vou lá vê uma série onde conta sobre a Guerra Fria. Ao mesmo tempo que eu to me entretendo, eu to obtendo informação, né. É mais ou menos dessas formas... dessa forma que tento melhorar o meu desempenho nos estudos. Também a gente tem ter [inaudível] e entrete um pouco, né.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E19: Eh, eu inicialmente gostava muito de livro, quando era me... mais nova, mais depois que a gente vai crescendo, bem dizê, a gente vai desgostando e vai preferindo mais a internet, porque é um meio mais fácil. Então eu que creio que essa é uma das maiores dificuldades minhas, ter desgostado de livro, o que eu acho dez vezes melhor que a internet, né, eu dez vezes memorizo melhor que a internet, não tira nossa, bem dizê, distração, não chega uma mensagem, nem nada. Então as dificuldades é as*

*distrações que a internet, no qual eu procuro informação me dá, Então, eu creio que é as distrações. Sou uma pessoa muito distraída.*

**P1: É bom que você já identificou isso e começa a se controlar.**

*E19: Sim. Sim.*

**P1: Já percebeu: ‘ah algo me incomoda, isso aqui tá me atrapalhando, isso não sei o quê’, aí você já começa a fazer uns filtros, né.**

*E19: Sim. Sim. Exatamente.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação que está disponível na rede, em alguma apostila ou em algum livro?**

*E19: Mais ou menos, depende, assim, do assunto, né. Eh, como... às vezes tem algumas palavras que eu não entendo, vô no dicionário, pesquiso a palavra que mais se encaixa ali, pro meu discernimento. E... mas, assim, é, dificuldade, dificuldade eu não... não tenho. É mais assim, né, o... mais assim, palavras difíceis, que eu nunca vi, eh, que tá numa frase, com uma colocação que eu não entendi. Mais isso, dificuldade, assim, de resto eu con... eu consigo bastante.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E19: Eh, então, hoje em dia, assim que começou a pandemia, eu comecei a trabalhar no emprego, onde eu trabalho 12 horas. E é muito maçante, eh, trabalhar do... 12 horas. Por exemplo, eh, hoje cheguei 8 horas em casa, das 6 da manhã às 8 horas. Então, muito, muito complicado mesmo estuda, principalmente, por vídeo, que é, como eu te falei, distrações enormes. Às vezes não dá vontade de abri a aula e estuda. Assim, acho essa questão do on-line é muito maçante pra mim. Então meus estudos caíram muito, digamos que caíram 80% dos meus estudos. O rest... os outros 20, é como eu te falei, é vê séries sobre a Guerra Fria, a queda da bolsa em tal ano e coisas do tipo. A minha... o meu estudo hoje em dia tá assim. Tá bem... bem precário, bem baixo, sabe. Então tá... não tô, esse ano não to. Eu to até desanimada para fazer o ENEM. Todos esses anos eu fiz. To até desanimada para fazer o ENEM.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E19: Eh, então. Eh, exemplo, se na noite anterior eu dormi bem. Né, exemplo, como ontem eu dormi bem, hoje já um pouco melhor, já to melhor, pra pode, eh, focar em alguma coisa. Então, o que eu priorizo é meu sono, que eu sou uma pessoa que assim, ó, eu posso tá acabada fisicamente, mas se eu to com sono, eh, se eu to com uma rotina de sono quebrada, acabou-se o dia pra mim. Então, eu priorizo o sono pra outro dia eu esta bem e têm a disponibilidade de fazer alguma coisa, né. Como eu falei, eu vê alguma série, vê algum documentário – adoro vê documentário. Vê alguma coisa do tipo. Aula, por enquanto, não... não to conseguindo acompanhar. Eu chego na metade do assunto e aquilo me frustra de tá na metade do assunto e não tá compreendendo, tá atrasada. E acabo, assim, abandonando as aulas. Mas geralmente é isso. Tento me organiza um dia antes pra pode tá bem no outro dia.*

**P1: E você tem material impresso, apostila que você possa estudar?**

*E19: Então, eu morava com uma prima minha e acabei deixando esse material na casa dela e a gente não tá se dando muito bem, né. Então, [inaudível] apostila do COC [inaudível] que alguém, de gente que doou pra mim, né. E não consegui ainda te acesso às apostilas, mas eu pretendo te acesso. Quando começa o cursinho novamente presencialmente aí eu so obrigada a te as apostilas. Até o cursinho do IVG ele disponibilizou, mas como eu tinha, eh, no momento, eu não queria tira da mão de alguém que não tinha nada, né, pra mim. No caso, [inaudível] mas as apostilas eu... eu posso procura lá também.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E19: É... é como eu já... é como eu mencionei anteriormente, a gente sempre pesquisa, né, é pesquiso em n... exemplo, pesquiso em n sites, até dúvida um pouco, pesquisa assim se aquele fato realmente aconteceu, até procurando em outros sites – no fim a aba do computador tá cheio do sites abertos – eh e a gente vê as aquela informação consiste em realmente está verdadeira, né, e com... com todo... com todo o envolvimento, como ela falou aquela pa... aquela [inaudível]. eh, última, né, eh, usá-la considerando aspectos, eh, éticos, sociais, políticos e econômicos, querendo ou não, é todo... envolve tudo e a gente tem um certo discernimento de que aquela informação é verdadeira. Então, querendo ou não, é... é uma estratégia, né, que eu tenho de procura em n sites e n informações pra ver se tá cer... certinho ou não.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E19: Não. Eu acredito que a informação ela vem pra agrega, né. Eh, depende também do... de como vem a informação, né. Exemplo, você tá numa sala de aula, tem o quê? Seis aulas por dia, cinco ou seis aulas por dia, queira ou não acaba acarretando a bastante informação, né. Eh, mas exemplo, eu, que gosto mais da parte da humanas, da parte de ciências, de biologia, no caso, na parte de história, de geografia. Como eu gosto desses assuntos, pra mim essa parte não me sobrecarrega. Então, até uma alegria ouvi esses assuntos e tudo o mais, já a parte da exatas me sobrecarrega de uma forma que eu fico assustada, até [risos]. Mas, mas, assim, eu sempre tento leva o fato dessas áreas, pra mim é um prazer tá ouvindo dessas áreas. Então, de certa forma, não me sinto tão sobrecarregada. Nos outros assuntos, sim.*

**P1: Mas se sente um pouco?**

*E19: É um pouco.*

**P1: Na parte das exatas, então.**

*E19: Sim.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E19: Fisicamente chega... é al... não é palavra cansaço, mas [inaudível] meio uma exaustão, sabe. Porque, por exemplo, exatas, to lá, exemplo, resolvendo uma fórmula de física ou de química e to lá e fico lá e fico lá e não consigo chegar a um resultado final, então, é uma frustração, sabe, quando tu não chega àquele resultado de jeito nenhum. E emocional, tipo, que chega até dá uma, assim, uma desestabilizada, porque tu pre... tu sente que tu precisa de alguém. Só que tu já tem que te noção de que, nossa!, já... tem que resolve a situação, né. Então, querendo ou não, é uma frustração, né, que eu chego a te.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E19: Então, às vezes, eu deixo de lado e falo assim – eu penso, eu to falando no sentido como usava no ensino médio, né. Deixava de lado e falava, assim, ‘não vou tira uma dúvida, quando... quando chega na sala, com o professor e vou fazer outra atividade, que né, que eu sei o assunto, que eu to por dentro, mas essa não gosto... que eu gosto de faze, né’. Eh, algum texto, alguma coisa, passa uma atividade a limpo, pesquisa alguma coisa. Sempre tento deixa essa parte assim, ‘ah, vou resolver depois com uma pessoa que possa me auxilia, porque também a gente não pode ficar se*

*frustrando por aquilo. A gente, às vezes, que tem neces... tem a necessidade de uma ajuda e tem que fazer algo que eu goste pra tentar amenizar a situação, porque, né, a gente pode não pode ficar frustrado o resto da vida.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E19: É, como... como eu te falei que foi a questão de, eh, ach... eu quero... eu achava que não precisava de auxílio, mas ao meu tempo eu precisava e nega. [inaudível] exatas. Sempre neguei, eu fui orgulhosa, assim, né, que 'ah, não preciso de ajuda', mas, às vezes, deixava de lado e, algum professor me ajudava, alguma coisa do tipo, mas muitas das vezes eu deixava de lado e pensava 'esquece não vou conseguir', hoje né, sinto, querendo ou não, uma falta.*

**P1: E qual, o teu desafio, para sanar essas dificuldades?**

*E19: Não, ainda não. Ainda não consegui. Eu, né, eu, quando comecei no cursinho, no... no IVG, [inaudível] eu sentia que, né, era no cursinho que eu tira aquelas minhas dúvidas, né, que ficaram, até no ensino médio e, por questão de ser, assim, mais professores, as... as... as atividades, atividades não, as matérias serem mais divididas, né. Então tem um professor que eu consigo conversar e ele vai me explicar daquela for... que [inaudível] tem que senta e entende aquela parte... aquela atividade dele naquela matéria e, sem, até mistura com outras, assim, digamos, assim, do tipo, [inaudível] no fim todas se complementam, mas eu consigo senta com ele e conversa. No cursinho, quando comecei aquela primeira semana eu senti essa sensação e depois veio a questão da... do coronavírus, mas, assim, eu achei o máximo ter professor pra cada disciplina, assim, bem separadinha, no caso, né.*

**P1: E você fez todo o cursinho até dezembro de 2020?**

*E19: É, como eu te falei, eu comecei a trabalhar logo em seguida veio a pandemia, né, eu perdi o emprego, depois eu consegui esse e, nessa necessidade de ter o emprego, a gente acaba dedicando mais ao emprego do que ao cursinho... deixando de lado e o cursinho, pra mim, on-line não funcionou. Não consigo. Pra mim, é a sala de aula. Então, querendo ou não, eu frequentei algumas aulas, vamos dizer assim. Falei bastante*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E19: É, hoje eu entendo que foi falha minha, deixar essas situações de lado, essas minhas dúvidas e tudo mais, né, e não... não ser tão persistente comigo mesma e hoje eu tenho ideia dessa... dessa minha falta. Sinto de falta disso e, me conscientizo dizendo 'não, hoje preciso de ajuda em algumas matérias', em algumas coisas, também, além, né, além vida escolar e tudo mais. Então, eu me conscientizo e... e tenho que procurar ajuda. É a forma que eu tenho de superar isso, de... essa minha falta, né.*

**P1: Quando você assume a responsabilidade pelas deficiências, não haveria responsabilidade de outras pessoas ou instituições? Você colocaria algo sobre isso?**

*E19: É... eh, é tocaste num ponto bem... bem legal também, que é também, às vezes, a gente deixa de comenta. Mas, exemplo, no meu ensino médio, eu tive um professor, exemplo, que, eh, pegou filosofia e sociologia e esse professor, eh, não sei por qual motivo ele cismava em, digamos, certos alunos, um desses alunos era eu e acabou que, no terceirão, no último ano, eh, ele pegou exatas e é onde eu tenho mais dificuldades e onde, também, a questão também de não ter uma... uma relação legal com professor, já prejudica. E a questão da escola, eh, a minha escola, né, toda a vida deu todo acesso, eh, se eu tivesse em outra escola da minha cidade, eh, com certeza eu não teria um... uma evolução assim legal, né, digamos, eh, mas o ano do ensino*

médio, foi um ano muito de sobrecarga. **[inaudível]** de escola, né, eu sou uma pessoa muito responsável em questões. Então eu, assim, eu abraço muita coisa. Até a coisa que eu não posso **[inaudível]**. Então, era um ano que eu tava no Conselho Deliberativo da escola, no grêmio da escola, líder... líder da sala. Então, era muita responsabilidade em cima de mim e acabava deixando as coisas de lado. Mas em questão da escola em si, eh, a escola dava bastante auxílio, mas não chegava a ver essa questão de 'ah, essa aluna tá abraçando demais, coisas de mais, vamos da pra ela um sossego, assim'. Eu via isso, né, e, mas, assim, teve algumas questões assim de, eh, professores, né, de alguns professores, exemplo, ah, onde eu tinha mais dificuldades, professores pegavam, né, claro, devem pega assim, né, atestados e tal, tavam em... em licença, exemplo, e não tinha professor pra, eh, ocupa essa licença desse professor, né, e acabávamos ficando sem professor. Então, né, algumas questões, assim, também, de falha, assim, da escola. Mas, assim, a escola, em si, eh, ela era muito... muito boa, vamos dizer assim, né, em compensação a muitas outras.

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

E19: Não... é... digamos, do dia a dia, sim, né, que é trabalho, aí, é casa, como eu moro só, né, é casa, é o estudo, que eu também deixei de lado e a gente fica pensando, 'ah, eu tenho que voltar a estudar'. É, no dia a dia, sim, agora eu digo em questão estudo, não, né, que é tudo válido, tudo, qualquer coisinha que a gente aprende é, agrega, né, que é tudo válido. E, mas em questão do dia a dia sim, me sinto prejudicada.

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação. Você vai fazer a prova domingo?**

E19: Vê, vê faze a prova. Eh, ah, eu me sinto, em porcentagem, eu me sinto 20% preparada, digamos assim. Bem abaixo. Eh, como eu falei, foi um ano que não estudei nada e que, olha, eu vou sentar na cadeira, eu vou tentar fazer o que eu consigo e não que estudei pra, talvez, né, tenta tira uma nota boa. Vou tenta faze o que eu consigo. Tava até pensando hoje em dia, acho que no primeiro horário eu vá sai. E eu sou uma pessoa que fico, eu persisto até o último minuto, até o último sinal da prova do ENEM, exemplo. E... e não me sinto preparada.

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

E19: Negativa.

**P1: Porque você acha que foi negativo.**

E19: Eh, como eu falei. Eh, eu tinha vindo pra cá. Vim pra cá pra mora em Floripa. Eh. Eu tinha conseguido emprego que era três vezes na semana, um salário legal. Eh, esses três vezes na semana, eu conseguia estudar, né. Os dias de folga, eu saía mais cedo, bem dizê. Eh, eu conseguia sai direto do meu trabalho direto pro cursinho. Eh, no outro dia eu tinha folga, eu podia dormi até um pouco mais tarde, de tarde pra estudar. Então, tipo, tinha o emprego, assim, eh, no momento, assim, dos sonhos, digamos. Eh, aí depois que começou a pandemia, perdi esse emprego, né. Logo tinha... tinha começado, logo, tive que volta pra minha cidade natal, voltei pra cá. Consegui um trabalho e esse trabalho é maçante, assim, né, a carga horária. E eu não consigo, de jeito nenhum estudar. E também questão do on-line. Ne, então, de forma bem negativa. Contrib... não contrib... contribuiu de forma negativa pra mim.

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

E19: Olha, foi uma experiência, vamos dizer assim, ruim. No início foi boa, até estava animado, porque era uma coisa nova. Mas, com tempo, já fui vendo que não... não dava certo pra mim. Né, eh, como eu falei, tinha muitas distrações e, eu sou a pessoa

que sou a primeira a sentar na cadeira, na primeira carteira que tem, né, ou na segunda, no máximo, e não... não... não vai. Eu... não deu certo. Não me adaptei.

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E19: Não entendi a questão.*

**P1: Em algum momento você já sentiu insegura?**

*E19: Já. Já me senti insegura.*

**P1: Tu tens algum exemplo...**

*E19: Eh, no início do cursinho, é um exemplo, eh, fiquei muito animada por ter conseguido um cursinho gratuito com professores excelentes e tudo o mais. E, como é uma rotina diferente, exemplo a sala tinha bem mais alunos, eh, bem mais, assim, eh, é as mesmas matérias, digamos, do tipo, só que com mais professores e me... sim... me veio na... na mente que eu não iria conseguir dá conta de tantos professores e tudo mais. Isso no primeiro dia. No segundo dia já fui com uma outra cabeça, né, falei assim, 'não, vomo dá uma chance e vomo vê como é que vai ser'. E comecei me anima mais. E até o final da semana que tinha, já tava totalmente animada. Pra cada dia eu tava mais animada. Eu conheci mais professores, tinha os professores que eu am... que eu gostava já demais. Matérias que, né, enfim, então, no começo me senti mui... impotente. Eh, eu falava que não iria conseguir, e que era muita coisa pra minha cabeça, porque, querendo ou não, eu saí de uma rotina totalmente diferente, né.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E19: Eh. Sim. Isso me fez lembrar dos primeiros meses em que eu vim mora pra cá. Eh, eu vim mora numa... eu saí de uma cidade pequena onde todo mundo conhecia todo mundo, desde pequena criada lá, vim aqui pra Floripa pra fica nas férias em casas de parentes e olhe lá quando mais. E aqui tu vê, é uma cidade totalmente diferente, onde o dia passa correndo. Exemplo, esse final de semana eu tava na casa da minha mãe, na minha cidade natal, e eu falei, 'nossa, mãe, aqui o tempo passa devagar, eh, e lá passa correndo'. Eh, também a questão de ônibus, eu nunca precisei pegar ônibus na cidade natal, né, morava no centro, tudo pertinho. Aqui eu me senti perdida em questão a ônibus, eh, muita gente. Em questão, assim, ah, de se assaltada, até a mãe, assim, boto medo na minha cabeça de se assaltada. Hoje, já to um ano morando aqui, hoje já entendo que não, não, eh, claro, a gente tem que te nossos, eh, receios, mas não daquele modo que eu vim pra cá. Então, nos primeiros meses, que eu morei aqui, comecei mora aqui, eu me senti muito, muito vulnerável, né. Porque é muita... muita informação. É o tempo passa muito rápido, muita gente, como eu falei. E, assim, qualquer coisinha, eu tá [inaudível], então me senti muito vulnerável aqui, por mais que eu tinha auxílio da minha prima e tudo mais. Mas, foi bem... bem assim, até me acostuma, foi muito... muito, assim, de choque, digamos assim, né.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E19: Então, eh, o ENEM do ano passado... do terceiro... do ano passado... no último ENEM, no caso, né, eh, a minha nota não foi tão legal, né, mas... é, não foi tão legal, em compensação aos outros dois anos que eu tinha feito, anteriores, e, eh, geralmente tão usando a nota de 2020, né, é 20, e, então, eh, não me agrado, não me agrado, né. Porque é uma nota que eu sei que não me saio muito bem. Então, não me sinto bem [inaudível] em relação a isso, a usar essa nota, né. A dos outros vestibulares, a de 2018 acho que não tão usando, a de 2019, poucas usam, né, de dois anos seguidos ou dá pra escolher? Então, é muito... é muito... é muito chato, vamos dizer assim. A gente fica bem angustiada. Porque algumas não tem, como, né, diz a pergunta, e algumas essa nota da qual eu não me sai tão bem. Então, a gente fica aquela sensação de 'nossa, eu poderia ter me saído mais, poderia ter estudado mais' ou algo do tipo, mas é bem chatinho.*

### **26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E19: É, eu digo em questão aos estudantes, eu falo em vista a mim, eh, não te medo de... de muda, né, exemplo, eu saí da minha cidade, saí do meu conforto, pra vim pra cidade bem diferente desconhecida, né, e... e que a vida é totalmente diferente do que eu tava acostumada, mas, hoje, apesar das dificuldades, eh, eh, eu quero melhorar cada dia mais, não pretendo voltar pra minha cidade natal, eh, gente se acostuma com um certo... uma certa vida, né, e... e... hoje, tipo assim, eu falo pros meus irmãos, eh, busquem saí do... do... da zona de conforto, procurem, eh, verem que a vida não é só aquilo ali, né. É... é maçante, é, mas é muito satisfatório vê que tu tá crescendo, por mais que seja aos poucos, tá crescendo, eh, tem pessoas boas, às vezes pra te ajuda. Eh, pedi ajuda quando necessário, né, então, pra outros alunos e outras pessoas que, né, possam fazer o cursinho e tudo mais. Eh, eu fico em vista disso, né. E aproveita... aproveita as chances que a vida te dá. Exemplo, esse cursinho, eu fico em vista disso, né. Eu conheci pessoas maravilhosas, professores maravilhosos, né, que... e tudo isso, nunca que... nunca que eu pensei que poderia conseguir ele gratuito. Né, e geralmente isso é pago e, pessoas como eu, que a renda é baixa e tudo mais, não consegue pagar um cursinho de uma classe tão boa, assim, né. E é esse cursinho gratuito com profissionais maravilhosos, né, nos satisfazem muito bem. Então, é aproveitar as chances que a vida te dá. Às vezes tu pensa: 'não, não vou conseguir pagar a conta', mas nunca experimentou pra saber se daria conta, né. Eh, nas primeiras semanas que eu fiz, eu amei o cursinho, se fosse presencialmente, se tudo continuasse presencialmente, com certeza eu taria muito mais animada com o ano e com os vestibulares que vão vir. Infelizmente aconteceu a pandemia, mas não quer dizer que ano que vem eu possa... não possa estar de novo, né. Então, sigo em frente isso.*

*E19: E, além disso, eu queria agradecer também a parte da questão da sua pesquisa, porque é muito legal quem possa ouvir a nossa voz, né. Ainda mais, muita gente acha que a gente 'ah, é novo, não tem voz e não tem experiência', mas é bom saber o nosso ponto de vista em relação aos cursinhos e coisa assim que tem a ver com o mundo. Ainda mais nessa pandemia, né, desse jeito que tá. E muito, muito legal, muito legal da sua parte, eh, ouvir a nossa voz.*

### **ESTUDANTE 20 (E20)**

#### **01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E20: [inaudível]*

**P1: Informação para o estudo e para o dia a dia.**

*E20: [inaudível] minhas necessidades, né. Quando cheguei aqui em Santa Catarina não conhecia nada, né. Então precisei de informação onde era os postos de saúde,*

aonde que era as [inaudível] E eu comecei a buscar as informações nessa cidade, tudo isso, né.

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

E20: A partir da necessidade que [inaudível], né. A partir da necessidade de [inaudível] A gente [inaudível] lugares que vão suprir necessidades da gente, como o supermercado, onde é que é o posto de saúde, onde é que é o dentista e assim sucessivamente.

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

E20: Eu acesso o, vou ter que lembra o nome, acho que é o Facebook, é... não o Google. [risos]. O Google.

**P1: Além do Google, algum outro site?**

E20: Não.

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca?**

E20: [inaudível]

**P1: E quais os serviços da biblioteca que você utiliza?**

E20: Utilizo os livros. Eh, lá em Porto Alegre tem uma... uma biblioteca que [inaudível] que já é mais voltado pra isso. Né, tipo assim, eu quero fazer um... uma pesquisa de jornalismo, eu quero ver o que tem lá numa determinada cidade, vamos supor assim, né. Então, o... aquele [inaudível] tá organizado pra saber sobre aquele lugar.

**P1: Em Porto Alegre você usa a Casa de Cultura?**

E20: [inaudível] A Casa de Cultura lá é mais assim, ó, quando [inaudível] faz um trabalho de artes, né, [inaudível] faz um trabalho de artes, então [inaudível] ele tem o direito de expor o seu trabalho lá. [inaudível] lá o seu trabalho, né. No caso da... da... do lugar onde eu vou fazer a pesquisa na escola que tem pública lá, né, então, eu fazia a pesquisa na biblioteca de lá, com os livros e com [inaudível] computador.

**P1: Você emprestava livros, levava pra casa pra fazer a leitura?**

E20: [inaudível]

**P1: Ah! Fazia lá mesmo, ok.**

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação? Usa texto, áudio?**

E20: [inaudível] era assim, eu, [inaudível] eu... eu escrevo, né, sobre aquilo que eu quero, né, então, eu digito assim, por exemplo, vamos supor que eu queira fazer um trabalho de geografia, né vamos supor assim de agropecuária, né. Aí eu [inaudível] digito 'trabalho de agropecuária da série tal, por exemplo, terceiro ano [inaudível]'. O que dá pra [inaudível].

**P1: Você faz a pesquisa por assunto, por palavra-chave, por pergunta**

E20: Por assunto.

**P1: Por assunto. Ah! Ok.**

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

E20: Eu... eu não entendi a pergunta última, desculpa.

**P1: Não tem de quê. Vou repetir a pergunta e separar os dois temas. Quando você faz a pesquisa no Google, por palavra-chave, como avalia a informação e como a utiliza nos seus estudos?**

E20: Ah! Entendi. Eu analiso se isso dali, por exemplo, tá dentro do conteúdo... tá dentro do conteúdo daquilo que, por exemplo, vai cair dentro da prova, né. Então, por exemplo, assim, eu quero... eu faço uma análise de agropecuária, né. Daí, vamos supor que meu trabalho seja pesquisa o tipo de alimentos que esses animais lá da pecuária estão se alimentando [inaudível], né. [inaudível] leva pelo [inaudível] das

doenças, dos animais, comércio e abate, né. Vamos supor que eu entre no tema dos alimentos dos animais, né, pra... então, aí, eu entro dentro daí e [inaudível] essa pesquisa dentro daquilo que eu quero.

**P1: E você também costuma fazer uma análise que tratam disso, de são sites reconhecidos, que você conhece ou não.**

*E20: Não.*

**P1: Então não faz análise de sites, né?**

*E20: Não.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E20: Eu copio. Só que na verdade, assim, eu pego na lan house, daí o senhor lá da lan house ele tira ali na máquina pra mim, aí depois eu chego em casa, eu copio aquela parte que eu pre... que eu preciso. Eu analiso as partes que eu preciso. Aí, conforme for, eu faço uma questão de perguntas e respostas. E vou estudando. Aí, depois, eu procuro fazer uma prova só de resposta. [inaudível] pego uma daquela... daquela prova, que daí eu tenho uma análise, uma avaliação de como que eu to dentro daquele estudo.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E20: [inaudível]. Eu faço uma prova de perguntas e respostas e estudo. Aí, depois eu faço... depois eu faço uma prova de... aí depois eu faço uma prova só de [inaudível] e analiso aí como que eu to. Também eu estudo no Google, né.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso a informação.**

*E20: A minha dificuldade, na verdade é falta de um computador, né. É a dificuldade financeira, pra mim pode pagar minha própria internet, ter o meu próprio computador. Vou por... por agora, por exemplo, a lan house não está atendendo pra fazer pesquisa, por [inaudível] em pandemia, né. [inaudível]. Então, eu fico muito dependente da lan house, né. Então, se tivesse condições financeiras de comprar o meu próprio computador e a minha própria internet, né. Até tem internet mais barato... barata, mas, nem sempre elas vão tá esse preço, né, então... então pra mim seria muito melhor. [inaudível] a minha dificuldade mesmo é financeira. Porque daí eu não ficaria dependente de ninguém, né.*

**P1: Além da financeira, tem alguma outra dificuldade?**

*E20: [inaudível]*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação que está disponível na rede, em alguma apostila ou em algum livro?**

*E20: Não.*

**P1: Não. Por exemplo, matemática, física, química, você...**

*E20: [inaudível] Não. Eu tenho muita dificuldade, sim, de matemática. Matemática, física e química.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E20: [inaudível] Eu procuro, por exemplo, estudar lá na escola, né. Lá na escola o horário é às 6 horas, né, começa a aula. Eu procuro chegar uma hora, duas horas mais cedo, que daí eu posso sentar, posso estudar, daí eu já lá, né. [inaudível] aquela correria, eu posso estudar com calma.*

**P1: A sua escola, que você fala, é o Instituto IVG?**

*E20: [inaudível]*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E20: Eu procuro [inaudível] na aula, né. Eu procuro primeiro aprende na aula. Eu procuro primeiro aprende na aula. Aí, depois, aí da aula eu procuro aprende em casa. Aí, depois disso se eu não consegui. Daí, por exemplo, daí eu já tenho uma noção daquilo que eu sei que vou perguntar pro professor.*

**P1: E além do professor, você busca informações com mais outras pessoas ou não?**

*E20: Não.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? Eu tenho uma definição de uma autora. Essa autora, Dudziak escreveu em 2013, que a competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender...**

*E20: Eu não entendi a pergunta...*

**P1: Ah! Tá. A pergunta é: quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? Eu trouxe uma definição feito por uma autora de que a competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013). Então, eu volto à pergunta: quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação?**

*E20: No caso do.. do ético, por exemplo, eu procuro reconhece meu lugar como aluno. Olhando bem por dentro da ética, como ela é, né, respeitando meu professor como a autoridade da aula, independente da vida pessoal que ele teja, independente de raça, independente de cor, independente da idade ou opção sexual que ele escolheu, né. Então, eu procuro... eu procuro colocar o meu... no meu lugar de aluno, respeitando ele que ele é a autoridade da... ele é autoridade da sala, né. [inaudível] pra igreja, né.*

**P1: Ótimo. Ok.**

*E20: E também respeitando, na ética, né, meus colegas, [inaudível] meus colegas como alunos, o direito que eles têm de estudar, de ocupar as classes, de ocupar o contexto da escola, né.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E20: Em vista às aulas de matemática. Em relação à matemática, sim. [inaudível] Tudo bem, a matemática ela existe/exige, ela boa, né. A gente sabe que a matemática ela faz parte, né, da vida, né. Por exemplo, esse telefone existe [inaudível] devido à matemática, né, [inaudível] é matemática, né. Na verdade, é que eu, né pessoalmente, eu como aluno. É claro que pela eu não... não paro – como é que vou dizer assim? – eu – como é que vou dizer? – eu procuro não me envolver fora do estudo... fora do estudo, né. Eu, como aluno, eu como pessoa, eu acho que precisaria tanto em informação na matemática, porque no di... nos dias que nós vivemos, por exemplo, tudo o que a gente vai fazer agora tá mais é nas quatro operações, né, soma divisão, multiplicação, aí tu não usa uma raiz quadrada pra poder comprar, né. Vai numa... numa loja, vai num... no posto de saúde, vai pega um ônibus, vai pega um Uber. A gente tá mais em da... da... das quatro operações, né. Pago, quanto que pago, quanto que recebe. Mais com mais dá tanto, menos com menos dá tanto, e assim dividido e sucessivamente. Então, só pra ter uma base, um livro de matemática, um livro de matéria, ele tem, talvez nem todos, né, mas eu já vi, ele tem 200 páginas, de uma série, né. Então, eu fá... eu acho, não, eu tenho certeza, eu não uso 200 páginas de matemática, pra mim pode viver, [inaudível] que é pra mim ir lá do supermercado, pra mim, pra farmácia, pra pega ônibus, pra pega Uber, pra fazer tudo o que o que tenho*

que pega não uso. Tudo o que eu aprendi no meu primeiro ou no meu segundo grau eu não estou usando nada. Claro, exceto as pessoas que vão trabalhar com a química, professor de matemática, médicos, né. [inaudível] onde a matemática [inaudível] está envolvida com eles. Então, quer dizer, eu acho que, pelo menos pra mim, é muita informação, uma informação muito pesada.

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional. Por exemplo, quando você está estudando matemática.**

E20: Fisicamente, [inaudível] porque é muita informação. A gente estuda, estuda, estuda, estuda, estuda, estuda, estuda e a matemática, é uma coisa, parece que ela não tem fim, parece que ela é, parece que ela é infinita. E aí, isso aí causa um... um [inaudível] psicológico, porque, além de... do... do mais do que a pessoa, por exemplo, assim, estuda nem sempre consegue aprender todas aquelas informações que são passadas.

**P1: E na questão emocional, como você se sente?**

E20: Aí a pessoa se sente infeliz, sente frustrado, porque, no caso, a parte física cansou e a parte psicológica também cansou. Né, e vem a frustração de não ter conseguido, muitas vezes, por causa que são muitas informações. E o pior de tudo não é isso. A pessoa estuda, estuda, estuda. É muitas informações, mas se todas essas informações, tipo assim, se viesse ao caso, de usa 200 páginas [inaudível] pra viver dia a dia, a maioria [inaudível] matemática [inaudível] a pessoa não vai usa. Então... e aí se torna uma coisa que a gente sabe que a pessoa tá estudando aquilo ali, mas aquela coisa que a pessoa não vai estuda... não precisa no outro dia.

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

E20: [inaudível] aqui em casa, eu sento, me alimento, eu durmo, eu caminho, eu ando. É isso aí.

**P1: Você ouve música, você vê filme?**

E20: [inaudível] Eu escuto os [inaudível] da igreja, talvez eu... talvez [inaudível] tava fazendo agora [inaudível] a novela Jesus, acho que acaba hoje e agora vai começar no 4 o Gênesis, né.

**P1: De qual TV é essa novela?**

E20: [inaudível]

**P1: Você vai perder a novela hoje ou é depois?**

E20: [inaudível] último capítulo. [risos]

**P1: É que horário?**

E20: Nove e quarenta e cinco, nove e quarenta e nove e quarenta e cinco. Hoje é o último ou penúltimo capítulo já. Não dá pra perder.

**P1: Com certeza, tem que assistir, saber o final da história.**

E20: Sim.

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

E20: [inaudível] Hoje em dia, né... antigamente era tudo em cima dos livros, né. E agora já existem [inaudível] informações da tecnologia. E no caso, também uma [inaudível] pouco é muito pouco. Por exemplo, assim, [inaudível] né, então, [inaudível] vestibular pega matéria vamo supor assim de segundo grau. Então é uma coisa muito corrido. Em outras palavras não dá nem pra [inaudível] abri a boca, porque é muito, muito corrido e muita, muita matéria. Se eu pudesse, vamos supor assim, paga um... um curso particular em cima daquela matéria. Seu pudesse fica uma hora, duas horas mais tranquilo, se eu pudesse faze mais perguntas, pudesse

*tira mais minhas dúvidas, né, melhor. Então, isso aí é uma coisa que é muito difícil conseguir alcançar isso.*

**P1: Então uma das principais dificuldades foi a falta de contato com alguém para explicar melhor as disciplinas?**

*E20: Sim.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E20: [inaudível]*

**19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

*E20: [inaudível] na matemática, né. Mais é na matemática, né. [inaudível]*

**P1: Está tendo um corte na ligação, não se pode falar mais perto do aparelho? Se puder repetir a resposta, lhe agradeço.**

*E20: [inaudível] na bateria, eu vota ali pra... eu vou falando e ela vai carregando, tá?*

**P1: Ok. Tranquilo.**

*E20: [Pausa]. Alô.*

**P1: Estou lhe ouvindo.**

*E20: [Ligação caiu]*

**P1: Você se sente prejudicado(a) pelo excesso de informação?**

*E20: Sim.*

**P1: Antes você se referiu à matemática e aí caiu a ligação. Se puder repetir, lhe agradeço.**

*E20: Eu entendo assim, ó: eu acho que é muita informação, que o aluno não vai... que o aluno não vai entra nela. Eu acho que é assim, ó, eh [inaudível] roda um aluno por informações que o aluno não vai usa todas aquelas informações, né. Eu acho que eu diria que é uma visão dos professores de matemática, dos governos, secretária de educação de analisa isso e passa [inaudível] só aquilo que usa [inaudível], só aquilo que os alunos forem usa.*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E20: Eu não me sinto preparado.*

**P1: E se for para arriscar uma porcentagem, você arrisca?**

*E20: Não.*

**P1: Não. Ok. Você poderia me dizer por que não se sente preparado?**

*E20: Porque [inaudível]*

**P1: Mesmo sem a preparação, você não vai tentar fazer as provas esse ano?**

*E20: Não.*

**P1: Só o ano que vem?**

*E20: É, talvez esse ano se tiver, lá pelo mês de maio ou dezembro, não sei, né. Eu pretendo tenta. Tenta, não. Vou fazer.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E20: Pra mim, deu a mesma coisa, porque eu não... eu praticamente não estudei, né. Quer dizer, sim, né. Se eu tivesse, vamos supor, assim, estuda... estudado, quem sabe eu ia enfrentar alguma dificuldade, [inaudível] da maneira como eu não estudei.*

**P1: Mas o fato de você não poder ter feito o pré-vestibular?**

*E20: Foi negativo.*

**P1: Em algum outro aspecto foi negativo ou positivo?**

*E20: [inaudível]*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

E20: [inaudível] porque, no caso, [inaudível] o Google, as redes sociais têm bastante informações, né. Dificilmente não em... dificilmente não encontra uma informação [inaudível] dentro daquilo que a gente que. E no caso ali, o senhor ali da lan house, então se... seu quero uma matéria, ele pega e puxa pra mim aquela matéria, né. Eu falo pra ele: 'ó eu quero essa matéria aqui'. Sobre agropecuária, né, matéria tal. Aí ele puxa aquela matéria pra mim. [inaudível]

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

E20: [inaudível]

P1: Não. E com relação ao cursinho ou ensino médio?

E20: Não.

P1: Não. Ok...

E20: [inaudível]

P1: Oi?

E20: [inaudível] foi a matemática, né.

P1: A matemática. Muita gente tem bastante dificuldade.

E20: [inaudível] Por exemplo, tem conta, tipo assim, que, tipo assim, ocupam dez linhas, né. Então, poderiam te.. te uma conta [inaudível] porque a matemática, até onde eu entendo, eu sei, né, ela [inaudível] desenvolve a inteligência psicológica da pessoa, né. Então... então, por exemplo, assim ó, vai dez [inaudível] depois xis, depois xis [inaudível] Ma, pelo amor de Deus, né [risos]

P1: Há quem goste, quem domine, quem não compreende...

E20: É verdade.

P1: É importante que haja uma reflexão sobre o ensino de matemática.

E20: [inaudível] não vai mudar depois. Eu por exemplo eu vou no supermercado, no caso, [inaudível] eu sou pobre, mas eu vejo várias pessoas de diversas classes, ninguém usa aquilo que foi passado dentro de escola. Né, ninguém usa aquilo. Então, eu penso que é muita informação que a pessoa não [inaudível] depois. Esse tempo podia ser usado pra outras matérias, né. É caderno que a pessoa tá gastando, é dinheiro [inaudível] por coisas que não vão se usadas.

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

E20: [inaudível] que eu tenho muito, assim, vontade de sabe, né. Hoje em dia a gente tá vivendo aí com... os alimentos, eles tão cada vez pior, com cada vez mais agrotóxico, né. Por exemplo, assim, ó, e a gente não informação da... daquilo que a gente tá comendo, em relação aos alimentos, verduras, essas coisas, né, que nem o arroz, que vem ali o arroz, sim, né, vem a informação da caloria, essa coisa toda [inaudível]. Mas a verdura não tem informação [inaudível] que tá vindo ali, que tipo de [inaudível] tá vindo ali. A gente só sabe que tá comendo alimento, não tá comendo veneno. [risos]

P1: Sim.

E20: [inaudível] é uma coisa assim, ó, muito frustrada, a gente sabe que de repente a gente pode te um problema no estômago, no intestino, de repente pode te [inaudível], porque isso é uma coisa que vem de uma maneira que é muito

[inaudível]. *Eu tava vendo uma vez na... na televisão, um grupo de pessoas que trabalham assim, eles simplesmente colocavam os venenos na... nas verduras sem [inaudível] tocavam na feira... nas verduras [inaudível] acaba com as verduras [inaudível].*

**P1: Sim. Então você já se sentiu vulnerável em relação à informação?**

*E20: Sim.*

**P1: E o exemplo é essa questão da falta de informação referente à questão dos agrotóxicos. Algum outro exemplo que você queira citar?**

*E20: Não.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E20: [inaudível] Mas só que [inaudível] que o... o mundo tá passando por essa epidemia, né. Então, para o bem de todos, neste caso, o distan... os distanciamento é uma coisa boa, né, porque a pessoa... no meu caso, eu não estou passando, vamos supor que neste ano eu não vou entrar no vestibular pra jornalismo, mas eu tô com vida, né. Então, tem que vê que, esse... esse momento, o que foi proposto, no caso, que apesar que essa proposta impediu eu, no caso, assim, de tá dentro do vestibular, né essa coisa toda, [inaudível] que por um outro lado é muito positivo, pelo menos [inaudível] de faze de vestibulares, né. [risos].*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E20: [inaudível] Eu acho muito [inaudível], né, porque quando as pessoas se comunicam e que a gente tem informação, a gente também aprende, né, porque a gente também atende,. Por que que a gente também aprende, né. Tudo isso aqui que eu absorvi agora, eu vou usar em algum lugar. Nem que seja... nem que seja... nem que seja algum dia faze uma pesquisa, vamos supor, assim, né. Mas é uma coisa que já... já deixa a gente já mais informado, né. [inaudível] daquilo que a gente vai faze. E a questão a [inaudível] eu do graças a Deus, pela misericórdia de Deus eu tive sorte de tá num bom pré-vestibular, né, no Centro da cidade, não é uma coisa que eu tenha, vamos supor assim, que caminhar até longe, né. [inaudível] a educação no país não é boa. Infelizmente, né, nosso governo, eles não dão valor pra educação, né. Começando: salário do professor é um salário mais baixo que tem. Professores, médicos, [inaudível] pra ser bem mais atendida, né, pra... pra ser bem mais ajudadas. São pessoas que infelizmente elas são deixadas, né, pelo... deixada pelo governo, né. Aí, se um professor, ele não tem uma escola de qualidade, ele não tem estudo de qualidade, como é que ele vai da um estudo de qualidade. Então, que dize, no geral, a qualidade do estudo no país, no Brasil, não é boa. Não é boa, né. E sobre o, ali o pré-vestibular é muito bom. Eu sei que [inaudível] a dificuldade com a matemática [risos]. [inaudível] Maneira de dize, né. Mas só que é bom, né, tem toda assistência, a escola é uma boa de uma escola, a escola é no centro, a escola é bem... é uma escola bem limpa, é uma escola que ampara todos os... é uma escola que ampara todos os alunos, né. É uma escola que coloca direto por aluno deveres e direitos e responsabilidades, né. Então é uma escola assim, muito, muito, muito boa.*

### **ESTUDANTE 21 (E21)**

**01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E21: Em que momento? Quando eu fico querendo saber daquilo, assim, eh, curiosa. Esse é o momento, assim, tipo 'ah, eu quero saber de alguma coisa', daí eu vo, vo atrás daquilo, sabe.*

**P1: Você diria que é mais curiosidade ou mais necessidade?**

*E21: Depende da questão em si, mas eu acho que é mais a necessidade. É a necessidade.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E21: Quando eu to com em alguma coisa, assim. Por exemplo, eu não lembrava alguns tópicos com relação à redação do ENEM. O que que eu fiz? Eu fui busca a informação. Então eu fui lá no 'Googlezinho' [riso] busquei informação. Então me abriu alguns leques pra eu consegui desenvolve bem a minha prova, sabe, a minha redação.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E21: Eu sempre vou no Google e coloco ali o que que eu quero. Aí o Google acaba que busca pra você, né. Então eu não tenho um site em si, assim, específico, sabe.*

**P1: Você sabia que existem sites gratuitos pra o ENEM e vestibular, que fomentam as informações. Por exemplo, na matemática tem um blog chamado Ferretto.**

*E21: Ah. Tá. Do professor Ferretto. É. Exatamente. Esse daí, eh a minha cunhada compartilhou comigo... Porque, assim, ela... o Ferretto ele também tem um... um... tsc... um estudo fechado, que você paga um valor lá X e você pode usa um ano aquele estudo dele lá. Não sei te ex... te coloca muito em palavras isso, mas acho que você entende, né.*

**P1: Sim.**

*E21: E daí ela... ela fez o cadastro, pagou por um ano e, como eu tava começando a estuda, né, no PVC, tava bem perdida na matemática, aí ela me passou a senha e eu estudei pelo curso que ela pagou. Ela compartilhou comigo isso. E foi justamente esse Ferretto, mesmo. Então, eu estudei pouco tempo assim, não foi muito. Foi ali no comecinho do... do ano, mesmo, só que eu estudei.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E21: Não. Não costumo ir.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E21: Eu jogo as palavras que tá assim na minha cabeça, tipo, eh, eu coloquei lá, por exemplo, né, vamo citar o exemplo de novo da redação, eh, 'como eu devo fazer uma redação de ENEM'. Daí ele já me busca várias... vários vídeos, várias técnicas, né, e daí eu fui entrando, sabe.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E21: Olha, raramente eu faço análise do site. Eu procuro assim, tipo, organiza naquilo que realmente vai entrar bem na minha cabeça, que eu vou consegui entende bem. Porque, quando vai pra muitos termos técnicos, eu já nem leio muito, sabe. Eu procuro ir pr'aquilo, como já muito tempo sem estuda, né [risos], você fica meio leigo em algumas coisas, então eu vou naquela... na... tipo... naquelas, eh, frases, textos que tão mais fácil pra que eu compreenda, sabe. Então é dessa forma que eu seleciono: mais fácil possível.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E21: Eu leio, né, várias vezes, pra grava bem, e também escrevo. Tenho um caderninho que daí eu vou escrevendo ali as coisas mais importantes, aquelas que eu sei que vo precisa volta no caderno, quem sabe, dá mais uma olhada.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E21: Sempre tá, eh, Como que eu posso te explica? Pra melhor fixa assim pra mim, por isso que também a importância de eu escreve, né, porque se, às vezes, eu esqueço de alguma informação que é importante, eu posso volta lá onde tá escrito e relembra. Então sempre tá buscando, assim, tipo, não fixou bem aquela informação, eu, quem sabe, ir de novo, estuda de novo aquilo pra fixa melhor aquela informação.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E21: Sabe que eu acho que hoje em dia, com tudo que a gente tem na mão, eu, pelo menos, acho difícil algum... existi alguma dificuldade. Basta que eu vá atrás da informação, né. Mesmo no período que eu estava sem o meu com... minha... meu celular e não te o computador em casa e eu precisasse muito de uma informação, eu poderia pega o celular do meu marido e acessa essa informação ou eu poderia ir na lan house. 'Ah! Tá, mas vai teve até a questão da pandemia e ficou um tempo fechado', liga pra alguém, 'ó, eu preciso de tal informação, você vê pra mim no Google?' Né, então, hoje em dia, eu acho bem difícil você ter essa desculpa. Você tem acesso o tempo inteiro a tudo o que você que, né. Então eu acho que não existe dificuldade, pelo menos pra mim, não.*

**P1: O bom é que você tem start: vou buscar, vou buscar com alguém.**

*E21: Você só não vai por duas coisas: preguiça e força de vontade. Porque a... se você teve força de vontade e não teve preguiça, você vai atrás. Não tem como não ir, né.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E21: Algumas coisas, sim; outras, não. Algumas, sim, pelo fato de ter parado de estuda um tempo, né. Dão muitos termos técnicos, algumas coisas assim eu realmente tenho, sim, dificuldade. Mas como eu te disse a gente vai a... igual no dia que eu tava atrás, né do... do... sabe mais sobre a redação, pra relembra algumas coisas. Então eu tinha esquecido sobre a palavra 'crase'. Eu tinha esquecido, aí eu perguntei pra o meu marido 'você sabe o que que significa crase'? Ele falou 'olha, eu esqueci. Faz o seguinte: pesquisa no Google'. Então eu fui lá no Google de novo. Então, tipo assim: você tem o problema e o Google tem a solução [risos]. Claro que você tem que sabe onde entra também, né. Mas, eh, é isso, acho que é isso. Consegui responde essa pergunta, né.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E21: Ó, no começo tinha, no começo tinha, sim. Mas depois que veio a pandemia, desregulou tudo minha questão de estudo. E daí como eu tenho os meus filhos, também, então eu estudava com eles, porque, como a minha pequena... ele, não, ele se vira, ele tá no sétimo ano, agora vai pro oitavo, esse ano ele vai pro oitavo ano, eh, e minha filha tava no quarto, então ela depende muito de mim. E as atividades que eu fazia com ela, eu ia na escola, buscava atividade e trazia pra casa. Então cara dá 15 dias eu levava pra escola [inaudível]. Então eu passava o dia, tipo, à tarde, assim, estudando com ela. Então acabou que eu não estudei, pra mim, [cita seu nome], né, dava uma passada aí na questão do... do cursinho, mas bem pouco, assim, sabe. Eu não parei, pra estuda. Mais no começo. No começo eu parei estudava às tardes, assim. De manhã eu fazia as coisas de casa e à tarde eu estudava e à noite i pro cursinho. Mas depois da pandemia acabo que eu estudei com minha filha só.*

**P1: Sua filha está em que ano?**

*E21: Agora... ela tava no quarto, foi pro quinto.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E21: Olha, eu vo se bem sincera, eu estudava muito pouco. Eu lembro que assim: quando tinha prova, aí eu me... estudava no dia da prova e horas antes da prova. Porque eu tenho uma questão também: eu esqueço rápido daquilo que estudo. Eu tenho que estuda bastante pra grava, sabe. E por isso que eu digo pra você que eu tenho que anota, porque toda vez que eu esquece, eu vou volta no caderno e vai tá anotado. Então quanto mais eu pude anota, melhor. Porque daí eu depois eu não soffro. Então demora um pouquinho. Eu gravo às coisa na minha cabeça, mas eu demoro um pouquinho, sabe. Eu tenho que tá sempre, sempre, sempre estudando. Então, eh, quando tinha prova, eu estudava um pouquinho antes de ir pra escola. Porque daí eu ia com as coisas bem fresquinhas na minha cabeça. Porque se eu estuda um dia antes, no dia seguinte eu já tinha esquecido tudo. Então eu procurava estuda bem perto da prova, assim, sabe. Eu não tinha um cronograma, tipo, tal horário eu vou pra só pra estuda. Porém eu sei que pra uma faculdade é totalmente diferente. Eu tenho que te muito tempo de estudo, né.*

**P1: Você usa decorar as respostas você, fica memorizando a resposta ou você elabora um texto a respeito daquilo com outras palavras?**

*E21: Coloco minhas próprias palavras. Eu não consigo decora tal resposta pr'aquilo. Eu pego as coisas importantes daquela resposta, que eu sei que são importantes, que eu não posso fugi daquilo, mas eu crio o meu te... o meu... a minha frase. Eu não consigo, eh, grava.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E21: Busca se aquilo realmente é verdade, né. Porque hoje em dia com essas fake news aí, muitas vezes, a gente acaba passando informação pra frente que é fake news. E, de início, eu confesso que eu até fiz aí de passa informação e nem ir a fundo, sabe. Mas, aí, uma outra cunhada minha, que também se importa bastante com essa de questão de informação, se a informação é verdadeira ou não é, né. Tudo isso, ela se importa. E daí um dia eu mandei pra ela um... alguma coisa sobre essa pandemia até, não me lembro o que era. E ela disse: 'isso é fake, isso não é verdade, você precisa pesquisa mais'. E a partir daí eu comecei me atenta um pouquinho mais, assim, sabe. E realmente vê se a informação é verdadeira. Se não for, que eu até delete, não passe pra frente, né, e esqueça. Então realmente procura sabe se ela é verdadeira; se se é confortável também de passa pra frente, porque tem coisas que é melhor que a gente nem... nem vá muito a fundo de algumas informações, né. E eu acho que sempre é esse o critério principal, né. Realmente vê as fontes, né, dessa informação.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E21: Em alguns assuntos, sim. Alguns assuntos quem sabe até quem que eu não goste. Porque esse negócio de vírus, dessa pandemia, no início eu gostava de vê, sabe. Eh, como era, como que ele se desenvolvia, enfim, estatísticas de... de pessoas que pegaram, quantos ficaram vivo, quantos morreram. No início eu gostava de sabe, mas isso foi me enfadando tanto, que hoje eu não... não gosto mais de saber, e o tempo todo tão falando disso, em tudo quanto é lugar, é na televisão, é no celular, é pessoas que mandam vídeos, né. Então, acaba que fica assim alguns momentos sobrecarregado. Em alguns aspectos, né. Já no caso, eu gosto muito da área da*

psicologia. Então, se isso falasse disso o tempo todo, tanto na televisão como no meu celular viesse mensagens, eh, já era uma coisa que eu ia gostar. Eu ia amar ter essa informação o tempo inteiro. Eu já essas outras coisas, política, eh, esse vírus, essas coisas, acaba que tá sobrecarregado.

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E21: Olha, eu ficava sobrecarregada. Só que não era, como eu disse, daí isso, por isso que é assim: eu tenho essa coisa. Se é uma coisa que eu gosto, eu amo ouvir sobre aquilo e quero ouvir mais e mais e ler e tal. Se é uma coisa que eu não gosto, eu fico irritada, e nervosa, dói minha cabeça, ataca enxaqueca, porque eu tenho crise de enxaqueca. Então, o dia que eu ia pro cursinho, que era sobre textos, sobre português, sobre ciências, dessas coisas assim, eu gostava. Eu vinha embora feliz, queria conta pra o meu marido, queria compartilha com o filho com a filha, de relembra também o que eu já estudei, né. Mas quando era matemática eu chegava muito irritada, muito nervosa, com dor de cabeça, odiando mais ainda a matemática. Então, é essa coisa, tipo, eu gosto desde que...eu... eu gosto desse excesso de... de... de... de informação, mas o que eu gosto. O que eu não gosto, aí ataca tudo. Ataca nervoso, dor de cabeça, tudo, sabe.*

**P1: Esse não gostar, por exemplo, da matemática e tal. Qual seria o estopim pra você desencadear esses sentimentos, que chegam a provocar dores? É um fundo de não saber, tem algum bloqueio, deficiência do ensino básico?**

*E21: Sim, eh, não eu tenho.. eu tenho já a resposta, porque realmente é isso. Eu tive um bloqueio com relação a matemática quando eu tava no se... na s... não lembro se foi a primeira ou a segunda série. Acho que foi a primeira, foi até a primeira série eu reprovei a primeira série. Pra você vê como me fez mal, né, psicologicamente essa questão de matemática. E daí ela vai causou um bloqueio, sabe, que eu não sei como eu preciso desbloqueia. Uma professora minha. A matemática, ela não entrava na minha cabeça, não entrava. O mais ou menos entrou perfeitamente. Como que não ia entra, né, uma coisa tão simples? Mas dividir e... a que... as continhas de multiplicação, menina, não entrava na minha cabeça. Não entrava, não entrava. E essa professora, no meio de todos os alunos – eu já era uma aluna muito quieta, não levantava nem pra pedi pra ir no banheiro - eh, ela me expôs, ela falou assim na frente de todo mundo: ‘poxa! Nada entra na sua cabeça’. Me chamou de burra, né, na frente todo mundo. Aquilo me deixou tão envergonhada que eu cheguei em casa muito mal. Minha mãe teve que ir na escola e tudo mais. A partir daí, eu criei um bloqueio não só com a matemática, como com a professora, porque ela foi minha professora... professora o resto do ano. Então eu não flui. O resto do ano eu não flui, porque a mesma professora me deu matemática o ano inteiro, então não saiu dá... não... não... não... não foi pra frente. Não foi. Eu simplesmente parei na matemática, sabe. eu passava assim no mínimo, na quarta série, quinta série, eu só... eu passava assim sempre... seis era a minha nota máxima, pro conselho de classe até muita vezes, de tão ruim que eu sempre fui na matemática. E daí eu criei uma coisa assim que eu não gosto de matemática. Mas eu acho que eu não gosto porque eu não sei – entendeu? Eu na verdade teria que fazer desde lá do comecinho. Desde criancinha, sabe. Porque até pra ensina minha filha. Eu não consigo ensina. Não consigo. Eu consigo ensina mais e menos. Agora se ela me pedi vezes e multiplicação, eh, vezes e dividir, não vai de jeito nenhum e eu fico nervosa, sabe. E [inaudível] Então, eu acho que foi uma deficiência que causou lá da infância. Acho, não, né. Certeza que foi.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E21: Olha, quando eu to bem assim, o melhor que eu faço é ir pra o meu quarto descansar dormi, porque amanhã é outro dia; amanhã a gente recomeça, né.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E21: Ah. Eu... eu acho que a minha maior dificuldade é a matemática, mesmo. Não tenho mais nenhuma outra, assim.*

**P1: Física e química você está bem?**

*E21: Ah. Sim... não... é... daí física e química acaba que fica na mesma linhagem ali da matemática, né. Então seriam, sim, esses três, aí.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E21: Busca a informação. Daí que eu te digo que o Ferretto entrava na situação, porque tava me ajudando, sabe. Quando eu chegar meio desesperada, assim, aí eu dava uma olhada lá, só que eu tava fazendo as aulas desde o comecinho com ele. Eu fiz desde continha de mais, de menos, sabe, e todo dia eu estudava um pouquinho, assim. Então isso tava me ajudando, por mais que, assim, o que era do cursinho já é mais avançado, né. São áreas que eu não passei. Então você pensa minha dificuldade com essa questão da matemática. Aí quando começou a engrenar, que eu fui 'agora vai'. Tipo 'vou conseguir pegar um pouquinho mais'. Aí começou a pandemia, então eu dei um declínio, de novo, sabe.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E21: Ah! Às vezes eu me sinto, quando tem muita coisa, né. Daí quem tem que... que direcionar o que que é melhor pra mim daí é eu mesma, né. Que eu sei que eu preciso, por exemplo, estuda. Vou passa o dia inteiro no Twitter, no WhatsApp, no Instagram, Facebook. Porque são muitos aplicativos. Se a gente for te todos, a gente não faz nada, nem come não come; você passa o dia inteiro na frente do computador ou com celular na mão. Então, quem tem que ditar as regras sou eu, né. O que eu quero, daí, pra mim.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E21: Olha, hoje eu acho que sim. Não to. Eu to meio a meio, assim. To prepara... tipo eu achava que não estava preparada pra primeira prova, mas eu achei que foi legal até a primeira prova e vou tira até uma nota legal. Agora, como a segunda são exatas, já é uma questão que eu não to tanto preparada, né, não estudei tanto, então não dou uma nota muito boa. Um cinco, eu acho, o máximo.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E21: Super negativa. Super. Se eu tivesse ido no PVC todos os dias o ano todo, até matemática eu ia me saí bem. Não ia te como eu não me sair, né, porque eu ia ter... ter tido mais informação ainda.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E21: Horrível. Não deu certo, nem pra mim nem pros meus filhos, porque eu tentei de tudo pra eles estudarem on-line que ia ser mais fácil pra mim, pra eu não te que ir busca atividade na escola. Não deu certo. Eles não tinham [inaudível]. Eu também acabava que não, porque [inaudível] conecta, como a gente tava sem computador. Conecta tudo no celular, não baixava aplicativo, não dava certo, nossa. Foi muito horrível, horrível. Não gostei. Graças a Deus que daí a escola, né, deles, eh fez as atividades impressas, então, pude busca. Foi isso que ajudou eles passa, porque senão eles tinham ficado, sabe. Se fosse pela internet, eles tinham ficado. Disso eu tenho certeza. Então, eu não gostei.*

**P1: Não se adaptou?**

*E21: Tem pessoas que fluem, né, tanto que tanta faculdade hoje, que você faz via on-line, né, mas pra mim isso não dá certo. Se for fazer uma faculdade on-line, olha, eu não vou durar nem primeiro semestre, porque eu não tenho uma regra, assim, tipo, tal horário eu vou parar, eu vou entra, eu vou só estuda. Não tem como, ainda mais você sendo mãe, né. Toda hora você tem que parar, você tem que arruma uma coisa arruma outra. Eu sou muito perfeccionista. Acho que enquanto eu não tiver com a casa toda organizada, eu não consigo pra fazer nada. Então acho que não ia flui um... nada pra mim flui na questão on-line.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente, incapaz, insegura em relação ao contexto da informação?**

*E21: Sim. Já me senti várias vezes.*

**P1: Você poderia citar alguns exemplos?**

*E21: Até mesmo no cursinho, assim. Assim que eu comecei, né, no cursinho, como já tava há muito tempo, sem estuda, quando chegou ali na questão de exatas, eu me senti, sim, insegura, impotente, até envergonhada, porque, já de uma certa idade, não ter tanta... tanto estudo, né. Tantos adolescentes que tavam ali fazendo o curso comigo sabia de tudo e eu tava assim um peixinho fora d'água. E não é culpa de ninguém. É culpa minha, mesmo. Não, não culpo ninguém. Eu culpo eu mesma, por não ter ido atrás dessas informações, não ter estudado, sabe, então hoje eu colho as consequências, né.*

**P1: Mas não pode se culpar, pois era criança, adolescentes...**

*E21: Faltou ali um pouquinho do incentivo dos meus pais porque eles também já vêm de uma questão que ninguém fez ensino médio. A minha mãe, ela terminou ensino médio ela tava casada, ela já tinha meus irmãos, sabe. Ela levava minha irmã pra escola. Então, eh, na minha família, infelizmente o estudo nunca foi prioridade, porque todos tiveram que ir pra roça cedo, sabe. Então sempre o que era prioridade era o trabalho, não estudo. Então ali na minha família ninguém tem conclusão, ninguém tem faculdade, sabe. Ninguém. E na do meu marido, a mesma coisa. Só um tio dele que decidiu se formar quando já tava com 40 e poucos anos e se formou, graças a Deus, ele é advogado, com muita dificuldade, trabalhando na roça, e um irmão do meu marido é só que é formado. O resto, infelizmente, só ensino médio. Então a gente vem de duas bases, assim, que estudo tanto faz pra eles, sabe. Mas, graças a Deus, eu e meu marido mudamos a chave da nossa cabeça e entendemos hoje a importância dos estudos, porque, daí, tanto nós quanto nossos filhos serão diferentes, né.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E21: Sim, já me senti, sim. Me senti vulnerável, sim.*

**E21: E qual seria o exemplo que você poderia citar?**

*E21: Deixa eu vê aqui. São tantos, né, deixa eu lembra. Ah!, Até mesmo agora com essa questão, aí, desse último ano, né, em vários momentos a gente se sente vulnerável, né. Uma situação de você não pode sair de casa, né. Você ter ali, como, eu cheguei numa situação, que eu acho que todo mundo. Você tem dinheiro pra compra, mas você tá tão vulnerável a sair pra rua, com medo, com medo tão grande*

daquele vírus, que parecia que ele tava no ar, que a gente ia pra rua pra comprar arroz no mercado e ia volta com o vírus, né. Então, foi um momento de muito vulnerabilidade do ser humano, de... de um modo, assim, mundial, né, digamos. Acho que todo mundo passou por isso nesse último ano, né.

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

E21: Eu acho que, assim, acho que se fosse pra suspender teria que ser tudo, né. Porque só o vestibular, né. Porque que só ficou o ENEM, né. Então, do mesmo jeito que vai ter um monte de gente fazendo o ENEM, ia ter um monte de gente fazendo o vestibular também. Então eu acho que poderia ter tido, sim, não precisava ter, eh, cancelado. Se fosse pra ter cancelado geral, que se fosse o ENEM também, porque quantas pessoas que não foram fazer ENEM? Por mais que muitos faltaram, teve muito, tipo, na sala que eu tava, muita gente não foi, muita gente. Mas, ainda assim, teve bastante aglomeração de uma certa forma, né. Então teria que ser de um modo geral, né. Mas já não cabe nós também, né. Mas a minha opinião é que, então, mantesse, porém, em uma outra data, com aquele cuidado de distanciamento e tudo mais, como foi no ENEM, né. E até teve algumas salas que teve... que estavam muito cheias e teve alunos que não puderam entrar, ficaram pra fevereiro, né. Então, acho que tudo dá-se um jeito, porque a vida já voltou ao normal, né.

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

E21: Então, com relação à pesquisa foi bem tranquila. Eh, achei super tranquilo, foi bom, assim, até pra eu desenvolver, né, algumas opiniões minhas, que muitas vezes de dentro de casa você acaba nem expondo muito algumas opiniões, né. Então, tive a oportunidade de... de expressar as minhas opiniões. Espero que te ajude aí na sua pesquisa. Te desejo tudo de bom também. E, assim, eu deixo, assim, um... um conselho pra todo mundo, assim, que corra atrás dos seus sonhos, dos seus objetivos. Eu achava que não ia ter mais jeito pra mim, porque parei tanto, de estuda, eh, não gostei de estuda um bom tempo da minha vida. Achava que não gostava e depois que eu comecei a lê, depois que virou a chave na minha mente eu comecei a me despertar pros meus estudos, comecei achar legal. Eu odiava lê, agora eu gosto muito de lê. Claro aquilo que eu gosto, né. Não... se colocasse colocar um livro de matemática pra mim lê, eu não vou gostar. Mas aquilo que eu gosto que me chame a atenção, Então, assim, que a gente sempre procure melhora cada dia, né. Nos torna pessoas melhores. Se tem a oportunidade de estuda, concluir os estudos, conclua. Faça uma faculdade, se você tem a vontade, nunca é tarde, como nós falamos, né. Nunca é tarde pra recomeça, pra estuda, pra procura ser alguém e somente soma aqui nesse mundo, né, porque a gente veio no mundo pra soma. Não só na nossa vida, mas do nosso próximo, também. E o cursinho do PVC me ajudou, mesmo que tão pouquinho, né, mas já me despertou pra muita coisa. Quando eu fui pra o cursinho, nossa, eu fiquei maravilhada, de novo com os estudos, chegava contando pra eles. Meu marido também quando foi pra faculdade chegava contando, muito feliz, assim. Que a gente já tava tanto tempo sem estuda que aquilo era... imagine e 30 e poucos anos, uma novidade, pra gente, estuda. E a gente tem que aproveitar, sabe. E foi tão bom assim essa... essa fase, que a gente, eh, desperta cada vez mais os nossos filhos, né, falando pra eles da importância que é os estudos, que eles têm, sim, que procura, eh, estuda, faz uma faculdade. Eu falo sempre pra eles que eles têm que ser alguém na vida, aí eles falam 'mas a gente já é', 'mas você pode ir além daquilo, né.' Então, todos nós temos um chamado também, né, em todas as áreas, a gente tem um chamado. Então que a gente corra atrás, não... não fique parado, né. Porque o nosso cérebro,

*ele... ele... o cérebro é muito safadinho, ele nos sabota, né. Ele gosta da tranquilidade, né, do de-não-ter-nada-para-fazer, mas a gente que por ele pra trabalhar, porque nós somos seres muito inteligentes, né. Deus nos fez assim, né, Na própria Bíblia diz que, eh, nós pode... nós devemos ser igual às formigas, que trabalham o tempo todo, estar ativo o tempo todo, né. Então, assim, é isso que eu deixo, aí, que a gente se desperte, né, pra ser pessoas melhores.*

## **ESTUDANTE 22 (E22)**

### **01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E22: Eu sou muito curiosa. Então, até hoje eu tava andando de carro com meu marido e a gente tava comentando que no alto mar o tempo estava muito feio. Até que uma hora que tava subindo muito E quando eu cheguei ali no centro tava comendo Chuva. Aí ele falou: 'Ah amor, é porque a gente está longe do mar.' e eu: 'Não, na verdade o mar está aqui no nosso lado, então não é por estar longe do mar'. Aí eu sou muito curiosa...Aí eu cheguei em casa e fui pesquisar o porquê que a chuva dá mais no litoral do que no centro da cidade. Então, eu busco informação com a minha curiosidade mesmo, posso dizer assim. Fiquei com curiosidade, vou ali pesquisar qual o motivo desse ocorrido.*

### **02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E22: É o conhecimento, né. É o conhecimento que vai me trazendo. Então, eu busco as informações, ou que nem eu falei, aumenta minha necessidade ou a minha curiosidade. Também se eu conseguia abrir mais a minha mente e ver mais informações de conteúdos que eu não tinha muita noção. Por assim dizer.*

### **03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E22: Tem que ser site? Eu gosto muito de livros. Eu uso muito mais livros do que a internet, na verdade. Tenho muitos livros de história aqui em casa. Livros do próprio pré-vestibular, eu tenho uns que consegui da UFSC. Livros de pré-vestibulares antigos da UFSC. Eu tenho livros que contam a história do Brasil... Agora não consigo lembrar o nome, mas conta a história do Brasil... Eu busco muito mais pelos livros do que pelos sites em si. Eu sou muito mais apaixonada em ler livros físicos do que no virtual. Não me dou muito bem com o virtual já. O site da UFSC que eu já abri bastante vezes. Tem um outro site também que passa algumas informações do ENEM, algumas questões, alguns conteúdos da prova do ENEM. Mas agora eu não consigo lembrar o nome dele. Eu acho que eu tenho ele salvo nos meus favoritos do meu computador.*

*E22: Tem bastante aplicativos, também, que fazem isso. Eu tinha um aplicativo, eu até desinstalei ele há pouco tempo, de questões do ENEM, que era como se fosse, digamos, um jogo. Parecia um jogo de perguntas, mas com questões que tinham caído no ENEM. Ai, tu escolhe a alternativa da questão que você achava que estava correta, mandava a resposta e eles te respondiam se estava correto ou não. Se não estava correta, eles explicavam por que a questão estava incorreta.*

### **04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Quando fazia o ensino médio e cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza ou utilizava?**

*E22: Até hoje eu vou na Biblioteca Pública daqui de Floripa. Eu sou muito apaixonada por livros. Então, quando eu to no centro e eu consigo dar um pulinho e vou ali buscar um livro que eu tenho interesse, ou quando eu preciso matar tempo, tipo 'Ah, falta uns 40 minutos para começar o meu médico' ou alguma coisa assim, eu vou parar lá só para ler algum livro ou matar algum tempo dentro da própria biblioteca. Até hoje eu tenho costume de frequentar ela, então.*

### **P1: E os serviços da biblioteca você chegava usar?**

*E22: De livros emprestados e o espaço, né. Eu usava o espaço deles para matar tempo, digamos assim.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação? Usa texto, áudio?**

*E22: Bom, eu pega o tema da busca, certo? Eu boto no Google... Eu gosto muito daquele que é o... Aí... Porque agora me fugiu tudo... Brasil Escola, se eu não me engano, é um site que tem que eu gosto muito de buscar. Só que normalmente eu não busco só em um site. Eu gosto de abrir vários sites diferentes, pegando as informações, porque sempre tem um que tem mais dados que o outro, ou alguma informação diferente do outro. E então, para identificar aquelas brechas tipo: 'Ah, mas não entendi muito bem esse pedacinho aqui, tá faltando alguma informação', eu busco em outros sites. Para completar a pesquisa, né. Para completar a minha busca. Então, eu acabo buscando em bastante sites.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E22: Então, dependendo de para que que é a pesquisa, se é para uma escola, se é para um projeto, para algo do tipo, eu busco a fonte sim. Nem todas, porque tem alguns que são bastante fontes ali. Então, eu acabo optando por uma outra, abro elas, pesquiso sobre e vejo de onde vem aquela informação, que está nessa pesquisa. Eu também gosto muito de perguntar para os professores. Eu tenho até hoje alguns contatos com os professores, meus. Pergunto os sites confiáveis que eu posso usar. Já me descartaram 100% a Wikipédia, já falaram que não sai de bom para fazer pesquisa. Então, eu vou muito pela avaliação de outras pessoas sobre os sites que eu uso.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E22: [Repetiu a pergunta]*

**P1: Por exemplo: você imprime? Você resume? Você faz post-it?...**

*E22: Não. Eu gosto muito do mapa mental. É 'mapa mental' que se diz, né. E dependendo... tipo assim: 'Pesquisando sobre mar', um exemplo... Aí, eu começo a fazer ali um mapa mental do mar, e se aparecer alguma palavra, algum conteúdo, algum tema dentro desta pesquisa que eu não tenho conhecimento, eu marco no post-it, deixo sempre em vista, normalmente eu penduro até na própria tela do computador, ou no monitor em volta, e depois eu vou pesquisar sobre aquilo que eu marquei no post-it. Então, digamos, eu estou fazendo uma pesquisa sobre mar e apareceu 'nuvem'. 'Ah, não sei o que que é 'nuvem'', vou ali ponho no post-it, deixo de lado. Quando eu terminar minha leitura, minha pesquisa sobre o mar, eu vou buscar aquele tema que me deixou com dúvida.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E22: Eu gosto de fazer muito aquele... o resumo... o resumo não... Como é que se fala? Tipo, fiz a pesquisa, terminei ela, fiz, digamos, há uma semana atrás aquela pesquisa, e depois de um certo determinado tempo eu volto naquela mesma pesquisa e leio sobre o mapa mental que eu fiz, ou leio sobre as informações que eu fiz naquela pesquisa. Não sei se estou responderia à pergunta. Então, é uma revisão. Revisão, essa é a palavra. É que eu acredito que a minha cabeça é muito mais visual do que outra coisa. Então, eu tenho que olhar várias e várias vezes para o mesmo conteúdo, para a mesma folha, para o mesmo documento, até eu conseguir começar a querer memorizar, a querer aprender sobre aquela informação ou sobre aquele tema.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação?**

*E22: É ter a confiança da onde estou buscando, né. Isso já é bastante dificuldade, porque não adianta eu buscar um site onde qualquer pessoa escreveu qualquer coisa e não ser verdade. Então, eu acho que a fonte é uma grande dificuldade que a gente tem hoje em dia. E dentro dos livros, é que nem eu falei, muitas vezes a informação fica incompleta, ou eles abreviam muito sobre aquele assunto e coisas desse tipo.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação que está disponível na rede, em alguma apostila ou em algum livro?**

*E22: Dependendo conforme está escrito, conforme o contexto do texto ou da frase, às vezes eu sinto dificuldades, sim. Principalmente quando tem alguma palavra diferente ou coisa desse tipo. Daí tu lê uma palavra e tu não sabe o significado, aí tu já meio que se perdeu no meio do texto inteiro por causa de uma palavra só.*

**P1: Nesse caso, quando há dificuldade em alguma palavra, você recorre às algumas outras obras?**

*E22: Eu recorro, como diz minha mãe, ao ‘amansa burro’, que é o famoso dicionário. Eu gosto bastante to dicionário.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E22: Ah, então, esse ano eu tentei fazer algo diferente. Antigamente eu estudava no período da noite. Eu acredito que eu seja mais disposta no período da noite. Agora, eu estou tentando manter minha rotina de estudos no período da manhã, assim que eu acordo. Então, eu acordo, tomo meu café, e vou sentar na frente de um livro, ou às vezes vou senta na frente do celular para ver um documentário, ou alguma vídeo aula. Então, meu período de estudo, hoje em dia, é no período da manhã após o café, eu fico em torno de 2 horas estudando, dou um intervalo. Depois eu volto mais uma horinha, 1 hora e pouca e paro. E é isso de ficar pesquisando em cima. Mas ao longo do dia eu gosto muito de ficar lendo. Então, se eu estiver lendo sobre a Guerra Fria, que até então é um dos livros que eu terminei há pouco tempo, eu vou continuar lendo esse livro no final do dia, até eu conseguir entender o tema ou entender do que se trata esse assunto. Então, para mim, a leitura está sempre muito no meu dia a dia. Eu acabo estudando mais em cima dos livros, entendeu? Então, um livro está sempre grudado comigo. Então, aonde eu vou sempre tem um livro comigo, não importa onde eu esteja, tem um livrozinho comigo.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E22: Então, antigamente era meio que uma bagunça. Vou ser bem sincera. Ai, ano passado eu tive um... Eu acho que foi o professor Anderson, se eu não me engano, professor de português de quando entrei no PVC, e ele falou para a gente ter uma meta. Tipo: ‘Pega segunda-feira, e segunda-feira estuda só português’ um exemplo, ou ‘só exatas’. ‘Ah, na terça-feira tu vai estudar só essa matéria’, então eu tento separar por tema dentro do meu dia a dia. Então eu digo: ‘Ah, segunda-feira eu vou estudar só esse tema aqui, ou esse tipo de conteúdo’ para mim não me confundir.*

**13. P1. Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E22: É que nem eu falei antes, né. Eu busco uma fonte confiável. Então, eu sempre, quando algum trabalho, algum documento, alguma coisa mais séria, busco pedir ajuda para outras pessoas que eu tenha a noção que consigam me responder. Ai, eu acho*

que esse 'avaliar criticamente' também entra bastante, porque, que nem eu disse, né, eu abro vários e vários sites do mesmo tema, para mim começar a avaliar. Detalhe por detalhe. Ver o que realmente consiste em todos os sites e todos os textos que eu li, para ver se realmente é verdade, se não estão... É isso.

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

E22: Eu acredito que sim, né. Principalmente para o ENEM, ou para uma UFSC, porque tu tem meio que saber um pouco de tudo. Então, se tu não tentar buscar um pouco de tudo, se não botar este peso em cima... porque praticamente é um peso em cima do nossos ombros... tu não vai conseguir ir ao alcançar a métrica desejada, né. Então, tu acaba precisando entender um pouquinho de tudo. Tanto coisas do dia a dia, quanto a escola, conteúdos escolares, como política, como cultura. Então, tu tem que estar no meio disso tudo. Se tu não tiver no meio disso tudo, então infelizmente, no meu ponto vista, né, tu acaba não conseguindo conquistar os seus objetivos. Isso é até uma coisa que eu tento melhorar em mim, porque eu não suporto política. Só que a gente é brasileiro, a gente trabalha dentro de uma sociedade, então a gente tem que ter o mínimo de noção de política. Então, esse aí seria um exemplo que eu poderia dar.

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

E22: Vontade de sair correndo encaixa nisso tudo?

**P1: Encaixa, com certeza.**

E22: Dá vontade de sair correndo. Dá vontade de levantar os bracinhos para cima e sair correndo que nem uma doida pela rua. Muita pressão. E eu fico muito esgotada, né. E emocionalmente, vez ou outra, eu fico muito abalada. Porque tu tenta, tenta, tenta e fica, no meu ponto de vista, to sempre patinando no mesmo lugar, porque já fiz determinados ENEMs, já fiz determinadas provas da UFSC, para vestibulares da UFSC né, e acabo nadando, nadando, nadando e não saindo do lugar. Então, eu acho que fico muito esgotada emocionalmente, triste também. E na condição física eu realmente tenho vontade de sair correndo. O corpo pesado, o corpo cansado. Tenho muita dor de cabeça, tenho muita enxaqueca, então quando eu começo a ficar estressada, eu começo a ficar triste ou algo do tipo, a minha enxaqueca já ataca. Então, isso já é um sinal do meu corpo falando: 'Opa, vai devagar que não está legal! Para um pouco, respira e depois tu volta.'

**P1: Como é a questão ergonômica do seu ambiente de estudos?**

E22: Olha, dor na nuca eu sinto bastante. Eu acho que a cabeça fica muito baixa. E eu tenho muita dor nos olhos, então eu acabo usando óculos para descanso hoje em dia. Agora, nas costas eu não tenho muita dor não. Eu acabo tendo uma postura mais retinha com a coluna, só com a cabeça mesmo que quase nunca, o pescoço dobrado muito tempo. Acaba machucando.

**P1: E o seu ambiente de estudo você considera bom?**

E22: Olha, eu tenho uma escrivaninha, então é uma escrivaninha só para estudo e eu tenho uma cadeira só para estudo também. Minha cadeira não é da mais confortável, mas também não é ruim, não me prejudica. Então, posso dizer que sim, é um lugar bom, é um lugar confortável para eu estar estudando.

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

E22: Então, é meio contraditório, digamos assim. O meu meio de escape é a leitura. Então, se eu estou sobrecarregada, se eu to ruim, qualquer coisa que está me acontecendo, eu pego meu livrinho e vou para dentro do mundo do livro. Que ali dentro não tenho perigo de me machucar. Eu fico ali dentro do livro lendo bem tranquilamente. Então, eu posso dizer que eu pego o meu livro, vou para um cantinho

que eu me sinta confortável. E fico lendo vez ou outra na cama, e vez ou outra até no meu quintal, que eu tenho um terreno bem bom, debaixo de uma árvore, tipo assim, para tenta me aliviar, né. Então, eu meio que saio de cima dessas informações todas e vou buscar mais informações dentro do livro que eu estou lendo. Mas, para mim, eu consigo me aliviar.

**P1: Mas além disso, o que você faz? Por exemplo: ouve música, assiste um filme, dá uma caminhada?**

*E22: Até um tempo atrás eu fazia karatê. Então, meu meio de escape era karatê. Depois de um tempo para cá, parei de fazer karatê, e minhas atividades físicas pararam. Então, eu posso dizer que eu assisto um seriado. Mas, normalmente, algum seriado que eu já tenha visto, porque eu não tenho paciência para ver algum conteúdo novo na minha frente. Então, buscar algum seriado que eu já tenha visto, ou filme que eu já tinha visto, só para ficar tocando ali enquanto eu estou deitada relaxando, ou quando estou sentada relaxando.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação?**

*E22: Eu vou dizer no hoje, no caso, de hoje mesmo, no presente momento. Eu acho que fica mais difícil agora que a gente está estudando via internet. É que nem eu falei, o pré-vestibular lançou aulas para a gente on-line. Aí, o professor dá algum conteúdo, alguma informação. Você tenta fazer essa atividade, ou você tenta ler aquele texto. Tenta estudar aquilo que ele passou e tu fica com alguma dúvida, tu não consegue entender, não consegue resolver a questão. Aí, eu paro para perguntar e vou perguntar para quem? Vou perguntar para o professor, certo? Só que via on-line hoje em dia, no meu ponto de vista, não me ajuda tanto, porque eu não consigo me expressar direito para mostrar onde está a minha dúvida, e muitas vezes mesmo ele mandando a resposta para mim eu não consigo entender a resposta dele, não consigo entender a explicação dele. Então, isso acaba interferindo bastante no hoje, considerando hoje. Agora, antigamente quando eu tinha alguma dificuldade, eu sublinhava, eu marcava, eu escrevia no cantinho e eu apresentava para os professores. Porque eu sempre tive acesso a bons professores, que eu sei que eu poderia pegar aquela minha dúvida e levar a ele, que ele iria dar um jeito de me explicar. Se ele não soubesse me explicar, ele iria buscar mais informações sobre esse determinado tema, e depois iria me trazer a resposta, ou iria tentar me ajudar, por assim dizer. Então, eu digo que eu tenho mais dificuldade hoje em dia, porque antigamente eu não tinha tanta dificuldade assim.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E22: O que eu faço para superar essa minha dificuldade? Pois agora, eu não consigo lembrar... Eu busco informações na internet, o que é o meio que a gente tem hoje em dia, né. Eu tento... eu não sei... não consigo lembrar.*

**P1: Mas tenta resolver sozinha? Tenta ler? Tenta escrever? Tenta dialogar com mais familiares?**

*E22: Sim. Quando eu acabo não entendendo alguma coisa que eu estou lendo, to tendo alguma dificuldade, eu apresento muitas vezes para minha mãe. Gosto muito, minha mãe sempre me influenciou muito nos estudos. Mostro para ela, perguntou se ela conseguiu entender sobre isso. Ou meu irmão, meu irmão é muito bom em matemática, muito bom física, essas coisas assim. Então, se eu estou com alguma dificuldade em alguma coisa dessa área, eu pergunto para ele se ele consegue me ajudar, se ele consegue me explicar. Eu acabo recorrendo a família. Que nem foi, né, muitas vezes pela própria internet, tipo vídeo aulas... Dando um jeito de correr atrás do prejuízo.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E22: Eu posso dizer que sim. Não sei se prejudicada, porque informação nunca é demais, né. Mas, muitas vezes tu acaba confundindo algum tema que é parecido com outro. Então, 'Ah, esse aqui não era determinado desse tema, era de outro tema, era de outro assunto. Não era desse'. Então, às vezes eu acabo me confundindo com muitas informações, eu acabo misturando. Por isso que eu tenho sempre que está revisando, o que eu já aprendi o que eu estou estudando, eu tenho que estar voltando e revisando de novo. Então, eu acho que é isso.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E22: Hoje em dia, eu posso dizer que eu me sinto uns 80% preparada. Os outros 20% é sempre em segurança que a gente tem. 'Ah, não estudei tudo que eu tinha que estudar... Ah, não pesquisei tudo que eu tinha que pesquisar... Ah, eu não to tranquila, eu to nervosa, estou ansiosa'. Coisas desse tipo.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E22: Eu posso dizer que foi negativo. Porque antes eu tinha, que nem eu falei, né, eu tinha presença dos professores, principalmente, para tirar dúvida, eu tinha o apoio do PVC para passarem conteúdos... Digamos, dar uma linha reta para tu seguir, hoje em dia eu acabo fazendo muitas curvas. Tipo, ah, eu estudo sobre isso, mas eu me desvio um pouco para o outro tema, e me desvio para outro tema. Ali dentro do PVC, com apoio dos professores, acabavam botando uma linha reta para te. Então, a pandemia atrapalhou bastante nisso, mas como eu tenho meios de internet, meios de conseguir livros eu acabo não sendo tão negativa assim, não tenho muito essa negatividade em cima. Eu não sei nem te explicar.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E22: Horrível. Eu não me dou bem com tecnologia, não gosto muito da tecnologia. Então, esse negócio de tentar buscar coisas mais pela internet mesmo, me atrapalhou bastante, porque é uma ferramenta que eu não tenho muito o hábito de usar. Eu prefiro os livros, que nem eu disse. Antigamente, eu conseguia buscar um livro na biblioteca pública, ou aqui na própria escola, ali do Rio Tavares, que tem a biblioteca e eles também ofereciam livros para os alunos. Então, não gostei, não gostei mesmo de estudar on-line. E também é uma coisa que eu tenho que ter uma rotina própria, né. Então, antigamente eu saía de casa ficava 4 horas. Então, eu saía de casa botava na minha cabeça o que? 'To saindo de casa, vou ficar 4 horas fora. Essas quatro horas vou ficar dentro de uma escola. Eu to indo até essa escola, é para mim estudar.'. Não tem para onde eu fugir, vou fazer o quê nessa escola? Não tem para onde fugir. Agora, em casa não. Tu tá ali estudando, chega um amigo seu e acaba chamando a tua atenção, ou acaba te tirando de dentro de casa. Ou tu tá ali e tem que resolver algum problema que apareceu no meio do dia. Então, isso acaba me desfocando bastante.*

**P1: A rotina da casa também te ocupa bastante? Isso te atrapalha?**

*E22: Sim. Acaba atrapalhando, porque a casa para organizar. Mesmo tendo ajuda dentro de casa, não posso dizer que atrapalha 100%, mas a gente sempre tem as nossas tarefas, que muitas vezes ficam pendentes. Tipo, as minhas roupas eu que lavo, então eu acabo deixando as minhas roupas acumulando. Então, 'Ah, hoje eu tenho que lavar roupa', eu fico ali lavando roupa. Eu tenho que fazer a janta ou fazer um almoço. Então, isso acaba tirando o nosso tempo, né. Desviando o nosso foco um pouco.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E22: Eu acho que é que nem eu falei antes. O acúmulo de muita informação aqui acaba me atrapalhando bastante. Ah, eu misturo muito as informações. Mas, impotente em si, eu acho que não. Só essa confusão que eu mesmo trago para mim, sabe.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E22: Já. Eu já sofri falta, sim, de informação. Porque até pouco tempo atrás eu não tinha internet em casa. Então, só fui ter internet depois, já, de muito grande, posso dizer assim. Então, nesse período eu senti, sim, vulnerável pela falta de informação, porque, quem nem eu disse. Eu busco muito pelos livros, certo? Mas tem determinados conteúdos que eu não consigo encontrar no livro que está em acesso para mim, ou que eu não consigo buscar aquele livro naquele determinado momento. Então, a internet é um meio de escape. Eu estou aqui dentro de casa e me apareceu alguma dúvida ou alguma coisa que eu preciso buscar pela informação e eu não tenho o livro sobre o determinado tema que eu preciso, eu vou ali e digito na internet e em menos de segundos aparece a resposta para mim, ou aparece sobre o conteúdo. Então, nesse período que eu estive sem internet eu me senti, sim, vulnerável.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E22: Eu vou ser bem sincera. Eu até me sinto feliz, porque eu me dou mais bem com a prova do ENEM do que com outro vestibular que eu já prestei, tipo vestibular da UFSC. Então, eu me sinto bem com essa mudança que teve. E também eu acho que o ENEM acaba facilitando mais... [cachorro atrapalha]... O ENEM acaba facilitando mais a gente... para o estudante, acredito eu. Não facilitando de dar resposta em bandeja ou coisa do tipo. Mas o jeito que eles preparam a prova, o jeito que eles mudam a prova, eu acho que consegue abranger mais para os alunos, consegue abraçar mais alunos. Porque é o meio que a gente normalmente usa dentro das escolas públicas, pelo menos nas que eu passei. Então, tu tá acostumada a responder determinada questão, tu tá acostumada com o formato que a prova veio. Já com o duma UFSC é meio diferente. Então, a pessoa pode estar se confundindo mais vezes, fica mais assustada, porque: 'Ah, é um modelo de prova que eu nunca fiz' ou 'É um modelo de prova que eu raramente fazia'. Então, eu acho que acabou ajudando. Pelo menos, para mim, me ajudou bastante, usar mais o ENEM.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E22: Primeiramente, eu gostaria de agradecer pela pesquisa. Eu achei muito legal, muito interessante, achei muito boa, muito legal participar. E eu acho que as pessoas, em si, deveriam valorizar mais os cursinhos pré-vestibulares, porque eles acabam fazendo grande diferença. Principalmente para estudantes da rede pública, porque, bom, no meu ponto de vista, a rede pública no Brasil está muito quebrada. Falta muita coisa para ser uma rede capaz de concorrer com pessoas de escolas particulares. Então, o PVC é um exemplo, né, acaba conseguindo dar mais segurança ao aluno.*

*Ele mostra que a gente é, sim, capaz. E que tem gente aqui lutando pelos nossos direitos, juntos com a gente. Então, acho que a gente deveria agradecer muito pela existência dos pré-vestibulares comunitários, né. Bom, eu acho isso mesmo. Acho que é mais focando no pré-vestibular comunitário. Eu acredito que a gente tenha que continuar buscando este direito, não deixar tirar isso da gente. Tentar ajudar os cursos que tem a nossa volta o máximo possível. Porque um curso, também, não se monta sozinho. Ele precisa de apoio, precisa de ajuda, precisa de divulgação. Ele precisa de gente batendo o pé e dizendo: 'Não, isso é que é nosso direito. Não vão tirar isso da gente.'. Então, eu acredito que eu queira complementar isso mesmo... é agradecer pelos cursos pré-vestibulares comunitários. Eu acho que é isso. Não consigo pensar em nada mais complexo, mais composto para se falar.*

### **ESTUDANTE 23 (E23)**

#### **01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E23: Eh, quando eu tenho alguma dúvida, por exemplo, 'ah! Como escrevo tal palavra' ou eu não lembro de algum, eh, do contexto de algum fato histórico que eu to ali estudando, eu ouço falar e daí eu procuro na internet, eh, o significado ou informações sobre. Ou até mesmo, né, navegando pelo Youtube, às vezes aparece aí um... a recomendação de algum vídeo que eu acho interessante e eu acabo, eh, vendo.*

#### **P1: Isso ocorre diariamente?**

*E23: Eu diria que sim.*

#### **02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E23: Acho que seria a partir de uma curiosidade, mesmo. Então, quando eu vejo alguma coisa que eu não sei e o... isso me desperta uma curiosidade, eu vou buscar algo sobre.*

#### **03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E23: É, utilizo bastante o Youtube pra, pra ter acesso a videoaulas. Então, alguns canais, assim, que, que eu lembro, seria um canal de física, do Professor Boaro, que inclusive é recomendação de algumas aulas que a gente ao longo desse ano do PVC, EAD, né; teria o canal da Débora Aladin; eh, tem um canal que é de curso vestibular, pré-vestibular, que é o Me Salva; alguns canais de matemática, mas eu não lembro o nome; eh, tem uma plataforma do Estude, que liberou gratuitamente nesse ano, por algum período, então assisto algumas videoaulas lá também, e sites em geral, tem um bastante famoso, quando preciso alguma coisa, Brasil Escola, né, pruma informação mais rápida; eh, o próprio Wikipédia é interessante às vezes pra saber algo, assim, sem muita profundidade. Seriam, seriam esses, acho.*

#### **04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E23: Quando eu tinha... eh, na minha instituição tem uma biblioteca então eu fui algumas vezes lá. EU não sou um grande frequentador de biblioteca, não. Mas já cheguei a utilizar da minha própria instituição.*

#### **P1: E qual era o serviço que você utilizava?**

*E23: Eh, a locação de algum livro, né, tanto para leitura obrigatória pras matérias quanto alguma de interesse ou então est... eh, estudar junto com os colegas alguma matéria, que... pra alguma prova e etc.*

#### **05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E23: Ah! Perfeito. Eu gosto de lê. Eh, eu obtenho... eh, retenho informação lendo e também gosto do audiovisual, que seria através do vídeo. São... são duas maneiras assim que são rápidas, digamos assim, e que dão efeito, pra mim.*

**P1: E na estratégia de busca você usa palavra-chave, por assunto, escreve ou faz pergunta de áudio?**

*E23: Eu escrevo. Escrevo algumas palavras-chave sobre o assunto.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E23: Eh. Como, eh, no IFSC a gente tem... Eu estou inserido na vida acadêmica, pra mim, sou um estudante, então, tenho experiência em pesquisa pra realização de trabalhos e estudos etc. Então basicamente eu procuro, eh, por exemplo, quando eu pesquiso algum assunto que tem no Brasil Escola, que é um site digamos, de conteúdos, assim, mas que não é tão profundo, né, que dá um panorama geral sobre aquele assunto, então, eu leio aquelas informações e, tipo, 'ah! Ok. Essa é uma noção geral sobre o assunto'. E quando precisaria de algo mais específico, eh, por exemplo, 'ah! saber mais a fundo sobre aquele fato histórico' aí eu recorreria a algum artigo científico sobre aquele determinado assunto. Mas, por exemplo, então, no Wikipédia, como eu falei, é uma pesquisa que eu uso não pra, por exemplo, pra responde um... uma avaliação ou um trabalho tu pra estudar pro ENEM. Seria uma coisa mais de consulta, mesmo, por exemplo, 'ah! Cita aqui sobre a Revolução Industrial, porque aconteceu um negócio que eu posso usa nessa diálogo, mas eu lembro qual que é, se a primeira, a segunda ou a terceira que teve a máquina a vapor. Daí eu vo lá no Wikipédia que é o primeiro site que aparece, que geralmente tem muita informação lá e 'ok. Foi em 1850', daí eu vo lá... é pra isso que eu uso tipo o Wikipédia, algum blog, assim, então, tipo uma informação que é mais por curiosidade não por certeza, daí eu acabo utilizando o Wikipédia que é acesso eh, né, que é um, eh, enfim, tem um mecanismo dele próprio... um mecanismo de funcionamento. Algum blog, talvez, poderia ser interessante, sim, uma informação mais por curiosidade, assim. E os próprios canais do Youtube que já são, digamos, que famosos. O próprio Me Salva, então o conteúdo que eles passam lá passa por todo uma triagem lá da equipe, vários professores e etc.*

**P1: Você faz uma análise crítica das informações e das fontes?**

*E23: É... é que depende o assunto, né. Quando seria uma notícia, daí a gente tem que ficar um pouco mais atento a essa questão da fake news, eh, e fatos históricos também, mas como eu considero esses sites que são, digamos os mais famosos, são os mais acessados e são até informações que, eh, por exemplo, eu lembro de algumas coisas da... que eu já estudei e eu vou ali, né, eh, preciso relembrar daquilo, então já tenho uma noção. Então, por exemplo, eu lembro de algumas coisas sobre a revolução, que daí, quando eu leio, relembro aquilo. Se tem alguma coisa que me foge, né, do que eu lembro, daí eu já fico com o pé atrás e, se eu tiver curiosidade e procuro mais a fundo. Mas é sempre bom, por exemplo, a própria Wikipédia, a questão da fonte, eh, eh, vem à tona, né, porque como, eu escrevi o nome da forma como é, mas qualquer um pode escrever, digamos, assim, né. Então, não tem como tu te uma certeza muito grande daquelas informações, então o ideal, [inaudível] na informação da Wikipédia, que tem... teoricamente é pra te uma seguridade, uma confiabilidade maior do que ali, no próprio site.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E23: Eh, como, digamos que o foco do estudante, ele ah! Estuda para passar no vestibular', né. Então, meu primeiro objetivo é esse, né. Por exemplo, se eu tiver estudando, eu procuro a informação, então, eu faço algumas anotações na busca de entende aquilo, relembra, né, porque muitas coisas a gente já viu, então, relembra e tenta fixa aquele conteúdo, né. Mas, de modo geral, apenas, assim, quando não é pra estudo mesmo, eu leio, eh, eh, absorvo aquela informação e... e utilizo, digamos, por*

*exemplo, se é numa conversa que vou usa, eu vou lá e utilizo na conversa; se for só uma curiosidade: 'ah Ok, então não era isso que eu achava', 'ah! Era que eu achava' e fica por isso mesmo.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E23: É, na verdade... A... a busca de melhora aí é uma luta consigo mesmo pra tentar, digamos, manter, né, porque ao longo desse ano eu tive vários altos e baixos, aí, de foco nos estudos. Então, basicamente a minha luta é manter um padrão de estudos, né, seria, aí, a minha busca pelo meu melhor desempenho, que seria, por exemplo, estuda um pouco sobre cada matéria todos os dias. Eu acho que seria a minha.... seria a minha busca meu melhor desempenho, né. E com isso entra a leitura, a utilização do audiovisual e a... né, e a manuscricção das informações, que são três métodos, aí, que, eh, às vezes ajudam a fixar o conteúdo e, às vezes, tipo é mais rara... acontece mais raramente, explicar esse assunto ora alguém, que dizem lá que quanto tu ensina alguma coisa, o teu padrão de absorção daquele conteúdo é um dos mais altos.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E23: Uma dificuldade que eu lembrei agora, assim, que eu posso citar, é, por exemplo, uma interpretação de algum fato histórico, eh, geralmente que remete à atualidade, por exemplo, 'ah! A ditadura militar. Ah! Foi boa ou não foi?' A ideia que eu tenho, que eu já aprendi na escola, que foi um movimento muito autoritário, né. Mas aí a gente vê em contrapartida um grupo de pessoas que... que quer a volta disso. Daí qual seria a dificuldade, né. Eh, procurar informações que não... eh, que não necessariamente mostrem os benefícios, mas que possam dialogar um pouco, eh, e mostrem essas diferentes interpretações pra buscar entender 'ah! O porquê que... que fala que foi bom, né. Ah! Talvez aí um desenvolvimento econômico, que teve. Ah! Ok. De certa forma isso é bom né, mas tem outras dessas coisas ruins. Então, acho uma dificuldade, às vezes é quando tem uma... uma coisa muito pontual, assim, tipo, 'nossa! O que que aconteceu naquele dia na história lá? Será que Dom Pedro tava em cima de um cavalo, mesmo, quando ele falou?' Né, quando tem essa interpretação, né, que eu lembrei agora é sobre história, então quando tem essa interpretação histórica é que pode variar muito, né. Então, 'ah! Será mesmo?' – uma coisa que eu lembrei aqui que ouvi num podcast uma vez foi uma discussão sobre 'será mesmo que a Inglaterra, eh, influenciou muito na Guerra do Paraguai?' Né, tipo, por um lado parece que não, e só tava aí no financiamento. Mas tem um outro lado que diz 'nossa! A Inglaterra é... foi o, tsc, a coisa crucial, ali que determinou a vitória do... da... da ali... dos aliados, da aliança, não lembro, da Tríplice Aliança, enfim. Algo desse tipo, assim. Então, às vezes em quando... dependendo do tipo de informação é difícil achar ali algo muito pontual, assim, que tem um... 'ah! Isso... certeza que é isso', né. Acho que meio... as nuances aí.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E23: Olha, eu me sinto bem, até, digamos, privilegiado, porque eu tenho um fácil entendimento das informações, assim. Eu sempre prestei muita atenção nas aulas, desde o meu ensino fundamental, então eu me lembro de uma boa parte das coisas, então, quando eu re... basicamente estudar pro ENEM é revê coisas que eu já vi, né, a maioria. Então eu: 'poxa! Eu lembro disso aqui, que interessante, relembrei'. E aqueles que eu realmente não sei, aí eu tenho que me... me debruça e estuda um pouco mais, assim, lê e faz alguns exercícios pra busca compreende, mas eu me considero como uma pessoa que tem uma fácil compreensão das informações.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E23: É. É como eu disse antes, a luta é tentar manter um padrão, então quando eu consigo estabelece ali um padrão, por exemplo, durante a quarentena, onde as minhas aulas do ensino médio, elas se... se interromperam e o PVC tava ali, eh, tentando se adaptar a essa questão do EAD, eu montei uma planilha de estudos onde, 'ah! Das duas às cinco horas eu vou estudar na segunda-feira esse assunto e esse assunto, daí na terça esse outro e esse outro'. E f... então, tipo, eu me organizo assim, eu... quando eu preciso mesmo estudar algo eu separo um horário do meu dia, eu meio que me organizo assim, numa planilha ou até mentalmente, tipo: 'ah! Eu tenho uma prova na sexta, sobre tal matéria, então na quinta-feira à tarde eu vou me dedicar pra essa matéria, pra... pra eu rever e fazer uns exercícios'. Então, seria basicamente isso. Daí, né, eu uso da leitura, da videoaula, da... do resumo, pra... pra poder absorver essa informação.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E23: É. A dificuldade que eu tenho é escolher o con... que eu tive, na verdade, era escolher qual o conteúdo de cada matéria eu ia estudar no dia, por exemplo. Então, quando eu tava ali mais por conta, estudando mais por conta própria, o que eu fiz foi pegar uma... uma grade lá de qual... quais matérias que caíam, né, que eram cobradas na prova do ENEM e eu... eu ia estudando na ordem que tava lá. Então, por exemplo, matemática vai cair função primeiro grau, função segundo grau, função... eh, etc. Daí eu ia lá, ah o primeiro dia que eu estudava, via o conteúdo sobre funções, daí no outro... quando caísse, na próxima vez que eu ia ver matemática, se eu tivesse terminado o primeiro conteúdo eu ia pro próximo. Mas eu utilizei também bastante a sequência cronológica de assuntos que tinha, por exemplo, na plataforma do Estude, que eu utilizei quando tava de graça, que tava lá organizado, então, tinha um... uma sequência ali de assuntos. Eu acabei seguindo aquilo ali, vi as videoaulas, fazia os exercícios. Então, é... é uma dificul... é difícil se organizar, saber qual o conteúdo exatamente, mas... separa, 'tal dia eu vou usar essa matéria, daí'... ou já tenho em mente o conteúdo daquela matéria, né, seja definido por uma plataforma de estudo ou pelo próprio PVC quando começou a mandar o material pra gente estudar em casa. Daí, eu fazia dessa maneira.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E23: Hum. Tá. Ok. Eh, difícil esta questão. Eh, o que consegui pensar no momento sobre isso é que a necessidade de informação, ela existe, a gente precisa aí de informação, por exemplo, quando a gente tá estudando, então a gente precisa ali absorver aquelas informações sobre aqueles eventos, sobre aquela forma matemática, aquele modelo físico etc. Beleza. Eh. As fontes, a identificação das fontes, se elas são confiáveis e, né, são potenciais confiáveis, é aquilo que eu respondi anteriormente, que eu busco utilizar as fontes que são mais famosas, as que são mais utilizadas no dia a dia. Então, né, a plataforma do Me Salva, os sites, eh, mais gerais, como Brasil Escola, que sempre tá mostrando algum panorama dos conteúdos etc. Eh, tem também os materiais que eu recebo do meu próprio ensino médio, então das matérias de história, de física, de química, então utilizo também dessas informações, que são*

*trazidas pelos meus professores, eh, essa parte da criti... eh avaliar criticamente a informação e usá-la, eu diria que é uma das grandes dificuldades, né, que tanto eu imagino que seja o grande o xis da questão na, por exemplo, na prova de redação, né, que é sabe, por exemplo, tu recebe um problema ali atual e tu consegui fazer a famosa alusão história, a alusão cultural, né, que é tu, por exemplo, pega um contexto, né, da Revolução Industrial, onde o trabalho era muito exploratório e tu consegui associar, eh, no dia de hoje, onde as condições também são exploratórias, 'ah! Porque tá acontecendo isso, será que é... é porque as grandes empresas estão com... o desemprego tá muito grande, tem muita mão de obra disponível então o salário vai lá embaixo. Putz! Parecido com a Revolução Industrial', né. Então, será que não tá acontecendo aqui uma, a história não tá se repetindo, ou algo próximo, parecido, pra gente pensar?*

*E23: Eh, essa é uma das partes mais difíceis, eu digo, mas, pra mim... mas eu tenho um... Às vezes eu preciso, assim, de um... de um gatilho, uma pessoa comenta: 'nossa! Isso aqui tem a ver com a Revolução Industrial'. Daí eu penso: 'Poxa! É verdade'. Então, eu não... eu não diria que eu sou um bom avaliador crítico das informações e como usá-las e, assim, associa, mas eu digo que eu busco, né. Eh, sempre que possível ali, que tem esse despertar ali, eu consigo até que fazesse esse link do passado com o presente e etc.*

#### **14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E23: Ah! Eh, fala que não seria acho que mentira, talvez eu não perceba, mas provável... eh, eh, talvez eu não tenha percebido em alguns momentos, mas com certeza, porque, acho que entraria até as próprias informações, digamos, que visuais, por exemplo, 'ah! Rede Social', então tá... se utiliza o celular tu tá sendo obtendo informação, né, dos mais variados tipos. Então eu diria que sim, embora tenha momentos que isso me afetou mais e tenha momentos que isso me afetou menos, né.*

#### **P1: Você tem algum exemplo desses momentos em tenha se sentido mais afetado?**

*E23: É foi... foram momentos onde, não sei, de repente, eh, tava ali naquela rotina de 'bah! Hoje eu vou acordar e vou tomar meu café, daí depois eu vou estudar, e não sei i que...' Então aquilo se tornou repetitivo e daí todo esse panorama da pandemia, de tu tá em casa, as relações sociais elas diminuíram drasticamente e daí tudo fica meio repetitivo. Então, uma das coisas, por exemplo, ah, tudo fica muito repetitivo e daí do nada surge aquela cobrança: 'pô, será que eu tô estudando certo?' Né, tava fazendo por conta, daí as vezes, eh, 'poxa não é exatamente o que eu vi na aula passada, poxa vida! Será que eu tô estudando errado, não tô conseguindo adquirir os conhecimentos, ali e tal?' Então, um dos pontos seria esse, que às vezes, parece, né, eh, tu fica cansado por aquela rotina de repetição e, né, fatores emocionais, tanto da vida pessoal quanto do próprio estudo etc. Como, por exemplo, às vezes, que, eh, daí, tipo o meu ensino médio voltou, então eu tinha algumas atividades, uns projetos, trabalhos em grupo pra fazer e daí ao mesmo tempo tinha as aulas do PVC de noite, então ficava aquela rotina, de acordar de manhã cedo, daí ficava ali, eh, quatro horas na frente do computador, tinha aí a pausa do meio dia pra almoçar, tranquilo; e chegava a tarde e tinha que dar um, um foco naquela trabalho, naquele projeto que tinha que entregar; aí chegava no período da noite tinha aula do PVC; daí, poxa, chegava 10 horas da noite, assim, tava cansado, aí no outro dia repete. E daí isso faz uma sobrecarga e tals, daí eu lembro de alguns momentos que tava meio desanimado, provavelmente foi por conta disso, eh ficava com dor de garganta, eh, ficava com dor de cabeça, com olho cansado de tá sempre na tela. Então, eu acho que isso seria*

*sinais de quando eu estaria sobrecarregado, assim, e o meu corpo sentiu, né o reflexo nesse... nessa sobrecarga.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E23: Então, seria basicamente, né, um cansaço que te dá, uma ansiedade, digamos, também pode acrescentar, eh, na condição física reflexo até com sintomas de alguma, de algumas... sintomas, né, acho que seria... E o emocional, ah, o próprio desânimo, se sente meio triste, às vezes, tu fica lá perdido na internet, tipo assim, pô, que tédio, mano, não tem nada, tipo várias coisas pra fazer, mas também não to com vontade, não to... daí fica l[a tipo navegando, mas também não tá se divertindo, não tá aprendendo, não tá fazendo nada, só tipo, passando o tempo. Eh, daí, tipo vem aquela cobrança, às vezes, tipo, 'ah! Será que vou passar? Será que não vou passar? Será que to fazendo certo? Será que não to fazendo?'*

**P1: Quando você fala na questão física, por exemplo, você sentia dor nas costas de se manter muito na mesma posição?**

*E23: Ah, com certeza, essa parte eu esqueci de citar, mas, com certeza, né, nessa época, principalmente quando voltou o ensino médio, que eu tive que dar um foco tanto no ensino médio quanto no PVC, de noite, eh, ficava basicamente o dia todo sentado, né. No começo do... da... do ano até consegui estabelecer ali um mês ou dois de uma rotina de exercícios e aquilo foi sensacional. Então, os exercícios físicos, eles são muito importantes tanto pro mental, foi uma época que eu tava bem mentalmente, tanto pro físico. Mas depois que eu acabei parando, até por um próprio desânimo, eh, a dor nas costas ela vem. É bem... é bem, eh, um foco, né. Existe, mesmo, eh, é algo que acompanha ali, ficar sentado na cadeira, acompanhando, ali, estudando etc. E foi sobre a dor nas costas que perguntou, né.*

**P1: Isso, a dor nas costas, questão de ergonomia, né. Como você considera seu ambiente de estudos em sua residência, acha que ele tem padrões ergonômicos, isso influencia?**

*E23: Durante todo o ano eu estudava aqui. Eu estudo na cozinha, então, na mesa da cozinha. Então basicamente eu ficava sentado aqui na minha cadeira, eh, da cozinha, então, cadeirinha de madeira, colocava um pano na... no assento e uma almofadinha nas costas e, né, passava aqui o meu tempo estudando, daí, tanto que durante todo esse ano, em virtude de tanto tempo sentado nessa... na... eh, nessa posição e tals, eh, consegui juntar o dinheiro do estágio e comprei uma cadeira do escritório, que já melhorou muito, então, agora... Agora nesse exato momento, tipo, to mais confortável, né, embora que tanto tempo sentado, ainda, gera um desconforto físico, mas melhorou bastante. Mas ao longo de todo esse ano eu sofri, sim, de dor nas costas, devido às... à cadeira, né, que não respeitava ali a ergonomia etc. e tals.*

*E23: Mas eu considero bom, assim. Não é péssimo. Eu considero até que bom, assim, tem gente que deve ser muito pior, então. Não reclamo, não.*

**P1: O bom é que você buscou melhorar, percebeu, identificou a necessidade de... que também é uma informação?**

*E23: Um investimento, também, A vida acadêmica não vai parar por aqui, né, graças a... se Deus quiser, então precisei de um conforto na hora de tá aqui estudando, até pra melhorar a absorção da informação. Que se tu não tá focado uma dor nas costas, tu consegue prestar mais atenção ali no que tu faz.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E23: Eh, talvez eu, até me sobrecarregue, mas, eh, eu busco ficar, tipo, navegando pelo celular, que eu considero não como algo bom, mas algo que eu faço, né, então, 'ah! Tipo, poxa, to cansado, fiquei aqui uma hora e me... to uma hora e meia aqui'. Daí*

*tu vai lá, se senta em outro lugar, no sofá, vai na rua. Daí vai lá, pega, mexe no celular um pouco, mas isso seria um alívio, mas também gosto de jogar jogos eletrônicos. Eh. Eu sei toca violão, então, quando eu to muito de saco cheio, assim, 'pô, vou toca um violão', daí vô lá, toco um pouquinho, daí, tipo, desligo da internet, da... do... da luz nos olhos, então, né tipo, eh, uma recreação ali diferente pro cérebro, e tal ou então, mesmo, só ficar deitado, sem ficar no celular, às vezes, é bom também. Faço isso.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E23: Acho que um seria a quantidade, né, porque a gente recebe muita informação, de tudo, todos os lados, aí, durante todo o dia. E acho que um filtro, também, né, porque às vezes muita informação, eh, seria muito bom tu filtra e não receber ou então deixa aquilo de afeta. Por exemplo, a gente tá vivendo momentos, aí, sociais e políticos e econômicos bem tensos, então, por exemplo, tu abre aí o Twitter e daí tem lá uma notícia: 'ah! Tal coisa aconteceu e precarizou tal ambiente e pô'. 'Aí, não, né, mano', esse cara tá vendo que tá tudo errado e vai lá e faz essas burrada. Então, daí fica afetado. Então, algum representante de algum órgão fala alguma besteira, daí tu diz: 'nossa! Esse cara te abobrinha na cabeça, mano' daí o cara já fica bravo, já fica triste. Ou então... então na internet vê um vídeo de violência ou um vídeo ou um vídeo... um... sei lá, tá bem alta, eh, alguma declaração de, de algum assédio, algum abuso que sofreu, eh, [inaudível] de violência, a base emocionais, daí, do cara, passa o olho naquilo aí e [pensa] 'putz, cara, isso aí... o mundo tá ruim, né, velho!'*

*E23: Essas coisas tão acontecendo direto, daí, pô, te afeta também. Então a quantidade, né e a diversa... di.. diferente formas de informação tá sempre bombardeando a gente e também o filtro, né. Eh, filtrar essas informações, às vezes, é difícil. Então, se tu já triste, daí tu vem... tu vê aquela coisa e fica mais triste e desanimado.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E23: É, então. Eh, no dia em que to mais, digamos, eh, não tão afim daquele conteúdo, digamos, no dia que eu não estou consciente, basicamente, assim, 'ah! Hoje eu não to a fim de perceber como o mundo tem seus problemas e pensar, refletir sobre tais coisas'. Então, eu busco só ignorar ou então eu vou como di... buscar lá o alívio lá da sobrecarga, ou então vejo algum vídeo engraçado ou alguma coisa do tipo, alguém falando alguma coisa interessante, que seja do meu interesse – interessante, interesse, enfim. Ou então eu joga alguma coisa, vou tocar violão, vou lê, vou fica sem fazer nada ou, então, até mesmo atividade doméstica, às vezes, tipo – ah! – eu fico meio preguiçoso, mas a gente nunca gosta e 'nossa' tem que lava a louça', mas às vezes eu 'ah! É um momento bo'. Daí eu vou lá boto uma música e, sem pensa, ali, só faz aquela atividade mecânica, daí não... um alívio pro cérebro, até, mesmo, às vezes curtindo a música que tu gosta e tals, então, seria um, né, algumas das, das ações aí que superariam, aliviariam um pouco essa sobre carga.*

**19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

*E23: Eh! Provavelmente, eu sou um pouco prejudicado, sim. Eu acho... acredito que a sociedade como um todo tá sendo prejudica por esse bombardeio de informação que é causado pelo celular etc. Mas se eu fosse, por exemplo, pensa um pouco e comparar com exemplos que eu vejo eu diria que não, assim. Que eu até que, pelo que eu vejo, talvez eu não esteja percebendo, mas pela minha autopercepção, que não... talvez não seja tão boa, eu diria que não, assim. Sou prejudicado, mas acho que consigo lidar bem com isso. Talvez aí pelo meu contexto de vida etc. e tals, mas sou, mas eu diria que não, assim. Não sei se ajuda, se a resposta... [rsrs].*

**P1: O que seria o seu contexto de vida?**

*E23: Ah! É porque tem pessoas, por exemplo, a ansiedade, tem pessoas que têm mesmo ansiedade, é um caso recorrente, eh, qualquer expectativa gera aquele, aquela série de sintomas que a pessoa tem etc. Eu acredito pela minha... eh, que eu não tenho ansied... eh, tipo a doença ansiedade, tipo, como algumas pessoas têm. Eu teria uma ansiedade comum de ser humano, acredito, em criar expectativa pra alguma coisa, por exemplo, ou então vai mudar a rotina no dia seguinte. Uma doutoranda uma chamou pra fazer uma pesquisa, daí, tu, um pouco antes, tipo assim: 'nossa! [Nome], você vai fala com uma pessoa que eu não conheço' daí fica um pouco agitado e tal, eu esse acho que seria o meu nível de ansiedade, então 'nossa! Será que amanhã eu vou ter coisa pra comer?' Eu sei que eu vou, porque a minha condição de vida e a dos meus pais, eh, não é das melhores, mas garante isso. Então, é uma preocupação... são preocupações que eu... que eu sei que pessoas têm e que eu não tenho e que, só por esse fato, digamos que minha carga mental, ela já alivia muito.*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação, embora como você ainda esteja no ensino médio, este [do verão de 2020/2021] ainda seja para experiência.**

*E23: Não. Esse vai ser o definitivo, porque eu vou me formar na metade do ano porque o IFSC, ele funciona de uma maneira diferente, eu vou acaba me formando na metade do ano. Eu acredito que eu já vou ter a possibilidade de ingressar na faculdade caso tenha a inscrição na metade do ano, desse ano. Vejo que que já tenho essa possibilidade.*

*E23: Então, eh, por uma questão de f... da minha fé também e da, tipo, assim, de..., digamos de um autoconhecimento em relação a outras pessoas, eu sempre fui... tipo me destaquei na... nas matérias escolares e tals, eu sempre absorvi bem os conteúdos. Então, assim, e também, junta... juntamente com a questão da fé que eu tenho, eu diria que, tipo, eh, eu não estou, digamos, 100 por cento preparado, mas todos os esforços, embora não tenham perfeitos, embora tenham sido falhos, não tenham sido constantes, eu acredito que toda a dedicação que eu tive durante esse ano, né de para... de separa várias horas do dia, durante a semana pra estuda o conteúdo, mesmo que não da melhor forma e da questão também acreditar que de ter uma positividade, uma fé, eu diria que eu estou preparado assim. Não diria 100 por cento, claro que, mas estou, até que, poderia dizer que, tenho uma tranquilidade, uma ciência, assim, de, tipo, ah! Tem pessoas que fizeram muito menos, né, não querendo comparar, mas a gente compara, né, o ser humano é assim, tem gente que fez muito menos e tá na faculdade, né. Então, porque eu, que sempre fui um bom aluno e me dediquei aqui, eh, e tenho essa fé, né, no coração etc. e tals. Eh, por que que não, né. Então, me mantenho tranquilo, se for pra ser, é, perfeito, maravilhoso. Se não... se não acontecer, a gente parte pro ano que vem. Graças a Deus eu tenho essa possibilidade de não ter uma pressão muito grande de passar agora. Tem que passar agora, se não a minha vida acabou. Não. Então, eu tenho uma certa tranquilidade, e me considero até preparado. Uns 80 por cento eu diria, pra não dizer 100, porque 100 por cento a gente nunca tá. Eu diria 80 [por cento].*

**P1: Quando fala em fé, você se refere mais à questão de fundo religioso ou mais no acreditar em si mesmo e na sua capacidade.**

*E23: Eh, em ambos, tanto na relig... na religiosidade quanto num certo ponto de vista positivo, assim.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E23: Eh. Teve tant... teve os dois. Teve positiva, quanto negativa, né. Eh, esse ano se ocorresse, digamos da maneira normal, eu teria uma rotina bem, bem preenchida,*

mesmo. *Eu teria que acordar super cedo, aula de manhã, teria umas três horas pra resolve a... as coisas da... do ensino médio e técnico e, depois, já teria que ir pro PVC, fica lá três horas e estuda e tal, assim. Eu acho que eu veria muito mais matéria se fosse presencial, né. Acho que todo dia indo lá no PVC eu teria um contato muito maior e com mais conteúdo, eh, do vestibular. Porém, eh, com o isolamento, teve um período ali que... que eu não tive aula do ensino médio e o PVC tava se adaptando ali à questão da... do isolamento, então, não tinha muito material, então eu, digamos, eu fiquei o dia todo livro, eu não fazia estágio na época ainda. Então eu consegui me organiza pra estuda naquele período. Então eu criei ali a minha rotina de estudos, que, embora não tenha sido muito boa, foi algo ok, assim, porque eu tinha uma tranq... certa qualidade no estudo.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E23: Eh, primeiro... uma primeira percepção que eu tive foi que é muito mais complicado, porque parece que, tipo assim, o meu ensino médio junto com o técnico ele já tem uma certa cobrança, né, pelo... porque o IFSC é uma instituição que cobra bastante, parece que isso aumentou, porque toda a atividade que tu ia fazer, parece que a demanda de tempo, né, que tu tinha dedica aumentava. Então, teve questionários que era pra ganhar presença ou apenas pra conta ali como método de avaliação que seria somado... enfim, eu ficava a tarde toda fazendo, respondendo àquele questionário, que seria muito ma... né, que teoricamente seria algo rápido, mas eu demorava uma tarde toda pra responde, que tinha que ficar pesquisando e tal. Às próprias aulas no comp... ficava muito tempo aqui no computador escutando a... a... o professor fala, pelo fato de não te... não ser presencial, né, de, tipo assim, antes eu acordava às seis, daqui tinha todo o trajeto de tomar café, pega o ônibus e chega na instituição. Só esse trajeto, já meio que fazia o teu corpo entrar no ritmo, né. E no on-line tu acabava acordando um pouco mais ali uma meia hora antes da aula, então tu já tava ali meio sonolento. A questão do presencial não passa aquela conexão, aquela tensão. Eu considere... eu considero muito mais difícil, tanto o ensino médio, principalmente o ensino médio ali, que foi te as aulas, e a questão do estudo pro ENEM, eu achei até que... achei até tranquilo, porque, como eu tive pouca experiência com o... com o curso presencial, né, eu não... não me adaptei, digamos assim, de te as aulas, então... Até que gostava das videoaulas, assim, são... com a internet e a evolução do Youtube, etc., das outras plataformas, tem videoaulas muito interessantes, muito bem produzidas, eh, resumidas e tals, então, até que considere ok a questão da matéria do ensino médio.*

**P1: E você conseguiu se adaptar fácil?**

*E23: Hum. Um meio termo, né. Foi... Não foi fácil, mas também não foi um bicho de sete cabeças. Então, sempre tive... sempre tive que usar o computador, Google Drive e o Youtube pra tanto fazer as coisas da escola, pra organizar as coisas da escola, os documentos que recebi e tals de estudo. Então a dificuldade foi mais, eh, em manter o ritmo, né. Muito tempo exposto ao computador, então a dificuldade foi, eh, manter a atenção, manter, eh, o foco ali nos estudos. Seria, acho que essa a maior dificuldade ali na adaptação.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E23: Eh. Eu diria até que todo o momento, né, porque, agora principalmente com essa onda das fake... fake news, essa, eh, polari... tem essa questão da polarização do mundo, né, então, tipo, ou é uma coisa ou é outra, então tu... se tu... se tu busca ali um meio termo, né, pra não... tem gente que acha que tá em cima do muro, entende*

os dois lados, então se sente, assim, meu Deus do céu! Mas quem tá falando a verdade, né. Será que é esse lado aqui ou será que é aquele outro lado? Então, nesse mundo de hoje, em relação, tipo, às atualidades, o que é verdade, o que é não verd... o que não é verdade, o que de fato acontece e o que não acontece é... é bem difícil, se sente bem... bem impotente, né. Daí tu vai fazer... vai participar da discussão de algum assunto e daí uma pessoa que apoia aquilo apresenta tais argumentos que tu... 'ah! Ok'. Daí a pessoa que não apoia apresenta outros argumentos e tu fala: 'Tá, faz sentido também'. Então, eh, uma busca de uma certeza tá muito difícil. Então eu diria que causa uma certa impotência, assim, em relação à informação.

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E23: Eh! Seria, por exemplo, um exemplo mais tradicional, digamos – ah! – a origem do Universo, que é, digamos que a gente hipótese, mas não tem uma resposta fixa. Eu fica, por exemplo, incomodado e me senti um vazio, né, um vazio existencial, eu não sei de onde que eu vim? Seria algo nesse tipo?*

**P1: Também, pois você não tem uma informação concreta?**

*E23: É, é nessa questão assim... eh, nesse exemplo, até entendo, mas eu não consigo trazer nada mais próximo de mim, assim. Foi só um exemplo que eu citei, eu não... não tenho essa dificuldade nesse exemplo que eu citei. Mas algum outro exemplo da minha vida, assim, uma vulnerabilidade da informação?*

*E23: Talvez teria a própria questão de saber se algum assunto ele é verdade ou não, né. Eh, por exemplo, eh, nessa época de pandemia teve algumas – ah! – conspiração. 'Nossa! A China inventou o vírus'. Pra, enfim, pra diversos fins. Daí, tu, primeiros passos que tu sente é 'bom, não faz sentido, cara'. Uma pessoa inventa um negócio pra machuca uma população inteira, né, pra ascende economicamente. Mas, daí, é tanta martelada e algumas pessoas acreditando, daí uma fake news, não sei o que e daí tu recebe as informações de como é que surgiu lá, foi lá um, devido a uma situação econômica da região e comia tais animais, né, pegou vírus, isso evoluiu etc. Mas parece que tu esquece disso, então, eu acho que poderia dizer que sim. Eh, né, se algo é verdade ou não, né, daí tu acaba, eh, ficando ali entre duas coisas totalmente diferentes, como é o exemplo 'ah! Será mesmo que a China criou esse vírus, meu amigo?' A gente... eh, os caras, sei lá, enfim. Eu acho que não, né, mas em algum momento ali de fragilidade, de acordo ali com uma enxurrada de informações ou desinformações, né, eh, tu acaba ali se questionando e, assim, até que faria sentido, né cara. Mas, enfim. Acho que, nesse sentido, poderia responder que sim e esse seria um bom exemplo.*

*E23: Em relação a isso, talvez trazendo um pouco mais pro nível acadêmico, por exemplo, eh, tem uma área da matemática que é muito cobrada no ENEM, que é probabilidade e que, tipo assim, eu já estudei na escola, no ensino médio, foi péssimo, assim, eu não sei, tipo assim, tem lá, eles te dão três fórmulas – ah! – aí a gente vai lê a questão, toda a questão é diferente, tipo assim, em relação à vulnerabilidade a uma informação, digamos, acadêmica, em relação à probabilidade [inaudível] 'cara, não tem como eu entende isso se eu não focasse lá, mano, seis meses estudando e fazendo mil exercícios, que só...', por exemplo, dedicando o mesmo tempo que eu*

*dedico geralmente a uma matéria eu não consigo entender isso. Ainda bem que o ENEM não se aprofunda tanto, então eu vou, dou uma olhadinha aqui, mais ou menos os conceitos e, se na hora lá cair uma questão que eu consiga fazer, beleza, mas tem umas que realmente não dá pra entender. Então, trazendo pro meio acadêmico, às vezes, seria um exemplo, né, tem umas matérias de probabilidade de que, não dá, mano. Tu lê a questão e o cara resolve lá e tu fica: 'tá, mano, de onde é que tirou isso da cabeça dele, mano?' Então, talvez seja um exemplo acadêmico dessa pergunta.*

**P1: Essa dificuldade relacionada à compreensão da probabilidade poderia ter uma causa anterior, na formação básica?**

*E23: Em relação ao meu exemplo da probabilidade?*

**P1: Exato.**

*E23: Eh, eu diria que é... por exemplo, o primeiro contato com a prova, eu acho que teve, não foi dos melhores, então, tipo, tive o contato com a matéria, eu entendi a matéria, porque o conceito ali, o simples, é ok. Não, na... minto. Na verdade, nas primeiras aulas eu não tava entendendo e isso já me abalou um pouco, porque geralmente eu sempre entendo [inaudível] eu sempre entendo. Nessa matéria eu já não... já não entendi as primeiras aulas, né. Mas depois, ali, fiz os exercícios em casa e consegui compreender, ali, o conceito geral. Eh, mas, o que, né, tipo assim, o que eu sinto é que, tipo assim, por eu não gosta, né, isso já dá um bloqueio; por eu não ter tido [inaudível] tipo esse primeiro contato, que eu não entendi, meio que, 'hum, não gosto'. E daí eu teria que me dedica muito pra eu realmente aprende. Então, eu sei, assim, pra eu aprende aquilo ali eu teria que resolve muitos exercícios, porque é basicamente a instrução que a professora deu, assim, 'ah! Essa matéria é bem complicada, porque dependendo ali das palavras, eles geralmente tão trabalhando...' Tem várias nuances que tu vai entendendo, então só resolvendo exercícios pra ti realmente domina a matéria, né que daí tem permut... eh, permuta simples, permuta [inaudível] então eu acho que, tipo assim, eu teria que me dedicar muito e é algo que eu não quero, é algo que eu não gosto, não tenho interesse. Então eu vou lá e faço mínimo, pra eu busca o conceito base, mas que não é algo que quero entende a fundo, porque demandaria muito. Então, acredito que seja mais isso, assim, não é nem uma 'nossa! Tsc, não aprendi divisão muito bem na escola'. Acho que, nesse caso, seria isso, pelo menos.*

**P1: Às vezes esse bloqueio pode vir de um professor que tenha conhecimento, mas não sabe passar o conteúdo.**

*E23: Agora que tu comentou do professor que às vezes não sabe passar o conteúdo, eh, aconteceu isso. Agora que você comentou eu lembrei, assim. A professora não demonstrava, assim, um domínio muito grande, então, às vezes, ela se confundia também, daí, meio que atrapalhou a gente, assim. Então também tenha ajudado, aí, nessa dificuldade que eu tenho.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E23: Eh, eh, pelo... pelo que eu sei, assim, de vestibulares, né, a diferença, por exemplo, a prova da UFSC e o ENEM, o ENEM é algo muito mais da interpretação e da mistura aí de contextos e das disciplinas e a prova da UFSC seria algo mais conteudista, mesmo. Então teria que, eh, saber aquela matéria, pra responde às questões, algo mais profundo. Eu tava... eu já desde o começo tava focando no ENEM, né, por essa questão de não ser, não ter tanto conteúdo, né, se é algo que tu, eh, levando bem o ensino médio, ali, tu consegue se adaptar bem, ter uma interpretação de texto melhor e tals, então, assim, pelo fato de, por exemplo, ter*

cancelado o vestibular da UFSC eu não me senti tão afetado, embora eu tenha... eh e também, por exemplo, eu não quero fazer medicina que é um curso super disputado e que tu tem uma grande preparação e quanto mais vestibulares tu fizer, maiores são as chances de tu passar, porque às vezes tu tá num dia inspirado ali e tu acerta todas as questões e, às vezes, tu tá mais ou menos, passou mal no dia anterior que não se saia muito bem no vestibular, então, talvez essa quantidade, né e essa diversidade de tipos de prova em quem, por exemplo, tem uma vaga muito disputada. Então, no meu caso, o meu curso, ele não é tão disputado, pelo que eu andei pesquisando, eu preciso ali atingir uma média de uns 700 pontos, que eu acredito que eu tenho bastante potencial pra atingir, então, não me afetou tanto, né, embora eu... eu ache que talvez assim, eh tenha afetado muita gente. Então, é basicamente, achei ok, assim. Como eu tava focando no próprio ENEM, pra mim foi ok, mas eu reconheço que atingiu bastante pessoas que tavam... eh, lendo as obras solicitadas, tavam estudando diferentes modelos de redação e se aprofundando em conteúdos de trigonometria, por exemplo, tem umas coisas lá que... Meu Deus! Então eu não senti tanto impacto. Talvez, na hora de... talvez a nota de corte aumente um pouco, porque uma galera que tava focando vai ter que migrar pro ENEM, talvez aumente ali a... o estudo, a preparação pro ENEM, aumente a nota de corte, mas não... não me senti tão atingido com essas mudanças, por enquanto.

## **26. P1 - Algo que você queira complementar?**

E23: Eh. A princípio, assim, eu não tenho nada em mente, assim, pra... pra comentar, mas o questionário eu achei, eh, bem tranquilo, tem algumas perguntas ali mais, eh, mais profunda, ali aquela questão da competência da informação, como é que tu se sentiu atingido, algo ali que tu tem que pensar um pouco. Não sei como é que foi o padrão das outras entrevistas, mas acho que eu falando demais até, então, até passando um pouco do horário. Não sei se é bom ou se é ruim, mas eu achei o questionário ok, assim, tipo bem tranquilo, consegui responder, acho que, de maneira, que irá te ajudar em alguma coisa. Eh. Eu... em relação ao PVC eu só fiquei com... com pena, que eu queria vê como é que ia ser essa questão, teste de experiência do cursinho pré-vestibular presencialmente, né, que tem toda uma outra atmosfera, tem toda uma inclusão a mais, né, então tem, eh, tem professores, profissionais de outras áreas que tão dando aulas no PVC que, durante esse ano que a gente teve algumas aulas on-line já criou uma afinidade, então eu imagino como é que seria presencialmente, porque alguns são muito engraçados e desenvoltos, outros sabem bastante coisas, assim, teriam bastante coisas pra acrescentar, eh, através de esquemas no quadro etc. Então é só uma pena que teve que ser a distância e isso dificultou bastante. Tenho certeza que, eh, o nível, né, das aulas foram bons, embora decaiu bastante devido à distância, mas eu tenho certeza que é um nível muito bom, que seria do PVC, que ajudaria muito, nossa! Acho que, com certeza, o aluno que consegue, né, essa... essa oportunidade do pré-vestibular comunitário, da galera que se disponibiliza pra isso taria em boas mãos e estaria bem-preparado aí pro vestibular. Acho que seria isso, gostei bastante do questionário, obrigado aí pela... pelo convite. Fico feliz em ajudar. Um dia, espero que serei eu tendo que fazer aí uma pesquisa de doutorado, de mestrado. Então acho que seria isso, não tenho muito mais a acrescentar, não.

## **ESTUDANTE 24 (E24)**

### **01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

E24: Informação assim, no geral, como notícias, como assim?

**P1: Informação voltada para o ENEM, para o pré-vestibular, para o vestibular, também para o dia a dia, em que circunstância você busca, por que você busca?**

*E24: Em que circunstância? Não sei se eu entendi bem essa pergunta.*

**P1: O que faz você buscar informação?**

*E24: Bom, a gente aprender, saber coisas novas e passar no vestibular ou ENEM. É isso.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E24: Como identifico que preciso buscar informação?*

**P1: Isso**

*E24: Eu acho que pra aprende, mesmo, pra poder, eh, sair bem, né, no vestibular, assim, ENEM, acho que seria mais isso, assim, e pra própria vida, né, porque o que a gente estuda é pra vida, assim, né. A matéria que a gente estuda – matemática – usa na vida, português, ciências.*

**P1: Então, você identifica as necessidades nas disciplinas e passa a buscar informações a respeito delas? Isso?**

*E24: Sim.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E24: Eh, quando eu vou estuda, geralmente eu gosto de ver o site Brasil Escola, Toda Matéria. Hum. Esqueci o nome de mais algum agora, mas agora me lembro desses só, Brasil Escola e Toda Matéria.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E24: Não costumo ir à biblioteca. Quando estudava no ensino fundamental até ia mais, porque, assim, eh, considerava a biblioteca daquela escola mais atrativa, assim, né. A biblioteca do meu colégio não... não achava muito atrativa e também acho que aqui em Floripa a biblioteca é mais no centro, né, daí eu também não costumava ir, assim.*

**P1: Qual foi o colégio em que você cursou o ensino médio?**

*E24: É o vereador Oscar Manoel da Conceição.*

**P1: Ele fica onde?**

*E24: Ali no lado do Terminal Tririo, no Rio Tavares.*

**P1: Quais os serviços que você utilizava quando frequentava a biblioteca no ensino fundamental?**

*E24: Eh, tipo de livro que eu gostava de ler?*

**P1: Por exemplo, tomava empréstimos de livros?**

*E24: O que é emprestado? Não entendi.*

**P1: Livros, obras...**

*E24: Ah! Sim. Livros emprestados, né. Pegava livros emprestados, era isso.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E24: Eu escrevo. Se eu to pesquisando sobre Revolução Russa, eu coloco lá 'Revolução Russa', assim. Simples, né.*

**P1: Pelo assunto sempre ou por palavras-chave?**

*E24: Então, a maioria das vezes é por assunto, mesmo, assim. Por palavra-chave, mais difícil, mas é mais por assunto.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E24: Eh, vou a sites e, eh – como é que vou explicar? – geralmente pego o site Toda Matéria, que ele faz mais ou menos um resumo, assim, do conteúdo e vou anotando as partes eh, principais, que eu acho mais importantes. E aí vou olhando os outros sites, o Brasil Escola, como eu te falei, é que às vezes tem outras informações que não tem naquele site do Brasil Escola, aí, do Toda Matéria [entrevistada se corrige, pois havia se confundido com o nome do site]. Daí eu vou lá e pego essas*

*informações e anoto e procuro ver vídeos no Youtube, também. E no site, assim, Toda Matéria, me lembro que aparece assim no final, né, eh, sei lá, 'Juliana escreveu', 'professora de história', sei lá. Daí eu não costumo ir muito atrás, assim, sobre as pessoas que escreveram, confesso não faço isso [risos], mas é mais ou menos assim que estudo, assim, relacionado à informação, assim.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E24: De que maneira eu utilizo essa informação?*

**P1: É.**

*E24: Bom, geralmente é pra escola mesmo, assim, pra... pras provas, pra isso, assim.*

**P1: E de que forma você faz para utilizar – faz resumo, faz post-it, sublinha, reescreve, lê em voz alta... que maneira você utiliza?**

*E24: Eh, mais com resumos, mesmo. Uso marca texto e post-it também uso.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E24: De que maneira eu melhorei meu desempenho nos estudos com a informação?*

**P1: Isso**

*E24: Ah! Não sei se responde bem a pergunta, mas, eh, nesse ano de 2020, tudo ficou on-line, eh, pra algumas matérias eu senti que ficou mais difícil, né, estudar, mas pra alguma matérias ficou melhor, assim. Eh, principalmente a matéria de história, assim, que, senti que tinha, eh – como posso dizer? – um, eh, uma fonte de informação maior. Claro que eu também, antes já tinha, [era] só acessar a internet. É como se tivesse mais, eh, local, assim, pra pesquisar, mesmo. Então, não sei bem como responder essa pergunta, mas eu quis dizer que algumas matérias, assim, tipo, que foi até melhor, assim. On-line, algumas matérias mais difícil, assim.*

**P1: E o que você faz para melhorar seu desempenho, então, nessas matérias que você tem mais dificuldade?**

*E24: Eh, estuda mais, me esforça mais, procura mais sites e mais vídeo no Youtube, que acho que é mais fácil pra mim, pelo menos, vídeo no Youtube, com explicação, assim. Já que não tem essa coisa do professor, ano passado pelo menos. Mas, mais ou menos isso. Tenta estudar mais as matérias que não vô tão bem.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E24: Minha maior dificuldade no acesso à informação, é isso?*

**P1: Tua maior dificuldade em acessar a informação, chegar até a informação.**

*E24: Não sei responder essa pergunta. Maior dificuldade?*

**P1: Você busca uma informação, mas não encontra. Como você faz para superar?**

*E24: Bom, eh, se não consigo num site, vou tentando em outros ou então, tem esse recurso da palavra-chave, que você falou antes, que é bem raro, mas de vez quando eu também uso. E agora eu não, como não era... é que no início desse ano eu achei um site de um jeito que eu nem lembro mais. É um site bem específico, sobre o que que precisava, que se eu pesquisasse por tema eu não acharia, mas eu pesquisei de outro jeito, que agora não lembro qual foi e achei. É que era um assunto assim bem específico, né. Era sobre os uniformes dos franceses na Primeira Guerra Mundial. Aí, não lembro como eu cheguei nesse site, mas foi um processo difícil, assim. Então, acho que é isso mesmo, assim, procurando em outros sites, palavras-chave. Mas agora não vou me lembra como eu fiz pra achar o site também. E isso não acontece muito assim. Geralmente eu encontro o que eu preciso.*

**P1: Mas, além da internet, você busca com mais alguém, por exemplo, com seus familiares, professores, amigos?**

*E24: Hum. Acho que é mais na internet, mesmo. Quer dizer, algumas... muitas coisas assim eu pergunto pra minha, porque ela é pedagoga também. E quando eu tinha contato maior com professores, sempre tava perguntando sobre a matéria, eu também entendia melhor. Eh, no Youtube eu também costumo vê vídeos de algumas pessoas, assim, eh, que estudam certos assuntos e fazem vídeo, vão postando, sabe, você vai assistindo, acompanhando.*

**P1: Tem algum nome que você acompanha?**

*E24: Hum. Tem, mas não sei se quero dar o nome, mas deixa eu ver, alguém que possa coloca. Alguém mais [inaudível] Não, acho que vou deixa essa em aberto. Ah! Tem. Comigo também é... quer dizer, mas pra busca informação, assim, mesmo, foram dos dois livros só que eu comprei, o resto era de literatura, então. Não sei se [inaudível]*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E24: Dificuldade de compreender a informação?*

**P1: Isso**

*E24: Ah! Depende. Falando mais, assim, das matérias da escola, eh – como é que eu vou dizer? – uma dificuldade, assim, não muito grande. Vou botar um, sei lá, talvez 20 por cento de dificuldade, assim, porque algumas matérias são, eh, bem detalhadas, né, biologia, eh, física também não é lá tão... química é um pouco bem detalhada, então, às vezes tenho alguma dificuldade, mas e na informação, assim, geral, às vezes, eh, sinto dificuldade, depende sempre da informação, também, né, porque, eh, por exemplo, eh, em questão de jorna, assim, tentam falar de um jeito, assim, mais acessível, né, pra pessoas. Mas, às vezes tem informações que eu tenho mais dificuldades pra entender. Agora não sei se vou saber te dizer quais, mas às vezes eu tenho dificuldade pra entender.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E24: Eh, então. Às vezes tem planos que a gente escreve, mas não consegue bota em prática, eh, mas no final, eh, pra estuda mesmo é dumas nove e meia até meio dia, porque às oito da manhã eu tenho uma reunião também que é... é pra igreja. Aí seria das nove e meia mais ou menos até meio dia, da uma... das duas horas, na verdade, até às três, porque às três eu também tenho uma outra reunião, aí das quatro até... que dizer, das quatro eu acho que não conta por que a tarde assim fica meio picado, aí fica mais difícil, à tarde, mas aí tem o cursinho, que à noite, das sete até às dez. Mais ou menos isso. É que não é bem certinho, bem regrado, assim. Tem dias... a maioria dos dias eu estudo bast... estudo mais de manhã. Aí à tarde é mais assim, eh, despojado o horário da tarde. Às vezes, antes das três, às vezes depois das três – entende? Uma coisa, não tão... à tarde é não tão regrada, assim.*

**P1: E sua rotina de igreja é diária ou é de vez em quando, durante a semana?**

*E24: É diária.*

**P1: Posso perguntar qual é a sua religião?**

*E24: Eh, a religião seria, tipo, cristianismo, assim, né.*

**P1: U-hum.**

*E24: Eh, então bota cristianismo.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E24: Eh. Não tenho um cronograma de estudos, queria ter feito, mas, talvez, né, mas não cheguei a fazer cronograma. Eh, geralmente vo pegando as matérias mesmo e vo fazendo assim, eh, conforme, assim, é do meu desejo, assim. Não é uma coisa mais despojada. Vou pegando as matérias. Eh, matéria que ia dá do meu cursinho, ou estudando ela. Eh mais ou menos assim, sim, a minha forma bem própria pra,*

*assim, mais ou menos, estuda. Não é seguir nenhum método, assim. [inaudível]. Vou pegando, vou estudando, sabe.*

**P1: Você estuda mais as matérias nas quais tem dificuldades ou as que você tem mais domínio ou você não prioriza?**

*E24: Acho que não priorizo nenhuma delas.*

**P1: O teu método é totalmente livre ou você atende às demandas dos professores?**

*E24: Eh. Como é que eu vou explicar? Tento dar atenção pra todas as matérias, assim. Não é tão... eh, despojado, assim, a ponto de fazer... ver o que que me vem assim na hora. Tento dar atenção a todas as matérias, os assuntos e vou respondendo aos professores, assim, conforme a demanda, quando tem atividades pra fazer, tirar dúvidas, mais ou menos assim.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E24: To dando mais uma lidinha rápida [relê a pergunta na tela compartilhada pela pesquisadora].*

**P1: Fica à vontade.**

*E24: Eh, 'estratégias'... vomo vê. Tenta, eh, verifica, assim, se aquela informação é verdadeira em mais de um site. Eh, 'a necessidade de informação', mais aquilo que eu já tinha te falado, né, sobre te o conhecimento pra vestibular, ENEM e pra vida, né, pra pode aplica os conhecimentos e avalia criticamente a informação e usá-la', eh, isso eu não tenho muita base pra isso, porque ultimamente tenho tentado, eh, usa a base cristã, mesmo pra pode, eh, te essa opinião crítica e não ainda essa base, eh, consolidada, então, é um pouco difícil, assim, ainda, eh, avalia criticamente alguns assuntos, eh, pra usa. Então, acho que é mais ou menos isso.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E24: Eh, acho bastante coisa, que, eh, bom pelo menos quando eu tava escola, agora nem tanto, quando tava na escola, que tinha as tarefas eh da escola e do cursinho, sentia que era bastante coisa, mesmo, tanto no início do ano quanto lá por setembro até por dezembro, mais ou menos, eh, daí era um pouco complicado, assim, fazia tudo, eh, um pouco correndo, assim, a cabeça também ficava um pouco cheia. Daí, como eu falei, já disse pra ti, que sinto que não... não aproveitei tanto, assim, a... a escola e o cursinho, porque era bastante coisa, assim, bastante informação, mesmo. Eh, agora que terminou o colégio, em dezembro, ficou mais tranquilo, assim, pra estuda, tem menos informação, né. Então, acho que ficou mais fácil agora, mas antes tava bem mais sobrecarregado.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E24: Sim. Eh, quando me sentia assim desse jeito era bem ruim, porque eu sentia realmente que eu não tava aproveitando tão bem.*

*E24: [entrevista é interrompida pela mãe, pede um minuto e se ausenta por alguns instantes].*

*E24: Oi, voltei.*

*E24: Eh, sentia, assim, uma sensação de peso, né, bem grande e, querendo que acabasse logo, porque não conseguia ter tempo pra outras coisas que eu queria, eh,*

*eu ficava o tempo... o dia inteiro estudando e era bem cansativo. E era uma situação, assim, de peso, assim, de quere que acabasse, porque, né, não tava sendo fácil. Eh, fisicamente, não sei, não me lembro, acho que fisicamente tava bem, né, não senti nenhum efeito, né, no corpo físico, assim.*

**P1: Esse peso que sentias você classificaria como cansaço, ansiedade, estresse ou nenhuma dessas?**

*E24: Eh, acho que cansaço; estresse, um pouco; ansiedade, acho que não. Quer dizer, ansiedade...*

**P1: Quando fala 'peso', o que é 'peso' pra ti?**

*E24: É o peso, é algo, assim, maior do que o que eu consigo carregar. Uma coisa que exige mais de você.*

**P1: É uma carga?**

*E24: É. Justamente.*

**P1: E na questão física, então você nunca sentiu dor nas costas, dor de cabeça, alguma outra dor?**

*E24: Não.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E24: Eh. Tentava espairer, assim, dá uma voltinha pelo quintal. Quintal é até um pouquinho grande. É olha as plantas, assim, o sol, porque passava o dia praticamente todo no quarto e... e isso, assim, do ambiente, também tava me sufocando bastante, assim, porque local para estudar mesmo, melhor é o quarto. E aí, além, né, da sobrecarga de informação, de matéria, tinha essa questão do ambiente, assim. E aí eu saía pra dá uma... uma [inaudível], conversar com as pessoas, porque até isso eu tava bem distante, assim, da família. Não tava conversando muito, tava por fora dos assuntos. Aí, alguns dias, [inaudível] ficar mais com a família. E, acho que era isso, talvez tenta ler um pouco, assim, da, eh da Palavra, eh ouvir as reuniões e ouvi canções, também, pra dá uma relaxada, assim, porque tava bem cansativo, algumas semanas, principalmente, tive que me esforça mais, porque, eh, o colégio tava terminando o tempo, né, eu tava com atividades, eh, atrasadas, daí isso eu não sei se dá pra classificar como ansiedade, porque eu, pelo menos, quando tenho essa ansiedade, eh, aquela...*

**P1: Não é como doença**

*E24: É. Não penso especificamente como doença, né, justamente, porque ela tem a definição dela como doença, até nem sei bem qual é, mas ansiedade tá naquela, eh, espera e preocupação por alguma coisa assim, né. Por exemplo, preocupação de entrega as coisas a tempo, de tá preparada pro ENEM e passa, sabe. Ansiedade mais nesse sentido, assim. Tanto que algumas semanas foram bem, bem difíceis, assim, mesmo. [inaudível].*

**P1: E isso te angustiava muito?**

*E24: Sim, dava uma angústia, assim, um sentimento, um sentimento bem, eh, nem sei como explicar, assim, na verdade. [risos].*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E24: Sim. Eh, 'dificuldade com relação à informação' [entrevistada lê na tela]. Eh, acho que as dificuldades, assim, maiores, assim, eram com aparelhos, assim, com a internet, principalmente com aparelho, porque, eh, eu só tinha emprestado esse celular que to usando agora, que to usando, mas ele tava, eh, com muito problema, né – agora ele tá um pouquinho melhor, mas ele tá ruim. Agora eu tenho outro celular, graças a Deus, mas meio que uso, porque os dois têm pouco espaço. Pegu uns aplicativos em um, outros em outro. Daí o que o tá melhorzinho, eu uso mais pro dia*

a dia, assim, né. Mas, aí, no início, principalmente era bem difícil com esse celular aqui. Eh, a internet também não pega tão bem, assim, no meu quarto. E, como o notebook também não tava tão bom, e ainda era muito mais usado pela minha irmã, que tá universidade, também. Daí, acho que... São mais essas as dificuldades, assim, como a gente tinha conversado, sobre, às vezes – era pouca vezes, assim – pesquisa e não encontra a informação que eu queria e precisava. Então, eram mais essas as dificuldades, assim.

**P1: O que sua irmã estuda? Em que universidade?**

E24: Na UDESC, artes cênicas.

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

E24: Eh. Eu sentia essa dificuldade, mas sabia que não ia ter muito como mudar, assim, instantaneamente. Então tentava não ficar pensando muito nisso e tentava pensar por mais que tivesse difícil, eu podia mesmo daquele jeito, eh, porque quem quer, assim, vai atrás, né, consegue dá um jeito. Esqueci de comentar também que no início do ano também não tinha como estudar no quarto e agora tenho escrivaninha, desde o meio do ano, mais ou menos. Então no início do ano eu tinha que estudar na cozinha, daí era sempre o movimento de pessoas, televisão ligada na sala, enfim, tira as coisas da mesa pra janta, pra almoço e, enfim, na cozinha também era bem difícil pra estudar. Aí, sentia que tinha dificuldades, mas não ficava pensando nelas, porque se eu ficasse pensando nas dificuldades, né, não ia funciona, não ia conseguir estuda, Então tentava passa por cima daquilo e continua estudando. É o que eu podia fazer.

**P1: Quando você fala que conseguiu a escrivaninha, as questões de postura pra estudar, isso te incomodava? O ambiente, a questão da ergonomia?**

E24: [entrevistada diz que não ouviu bem e a pergunta é repetida]

E24: Nossa, com certeza faz, eh, diferença, porque como comentei antes pra ti, na cozinha, muito movimento, muito... não era algo que eu podia ficar bastante tempo ali e aí... eh, aí muitas vezes eu vinha pro meu quarto e ficava estudando no balcão. Ele é tipo um armarinho, assim, eh, um armarinho pra guarda-roupa, é um balcão, assim, é plano em cima. Aí eu colocava a cadeira e tentava estudar só não tinha bem onde coloca as pernas, daí ficava uma postura totalmente fora do padrão. Ai tentava estuda aí mesmo, mas era muito, muito, muito, muito, muito, muito difícil, muito ruim. Aí comecei a falar pros meus pais que eu precisava, ia comprar na OLX e tal, mas no fim, graças a Deus, meu pai e a minha mãe conseguiram fazer em casa mesmo com materiais que [inaudível] já tinha, não foi comprado na verdade [risos]. Eh. Considero que é um espaço bem confortável, assim, que eu tenho agora, meu quarto, escrivaninha, cadeira, bastante post-it, marca texto. O único problema mesmo é a internet que não pega bem no meu quarto e, até assim, você falou do ambiente, uma vez eu conversei com uma pessoa também de arquitetura, ela me falou assim sobre as coisas do ambiente e tal e com isso eu percebi mesmo que algumas, assim, do quarto não [inaudível] tão bem na hora de estuda. Por exemplo, esse roxo aqui, não sei se tu consegue ver [aponta para a parede], um roxo escuro, assim. Percebi que não fazia muito bem fica próximo dele. Ai coloquei a escrivaninha virada pra parede roxa e tem uma parede branca, que pra onde eu fico virada de frente. O branco também é aquela cor que dá mais uma, entende. Então, até isso da cor faz muita diferença e acredito que é um ambiente bem confortável, assim, o que... como eu já tinha te falado antes, também eu não... até hoje não sei bem controla bem, eh, os horários, assim, pra estuda. Acordava bem cedo e ficava o dia inteiro praticamente no quarto. Eh, tinha dificuldade pra encaixar, mesmo, assim, o meu horário, né. Eh, pra não ficar tão cansativo, fica tanto tempo no quarto, sabe, um local fechado. Então,

*acho que isso, isso foi a maior dificuldade pra mim, assim, tenta me encaixa nessa rotina de estudos, na verdade. Acho que isso foi uma dificuldade, assim relevante pra mim.*

**P1: Como é a tua cadeira pra estudar.**

*E24: Eh, ela é, assim, uma cadeira da madeira, assim, não é lá, oh, muito confortável, mas sinceramente é a cadeira que eu tenho. Sou muito grata a Deus pela cadeira de eu tenho. Ela tem uma almofadinha, assim, bem fina, assim, pra fica um pouquinho mais fofinha, mas pra mim é suficiente assim. Tô satisfeita com ela.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E24: Prejudicada, assim, não sei. É que essa pergunta, assim, meio que acho que já respondi um pouco, né, nas anteriores, [inaudível] que vou responde essa pergunta, assim. Eh, como falei, pra ti tinha bastante informação da escola, do cursinho. Então, era minha dificuldade administra tudo isso, né. Então, acho que é mais ou menos isso, não sei muito bem explica – prejudicada, assim? Prejuízo, assim, vem mais assim. Não sei se é muito o caso, né.*

**P1: Por exemplo, tem muita informação, mas você não consegue absorver tudo.**

*E24: É, acho que, eh, me identifiquei sim, com o que você falou sobre tanta informação, daí, como já tinha falado, sentia que não tava aproveitando tanto, do colégio e do cursinho. Então, foi um prejuízo, né, relacionado. Realmente não tava conseguindo absorver tudo o que eu queria. Muitas coisas que eu precisava sabe e que... É, é um prejuízo, mesmo.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E24: Poxa vida. Deixa eu vê. Eh. Por mais que, como falei pra ti, tenha me dedicado muito pra... esse ano pra cumprir todas as minhas tarefas, mas... mas também cumpri tarefas não necessariamente, como a gente falou, que dizer aprendizado, né. Às vezes, eu enviava, assim, a atividade no cursinho, mas porque eu precisava realmente fazer aquilo a tempo, porque, na verdade, aqui já entra outras questões pessoais. Eh, eu atrasei matérias por questões, assim, pessoais. Eh, daí isso também influenciou. Aí, eu não me considero muito preparada daí pra prova, eu já tô pensando em fazer o ENEM e já estuda pro ENEM, próxi... [risos]. Quer dizer, só Deus sabe, né, o que vai acontece. Nem gosto de pensa muito nisso, porque às vezes, [inaudível] até meio... [inaudível] a dá uma... Tu pediu a de zero a dez, esqueci...*

**P1: De zero a cem**

*E24: De zero a cem?*

**P1: É uma porcentagem...**

*E24: É de porcenta... é.*

**P1: Qual seria mais ou menos ali uma faixa que você estudou e, assim, se você se sente preparada ou não, ou mais ou menos.**

*E24: Hum... mais ou menos. Vou colocar mais ou menos um, eh, diria uns 70 por cento.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E24: Influenciou, pesando, eu diria, que influenciou mais negativamente, porque, eh, é muito difícil, assim, manter o contato com o professor, pra tá explicando a matéria, por mais que seja, que pesquise, né no Youtube, eu, não é a mesma coisa, não tem tanto como tira aquelas dúvidas, não é. Eh, também nem sempre dava tempo de pesquisa videoaula de todas essas matérias. Eh, eu senti também falta, eh, principalmente... principalmente agora que tô estudando pro ENEM e vejo que não tem muito, eh, incentivo de colegas e amigos, assim, pra tá estudando junto comigo.*

*Até porque tá todo mundo, assim separado, né, falo pouco, né, com os colegas. Eh, na escola a gente tem mais um ambiente de incentivo, assim, né com os colegas. Nós estudamos juntos, muitas vezes me ajudava e era uma troca, assim, né. Daí, assim, em casa tudo ficou mais difícil, não sinto aquele incentivo, assim, né, pra estudar. Eu sinto falta disso, assim, já pensei várias vezes nisso. É bem difícil realmente estudar sozinho, eu senti essa dificuldade e acho que, mas como tinha falado pra ti, em algumas [estica a pronúncia do u, para caracterizar o número pequeno] matérias, assim, que ajudou. História, principalmente, me desenvolvi bem, assim, pra estudar em casa. Mas, no geral, nas outras matérias, acho que tive mais dificuldade on-line do que presencial. Mas é que história é a matéria que eu tenho mais facilidade e mais gosto, né, então, ajudou, mesmo.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E24: Eh, não tinha muito como porque os meus... minhas amigas trabalhavam fora à tarde, então não tinha essa interação, então, de fazer grupo, reunião, estudar em casa, era mais quando tinha algum trabalho pra fazer em grupo, né, daí acontecia. Mas eu digo mais pelo contato, mesmo, de tá na escola, de tá ali com os outros estudando mesmo, assim. Eu acho que é mais isso, mesmo. E adaptação, assim, é bem difícil no início, porque tu não tá acostumado. Eu acho que é mais isso, mesmo. E, eh, muitas vezes o professor já passava o material, assim, mais de forma resumida, no quadro, pra explicar e tal, daí, eh, pela internet o professor, às vezes mandava o conteúdo bem denso, assim, escrito. Eu olhava, assim, me assustava e, não tenho muita facilidade pra resumir. Daí eu ainda tenho um pouco aquele costume mais antigo, de estudar copia no caderno. Era difícil, assim, pra mim, selecionar o que era realmente importante pra anotar. [inaudível] tudo aquilo podia ser importante e eu que eu podia precisar. Então, às vezes, acho que até perdi tempo, assim, com cópias, porque não... é que eu realmente eu era mais acostumada a estudar na escola com, copiando, mesmo, escrevendo. Só isso foi uma dificuldade pra mim de adaptação: como estudar as matérias, entende. Isso foi difícil pra mim, on-line, no caso.*

**P1: Estudar on-line não te deu uma certa autonomia para estudar?**

*E24: Hum... não porque geralmente, assim, até na vida, mesmo, não, eh, não tenho muita confiança, assim, pra fazer coisas sozinha – sabe. Tenho até vergonha de falar isso, mas é a realidade, assim, no... Então é uma coisa até que preciso trabalhar mais, assim, na vida, em todas as áreas, assim. E às vezes é falta de confiança, assim pra... pra estudar sozinho, pra acreditar que eu consigo entender a matéria de forma suficiente, sabe. Eh, por isso até fico duvidando, muitas vezes, sobre, eh, tal curso da universidade, se você conseguiu sobreviver lá dentro [risos]. Essa é uma coisa que eu tenho que trabalhar um pouco, assim. É muita insegurança, assim, vamos dizer*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E24: [Risos] nem te conto... [risos].*

**P1: Não fique intimidada, porque aquilo que você sente é importante para esta pesquisa...**

*E24: É, então, eh, muitas vezes eu abria o caderno, assim, e chorava. Não uma, mas algumas vezes, aí até, assim, na matéria de matemática mais, assim, on-line, senti foi mais [ênfase na sílaba 'ma', para dar dramaticidade à fala] difícil, assim. Eh, então, eu conseguia fazer com dificuldade, até certo ponto, assim, professor me ajudava com comentários, tudo mais. Mas chega uma hora que eu fui lá, eh, peguei a matéria que ele mandou, li pra entender, vê os vídeos que ele indicou, tudo mais. Mas na hora de fazer as atividades: 'e agora?' Aí toda vez que ia lá, tentava abrir o caderno e ia olha,*

*sabia que não tinha conseguido, tentava mais uma vez e não conseguia. Aí batia uma tristeza, assim, frustração, uma impotência realmente, foi bem como colocaste isso aí. Aí me sentia super mal e chorava, daí tentava abri o caderno outra vez pra... pra fazer e pior, né, cada vez que olhava lá no [inaudível] e via que aumentava, que as atividades não paravam de chegar. Eu não ia conseguindo, mas as atividades continuavam chegando, empilhava. E aí ficava uma coisa assim horrível, bem triste, mesmo. Aí, graças a Deus, meu... todos meus professores foram bem compreensíveis, assim, bem, eh, tentaram nos ajudar o máximo, eh, eh, mesmo que eu tivesse com dificuldade, mandando comentários e tentando ajudar, mesmo, mas – nossa! – me senti muito assim, com essa impotência, assim, de não consegui, de não... de chora, mesmo e [risos] eh, mas foi ótimo que no cursinho, eh, me senti muito bem na matéria de matemática, estudei muito, eh, consegui ter bastante proveito, na... nessa disciplina, com os professores também ótimos, maravilhosos. O [cita o nome do colega] também, acho, que você já entrevistou, também ótimo colega. Foi um ambiente muito bom, muito acolhedor e foi muito bom.*

**P1: Esses momentos em que você chorava eram das aulas do ensino médio?**

*E24: Sim. O terceiro ano.*

**P1: Você levou essa angústia ao professor de matemática do ensino médio?**

*E24: Eu falei por comentário, mas agora não me lembro o que ele [inaudível] fez. Ele disse assim que compreendia, que, eh, tentou ser bem acolhedor, também compreensivo, como te falei, aí ele tentou me mandar mais sites pra, eh, pra me ajudar, né, com mais sites, mais vídeos pra tenta me ajuda e foi mais ou menos isso, assim, ir fazendo as atividades, assim, conforme conseguia, mesmo, assim. Meio arrastado, mas foi. Mas foi.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E24: Eh! Tô pensando, mas não consigo responder bem essa pergunta, mas, eh, [relê na tela o final da pergunta] sentimento de fragilidade, estado ou sentimento de solidão, capacidade liberdade limitadas, estado ou situação de risco. Tá passando um avião aqui, não sei se vai te atrapalhar pra escutar...*

**P1: Não. Tá tranquilo, to te ouvindo bem.**

*E24: Eh. Com relação à informação, assim. É mais aquele, sobre aquilo que a gente conversou antes, sobre procurar no Google e não acha a informação, né, precisa?*

**P1: Então, você se sentiu?**

*E24: É me senti, assim – como é que vou explicar? – Não sei se frágil, mas, eh, talvez uma fragilidade, porque dá uma decepção, assim, quando você não consegue encontrar, né. Então, [inaudível]. Sentimento de solidão? Com relação à informação, acho que não. Eh, capacidade e liberdade limitada? Eh, estado e situação de risco? Acho que também não.*

**P1: Estado e situação de risco, mas aquele episódio que você relatou sobre matemática?**

*E24: Ah! Sim. Isso aí eu tive [risos]. Isso foi. Agora no final do ano que eu fiquei meio assim, por mais que eu tivesse notas boas na maioria das matérias, eh, algumas, como matemática e física eu tive uma dificuldade no final, também. Aí, me senti,*

*assim, nessa... com medo, assim, se eu iria passa. Passei, graças a Deus. Então, é, situação de risco.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E24: O que eu penso sobre isso?*

**P1: O que você sente em relação a essa situação?**

*E24: Eh. Bom, na minha... no meu caso, né, tem a UFSC e a UDESC que são as opções, aí o vestibular da UFSC, pelo que eu escuto, assim, eh, era difícil, assim, por somatória e questões discursivas, então, talvez o ENEM fosse uma forma mais, um pouquinho, assim, não tão... mais fácil, né, de passa, talvez, não sei, né. Teria que fazer as duas provas pra sabe. Mas também tem a questão de que o ENEM, eh, pessoas do Brasil todo fazem, aí pessoas do mundo... do mundo, não, do Brasil todo podem fazer e tira boas notas e vim pra UFSC. Aí seu fizesse o vestibular direcionado já pra UFSC, acho que não teria, talvez, toda essa competitividade, né, assim, com tantas pessoas, do Brasil, né. Aí, não sei muito bem, né, o que pensa, a respeito. Aí, no caso da UDESC, pelo que eu tava vendo no site ontem, eh, vão aceitar ENEM, mas 2019, 2018, por aí. 2020 não vão aceitar. Então na UDESC vai ser o ingresso, assim, por nota do ensino médio, pelas médias, histórico. Ai nessas eu fui bem. Acho que tenho bastante chances. Então é mais ou menos isso, assim, a minha situação.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E24: Eh, sobre a questão da informação, eh, achei... eh, senti um pouco de dificuldade pra entende as perguntas, porque o conceito um tanto... um pouquinho abstrato, assim, pra mim. **[inaudível]** é um conceito bem geral, assim. Daí, eh, não senti, né, não tenho essa palavra... esse conceito tão objetivo, assim, né, digamos, pra pode responde sobre esse assunto. Deu pra percebe, né que não foi tão simples, mas, eh, tenho mais propriedade pra falar assim sobre o meu cotidiano, sobre como é pra mim os estudos e, eu diria que as pessoas do cursinho, do ensino médio, é que... é bem difícil, mesmo, é bem... bem... é bem sobrecarregado, mesmo, muita coisa, muita matéria, muita coisa pra pensa, pra decidi, na verdade é muita decisão, na verdade, sobre o que vai fazer da vida, o que é uma dúvida gigantesca, que você, né, tá ali na frente de várias opções e não sabe qual escolhe e nem se vai passa, pra que você escolhe e como vai ser inclusive a tua vida, o que você vai fazer no próximo ano se não passa, enfim, parece que várias coisas passam, assim, pela mente, né. Então, eh, **[inaudível]** seria estuda, né, supera as dificuldades. Como eu falei pra ti, tive umas dificuldades, mas tentei passar por cima e tenta se esforça o máximo, porque é um conhecimento muito grande, muito rico que a gente tem no ensino médio, **[inaudível]** na escola toda e muitas vezes a gente não dá muito valor, não se esforça tanto e mais tarde a gente precisa, né, daquilo, tem que correr atrás e às vezes a gente não tem a maturidade, né, quando tá no colégio e a gente ganha mais maturidade pra estuda quando fica mais velho, assim, no meu caso foi esse ano. Peguei mais maturidade, assim, pra estuda, porque, nesse ano de 2020, né, o conhecimento dependia mais de nós. Se o professor mandou a matéria e não consegui entender vou ter que me vira pra entender, tem que dá um jeito, então... Tinha outras perguntas que falavam sobre isso, **[inaudível]** autodidata, né. Tinha esse lado, mas como eu falei pra ti, eu tinha muita insegurança, também a respeito, mas – o que mais eu ia dizer? Agora eu perdi a linha de raciocínio. Acho que é isso, assim, dá bastante valor pro conhecimento que o colégio nos oferece e estuda o máximo além do que... do que ele te passa, né., porque às vezes o colégio te passa de maneira mais rasa, assim, básica e pro ENEM, assim, no cursinho eu vi umas coisas que eu nunca tinha visto no ensino médio. Fiquei*

de cara, assim. Depende muito do colégio, né, da instituição e nesse ano de 2020, da pandemia, ficou tudo meio atrasado, né. As matérias começaram depois do, bem depois do início das aulas e aí, eh, especialmente na matéria de matemática, depois no cursinho vi várias coisas que não tinha visto no ensino médio e [inaudível] do que ainda não vi, do que ainda faltou, né, estuda, mas, mais ou menos isso, assim.

### **ESTUDANTE 25 (E25)**

#### **01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E25: Eu busco informação em algum lugar na internet, ou, sei lá, jornal... Não jornal não. Internet, televisão ou com alguém que saiba o que eu to querendo.*

#### **02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E25: [inaudível] Eh, não sei como é que eu posso falar. É que a gente precisa da informação para saber algo. Então a gente tem que buscar isso para se entender melhor com as pessoas ou com algo que eu estou buscando.*

#### **E25:P1: E para resolver algum problema? Também você busca?**

*E25: Sim, para resolver algum problema.*

#### **03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E25: Primeiramente, né, o vestibular do PVC, a plataforma, né, que eles dão aula on-line agora na pandemia, e o Descomplica.*

#### **P1: Mais algum que tu lembra?**

*E25: Assim, sites são esses. Google às vezes, quando eu preciso ver... o Youtube também. Daí eu entro e pesquiso algo que me interessa em relação ao ENEM.*

#### **04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E25: Não, eu acho que eu fui à biblioteca umas quatro vezes. Que assim, hoje em dia tudo que a gente procura é mais internet, né. Mas eu ia no ensino médio, no terceiro ano eu tinha uma biblioteca bem do lado da minha sala e às vezes a gente ia lá fazer algum dever, né, da escola, e a gente ia lá.*

#### **P1: Você fez o ensino médio lá em Belém, né.**

*E25: Isso.*

#### **05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E25: Por vídeo e por texto*

#### **P1: Me dê um exemplo de como você faz para fazer uma pesquisa em um site específico por exemplo.**

*E25: Como eu falei: o site que eu mais busco é o Descomplica, né, e lá eles têm aula on-line e eu tenho meu cadastro lá e eu só entro lá e acesso, sabe. E aí, às vezes eu faço um resumo do que foi lido ou feito na matéria e tento recuperar, né.*

#### **P1: E no Google?**

*E25: No Google, só quando eu quero saber de algo específico, assim, aleatoriamente, sabe. Algo que eu não sei, aí eu pesquiso.*

#### **P1: E aí quando você pesquisa, você pesquisa por assunto? Por palavra-chave? De que maneira?**

*E25: Palavra chave. Eu coloco lá na barrinha, né, o que eu procuro e vou lendo até eu entender, né, do que se trata.*

#### **06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E25: Palavras chaves, primeiramente. Quando entro no site do Google, primeiro eu vejo a palavra-chave, se ficou certinho, né, o título se estiver de acordo com o que estou pesquisando eu entro. E eu vejo a data também, né, porque às vezes pode estar*

desatualizado o site deles, E se estiver tudo certinho, daí né, com certeza é válido e eu acrescento isso para mim.

**E25: E: De que maneira você seleciona essa informação?**

*E25: De duas formas: ou eu escrevo no meu caderno o que eu busco, né, para não esquecer, ou eu só coloco no bloco de notas do meu celular, o que é bem mais fácil até.*

**P1: E as fontes? Você costuma analisar os autores, quem escreve, além da data? E como você avalia?**

*E25: Só os autores, eu acho. Autores e as datas. Eh, depende, né, tem que ter algo específico do que eu estou procurando. Porque às vezes tem sites que nem tem autores, né, é só aquela pesquisa no Google mesmo, daí vai mais a fonte, né: 'Ah qual foi a fonte que está falando isso no site do Google?'. Então, de autor depende muito da pesquisa que estou fazendo, daí eu não teria como lembrar agora.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E25: Através de vídeo, eu vejo, vejo, vejo até entender o assunto, né. Acho que vídeo é bem mais prático hoje em dia, porque, assim, eu não sou, assim, muito de humanas, né, então eu leio o que é preciso, válido e interessante, mas eu prefiro bem mais a dinâmica do vídeo e tal, que é bem mais fácil e melhor de entender.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E25: Aham, eu acho que procurar sempre, né. Essa questão de informação que você está tratando é bem importante, porque às vezes a gente pega uma informação que não é válida, né, tipo Fake News, sabe. Só colocaram lá, mas não é válida, não é verdade. Então, é bom ver se é verdade o que estou vendo, estou tratando, e sempre procurar expandir mais, me informar mais, com sites, aplicativos, vídeos.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação?**

*E25: Eh, não tenho, assim, muita dificuldade, né, mas às vezes eu fico com o 'pé atrás' se é verdade ou não o que está escrito ali. Então, por isso que eu procuro vários sites, mesmo se o que está escrito lá é de acordo comigo, eu não vou só e um, não busco só em um site, só em um vídeo, só em uma coisa [fonte]. Eu vou tratando vários aspectos até eu entender melhor, e até eu ver que é verdade mesmo.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E25: Sim, um pouco. Porque, às vezes eu não sei, assim, onde assimilar, sabe. Às vezes eu não sei como compreender aquilo que eu estou lendo, sabe.*

**P1: Por ter palavras difíceis? Pelo não entendimento do contexto? E você recorre aos dicionários, às explicações das palavras?**

*E25: Palavras difíceis... aí eu leio, leio, leio até eu tentar entender, mas hoje eu não vou no dicionário, não. Aí eu tento assimilar umas coisas como: 'o que esta palavra lembra?'. Porque às vezes é um significado tão simples, mas a palavra mesmo é bem difícil, sabe. Eu fico: 'Ah, o que essa palavra significa?', assim. Daí, eu tento ler e compreender o contexto e assimilar.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E25: Sim, minha rotina, assim, a minha prioridade mesmo é estudar. Mas, assim, como eu tenho, né, responsabilidades também em casa. Eu estou trabalhando esse ano... Queria estar trabalhando desde o ano passado, mas aí veio a pandemia e não deu... Aí eu consegui um emprego este ano, e assim, só dá para mim estudar de noite. Tanto é que eu vi, assim, vai ter que ser um emprego que dê para mim estudar também, sabe. Porque não adianta eu só trabalhar, trabalhar e não ter o estudo, né.*

*Daí eu falei: 'Ah, vai ter que ser um emprego que concilie com os meus estudos'. Então eu estudo das 19 até 23 horas... 23:30, sabe.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E25: Primeiro, eu vejo lá as aulas do professor do PVC, né, e vejo os PDFs que eles mandam, e eu organizo tudo em cadernos, sabe. Matéria de Matemática eu coloco, escrevo tudo que está faltando, né. Porque às vezes eu não compreendo alguma coisa e eu tenho que buscar ou com o professor ou na internet. Daí eu também escrevo o que está faltando na aula on-line, sabe. Aí quando acaba, está finalizado aquilo. Aí eu vou buscando as palavras que faltam, sabe. Que assim, eu também estudo no Descomplica e esses dois métodos, para mim, são válidos: no PVC e no Descomplica que tem aulas on-line e eu escrevo também no caderno.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

**[Entrevistadora reformula a pergunta para melhorar o entendimento]**

*E25: Então, primeiramente, a questão das fontes potenciais, confiáveis, porque hoje em dia rola muita fake news, principalmente na internet, que como eu tenho 18 anos, tenho bastante acesso, né. Então, rola muito que alguém, ou alguma fonte, não tá falando a verdade e eu vou acabar pegando uma informação que não é verdadeira, sabe. Eu posso passar essa informação que não é verdadeira para várias pessoas. Então a estratégia que eu estou [inaudível], foi isso: de ser uma fonte confiável e válida.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E25: Acho que não. Até é bom, né, para evoluir. Diante dos assuntos relacionados ao pré-vestibular, eu acho bem tranquilo, né, porque a gente está para aprender, então, a gente pega uma informação e às vezes a gente tira dúvida, às vezes a gente não entende e pergunta ao professor, ou vamos à algum site. Então acho que não tem muita sobrecarga. Não para mim.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional. Você poderia descrever por exemplo a sua condição física está a condição emocional em relação ao cursinho pré-vestibular e com relação à informação?**

*E25: Na verdade, não é nem sobrecarga. Na hora que a gente está no aprendizado a gente fica meio confuso, porque algo novo para gente que a gente está estudando a gente está aprendendo. Então é mais, assim, confuso, mas a gente tem que sempre procurar se orientar e saber se colocar na linha. Se eu não sei alguma coisa, eu vou lá e busco, e vou lá e procuro saber, sabe.*

*E25: Eu acho que a condição física é mais cansaço e preocupação com o que vem mais adiante, principalmente eu que trabalho o dia inteiro e só chego às sete da noite. Então fica bem cansativo eu ter que chegar do trabalho e ter que estudar para conseguir ser alguém na vida, para conseguir ter um ensino superior. E emocional... porque não dá para a gente ser forte o tempo todo, então, às vezes a gente fica meio confuso, dá vontade de desistir, mas assim, sempre se elevando mais para cima e tentando seguir, né. Ansiedade, bastante.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E25: Acho que às vezes uma terapiazinha. Assim, às vezes eu procuro vídeos no YouTube que são, assim, explicativo para, para mim saber lidar com essa fase que eu to saindo da adolescência, da juventude para uma fase mais adulta, de responsabilidades maiores. Então, eu procuro sempre... eu tenho uma irmã mais velha que sempre me ajuda também, e às vezes quando eu estou muito sobrecarregada eu vou com ela que é uma pessoa mais velha que já passou pelo o que estou passando e que me entende e aí eu fico mais aliviada, sabe. Pelo menos desabafar: 'Não estou conseguindo fazer isso', 'Não estou conseguindo entender isso aqui', e ela vai me dar uma ajuda, sabe. Ela tem 23 anos e tá se formando agora, em fisioterapia.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E25: Acho que um dia não entender, né, o que você está passando, principalmente, nas matérias de escola. Acho que só isso... O pouco tempo que eu tenho para estudar, ah sim, com certeza. Às vezes a gente chega muito cansada do trabalho, e conciliar trabalho com estudo, com arrumar a casa, porque praticamente eu fico sozinha aqui em casa. É realmente um desafio, porque daí eu não sei se eu realmente foco no trabalho, se eu foco no estudo e aí quando to trabalhando fico pensando no estudo e quando estou estudando fico pensando no trabalho, então, às vezes é bem desesperador.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E25: Então eu acho que tudo na vida é questão de prioridades. Eu acredito muito que tudo na vida precisa passar por isso é uma fase que a gente tá da nossa vida. Então, como eu falei, eu procuro muito a minha irmã ou alguém mais velho que já passou por isso que eu estou passando para me dar alguns conselhos. Eu acho que só isso mesmo.*

*E25: Eu só falo com só professor para tirar dúvida, não tenho tanta essa intimidade... para superar essas dificuldades eu não procuro muito. Eu, particularmente, prefiro procurar alguém que eu conheça, algum amigo, ou alguém mais velho, sabe. Que possa já tenha passado por isso. E atividade física, eu faço, às vezes eu dou uma caminhada, faço algo também.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E25: Sim, é porque principalmente com a pandemia, né, daí a gente ia ficar de olho na pandemia e nas restrições que a pandemia tem. Aí tem trabalho, tem estudo, tem família, tem emprego, então, é muita informação que a gente acaba aumentando nossa sociedade com a vida. Então, realmente, prejudica um pouco na questão psicológica.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E25: Eu acho que 60%, porque este ano estou me empenhando bastante... ano passado, né, o ENEM esse ano. Então assim, claro que a gente tem dificuldades em algumas matérias ou outras, mas sempre buscando as informações nos sites, nessas coisas. Acho que 60%, eu me sinto preparada sim, mas sabendo de tudo que eu tenho que fazer, assim, eu não tive... às vezes eu não tenho muita questão psicológica, sabe. Para lidar com tudo isso, aí acho que 60% tá bom.*

*E25: Como é muita informação para mim, com trabalho, casa, essas coisas, e a gente está naquela fase que a gente não sabe o que quer muito, assim, da vida. A gente tá em decisão com profissão, com o que quer ser da vida, essas coisas, a gente acaba ficando muito ansioso, sabe. A pressão da família também para trabalhar, para essas coisas... Então é, eu acho que isso importa muito na questão de fazer uma prova.*

*Porque, quando tu vai fazer uma prova, mesmo que tu tem estudado muito, quando tu fica ansioso tu acaba perdendo tudo. É assim, mágico, tu acaba perdendo tudo mesmo quando tu tá ansioso, então, eu acho que 60% para mim... eu acho que estou preparada para uma prova.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E25: Positiva, porque eu acho que eu tive mais tempo para estudar, porque eu não poderia trabalhar na pandemia então tive mais tempo. Porém, eu não tive muito acesso internet, como você pode ver, minha internet caiu bastante. Então, às vezes, assim, quando minha internet caiu eu dou uma desanimada, sabe. Eu tenho acesso à internet tanto do PVC, que eu acho que eles deram, né, 4 G para estudar. Mas assim, como eu também moro em um local que a área também é muito ruim, também é negativa, né, você estudar sem internet, sem livros praticamente.*

*E25: Então pelos dois lados. Positivo, porque eu tive mais tempo. E negativo, porque eu não tive muito acesso à internet pelo acesso à internet do local.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E25: Eu acho que não foi muito ruim, porque, querendo ou não, a gente tá vendo os professores, a gente tá contribuindo, assim, sabe. Eles estão fazendo aula deles a gente está vendo, então, assim, para mim o único ruim é que eu não tinha muita internet para assistir às aulas, mas quando eu assistia os professores eram bem competentes em dar aulas.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E25: Acho que sim, né, todo mundo se sente às vezes. Não to lembrando agora.*

**ESTUDANTE 26 (E26)**

**01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E26: Sim, entendi. Então, sempre, eu me considero uma pessoa muito curiosa, assim, né, então, sempre que surge alguma dúvida, seja algo que apareça ali no dia a dia ou algo relacionado aos estudos, eh, quando eu tenho acesso, assim, à internet, principalmente, porque hoje é... creio que hoje é um dos principais meios pra se busca a informação. Eu sempre dou uma pesquisadinha, ali, quando surge... tenho dúvida, aí eu sempre... vou pesquisa quando tenho tempo, né, no caso, às vezes, quando é algo que aparece no cotidiano, quando chego em casa eu vou direto pra internet pra pesquisa*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E26: Acho que é a partir do momento que surge a dúvida, mesmo, né, principalmente em relação de... eh, na internet. Às vezes em uma postagem ou em algum meme aparece alguma coisa e surge alguma dúvida. Geralmente... eh, ou então, sei lá, alguma palavra nova que a gente não sabe o significado. Ou uma situação nova que alguém vai e propõe algum comentário, alguma postagem, alguma coisa assim. Aí quando eu leio aquilo que eu, tipo, 'opa, não... não entendi, não sei muito sobre isso'. Aí, daí, a... eu procuro pesquisar pra entender e ficar mais a par da...daquilo, né, do que tá acontecendo.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E26: Site? Site eu não lembro de nenhum, assim, que eu nunca eu nunca... eu não... eu não pesquiso, assim, num site específico. Sempre eu coloco lá no Google, né, e o*

primeiro que aparece, que vejo que seja algo relevante, eu entro. Não... não presto muita atenção assim no site.

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E26: Não. Nunca. Não tinha o costume de frequentar a biblioteca.*

**P1: Em que colégio você fez o ensino médio?**

*E26: Eh. Foi no Pará. O nome da escola era Luciana Dutra Vale.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E26: Eu tento se... se sempre o mais direto possível, pra busca exatamente aquilo que eu estou procurando.*

**P1: E aí você faz pergunta, coloca frase inteira, busca por assunto, escreve palavras-chave, pergunta por áudio?**

*E26: Eh, então, se for, tipo, um assunto específico, eu coloco o assunto. Mas se for, tipo, algo mais específico, eh, como, eh, deixa vê um exemplo, como, sei lá, alguma palavra que vi que não saiu assim, sabe, eu coloco, tipo, a palavra ou, tipo, a frase que define melhor aquilo que eu to buscando.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E26: Então... não eu sempre quando pesquiso eu busco os resultados mais relevantes que são os que aparecem primeiro, né, e... e eu seleciono sempre acho os primeiros sites que passam e daí eu vou ler o conteúdo e se for algo que eu vejo que é relevante...*

**P1: Até quantos sites, quantas informações você seleciona, muda a estratégia?**

*E26: Vai depender muito, acho que, da necessidade. Geralmente eu vejo entre dois ou três sites, assim. Porque tem uns que a gente entra e já de cara a gente vê que não é algo tão relevante, assim. Como, por exemplo, tipo, pesquisa do dia a dia, alguma dúvida que surge no dia a dia eu sempre vou no primeiro que tá ali e se vê que for algo que é relevante, assim, daí eu considero aquele mesmo. Mas, tipo, quando é pra fazer algo como um trabalho ou alguma pesquisa relacionada à da escola, eu sempre pesquiso... tento ler bastante e vê, eh, se foi, eh, escrito por alguém que realmente entende do assunto.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E26: Acho que compartilhar com as pessoas, né, é a melhor forma. Eh, por exemplo, se for um assunto atual, tentar, eh, se... adquirir um pouco de informação sobre aquilo e debate com alguma pessoa sobre aquele assunto. Geralmente eu faço isso. Algum amigo meu que eu sei que gosta de debater sobre essas coisas, eu acabo, em determinado momento ali, puxando aquele assunto na conversa pra gente debater um pouco sobre isso*

**P1: E você costuma fazer resumo, ler os textos em voz alta, fazer post-it, sublinhar?**

*E26: Não. Eu sempre só leio, assim.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E26: Pra... pra absorver melhor as informações?*

**P1: Isso**

*E26: Eu acho que pondo em prática, mas, geralmente, resolvendo, tipo, um assunto, que foi passado no pré-vestibular, no PVC, né, aí que eu estudei lá mas quando eu chego em casa sempre acaba surgindo alguma dúvida aí acabo lendo e fazendo algum tipo de exercício sobre esse assunto, sobre essa aula que foi dada. Eu acho que é bem importante pra absorver melhor as informações. E também os professores*

*sempre estão dispostos a ajudar mesmo para a sala de aula, mas sempre tem um grupo em que pode por as nossas dúvidas, também e debate com os demais colegas de classe. Isso relacionado ao PVC, né.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E26: Até chegar?*

**P1: É o acesso, chegar até o item procurado.**

*E26: Ah! Sim. Eu acho que que a... a forma pesquisar, mesmo, a pessoa saber mesmo fazer pesquisas mais exatas, mais precisas, né. Porque geralmente a pessoa tem o... sabe o que quer pesquisar, mas não sabe como pesquisar. Às vezes eu me encontro com essa dificuldade. Tipo eu sei o que eu quero pesquisar, mas eu não sei como chegar, eh, de uma maneira mais... mais direta, que aborde exatamente aquilo que eu... que eu quero saber, sem eu tá precisando de lê muitas coisas que não exatamente aquilo que eu to procurando. E também ver a questão de internet boa em casa e ter um acesso melhor, uma via, por exemplo, eu só tenho celular, né.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E26: Algumas vezes sim, mas dependendo de alguns assuntos, né. Por exemplo, exatas eu sinto bastante, eh, dificuldade.*

*E26: Quais seriam e na ordem que você tem mais dificuldades com as disciplinas exatas? Eh, matemática, física e química, né, são... É que matérias que envolvem número, assim. Eu tenho bastante dificuldade com cálculo principalmente.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E26: Assim diária... diariamente, não. Às vezes eu procuro vê um tempinho ali na minha folga pra mim fazer as pesquisas ou ler as apostilas virtuais que eles mandam no grupo, né. Geralmente, assim, no final da tarde, um... que é quando eu terminar de fazer as minhas atividades, tem que fazer aqui em casa, né, tipo, os afazeres domésticos, a gente mora sozinho, né, manter a casa organizada. Aí, daí, já à tarde eu sinto que é o melhor horário que eu acho assim para mim, pra tá fazendo as... as tarefas do curso.*

**P1: E quando você se refere às tarefas domésticas, elas atrapalham seus estudos?**

*E26: As tarefa... Então, é que as tarefas domésticas é mais algo diário que precisa ser feito, né. Então eu acho que é só organiza tudo certinho, porque não dá de deixa um pra faze o outro, né. É algo que vai tá relacionado à convivência, ali. Então é só organiza o tempo pra... pra se encaixar tudo.*

**P1: Mas, por exemplo, se não tivesse que fazer as demandas de casa e pudesse se dedicar aos estudos, ajudaria?**

*E26: Sim. Seria, seria. Ajudaria bastante, né. Aí seria um tempo que eu poderia me dedicar mais aos estudos.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E26: Como eu me organizo pra estudar?*

**P1: Isso.**

*E26: Antes eu fazia assim, eu tentava, eh, faze o máximo possível pra ficar mais, eh, pra facili... o que eu achava que ia facilitar mais, né. Mas lá no cursinho eu aprendi que é bom tu fazer sempre por etapas, por exemplo, se organizar pra 'ah! Hoje eu faço matemática e física'. Aí eu não... não me sobrecarrego, vou fazer só isso. Aí quando tiver um tempinho depois eu faço, sei lá, português, vou fazer alguma coisa de geografia e redação. Aí, que seria, eh, que é melhor para eu absorver informação. Não adianta eu simplesmente chegar e lê um monte de assuntos diversos, que vou*

*acabar não... não absorvendo aquele conhecimento. Vou simplesmente fazer ali, mas não vou ter tanto rendimento.*

**P1: Então, você vai fazendo por etapas?**

*E26: Sim*

**P1: E você estuda mais a disciplina que tem mais facilidade ou as que tem mais dificuldade?**

*E26: Eu... Eu tento estudar... Eu tento fazer, eh, equilibrar ali. As que eu tenho mais facilidade eu já deixo, assim, para fazer depois, porque é algo que não vai me trazer tanta... vai ser mais simples, né, pra eu compreender. As que eu tenho mais dificuldade eu procuro buscar mais informações para eu compreender melhor.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E26: Acho que eu não... não entendi muito bem assim a pergunta*

**P1: O que você faz pra compreender algo, um assunto pra debate com seus amigos?**

*E26: Ah. Pra eu te, por exemplo, em um debate eu te algo pra acrescentar sobre isso. Eu acho que, principalmente, eu gosto de ler, pesquisar bastante sobre isso, lê, mas nem sempre a gente consegue compreender, que eu acho que a gente só vai, eh, compreender, absorver melhor aquilo a partir do momento em que a gente debate com outra pessoa, né. Mas antes de debate com a pessoa a gente tem que ter pelo menos um mínimo do conhecimento sobre aquilo. Então eu acho que lê bastante sobre o assunto, pesquisar e ler e o segundo passo é debater mesmo com a pessoa, conversar sobre aquilo. Não sei se... se essa... eu conseguir responde, né, que eu... foi um pouco complicado, assim, para mim eu fiquei meio que viajando aqui sem compreender da primeira vez da segunda vez, eu acho que compreendi, assim, não sei se foi exatamente isso, que... a proposta da pergunta*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E26: Às vezes sim, mas principalmente quando, que já aconteceu, tipo, de eu te que fica no... no trabalho fazendo hora extra, te que fica e quando chega em casa, tipo, só quero tomar banho e deitar na cama, sabe. Aí eu acabo deixando pra fazer no outro dia. Aí quando acumula principalmente deixo eu ficar acumulando matéria, aí quando eu vejo uma brecha que dá de eu fazer ali, aí acontece aquela coisa de eu ficar tentando absorver tudo, tudo ali e não dá, acaba de que eu vou pegando quase nada ou nada mesmo do... da... daquele assunto se, eh, assuntos diversos sobre com... matérias diferentes, daí acaba misturando tudo.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional. Tem algum sintoma?**

*E26: Eu acho que principalmente cansaço, né, que... é um dos motivos pra deixar acumular isso tudo, e estresse e [inaudível]decepção, né, de não conseguir fazer o que tá ali pra fazer, né, que é algo que vai contribuir pra... pra você futuramente. Então, dá uma certa decepção, assim, e tristeza, um pouco. É um pouco frustrante, né, que tá ali, que você queria fazer, mas acaba que, por algum motivo, não dando ou deixando acumular e vai fazer tudo e chega a se estressante e cansativo te fazer tudo assim.*

**P1: Na questão física, por exemplo, como é o seu ambiente de estudos em sua casa? É apropriado?**

*E26: Não... não acho que seja assim apropriado, né, porque eu acho que apropriado seria ter um... um lugarzinho, ali, adequado, uma luz boa, tipo, uma ventilação boa, que é pra pessoa se senti à vontade pra... pra estudar mesmo. E aqui acaba sendo algo um pouco improvisado, né. A gente arruma ali o que dá na hora ou na cama ou no sofá ou até mesmo no espacinho na... na mesa, ali, de almoço e a gente vai se arranjando como pode, né. Creio que não seja adequado, né, mas é o que... o que dá para fazer.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E26: No caso de acúmulo de matérias?*

**P1: Isso. O que você faz para melhorar os reflexos da sobrecarga?**

*E26: Tenta, eh, distrair um pouco a mente disso, desviar um pouco a mente disso, eh, caminhar um pouco ou então às vezes, que eu gosto bastante de ir à praia, né. E tentar, mesmo, relaxar um pouco pra se sentir mais à vontade e mais apto a volta pra conseguir fazer tudo.*

**P1: Além de ir à praia tem algo mais que você faça, por exemplo, assistir filmes, ouvir música?**

*E26: Não, é... não, porque eu não gosto muito de assistir filme, essas coisas assim ou, talvez, dormir, também, é algo que eu faço, tipo, pra deitar e descansa um pouco, pra relaxar, algo que faz eu me senti relaxado. Realmente caminha ou ir à praia, eh ir num... num... numa lanchonete com os amigos, algo assim, sabe. Ou, então, simplesmente, dormir mesmo um pouco.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E26: Informação seria no caso de buscar informação?*

**P1: De buscar, de ler, trabalhar, usar a informação. Quais são as suas dificuldades?**

*E26: Acho que primeiro pra de buscar informação, de te o tempo pra ir buscar aquela informação, que quando a gente acaba trabalhando, né trabalho de arte todos assistem um dia cansativo estressante aí chega em casa não se sente assim tão à vontade ou algo que... que vá dá tanta satisfação. Tipo, chega em casa, aí toma banho e, às vezes, a pessoa só quer deita e dormi e aí tem alguma coisa para fazer, alguma pesquisa, alguma atividade, acaba não sendo algo tão prazeroso, vamos dizer assim, de se fazer.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E26: Em relação ao... ao trabalho, eh, o que resta fazer é só tentar criar um, eh, uma rotina de estudo, que a pessoa... que se acostume, né, igual falei eu tento fazer mais na... nas minhas folgas, porque já fico mais à vontade, já deixo pra fazer no resto da tarde, porque dali eu sei que não vou ter nada mais para fazer além disso. Então faço tudo que eu tenho que fazer da meio-dia até à tarde, aí da tarde eu deixo para fazer para fazer apenas isso, sabe. E em relação à... à internet eu acho que não tem muito o que fazer. É espera até dá... dá de fazer as pesquisas, de utiliza, né.*

**19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

*E26: Às vezes sim. O excesso de informação acaba sendo um problema também, né. Que é muita coisa e acaba sobrecarrega um pouco e a pessoa fica um pouco meio confuso, acaba... e depois o que vem a pessoa já não consegue mais pega, assim. Já fica tudo muito confuso na cabeça.*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E26: Não. Não me sinto preparado.*

**P1: Mas nem um pouquinho assim?**

*E26: É a gente tenta se o mais otimista possível, mas, eh, pra julgar mesmo, pra falar que eu me sinto totalmente preparado não... não me sinto. Até porque eu acho que esse ano foi um ano difícil para todos, né, muitas dificuldades e aconteceu muita coisa então acaba sendo... isso pesa muito*

**P1: Sim, com certeza. E você arriscaria um percentual de tua preparação, ou não?**

*E26: Não. Não, não, não tenho assim uma porcentagem de... porcentagem pra... de acerto ou de que eu vá conseguir ou não.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E26: Eu acho que contribuiu de forma negativa, né, porque como eu... eu trabalho em mercado, então não mudou muita coisa assim, o que mudou é que ficou mais dif... dificultou mais a parte da locomoção no tempo que não tinha ônibus, né. A gente tinha que tá sempre se arranjando como podia para ir trabalhar e na parte dos supermercados, principalmente no começo, foi algo que sobrecarregou muito, as pessoas... não sei o que aconteceu, as pessoas corriam pro supermercado e queriam comprar o máximo que podiam. Então teve um aumento muito excessivo de trabalho, né. Então contribuiu negativamente, sim.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E26: Ah! Foi bastan... foi difícil, eu achei difícil, assim, que eu sempre gostei mais daquele contato de sala de aula, assim, por isso que, quando eu soube do PVC, que eu passei e tudo, que... que eu comecei a estudar eu gostei bastante, porque algo que eu já tava mais acostumado, sabe, a interagir com os colegas na sala de aula com o professor e tudo, então, adaptar... eh, me adaptar mais a essa parte de... da...dos estudos on-line foi... foi difícil, assim, para mim.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E26: Impotente, como?*

**P1: Incapaz com medo de não conseguir...**

*E26: Sim. Sempre acaba tendo... quando encontra, igual no meu caso, quando é algo... o assunto é relacionado a uma matéria que eu tenho dificuldade, que eu não... que eu tenho que fazer e não consigo, é bem difícil, eh, eu leio... tento ler, e a pessoa lê, e dá um tempo, e lê de novo, aí percebe que não tá conseguindo, eh, pegar aquela informa... não tá conseguindo compreende.*

**P1: Absorver, né. São temas novos, temas diferentes, né.**

*E26: Aham. Isso.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E26: Eu acho... pela falta de informação, né, em alguns assuntos, determinados, porque como eu vi uma frase uma vez que disse que 'todos nós somos ignorantes, só que em assuntos diferentes', né. Então, acho que, principalmente, como voltado que hoje, como, eh, nós passamos grande parte, principalmente agora depois da pandemia,*

*grande parte da nossa vida, na internet, né, socializando com as pessoas mais pela internet, e... e sempre em alguma postagem ou alguma coisa que vai... que repercute... que repercute tem sempre debates nos comentários, pessoas ali debatendo e, às vezes, a gente se encontra perdido por não saber ou não ter argumentos o suficiente pra defender a nossa opinião, né. Então eu já me encontrei em algumas situações, assim, parecidas de eu querer defende alguma coisa, tipo aquilo que eu acredito, mas não encontrar numa situação que eu não... eu até sei, eu tenho... eu sei aquilo que eu penso, eu tenho tudo montado, assim, na minha cabeça, mas a minha dificuldade é em expressar aquilo pra fora, em transformar aquilo de forma que seja compreensível para as pessoas.*

**P1: Então você se sentiu vulnerável, sim, né.**

*E26: Sim*

**P1: Sim. E tem algum exemplo?**

*E26: Eu lembro que no começo da... quando eu tava tendo as eleições, né, que sempre começa aquele negócio de discuti e coisa e tudo e as pessoas ficavam sempre falando, aí a gente via aquelas pessoas que, mais uma vez assim, na internet, né, que é algo que faz parte da vida da gente agora, que forma aqueles textos, assim, impecáveis, sabe, que a pessoa lê e diz assim... fica impressionada e eu sempre ficava... que eu tentava, eu até digitava alguma coisa pra tenta acrescenta algo, né, algo do que eu penso sobre aquilo e acabava, eh, excluindo meu comentário e deixando, porque eu sentia muito ele, assim, muito vazio de informações, sabe, não conseguia ser preci... mais uma vez, falei antes, não conseguia ser preciso naquilo que eu queria falar.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E26: Com o cancelamento dos vestibulares?*

**P1: É. Com a suspensão, no caso. Pode ser que venham ocorrer. Da mesma forma que o ENEM, embora esteja marcado, pode ser adiado.**

*E26: A gente fica, eh, é um pouco confuso, né, porque até agora, logo no começo, antes em 2020, né, era sempre a dúvida, se vai acontecer ou não e agora mesmo que eu, tipo, foi... ia... que vai te o ENEM, ne, mas como você falou ainda não é algo preciso, que a pessoa tem certeza, [inaudível] a gente sempre ficará na dúvida. A questão do vestibular, eu não tinha me escrito (sic) em nenhum, não tinha feito a inscrição em nenhum, então apenas no ENEM, mesmo. Então pra mim não me afetou tanto, assim.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E26: Acho... Primeiramente, né, eu gostaria de pedi desculpas, que sou bem enrolado para tá fazendo essas coisas, assim, e eu sempre acabo me perdendo, mas em questão da entrevista foi.. foi bem de boa, assim, pra mim você foi bem clara e objetiva nas perguntas, foi... eu me senti à vontade em realmente em fazer, em perguntar, acabei me enrolando em algumas partes, mas é normal, acontece. E eu gostaria de falar também, eh, sobre o pré-vestibular do... o PVC, né, que é algo que eu acho, assim, incrível é uma iniciativa incrível. Primeiro é um curso totalmente gratuito feito por pessoas que são voluntárias, que eu acho muito legal isso. Eh, os professores tão lá são todos que já se formaram ou estão se formando e eles sempre falam que... falam que é uma... que é algo muito mútuo ali, que assim como eles tão nos ajudando nós estamos ajudando eles a se prepararem para serem futuros professores ou mesmo que não... não vão ser professores, mas que acaba sempre tendo uma troca de informação, né, numa sala de aula. Não é porque eles são... tão exercendo o papel*

*de professores que eles são donos de todo o conhecimento ou que seja apenas eles que têm a acrescentar. Como eles sempre falam, eles sempre acaba aprendendo muito com os alunos e é algo muito legal que eu acho assim bem bacana a experiência de tá na sala de aula, assim, que, como eu falei, é algo que eu gosto bastante também. E é algo muito legal, que eu acho, assim, bem bacana de te aquela interação com as pessoas, colegas de turma. A gente sempre tem aquele grupinho que a gente sente mais afinidade. Eu, por exemplo, a gente sempre percebe isso, tem aqueles grupos, que ficam no canto, no fundão, mas que eles se socializam e se entendem melhor. É legal isso, marca pra troca informações, debate sobre determinados assuntos, esse negócio é bem legal. Eh, mais uma vez, eu gostaria de falar que algo que o PVC, eh, eu acho muito incrível, principalmente porque dá oportunidades pra pessoas que não têm como pagar um curso pré-vestibular, eh, particular, né. Muitas pessoas que não trabalham, que são dependentes do pai ou da mãe ou até que trabalham, mas tipo, por exemplo, no meu caso, eu trabalho, mas eu moro sozinho aqui, então tem que pagar aluguel tem que, enfim, tem que arcar com as despesas da casa, né, então acaba não sobrando pra investi, assim, nos estudos e o PVC ajuda muito e funciona, porque não é algo que 'ah! Porque é algo que é comunitário, que é gratuito', mas a gente vê que funciona. Porque toda aula... as aulas inaugural vai as pessoas que conseguiram, que passaram e que vão lá dá o depoimento e que é algo muito inspirador pra... pra nós que estamos come... eh, começando, né. Porque a gente vê que, se a gente investi se empenha, a gente vai conseguir. Então é algo muito legal.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

**E25: [inaudível] [internet falhando]**

*E25: ... principalmente, assim, eu, mesmo com internet, né, então, a minha maior fonte, acho que 90% da... [inaudível] não tenho televisão em casa, jornal não sei nem onde que compra, sabe. Então, 90% da parte minha informação é da internet [inaudível] [internet falhando] ... amigos, pessoas, trabalho... Se eu fico sem internet, eu meio que fico desamparada de tudo. Não tenho como ter a quantidade de informação que deixa a gente confuso às vezes também, né.*

**P1: Então você já se sentiu vulnerável?**

*E25: Sim.*

**P1: Um exemplo que te marcou bastante?**

*E25: Eu acho que pode ser algo besta, mas assim, quando eu to na rua ou eu não tenho, assim... Teve uma vez que eu tava na rua, e eu acho que não tinha mais horário de ônibus ou eu tava sem dinheiro para pegar um ônibus. Eu não tinha dinheiro, tipo de papel, sabe. Daí eu queria, sei lá, entrar na internet e perguntar para alguém, assim, se passava o ônibus naquela rua e não tinha nada. Porque eu não tinha internet, não tinha dinheiro na mão, só tinha cartão, né. Para chamar precisa de internet... Então, acho que seria esse o exemplo que eu mais me lembro, assim. Teve vários casos também, mas eu não me recordo agora.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E25: Nossa senhora... Muito desesperador, né, principalmente a gente que é de escola pública, a gente precisa, né, não só do ENEM, mas também a UFSC não vai ter mais vestibular próprio dela. Então, a gente ficou, assim, desamparado total. Então, a gente fica bem frustrado, né, de não conseguir de passar numa universidade, que a gente conta com isso, que é a nossa única forma de evoluir na vida.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E25: Assim, eu tenho 18 anos, né, como eu falei, eu to saindo de uma fase super comprometedora, que é onde eu decido o que eu quero da minha vida, qual curso eu vou fazer, né, qual profissão vou me tornar, que tipo de pessoa vou me tornar, isso no meu caráter e tal... Então a gente fica meio desesperado, eu acho que em toda a fase da vida todo mundo vai passar por isso, não é só a gente. Então qualquer fase da sua vida tu vai ficar meio angustiado com algo, mas depois tu vai se levantar, né. Então, acho que a sobrecarga de informação nessa idade que a gente é bem comprometedora, porque as taxas de depressão e suicídios só sobem, eu particularmente não tenho essas coisas, mas ansiedade eu tenho bastante, tanto é que eu tomo remédio já, para me controlar. Porque, assim, eu vim de uma família que sempre me deu, assim, uma base para mim ficar estável. Mas [inaudível] [internet falhando]... é muito grande, sabe.*

**P1: É bastante informação, principalmente nessa fase dos 17 aos 25 anos.**

*E25: Complementando agora com sua pesquisa, foi muito válida para mim, eu te agradeço também, muito válido para eu evoluir. Acho que é muito isso. Parabéns também pelas perguntas. Teve algumas perguntas que eu não consegui assimilar muito e não sabia muito bem como responder. Mas acho que eu consegui responder tudo, assim, do meu jeito.*

## **ESTUDANTE 27 (E27)**

**01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E27: Mais, assim, quando eu tenho muita dúvida, sabe. Ou, como eu falei, quando está acontecendo alguma coisa significativa, assim. Por exemplo, nessa questão do impeachment da ex-presidente Dilma, foi um momento que eu comecei a buscar bastante, sabe. Se eu não sei, né... Se me fala uma coisa que não sei, eu vou atrás, assim, sabe. Seria mais nessa questão, assim. O conhecimento para poder falar, né. Eu não consigo opinar sobre uma coisa que eu não sei, sabe. Então, é mais nesse ponto mesmo.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E27: Como eu falei: quando eu não sei sobre o assunto mesmo. Se é algum assunto que me instiga, eu vou atrás. Se você me falar alguma coisa e me despertar algum interesse, eu vou atrás.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E27: Eu to cogitando agora o Descomplica, e tipo podcast eu escuto bastante, Deezer, né, e o Youtube. Se tiver alguma matéria que eu tenho dúvida, eu vou atrás nesses 3 principalmente.*

**P1: Então, o Descomplica, e os outros quais são?**

*E27: O Deezer, eh, podcasts, né. Tem uns podcasts bem legais no Deezer. E pelo Youtube... E alguns perfis no Twitter, assim, tem alguns perfis de professores no Twitter que eu, também, às vezes dou uma olhada.*

**P1: Tu lembra de algum nome específico do Twitter?**

E27: 'Hum Hum' [(expressão para 'Não')], mas vai aparecendo aleatório, assim, eu vou olhando. Eu até sigo, mas vai ficando muito para baixo, depois eu acabo... Só quando eu vou olhar mesmo, sabe.

**P1: Você se atém mais ao conteúdo do que a pessoa que escreve ali, no caso?**

E27: Isso, exato.

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

E27: Mais a do colégio mesmo. Na (biblioteca) pública eu fui bem poucas vezes, assim, a do centro ali, né. A da UFSC eu nunca fui. Era mais de escola assim mesmo, sabe.

**P1: E você estudava onde? O seu colégio?**

E27: Eu fiz... O ensino médio eu fiz no Dom Jaime Câmara, aqui na freguesia do Ribeirão.

E27:

**P1: E tinha biblioteca lá, então?**

E27: Tinha, né, tinha sim.

E27:

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

E27: Por palavra-chave e na busca assim, né... É só isso. Às vezes se tiver no site a opção de categorias eu até coloco, sabe. Mas, a principal mesmo eu vou no guia de buscar e por palavra-chave.

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

E27: É, assim, geralmente quando eu vejo uma informação que eu acho muito relevante, eu vou atrás de fonte oficial, sabe. Eu aprendi isso muito no processo de 2016 para cá, né. E é mais isso, assim. Eu avalio se eu acho relevante. Se eu achei muito relevante, eu vou ler aquilo ali, vou tentar pesquisar mais sobre aquilo, sabe. É mais isso mesmo. Eu tenho uma certa dificuldade na leitura, porque eu tenho uma leitura que eu digo que é muito rápida, assim. Então, eu tenho que voltar e ler de novo porque senão eu passo direto pelas palavras, sabe. E até isso me dificulta muito concentração então eu tenho que ler bastante vezes assim.

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

E27: Ah cara, não saberei te dizer especificamente, assim.

**[Ent. repete a pergunta e dá exemplos] Você lê, você resume, faz post-it, você lê em voz alta, você imprime...?**

E27: Não, não... É mais impressões e leituras em voz alta. Este negócio de post-it eu não consigo, não consigo me organizar neles, assim, sabe. Eu me perco muito. E resumo, assim. Uma coisa assim: mesmo que eu esteja lendo, provavelmente em algum momento eu vou escrever, porque eu gravo muito mais as coisas escrevendo do que lendo, sabe.

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

E27: Assim oh, vou te falar: como minha rotina é muito corrida eu estou sempre ouvindo. Então, tipo, se eu tenho alguma... matéria de humanas principalmente, se eu tenho alguma dúvida eu boto podcast ou vídeo e fico ouvindo, sabe. Porque eu saio muito cedo de casa, né. Eu pego meu serviço às 7 horas e 40 min, e saio só às 19hrs da noite... Ta certo, tem duas horas de intervalo. E como eu tenho a minha pequena [som de criança brincando], fica muito corrido, sabe. Então geralmente é isso: ouvindo podcasts, ou vendo vídeos. E a parte de exatas é fazendo exercícios.

*Tipo, eu chego em casa e começo a fazer exercícios para me aprimorar né. É tipo, ouvindo, assim. Ouvindo Podcasts e vídeos, mesmo que eu não esteja vendo, eu estou ouvindo, sabe. É a única maneira que eu achei de conseguir, assim, principalmente de como eu falei: de humanas, né. Agora de exatas não. Aí eu pego e faço exercícios para poder... ou leio né, quando eu chego em casa. Mas é bem menos, assim, é mais a questão de ouvir mesmo, sabe.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E27: Eu não vejo muita dificuldade, eu acho que hoje em dia é tudo tão fácil. É mais difícil de filtrar, eu acho, sabe. O que que é verdade, o que não é, mas o acesso em si eu acho que é muito fácil, assim. Qualquer lugar da internet tu acha, sabe. É muito mais esse filtro de saber o que que é e o que que não é, sabe. É muita opinião, é muita gente falando, então, se é um assunto que tu não domina... O que eu não domino eu acho... Isso é minha dificuldade, sabe. De filtrar, mas não o acesso em si, acho que é até bem fácil. Acho que é fácil até demais, porque tu acaba se confundindo muito, né, e como não tem esse filtro do que é real e do que não é, então tu acaba se perdendo, tipo, mais.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E27: Sim, aham... Tenho, principalmente as partes de humanas, assim, e interpretação. Às vezes eu me perco demais, eu tenho uma leitura meio 'suada', vamos dizer assim entre aspas, né, e eu me perco muito, assim. Mas eu sempre busco compreender, sabe. Tipo, vou atrás de alguém que saiba. A minha irmã tá fazendo ensino médio... porque, assim oh, faz muito tempo que parei de estudar. Muito tempo. Faz 12, 13 anos. Então, para mim é muito mais complicado lembrar do que para alguém que está aprendendo, sabe. Então a minha irmã que estava fazendo ensino médio, ela me ajudava demais naquilo que eu não compreendia, né. Mas eu tenho, eu sinto uma certa dificuldade, assim. Principalmente em termos mais técnicos, assim, sabe. Que a gente não conhece bem e tal... Tem questão que é muito técnico, que eles usam muitas palavras difíceis que a gente não é acostumado no dia a dia.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E27: É, é como eu falei. Quando veio a pandemia, que fiquei em casa, eu senti muita dificuldade, né, em conciliar, assim... Eu vou ser bem honesto, eu não sou uma pessoa muito regrada, né. Eu sou, de certa forma, também, preguiçoso. Mas é tempo livre, cara. Tipo, vinha um tempinho livre aí eu faço alguma coisa, sabe.*

*E27: E como eu falei: to sempre ouvindo alguma coisa, a parte de história, geografia, filosofia, sociologia, to sempre ouvindo. Mas, agora, a parte que tu tem que prestar mais atenção mesmo, que é química, física... aí eu paro, sabe. Geralmente no final da noite, assim, antes dormir eu dou uma olhada, faço alguma coisa. E exercício, né. Eu sempre me dei muito bem aprendendo fazendo exercício, então... É basicamente isso.*

**P1: Essa questão de 'às vezes somos desorganizados, às vezes é preguiça' todos nós somos assim, né. Somos seres humanos, né.**

*E27: E a gente trabalha o dia inteiro, chega cansado e tal, né.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E27: Eu foco mais nas questões de exatas mesmo, que é onde eu tenho mais dificuldade, sabe. As outras, como eu falei, eu vou ouvindo uma coisa ou outra, mas quando eu paro para estudar mesmo é essas de exatas: física, química, matemática, que é onde eu tenho mais dificuldade de compreender, sabe. Eu foco mais nisso, que eu acho que tenho mais dificuldade. E as outras eu vou ouvindo, né. Até porque essas*

questões, para mim, são muito mais de interpretação, então... e lendo, né, eu leio bastante, assim também. Até às vezes antes de dormir eu pego e entro em sites para ver, sabe. Eu to sempre lendo sobre história, a parte geográfica, de política. Então, eu me organizo dessa forma: eu priorizo, quando eu vou sentar para estudar mesmo, as disciplinas que eu tenho mais dificuldade, né, que são essas de exatas, e as outras eu vou ouvindo. Até as de biológicas, também, eu costumo mais ouvir do que parar para escrever ou fazer exercícios, sabe.

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

E27: *É como eu falei, sempre vendo... a questão das fontes, sempre vendo as mais confiáveis possíveis, as oficiais e tal. E absorvendo, né, o que está falando ali. É mais isso. Tipo, como fala ali, as questões éticas, sociais e políticas, e trazer para a minha vida. Se eu concordo com aquilo ou não. Se eu não concordo, e eu vejo... Se eu não concordava, no caso, e eu vejo que aquilo tá certo eu começo a seguir aquela coisa, aquela informação, aquele critério, sabe.*

E27: *[inteligível/ falha da internet] compreender, é mais ou menos, assim. É porque como eu falei, como eu tenho uma [inteligível/ falha da internet]... reler, reler, reler, até absorver, sabe. Até já pensei que deve ser um déficit de atenção, ou alguma coisa, mas eu acho que não. Então, seria mais isso eu acho, pelo que eu entendi.*

**[Entrevistadora comenta sobre buscar ajuda na questão da psicológica para melhorar a atenção]**

E27: *Então, assim, no meu trabalho eu até consigo focar, sabe. É mais na questão de estudo mesmo. E o engraçado é que quando era mais novo eu lembro que eu não era assim, quando eu estudava, sabe. Eu era muito mais perspicaz, assim, eu conseguia entender mais... Não sei se foi muito tempo parado... E agora, principalmente nessa época de pandemia, que eu fiquei mais em casa, eu percebi que para mim é muito mais fácil eu aprender com alguém me explicando do que sozinho. Cara, é cruel, assim, às vezes tem coisas que eu tenho que correr para os professores, ou para alguém que saiba, sabe. Que tá mais fresco, como minha irmã, por exemplo. Porque é muito mais fácil eu aprender dessa forma... Eu até tenho um amigo meu que é professor de Biologia, e a gente de encontrou há um tempo atrás e eu falei para ele assim: 'Tu, como professor, tu vê que é mais difícil? Porque eu, como aluno, eu vejo que é bem mais difícil.' e ele falou: 'Não... É bem, bem complicado, assim...'. Porque não tem comparação tu ter alguém ali em cima de você, ou que explique frente a frente, porque né. É como tu falou ali: 'Se tu não entender, tu me fala que eu te pergunto de outra forma...'. E realmente, se eu não entender uma matéria, né, o professor vai me ensinar de outra maneira, de uma maneira que tu entenda, né. Falar a linguagem que o aluno está acostumado, vamos dizer assim.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

E27: *Às vezes sim, para absorver tudo, sabe. Às vezes eu penso que é muita coisa para aprender e para absorver. Mas aí também eu já penso, porque se eu quiser fazer um curso superior, vai ser assim, né. Imagino que seja uma carga enorme de informação que vão te jogando, provas, e trabalhos, então é uma coisa que eu tenho que me acostumar. Mas às vezes eu me sinto, porque a informação de tudo qualquer lado, né. No curso, na internet, em casa, na televisão, é muita coisa, às vezes, para*

*tu absorver, sabe. E a gente que quando já não tá mais acostumado, volta tudo isso de novo até ser reacostumar, mas... Não vou falar que é ruim, sabe. Mas às vezes me estressa, assim.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E27: Eu sinto muita dor de cabeça e muito estresse, assim. Eu fico muito irritado e estressado. É mais ou menos isso, assim. E com dor de cabeça, né, sinto bastante dor de cabeça.*

**P1: Então no emocional você fica estressado, fica angustiado, fica ansioso?**

*E27: Às vezes sim, mas não é muito recorrente, é mais o estresse mesmo, aquela irritabilidade, assim. Mas já aconteceu de eu ter vontade de chorar e tal, assim, de às vezes tu não saber resolver uma questão, sabe. E ficar muito eufórico, mas no geral é mais o estresse, assim, tanto, às vezes, no cursinho, no trabalho, em casa.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E27: Geralmente quando eu to assim, tenho duas opções, que são meio até opostas: (que eu sou umbandista) ou eu vou para o meu terreiro, né, com o pessoal, confraternizo, conversa, ou eu fico sozinho. A maioria eu gosto de ficar sozinho, tipo, eu chego em casa vou para o meu quarto, eu brinco um pouco com minha pequena, depois eu venho e vejo uma televisão. Uma coisa aleatória, uma série, nada que vá me deixar estressado para poder dar uma aliviada, assim. Quando eu fico sozinho é eu comigo mesmo, não tenho aquele falatório, aquela pressão em cima de ti de gente perguntando isso ou aquilo, ou aquela coisa que tu tem que resolver alguma coisa. Então é teu momento contigo, sabe. Tu fica ali sozinho mais relaxado. É onde vai baixando a energia ruim, vai dissipando esse estresse... melhorador e tal.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E27: Assim, no começo... Vou falar da parte física, tipo, lá no ensino fundamental foi a parte da visão, que eu não sabia que eu tinha problema, né. Depois não veio nada muito significativo não, assim. Eu lembro que quando eu estudava eu era um aluno bem aplicado, eu tirava nota boa e eu tinha bom atendimento. Vem mais nessa fase agora de adulto, que eu acho que eu fiquei muito tempo sem estudar e embora eu leio bastante, eu gosto de ler muito, sabe. Livro, estou sempre na internet lendo alguma coisa, mas é mais a questão de entendimento mesmo. Eu tenho dificuldade, às vezes, de entender uma coisa ou outra.*

**P1: E você parou de estudar por quê?**

*E27: Não, não. Eu até gostava, assim. Hoje eu até estranho, porque as matérias que hoje eu tenho mais dificuldade, que são as de exatas, no meu ensino médio, quando eu fiz regular né, eu era muito bom. Matemática, química, física, para mim era só de oito e meio para cima. E hoje em dia é o que eu mais tenho dificuldade, é incrível, assim. Até como eu falei, quando o professor tá perto até a gente tem um certo entendimento um pouco melhor, sabe. Mas agora, não igual antes. Eu parei de estudar, assim, de [inaudível], porque parei quando comecei a trabalhar... Na real, eu não estava trabalhando ainda. Não, minto. Quando eu parei de estudar, comecei a trabalhar e comecei a conciliar, e para mim foi meio difícil conciliar o estudo com o trabalho. Então minha mãe falou: 'ou tu estuda ou tu trabalha', né, e eu falei: 'não, então vou trabalhar'. Naquele tempo tinha uma cabeça totalmente diferente da que eu tenho hoje. Naquele momento o que eu ganhava, para mim, era o suficiente, sabe. Porque, imagina, eu morava com meus pais, e tal, o dinheiro era para mim, né, Mas depois que [inaudível] Agora é mesmo com a minha filha, antes mesmo que a Maina(?) [nome da filha] nascer eu pensava: 'Cara, eu tenho que voltar a estudar',*

*porque esta vida de trabalhar a vida toda... Não menosprezando meu trabalho, porque é o que garante o meu pão, né, mas não é o que eu quero fazer quando eu ficar velho. Mas eu parei de estudar foi por tolice. Cara, se eu pudesse voltar no tempo... E tipo eu falo assim: minha filha, mesmo se ela queira, eu vou [inaudível] A gente, depois que ficar velha, a gente vê a dificuldade, né. Mas foi tolice, parei de estudar por bobeira. Eu e meus irmãos.*

**19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

*E27: Às vezes sim, sabe. Mas... é como eu falei, eu vejo que é necessário, mas não é uma coisa que me paralise de alguma forma, assim, sabe. É uma coisa mínima... Eu não vou dizer que é uma coisa tipo 'ai que chato', sabe. É como eu falei: é saber filtrar. A minha maior dificuldade é saber filtrar, tipo, o excesso de, sabe. Mas não é uma coisa que me prejudique ao extremo, não.*

*E27: Com o tempo eu acho e tu vai se dando conta mais, sabe. Vai aprendendo sites que são confiáveis, os que não são... porque tem coisas absurdas, então tu sabe que aquilo é mentira, né. Mas tem coisa que tu fica bastante na dúvida, assim, sabe. Principalmente na questão política, ou econômica, então é bem complicadinho.*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E27: Mais ou menos, eu diria assim: eu acho que uns 40%. Teve bastante coisa assim que eu fico com dificuldade e tal. Mas uns 40% de boas.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E27: Para mim, de forma negativa. Parece que é questão de falar que eu não tenho muito foco, né, [inaudível]. Querendo ou não, o PVC... tu vai para lá... não vou dizer que tu se obriga, porque eu acho errado, mas tipo tu vai para lá, entende? Então, tem alguém te ensinando, tu se sente mais motivado porque tem alguém aí no teu lado, né. Na questão do EAD, eu senti muita falta disso, então tinha coisas que eu não consegui resolver de jeito nenhum que eu deixava para lá, sabe. Mas para mim foi [inaudível].*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E27: Ah, foi difícil, assim: no começo foi [inteligível/ falha da internet] social, né. Eu estava mais motivado, e eu ainda estava naquela pilha ali e tal, então eu estudava um pouco mais, eu me esforçava um pouco mais. Depois, foi vindo um cansaço do isolamento, até um cansaço psicológico, porque tu acaba ficando em casa. Veio muito medo porque eu não tava mais saindo com amigos e tal, e eu continuei trabalhando, eu trabalho no mercado, então eu tenho muito medo, também, disso. Então, veio um cansaço psicológico muito grande. Me esgotou um pouco assim, deu uma baixada no meu ânimo para estudar. Mas ainda persisti, sabe. Mas bem menos, assim.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E27: É mais as partes, como eu falei, daquelas matérias que eu tenho dificuldade, assim. No geral, amplamente falando, não, assim. Até que não. [inteligível/ falha da internet] Porque, é como tu falaste, não é dono do saber, então eu não consigo me sentir impotente por uma coisa que eu não sei, sabe. Fico irritado por não conseguir, mas chega a ser uma impotência, assim.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma**

complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).

*E27: Eu diria que sim, nessa questão de não saber e, às vezes me sentir incapaz, burro. Mas não é muitas vezes não, assim, eu até não me cobro demais, sabe. Como eu falei, eu até fico um pouco irritado, mas não é uma cobrança de eu imaginar que eu tenho o dever de saber. E de certa forma eu sou muito emocional, mas racional também ponto. Então eu penso: 'poxa, não posso me cobrar, porque, né, eu to estudando em EAD, muito tempo parado sem estudar, com uma certa dificuldade. Então, eu não vou me cobrar tanto, sabe.'. Mas sinto, às vezes eu sinto que eu sou... principalmente tipo: poderia me esforçar mais, e buscar mais, e acabar não indo. Mas é isso mesmo, assim.*

**P1: E tu tens algum exemplo da sua vida de estudante, de algum momento de vulnerabilidade à informação?**

*E27: Não, que me venha a memória, assim, não.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E27: Eu vou ser bem honesto, assim. Eu achei bacana, sabe. Porque... por eu só tá estudando só em casa... Eu tenho noção que tem muita gente que não tá tendo acesso à informação, que não tá... Eu por mim suspenderia tudo, vou ser bem honesto contigo. Porque eu conheço gente, por exemplo, que não tem internet em casa, entende? E que está estudando de uma forma totalmente precária, assim. E como é que faz aí? Entende? Então eu não fiquei bravo, não achei injusto, nem nada assim. Eu acho que tinha que ter cancelado tudo, ter jogado mais para frente, num momento mais calmo. Até por uma questão de saúde, também. Mas por esta questão de desigualdade, cara... Eu acho que vai ser muito desigual, sabe. Muito desigual. Não é a mesma coisa. Por exemplo eu não tenho computador em casa, eu estudo pelo celular. Tudo que eu vejo é pelo celular. Tem gente que tem dois, três computadores em casa, sabe. Que faz cursinho, que o pai pode pagar professor para dar aula, mesmo que seja de maneira remota, para aquela pessoa. Muita gente não tem, cara, tipo eu não tenho. Eu conheço gente que, como eu falei, que não tem computador, não tem internet em casa, sabe. E aí como é que faz? Deveria ter cancelado, eu não ficaria brabo nem nada, sabe.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E27: Aham. Em relação ao PVC, é como eu falei, eu só tenho a agradecer a Janete, acho muito bonito o trabalho que ela faz, sabe. Por ser totalmente gratuito e afins, assim. Eu já pensei, tipo, seriamente, de tipo, de quando eu me formar... se ela continuar com o... ou quando eu estiver estudando, né, se eu consegui entrar num vestibular, numa faculdade, que Deus queira que eu consiga... de me oferecer para dar aula, cara. Porque eu acho muito bonito o trabalho dela. Muito bonito mesmo, assim. Eu particularmente não entendo como é que ela não conseguiu, tipo, se eleger deputada estadual ou vereadora agora, né, porque é muita gente que passa por ali, cara. Eu particularmente votei nela, e fiz a minha família votar, sabe. Fui ali conversando, falando, explicando o projeto e é muito bacana. É muito bacana. Eu não conhecia... A minha tia, essa que trabalhava na Eletrosul, a Elizete, ela conheceu acho que de uma época que a Eletrosul começou a ajudar projetos... e ela que me indicou, assim: 'Ah, conversa com a Janete, tenta entrar, fazer o método de seleção.'. E eu fiz e graças a Deus deu certo. [inteligível/ falha da internet] ... em relação a*

*pandemia, hoje eu to mais acostumado, desse isolamento, to mais acostumado, né. Eu acho que a gente já ficou tão estressado com isso que... não que eu [inaudível], perdão a expressão da palavra, o 'Foda-se', sabe. Mas já tá mais cansado, assim. E também, tu querendo ou não tu se apegando numa esperança que está vindo essa vacina e que já tá passando, sabe. Tu cria um pouco mais de paciência em relação a isso. Era mais isso. Eu gostei da entrevista, achei bem bacana, assim. Até me fez rever coisas de mim, sabe. Que eu posso melhorar, coisas que eu posso buscar mais. [inaudível] Esse negócio da leitura, eu nunca tinha [inaudível] e tipo, procurar uma ajuda de psicólogo, alguma coisa, sei lá, para ver se pode ser um déficit de atenção. E eu acho que eu vou correr atrás disso, cara. Isso me prejudica um pouco, sabe.*

## **ESTUDANTE 28 (E28)**

### **01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E28: Aí, eu. Assim, né, eu sempre estudei pra trabalhar, sempre procurei tá, dentro da área, assim, tá me atualizando. Sempre fui curioso, assim, pro que eu faço, sempre tá pesquisando, sabendo os porquê, essas coisas. Sempre... sempre que precisar. Ah, pra tudo acho [inaudível] fazer eu busco informação, pelo menos para eu ter conhecimento. Sempre... hoje o YouTube ajuda bastante também, né. [risos].*

### **02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E28: Ah. A partir do ponto que eu não tenho conhecimento do que eu... do que eu vou tá fazendo, que eu tenho ali ou até mesmo quando a gente... ah, quando procura, tá fazendo uma leitura de algum assunto diferente, tirando curiosidade, aprende alguma coisa diferente. Acho que é isso.*

### **03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E28: É, o pessoal lá do curso, eles disponibiliza... eles dava bastante material pra gente, de nome agora eu não vou saber, mas tem bastante aplicativo que simula prova do ENEM, faz bastante simulado, eh, por aplicativo, sempre buscava bastante aplicativo e vídeo aula, assim, YouTube, também., semp... de determinado assunto, sempre tava procurando, então, uma esclarecida melhor.*

### **04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Ou costumava ir quando cursava o ensino fundamental e médio. Também cite alguns dos serviços da biblioteca que você utilizava?**

*E28: Ia. Na época do colégio, sim. Na época do Colégio, eu lia bastante.*

### **P1: Qual o colégio que você estudou?**

*E28: Olha, eu... eu... eu fui... eu estudei no Aplicação até a quinta série. Aí eu tive que sair da aplicação e fui estudar no Getúlio [Vargas, no bairro Saco dos Limões, de Florianópolis] e depois no Anísio Teixeira, na Costeira [do Pirajubaé, bairro de Florianópolis]. Foi os três colégios que estudei. Me arrependi muito de ter saído do Aplicação*

### **P1: Aplicação da UFSC, né.**

*E28: Isso. Eu me arrependi muito. Na época não tinha jeito, a mãe teve que mudar a gente.*

### **P1: Vocês mudaram de residência?**

*E28: Não, a gente teve que estudar no bairro, que era mais perto de casa. A gente... a mãe não tinha condições, né, de manter a gente estudando, pega o ônibus, é... era mais difícil, né. Aí, a gente foi... eu e minha irmã, era eu e minha irmã, a gente estudava no Aplicação. Aí, a gente se mudou para o colégio do bairro. O Getúlio, no caso. O Getúlio Vargas. O Aplicação é muito bom. Ah, o estudo do Aplicação é muito bom. Pô. Eu*

*senti a diferença quando me mudei de colégio, senti muito, assim, que era muito diferente.*

**P1: Que serviços você usava na biblioteca? Empréstimo, outros?**

*E28: Isso, é. Pegava livro para lê. Lia bastante. Tinha esse hábito. Hoje não tenho mais.*

**P1: Mas pode recuperar, né.**

*E28: É verdade.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E28: Ah. Eu acho... é sobre o assunto, mesmo. Como é que eu vou falar? Ah. Se eu to procurando sobre o assunto, eu coloco a li sobre o assunto, geralmente é isso mesmo.*

**P1: Por assunto?**

*E28: Não tem como dá esse... como é que eu vou explica? É, acho que é pelo nome da coisa que... que, do momento aí que a gente tá buscando. Acho que é isso. Hoje o Google também entende tudo, é. Qualquer palavra ele entende.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E28: Sim. Sim, sim. Hoje não dá pra entra em tudo que tem, porque é difícil, é muita besteira, então, geralmente quando é notícia, assim, eu sempre procuro olha nas plataforma que é conhecida, né. E quando é no YouTube ali, geralmente a gente olha pelo número de visualização, quando tem bastante gente vê, é porque a tem... eh, o conteúdo é interessante.*

**P1: Esta é sua forma de avaliar. E como você separa as informações para usar?**

*E28: Para mim usa? Como que eu vou explicar? Ah, como... por exemplo, se eu fosse estuda, eu tava ali com um caderno e uma caneta do nad... do lado, anotando os... os pontos mais... que eu achava mais... os principal, relevante. E a minha forma sempre foi isso, sempre fazendo uma anotaçãozinha que é minha forma de memoriza melhor. Não só lê e olha. Sempre, é assim acho o meu jeito de... que eu sempre levei foi isso, sempre faz meu rabisco do lado pra pode memoriza melhor.*

**P1: A próxima pergunta é...**

*E28: Ah e pra re... por exemplo, pra reforçar, faz bastante exercícios. Esses exercícios sempre tem que tá, pelo menos pra praticar, até pra pratica na hora... fazendo bastante simulado pra exercita o tempo da prova, pra não excede, chega na hora tá um mais preparado.*

**P1: Você chegou a fazer a prova do ENEM no domingo passado?**

*E28: Eu...eu não fiz, deu problema na minha inscrição, não sei porque, eu. Eu ganhei a isenção só que eles não me liberaram a inscrição, certificado de inscrição, eu não consegui fazer a prova. Deu problema, não... não... não consegui entra no site pra emiti o certificado, não consegui faze a prova*

**P1: E não conseguiu fazer a reclamação no site?**

*E28: A gente não fez ainda... a minha, eh, essas coisas quem geralmente quem já faz é a minha esposa, ela que domina mais a informática, daí eu deixo pra ela, mas ela vai faze, sim, vamos ver se... o que que vai, mas eu vi, é eu vi que bastante gente reclamou também sobre isso.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E28: Olha, pro estudo, sim, a gente... pra resolve exercícios, né. Agora, como eu to parado agora não to trabalhando, mas sempre quando eu tinha alguma dúvida sempre dá pra pesquisadinha ali pra usa no dia a dia até, né. Conhecimento. E pra tira a dúvida, assim, quando às vezes quando tinha. Era pra esse tipo de... era pra isso que usava, mesmo, pra que eu uso informação mais pra isso. Hoje trabalha não tra... não to trabalhando, mas é só pra faze exercício, mesmo. Pra mim dá uma praticada.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E28: Como é que eu faço... ah, sempre tento... se não tá bem esclarecido, tento fazer de novo, sempre tentando fixa bem, por mais que não entenda, mas pelo menos tentando refaz pra pelo menos te alguma lembrança alguma coisa se um... se precisa na hora te um... por mais que a gente não... não consegue entende tudo, tem coisa que fica meio, mas acho que é isso. Tentando refaz, pra pode fixa, né.*

**P1: Você busca melhora o seu desempenho com ajuda de outras pessoas, por exemplo, familiares, professores, pessoas próximas?**

*E28: Não. Ah, as dúvidas a gente tirava em... na sala, assim, né, lá com os professores sempre tava tirando as dúvidas, mas em casa é só eu... é só eu mesmo.*

**P1: Nem com a sua esposa?**

*E28: Não, ela já... ela terminou o ensino médio, ela não que sabe mais de nada.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E28: Ah, acho que até pra chega na informação até que não é difícil, não tem dificuldade, ali, tem muita coisa. O problema é sabe quando a informação é boa e... e bota... 'ah, quem sabe usa ela às vezes é um assunto que não sabe que a gente não conhece essa dificuldade, de repente, coloca ele, de entende, né'. Não sei.*

**P1: É, às vezes até dificuldades com sinal de internet, equipamentos...**

*E28: Entendi. A internet... a internet em casa, não falta. Aí, o celular tá bom ainda, não tão com a tela quebrada ainda, dá pra vê bem ainda.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E28: Ah, eu acho que de... alguns assuntos sempre vai te um pouco mais de dificuldade, a física sempre foi minha grande dificuldade na... no ensino, nunca consegui muito entende as teorias dela, da física, mas acho que é isso, eh, nem tudo a gente vai consegui compreende pelo menos. Eu acredito. Sempre vai te alguma dificuldade, né.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E28: Ah. Procuro sempre reservar um momento para mim... acho... principalmente estar sozinho dentro de casa, sem a mu... sem... sem a mulher pra tá ligando televisão, rádio, que eu gosto de silêncio, pra pode presta atenção, eh, e geralmente é uma horinha, duas horinhas por dia pra pode faze isso, quando to a fim mesmo de... [inaudível] mais embalado no estudo.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação? Qual é o seu método de estudo?**

*E28: Ah, como é que eu vou... ah, geralmente eu já... ah, quando eu vou me... eu me organizo pra estuda, ah, eu dou prioridade geralmente pra assunto que... que eu tenho dúvida. Eu tento... sempre fixo até tenta compreende, resolve, ah, ou acha o caminho, ali. Às vezes, vai ali, até resolve junto com professor, com alguém, mas sempre fica uma dúvida, alguma coisa e eu tento sempre tá, traze de volta e tá refazendo pra pode compreende até a maneira para pode fixa bem. Acho que é isso.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E28: Sim. Ah, qual é a estratégia? Ah, eu acho que... como é que eu vou responde?*

**P1: Por exemplo, você seleciona os sites ou só pesquisa no Google?**

*E28: Não, eu seleciono, eu procuro pelas plataformas mais conhecidas.*

**P1: E tu pode citar algumas dessas plataformas?**

*E28: Ah, UOL, R7, G1, geralmente eu procuro por elas.*

**P1: E aí, você faz uma análise crítica da informação, acessando por elas?**

*E28: Ah. Como... depende do assunto... dependendo do assunto, assim, geralmente dependendo do assunto, a gente vai te aquela nossa. a opinião nossa, 'será? Será que vai ser assim?' Eu sempre faço essa comparação com a minha... com a minha opinião, né.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E28: Sim, é um... muita coisa, realmente, hoje é muita coisa pra... pra cabeça da gente eu não sei se é mais devido à responsabilidade, trabalho, casa, tudo mais. Não é só o estudo, quando era mais novo, que não tinha tanta preocupação... mas realmente é muita informação. Acaba, às vezes dando... eh, acaba, às vezes, dando dor de cabeça, né, demais.*

**15. P1 - Você antecipou a resposta, mas eu tenho uma pergunta: o que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional. Você já disse sentir dor de cabeça, tem alguma outra dor?**

*E28: Ah, eu, natural, eu tenho... eu parei de trabalhar por causa do meu problema de coluna, eu... eu fico parado sinto dor, eu nem mexo sinto dor. Isso já é natural de mim, mas é a do de cabeça e geralmente começa a dá uma do nos ombros aqui de... começa a me estressa, eu começo a fica irritado ali quando, ah, já não começa mais a entra, né. Aí é isso, acho que é isso.*

**P1: E no emocional, você sente alguma coisa?**

*E28: Emocional... emocionalmente, não. Não. Acho que... ah, dá, acho que sim, fico meio desanimado, acho que dá uma desanimada, assim,*

**P1: Sente angústia, ansiedade, tristeza?**

*E28: Ah eu s... eu já so... eu sou ansioso já, agora, é acho que... é angustiado, também, pode entra.*

**P1: Vontade de chora?**

*E28: Não chora, não, mas é, acho que angústia, assim, também dá pra se encaixa, assim.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E28: Ah, eu levanto, respiro, pego um ar, tomo uma água e... e do um tempo e depois volto. Tento passa aquele momento só, ali, que desânimo e depois eu volto... que não pode desanima, né, não pode larga de mão também.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E28: Uhum. Ah, eu acho... a dificuldade, a principal foi a de locomoção, quando do Aplicação, já era ruim a gente tinha que pega o ônibus pra pode estuda. Acho que foi uma dessas que a mãe não conseguiu mante a gente lá. No cursinho também, a locomoção era difícil, era hoje de casa, não é perto, não. Tinha esse essa locomoção e o horário do trabalho que tinha que concilia, né. A principal também é o horário de trabalho, sempre tava chegando atrasado, sempre tava chegando em cima de horário, sempre corrido. Até ia de moto, daí tava sempre arriscando, que daí o cara queria chega no horário, é complicado, mas acho que era isso, essa era a principais dificuldades, o horário de conciliar o estudo com trabalho e a locomoção foi...*

*E28: [refere-se ao Colégio de Aplicação]*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E28: Ah, essa vontade de estuda voltou agora, depois que descobri meu problema de coluna que eu sabia que tinha que para e fica encostado e eu não queria fica em casa sem fazer nada, queria ocupar a cabeça e foi onde voltou a vontade de aprender de novo, de estuda busca conhecimento mais, né, que antes o conhecimento que eu procurava era só dentro da minha área, do que eu precisava fazer, relacionado àquilo, não... não procurava além daquilo. Hoje eu tenho já interesse, já quero aprender, hoje eu... vontade de fazer o vestibular, presta um vestibular, tenta entrar na universidade, hoje eu sinto essa vontade.*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E28: Ah, eu não me sinto... Ah, eu me sinto uns 60 por cento preparado, eu acredito. Eu fiquei muito tempo sem estudar e retoma assim também leva um... eu sei que leva um tempo, não vai se do dia para noite, mas acredito que eu, se eu fizesse a prova hoje, eu sairia melhor do que a prova do ano passado, atrasado no caso. Acredito.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E28: Ah, negativa. É, negativa. Eu estud... eu confesso que estudo pessoalmente vendo um professor ali explicando, tá ali presente é... é muito melhor do que estudo pelo celular, ali, o... Sei lá, tem muita coisa que eu tenho dificuldade não consigo absorver. Eh, tem hora que enche o saco, assim, ficava prestando atenção e aquilo ali não entra, o assunto não entra, não... Tem hora, que é a hora que dá dor de cabeça, né. Eu sinto muito mais dificuldade de aprender pelo celular do que, vendo aula essas coisas pelo celular do que tá ali, numa aula presente, presencial. Pelo menos essa é a minha... é o que eu sinto.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E28: Então, eh. Pessoal faz bastante vídeo... videoaula ali, a gente acompanha. Ah, foi negativa. Foi negativo, porque eu... eu sinto que ficou pior para mim. Que nem eu me sinto melhor presencialmente, né. Pra mim, não foi... adapta, me adapta, não me adaptei ainda. Eu tô... tô correndo atrás tentando, né, mas tem aula que dá sono tem aula que [risos] chega ali eh, não consegue entender. É complicado.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E28: Ah. Quando não consigo usar ela. Aí eu me sinto incapaz, né. Às vezes, até chega na prova a gente sabe que sabe o assunto, conhece, que já viu, mas não consegue resolver. Esse eu me sinto incapaz.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E28: Ah, sim quando [risos] quando não passei na... não passei na UFSC. Faltou um pouco mais de conhecimento, faltou mais informação.*

**P1: Então esse é seu exemplo – na questão do vestibular da UFSC, no preenchimento dos documentos?**

*E28: É da prova, em si, de não ter passado, de documento também, que faltou um pouco mais de conhecimento, né, de atenção também. É isso.*

**P1: A partir daquela experiência, hoje você saberia melhor os caminhos?**

*E28: Sim, hoje a informação já tá mais... to mais, eh, como é que eu vou dizer? Mais ciente, eh. Hoje, não cairia no mesmo erro, vamos dizer assim.*

**P1: É importante conhecer os detalhes do edital...**

*E28: Não só lá fazer a prova, é. Saber um pouco... É, verdade. Ah, eu... eu... eu me... eu me... Ah, na verdade, não fui nem que preenchi meu cadastro. Eu também depois li o... que eu fui atrás do edital pra pega os documentos, quando deu lá o... que eu passei, daí que eu vi, aí, assim, não vai dá. Eu já vi que não ia dá. Aí, vai faze o quê?*

*E28: [refere-se ao episódio em que foi aprovado no vestibular para o segundo semestre, mas compreendeu que seria a segunda chamada].*

*Explicar o analfabetismo funcional, compreender regulamentos, normas.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E28: Ah, eu sei que vai atrasar muito, né, muita gente vai... Eu sei que tem bastante gente que sempre sonha com isso, eh, termina o colégio, ingressar, o vestibular. Eu não... eu fui trabalha, não segui esse caminho, mas eu vejo bastante gente jovem, ali, que eu vi no curso. Pessoal a fundo, estudando dia e noite, eh, pra isso e eu sei que vai... que muita gente vai perder essa vai se um atraso para todo mundo, na verdade, né. Eu a... eu espero que pelo ENEM pode ser que apareça uma oportunidade ainda para mim, porque se usa o ENEM, pode ser que eu possa entra ainda, que eu já pass... eu passei ENEM 2014. Mas aí vai ainda depende se eles vão aceita o de 2014, né. Eu acho que eles fazem uma relação, ali, um histórico de estudo. Vamo vê, né. Pode se uma janela, pode se um mal que veio pra bem. Mas eu acho que vai se... vai se muito muito negativo esse... essas mudanças que ocorreram, assim, pra educação no geral, né.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E28: Ah, eu. O que eu posso... o que eu vou pode falar é sobre o PVC, que as... ach.. é uma baita duma ferramenta, hoje com tanta informação. Acho que para quem procura aquilo ali, aquele ambiente universidade-escola-estudar é o melhor ambiente, pessoas boas, dedicadas. Não tem retorno nenhum financeiro, tão ali porque gostam e acho que é um... é um... se tivesse mais pessoas assim dedicadas assim quem sabe podia dá uma reforçada mais na educação, que a gente sabe que depende dos nossos governantes vai ser difícil a gente melhorar, se a gente não correr buscar o conhecimento mesmo por nós, né. E é o que eles tão fazendo. Eles tão trazendo esse conhecimento para gente. É muito bom, ali, o que eles fazem. O trabalho deles é muito legal, mesmo. A dona... ah, como é o nome dela, agora esqueci.*

**P1: Janete... Janete, seu Pedro**

*E28: Ah. Janete, ela. É a Janete é uma pessoa muito boa, muito... que ela faz, ali, dá pra vê que ela se dedica pelos outros, ela não se dedica para ela, assim. Pô, ela é uma pessoa bem... E ela tá levando aquilo ali, conhecimento pras pessoas de graça, assim, cara. Isso aí não tem preço, né. O pessoal ali é muito bom. Ah, o que eu podia fala era isso, era no cursinho. Acho que isso é o suficiente.*

**ESTUDANTE 29 (E29)****01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E29: Olha. Eu geralmente busco informação não só quando eu preciso, mas quando eu sinto vontade de saber algo. Eh, vou da um exemplo, né, se eu quero sabe mais sobre a... a família real, me dá vontade de sabe sobre a família real, vou lá pesquiso, pesquiso, leio, entendo a árvore genealógica deles, aprendo um pouco disso, e aquele*

*momento que eu me senti com de vontade daquela situação – não é? E quando é acadêmico ou pra passa uma prova e tal, daí eu estudo quando tem necessidade, né, pra pode adquirir os conhecimentos pra passa na prova.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E29: Acho que é a partir da vontade, quando sinto vontade, seja pra ingressa numa faculdade ou, como falei antes, a vontade de só sabe sobre a família real. Acho que parte da minha própria vontade, do meu desejo do [inaudível].*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E29: Ah. Eu não te... eu não pesquiso sempre um site específico, acho que joga no Google e vou abrindo páginas e páginas e vou lendo um pouco de cada coisa pra ir anotando e adquirindo mais conhecimento, né.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca ou costumava ir durante o ensino médio?**

*E29: Costumava. Eu vivia na biblioteca. Inclusive eu ajudava as moças que trabalhavam lá, eu ajuda a organiza os livros. Adorava [inaudível] tá ali envolvido, sabe. Tanto é que eu já cogitei a ideia de faze biblioteconomia.*

**P1: Que bacana. Cite alguns serviços da biblioteca que você utilizava.**

*E29: É, quando eu ia muito na biblioteca, eu gostava de mexe nos computadores, né, que tinha na biblioteca. Então, eu ficava lá na biblioteca, eu passava à tarde. Eu estudava de manhã, principalmente no ensino fundamental, eu estudava de manhã, e à tarde eu ficava na biblioteca, daí eu lia muitos livros, ficava no computador quando precisava faze algum... algum trabalho e tal. E na minha escola tinha um projeto, que tu lia um livro e tu tinha que faze uma redação sobre esse livro e aí concorria a prêmios e tal. Era bem legal.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia para recuperar a informação?**

*E29: Ahm. Digamos que o que eu preciso estudar é álgebra ou, sei lá, qualquer área da matemática. Eu pesquiso sobre... tipo assim, eu dou o exemplo do curso PVC, a gente tem os nossos grupos de cada matéria, e aí no grupo de matemática o professor passa um pouco de cada matéria cada semana. Eu pego essa... essa... isso que ele passou e vou pesquisando. Eles dão aulas também, daí eles passam apostilas ao grupo e aí eu vou... eu parto dessas informações que ele passa pra mim. Mas se eu tenho que estudar sozinho, vai pelo meu interesse de cada assunto. Se primeiro eu quero aprimorar mais a minha redação, eu pesquiso 'ah, como melhorar a redação', como usar melhor sinônimos e antônimos de palavras pra redações. Acho que é assim.*

**P1: Você busca por assunto então?**

*E29: Aham.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E29: É, eu vou lendo e, como eu falei, como é um pouco de cada site, eu vou lendo e vou vendo qual se encaixa melhor naquilo que eu preciso sabe. Eu faço um resumo, vejo qual se encaixa melhor no perfil daquela questão e... É assim que eu...*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E29: Olha [risos], faço um pouco de tudo. Eu acho que, principalmente, em redação, eu pego, anoto as melhores dicas, os melhores pontos ali pra se dá bem numa redação. E eu vou anotando ou quando é uma questão ou uma conta ou coisa assim, eu vou anotando, escrevendo, aí passo um marca-texto pra... pra lembra, ou boto post-it, pra pode sempre lembrar que... quando... no ensino médio, principalmente, eu usava, eh, o post-it rosa, quando era uma coisa muito importante; o amarelo quando*

*era alguma coisa que só podia me ajudar, sabe. Quando era uma matéria muito importante, eu usava o rosa e o amarelo, quando era mais ou menos.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E29: Olha, nesse último mês eu acho que tenho estudado muito pouco e eu acho que pra eu melhora isso deveria estar mais com vontade, sabe, acho que eu perdi um pouco dessa vontade de melhora. Acho que o que me faltou nesse último mês, acho, que foi a vontade de estuda, porque principalmente esse ano o que a gente passou, né. Foi um ano muito complicado, cheio de problema e tal e todo mundo teve a oportunidade de estar em casa, muita gente nunca nem estudou em casa, muita gente vivia estudando em casa. Então acho que faltou essa vontade, sabe. Eu acho que eu estudei dentro do... do meu limite, assim, de cada mês. Mas acho que agora, chegando próximo do ENEM, assim, eu acho que eu dei uma descansada, sabe, dei uma parada, assim, de mexe tanto nos assuntos, porque tava tão estressado, sabe, depois de tudo o que passou. Acho que é isso, a vontade de estuda, acho que ela meio que cansou, né.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E29: Olha, acho que, quando é uma questão muito, eu quero achar uma... alguma coisa muito específica e eu não acho, às vezes acho que a minha... a minha dificuldade é de encontra alguma palavra-chave, alguma coisa daquela pesquisa, daquela questão pra eu chega até a resposta, sabe. Acho que a dificuldade... acho é de que muita gente também de acha até a palavra-chave que, pra eu chega até a resposta, sabe, se encaixe ali naquela questão pra pode pesquisa ela de forma certa, né.*

**P1: E, por exemplo, você não tem dificuldade com internet, essas questões, não?**

*E29: Não, não.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E29: Acho que não. Só quando é alguma coisa muito... com uma linguagem muito, muito formal. Que daí são palavras que são totalmente fora do meu cotidiano ou palavras que eu nunca... tenha ouvido poucas vezes, aí acho que atrapalha um pouco. Mas fora isso acho que não.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E29: Ah, então eu... eu trabalhei até junho, julho. Eu trabalhava no IFSC, no setor de eventos também e, quando começou o PVC desse ano, eu estudava durante o curso, estudava tipo pouca coisa em casa, assim, no final de semana, porque absorvo muito mais na aula sabe. Pessoalmente eu acho que eu presto muita atenção. Faço poucas anotações, mas eu presto muita atenção no que o professor fala e aí eu absorvo muito fácil. E em casa, eu geralmente estudava, tipo, por uma hora, uma hora e meia todos os dias. Sentava na frente do computador, abria a apostila, fazia questão ou lia algum artigo, alguma coisa assim. Mas todo dia era uma hora, uma hora e meia, sentava pra dá esse tempo pro estudo, porque eu acho que era o tem que era confortável, que não me cansava eu conseguia absorver aquela informação naquele tempo. Dentro... não é igual como se fosse prum curso, fica três quatro horas lá, porque a gente também não vê a hora passa, né. A gente vai conversa, conversa com o professor, conversa com o colega e a hora passa rápido e, em casa, ainda mais que a gente ficou, alguns bons meses cem por cento trancado em casa, assim. Então é de uma hora, uma hora e meia, por aí.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E29: É, então, eu começo a estudar o que eu menos tenho, eh, habilidade. Por exemplo, eu não suporto matemática, eu odeio [risos] matemática. Então, eu vou na matemática. Eu vou ali uma horinha e meia, vou ali vejo o que tem que fazer. Vou na matemática. Que me dou melhor na escrita e na redação, então essas eu deixo pra depois, assim, porque como eu já me dou melhor, eu aprendo com mais facilidade, né. Mas é assim, eu vou nas matérias que eu mais tenho, eh, habilida... menos habilidade, né. E depois eu vou pra que eu tenho habilidade. Eu aprendo com mais facilidade, né.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E29: Eh, eu acho que as minhas estratégias são sempre pesquisa e sabe se o que eu to lendo e o que eu to repassando pra as pessoas é verdadeiro. Eu acho que eu sempre vô no que é informação de verdade, não passa algo que é especulado ou uma mentira. Porque assim faz com que a pessoa que me ouvi também [inaudível] uma mentira e vai repassa pra outras pessoas uma coisa que também não é verdade. Eh e se há vamos supor, alguma coisa em escrita e eu li que tá errado e eu passo pra alguém que tava errado e a pessoa vai acredita que tava errado e assim vai e outras pessoas vão acredita também. E, acho que isso é um problema, né, a informação errada. Eu acho que tu não tem informação e tu tem Informação errada, o pior é tu ter a informação errada, que assim tu gera mais informações erradas. Entre esses dois é melhor tu não ter essa informação do que passa ela errada, né. Acho que essa é a estratégia, sempre te a verdade, sempre te a informação correta.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E29: Bastante [risos], é uma é uma chuva, né, muita informação a gente abre o... qualquer rede social e a gente já lê uma série de coisas. A gente abre o e-mail, a gente lê muita coisa. Então... aca... eh, eu falei sobre a verdade. Às vezes são tanta informação e 50% acaba sendo mentira. E são informações desnecessárias, que só enchem tua cabeça de forma desnecessária também. Então essa informação que sobrecarrega muitas vezes é o que eu falei, quando não é verdadeira também incomoda, porque se fosse todas as informações verdadeiras não te atrapalhariam, né.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E29: Aí... a vontade é de sumi [risos]. Aí tem horas assim que a gente sente cansado, né, mentalmente, a cabeça não consegue absorve nada porque a pessoa fica tão cansada que ela lê e ela não consegue te aquele... aquela sensação que absorveu alguma informação, seja boa ou ruim. Então é complicado, porque eu sempre me vi mais como uma esponja, assim, absorvo muito que leio, que eu escuto. Então é complicado, porque... quando tu se sente cansado... quando tá cansado por essa sobrecarga tu não consegue nem absorve nada, assim. Não consegue leva aquilo pra ti, pra tua vida e tal*

**P1: E o sentimento é um sentimento de...**

*E29: Cansaço. É um cansaço mental, assim, que eu me sinto sobrecarregado e cansado.*

**P1: Você sem ansiedade também?**

*E29: Aí, Às vezes. Às vezes me sinto um pouco ansioso, assim. Tem picos, né.*

**P1: E a questão física, por exemplo, de postura, ambiente de estudos, ergonomia. Isso influencia em algum aspecto?**

*E29: É, influencia porque, se tu não tá num ambiente confortável pra tu estudar, tu não consegue prestar atenção, tu não consegue focar naquilo que tu lê, naquilo tu escuta, então acho que isso acaba interferindo, sim.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação, nessas horas que tem vontade de sumir [risos]? Não some, né.**

*E29: Não, não dá pra sumir. Mas eu... eu geralmente eu passo 90% do meu dia ouvindo música. Eu ouço bastante música, ouço todo tipo de música, desde o pop à música nacional, assim. E gosto bastante de assistir série. Eh, uma coisa que eu gosto de fazer, que é meio estranho, assim, mas eu acho que é confortável, pra mim, eu gosto muito de ler sobre teoria da conspiração. E aí eu vou lendo e eu acho muito legal ver essa [inaudível] assim, sobre. Mas no geral, eh, ouço música, assisto série, às vezes acabo lendo algum livro que, né, foge desse assunto tão formal sobre universidade ou informação necessária. Eu acho que quando a gente se sente sobrecarregado com informações eu que a gente menos tem que pega no momento, né, e absorve é informação necessária. Às vezes, tu lendo um livro, assim, de um... um livro de uma história aleatória, acho que é uma informação que tu vai absorver, vai ler, vai ler... né, se divertir, mas não vai ter essa absorção, assim, de informação necessária. Mas eu acho que é isso.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E29: Olha, eu já enfrentei muito problema de interpretação de texto. Apesar de eu gostar muito de escrever e ler, eh, antes eu não gostava tanto, assim. Eu sempre meio que me incomodava um pouco com interpretação, daí eu lia, daí relia e não entendia. A interpretação de texto me atrapalhou em alguns poucos momentos, mas acho que foi mais interpretação de texto.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades? Ou que você fez para superar essa dificuldade com a interpretação de texto?**

*E29: Eu li bastante. Quando eu li alguma coisa que eu não entendi eu lia, relia, lia várias vezes e acabava assistindo alguns vídeos de professores... É, porque, assim, ó, cada professor me ensina de uma forma, né, e às vezes a forma que aquele professor te ensina é de uma forma que tu não consegue alcançar o que tem que aprender. Então, eu tinha professores que falavam 'ensina'... por mais que eles explicassem, explicassem, eles falavam 'assista vídeos', eh, 'vejam o que outros professores falam', porque às vezes a forma que aprende com outro professor não é a mesma que tu aprende com esse. E aí, na minha sala, eu... eu sempre tinha algum amigo, assim, que entendia melhor que eu em alguma coisa, então a gente sentava junto, pro meu amigo me explicar, também. Porque, de repente, né, esse meu amigo, ele pode me explicar de alguma forma que eu entenda melhor, ele pode dar o exemplo que eu entenda melhor.*

**19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

*E29: Prejudicado eu acho que... eu acho que sim, mas não tanto. Eu acho que a gente se prejudica, é como eu falei, o excesso de informação desnecessária. Daí, isso prejudica que a gente. Quando é uma apostila que a gente vai usar, sei lá, 30% daquela apostila e ela tem mil páginas e tu olha aquilo, tu... tu só de olhar já se sente prejudicado, porque tu acha que tudo aquilo tens que absorver. E sendo que só absorves 30% do que tem ali. Então, acho que prejudica de alguma forma.*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E29: Aí. Eu acho que não me sinto preparado, não. Eu acho que a gente pode estudar o que for, mas a gente sempre acha que não vai ser o suficiente, né. Mas eu acho que, em relação ao ENEM, eu acho eu to uns 75% preparado pra prova. Acho que eu vou me dá bem, assim, em alguns aspectos, não tão bem em outros. Talvez na redação, dependendo de qual for o tema, eu me dê melhor, talvez não. Mas eu acho que tem que sabe leva ali, né. [inaudível]. O que mais o me assusta na redação... na prova do ENEM é o tema da redação, porque se for um tema que eu não, ou nunca ouvi fala ou nunca li sobre, acho que atrapalha um pouco, né.*

**P1: E treinado para fazer redações?**

*E29: Sim, fiz algumas. Eu fiz mais, eh, escrita por computador, né, Não... não [inaudível] escreve à mão. É um problema porque a minha prova vai ser escrita à mão, né. Mas eu acho que só o fato de a gente tar lendo a palavra ali, de tar tendo acesso a todas essas palavras que eu possa usar, já é uma, um bom caminho*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E29: Eu acho que foi um pouco dos dois. Eu acho que foi um pouco positivo e um pouco negativo. Positivo foi que... que tem tá em casa, então aproveita esse tempo pra estudar e dividi o tempo pro lazer e pra estudar. E a forma negativa é que tem dias que a gente não tá aberto a adquirir informação necessária, né. Mas... mas é igual como se fosse pra um curso. Tem dias que tu não tá tão bem, não tá tão produtivo e, mas eu acho que é isso. Acho que acho que tem dias são melhores que outros, assim.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E29: Ah. Eu acho que foi boa em alguns aspectos, não tão boa... não tão boa em outros. Eh, quando é um assunto que tu gosta bastante, tu vai longe, né. Quando é um assunto que tu não gosta tanto, tu estuda o básico e deixa como tá. É um problema, mas acho que quando não tá aberto, não tá à vontade com aquele assunto, é problema, mas, acho que pode te fazer estuda só o necessário, não ir além daquilo... aquilo que tu tem que fazer.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E29: Muitos momentos. Acho que, principalmente quando a gente não consegue absorve aquilo de primeira, né, aquela informação [inaudível] de primeira, daí tu acha que tu estudou à toa que tu leu à toa. E não é bem assim, porque alguma coisa a gente absorve, né. O nosso corpo, nossa mente, ele é projetado para a gente estar em constante alerta. Então, a gente absorve coisa que vai além do que a gente vê, né. Mas sim. Tem momentos que a gente se sente impotente em relação a isso.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E29: Sim, já me senti, esse ano principalmente, eh, mais pela solidão. Sabe. Eh, porque quando a gente, eh, estuda numa sala com 30 alunos, tu tem ali as pessoas onde tu pode te tua interação. Tu... estudar numa sala de aula vai além do que tu só*

*aprender, né. Tu aprende a... a uma matéria, mas tu lida com pessoas, tu aprende a lidar com uma pessoa de uma forma, lida de outra forma com uma outra pessoa. Tu faz amizades, tu cria ciclos diferentes, né. E eu acho me sentia, assim bastante sozinho, assim, em relação a amizade, assim, a te interação com as pessoas na sala de aula, porque eu sempre gostei, assim, de fazer amigos em escola, em curso, sempre me dei muito bem com as pessoas, assim, sempre gostei de conversar e trocar informação. Eu acho que isso foi um pouco de solidão, eu acho que eu senti bastante solidão, durante esse ano, assim.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E29: Eh, o sentimento é um pouco de raiva [risos], porque ENEM poderia muito bem ser adiado, né, podia ser adiado pra que ninguém se ponha em risco por uma prova, mas ao mesmo tempo se tu desistir de ir tu pode perde uma oportunidade, talvez, eh, o... a prova desse ano seja um tema de redação tão boa que tu perde essa oportunidade, né. Então eu acho que as pessoas tão meio que numa... numa gangorra, assim, sabe, ou elas vão ou elas não vão. Então o sentimento em relação a isso é muito complicado, porque eu pensei em desisti de ir pro ENEM, sabe. Eu penso isso 90% do dia, mas eu acho que se eu deixar de ir, eh, eles não vão, eh, adia a prova, então, eu vou, sabe, eu vou, mas é, é um sentimento, assim, a gente se põe em risco, a gente põe em risco quem com que a gente mora e tal, mas queria que fosse adiado, queria. Ia ser muito bom.*

**P1: E a questão do vestibular da UFSC, que foi suspensão. O que você pensa disso?**

*E29: Eu acho que, eu não... não iria fazer UFSC, mas eu acho que ele foi suspenso de uma forma que deveria ter sido, porque eu acho que, assim, da mesma forma que não poderia ter aula presencial, acho que não faz sentido ter uma prova presencial, porque de qualquer forma as pessoas estão ali. Eles estão lidando com pessoas, tem vidas com outras pessoas. Então acho que eles não estão pensando, eu to dizendo o pessoal do ENEM, assim, né, do MEC, eles não estão pensando que isto está botando em risco muita gente porque daí entra nesse assunto que a gente se põe em risco várias vezes ao dia e eu acho que não é uma coisa que tá sendo pensada, pensada no próximo, pensada em cada aluno que vai estar ali, porque cada pessoa vive a sua luta, a sua batalha diária, né, independente de qual for ela. Mas ela existe. E vivendo isso dentro de uma pandemia, onde tem vírus, onde isso é cheio de outras pertence e tal, é complicado demais e o... a UFSC ter suspenso a... o vestibular eu acho que foi uma forma de mostrar que eles... é complicado demais. Estão bem humanizados, sabe, eles estão pensando nos alunos, eh, eles sabem que cada pessoa vai ter sua própria oportunidade, mas que não vai ser no momento, vai ser depois e o pessoal do MEC, ENEM não estão pensando nisso. Eu tava lendo até, acho que foi hoje ou foi ontem, que isso de... de... de o pessoal, né, tendo o ENEM tal, acho que pode ser uma forma até de... tem até um artigo que, eh, tá colocando os alunos em risco, né, então é meio que um crime, alguma uma coisa assim. Eu não fui, eu não fui a fundo pra sabe se era verdade ou não. E aí pinta também esse problema como eu te expliquei antes da... de espalha a informação errada, né. Mas, eu, eu acredito que sim, que isso é um crime, mesmo, que seja algo mais criminoso faze isso, sabe, colocando a vida tanta gente em jogo. Eh se algum aluno vai, faz a prova e acaba se contaminando com esse vírus sabe aí ele fica doente e pode acontece coisa pior. Aí ele perdeu a oportunidade de ele te uma faculdade, de ele te uma vida acadêmica,*

*né, superior, por conta de uma irresponsabilidade de umas pessoas que não quiseram adiar a prova.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E29: Obrigado, por dar esse espaço, né, pra a gente pode se expressa. E, como eu já tive a experiência do pré-vestibular 2017, onde foi um ano que não tinham de máscara, né não precisava sair de máscara de dentro de casa, eh, eu tive uma boa experiência, como eu falei eu tive um bom convívio, eu tive... eu conheci pessoas, eu tive contato com as pessoas. Então, acho que eu tenho essa experiência dos dois lados, né, do lado com quarentena e do lado, sem. E, dá pra dizer, com completa [inaudível] e, diz que com quarentena tá sendo horrível, porque nós, a gente não sente numa sala de aula, a gente não ouve o professor, a gente não tira dúvida espontaneamente, né. E, mas eu acho que a gente vive para aprende, por mais que tu não queira aprende, eu acho que tu vive pra aprende, né. Tu tá aprendendo todos os dias. Seja como se portar diante de uma pessoa, seja como responder a pessoa de forma educada, tá sempre aprendendo. E a gente teve que aprende esse ano a como lida, como estuda de forma sozinho, assim né.*

**P1: Sim.**

*E29: E eu sei que teve um monte de pontos negativos, mas acho que um ponto... um dos pontos positivos que tive foi que me dei conta de que eu consigo. Sabe, às vezes, a gente não se limita... a gente se limita demais, na verdade. A gente acha que não consegue, a gente não consegue dá conta disso [inaudível]. Sabe a gente sempre acha que não dá conta, mas na verdade a gente dá. A... às vezes, a gente tá precisando de um empurrão e um empurrão esse ano foi te que estuda sozinho, te que lida com as matérias, pra cada informação mais, eh, sozinho, né. E eu até, e antes eu até tinha meio que um preconceito com o estudo EAD. E eu aprendi que ele não é tão ruim, assim, sabe. Eu me formei agora em eventos, como eu te falei, eu... eu fiquei com uma matéria pendente e eu fiz essa uma matéria pendente na quarentena através de vídeo aula e tal e eu vi que não era tão ruim assim. Eu... eu né apresentei um bom trabalho pros meus, eh, amigos e tal, E foi bom, eu aprendi que o EAD é uma solução pra quem não consegue estar todos os dias dentro de uma sala de aula, eu aprendi que dá para tu absorve as informações, sim, sabe, tanto é... tanto é que to planejando fazer o design gráfico EAD, através de uma faculdade, eh, privada, né até por ser mais barato o EAD acho que... E aí eu consigo fazer duas... dois cursos simultaneamente - o EAD eu eu consigo fazer algum curso presencial também. Então eu acho que tem possibilidade, né. E que foi uma coisa que esse ano eu consegui abri os meus olhos pra isso. Porque até então eu... eu lia EAD eu já não terminava, né, já não gostava. E esse ano eu aprendi que com EAD a gente consegue aprende melhor, melhor da tua forma, né. Porque, às vezes, o que é melhor para mim, não é melhor para ti e vice-versa. Então eu vi que é uma possibilidade, mas eu acho que foi um ano muito complicado, assim [inaudível]. Acho que o ENEM deveria ser adiado, sim, devia... eles deviam ser um pouco humanos, nessa parte. Mas como não foi adiado, vou fazer de qualquer forma, né, então. Mas eu acho que é isso. Acho que no complemento desse questionário, acho que é o como eu abri os olhos pro EAD. Eu não tinha enxergado, não sabia o quanto eu podia ter oportunidades dentro dele, né, que a gente, geralmente, a gente não vai assumir no que a gente vê. Eu fui [inaudível] eu passei pelo EAD, eu estudei sozinho, eu apresentei trabalho. Eu acho que, por mais que foi ruim, eu me permiti, eh, aprender mais sobre, pelo menos o EAD, assim, né.*

**P1: Aham.**

*E29: E também queria te agradece por ter dar esse espaço, né. Pra complementa, eu acho que a tua... o teu questionário foi bem legal. Eu acho que ele foi bem completo*

*ele... ele perguntou um pouco de cada coisa, perguntou como a gente se sente em relação a isso, como a gente se sente em relação ao que a gente tá vivendo, de forma física, de forma emocional. Então eu acho que ele foi bem completo, acho que, né, tu tem que...eu te parabenizo por isso. Acho que foi um questionário bem legal, bem completo. E é isso. [Risos]*

### **ESTUDANTE 30 (E30)**

#### **01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E30: Épocas de provas ou quando tem muitas informações geradas a respeito de algo ou então eu sempre procuro buscar informações durante o meu dia, principalmente das notícias do mundo, do... da... da... fofoca dos famosos, então eu sempre busco informações.*

#### **P1: Você busca informações para resolver problemas, para entender para alguma coisa, a título de curiosidade? O que mais te move para buscar informações?**

*E30: Geralmente quando meus amigos têm com problemas e vêm me pedir conselhos então às vezes eles me perguntam sobre algo que eu não consigo [inaudível] principalmente problemas de saúde, problemas femininos. Então elas vêm até mim perguntando sobre isso, então eu vou pesquisa um pouco pra gente pode conversa a respeito. Claro, mas nem sempre eu fico a par de tudo, porque [inaudível] coisa que só o médico pode resolver, então eu falo para ela pelo que eu sei aquele que eu pesquisei ele de vez em quando eu falo com o médico para tirar dúvidas e você busca informação aonde mas no Google no Google é o Google tem bastante algum site especializado especialidade da saúde ou não conheço assim nenhum site especializado que eu frequente muito até porque no Marco todos os sites que eu pesquiso durante o dia aí somente os sites de estudo mesmo quem vem tirar dúvidas contidas são meninas da comunidade são colegas de aula são muitas são as meninas que tem dúvidas são as minhas amigas que foram colegas de turma que a gente fez amizade e tem uma vizinha também que amiga que eu tenho Então são pessoas mais próximas de mim você considera que no colégio no cursinho na comunidade no meio de você vive existem muitas dúvidas com relação às questões de saúde feminina entre as meninas e mulheres muitas vezes tem algumas meninas ainda tem muitas dúvidas porque elas tem muita vergonha de falar e no médico falar com os pais a respeito então ela sempre procuram alguém mais próximo por exemplo eu porque às vezes elas precisam falar sobre vai trabalhar tá mente sobre algumas coisas e sabem que o seu ouvido para escutar e não julgo apenas aconselho poder tomar as suas decisões Então ela sempre procuro tem muitas dúvidas a respeito do feminina informacional da saúde não só alguns conhecimentos por ter amigos na saúde tem uma amiga que cursa Medicina na casa dela ela tá fazendo enfermagem Então ela sempre conversa comigo ajude muitas coisas então você me troca informações*

#### **02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação? Ou como você identifica a necessidade de informação de suas colegas, quando elas te fazem alguma pergunta?**

*E30: Eh. As minhas necessidades de informações vêm das minhas curiosidades, porque eu gosto muito de escutar casos história, então eu assisto a bastante séries, bastante filmes, muitas coisas que eu assisto. E às vezes dá curiosidade de sabe, por exemplo, tem uma série que lançou na Netflix que é de uma autora que eu gosto bastante, que ela é uma romancista, de época, Julia Quinn. Então fiquei muito interessada em saber como eles resolveram tira os romances dela do livro e passa pra série. Minhas necessidades vêm sempre acompanhada da minhas curiosidades e gostos pessoais. Então, tipo, é assim que eu gosto de me informa e também pelas*

questões de saúde, porque ultimamente a gente tá passando numa crise que precisa de informação a todo momento. Então tem que assisti jornal, tem que [inaudível] nos sites de pesquisa certos e confiáveis.

**P1: E das, suas colegas, como você identifica as necessidades de informação delas?**

*E30: A partir do momento que elas já chegam me pedindo informações, elas simplesmente falam que precisam a tal coisa e pergunta se eu sei sobre alguma coisa parecida. Então a gente tem que dizer... eu tenho que tem que dizer pra ela pesquisa no site e fala com alguém mais experiente ou procura diretamente o médico, porque não sou médica, não sei de tudo, então, [risos] às vezes a gente precisa dizer pra elas mesmo ir procura um profissional, mas as curiosidade [risos] delas sempre acompanhada do 'me responde uma coisa', então eu já sei que elas precisam de alguma informação quando 'me responde uma coisa' aparece na pergunta*

**P1: E você poderia citar um exemplo ou o exemplo das ocorrências que mais acontecem, que você consegue ajuda?**

*E30: Eh, por exemplo, insônia teve uma amiga minha que tava com insônia e ela não sabia. Como faz como eu já tinha recebido uma dica também sobre insônia que funcionou, eu falei pra: 'toma um chá de camomila com mel, isso ajuda... vai te ajuda a dormi melhor'. Então ela tomou e conseguiu dormi, Fora a insônia também tem os problemas de fraqueza de unhas, a queda de cabelo. Eh. As questões também da menstruação, cólicas muito fortes. Essas coisas que elas perguntam, às vezes.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E30: Eh, o Yahoo, no caso. Eh. Tem uma que é o Portal do Estudante, que esse eu não me engano é assim, que é o Informação Escola, eu acho. Então eu uso bastante esse site pra eu estudar, até os professor mandam bastante links desse site pra gente estuda, e páginas do YouTube, canais do YouTube de alguns professores que eu acompanho também.*

**P1: E tu lembra de algum?**

*E30: Eh, o Canal do Jubilut [risos]. Tem o professor... putz. Olha, com nomes, pra guarda, assim eu não sou muito boa, não.*

**P1: Você conhece a Débora Aladim?**

*E30: Já.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E30: Eh, não, a biblioteca é longe.*

**P1: Mas você ia durante o ensino médio, já usou serviços de biblioteca?**

*E30: Já.*

**P1: Gostava de frequentar a Biblioteca?**

*E30: Muito. É lugar que eu me sinto muito bem.*

**P1: E quais os serviços da biblioteca que você usava? Sabe dizer algum?**

*E30: A área dos contos. Eu ia direto pra área dos contos mitológicos, eh, área das fantasias, todos os tipos de histórias. Pegava os livros e saía para fazer as minhas leituras, as minhas pesquisas.*

**P1: Literatura, né. Você emprestava livros?**

*E30: Sim. Bastante, quando podia.*

**P1: Tu ias falar uma coisa e eu te cortei. Desculpa.**

*E30: É que assim [inaudível], por exemplo, tem biblioteca que eles têm computador, eles têm outras coisas que eles fazem pros alunos poder utiliza, mas eu nunca utilizei,*

*até porque da cidade de onde eu vim a biblioteca não era muito... Não tinha muitas opções.*

**P1: E qual a cidade que você veio?**

*E30: Santa Cecília.*

**P1: Você está aqui há muito tempo?**

*E30: Três anos ou quatro, acho.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E30: Eh. Recupera a informação, pera. Eu não entendi bem esta pergunta.*

**P1: Para recuperar a informação no Yahoo, você usa texto, usa áudio, faz pergunta, faz a pesquisa por assunto, por palavras-chave, ou faz a pergunta aleatória?**

*E30: Eh. Eu jogo... geralmente eu pesquiso e coloco a palavra. Por exemplo, se eu quero saber dicas de, eh, por exemplo, eh, vamos ver, uma que eu tava pesquisando. Teorema de Pitágoras, que eu precisei pegar mais a fundo, algumas fórmulas de Teorema de Pitágoras, então, joguei lá: 'fórmulas do Teorema de Pitágoras', então eu jogo diretamente no assunto que eu preciso.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E30: Eh, eu já conf... eu só vou no sites que eu já conheço melhor, então geralmente sempre que eu vou estudar o Info Escola aparece primeiro, porque é um site que eu já [inaudível] muito, professores também postam informações lá. Então eu sempre vejo, às vezes, eu aperto nos links para ver quem são as pessoas que fizeram esse canal do... da página. Também sigo outros rastros que eles deixam para gente pode vê se é uma fonte confiável ou não e a... e a forma como tá escrito, porque a escrita também ajuda muito a você [inaudível] é uma pessoa que escreveu de uma forma, se é uma pessoa confiável ou não quem tá escrevendo. A escrita, ela mostra muito isso. Então, se escri... se o site está cheio de palavras muito difíceis num site pra que é pra muitas... que é pra alunos entenderem e é pra es... são escritas muito difíceis e você já vê que não é um site muito confiável. Porque geralmente eles são feitos de forma que fique fácil pra todos entenderem. Até porque tem... Então, eu vejo isso pelo site. Se o site tem muitas palavras difíceis e textos muitos grandes e que enrolam muito já não é um site muito confiável. Porque tem...*

**P1: Ahã. Pode falar...**

*E30: É que tem muitos textos que são cheios de informações totalmente desnecessárias, sobre... Não vão direto ao ponto que você precisa saber.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E30: Eh. Geralmente nos estudos pra provas e pra trabalhos [risos]. Então eu pego das informações apenas aquilo que é realmente importante: datas, eh, nomes, fatos. Não uso o texto de todo. Algumas palavras são minhas e outras são do site. Então, eu utilizo apenas aqueles dados que são relevantes pra, eh, os meus estudos, principalmente as datas e os mapas mentais, né, que uso muito através do... das informações que eu tiro dali.*

**P1: Além do resumo e do mapa mental, você faz o que mais: lê em voz alta, sublinha, faz post-it?**

*E30: Muitos. Meu caderno é um carnaval.*

**P1: De post-it?**

*E30: De post-it, de caneta colorida, de tudo.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

E30: Ah, [risos]. Bom, fora os horários que eu tiro pra estudo, no caso, eu sempre busco mais de uma fonte confiável, então eu tenho duas ou três fontes confiáveis, e eu vejo mais as questões de semelhanças entre os textos e decorar e ensinar outra pessoa, que isso também ajuda muito. Quando você ensina o que sabe pra outra pessoa, ajuda a ativar muito o cérebro e faz com que o seu desempenho melhore bastante. Então eu procuro as informações, eu explico pra pessoas, eu ensino, eu passo dicas e isso me ajuda muito.

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

E30: Ah, [risos]. Deixa eu vê. Na internet, às vezes, é a questão da internet, que nem sempre ela tá muito bem, né. Quantas pessoas... é que muitas pessoas estão desinformadas. Então, você vai pedir uma informação sobre algo e as pessoas estão desinformadas, tipo, essa questão que nem as questões do Covid, tinha muita gente que tava super desinformada sobre o vírus e pegava informações com pessoas que também tavam desinformado, por lê coisas erradas e passa coisas erradas pra outras pessoas. É a mesma coisa quando você pede informação prum ônibus. Muita gente passa de má vontade ou simplesmente não sabe. Então, é muito complicado, porque a desinformação é uma coisa que se você perguntar pruma pessoa que tá desinformada, você vai ficar pior do que ela. E é as [inaudível] de pesquisa em sites, é a questão da internet, o fato de você nunca conseguir um site que é totalmente confiável, tem que ficar procurando horas e horas informações sobre quem fez o site, como surgiu, é a... pesquisa muitas coisas para você ter uma certa confiança. Então, não existe um site que é 100% confiável pra você e ir atrás das informações também. Então, tem toda essa questão de você pesquisa muito antes de conseguir a informação que você realmente precisa. Nunca tem uma informação direta.

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

E30: Às vezes. Porque tem as vezes que, dependendo do que você tá pesquisando, eles ou colocam informações demais ou informações de menos. Então a gente sempre tem esse desequilíbrio de inf... pra compreender alguma coisa, principalmente quando eles colocam palavras em latim, mas não colocam a tradução da palavra ou eles colocam o fato mas não apresentam total fato, eles colocam como uma citação mas não apresentam o que isso quer dizer. Então geralmente você fica um pouco perdido, não consegue compreender quando, por exemplo, eu fui ler uma coisa sobre mitologia e eles citaram Eros e Psique. Mas não falaram quem eram as pessoas, então eu tive que procurar separadamente pra poder entender o sentido deles naquela história, naquela situação da parte, pra mim continuar o que eu tava fazendo. É meio como se eles te obrigassem a pegar uma outra informação pra você poder fazer aquela, pra poder continuar naquela informação. Então é uma coisa que confunde bastante. Então a falta e o excesso prejudicam muito nas questões de informação, pra compreensão principalmente. Dá muitos nós na cabeça.

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

E30: [Risos] Minha rotina de estudos... Bom agora ela tá um pouco perturbada, porque eu tenho que tá procurando emprego, então eu deixei a minha rotina um pouco desorganizada. Então eu estudo duas tarde até... de uma hora até às duas, depois eu vou procura emprego e acabo vendo sites de emprego, que eu também tenho Facebook e aí vo... depois que eu saio de lá eu pego os cadernos, vou dá uma olhada, anota algumas informações e aí eu vou estudando até onde dá, quando eu começo a cansa eu vou jogar um joguinho, descansa a mente um pouco e é isso que a minha rotina tá assim ultimamente. Porque como eu estou procurando emprego, então acabei desleixando na minha rotina. Fico um pouco cansada.

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E30: Nomes importantes das re... nomes importantes, referências, datas e fatos, no caso, né, fatos históricos que acobertam o texto. Eu vo... vo muito pelas datas e, como eu disse, os mapas mentais, né, tipo as datas sempre ligam tudo. Eh, descoberta do Brasil, a data da descoberta, junto... fatos que aconteceram a partir dali, nomes que acom... que acomodaram nos fatos. Então assim vai indo pra resumir e trazer as lembranças. Então eu ligo muito as datas às minhas lembranças. Tipo eu leio o texto, marco a data para saber que ali tinha alguma coisa e o que é foi essa coisa.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E30: Bom primeiro de tudo eu tento ver se a conta é identifi... é confiável, né, porque primeiramente você não pode sair passando informações de uma coisa que não é nada confiável pra outras pessoas, então vê se é confiável, vê se tem ética na fonte, porque principalmente a ética é uma coisa muito importante, não dá para sair faltando qualquer coisa, no caso, né, no site, principalmente, por exemplo, eh, eu gosto muito de lê sites de fofoca e ficar dentro dos filmes. É... Uma coisa que a gente vê muito e às vezes vê alguns sites é que eles não vêm com a questão da ética, da ética da crítica social. Porque muita gente coloca suas opiniões pessoais numa coisa que não deveria ser tão pessoal já que é um fato que convém a julgar por todas as pessoas, eles julgam por si próprios. Então isso já não é nada ético e as questões sociais também, né, porque teve uma informação que eu li de um site que agora não consigo lembrar exatamente qual foi, que eles tavam falando sobre as questões da... da fome da... de como tá as pessoas na África, do que tem que fazer. Então ele veio falando o que exatamente é porque se preocupar com outro país, sendo que o seu já tá em uma crise, no caso, né. Fica se preocupando e comparando com o seu país com outros países que não têm nada a vê com você. Então você tem que ser se preocupa com o seu e o outro você tem que deixar de lado. Mas a questão é a gente não aprende isso exatamente. Apesar de que algumas de educações ensinam que você tem que se egoísta e pensa em si próprio. Mas a questão é que a gente tem que aprender a se... a gente é ensinado a se coloca no lugar da outra pessoa. Essas pessoas tão morrendo de fome e a pessoa veio fala de uma coisa que não é muito legal pra fala sobre questões sociais. As pessoas na África realmente estão morrendo de fome, porque a economia lá não é nada boa. As pessoas não estão vivendo bem. Precisam de ajuda. E nós, como seres humanos, temos o dever de ajudar as outras pessoas. Isso são coisas que humanos fazem, pessoas fazem. Uma coisa que ajuda a sociedade e não só a sua sociedade, né, não é só sociedade brasileira, é a sociedade de todos os países. São todas as pessoas. Então eu fiquei um pouco bolada com o que ele falou, porque ele foi uma pessoa muito, com o perdão da palavra, mas eu não quero fala ela, mas ele foi u a pessoa é muito sacana, muito estúpida e, como os jovens dizem, escrota. Me desculpa pela palavra, mas ele foi uma pessoa que deu muita repulsa em muita gente. Fala uma coisa assim tão antiética, né. Opinião dele que ele colocou prevalecendo sobre todas as pessoas numa reportagem pra falar sobre como é a vida das pessoas na África. E os temas políticos, a gente já sabe que muitas coisas vêm*

com, por exemplo, fake news. A gente tem que analisa muito isso, porque a política e a fake news tão muito ligadas, já que as eleições de 2018, né, acho que é 2018...

**P1: 18**

*E30: ... foram totalmente ganhadas na base da fake news. A gente sabe que muitas coisas não eram verdades e a... informações foram usadas de modo totalmente errado, então muitas pessoas não procuraram se informar realmente. Foi o ano em que a informação foi realmente necessária e não foi usada.*

**P1: Sim...**

*E30: Pessoas não usaram a informação como deveria usa. Então a gente também tem que tomar cuidado ao passar uma... um fato que não é, né. Por exemplo, eh, minha amiga compartilhou comigo um link de um grupo que a gente gosta em comum, é um grupo asiático e ela compartilhou comigo. Uma notícia que realmente verdadeira, que o grupo vai se separar. S que junto dessa no... notícia veio uma informação que não era verdadeira, que o motivo que eles estavam se separando era porque um dos integrantes estava indo... utilizando drogas tava gerando um problema sério, mas a verdade é que não era isso. A verdade da separação é porque eles já estavam cansados, no caso das agendas de show que a empresa tava fazendo, não estava dando muito descanso pra eles. Estavam um pouco cansados e queriam seguir as suas carreiras solos. Alguns queriam ser atores, outros não queriam continua mais continuar cantando, saudades da família e foi por isso que eles estavam se separando e resolveram não fazer o contrato novamente. Então, ela passou isso para mim, mas ela passou uma notícia falsa, por assim dizer. Uma base falsa notícia. Eu fico analisando muito esses critérios, né, pra vê se a informação, ela é essa e se eu estou passando algo que é certo pra outras pessoas também. Acho que isso é... acho que eu entendi um pouquinho do que são as competências [risos].*

**P1: Então você faz análise da informação se ela está correta ou não, né.**

*E30: Sim tem que vê, analisa tudo. A ética, questões sociais, políticas e econômicas. Bom, a economia não é tanto, porque eu não também não sou nada econômica, então [risos] como é que eu posso dizer sobre a economia, né, já que eu não sou muito ligada quanto às questões dos fatos econômicos, não acompanho muito a economia do país. Sei que tá quebrada, mas não acompanho muito sobre. Até porque não acompanho muito sobre a política, porque a gente já tá na politicagem, não é mais nem a política em si. Isso desanima muito as pessoas, então já deixei um pouco de acompanha.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E30: Bastante sobrecarregada. Que aonde a gente que, a gente tá lendo uma notícia, uma informação. Ela falsa ou verdadeira, mas é uma sobrecarga de coisas que a gente recebe. Então, tipo, você entra no site pra pesquisa uma coisa e já você já vê na página ali embaixo várias outras informações que chegam pra você. É muita coisa, eh, por exemplo, a gente até tava falando sobre as questões da vacina num dia numa aula que o Pedro deu para gente e a gente recebeu muitas informações de outros alunos que estavam por dentro, outros que estavam por fora, que essa questão: essa vacina tá vindo daqui, a vacina tá vindo de lá, a vacina tem chance disso, a vacina tem chance daquilo. Foram muitas informações a respeito da vacina. Então, foi uma sobrecarga de informação, que só deixou muita gente mais indecisa a respeito. É muita coisa.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E30: Cansaço. Muito cansaço. Eh, quando é muita coisa, fico muito cansada e dou uma parada, assim, simplesmente eu acabo dormindo. Então, é por isso que, às vezes, eu evito até estudar muito, porque quando eu to estudando eu to trazendo muita*

*informação pro meu cérebro, então, às vezes, ele dá uma apagada, E quanto à questão emocional, geralmente, eu fico muito estressada e quando eu não consigo alguma coisa eu fico frustrada e emotiva. Então, eu começo a chora, eu começo a fica muito... com muita raiva e me sinto péssima, por causa do excesso. Então, é aquele momento que eu preciso dormir pra acordar melhor.*

**P1: Você sente dor nas costas também, a questão da ergonomia, a questão da postura para estudar, o ambiente de estudo é adequado?**

*E30: É, o ambiente de estudo agora meu quarto. Então, tá tudo numa altura boa para mim, no caso, né, a mesa, a cadeira, tá tudo de uma forma boa. Só os horários em que eu passo, mesmo. Às vezes, eu troco a mesa pela cama, porque muito tempo sentada na mesma posição pra mim não faz bem, por causa que eu tenho um problema físico, então, às vezes, isso incomoda um pouco. Muito tempo na mesma postura não ajuda. Então, às vezes, dá muitas dores para mim*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E30: Eh. Primeiro de tudo eu saio de todos os sites que eu estava lendo, vou toma um banho quente, pra relaxa, escuta um pouco de música e, de preferência, não lê nada, não vê nada que vá fazer o meu cérebro trabalha mais do que ele precisa. Então, geralmente, eu relaxo, como alguma coisa, venho pro quarto escuta um pouquinho de música e dormi.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E30: A [inaudível] das dificuldades é achar uma informação que tenha uma base verdadeira e um fundamento, no caso, comprovado, porque tem muitas informações que são só coisas que alguém acha que sabe e jogou lá. Então, às vezes, a gente tem que dar um jeito de achar as bases e as comprovações da informação. É a mesma coisa quando eu pesquiso uma informação médica. Então eu tenho que vê se é um site confiável, se foi algum médico confiável ou senão, pra saber se realmente pode ou não confiar naquela informação.*

**[Entrevista interrompida porque a entrevistada informou estar com dor de cabeça. A entrevista foi retomada em outra data, a partir deste ponto]**

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E30: Aih [risos]. Algumas vezes eu desisto da informação para não te que... para não ter que entrar muito em conflito, porque são dificuldades bem grandes, mesmo. Então a gente tem que ficar procurando informação atrás de informação pra pode supera uma dificuldade maior. Então, geralmente, eu fujo um pouco, desisto da informação e espero jornais pra vê se realmente é uma fonte confiável de informação.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E30: Sim. Bastante. São informações demais e às vezes a gente fica um pouco aéreo de tanta informação, que já não sabe mais o que... o que é certo e o que é errado. Tem horas que prejudica bastante.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E30: Não me sinto muito preparada, mas eu acho que uns 45%.*

**P1: Aham. Ok**

*E30: To muito nervosa.*

**P1: Tá muito nervosa? Esse nervosismo, como você explicaria ele? É em relação às provas, a questões da prova? Por que desse nervosismo?**

*E30: Ai. Bom, eu sei que, mesmo tendo estudado um pouco, eu ainda sou um pouco ruim em matemática, porque são matéria... é uma matéria que, mesmo que eu aprenda, consiga resolver os exercícios, chega na hora da prova, parece que eu*

desaprendi. Então eu tenho muita dificuldade nessa questão. E eu não li alguns dos livros que podem cair na questão do ENEM. São os livros de português e também estou muito preocupada com a redação, que ela é mais importante, no caso, né, é o que vale mais pontos e tenho medo de não fazer uma boa redação, que pode cair qualquer tema, então, a gente tá um pouco nervoso com essa questão. Não só eu, muitos amigos também estão.

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

E30: Eu acho que foi de uma forma negativa, porque, estudando em casa, eu vi que eu desleixei em algumas matérias, que eu deixei de acompanhar algumas. Então, porque simplesmente não sentia a energia, não me sentia motivada pra algumas vezes, pra entra nas aulas on-line e não consegui prestar muita atenção em algumas. Porque tava muuu... não consigo me concentra como eu me concentro quando eu estou numa sala de aula. Então foi de uma forma negativa.

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

E30: Eh, fa... Até que foi fácil, assim. Não foi tão difícil [inaudível] porque internet eu tenho, o celular eu tenho. Então eu tenho como estudar on-line. A única questão do que foi mesmo é que eu percebi as dificuldades pra me concentrar na aula on-line. São dificuldades bem grandes pra me concentra nessas aulas. Tem muita coisa no ambiente que faz eu me dis... que faz a pessoa se distrai do seu objetivo principal. Então, às vezes, eu me distraia bastante da aula e acabava perdendo algumas coisas. Principalmente estuda em casa, porque às vezes... sempre tem alguém que chama, que precisa de alguma coisa e acaba tirando do meio da aula.

**P1: Quando você fala do ambiente, como é seu ambiente de estudos? Você o acha confortável, a questão da ergonomia, por exemplo a questão da cadeira, a questão da mesa, o seu material de acesso, você acha que isso tudo é mais ou menos bom, ruim, te prejudica na questão de postura?**

E30: Eh, eu acho que ele tá razoável. Não tá nem bom, nem ruim. Tá de uma forma que pelo menos é aturável, no caso dá para você estuda, é uma condição boa e como eu estudo no meu próprio quarto então o ambiente é bom pra tira um pouco do vem tanto de fora, porque muita coisa, que às vezes, do ambiente lá do lado de fora do meu quarto, que atrapalharia bastante se eu fosse estuda na sala ou na cozinha. Então, teria muito isso pra atrapalhar. Então ele é razoável.

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

E30: Sim. Às vezes eu fico um pouco insegura com algumas informações que recebe... por exemplo, essa que eu recebi do ENEM, porque, tipo, foi um amigo que eu tava conversando, que ele falou: 'ah, mas parece...' ele: 'ah, mas passou na TV que parece que eles querem adia pra depois que a vacina chega os alunos poderem ir fazer a prova com mais segurança'. Então, tipo, foi um amigo que me passou e eu até procurei algumas coisas, mas não tinha nada quanto a essa informação. Daí eu perguntei onde ele tinha visto a informação, em que canal, porque eu não achei no... não achei alguma coisa, assim. Só diziam que era uma possibilidade, que eles estavam analisando, mas que não era... que não foi aprovada ainda, no caso. Então eu fiquei um pouco...

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma**

complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).

*E30: Sim. Eh. Uma vez tinha morrido... na escola... na cidade onde a gente morava, morreu uma pessoa que era... [inaudível] forma foi importante na história da cidade e acontece que nenhum... os alunos que moravam perto, que receberam a informação da escola de que não ia ter aula naquele dia, devido ao fato do luto por essa pessoa, não avisaram os outros alunos que moravam [inaudível] mais perto. Então eu e meu irmão, a gente foi para escola, quando chegou lá, mais alguns alunos também foram, quando chegamos no portão da escola demos de cara com a informação no portão que a escola estava de luto e que não haveria aula pelos próximos dois dias, devido ao luto. Então, tipo, a gente ficou sem informação, foi à escola, teve que volta e foi meio frus... foi um pouco... a gente ficou um pouco chateado por isso, porque ninguém avisou, a gente acordou cedo, ainda saiu com medo de ter pegado chuva naquele dia, porque o tempo tava pra chover, pegamos chuva na volta para casa. Então, tipo, foi uma coisa bem chata, mesmo.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E30: É. Então esse negócio de algumas terem adiado o vestibular foi bem chato, mesmo, porque eu já tava me preparando, no caso, até a Janete ia me ajuda pra pode entra no vestibular de umas das universidades ali. Que eu ia concursar pra ver se eu conseguia fazer história naquele vestibular. E acabo que como eles suspenderam, não deu para mim fazer.*

**P1: Sim... sim.**

*E30: Então eu fiquei bem chateada com isso.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E30: Ah, sobre educação eu só queria, sei lá, que o Brasil pudesse chegar ao nível da Coreia do Sul em questão da educação. Lá não existem escolas particulares, no caso. A educação é livre pra todos. Eles in... são um país que investem realmente em educação em vez de ficar investindo em armas, em coisas que trazem... que são totalmente desnecessárias, vamos dizer assim. A segurança é essencial, porque também não é... não pode ter uma educação sem ter segurança. Como é que uma criança vai pra escola recebe educação e leva um tiro no meio da rua, mas tipo, se o Brasil pudesse pelo menos investir em duas coisas que são... em coisas que são realmente importantes pra pessoas, como saúde, segurança e educação, ao invés de investir em coisas que não têm total sentido nenhum pro país, seríamos um país de muito descaso, assim, entre outro. No caso, seríamos um país muito bem desenvolvido nessas questões.*

*E30: E a sua pesquisa foi boa. Tá muito bem elaborada, as questões são muito boas, focam muito sobre questões de sobrecarga de informações, entre outras coisas. Como a gente se sente em relação a receber informações que não são verdadeiras e o fato de termos que trabalhar e muitas... pra pesquisa e procura a verdade. E também tem muitos alunos que não fazem isso de jeito nenhum, né, que é procura alguma coisa. Tem gente que só pega a primeira coisa que vê e acredita. Então tem todas essas questões de informação, né, o modo como ela é usada, certo ou errado. É isso, só.*

**ESTUDANTE 31 (E31)**

**01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E31: Quando eu preciso... às vezes dá um trabalho para alguém. Vou falar sobre depressão, por exemplo, eu acabo tendo que buscar para saber para ter argumento para conversar com a pessoa, né. Ou às vezes, se eu quero me enturmar com um determinado grupo de pessoas, tipo investimentos, por exemplo. Tem bastante amigo meu que tá começando a investir. Então eu vejo, meu, se eu quero me informar e não ficar aquele 'peixinho fora d'água', né. Eu tento o mínimo de informação para ter um diálogo a mais com eles, né. Quando tenho dúvida do que é aquilo. Às vezes tá no trabalho e a pessoa começa a falar sobre 'networking', por exemplo. Ai meu, o que que é 'networking'. Ele fala que a gente tem aumentar nosso networking, né. E daí, quando é que se cria a curiosidade, eu vou lá e tento pesquisar, né. No mais seria isso.*

*E31: E agora em momentos de estudo, né. E tem que estar constantemente pesquisando informações aí.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E31: Quando eu não tenho argumentos, certeza do que eu to falando, né. Vou dar exemplo, quando o professor quer falar sobre gestação, por exemplo. Eu sou bem leigo, não sei basicamente nada. Então, eu tento pedir um tempo e falo: 'Amanhã converso contigo'. Ou admito que não sei nada do assunto na hora, né. Então eu sinto necessário buscar quando não sei, assim, eu não tenho certeza do que a gente ta falando, né.*

**P1: Você busca onde, em quais sites?**

*E31: Boa pergunta. Tem, quando é mais voltado a saúde, eu tento jogar no... que nem o coronavírus, vamos muda um pouquinho, né. Eu sei que a prefeitura sempre ta jogando dados ali, então eu tento buscar ali. E quando tem alguma mais aberta, assim, tipo 'ah gestação' ou coisa assim, eu jogo no Google e tento selecionar alguma página que já trabalha direto sobre aquilo, né. Eu não gosto de pegar coisa puxadinha, tipo o cara é, sei lá, influencer e ta falando sobre gravidez e tu vai vê e ele não tem base de nada, né. Ele fala do achismo dele e não tem base em algum autor, por exemplo, né. Mas um site específico, assim por enquanto, é o Google, né. Eu to tentando... vou começar a usar aquele Google Acadêmico, né. Até minha esposa comentou esses dias, que daí no acadêmico tem artigos que tem lá, né.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E31: Eu to usando uma plataforma, que eu comprei, né. É o GabaritaGeo, que é um grupo de professores lá que dão aula desta parte das humanas, né. É um site muito bom o GabaritaGeo. Youtube, então tem o Descomplica, nome da página do rapaz lá. Que mais desse negócio de ver bastante vídeo, né. Então eu jogo no Youtube e acabo vendo por lá. E daí se eu preciso de algo mais técnico que eu não entendo no vídeo, eu tento ver pelo Google ali também. Jogo mais a parte prática.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E31: Eu ia naquela biblioteca do Centro, eu acho que biblioteca municipal que fala, né. Ali...*

**P1: A pública, da Tenente Silveira? É do estado de Santa Catarina**

*E31: Isso, era nessa que eu ia. Eu usava o computador que tinha lá e, às vezes, pra algum livro do vestibular em si, né. Eu acaba indo mais quando era pelos livros do vestibular em si.*

**P1: Então você pegava os livros emprestados?**

*E31: Isso*

**P1: E a biblioteca do Instituto, você usava?**

*E31: É. Lá eu usava bastante, que a gente tinha bastante livro técnico ali, né. Daí, nesse período eu usava bastante livros deles, também. A biblioteca deles lá. E os trabalhos também, quanto tinha trabalho ex... extracurricular, tinha computador, tinha o sistema deles próprio que era mais fácil pra gente mexer, né. Eh, no IFSC eu usava bastante a biblioteca.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E31: Pra pesquisar ou pra pegar de novo quando precisar?*

**Ent:** Para pesquisar.

*Eu jogo por palavra-chave, o eu jogo: 'cura da depressão'. Ou exemplo ali que eu pesquisei, a última pesquisa que eu fiz foi depressão no ambiente de trabalho. Daí eu gosto sempre de abrir pelo menos umas 4 páginas com 4 fontes diferentes, né. Ou às vezes se a pessoa já me indica um site e eu jogo direto pelo site ali, né.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E31: Eu gosto de quando tem a... quando coloca o conteúdo e no final bota uma referência, né. Acaba que muitas vezes eu não vou ver a referência dele, não clico nem no link do livro que ele pesquisou, né. Mas se eu vejo que tem um monte de texto e o cara não bota nenhuma fonte embaixo, eu já fico com o pé atrás e tento e pegar outra fonte de referência, né. Mas seria nessa parte assim, mais de comparar, ver se não tá tendo muito plágio, se tem muito erro de português. Se ele cita referência, se ele bota muito exemplo, eu gosto mais disso daí também. Geralmente eu leio, e se eu for usar aquele site novamente eu coloco nos favoritos. Se é um tema que está a toda a hora me chamando atenção, né. Por exemplo, na parte de economia ali que tem todos os meus livros de segurança do trabalho, acaba que tenho que botar ali a referência e fazer resumo. No profissional eu faço mais resumo, né, e no pessoal... eu mais leio, tento guardar na mente e não faço um resumo, né.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E31: No momento fica ali na plataforma eu acabo que no momento eu não imprimo. Eu não gosto de muito papel, né, então baixo e deixo um tempo ali no celular, nos arquivos. E a cada tipo um mês eu acabo excluindo, né. Dependendo da matéria eu tenho caderno né, da parte de geografia, história... eu deixo um caderninho separadinho, né. E faço também anotações. Mapa mental eu gosto de deixar salvo no celular também por um tempo. E eu uso bastante print.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E31: [Repete a pergunta] Eu gosto de rever o que eu to lendo, e assistindo, né. Então eu gosto de ficar quietinho no meu canto. Dependendo da matéria, fazer um resuminho ali na hora. Tentar acompanhar as palavras-chaves, e revisar de novo. Então, tem matérias que eu escuto uma, duas vezes, passa uma semana e eu leio ela de novo, escuto ela de novo, né. Para não esquecer, então eu estou sempre retornando. E fazer de uma maneira que eu realmente não entenda. Às vezes tu vê um vídeo e tu já vai passar para a próxima matéria, um exemplo, né. Eu gosto sempre de fazer comigo, com bastante paciência, para realmente entender, né. Então, às vezes comenta com alguém sobre a matéria. No caso, minha esposa gosta muito da parte de história, então quando ela chega em casa eu gosto de conversar com ela sobre aquele tema. Com a conversa acaba me fazendo entender mais e buscar mais a matéria, né, o conteúdo.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação?**

*E31: Tenho que pensar aqui. Dificuldade de encontrar uma informação. Às vezes não tem uma informação muito direta, né. Vou dar o exemplo aí da parte de Investimentos ali, de ações. Às vezes dependendo do assunto, a pessoa te dá só uma pinceladinha, aí teria que comprar o produto da pessoa para tu aprender mais. Acho que a mais dificuldade seria, em certos assuntos, ter pagar para receber mais quantidade de informação. Eu acho que é mais a questão de ter que pagar pelo a mais.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E31: Não é difícil. Geralmente... eu vejo quando é a linguagem em vídeos, até na televisão ela ta muito fácil hoje, né. Eu acho que a linguagem, por exemplo, eles não usam mais uma linguagem difícil, com palavras que tu fica sem entender o que eles tão falando, né. E às vezes sinto mais dificuldade em artigos técnicos, né. Então, olhar por exemplo o Diário Oficial da União, por exemplo. Às vezes tem uma palavra muito culta que tu acaba não entendendo e tem que pesquisar ali para compreender o texto todo, né. Então é mais nesses textos mais técnicos, né, que eu vejo mais dificuldade, assim.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

**P1: Você ajuda sua esposa nos afazeres domésticos?**

*E31: Se eu não ajudar eu apanho, né. [Risada] To brincando. A gente se ajuda bastante. Eu gosto de cozinhar, mas eu tenho que ter um tempo tranquilo para cozinhar. Não gosto de ninguém por perto, né. Acaba que ela cozinha e eu faço a parte de lavar a louça, guardar. Se eu chego antes em casa eu passo a parte de limpar chão, passar uma vassoura. A gente também tem dois cachorros também, então o primeiro que chega passeia com os dogs, né. E acaba que como eu chego sempre antes eu faço essa atividade, né. E no sábado é o dia que a gente faz aquela limpeza especial, né, então a limpeza mais pesada em casa a gente faz junto. Eu penso que o homem tem que ajudar, né. Antigamente só o homem trabalhava e a mulher ficava em casa cuidando da casa, né. Então era um trabalho 24 horas. Hoje em dia não existe isso. Mulher trabalha, estuda e às vezes chega em casa e tem mais uma segunda jornada ainda. Então, eu ajudo e to sempre aqui para ajudar.*

**P1: E o seu dia a dia de estudos? Como é que é?**

*E31: Antigamente era um pouco desorganizada, né. Tipo eu ia para o curso, estudava no curso e deixava para revisar final de semana. Imagina eu trabalhava o dia inteiro e de noite eu tinha o curso, e eu não tinha aquela disciplina de mesmo assim cansado estudar mais um pouquinho. Acaba que eu só estudava no cursinho e não estudava em casa. Hoje em dia eu abro ali as mensagens do curso, tento acompanhar ao máximo. E eu to estudando para um concurso também. Então, para esse concurso, que é nível médio, todo o dia eu estou estudando. Tem o passo a passo do Edital, né. Eu vou acompanhando diariamente por eles, né. Então eu tento tirar cada dia para uma matéria diferente, né. E minha rotina é os vídeos, daí vejo os vídeos, anoto, faço anotações e vou fazendo o resumo ali do dia, né.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E31: Tem coisas que eu gosto de ler. Então, vou dar um exemplo, os livros de finanças no caso, eu vejo os vídeos, mas eu gosto de estudar livros que vão me ensinar um pouco mais sobre aquela área. To fazendo finanças, to lendo... como é que é? 'Casal que poupa junto enriquece junto', alguma coisa assim. To lendo também 'O Homem mais rico da Babilônia'. Então, às vezes, eu vejo um livro e gosto de pesquisar alguma coisa na internet, no Youtube, que fale sobre aquele livro, né. Eu acho que seria isso a pergunta, né.*

E31: *Eu separei por dia, né. Cada dia uma matéria. Na sexta feira eu tiro para a redação. Eu vejo que uma redação, como consome mais tempo, às vezes não vou saber um tema... [inaudível] um tema lá: 'Fome', aí como eu to em casa para dar uma colinha, eu pesquiso um pouco antes, dou uma lida e tento fazer a redação. Ai segunda eu faço sobre o ECA, né, é sobre o Estatuto da Criança, e no restante da semana eu vou fazendo matemática, geografia, história. Eu vou intercalando os dias, né.*

**P1: Então você prioriza umas das disciplinas, né.**

E31: *Sim, essas que tem muita lei eu priorizo mais. Parte do eco que é muita coisa, né, coisa que a gente não aprendeu na escola, e não vai ter um conhecimento muito fácil, né. Daí geografia, que no nível médio a gente sempre viu, eu leio, mas não com tanta intensidade, né... Para mim, uma grande dificuldade que eu tenho é na matemática, né. Então, quando eu era pequeno, eu tive algum... não posso dizer se foi um trauma, mas foi algo que me marcou, né. Eu lembro que quando eu tinha... eu tava aprendendo a divisão, né, e a professora me perguntou quanto que era três dividido por três. E daí eu era nervoso, era tímido, né, e aí ela teve a grande ideia de fazer aquela musiquinha do burro, né: 'Burro, burro, cabeça de E.T.'. Então, naquele período eu acho que eu me bloqueei para matemática. Eu nunca gostei e sempre tive receio de passar vergonha novamente. Então, matemática é uma coisa que eu sempre fico empurrando com a barriga, sabe. E hoje em dia que tu precisa de matemática para concurso... precisa para tudo na vida, né. É algo que me barra bastante e eu vou ter que pagar um professor particular porque faz falta a matemática. As exatas para mim... até no meu curso técnico, eu rodei 2 vezes por causa da matemática. Então, imagina, era um módulo de engenharia, né. Então me peguei bastante. E até no ENEM, isso vai ser uma coisa que, provavelmente, não vou ter um desempenho bom, é na parte das exatas, né.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

E31: *Muitas vezes eu gosto de citar a frase do próprio autor. Então me dá um embasamento ali para ter da onde eu tirei aquela informação, né. Acho que seria mais isso, né. Basear numa fala de alguém já, né. E dependendo do que for, se eu já tenho autoridade sobre aquele assunto eu posso resumir com as minhas palavras, né.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

E31: *Mais em tempo de cursinho. Eu acho que, às vezes em mais de uma matéria, acho muita informação. Às vezes ta tendo química e daí depois troca para geografia, por exemplo. Eu acho que é muita coisa. Se as escolas fossem um dia por matéria, eu acho que seria o ideal. Porque daí dava tempo de tu assimilar as informações, assim, sabe. Então seria mais problemas nas escolas, né. E fora da escola é tranquilo. A gente tem muita informação, praticamente todo o dia a gente recebe informação. A gente ta conversando aqui agora e a informação do carro do ovo que ta passando aqui na frente, por exemplo. Então, eu acho que fora de trabalho é tranquilo, não me sinto sobrecarregado assim.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E31: Eu acho que é o bloqueio. Chega uma hora que começa tanta informação, tanta informação... vamos supor: eu aprendo algo sobre história e comecei a não entender. 'Putz, eu não entendi que ele ta falando da Guerra dos Canudos'... eu perdi um ponto, aí eu não presto atenção em mais nada. Então eu me bloqueio e não consigo mais prestar atenção na aula. E acho que dá um pouquinho de cansaço, né. Dá um desânimo se tu ta com muita informação que tu não absorve, tu bloqueia né, tu não vai prestar atenção no restante das informações, né. E acaba que dá um certo cansaço também, né. Cansaço, desânimo.*

**P1: Depois de perder o fio da meada, você tenta buscar sozinho essa informação para tentar recuperar e retomar os estudos?**

*E31: Sim, sim. Se eu não entendo, eu tento fazer alguma observação. Às vezes eles jogam algum livro, algum site para a gente pesquisar, né. E no final da aula, eu sempre acabo falando 'Professor, não entendi tal coisa. Tem algum outro local que eu possa pesquisar?', né. O Pedro, ele sempre fazia isso, se a gente não entendia um assunto, ele sugeria um livro... com a minha esposa ele fazia bastante isso... ele sugeria um livro, levava até a biblioteca e dava alguns exemplos para a gente seguir, né, de livro para ler.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E31: Cara, eu acho que eu espero acabar a aula. [Risada]. Ou, que nem eu falei ali, seu não entendi e ta naquela sobrecarga, ou eu me esforço para tentar entender ou se não eu desligo de vez e tento buscar em casa a informação sozinho. Dou um tempo, depois tento voltar a estudar, a ler de novo, no caso. Se for fora da aula, por exemplo, né... às vezes eu tenho que ler muito texto no trabalho, e se eu sinto que não tá entrando, não to conseguindo render, ou ter dificuldade para ler, eu paro, faço alguma outra atividade e depois eu retomo, né. No ENEM, por exemplo, é muita informação, aquelas questões gigantes e uma pergunta pequeninha. Então se eu to travando, to patinando para desenvolver ali naquela questão, eu deixo ela paradinha, tento fazer outra, e depois eu retomo também.*

**P1: E no seu dia a dia, em casa? Você faz alguma atividade que você consiga se desestressar?**

*E31: É em casa... Cara, em casa é corrido, é que é fora de casa na real, né. Em casa eu gosto de ver TV, vejo TV, e agora eu estou criando o hábito de ler. Então, a gente tá comprando alguns livros, a gente lê, a minha esposa lê e eu leio junto com ela. E agora eu to gostando de ler também. Leio, leio a Bíblia, também. É uma coisa que... é um livro, mas eu tento não ler como um livro comum, né. Então quando eu leio a Bíblia, oro também, acabo me desestressando, tendo um momento mais de meditação ali também, né.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E31: Eu acho que principal dificuldade é encontrar um tema, uma referência confiável, né. Por exemplo, agora nesse tempo de política, a gente não sabe qual jornal que é correto que puxa para esquerda, qual o correto que puxa para a direita, a gente sabe qual tendência que está seguindo, né. Eu acho a confiança ali na informação. E a autenticidade, né, se realmente a pessoal ta tendo base daquilo que ta falando, né. Eu tento bastante entender os dois lados da política, né. Então já vi gente falar do Bolsonaro, fala bem, aí outro fala da Dilma e do pessoal da esquerda. Então esse, eu acho mais o conflito, né, porque todos os lados estão certos nos quesitos deles, né. Então, acho mais dificuldade de achar um meio termo, né.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E31: Essa... Não sei explicar essa daí.*

**P1: [E explica melhor a pergunta, dá exemplos de superação]**

*E31: É... eu tento falar mais com o familiar, né. Então eu tento ver aquele familiar que é mais calmo para explicar, né. Que não é tão fanático por um lado ou pelo outro, né. Aquela pessoa que quer ver a minha dúvida e tentar explicar de uma maneira mais tranquila, né. Não quer forçar tu entender do jeito que ela quer que... tu se dobre, no caso, não é não? A opção da pessoa e eu tenho que ser igual a opção dela, né. Eu gosto que me explique e eu tenho a possibilidade de eu ter a minha opção, né, a minha escolha.*

**19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

*E31: Não, eu acho que basta a gente discernir o que a gente quer, ter um filtro ali, né. Então, é muita informação, mas eu consigo escolher o que eu quero ou não, né.*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E31: Ah, eu acho que uns 60%. As partes das humanas, interpretação de texto, redação, eu acho que vou bem, mas nas partes das exatas eu vou dançar legal.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E31: Ajudou de forma positiva, porque diminuiu os convites para sair, né. Então, a gente não pode tá saindo toda a hora, então a gente tem mais tempo dentro de casa. Então, ajudou bastante.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E31: Acho que é muito boa. Eu acredito que se for só o EAD, eu acho que não é legal, porque às vezes tu não tem tu vai ter que se virar sozinho para buscar a informação que tu tenha dúvida, né. Mas, em contrapartida, tem a opção de tu voltar a aula, tu rever... então é bom e não é bom, né. Então, por exemplo, eu tenho essa parte da geografia e da história ali, as aulas são, geralmente, de 15 a 20 minutos, então eu posso me basear por aquilo e caso eu achei que ficou muito raso eu posso pesquisar no Google ali, por exemplo, né. Então eu acho que ajuda bastante, mas a gente tem que se policiar bastante também, né, para não perder o foco. Às vezes tá vendo algum vídeo no Youtube, de matéria, aí passa um vídeo de pegadinha, algum vídeo nada a ver e tu perde o foco, né. Eu acho que ajuda, mas a gente tem que se policiar bastante.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E31: Mais nas exatas ali, né. Daí, eu via que eu não entendia, não tinha o entendimento. E daí nesse período eu me fiquei muito... nessa parte de química, biologia, então me sentia impotente por não entender o que eu recebendo de informação, né. Não saber o que fazer com aquela informação.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E31: Uma... eu acho que bem recente é do coronavírus. Logo no começo da pandemia, tinha a informação que a máscara era para o grupo de risco, para o pessoal da saúde, né. E daí tinha outro grupo que atestava e falava que era importante a gente estar usando a máscara naquele momento. Então, nesse período faltou informação.*

*Eu tentava buscar: ‘Meu, usa a máscara ou não usa? A gente precisa ou não precisa? Então, para mim, nesse momento ai eu me senti um pouco vulnerável, porque tinha um lado que precisava... até eu fiquei na dúvida num tempo ali se usava ou não, no começo. Então, essa falta de informação precisa e [inaudível] ficou bem a desejar, assim, no começo. Para mim, eu me senti meio que impotente, né, assim, com uma informação precisa para a população.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E31: Eu acho que fica um pouco injusto para quem não fez o ENEM em anos anteriores, né. Nesse ano eu tive a oportunidade de fazer, em outros anos eu não fiz, então acaba que prejudica, né. A UFSC agora, ele deu a opção de escolher os vestibulares, quem fez o ENEM e quem tem nota dos anos anteriores da UFSC, né. Então, eu tive sorte que fiz em anos anteriores, então não vou ser prejudicado, né. Mas acho que o vestibular... Não tendo vestibular [inaudível]. Eu acho que acaba prejudicando bastante as pessoas, porque ela teria uma possibilidade a mais de tentar um acesso à faculdade, né. Então, se no passado ele foi mal e hoje ele tem condições de estudar e se preparar mais um pouquinho, ele não vai ter como concorrer, né, como buscar essa nova vaga. Então, acredito que prejudique bastante os estudantes.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E31: Eu acho bem importante a gente ter o acesso à informação, né. É um tema bem atual. Porque sem informação você fica perdido no tempo, né. Então acho que as pessoas devem sempre buscar uma informação que tenha conteúdo, né, e não uma que, principalmente, tenha Fake News. Então a partir do momento que tu busca a fonte de onde saiu aquela informação, tu dificilmente vai ser enganado, né. Então sempre buscar a informação daquilo que tu está procurando. Em questão de vestibular, para quem está estudando também. Buscar uma fonte de estudo de uma pessoa que tenha bastante experiência, né, que não começou a uma mês, ou três meses ali... saber quem é a pessoa. Tentar pesquisar da onde é a formação dela, né. Tem bastante gente que dá aula no Youtube, mas tu vai ver e ele fala muitas coisas que não é a realidade, ou se confunde com a informação, né. Então sempre buscar a melhor fonte para ter uma referência, né.*

*E31: Em relação ao PVC, eles são bem-organizados, né. Estão disponibilizando bastante informações pelas plataformas ali do WhatsApp... Os professores também buscam fazer bastante reuniões também, né, on-line. Então, acaba que ajuda bastante para o pessoal que está se preparando para os concursos e vestibulares.*

### **ESTUDANTE 32 (E32)**

**01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E32: Quando eu tenho dúvida em relação a algum assunto.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E32: Minha vontade de sanar as dúvidas.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E32: Google, Google estudante.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Quando fazia o ensino médio e cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza ou utilizava?**

*E32: Então, não costumo ir né, em função da pandemia. Mas, quando estudava eu estudava eu ia na Biblioteca da minha escola apenas. E na biblioteca lá do Centro, eu*

*esqueci o nome, eu fui algumas vezes também para pegar livros. Eu pegava geralmente, livros que caíam no vestibular, esse tipo de livros.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação? Usa texto, áudio?**

*E32: Como assim, resgatar, eu não entendi! Há eu sempre busco por vídeos do conteúdo que eu tenho dúvida. Eu coloco eletroestática, por exemplo. E aí vem o resultado com eletroestática.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E32: Então, eu verifico sempre em mais de um site. Mas, as fontes eu não me atento não! Geralmente eu busco os primeiros que aparecem.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E32: Faço a leitura e faço o resumo, resumo geralmente.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E32: Ah, eu busco ver videoaula sempre, e é isso. Vê os assuntos e pesquisar na internet mais a fundo. Só no Youtube.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E32: Geralmente eu não tenho dificuldade não. Tudo o que eu pesquiso eu encontro.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação que está disponível na rede, em alguma apostila ou em algum livro?**

*E32: Dependendo do conteúdo sim. Tipo exatas por exemplo, que eu tenho mais dificuldades. Eu tenho mais dificuldade em compreender, olhando na internet, pesquisando.*

**P1: E essas exatas que você se reporta seria quais as disciplinas?**

*E32: Física, Química e matemática.*

**P1: Dessas três disciplinas qual o seu maior grau de dificuldade?**

*E32: Física.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E32: Eu ia para a escola de manhã né, fazia aula de manhã, aula on-line, no ano passado, e de tarde eu fazia a aula do Gauss e, de noite eu revisava as aulas do Gauss.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E32: Eu acho que levo questão do que tem na aula, que tem no dia, sabe. Se matemática no dia, eu estudo matemática. Se tem física no mesmo dia eu estudo física. Agora se, tipo assim, se é um conteúdo que eu já sei. Por exemplo, ah, eu estudei História, hoje, no cursinho, teve videoaula de História, e, eu já sei aquele conteúdo, aí eu não estudo, sabe.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E32: Acho que pesquisando sempre, né. É, eu acho, acredito que é confiável, né. Tens algumas que eu pesquiso até duas vezes para saber se a fonte é confiável.*

**P1: Como você faz para saber se aquela fonte é confiável ou não?**

*E32: Verificando em outros sites, eu vejo em mais de um. Tipo assim, se tem dois sites que tão escritos a mesma coisa eu acredito que são confiáveis.*

**P1: Na questão ética, social, política e econômica, quando você se apropria da informação dos sites, você faz a identificação das fontes, quem são os autores das referências ou não?**

*E32: Não.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E32: Eu me se senti sobrecarregada. Mas, tipo assim, não acho que a informação, por causa da quantidade de informação, sabe. Eu me sinto sobrecarregada por porque tem muitos assuntos, porque tem escola. Mas, acho que informação nunca é demais, sabe, estar disponível para as pessoas.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E32: Cansaço e ansiedade. Ah, eu tenho um espaço reservado até tipo a mesa é grande e é boa, só a cadeira que é uma cadeira comum, sabe. Estudo no meu quarto, numa escrivaninha. É bem iluminado.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E32: Ah, eu administrava bem o meu tempo para dar tempo para fazer tudo. Buscava também dar intervalos bons para não ficar muito, sabe, cheia dos conteúdos. Nos finais de semana eu buscava sair para desestressar um pouco e arejar a cabeça e, é isso.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação?**

*E32: Ah, eu acho que entender, as vezes, o conteúdo de exatas como eu falei antes, que era uma dificuldade.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E32: Quando eu um conteúdo da escola eu perguntava para os professores do cursinho, geralmente eles me respondiam. Daí eu fazia questões para ver se eu tinha mais dúvidas. Agora se era do cursinho eu falava com aos professores do cursinho mesmo e, eles respondiam.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E32: Não, acho que um complementa o outro, sabe. É mais um método de a gente estudar, sabe, é mais uma maneira da gente recorrer, recorre ao professor, e se não entendeu, pode recorrer a internet, se não entendeu pode recorrer ali ao professor do cursinho, esse tipo de coisa, acho que informação nunca é demais!*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E32: Acho que em relação ao estudo eu estava uns 50%. Em relação ao emocional acho que eu estava bem ruim, porque eu sofri bastante antes do vestibular, eu tive que tomar uns calmantes, esse tipo de coisa.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E32: Negativo. Eu acho que presencialmente né, é muito melhor a explicação do professor, a gente consegue entender melhor. Porque se fosse só para pesquisar na internet, a gente não precisaria de um professor, sabe. Então, eu acho que o professor é muito importante na questão presencial, sabe. Obvio, que como não tem como ser de outro jeito, tem que ser pela internet, pela internet agora, tudo bem. Não trocaria o ensino presencial pelo remoto.*

**22. P1 - Como foi sua a adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E32: Não, não foi fácil me adaptar porque eu acho que num ambiente de casa, tipo assim, a gente tem barulho, a gente tem, passa carro, tipo meus irmãos vêm aqui no meu quarto. A internet cai, então, não é fácil se adaptar, as vezes a internet do professor cai. Não é fácil então, não é fácil adequar a sua rotina, não é fácil criar uma rotina em casa, então, para mim foi bem complicado.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E32: Não, não, eu sempre, tipo assim, tive a informação e não consegui entender eu sempre buscava por outro canal.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E32: Não. Não!*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E32: Não, não foi fácil me adaptar porque eu acho que num ambiente de casa, tipo assim, a gente tem barulho, a gente tem, passa carro, tipo meus irmãos vêm aqui no meu quarto. A internet cai, então, não é fácil se adaptar, as vezes a internet do professor cai. Não é fácil então, não é fácil adequar a sua rotina, não é fácil criar uma rotina em casa, então, para mim foi bem complicado.*

*E32: É eu fiquei um pouco triste, porque eu já estava estudando para o vestibular, já tinha lido alguns livros para o vestibular. Mas, aceitei né, porque é a condição que a gente tem, hoje, de fazer uma prova. Então, já que é isso que a gente tem! Mas, se é fazer o quê! É, eu fiquei triste eu queria que tivesse o vestibular. Mas, aceitei, sabe, porque ia ter o ENEM de qualquer jeito, então também é uma forma de entrar no vestibular, até que foi tranquilo! Mas, eu queria que acontecesse o vestibular.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E32: Não, não foi fácil me adaptar porque eu acho que num ambiente de casa, tipo assim, a gente tem barulho, a gente tem, passa carro, tipo meus irmãos vêm aqui no meu quarto. A internet cai, então, não é fácil se adaptar, as vezes a internet do professor cai. Não é fácil então, não é fácil adequar a sua rotina, não é fácil criar uma rotina em casa, então, para mim foi bem complicado.*

*Então, acho que desde cedo a gente deve começar a estudar e pensar no vestibular, que é algo que, tipo assim, se tornou muito importante hoje em dia para ingressar na universidade. Então que os alunos venham desde o primeiro ano de ensino médio e, até mesmo antes, estudando realmente as matérias e prestando atenção nas aulas. Também acredito que o modo de ensino, o método de ensino de hoje no Brasil não é tão bom, acho que poderia melhorar muito. Que poderia ser uma forma de ensino mais, tipo assim ô, não tanto expositivo, mas, contributivo, sabe onde os alunos e professores interagem de forma com que a aprendizagem seja mais leve, sabe, é isso!*

### **ESTUDANTE 33 (E33)**

**01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E33: No caso acesso à internet? Hum, normalmente agora que eu terminei o ensino médio, não tem nada muito haver com esse estudo né, exemplo, não pesquiso mais as matérias individualmente, como estudo assim. Porém, eu gosto de pesquisar exemplos sobre, na área de estudo né, ainda continuo, porque não tenho certeza da minha vaga na faculdade, então, tenho que continuar com este estudo. É sobre o tema de redação principalmente, sobre curiosidades, porque sempre ajuda ter uma visão de mundo aberta. Isso ajuda muito na hora de passar para a escrita e, enfim essas coisas. Então, e eu olho as notícias, também, agora peguei uma mania exclusiva com minha mãe que a gente fica vendo notícias [risos...], juntas agora e, eu acho interessante assim né, porque a gente se atualiza não só pelas coisas ruins que estão acontecendo né, como a pandemia e as mortes e todos os dias tem notícias, mas como outras coisas também né, relacionadas a tudo, tanto internacionalmente quanto nacional né. Então era isso. E mais uma Plataforma.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E33: Hum, bem, como diz o nome né, é pela necessidade [risos...]. Exemplos, se eu estou precisando, querendo sabe sobre métodos de estudos novos. Eu vou lá e pesquiso e principalmente no YouTube né, várias vídeos aulas, vários métodos, mapas mentais, essas coisas, e, isso relacionado a estudo né. Quando é relacionado a, exemplos, certas curiosidades, sobre o meu curso exemplo sabe. Aí tem outras plataformas, assim como a Netflix, mesmo que ela é ainda uma plataforma paga, assim tem coisas assim como tipo, assim documentários sobre designer, documentários de natureza, essas coisas que são é, assim tem outras formas de buscar o conhecimento, além da forma tradicional que é os livros e tal. Então é isso. Então, com base na minha vontade e necessidade, deu para entender, né.*

**P1: Bom te ouvir, com um diferencial a questão do filme, que você se apropria dos filmes, muito bom!**

*E33: Aí sim, adoro, documentários é a minha paixão. [risos...]. Eu sempre procuro, aliás, a Netflix não é suficiente pra mim. Eu sempre pego aquelas que dá para baixar no Play Stories, sabe, músicas gratuitas. Que daí tem vários documentários diferentes. Assim, nossa eu amo, muito. Até pensei em fazer animação ou cinema, mas, a minha paixão para o desenho é maior. [risos...].*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E33: Ah, muitos sites assim, exemplo, é, eu posso citar aqui os nomes? os sites. Eu sempre pesquisava assim, tipo quero bolsa por exemplo. Até mesmo tem eu sempre pesquisava até mesmo em outras Biologia total, aquele putz agora me deu um branco.*

**P1: Você pode repassar pelo WhatsApp?**

*E33: Ah, sim, perfeito, perfeito, tudo certinho, eu mando a lista, tudo certinho.*

**[Posteriormente a entrevistada enviou por WhatsApp os seguintes nomes de sites: Biologia total, Mente Matemática, Canais no Youtube, Brasil Escola, Brainly, Wikipédia]**

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Quando fazia o ensino médio e cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza ou utilizava?**

*E33: Serviços tipo as áreas que eu mais ia atrás? da Biblioteca.*

**Então: Sim.**

*E33: Então, assim, no ensino médio, principalmente no IEE né, eu, a biblioteca de lá era muito legal, então eu sempre ia quando eu tinha tempo, e tinha até aquele, eh, como é que é? Uma espécie de cartinha, que você conseguia pegar sempre os livros né, uma semana cada livro, era mais ou menos isso. Eu sempre pegava quando tinha tempo, principalmente biografias. Eu gostava muito da Biblioteca da UFSC também,*

*inclusive fiquei muito triste né, com essa pandemia não pude ir nenhuma a vez! Nossa eu amo aquele lugar. É, é isso né, deixa eu ver, e o empréstimo dos livros da UFSC eu não, eu infelizmente não conseguia assim fazer nenhum, mas, sempre que ia pra lá eu ficava por exemplo, horas. E conseguia ali as coisas que eu queria. Então eu não via a necessidade. Mas, na minha escola eu pegava bastante livros emprestados.*

**P1: A UFSC tem uma biblioteca que é do Colégio de Aplicação.**

E33: A Central.

E33: Meu primo estudou lá. Meu primo o nome dele é [...]. Estudava no Aplicação. Não é meu priminho mais novo, não!

E33: Então, assim, no Ensino médio eu sempre ia, a biblioteca do IEE era muito legal, eu sempre ia e uma semana em cada livro. Era mais ou menos isso. E eu gostava muito daquele lugar, mas, sempre que eu ia para lá eu passava horas Nossa eu amo aquele lugar. É isso né. Deixa eu ver, o empréstimo dos livros da UFSC eu não infelizmente não consegui fazer nenhum, mas, sempre que eu ia para lá, eu fazia lá

**05. P1 - Explique como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação. Usa texto, áudio?**

*E33: Hum, eu busco pela palavra-chave principalmente, né, e sobre coisas eh, em que que aquele tema tá no contexto, né. Exemplo, se eu to falando sobre eh, oceanos, vou pesquisar todo o tipo de animais marinhos que estão presentes nele, tudo tipo ah, tudo o que tem haver com isso, né. Vou pesquisando por etapas, né, sobre o mesmo assunto. Bem difícil!*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

E33: Você poderia me dar um exemplo?

**P1: Como que você avalia e que peso tem essa matéria?**

*E33: Bem, a parte da avaliação, eh, se for avaliação, primeiro tem que avaliar o site que a gente tá pesquisando né, tem sempre que pesquisar em lugares que tem tenham eh, nomes científicos, quando se trata de, eh, como exemplo 'oceano'. Né, como vai ser nosso exemplo, [risos...]. Então, ah, [risos...]. Aí gente pera aí, nunca me fizeram uma pergunta assim, eu ainda estou pensando um pouquinho. [risos...].*

**P1: Fica tranquila. [risos...].**

*Obrigada! Seria por categoria também, eu acho eu ia pegar a informação e iria começar anotar fazer uma espécie de mapa mental em cada coisa específica que eu achasse e ia anotar os sites, porque é importante anotar os sites também né, isso, as referências.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E33: Hum, então, assim, eu anoto, eu antes eu não tinha essa mania de anotar tanto, porque eu achava que eu ia conseguir lembrar tudo [risos...]. porque eu gostava, normalmente eu gosto de que eu estudo né, pra mim por ser de certa forma uma coisa prazerosa eu não ia esquecer, porém a gente esquece né. Acaba não conseguindo lembrar de tudo. E aí eu tive que mudar de hábito é isso que eu faço, eu anoto as palavras chaves de cada coisinha, e depois acho que eu fugi um pouco da pergunta?*

**P1: Está dentro do raciocínio.**

*E33: Tá bom, então. E aí eu vou fazendo assim, eu vou explicar como eu faço: por exemplo, se eu vejo uma videoaula eu faço uma pesquisa leio todo sobre aquilo ou vejo a vídeo aula e depois eu faço um mapa mental inteiro, só com as coisas que eu lembro e com isso eu deixo no caderno, e é isso a forma que eu deixo no caderno.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E33: Hum, uma coisa que eu venho fazendo já é fazer uma lista, por horário sabe, uma agenda é como uma espécie de avaliação em certas áreas anotar bastante o progresso. Eu anoto as palavras chaves de cada coisinha. Acho que fugi um pouco da pergunta?*

*E33: Então, vou explicar vejo a vídeo aula, sem rever a vídeo aula e sem rever os textos novamente. Explicou?*

**P1: Sim, você explicou tudo direitinho.**

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E33: Acesso à informação e sua pesquisa me chamou muito a atenção muitas vezes aquilo que eu vou procurando eu queria uma coisa mais pronta*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação que está disponível na rede, em alguma apostila ou em algum livro?**

*E33: Às vezes, as vezes, não, não sempre, [risos...]. não sempre, e não só por causa da falta de atenção, porque as vezes eu lia com atenção, principalmente quando era coisas mais, livros didáticos essas coisas ou pesquisas mais difíceis, então, eu lia mesmo com atenção, eu tinha que ler mais de uma vez, porque eu não, não compreendia de primeira, assim, não tudo pelo menos, não fazia sentido para mim, né. Mas, então, digamos que sim. Mas, exemplo, era diferente para mim, quando eu ia ler um livro que, exemplo, alguma biografia ou alguma coisa de interesse, mesmo que fosse difícil, ainda assim, por ser do meu interesse, eu acabava entendendo bem mais rápido. Então né, e tudo isso não era por falta de querer, eu juro. [risos...]. Então, de certa forma sim, um déficit de atenção ali, né. [risos...].*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E33: Então, os professores eles já mandavam na plataforma, que é, no Google sala de aula, né, no Classroom, eh, desde manhã cedo, assim, as coisas e na época também estava fazendo o ensino médio. Então tinha as coisas do cursinho mais as coisas da minha escola, e, como o cursinho assim, eu não estava preparada psicologicamente pra fazer eh esse, cursinho, on-line com todo esse tipo de obrigação, acabou, que me, eh, não consegui realmente fazer tanto o quanto eu queria, né. Mas, enfim, na época que eu estava fazendo de abril a junho. Eu anotava muito. Exemplo, eu acordava de manhã cedo, se a primeira aula que eu recebia era às oito, eu não ia fazer exatamente, assim, acordar e fazer, eu acabava me programando para começar às dez horas. E falava, ok. Vou começar às dez horas, vai ter uma pausa ao meio-dia, exemplo, para almoçar e, vou continuar até às quatro. E assim era, minha rotina de estudos, eu planejava de horário até horário e tentava fazer isso. Se eu não conseguia nesse dia eu compensava no próximo dia, né. Eu anotava muito também, uma coisa que me ajudava muito a visualizar aquilo que tinha que fazer. Eu até tive uma maniazinha que comecei a fazer em tudo, inclusive até rotina diária e, em coisas até idiotas inclusive, exemplo assim, eh, eu colocava lá na minha listinha, eh, Biologia, Português, Redação, Literatura e não sei o que lá mais. Eu colocava aquele quadradinho do lado sabe, que você tem que marcar, só para me dar prazer de fazer a parada e conseguir marcar. Eu comecei a fazer, contudo, por exemplo, limpar o banheiro. Esse tipo de coisa.*

**P1: É bom para ter controle, né isso é muito bom! Hum, sim.**

*E33: Desculpa eu te interromper, é que eu acabei lembrando de uma plataforma, de uma plataforma que eu uso muito, na verdade eu comecei usar este ano, mas, se eu soubesse eu teria usado no ano passado também. Que é a Biblioteca Mundial, eu achei muito legal aquilo. Nem sempre tem assim coisas, eh coisas legendadas em português, como é uma Biblioteca mundial tem muito conteúdo. E, é uma forma de conteúdo muito*

*legal. tem muito conteúdo, os vídeos e e a gente pode conhecer de frente as esculturas e de uma forma mais antiga também, não só aquelas pelo YouTube, vendo tipo tudo exemplo um algo eu tava vendo um álbum de fotografias muito legal, que mostra os paquistaneses, muito antigo, é um estudo muito maneiro. Eu vou passar vergonha aqui fotografias e os vídeos conhecer de frente as esculturas vendo tendo eu tava vendo um álbum de fotografias, e instrumentos, fisionomia eu super recomendo a Biblioteca.*

**P1: A leitura é uma viagem para o mundo, muito bom!**

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E33: Então, apesar de ser muito importante a parada de, opa! Eu falo as vezes umas gírias, não sei se você se importa, as vezes escapa!*

**P1: Pode falar.**

*E33: Há tá que legal! Então, assim, apesar de ser muito importante a parada pedagógica, a leitura. [risos...]. Desculpa, aí que desagradável, teve um barulho muito forte aqui. Para mim era muito importante para mim ter outras vias de conhecimento. Inclusive isso ajudava nos estudos. Enfim, filmes, séries apesar de ser importante a parada outras vias programáticas de conhecimento. Que até li que assimilar o conteúdo e filmes séries porque me ajuda reter a informação e ser algo poderoso. Exemplo, assim, eu gosto muito de Clarice Lispector, literatura e tudo mais. Pegar um autor e conseguir outras informações além daquelas que já tá, né procurar além daquela que já tá*

*E33: A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E33: Hum, eu acho que de certa forma eu já respondi com as outras perguntas, mas, eu vou ser mais específica. Eh, com o você já deve ter percebido, eu gosto muito de buscar coisas eh, cada uma em vários cantos, né, pegar um pouco de informação, de cada lado. Esse mundo está muito globalizado a gente tem bastante acesso a tudo. Mesmo que seja difícil de se aprofundar a gente tem acesso a tudo. Então eu busco não só em plataformas como as que eu citei, né, Biblioteca Mundial, e tudo mais, digital, essas coisas, bibliotecas físicas, eh, livros eh, pesquisas na internet, não só. Mas, com a fala também, acho que serve, a fala de profissionais, é claro né, exemplo, vou citar minha mãe e meu padrasto. A minha mãe ela é formada em música, na UDESC, ela é pianista e professora de canto e piano. E pela formação dela, eu acabei né, sempre sabendo, eh, acabei não conseguindo aprender piano infelizmente, mas ainda vou! Mas, exemplo assim, com o canto, ela me ensinou muitas coisas sobre as formas do canto. Enfim tudo o que envolve esse universo né, na parte desse universo musical. E tudo mais, eu acho que isso é uma experiência de informação também, né. Conseguir informação da fala, que é uma coisa muito importante. Eh, principalmente se tiver ligação emocional com a pessoa, né, no caso da minha mãe. Mesmo que não tenha!*

*E33: Eu acho que exemplo, assim, com as falas dos meus professores. Tem professores que eu tive no sexto ano, no quinto que eu guardo no meu coração até hoje. E eles, coisas que eles explicaram lá atrás que foram pela fala e não pelo conteúdo didático e tal, eh, eu guardo até hoje. Entende, então, eu acho que isso é um bom exemplo. Meu padrasto também que ele é formado em filosofia e formado em música pela UFSC e pela UDESC né. Eh, também, exemplo, todo o acesso que tive com ele, quando eu estava estudando no último ano do ensino médio né, ano passado, eu tive contato pela primeira vez, meu Deus, agora esqueci gente, que horror, enfim, um conteúdo, uma parte específica da Filosofia, daí lá eu tava com muita dificuldade e tal. Exemplo, assim, mesmo por ele ser filósofo e estar do meu lado e tal e, o acesso à informação falada né, foi muito importante para que eu entendesse o conteúdo e de certa forma me aprofundasse, assim, um pouco, sabe, mais do que eu conseguiria. Mesmo vendo videoaulas ou acessando o conteúdo por outras plataformas. Então, essa parte eu considero legal, além das outras que eu falei, é claro, as tradicionais.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E33: Sim, sim, com certeza, não só exemplo, ano passado, no ensino médio quando eu tava tendo essa sobrecarga, tanto na parte do ensino médio tanto na parte do cursinho. Mesmo que fosse por escolha né. Ainda assim, Eh, um tanto pesado. E assim, como eu falei para você, a gente tem acesso à informação. Mas, a gente não, não consegue se aprofundar nela. E é muito difícil também manter o foco nas coisas. Então, sim, bastante!*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E33: Por estar em pandemia, a gente não podia nem se dar o luxo de poder sair e dar uma caminhada né, ajuda a liberar a endorfina e tudo mais, e se livrar dos problemas. Eu sair para caminhar e correr por um bom tempo. Era um alívio pra mim, pelo menos para mim. Pra mim foi bem pesado, também né,*

*E33: que ajuda a liberar morfina, para mim era um alívio e não tendo a liberdade de fazer isso no quintal, é bem ruim,*

*eu tentei achar equilíbrio a alimentação, tanto o ano passado como este, eu focava nisso, eu focava na alimentação eu tentava tudo para manter a química do meu corpo. Então eu tenho frouxidão ligamentar. Quando eu fui no médico mas, com a pandemia eu não conseguia fazer coisas relacionadas a peso eu precisava deste apoio eu tava fazendo o exercícios e com isso minha mãe não deixou mais. Para não me machucar.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E33: Sim. Várias válvulas de escape, pra mim eu dançava muito, privacidade me ajuda dançar livremente, eu uso fone, é minha marca registrada, fone de ouvido e música, todos os tipos de música.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação?**

*E33: Então, manter uma rotina de estudos, a principal coisa pra mim, boa parte do vinte, vinte [2020] eu tive que manter*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E33: Hum, então eu já falei isso antes, eu vou falar de novo porque é importante, 'cagava tudo' para poder me manter, no final do 2009 eu deixei de ser vegana e continuei a ser vegetariana. Para mim isso foi essencial e ter esse cuidado de novo.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E33: Ah, de certa forma um pouco, me dê um exemplo de como eu posso ficar prejudicada, com certeza, Ah, com certeza, dessa parte que você tocou, olha o*

*horrível, de como pesquisar, a informação de como a gente quer e com isso traz um desempenho, nas escolas eles não ensinam, eu nunca vi o desempenho de ensinar a fazer pesquisa, eu acho que faltou essa parte e é muito chato.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E33: Não! Não mesmo! Esses cursinhos eu não consegui concentrar por minhas mesmo e das condições em geral eu teria dentro de uns, sendo, bem generosa, eu diria uns 40%. Na parte do cursinho, por outras condições que você não conseguia fazer? Minha mãe da aula, meu padrasto estava defendendo o TCC e eles usavam o notebook para trabalho e todos os restos de problemas e tenho todo o resto da minha família. Eu sou uma assistente essa pandemia eu continuei a de ir e voltar e ficar em uma espécie de sobrecarga, e não poderia reclamar porque minha mãe, eu desconfio aqui do meu...*

*E33: Então, antes eu estudava no meu quarto, é uma casa dividida ao meio, então, tenho os meus vizinhos faziam, esse vizinho do lado e outro casal também tem uma moça que é esquizofrênica, e as vezes ela dá um surto de madrugada. Mas, a internet minha mãe e até hoje eu uso a escrivantina que eu fiz, tinha outros dias que a bunda doía para os estudos.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E33: É, digamos assim, a minha mãe disse que eu podia usar o tempo ao meu favor, como eu teria fora de casa. Eu poderia ir na praia, e também eu não tinha mais o que eu estava acostumada. Eu tive mais tempo, mas eu não consegui aproveitar como eu*

**22. P1 - Como foi sua a adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E33: Não. Tinha professores que mandavam muita informação e errado, aténs da gente usar a plataforma, que acabou na raça de algo que é tão difícil.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E33: Você quis dizer de usar uma pesquisa? Não entendi a pergunta?*

**[Entrevistadora repete a pergunta]**

*E33: Ah, com certeza, vários, [risos...], eu perguntaria, quais os momentos que eu não ficaria frustrada, com certeza sim. Com certeza dificuldades quase impossíveis não ter.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E33: Sim.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E33: Então vou, eu acho que seria melhor eu, eu começar explicando como eu me vi nesse universo de vestibular, né. Mesmo que agora eu, eu tenha acabado o ensino médio e tudo mais, mesmo que eu já soubesse o que era vestibular e todo esse*

*conceito, ainda assim eu não sabia que [esse] universo era grande e complicado, né. Essa parte de, não só de inscrições,*

*E33: de editais, de pesquisa, regras de ensino. Lembra da prática de quando eu foi a primeira vez não saber como isso acontecia eu fiquei muito assim, UU. Com aquela batida de coração. Essa falta de preparação foi sentida no ano vinte e vinte (2020), então assim, foi difícil, foi horrível, muitas pessoas não tinham noção, aquelas pessoas, os coordenadores, foi um contexto horrível, completamente nova, e nem um pouco familiaridade, mais os estresses e afetou bastante. Como é que eu ia fazer aquela prova, na época eu não sabia como seria essa dimensão em função da pandemia, prova de redação, tinha um tema pesado, sendo que tinha outras cadeiras, Então, foi um contexto, horrível. Está fazendo a prova pela primeira vez, principalmente de vestibulando que não tem muita preparação.*

**E33: Sim. Deixa eu ler aqui, para ver se essa é a penúltima pergunta?**

*E33: De escola pública sem nenhuma preparação, relacionadas ao estudo. Foi um cenário desesperador, a gente fica importante perante essa situação*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E33: Eu queria primeiro falar como estudante vivendo esse universo que é parte dessa galera, ensinarem a pessoa a aprender não só o conteúdo da escola. Exemplo, muitos alunos têm dificuldade de guardar o conhecimento de forma tradicional. Esses professores apresentavam algo que não era comum. O professor de Geografia. Outra forma de pesquisa, como ter uma base para se aprofundar no conteúdo. Principalmente e não entra na Biblioteca, nunca foi lá. Assimilar o conteúdo. Ensinar o aluno de como aprender isso que a gente vem aprendendo sempre.*

*E33: Ah, eu queria agradecer por esse lugar de fala, é, é isso, foi um prazer participar da pesquisa desejo que ela alcance muita gente!*

*E33: Dar o lugar de fala para os estudantes, principalmente desse universo novo, como isso influencia como ser humano não só como estudante né. Então acho isso muito importante também. Agradeço por esse lugar de fala.*

### **ESTUDANTE 34 (E34)**

**01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E34: Eu sou uma pessoa bem curiosa, assim, eu gosto de saber das coisas que estão acontecendo. Então eu busco, na época do vestibular, eu pesquisava bastante por conta da do da redação né, da redação do de saber como é que tá o andamento do vestibular mesmo.*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E34: É eu sempre gosto de buscar quando eu estou na dúvida, quando eu não tenho certeza de algo, ou quando eu quero aprender sobre algo aí eu vou atrás de artigos de revistas essas coisas e também quando o assunto está muito em alta, daí eu vou lá dar uma olhada ver como é que é, para poder criar a minha para opinião sobre aquilo, que eu sou uma pessoa que gosta debater bastante, gosto de conversar bastante, meu namorado faz direito, então, a gente tá sempre conversando sobre assuntos relevantes. E aí eu gosto de saber sobre sabe, então, quando eu tenho esses starts eu não sei do que que eu sempre vou pesquisar.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E34: Tem aquele que é a própria Wikipédia, né, que é muito boa, tem também o Me Salva, que era um cursinho público, tem o site do descomplica também e, tinha alguns que é toda matéria, esses mais gerais, né. Você pode pesquisar para, para fins de vestibular, mas não é tão específico quanto o me salva e o descomplica né.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Ia quando fazia o ensino médio? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza ou utilizava?**

*E34: Eu não costumo muito, mas sempre que eu vou, eu, eu pesquiso mais os e-books, né, seria no, no Amasso ou no próprio Google.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E34: Eu... eu gosto de como eu avalio seria através de algum site que eu já confio ou por um artigo que eu sei que é de alguma Universidade que eu sei que é confiável tudo eu seleciono como eu tava falando ou por eu tá muito na dúvida e vou direto naquele assunto e, para o estar mais fácil de ser digerido mas você liga e, eu explicar como eu avalio, né. Eu já falei eu acho né não falta alguma coisa?*

**P1: Tem algum outro site, alguma outra referência que você costuma usar.**

*E34: Eu uso bastante, o tudo sobre Toda Matéria que eu acho site muito confiante ele é bem amplo assim nos assuntos que ele tem no próprio blog deles, né. Então, eu gosto bastante daquele site e, é muito e ele também bastante artigo, assim, gosto de artigos científicos mesmo, né, de universidades. Então, mas essas coisas têm que eu procuro.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E34: Hum, principalmente na redação que a gente tava com a gente tá falando de vestibular. Tipo lá acho que é fundamental a gente dessas informações porque você não consegue fazer uma redação sem tá atualizado sem tá sabendo que tá acontecendo e também como fatos históricos porque na história né a gente precisa saber como tudo aconteceu e você entender através da de Notícias através de artigos é muito mais simples às vezes, até a própria geografia que você vai vendo mapas. Vai vendo como funciona em outros países aí você consegue absorver o conteúdo com mais facilidade para você vê imagem para você ver artigos específicos daquela matéria, dessa forma.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E34: Seria como tá afundando em cima para mim para mim absorção do conteúdo eu ver através dessas imagens, desses artigos, porque eu acho que fica mais exemplificado não fica tão fechado ali é o que o professor ou que o livro tá me falando. Então, eu prefiro ver se as outras maneiras de estudo, que daí seria mais fácil para mim absorver o estudo. Absorver o conteúdo tudo facilita no meu aprendizado no caso.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E34: Eu tenho bastante dificuldade em saber quando o site é realmente relevante somente nas informações Minas Gerais quando não é de estudo e estudo é muito você sabe realmente é confiável aquela que tá falando é realmente aquilo. Então, essa grande dificuldade que eu vejo e, muitas e muitos sites de pesquisa às vezes é uma matéria muito ampla. Ou passa muito por cima daqueles assuntos e às vezes a gente quer algo mais específico Então essa sereia azul de furar tipo tem o que geralmente você encontra toda a informação quando você pesquisa quando você consegue suprir essas necessidades sozinha consigo algumas vezes consigo mas tem assuntos que são muito específicos que você aí tem aquele acabar ele que às vezes não sai do jeito que você quer, você não encontra um site que fale aquilo que você quer aí às vezes tem que perguntar para alguém o professor porque você realmente me encontra.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação que está disponível na rede, em alguma apostila ou em algum livro?**

*E34: Algumas vezes sim, porque tem sites que eles não explicam tudo, assim, ele só ele só para dar um geral e aí você às vezes não sabe não sabe muito bem. Como é que o que que aconteceu como aconteceu e tem muitas vezes que sites e blogs e artigos que falam de uma muito difícil E aí não fica digerível para o público, sabe. E aí às vezes o acesso dele tá tudo bem aqui cada bloco tem seu público-alvo, mas às vezes o acesso deles então restrito ao público que quando outra pessoa vai ver a informação tá muito certinha. Muito técnico, então, às vezes isso é realmente difícil assim para mim pelo menos.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E34: Normalmente eu acordo de manhã, tomo o meu café e, aí eu paro para estudar, então, eu sempre começo ouvindo uma aula ou dando uma pesquisada sobre assunto, às vezes eu faço um resumo ou não depende muito do assunto, se eu vejo que é complicado, aí eu faço um resumo e normalmente, eu logo em seguida eu vou fazer atividade, vou tentar buscar alguma coisa que seja que consigo colocar em prática aquilo que eu aprendi, né. Então, é mais ou menos isso. Eu, eu vejo a aula ou pesquiso algum artigo tento fazer o resumo quando o artigo é muito complicado e vou fazer atividade para testar que eu aprendi, né.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E34: Eu comecei pelas áreas que eu tinha mais facilidade, mais fazer com que chama essa facilidade foi pesquisando sobre o assunto sobre somente assuntos que dentro da área que eu tinha facilidade os as que eu tinha mais dificuldade nessa área aí depois sim eu fui direto para aqueles que eu não tinha muita facilidade e aí eu fui procurando como a gente no site do me salva no site da matéria para mim poder realmente aprender de outra forma que muitas vezes o professor não era suficiente para mim, eu tinha que aprender dessa forma, então, eu usei bastante disso das informações para mim compreender matérias que eu não tinha muita habilidade.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*Para mim reconhecer a minha necessidade de informação é eu ter dúvida sobre aquilo teria necessidade de ter aquilo na minha vida eu saber sobre aquilo Porque eu não gosto muito de ficar falando então eu não gosto de ficar muito tempo naquilo que eu não tenho interesse. que eu to gastando tempo aquilo que eu não tenho interesse então o principal. Aí eu tenho interesse naquela informação e as principais fontes que eu uso como poderia ser confiáveis são os artigos mesmo eu falando e aquelas conte mais Gerais como até a própria pede nós não confiável que você pode digitar mas só que eu procuro sempre artigo ultimamente eu ando procurando muito mais em artigo Porque eu sei que é confiável pensei que passou por uma avaliação e Como avaliar criticamente a informação normalmente é pelo meu próprio senso de certo assim às vezes quando a gente ver informação tem muito a opinião do jornalista ou opinião que tá fazendo então eu me baseio naquela opinião e tento pensar assim tá mas isso faz sentido no que eu acho que eu acredito então é mais esperta que eu vejo eu não escrevi isso ai que está passando por em olho de como eu avaliar e aquilo e aí já entra no meus aspectos éticos sociais e políticos né que eu sei que eu vivo uma realidade o jornalista vive outro. Então a gente tem dois mundos para comparar, então eu tenho*

*a visão dele tem a minha visão eu fico eu deixo bem claro que isso na cabeça assim eu tenho bastante disso eu sei que a gente não vive igual Então eu preciso saber certinho o que que eu penso e o que que outras pessoas que vivem em outro contexto penso também.*

**P1: ok e você confia em toda a informação que você acessa?**

*Não normalmente eu sou eu pesquiso mais sobre aquele assunto em outros sites para ver se eu falando sobre a mesma coisa porque hoje em dia é muito difícil você ver um site que é realmente confiável que você realmente pode acreditar naquilo então eu sempre Pesquise mais de um site vezes eu preciso ir até vídeo você tem né porque hoje em dia tá muito fácil de cair em Fake News as coisas, né.*

**P1: Com relação aos artigos que você comenta geralmente você busca onde, Em quais sites?**

*E34: No próprio Google, assim, que eu busco no Google e, agora tem umas ferramentas na faculdade que eu to fazendo, na Unisul, que possibilita você achar artigos eu até tive umas aulas para atrás sobre sites que a gente poderia usar agora não me recordo de nenhum, mas, só que tem sites específicos que a gente que a gente pode pesquisar ainda sobre tópicos sobre autores e eu achei bem interessante tão começando a conhecer que essas ferramentas ainda.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E34: Sim, ultimamente sim, porque é muita coisa que a gente recebe normalmente, muita coisa negativa, querendo ou não você acaba carregando isso dias aí você acaba com a sua vida e eu não gosto muito dessa ideia de não gosto não prefiro não, não ter mas eu deixo de pesquisar sobre alguns assuntos porque eu sei que são assuntos delicados porque eu prefiro não ter essas informações por conta de ser maçante de ser cansativo de você ler sabe até o próprio jornal mesmo vezes é muita coisa ruim.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E34: É fisicamente às vezes me sinto bem senti que ele pensa sabe você recebe a notícia daquele baixo astral assim sente a pressão mesmo que por exemplo agora em diante poderia se você faz qualquer coisa antes de você sair hoje você já penso em você traz de volta muitas vezes você deixa de ir em algum lugar que você quer por conta dessas informações Você tá recebendo porque tudo bem a gente sabe o instrumento crítico mas só que muitas vezes é difícil de lidar sabe que você precisa continuar se continuar saindo não precisa continuar convivendo com outras pessoas até mesmo em situações de violência eu sinto aquele medo e aí você vê pensa nas suas atitudes emocionalmente eu fico chateada de verdade a gente tá numa situação tão ruim e a gente ainda tem que ficar recebendo essas informações como as informações que tudo bem eu preciso alertar é preciso só que às vezes você tem que ter um pouco de tato.*

*E34: E eu sinto que muitas vezes o jornalismo ele preza pela divulgação da notícia e não começa a missa julgada Então quando você ver jornal Mas você é diferente de qualquer jeito E você recebe aquilo ali de uma forma tão negativa que você fica para baixo você se sente Negativo você sente falta tristeza e vocês muitas vezes sente revolta porque você sabe que você não pode fazer muito por aqui sabe então É mas é a revolta E essa tristeza que que eu sinto assim e na parte física você sente alguma coisa seria esse não poder fazer alguma coisa assim vocês antes de fazer você pensar se eu devo ou não fazer pela segurança ou pela pelo disse que vai correr a mim como uma pessoa física. Quando recebo alguma informação sobre a sobre assalto violência você não se eu não sair você pensa duas vezes antes de sair de casa eu vou voltar um pouquinho me respondeu você não entende e nesse período de estudos né com*

*a sobrecarga de informação e tal por exemplo você sentiu algumas dores na no seu corpo sim eu no momento eu sempre ficava mais reta hoje em dia eu fico assim eu não fico mais assim como eu também senti essa diferença na minha estrutura e eu também como como mais rápido e como menos essas mudanças assim na minha no meu dia a dia e aí novamente eu ficou nervosa e falou então eu tenho que ir nessa condição de ficar mais acanhados sente dor nas costas isso de teu comer menos agora sabe como é mesmo tem muita pressa e*

**P1: Com relação ao seu ambiente de estudos você sente dor nas costas você faz uma análise com relação à questão da ergonomia? Se por exemplo seu ambiente de estudo está apropriado com relação à iluminação e com relação a sua cadeira de estudo, sua mesa de trabalho?**

*E34: Sim, dor de cabeça bastante dor de cabeça eu tenho desde criança que tem enxaqueca então eu senti um aumento nessa nessas minhas condições de dor de cabeça eu senti nesse período e a minha ergonomia não tem nenhuma O que é uma cadeira normal a cadeira aquelas cadeiras de escritório o mundo não tem nada demais a minha mesa Eu acho que o animal outra boa ela até não é baixa e o que faz eu fazer isso aqui, mas ela não é baixa só que como você passa muitas horas estudando até acaba incomodando você ter ganhado no espaço então eu não tenho estrutura Econômica. E também porque a gente fica muitas horas de estudo, né, vestibular assim ele é cansativo, ele pede muito de você.*

**16. P1 - Como você reage com a sobrecarga da informação, o que você faz?**

*E34: Eu tento sempre depois os estudos eu gosto de tomar banho. Então, você toma um banho gelado esfria a cabeça vou comer alguma coisa eu gosto vou deitar um pouco fechar o olho assim ficar um pouco desligada das coisas, deixar o celular de lado e, também ficar com uma pessoa que eu gosto tá com quem eu gosto assim que isso já me ajuda bastante isso.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação?**

*E34: Pelo único o único meio que eu tenho de acesso à internet, tem uma grande facilidade de início de achar informação porque as informações de qualidade que é o problema. Às vezes você levar os artigos ou vários sites de informação que nem você não vai aproveitar sabe e aí tu traz eles demoram tempo leva o tempo isso num período de vestibular você não pode perder tempo sabe. Então, os elementos antigos ele é muita coisa. E sem contar que é uma leitura cansativa pelo pela forma que a escrita então isso pesa bastante é uma dificuldade muito grande se essa qualidade da informação e a forma que a escrita eu senti bastante nisso.*

**18. P1 - A partir desse seu depoimento, o que você faz então para superar essas dificuldades?**

*E34: Depois de um ano de tudo aí você já tem um site que você sabe que fala a linguagem que você entende eu sempre procuro direto lá naquele link que eu sei que eu posso confiar que eu sei que tem uma leitura boa tem uma que é confiável tem uma qualidade boa informação eu vou direto nesses, assim, eu tento sempre ter um papel do lado para mim anotando que eu acho relevante eu não precisar voltar ele de novo.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E34: Sinto, porque atrapalha no psicológico, né, você quando você tá lendo muita coisa o seu psicológico vai, vai cansando você, vai tendo você, vai tendo tristeza, vai tendo ansiedade, você vai ficando mais nervoso e, é seria mais isso mesmo, de ter com o psicológico muito ali, né, somente psicológico.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E34: Esse ano que passou, eu senti uma preparação assim de 75%, eu tava preparado em certas áreas, só que tinha umas coisas tava muito insegura. Então, vou botar os 75% mas até botaria 65%. Então pode ficar nessa, nessa faixa, mas, é porque tinha áreas, assim, que eu estudei. Lembrei de que eu sabia que eu tinha muita dificuldade e que eu não me sentia preparada de verdade, mas, já outras áreas como se tinha muito preparada em uma redação que eu tinha esperado.*

**21. P1 - Você considera o isolamento da pandemia positivo ou negativo para os seus estudos?**

*E34: Eu acho que por um lado positivo e, por um lado negativo. O lado positivo é que você tem mais tempo para você estudar e você tá em casa você não pode sair, então, você tem mais tempo para estudar só que acontece quando você tem mais imprecisa você tem mais tempo para dançar sua cabeça não tem mais tempo para pensar em um monte de coisa para ficar muito mais nervoso, para ficar muito mais sobrecarregado de informação, então, o lado negativo vezes pesa mais que o lado positivo, então, eu posso dizer que é negativo.*

**22. P1 - Como foi sua a adaptação de estudar *on-line*? Comente como foi sua experiência.**

*E34: Não foi fácil adaptação porque eu preciso eu sentia muita falta de perguntar para o professor de tar com professor ali de tar no meio no meio da sala de aula que quando você tá em casa não tenho que ir mesmo acolhimento de todo mundo da sua família para ficar em silêncio e na hora que você tá estudando então e muito mais do que isso é a falta de tá com professor ele mesmo de você poder contar com o auxílio dele a qualquer momento, qualquer hora que você conseguir explicar de uma forma *on-line* é muito diferente é foi bem complicado assim meio complicado mesmo.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E34: Sim, com certeza ou certeza porque teve muita, muita informação chegar para gente que a gente realmente não posso fazer nada da violência peça da premia a gente fica em casa beleza mas os mais votados como é que a gente faz não tem como mudar isso então é isso Eu me senti muito impossibilitado de não poder tar de certa forma contribuindo realmente sabe você fica em casa não mas tá e aquele pessoal que tá trabalhando aquele pessoal que então foi isso me deixou bem com aquela sensação de eu não posso fazer nada por isso.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E34: Eu acho que sim, eu já tive esse momento de vulnerabilidade em informação que seria quando você tá estudando quando você tá muito fundo no tema e você vai pesquisando e uma hora você vê que não tem mais aonde você pesquisar você não tem mais o que o que pesquisar você tava falando da redação sobre tabagismo e sobre os moradores de rua chega um momento que todas as minhas fontes que eu tinha pesquisado de em vídeo em artigo acabou e eu não me sentia confiante o*

*suficiente para uma redação então aquilo ali me fez pensar assim meu Deus ou eu sou muito ruim, ou, eu não consigo ou tá faltando informação para mim sabe então me fez ter essa capacidade limitada de informação eu não conseguia pelo menos não me saciou, como você tava falando do alimento, eu não consegui então não consegui fazer a redação entrevista ao momento também que a gente está em risco que você quer procurar algum tipo de formação para você sair daqui vou ali ou parar de parar de pensar naquilo ou tentar evitar uma situação parecida e você não sabe como agir. Você vai pesquisar você vai e você então é que seria assim você é isso não sei se foi respondido? respondido. Mas se tiver algum outro exemplo alguma coisa mais que queira comprar*

**Acho que é isso, mas durante o seu período de escola?**

E34: Então, né, foi mais essa parte ali da redação mesmo, né, é de às vezes você tá estudando sobre algo você tá muito fundo assim você tá super interessado no assunto e acaba assim que às vezes o que você está ou as suas ferramentas então deixa aquele aquela capacidade limitada assim para poder escrever um nosso grande e um grande textão para gente você não tem ali não se sentiu saciado pela informação.

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

E34: To achando vantajoso eu acho que ajuda muito o universitário ou vestibulando porque o pessoal da Medicina pessoal de direito Eles tem que estudar para várias provas porque você precisa só para uma prova de uma universidade Isso dificulta isso diminui a capacidade que ele tem de entrar na faculdade hoje Entrar no posterior Então se a gente usar para limpar o ENEM para todas as faculdades seria muito melhor que seria uma prova muito mais complexa para ver muito mais de idade por favor muito mais assertiva o que é hoje e para o vestibulando seria muito mais fácil de estudar ele é muito mais fácil de conciliar o tempo dele ele precisaria só gastar no ENEM e, não em vários vestibulares, sabe, eu acho que foi, foi, foi um benefício para a gente sabe esse ano teve esse ponto positivo, para me dizer, assim.

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E34: Eu acho que é sempre bom enfatizar, dar relevância ao cursinho vestibular, porque ainda mais o público, eu acho que ele como hoje tava falando no início, eles tens muitas barreiras você quebrou saída no ensino fundamental no ensino médio e, o cursinho público vem com esse sabe vem com essa proposta de ajudar que não tenha eu não tenho condições de pagar um. Então, eu acho que é fundamental a gente tem que incentivar eles. Além de ajudar os vestibulandos ajudam os acadêmicos, dessas áreas, porque eles precisam ter a prática e, muitas vezes a prática demora. Então, quando você tá no cursinho ali dá para universidade como projeto de extensão é muito melhor, sabe você, você já consegue ter um contato direto com aluno, mesmo que seja de forma on-line como foi ultimamente, último ano, mas, só que já dá uma carga para o professor muito melhor, então, mesmo que ele vai chegar no estágio, no estágio obrigatório dele, já vai ser muito bom, já vai ser algo muito bom, que ele vai chegar com muito diferente. Então eu acho que você é importante é fundamental. A sua pesquisa mais ainda porque sempre bom a gente levar que existe esses cursinhos que é bom, que é de qualidade e, é sempre bom a gente tá divulgando está trabalhando com isso.*

### **ESTUDANTE 35 (E35)**

**01. P1 - Em que momento, situação ou circunstância você busca informação?**

*E35: O meu dia inteiro, porque a gente navega pelo celular, e pelo Instagram tu já sabe um monte de coisa, então tu vai lá e pesquisa sobre aquilo. Então eu acho que é a todo o instante, porque eu vejo bastante televisão, vejo jornal, então...*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E35: Eu busco quando vejo algo que aconteceu. Por exemplo, eu acho que tem várias formas de interpretar, porque se for uma notícia eu busco depois de ver [a notícia]. Mas, se é uma coisa do meu interesse, que eu preciso questionar e tirar uma dúvida eu acho que essa é a hora que eu vou ter a necessidade de buscar, né.*

**P1: Para alguma necessidade, alguma situação específica?**

*E35: Eu acho que pra tudo, eu uso pra tudo.*

**P1: Por exemplo, você trabalha com doces. Você busca informação sobre como fazer doces?**

*Ah-Ham*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM. Tem algum site específico?**

*E35: Específico, não. Eu vejo bastante, eu navego muito no Youtube, sempre tem uns resumos curto assim só para dar uma lembrada assim e tal, e nos sites quando eu quero responder algumas perguntas. Aí, pelo que me lembro aqui, Mundo Brasil... Escola, enfim, eu vejo todos esses, mas eu uso mais Youtube].*

**P1: Tem algum outro site em geral que você pesquisa para seu dia a dia de informação?**

*E35: No Google*

**P1: Mais algum que tu lembra?**

*E35: Não, porque o Google me direciona pra vários que eu sempre... que é bem... eu abro geralmente todos pra ter uma resposta de uma maneira geral assim, um resumo de todos.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E35: Não. Eu utilizava quando estava na escola.*

**P1: Em qual escola você estudou?**

*E35: Instituto [Estadual de Educação]*

**P1: E lá você costumava usar a biblioteca**

*E35: Não ia sempre, mas eu ia às vezes.*

**P1: E quais os serviços que você utilizava naquela biblioteca**

*E35: Eu acho que só pra ir buscar livros. E eu tinha um pouco de – ah, é muito bom entrar em uma biblioteca, né [sorrindo] é um lugar muito aconchegante.*

**P1: Pra quem quer ser arquiteta, planejar o interior da biblioteca é muito bacana**

*E35: É verdade.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E35: Geralmente eu coloco um que... não vou dizer as palavras mais importantes, mas eu tento resumir de uma maneira geral assim o que estou buscando.*

**P1: Você busca por assunto?**

*E35: É. Bem específico. Hã-ham. Geralmente mais o que to na dúvida dentro daquele assunto, sabe.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E35: Acho que é... Foi como eu tinha falado antes... na verdade eu pego... é que como não é algo muito específico: 'ah, é só um site que eu entro, faço a minha busca'... eu pego misturo assim de todos e vo criando uma coisa, né*

**P1: E você cita essas fontes que você vai utilizando a informação.**

*E35: Não.*

**P1: E faz cópia fiel?**

*E35: Não pra mim estudar, eu anoto como resumo. Pra trabalho de escola, sim, eu costumava identificar.*

**P1: E pra você então você faz resumos, faz a leitura e se organiza com resumos?**

*E35: É.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E35: Na verdade eu ainda... por incrível que pareça, eu to me descobrindo até hoje, que eu não consegui achar uma forma bem específica de falar assim: 'Nossa! Eu so muito mais produtiva dessa forma'. Não! Porque pra fazer resumo eu também não sou muito boa; então eu não faço ele ainda bem resumido. Geralmente eu coloco mais coisas. Mas eu gosto [prefiro] de assistir bastante vídeo do que ler pesquisas, assim; e aí, se eu assisto o vídeo e começo a escrever, eu não consigo prestar a atenção no vídeo; parece que eu esqueci tudo o que eu vi ali. Parece que eu só estou escrevendo e não vai adiantar de nada. Então e eu assistir aquilo sem anotar parece que a coisa flui mais rápido, eu consigo aproveitar mais.*

*E35: Só que um problema nisso é o fato de que eu preciso relembrar às vezes, né. Mas eu acho que é como eu adotei, assistir vídeo e focar naquele momento e depois de um tempo fazer alguma revisão assim, mas eu não gosto de escrever na hora em eu to prestando atenção.*

**P1: Já tentou primeiro assistir e depois escrever sobre aquilo que assistiu?**

*E35: É porque às vezes, se o vídeo é muito longo, eu esqueço de algumas coisas, né. Mas não o fato de se eu esqueço pra anotar eu não vou lembrar demais nada. Não é diferente. Pra anotar naquele momento, parece que não vou conseguir colocar tudo ali naquele papel. Mas se for para fazer um exercício daqui há uma semana, por exemplo eu posso associar e me lembrar.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E35: Eu acho que é uma continuação do que eu acabei de falar naquela resposta anterior, que eu tento todo dia, assim, buscar uma nova forma de tentar absorver melhor. Que eu ainda não to muito... não sei muito bem ainda como é que eu absorvo tudo mais rápido. Então eu acho que de várias formas eu fico tentando produzir mais.*

*E35: Eu sei que quando eu falo daquele assunto pra alguém, é melhor. Na verdade, eu acho que eu criei algo que não era pra ter sido criado. Eu... Nas minhas provas de ensino fundamental eu costumava sempre ligar para minha amiga e a gente estudava juntas. Então, uma fazia pergunta pra outra. E no ensino médio não tive mais isso. Então pra mim foi um pouco difícil começar a estudar sozinha, sem fazer perguntas e responder perguntas.*

*E35: Então, eu acho que eu posso ter criado na minha cabeça que assim funciona melhor, porque foi sempre assim, né. Mas agora pra desconstruir isso e arrumar é um pouquinho demorado*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E35: É eu acho que pela parte assim de ter a internet disponível em casa eu consigo [localizar] a informação que eu procuro, porém eu não sei se os sites vão disponibilizar elas como eu pretendo [gostaria]. Assim, a parte de eu ir buscar eu consigo, mas eu não sei se vou conseguir a resposta dentro da internet.*

**P1: Isso te causa insegurança quando você busca informação?**

*E35: É. Porque eu tenho que ficar voltando e tentando ler pra ver se eu acho alguma coisa que eu não to nem conseguindo buscar na internet e aí eu fico ansiosa querendo resolver aquilo e entender mais fácil.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E35: Sim. Igual uma escola, quando alguém explica, eu prefiro, eu sempre entendi os conteúdos e as coisas quando alguém me explica, mas explica assim de uma forma como se fosse uma conversa. Quando alguém faz essa conversa comigo, explicando, eu, nossa, entendo muito bem. Mas, agora, se é um livro ou se é um texto eu já fico com dificuldades e compreender. É a mesma coisa que um professor for lá na frente na sala de aula e ler só aquele livro, não ter a explicação dele. Pra mim não vai ser nada produtivo.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E35: Eu acordo... No início da quarentena muita coisa mudou na verdade, né. Na quarentena, no início, foi difícil me adaptar, porque eu não tinha nenhum professor do meu lado como na sala de aula falando: 'começa a estudar por esse assunto'..., 'começa a fazer os exercícios dessa forma'..., 'faz isso'..., 'não vê isso agora'...*

*Então ter essa independência de saber por onde começar e o que fazer, tornou muito difícil, até hoje é. Parece que ainda aumenta a minha insegurança, porque eu acho que não tá suficiente o que eu to vendo ou estudando pelo fato de não ter alguém me guiando e falando o que eu devo fazer.*

*Mas até então, no início da quarentena eu acordava de manhã – to acordando ainda – cedo e estudo na parte da manhã, que eu produzo melhor na parte da manhã. À noite eu não sou nada produtiva. À tarde eu até consigo, mas é meio período, assim, porque depois eu começo a ficar... não fico nada produtiva também. Então o começo do dia é muito bom pra mim.*

*Não tava conseguindo... Eu parei um pouco ali, em setembro, por aí, porque eu não seguia mais focar, as coisas já tavam... Sabe. Nesse momento eu não conseguia focar direito e estou tentando fazer tudo de novo.*

*E é difícil, é bem difícil, porque eu acordo cedo só eu tenho em mente que é para estudar e ter, no fim do dia, aquela conclusão que eu não estudei como... o tanto que eu deveria ter estudado. É complicado, mas além de estudar eu só fico no celular, faço as coisas em casa, faço meus doces e... pronto. Vou dormir.*

**P1: A pandemia atrapalha, mas dá uma responsabilidade para que o sujeito...**

*E35: Saia do aconchego [conforto].*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E35: Vou falar bem a verdade: eu busco isso até hoje. Porque eu já tentei me organizar de todas formas e não consigo então eu só to vivendo um dia de cada vez e vejo como eu produzo melhor naquele dia, porque já tentei fazer cronograma, já tentei fazer igual sala de aula dividir horários por aula, mas não, não consigo levar adiante. Cada semana eu faço algo novo, não, não dá pra ter um critério da maneira que eu vou estudar até o ENEM. É muito difícil*

**P1: Estuda mais as disciplinas que você tem mais facilidade ou as que tem mais dificuldades?**

*E35: No início do ano comecei nesse pensamento: 'ah! Vou estudar o mais fácil primeiro ou o mais difícil primeiro', mas agora no final do ano eu mudei. Eu não to fazendo assim tipo: 'ah! Vai predominar a matemática, porque eu gosto mais e preciso relembrar tudo'. Não. Todo dia... Agora no momento, no momento, porque é bem relativo, eu to fazendo uma ou duas matérias por dia, tipo: de manhã geografia, à tarde*

*biologia. Não é nada de nível de dificuldade ou... Não. Porque eu quero rever tudo, sabe.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E35: Eu gosto de escrever textos. Eu gosto muito de fazer redação. Eu adoro sociologia. Então, eu gosto muito de... até gosto de história, só que eu acho uma disciplina que tem que ir muito a fundo do que aconteceu e eu acho que a história é uma mistura da sociologia, porque... com tudo o que aconteceu e com tudo o que a gente vive hoje. Desenvolve esse nosso pensamento crítico.*

*Eu busco sempre a informação de forma que eu possa absorver mais ela pro meu dia a dia, pra usar ela nos meus textos, pra ter como argumentação, informação pra tirar minhas dúvidas e assim usá-la no máximo de matérias e disciplina possíveis.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E35: Com certeza. Sem dúvidas.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E35: Eu vejo muito essa palavra quantidade de informação pode ser, por exemplo, na hora do estudo, porque pensando por esse lado – não sei se a resposta seria direcionada pra isso - mas são 12 disciplinas, então tu tem que sabe não é uma coisa de cada disciplina. Cada disciplina tem não sei quantos assuntos e conteúdos para ti saber. E dentre esses conteúdos, tu tem que saber mais ‘mil’ coisas referentes a esses conteúdos específicos. Então, é muita coisa pra tu saber.*

*Eu me sinto muito sobrecarregada com isso, porque eu não sei onde colocar tanta informação. Podia ser aqui [rindo, aponta para a cabeça], mas não funciona muito bem toda essa informação. Mas é muito exaustivo porque eu sempre me esforcei bastante e me dediquei muito de ir atrás das coisas, mas quando eu vou estudar e não vou tão bem numa disciplina qualquer eu já me frustro pelo fato de que eu não consegui entender e isso é um sentimento muito ruim que te coloca lá pra baixo de novo. Eu acho que nestes momentos, a gente fica só... é por isso que eu falei, que às vezes a gente fica adiando, porque parece que não tá produzindo, né. Mas quando, na verdade, foi algo bem específico. Eu acho que é muita sobrecarga nisso.*

**P1: E na condição física, como é que você se sente?**

*E35: Cansada, com muita dor nas costas... [para reforçar, dá um gemido de dor], ombro. Enfim, porque a gente fica numa postura não muito boa, estudando, principalmente em casa, porque na escola pelo menos a gente tinha aquela cadeira, tinha uma postura. Em casa, eu, por exemplo, estudo no sofá, ou na cama, então, não é muito bom, né. E isso afeta também o nosso psicológico, porque eu sei que quando a gente não está num lugar muito apropriado, a gente não tem um rendimento muito bom, né.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E35: Não sei como aliviar, sinceramente... [risos].*

*[Interrupção por causa de gritos em frente à casa da entrevistada, que foi ver o que se tratava. Ela explicou que ocorreu um assalto – que, conforme noticiado pela imprensa, resultou com os integrantes de uma família feitos de reféns e troca de tiros dos assaltantes com a polícia].*

**P1: Retomando à entrevista... Como você faz quando se sente sobrecarregada?**

*E35: Eu vou adiando, não é muito bom [sorriso, como que reconhecendo a atitude equivocada], mas eu não sei o que fazer então eu largo tudo e me desespero.*

**P1: Faz alguma atividade física, ouve música algo para relaxar a memória?**

*E35: É nesse momento que eu largo tudo é pra fazer outra coisa, ir pro celular, distrair minha cabeça e outra hora eu volto.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E35: Eu acho que o fato de ter tanta informação, que eu acabo me perdendo toda por não saber me localizar, porque é muita coisa pra filtrar. Então esses desafios e essas dificuldades são... eu acho que é isso, de não saber como reagir. É muito excesso.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E35: Eu tento ir atrás de outros vídeos assim, pra entender de uma maneira melhor essa mesma informação de uma forma interpretada diferentes, assim. Acho que é isso.*

**P1: Além dos vídeos, você procura informação com outras pessoas**

*E35: Sim. Com meus amigos e meus professores.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E35: Sim. Com certeza. Eu, por exemplo, neste ano, eu tive uma amiga que ela já tinha passado no vestibular e ela tinha feito vários cursinhos e ela me deu um monte de apostila. Aí eu tinha o Gauss, eu tinha os vídeos no Youtube eu tinha a minha escola e era informação a todo momento e eu acho que eu não tive um bom aproveitamento disso tudo. Eu tinha tanta informação que eu acho que não me ajudou muito, só me atrapalhou, porque eu acabei não usando nem a metade, sabe.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E35: Como eu falei eu gosto de estudar e focar mais próximo da prova, porque eu não consigo memorizar tudo antes. Por exemplo, tudo o que eu estudei no início do ano eu já nem lembro mais. Então eu digo que 50%. 50% de todos os meus conhecimentos gerais de todos esses na escola e o que eu já estudei e os próximos 50% serão essa revisão de tudo o que já estudei e já esqueci. Então eu acho que to preparada, metade.*

**21. P1 - Você considera o isolamento da pandemia positivo ou negativo para os seus estudos?**

*E35: Então, eu considero... tem muita gente que prefere a pandemia pelo fato de poder fazer tudo em casa. É muito mais aconchegante, porém pra se concentrar não é nada legal. Eu acho que é negativo, porque me abalou muito. É muito diferente se eu tivesse numa sala de aula e pudesse explicar e debater com os professores. Então eu acho que é algo negativo.*

**22. P1 - Como foi sua adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E35: Pras coisas da minha escola, a adaptação foi fácil e foi difícil. Foi fácil pelo fato de que eu já fazia alguns trabalhos de maneira on-line quando a gente era presencial. Então todas as atividades que eu tinha pra fazer eu pensava como se fosse um trabalho pra entregar. Mas eu já digo que também não foi [fácil] pelo simples fato de não absorver absolutamente quase nada. É difícil porque é como se a gente já tivesse tudo na internet e não precisasse ir pra escola, daria na mesma.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impossibilitada em relação ao contexto da informação?**

*E35: Impossibilitada, eu acho que não, porque eu tinha acesso à informação e quando eu também tinha acesso, essa informação poderia não existir – no caso a resposta*

que eu tava buscando. Mas, agora, eu acho que impossibilitada, não, porque eu sempre busquei.

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação?** Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).

*E35: Eu acho que quando eu buscava algo e não conseguia ter um entendimento daquilo. Era onde [quando] sentimentos vinham, surgiam, de desespero, tristeza, insatisfação. Então eu acho que era isso. Ou então, quando eu estudava algo e fazia algum exercício com essa informação e no exercício parece que não fluiu tão bem, daí vinha todos os sentimentos ruins e me botavam lá embaixo.*

**P1: Então você já se sentiu em algum momento vulnerável?**

*Hã-ham.*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E35: Por exemplo, a UFSC, eu acho que foi bom e foi ruim, porque eu avalio o ENEM e a UFSC de duas maneiras. O ENEM é uma prova lógica, que tu tem que ter uma boa interpretação e eu não tenho uma boa interpretação e eu não tenho uma boa interpretação. Por isso que é o que o que me faz não atingir uma pontuação muito boa, porque eu posso até entender, mas aquela questão vai me deixar dúvida, principalmente em duas alternativas que ela gosta de pegar. É questão interdisciplinar. Então eu acho que tem que ter o entendimento muito bom, do ENEM. Agora, a da UFSC ela é muito clara no que ela precisa que tu responda. Então, isso é muito bom. Só que daí o esforço para o estudo seria maior, porque realmente é estudar para saber o que tu vai responder. Então, eu acho que são duas coisas bem diferentes, né. O fato de não acontecer a prova da UFSC e a seleção ser pelo ENEM é um pouco difícil, porque pode me tirar a chance de fazer uma prova que eu iria melhor. Ano passado só fiz o ENEM, não fiz a UFSC, então eu não tenho nem noção, só pelos simulados, assim na internet, né. E o ENEM é gente de todo lugar e eu acho que talvez possa ser um pouco bom, porque a forma de ingresso de 2017 já valeu pra metade desse ano. Então tá todo mundo já que já tava lá atrás e que tava tentando entrar desde antes. Então eu acho que em partes pode aumentar as chances de a gente entrar. Pode e não pode, né. É muito relativo*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E35: Olha, eu acho que eu já falei um pouquinho sobre cada coisa, que até [risos] eu refleti eu deveria não ter falando tanto em algumas questões, mas eu acho que já falei tudo o que eu deveria, pensava e sentia.*

### **ESTUDANTE 36 (E36)**

**01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E36: Quando eu quero verificar se uma informação está correta, para me informar mais,*

**02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E36: Quando... É que a gente vê muitas Fake News, né. Então, às vezes a gente tem necessidade de checar essa informação. Então, quando eu acho que uma informação é fake, por exemplo, ou até para saber mesmo. Ter acesso à informação, né.*

**03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E36: Ah, eu acompanhei muito, eu até falei isso na entrevista anterior, eu acompanhava muito a Débora Aladim, o canal do YouTube dela. E alguns vídeos do Descomplica, no YouTube também, e do Stoodi, quer um canal do YouTube também, e algumas dicas que eles passavam no Instagram também.*

**04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza?**

*E36: Eu ia muito quando eu estudava, ia muito à biblioteca quando eu estudava, eu pegava, fazia um empréstimo de livro, apenas. E acho que uma vez da semana, ou algo assim, a professora de português levava a gente na biblioteca para fazer leitura ou alguma coisa assim. Mas era mais para empréstimo de livro.*

**05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E36: Olha. Não saberia dizer.*

**P1: Por exemplo, quando você vai buscar lá no Google, como você coloca as palavras? Como você define? Como você agiria para fazer essa busca?**

*E36: Por exemplo, pode ser alguma coisa aleatória? Por exemplo, eu tava em dúvida de como tingir uma peça de roupa, por exemplo. Aí, eu colocaria: 'Como tingir uma peça de roupa jeans?'. Não seria isso? Algo assim?*

**P1: Uhum, você colocaria a frase, né.**

*E36: É.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E36: Normalmente eu vejo em um ou mais sites, ou canais no YouTube, por exemplo. E assim eu vejo se ela tá correta ou não, porque tem muito site que diz uma coisa e outro que dizem outra, por exemplo. Então, é assim.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E36: Pode ser algo que eu usei muito no vestibular, por exemplo?*

**P1: Pode.**

*E36: Meu professor de biologia do primeiro ano, ele ensinou a gente a fazer um mapa mental. Aí, toda vez que eu, por exemplo... toda vez não, né, algumas vezes que eu tinha necessidade de tentar entender melhor o assunto aí eu fazia o mapa mental e eu acho isso muito válido, por exemplo. Então, pode ser assim: mapas mentais. É mais fácil para entender do que para escrever um resumo, por exemplo, para mim, né. Porque o olho ali e eu já sei que eu escrevi ali, é mais fácil de entender, para mim. Então, pode ser mapa mental, ou até pequenos resumos também.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E36: Leituras e vídeos no YouTube, vídeos de resumo, assim. E aí eu escrevo e faço um resumo no meu próprio caderno, ou até um mapa mental como eu falei anteriormente, que ajuda bastante.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E36: A falta de informação muitas vezes. Eu tava pesquisando algo sobre administração pública, por exemplo, para vestibular. E eu não achei nada, por exemplo. Eu só acho para concurso público, e não é a mesma coisa. Eu não sei nada sobre o que que é administração pública, então não é muito válido. Então, é falta de*

informação muitas vezes. Ou alguns sites não batem com outros também. As informações não condizem.

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E36: Se for em sites científicos, normalmente sim, eu tenho dificuldade em compreender, porque é uma língua mais, sei lá, mais 'correta', mais em sites científicos.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E36: Como eu já falei, eu acompanho o canal da Débora Aladim. Então, ela faz um planejamento. Por exemplo, ano passado eu estava acompanhando, ela começou no começo do ano o planejamento do ENEM deste ano. E ela viu necessidade de ajudar a gente por conta da pandemia e tudo mais. Então, eu acompanhava ela e o Gauss também, né, pelos conteúdos. Então, eu assistia aos vídeos, fazia um resumo e deixava ali pronto, depois eu revisava aquilo ali. E os mapas mentais me ajudaram bastante também, como eu já disse.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E36: Como eu me organizo ali, por exemplo, eu tenho muita dificuldade em matemática, exatas, então eu foco mais nisso. Por exemplo, começo com matemática, com exatas, redação também. Eu escrevo até, assim... é mais fácil de eu compreender, escrever a redação, mas eu foco bastante nela também. Então, qual o seu método de estudo? Como seria, assim?*

**P1: Você pratica, por exemplo, a redação? Você escreve várias redações, vários temas?**

*E36: Sim, sim. E aí, também conta os exercícios, né, de provas anteriores ou vestibulares.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade do indivíduo e compreender todo o contexto da informação que o envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E36: Sites que geralmente eu confio, que a gente sempre busca informação e a gente sabe que é correta. Ou sites recomendados também, geralmente, ou canais do YouTube e mídias sociais.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E36: Sim, muita coisa. No ENEM a gente vê uma quantidade enorme de texto, que é cansativo demais, muita informação.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E36: Cansaço, né, muito tempo de ficar na frente do computador cansa a vista também. É, cansaço.*

**P1: E a postura de estudar, isso também te cansa?**

*E36: Cabeça cansada. Dói, dói o pescoço também.*

**P1: Seu ambiente de estudo é adequado?**

*E36: Sim, é um local separado, um quarto separado, assim. Me atende.*

**P1: E você tem mesinha de estudos? Cadeira confortável para estudar?**

*E36: Uhum. [Confirmação]*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E36: Mudando de assunto, por exemplo, vejo coisas aleatórias, vídeos ou me distraio em alguma rede social, algo assim. Depois retoma, né.*

**P1: Você faz atividade física? Ver séries? Filmes?**

*E36: Sim, eu to vendo série agora, e filme. Mas atividade física mesmo eu fazia quando eu estudava, eu jogava muito vôlei, e depois que a gente entrou em quarentena eu nunca mais joguei. Então, só fico mais em casa mesmo. Sinto falta disso.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação?**

*E36: Normalmente, se eu vejo alguma informação que eu fico meio em dúvida, eu recorro aos meus pais. Eu pergunto para eles se, sei lá, se é verídico ou algo assim. Não sei, é o meio que eu acho que eu encontro.*

**P1: Além dos pais, você recorre a mais alguém? Professores? Colegas?**

*E36: Não.*

**P1: Você tem algum exemplo de dificuldade que você passou?**

*E36: Como eu disse, sobre o que eu tava pesquisando sobre o curso de administração pública, que eu não achei muita coisa para poder estudar. Que eu não achei, conteúdos básicos, assim.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

**P1: Você já disse que busca os pais. Você também busca na internet ou em outros canais?**

*E36: Em outros sites também.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E36: Olha. Aí, você tá falando do geral ou de estudos, assim?*

**P1: No geral, e aí também na questão do cursinho pré-vestibular.**

*E36: Sim, muita coisa. Muito texto, muita informação para analisar, mais os temas da redação para estudar para escrever. Sim.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E36: 40%.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E36: Negativo, porque, por exemplo, no segundo ano os professores sempre falavam: 'Ah, ano que vem vai ter o vestibular, vai ter o ENEM. Então, a gente vai ajudar vocês e tudo mais.' Mas aí começou o ano, tava tudo bem, a gente tava se planejando para estudar na escola, né. E aí veio a pandemia e a gente ficou em casa, começou a ficar em casa e os professores, assim, meio que... Eu, por exemplo, tive acesso ao Gauss, mas os meus colegas que não tiveram. Então, os professores não deram esse auxílio para eles, sabe. Foi só focado na matéria deles, por exemplo, cada professor deu a sua matéria e foi isso. Por exemplo, não teve resumo, sabe. Senti falta disso. É isso, então negativo, porque se fosse presencial eu acho que teria uma ajuda muito maior, eles poderiam ajudar a gente porque a gente também iria pedir, né. Mas...*

**22. P1 - Como foi sua a adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E36: Não. Porque, como eu disse, não é a mesma coisa do que estar lá com o professor, estar lá com seus colegas. Eu diria que o meu rendimento caiu bastante, as minhas notas caíram bastante, e eu acho que não foi fácil.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E36: Quando eu tava estudando ou revendo o conteúdo de matemática, por exemplo. E quando a professora de espanhol, te dava português também, que ela começou a dar os temas e os títulos para redação, eu senti muita dificuldade. E impossibilitado... Eu acho que é isso.*

**P1: Você sentia meio que não iria dar conta?**

*E36: 'Não vou conseguir fazer', não vinha ideias na mente [para produzir o texto], por exemplo.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E36: Sim, mas eu não conseguiria dar exemplo. O único que eu lembro agora, como eu já falei, é a falta de informação quando eu fui pesquisar sobre um tema, sobre administração. Seria isso?*

**P1: Você se sentiu vulnerável, então, quando tentou fazer essa busca sobre administração pública e não conseguiu recuperar a informação?**

*E36: Sim*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E36: Eu fico pensando se, por exemplo, em outros países, você quer entrar na universidade, você faz os três anos do ensino médio e mais um ano, né. Aí, por exemplo, será se não seria viável fazer isso no Brasil? Por exemplo, a gente faz três anos de ensino médio e quem quer entrar na universidade faz mais um. Um quarto ano, no caso.*

*E36: Bom, 'Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular...?'. É, como a gente fez o ENEM, a gente só tem um meio de entrar, né, que é o SISU. O SISU dura 4 dias, e é muito concorrido, aí é difícil entrar no site para fazer a matrícula. A gente já se sentiu falta... O site já caiu no primeiro dia do ENEM, por exemplo. E estão dizendo que as notas da redação estão erradas, as notas gerais assim. Então, né.*

**P1: Aí você se sente?**

*E36: Sei lá, triste. Vou [inaudível] o que, a quem?*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E36: Quando você disse ali em vulnerabilidade, eu sei que não é sobre, por exemplo, o que a gente está vivendo agora. Mas eu tenho algo a acrescentar ali que a gente se sente vulnerável ao que está acontecendo, né. Por exemplo, muitas pessoas estão morrendo disso e a gente não pode fazer nada. E então a gente fica meio assim: 'O que que está acontecendo?'. Eu acho que a gente foca muito nos estudos, por exemplo, quando a gente tá se preparando para o ENEM e a gente esquece que a gente tem uma vida fora disso. Então, muita gente, né, que quer muito passar no vestibular e fica 24 horas por dia em casa só estudando. A gente tem uma vida fora disso, a gente pode sair, sei lá, sabe. Sair com os amigos. Então, não focar só nisso. E acho que é isso. Eu senti um pouquinho ali de dificuldade na sua pesquisa, mas dá para entender. Talvez as minhas respostas foram um pouco evasivas, mas...*

## **ESTUDANTE 37 (E37)**

### **01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E37: Seria quando surge alguma dúvida, né, em relação algum assunto ou, no caso, seria algum processo seletivo, essas coisas. Caso o assunto seja da matéria, né, quando por exemplo a apostila não me soluciona, não entendo direito, aí eu vou buscar outra informação.*

### **02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E37: A necessidade e também a curiosidade. Porque se eu quero me aprofundar mais em algo ou se eu tiver curiosidade em algo que não foi passado.*

### **03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E37: Tem o Brainly que uso, que é de resposta de questões e coisas assim. Aí tem o estuda.com também. Eu acho que esses são os principais que me vêm à mente agora. Eu acho que seria esses, eu não...*

### **04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza?**

*E37: É, antes da pandemia eu usava biblioteca pública, né, lá do centro, e a da UFSC também.*

### **P1: E quais os tipos de serviços que você usufruía da biblioteca?**

*E37: A da biblioteca pública, empréstimos de livros, né, apostilas também eles tinham algumas. E a da UFSC, era mais espaço para estudo.*

### **05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E37: Eu uso o Google, né. É, geralmente eu uso o Google, eu digito informação que eu quero. E aí, eu seleciono os sites que aparecem, sites que eu costumo usar, os sites que são mais confiáveis. E daí, eu procuro esses sites.*

### **P1: E como você faz para pesquisar? Como você digita os termos, as palavras para fazer a busca?**

*E37: É, por exemplo, se alguma questão, né, que eu tenho alguma dificuldade, aí eu coloco a questão. E se algum assunto aí eu coloco a palavra-chave, seria as palavras principais, né, do assunto.*

### **06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E37: No caso, eu faço a pesquisa e faço a leitura, né, daquelas que eu seleciono, dos sites que eu costumo usar ou que eu acho que são confiáveis, por eu já ter utilizado algumas vezes. E aí eu faço uma leitura, e se aquilo que... Geralmente, eu faço uma leitura mais por cima, né. Se eu acho que vai ter a resposta daquilo que eu quero, aí eu me aprofundo, né. Eu leio mais atentamente.*

### **P1: Quais seriam as fontes que você mais pesquisa?**

*E37: Seriam os sites*

### **P1: Voltados para o seu interesse, no caso?**

*E37: É para dar exemplos no caso? Tem apostilas e o material que o professor passava, no caso.*

### **07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E37: Eu faço a leitura, né, daquela informação, se por exemplo eu quero compreender um conceito ou algo. E aí eu utilizo os flashcards, né, utilizar os flashcards. E aí, por exemplo, eu colocava essa informação nesses flashcards. por exemplo se era explicação de algum conceito, algum exemplo, que precisa lembrar. Aí eu utilizo os flashcards, se não é mais para me ajudar num processo de compreensão, né, de algum assunto. E também nos exercícios que... Por exemplo, eu faço um exercício e*

*não tenho a resposta, aí utilizo isso para procurar na internet para ver se a resposta bateu, e senão eu utilizo isso para corrigir o exercício ou para refazer o exercício, né.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E37: Talvez procurar em sites que tem mais conceito entre os estudantes ou na educação, pessoas que estão mais envolvidas na educação, que são mais conhecidas neste ramo.*

**P1: Você costuma pedir apoio? Busca informação com essas pessoas?**

*E37: É, eu tento priorizar estes sites, né. E também, tem bastante professores na internet que oferecem materiais nas redes sociais, nesses meios, no YouTube.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E37: Pergunta não foi efetuada.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E37: Eu acho que algumas fontes há mais dificuldade às vezes, porque precisa de alguma base ou algo assim. Então, eu tento procurar uma fonte que me seja mais acessível e que eu consiga compreender. Então, geralmente, se eu encontro algo que eu não consigo entender aí ou eu procuro algum... Se eu não consigo entender porque tem alguma palavra ou algum conceito que é utilizado e eu não entendo, então tem que procurar essa palavra ou esse conceito. Senão, se eu não consigo compreender a informação como um todo, eu procuro uma outra fonte na qual eu consiga compreender, né.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E37: Eu faço um cronograma, né. Eu distribuo o que eu vou estudar com todos os horários que eu vou estudar, daí eu faço uma planilha e distribuo que matéria vou estudar em cada período, em cada momento. E aí eu me baseio nessa tabela, né. De manhã, a cada horário. Geralmente eu divido em uma hora, mais ou menos, cada tópico, né... Eu não estudo mais uma vez uma matéria por um dia, então geralmente estudo 1 hora cada matéria. E daí eu utilizo apostilas, exercícios, flashcards e algumas aulas também. E também eu coloco as matérias, e seleciono o período para revisão, para exercícios, simulados. Daí me baseio nessa tabela da semana.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. Qual é o seu método de estudo?**

*E37: Eu, por exemplo, eu seleciono uma matéria que eu vou estudar, e aí eu geralmente busco na apostila, então eu faço uma leitura e, ao mesmo tempo, eu vou fazendo flashcards pelo computador mesmo, por um site que faz flashcards [<http://chegg.com/>]. E aí eu seleciono, enquanto to fazendo a leitura, eu seleciono as palavras chaves, as coisas importantes que eu preciso saber, que são mais importantes. Aí, eu coloco nesses flashcards que utilizo para fazer revisão. Então, eu faço essa leitura, né, que seria o estudo, e aí eu faço os exercícios, para ver se eu compreendi a matéria, e passo esses flashcards e aí eu coloco períodos para revisão, né, tempos depois, né, do que o que o estudei, para ver se uma pessoa tem mesma matéria, e para fazer a consolidação do que aprendi.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E37: Talvez, acho que fazer uma leitura crítica também da informação que eu estou tendo acesso, né, a partir do meu conhecimento, ou dos valores, ou da minha carga, né, que eu sei, né, conheço e entendo. Acho que seria mais avaliar criticamente, né, essa informação e ver se ela está de acordo com esses princípios e essa base que eu tenho.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregada com a quantidade de informação?**

*E37: Sim, pela quantia que tem disponível, sim, eu sinto. Só que, vamos dizer assim, eu tento evitar a sobrecarga né uso estratégias para evitar para não sentir, no caso, sobrecarregada. Mas em geral, sim.*

**P1: O que que você faz para evitar a sobrecarga?**

*E37: Seria tipo... Eu tento não me expor tanto. Claro que às vezes é, por exemplo, na questão de estudo, eu tento evitar me expor à toda quantia de informação que tem por que existe infinita. Então eu preciso filtrar aquela que eu vou precisar e que vai ser útil, né. Porque eu não posso querer ter acesso a toda informação, senão não... paralisa, né, a gente. E na questão fora do estudo, né, eu também tento dosar o período, por exemplo, informações da mídia, ou coisa assim, eu tento dosar os momentos que eu vou me expor a elas. Claro que em alguns momentos nem sempre a gente consegue controlar tanto, mas...*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E37: Ansiedade eu acho que na questão emocional. Talvez um pouco de confusão. Também na física dá cansaço, né, um cansaço mental. Acho que seria mais um cansaço na sensação física.*

**P1: Tu sentas dores? E na postura?**

*E37: Dor de cabeça. No caso, ficar bastante sentada, né, e aí dá um pouco de dor nas costas. Seria mais cabeça e nas costas.*

**P1: O seu ambiente de estudos é adequado para estudar?**

*E37: Acho que no geral ele é confortável, assim, dá para... Senão... Não há prejuízo, não me atrapalha o meio ambiente de estudo. Eu tenho no caso uma mesa, né, uma cadeira para sentar boa...*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E37: No caso do cansaço, eu tento priorizar, né, o descanso, uma boa noite de sono. Alimentação adequada. E também tentar colocar, né, um período que eu acho que eu consigo estudar um bom tanto, mas ao mesmo tempo não vai me desgastar tanto, que eu vou conseguir, no próximo dia, não estar tão cansada e poder estudar mais. Então eu tento não... Me fugiu agora a palavra adequada... Que não me prejudique tanto, né. Então, o tempo que eu acho que é adequado, que me dá tempo de estudar, mas ao mesmo tempo não me... Que seria mais saudável, né, não seria tão... Me fugiu a palavra agora... Que não vai me sobrecarregar tanto assim, né.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação?**

*E37: Acho que os principais são, às vezes, a dúvida, né, às vezes você demora para encontrar a informação. Por exemplo, eu estou estudando e surgiu a dúvida de alguma coisa, e aí eu quero tirar essa dúvida na hora, então eu vou buscar, por exemplo, na internet, né. E às vezes eu demoro para encontrar, nem sempre eu encontro. E aí, [inaudível] de alguns, né, professores, que eu mandava, aí, uma mensagem para o professor, né, tirando alguma dúvida, né. Mas nem sempre retorno tem como ser imediato, né. Claro, é diferente do que iria ser, por exemplo, numa sala de aula. Então, acho que essa é a maior dificuldade, que às vezes você não encontra informação, ou não de uma forma tão acessível, então você leva um certo tempo para conseguir*

*aprender. Eu acho que essa seria a principal. A principal dificuldade, né. E também a questão das dúvidas, de mais difícil tirar as dúvidas e...*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E37: É, assim, procurar até encontrar, no caso. E eu, em alguns casos, tentar fazer com que essa... Eu não sei, depende. Se é algo, talvez, muito específico, eu busco retorno do professor, se ele não ter retorno, eu... Não sei se isso já aconteceu, mas, no caso, uns dos últimos recursos, eu busco o professor, porque ele sempre, né, tem disponibilidade. E se eu não encontro em nenhum site e nenhum [inaudível]. Ou, então, se alguma dúvida, eu volto nessa questão em outro momento para ver se eu consigo, talvez, compreender depois de um tempo, ou eu encontro em outro momento.*

**19. P1 - Você se sente prejudicada pelo excesso de informação?**

*E37: É, sim. Por ser os 3 anos do ensino médio, né, os assuntos dos 3 anos. Então, acho que fica difícil essa questão, por ser muito assunto para estudar em um ano, por exemplo. Por, também, as escolas não têm uma boa base, então você acaba tendo que buscar tudo em um ano. Então, fica complicado.*

**20. P1 - Você se sente preparada para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E37: Seria hoje ou antes da prova do ENEM?*

**P1: Antes da prova do ENEM.**

*E37: Ah tá. Bom, a gente nunca se sente preparado, mas eu acho que talvez uns 60%, 70%, talvez. 65%.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E37: Eu acho que no geral foi negativo, né, porque além do estresse que você tem com o estudo, você tem, né, todo estresse da pandemia e os cuidados e, enfim, das pessoas que, né, adoecem. Enfim, então acho que no geral foi um impacto negativo, porque adiciona mais a pressão, né, além de ser um ano que já é muito cansativo, ainda tem mais esse fator de pressão, né, que é bastante cansativo.*

**22. P1 - Como foi sua a adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E37: No início, na fase de adaptação, no início não foi tão fácil, mas também não acho que foi tão difícil por eu já ter familiaridade, né, com a internet, com o computador e esses meios. Então, acho que isso facilitou a adaptação. A adaptação foi mais no caso de estudar por conta própria, né, porque antes a gente tinha o professor que ficava explicando. Então, eu acho que essa adaptação não foi tão rápida, né, como estudar sozinha, o acesso às informações, e aprender até mesmo quais são os melhores locais para buscar informação e os recursos. Mas, no geral, na experiência, eu acho que foi uma experiência... No saldo total eu acho que foi positivo, para mim, ir até porque eu vi essa evolução que eu tive, que foi uma evolução maior do que eu tive nos outros anos, que eu achei. Neste ano, por eu estar mais no controle do meu aprendizado eu tava mais ativa, no caso, nesse processo de aprendizado. Então, eu assumi esse papel mais ativo que me beneficiou por eu... não sei, talvez, reter mais informação, ou por eu meio que ser obrigada a procurar, e a buscar informação, então acabou reter mais informação e tendo mais contato com informação. Então, eu acho que no saldo geral foi positivo pela minha evolução nos estudos que eu senti que eu tive. Uma boa evolução.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E37: Por alguns momentos, em algumas matérias, no caso, que eu tenho mais dificuldades, né, em alguns assuntos. Há momentos que eu achei que eu não*

*conseguiria compreender, que é difícil e que não absorveria. Teve momentos em que isso aconteceu em relação aos estudos, no caso.*

**P1: Quais matérias você sentiu mais dificuldades?**

*E37: Matemática, né, e física, que são matérias que eu sempre tive mais dificuldade. Especialmente física. Alguns conceitos que foram mais complicados de aprender e de entender. Essas são as matérias que eu acho que fez mais falta o professor, no caso.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] (Sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco).**

*E37: No caso, seria da informação disponível para mim? Talvez eu poderia ter buscado ela mas eu não tinha ela?*

**P1: Isso.**

*E37: Relacionado aos estudos, eu acho que... No começo, né, quando eu tava começando a estudar para o vestibular, eu acho que eu não tinha uma real noção do que eu precisava para esse processo, do que eu precisava estudar ou do melhor método. Então, eu acho que para estudar, para aprender, e que eu precisaria me adequar às provas, eu acho que essa informação que eu tenho hoje... Claro que não é completa e perfeita..., mas que eu não tinha no início. Mas que eu não tinha no início, quando eu comecei a estudar, que eu acho que se eu tivesse naquela época teria sido mais fácil, né, e talvez eu não precisaria de tantos anos para passar no vestibular. Acho que é... no caso do momento eu não tinha noção dessa vulnerabilidade. Não sei se aplica nesse caso. Mas, olhando para trás eu vejo que foram momentos...*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E37: Eu acho que um ponto que eu achei negativo foi porque o Vestibular da UFSC, por ser uma prova diferente, seria mais uma possibilidade, né, mais uma chance, além do ENEM. Então, por exemplo, 'Ah, eu não fui bem na prova do ENEM', eu teria essa possibilidade de tentar de novo a prova da UFSC. Então, eu acho que isso é um ponto que afeta negativamente, né, os alunos, principalmente porque alguns preferem a prova da UFSC, né, também porque a prova da UFSC é menos cansativo do que o ENEM. O ENEM é bem cansativo, né, é muito longo, [inaudível] tempo. Então, há pessoas que têm mais dificuldade nesse aspecto. Porém, por um ponto, que talvez seja positivo nesse aspecto foi a questão dos conteúdos, porque a UFSC cobra alguns conteúdos diferentes do ENEM, então você tem que estudar o conteúdo do ENEM e da UFSC juntos, o que é mais conteúdo para estudar. Só que apesar disso, para quem, por exemplo, eu pretendo fazer a prova da UFSC se eu não conseguir agora, mesmo que vá acontecer mais no final do ano. Então, nesse caso não me afeta tanto. E também porque eu prefiro o modelo do ENEM, então nesse caso eu não me senti tão prejudicada. É, então teria esse aspecto, que por certos conteúdos eu não precisei estudar tanto antes do ENEM, e pude focar mais só para o ENEM, alguns conteúdos. É, eu acho que seria isso.*

**26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E37: Deixa eu ver. É só que esse ano, uma coisa que eu senti é que, no cursinho do Gauss, que foi um ano, no ano passado, no caso, quando começou essa pandemia ninguém estava bem preparado para como o ano se desenrolou. Então, acho que foi complicado também para eles se adaptarem, os cursinhos se adaptarem, principalmente porque são cursinhos com voluntários, muitos são alunos, né, então eu acho que isso refletiu nos próprios estudantes. Eu vi que eles fizeram o melhor que eles conseguiam com os recursos que eles tinham, porém houve uma dificuldade dos alunos acompanharem, houve bastante desistências, não sei como foi no Einstein, mas no Gauss... Então, acho que ficou complicado, acho que ficou complicado para todo mundo, assim, até pelos números do ENEM, enfim, que teve muita absten... muita gente que não conseguiu ir, que não conseguiu participar. Acho que foi complicado, principalmente para os alunos de escolas públicas, né, que foram os mais prejudicados, que muitos não tiveram aulas, enfim. Não sei, eu acho que o que talvez eu tenha me ajudado nesse ano de pandemia, foi ter descoberto pela internet mesmo, talvez pela pandemia, por ter ficado mais conectada, no caso, ter descoberto métodos de estudos mais eficientes para aprender para o ENEM, né, para os vestibulares, que me ajudou bastante nesse ano de estudo, de eu conseguir melhorar meu desempenho, né, no ENEM. Então, eu acho que isso que falta bastante para os alunos, justamente dos cursos mais concorridos, aprender a estudar voltado para essas provas, assim. É, não sei o que mais eu poderia acrescentar.*

### **ESTUDANTE 38 (E38)**

#### **01. P1 - Em que momento/situação você busca informação?**

*E38: Normalmente, acho que a gente tinha conversado na questão, acho que de estudos e quando tinha algum interesse também da área, também assim, tipo além dos estudos, né, mas também com notícias em geral.*

#### **02. P1 - Como você identifica a sua necessidade de informação?**

*E38: Acho que mais a questão das dúvidas, né, a questão da dúvida e às vezes também as questões mais diárias, tipo de acompanhar, como eu tinha dito, as questões políticas que eu gosto bastante, e daí, tipo, acordar e já dar uma olhada no que está acontecendo. Se manter meio que atualizado.*

#### **03. P1 - Cite alguns sites de pesquisa que você utiliza para estudar para o vestibular ou prova do ENEM.**

*E38: Pesquisa do vestibular e do ENEM tem o próprio Descomplica, ele posta algumas coisas gratuitamente. Daí tem o Toda a Matéria, o Brasil Escola que são outros sites que tem mais fontes confiáveis que são alguns professores e graduandos que já se formaram que estão escrevendo para eles... do Mestrado e do Doutorado... E acho que estes dois assim, em geral, quando tenho alguma dúvida. Daí tem alguns... aquele Me Salva do vestibular também, que eles têm no Youtube, QG do ENEM. Postam muito bastante coisa gratuita, assim, no Youtube e na internet.*

#### **04. P1 - Você costuma ir à biblioteca? Cite alguns dos serviços da biblioteca que você utiliza.**

*E38: Não costumo não. Eu utilizava mais quando eu tava no ensino médio, daí tinha a biblioteca do IFSC que era gratuita para os alunos, e aí tinha aquele padrão. Mas, em geral, biblioteca pública eu acabo não indo, por distância e etc.*

#### **05. P1 - Como você elabora a estratégia de busca para recuperar a informação?**

*E38: Normalmente eu tento utilizar mais palavras chaves e do que a questão inteira, né. Tipo, se tu botar uma pergunta no Google vai acabar aparecendo muita coisa. Mais focada em palavras chaves. Tipo, 'Ah, quero entender alguma questão de*

*matérias sobre geometria não sei o quê', daí eu pego a palavra exata, tipo a geometria tal ângulo, tal explicação, tal fórmula... Para tentar buscar dessa forma.*

**06. P1 - Explique como você avalia e seleciona a informação e as fontes de informação.**

*E38: Sim, é... Agora que estou na faculdade, a gente acaba tendo que pesquisar muita coisa em artigo, né, artigo e dissertação. Então, a gente acaba aprendendo a fazer uma leitura mais dinâmica, passando ali em pontos chaves, até utilizando recursos do Ctrl+F [atalho para buscar palavras específicas dentro de páginas da web ou documentos] que daí onde tem páginas que são muito extensas. E aí você usa o Ctrl+F para pesquisar se tem o tema que você quer exatamente falar, e aí ele vai te dar ali. E para avaliar essa informação, para ver se ela condiz, se ela tem... Se são questões de exatas, eu normalmente verifico na questão da lógica, da matemática, no que se baseia, né. E nas questões mais de humanas em geral, também de geografia, o mais importante que vejo é a questão das fontes, né. Sempre estender a questão das referências, que daí tem muitos sites que eles fazem um texto de um texto de uma outra pessoa que fez um texto. Então, quanto mais tu pegar uma fonte primária, vai ser melhor às vezes para entender uma coisa ou outra.*

**07. P1 - De que forma você utiliza a informação para seus estudos?**

*E38: Sim, eu sempre tive meio que dificuldade de organizar planos de estudo em si, estudar no geral. Então, meu método de estudo é sempre fazer questão, tipo, fazer o exame e fingi como se fosse o dia, tentar ele exatamente. E aí, a partir disso eu vejo as que eu errei e as que eu chutei, que eu não sabia, e aí, essas, eu deixo elas marcadas e vou indo no tema. Pesquisando ali, e a partir disso eu anoto a informação, a partir disso. Sempre utilizo ela, tipo, corrigindo a questão, para eu entender onde é que eu errei ou aquela informação nova.*

**08. P1 - De que maneira você busca melhorar seu desempenho nos estudos com a informação?**

*E38: É, parte dessa questão é do método, da leitura ali, da questão da repetição dos exercícios, né. Conforme eu vou fazendo mais exercícios, aí eu vou vendo onde eu to errando, vou anotando ali os temas. Dependendo de como tava no cursinho do Gauss, que a gente fazia, que eles passavam vídeos aulas e eu costumava sempre tentar escrever e ta tirando aquelas informações que eu achava mais importantes das vídeos aulas deles. E ia organizando no papel para eu ler ali e ter da onde recuperar depois. E assim eu ia trabalhando para gravar mais a mensagem, que no caso eu acho que é a parte mais importante, entender para a gente conseguir ter ela para usar na prova, senão passa batido.*

**09. P1 - Fale sobre as dificuldades que você encontra em relação ao acesso à informação.**

*E38: Hoje, ainda digo que é menor, pelo fato que a gente tem muitas ferramentas de acesso, né, principalmente na internet. Então, hoje tu consegue achar melhor. Ainda assim, faltam poucos, talvez, alguns lugares mais... algumas praças públicas, assim tipo, como bibliotecas virtuais que estejam aí disponíveis, por exemplo digitalizadas alguns livros possam ser emprestados e distribuídos nas bibliotecas. Mas, em geral, tem muito facilitador e muitos professores que já fazem os materiais de divulgação científica e didático, né.*

**P1: Mas aí você quase não tem dificuldade?**

*E38: Bem pouca em geral, assim.*

**10. P1 - Você sente dificuldade em compreender a informação?**

*E38: Varia muito de site para site. Tem alguns sites que eles buscam uma linguagem mais acadêmica e... Ou tão simples que eles botam só uma fórmula ou coisa do tipo,*

*e tu acaba tendo que quebrar um pouquinho mais a cabeça. Mas, em geral, varia mais disso, mas se for com a formação completa e tiver ela bem estruturada é bem difícil.*

**11. P1 - Descreva a sua rotina de estudos; como você faz no seu dia a dia.**

*E38: Bem. Quando eu estava estudando para o vestibular anterior, antes de começar a trabalhar, em geral, eu fiquei um tempo com as matérias do Gauss atrasadas, por questões da faculdade que eu estava cursando junto. Então eu partia sempre de pegar as matérias que eu estava atrasado, eu organizei uma lista e dividia um horário, fiz uma grade curricular no meu celular e aí eu ia tentando. Ah, tal dia tem que ver tais matérias, tal matéria, tal matéria de tal hora à tal hora. Daí eu ficava estudando no período da tarde essas matérias, e aí fazia e assistia às aulas, daí colocando elas em dia. Sempre com essa grade curricular de vigília, daí ia fazendo exercícios e ia seguindo o cronograma do Gauss, mas conforme o meu horário.*

**12. P1 - Explique a forma como você se organiza (critérios/prioridades), para compreender a informação. (Qual é o seu método de estudo?)**

*E38: Por eu ter mais dificuldade, eu priorizava mais matérias biológicas, de ciências naturais, em geral, porque o IFSC, que foi onde eu estudei o ensino médio, eles param com as matérias de ciências naturais lá na quarta fase, que eles chamam, que é o segundo ano do ensino médio. E aí, depois tem mais 2 anos de ensino médio sem nenhuma matéria de naturais. Então, quando eu cheguei para fazer o vestibular agora já faziam quase 3 anos que eu não tinha aula de física, química, até mesmo de Biologia. Então priorizava essas, eu ficava olhando química, física e biologia eu vou deixar na frente, e aí depois vinha com língua estrangeira é uma parte que eu também tenho uma certa dificuldade. E depois aí para questões como a de Português, Literatura, que são mais interpretativas também já deixaram mais por último nas prioridades. E até mesmo matemática também, como era algo que eu tinha mais facilidade também não priorizava tanto. Ia sempre conforme a dificuldade que eu tinha de aprendizado.*

**13. P1 - Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver sua competência em informação? A competência em informação consiste na capacidade de cada pessoa compreender todo o contexto da informação que a envolve, influenciando as decisões de sua vida, o que contempla reconhecer a necessidade de informação, identificar fontes potenciais e confiáveis, avaliar criticamente a informação e usá-la considerando aspectos éticos, sociais, políticos e econômicos (Dudziak, 2013).**

*E38: Em geral, hoje tem muito esse mundo da Fake News a gente vai desenvolvendo algumas informações buscando o melhor, mas ao que consta isso, né. Então eu busco sempre ver se é um texto muito chamativo, de 'caça clique' e coisa do tipo, de ataque. Então, normalmente sempre que tem esse tom mais pejorativo já acaba sendo um texto mais falso. Já consegui desenvolver um pouco disso. E aí, eu sempre tento buscar uma informação que é meio polêmica que tá ali, então eu vou lá e jogo no Google e num verificador de fatos que tem vários hoje aí disponíveis, e aí vejo lá o contraponto. Falando 'Não, oh. Tá distorcida a informação', ou até mesmo da onde eles tiram, porque alguns eles recortam só um pedaço da informação e colocam para tentar dar a entender outra coisa. E aí, a partir disso que eu vou tentando desenvolver melhor para reconhecer uma informação que é confiável ou não.*

**14. P1 - Você se sente sobrecarregado com a quantidade de informação?**

*E38: Com certeza. O ENEM, principalmente, acho que é a prova mais aberta eles deixam, não tem uma área que estudar. Não, beleza, 'Esse ano eles falaram que vai cair esse tipo de conteúdo', não. Eles simplesmente largam assim 'É isso tudo de biologia, é isso tudo de...'. Então em aberto que tu tem que buscar muita informação*

*e prejudica, principalmente, no aprendizado. Agora no curso de História a gente está começando a ver essas questões de didática e prática de ensino, e a gente vê como acaba o ensino médio até a própria BNCC [Base Nacional Comum Curricular], ela é mais esvaziada para simplesmente servir como suporte ao ENEM, suporte ao vestibular. Não se tem nem uma matéria em si, eles desenvolvem só competências, as disciplinas não são divididas. Se tivesse essa padronização pelo menos, eu acho que seria mais fácil para o aluno se desenvolver, saber onde buscar. Porque uma coisa é para o aluno que tem um suporte de um curso pré-vestibular, um aluno que tem suporte da família já é mais estruturado, um aluno que tá mais 'solto', ou às vezes tem que trabalhar e estudar já é outros 500. Depois que consegui e comecei a trabalhar a realidade mudou bastante, assim.*

**15. P1 - O que você sente nesses momentos de sobrecarga? Descreva sua condição física e emocional.**

*E38: Olha do físico, às vezes dá uma sobrecarregada de forma que fique bem cansaço, né, aquele cansaço fadiga no corpo que tu chega assim 'Meu, não aguento mais nada, preciso respirar, preciso fazer outra coisa, me alienar um pouco ou assistir uma TV, fazer outra coisa da vida, porque não dá mais. E aí já tive também algumas situações de estresse. No último ano, quando eu estava no ensino médio prestando vestibular, eu tive queda de cabelo. E também dava um tique nervoso nos olhos quando tentava dormir e não conseguia dormir ficava tremendo a visão assim balançando tudo que tava na minha frente. É mais essa questão de cansaço, a questão de, tipo, não ter mais aquele ânimo para conseguir seguir, tanto assim, aquele ritmo frenético. Chega à muito estresse, né.*

**16. P1 - O que você faz para aliviar a sobrecarga de informação?**

*E38: É... É aquela questão de se desligar um pouco. No caso, busco sair um pouco das redes sociais e de tudo que eu to fazendo, largar aquilo que estou fazendo para, sei lá, às vezes dar só uma volta dentro de casa, ou ficar um pouco conversando com a minha família ou assistir uma coisa que não tenha necessariamente uma informação que tenha aquela busca para eu saber algo.*

**17. P1 - Descreva suas principais dificuldades e desafios enfrentados com relação à informação.**

*E38: Olha, principalmente, as dificuldades era essa questão da sobrecarga, né. Muita informação para se buscar... não só de receber, mas também para achar. Tem uma questão de, tipo, tu tem uma área muito grande para ficar pesquisando para fazer o vestibular. E essa questão de um curto espaço de tempo que tu tem que sair e ir se organizando com tudo aquilo. Por exemplo, meu curso de ensino médio é em um formato diferente por ser um curso técnico junto, então, tipo, tinha coisas que eu tinha ficado trazendo coisas de dois, três anos para ter num ano só. Não tinha como tu manter essa questão. Ainda mais para outras pessoas também, a realidade acaba sendo a mesma.*

**18. P1 - O que você faz para superar essas dificuldades?**

*E38: Em geral, eu tentava sempre... que acaba que eu me sentia muito, assim, desamparado e ficava pouco produtor, ficava bem procrastinando. Então, em geral, sempre tentava achar algum método para me organizar e tentar manter uma rotina. Aí foi onde eu comecei a achar aqueles aplicativos de celular para criar uma grade curricular para eu estudar em casa, ou achar outro tipo de aplicativo que me ajudasse, tipo, a manter uma ordem, e falasse 'Tem que estudar isso e isso, tal horário, tal horário tu descansa vai fazer outra coisa, e aí agora vai ler um livro que não seja necessariamente do vestibular...' e assim vai.*

**P1: E esse aplicativo se reporta, digamos para fazer um cronograma, sei lá, tu podes citar algum nome, algum exemplo?**

*E38: Vou ver se consigo porque meu celular deu 'pau'. Meu celular... a tela dele quebrou, e agora ele tá com o toque sozinho, como se tivesse tocando na tela mas não tem mais ninguém tocando...*

*E38: É Roubit, o nome do aplicativo que eu tava usando.*

**19. P1 - Você se sente prejudicado pelo excesso de informação?**

*E38: Com certeza. Acho que esse excesso, não que seja o excesso do receber muita informação é ruim, mas o fato de tu ser cobrado pela aquela quantidade de informação que tu [inaudível], acho que esse é o principal ponto. Acho que receber informação tudo bem, tu vê aquilo que te agrada e aquilo que tu não consegue guardar tu vai passando. A questão é tu exigir que a pessoa grave todo aquele excesso.*

**20. P1 - Você se sente preparado para a realização das provas? Defina uma porcentagem em relação a sua preparação.**

*E38: Ah. Não me sentia preparado, preparado 100% não. Como um amigo meu que ele tem outra realidade obviamente, mas ele é um exemplo, assim, para mim, e ele estava fazendo para estudar para a FUVEST, né, ele iria fazer exame da USP. E ele realmente dava para ver que era um cara que tava preparado, ele era um cara que estava ali, foi, tirou um ano sabático só pra estudar aquilo, não fez nenhum cursinho exatamente, ele pegou só o material. E eu, por questões diferentes, também não consegui manter essa rotina. Então, eu dizia assim, que cheguei para o ENEM eu acho que com uma confiança de uns 70%, de achar que eu ia conseguir tirar uma nota melhor. Eu sabia que o Gauss me ajudou para tirar uma nota melhor do que eu tirei quando fiz sozinho o ENEM ali. Com certeza aumentou, todas as notas aumentaram. Mas, sabia que não ia ser nenhuma nota 'Uau!', aquela nota que eu precisava, ou tinha certeza que ia ser uma nota 'fera'.*

**21. P1 - O isolamento social, imposto pela pandemia, contribuiu de forma positiva ou negativa para os seus estudos?**

*E38: Eu sinceramente achei negativo, a pandemia misturou muito a questão do estudo em casa e teu lugar de descanso não existe mais, né. E eu tenho uma certa dificuldade para me concentrar, em casa piorou. E daí mãe também tá tendo que fazer home office [trabalhar em casa], ano passado ela tava trabalhando como professora da rede pública. Então, era ela trabalhando ali em cima, meu irmão vendo uma aula e outro estuda aqui na sala, aí é aquela barulheira às vezes, e também, tipo, qualquer coisinha tu já de distraí e tem que fazer as coisas da casa porque tu está todo o tempo em casa. Antes da pandemia, as vezes que eu precisava estudar e focar eu conseguia ir na biblioteca da UDESC ou do próprio IFSC, quando eu estudava no IFSC, e ficava numa sala ali sozinho, só estudando e focando naquilo. Acho que evitavam essas distrações. Fora o estresse emocional, também, nessa questão da pandemia.*

**P1: Com relação a essa questão do isolamento e como você mencionou o ambiente. Descreva um pouco o seu ambiente de estudo. Como é que é? Você considera ergonômico? iluminado? Um ambiente adequado?**

*E38: Não. Em cima da minha cama. Nossa casa, ela era duas casas, na realidade, né, piso e segundo piso e embaixo era para ser uma quitinete para alugar durante o verão, a gente mora perto da praia. E aí, como a gente não alugou, eu to ficando mais nos quartos de baixo, porque daí lá em cima só tem os quartos da minha e do meu irmão. E aí quando era no verão eu subia para lá. Então, eu estou estudando hoje sempre em cima da minha cama, porque a sala e a cozinha estão sendo utilizadas, então acaba sendo ruim. E aí, sentado, boto uma mesinha daquelas de café da manhã. Aí eu boto o notebook em cima dela para ficar um pouquinho mais alto e fico*

*sentado ali normalmente. Até chego a dar uma dobradinha no colchão de tanto ficar sentado no mesmo lugar. A postura sentiu bastante, assim, a coluna e o próprio fato de ficar mais sedentário também, que já piora. E a iluminação também, é uma iluminação de casa, não é de um ambiente de estudo ou um ambiente de trabalho.*

**22. P1 - Como foi sua a adaptação de estudar on-line? Comente como foi sua experiência.**

*E38: Eu já tinha utilizado algumas questões on-line ali, uma coisa ou outra, mas tipo, quando mudou assim direto do on-line durante a pandemia foi uma adaptação consideravelmente rápida, porque o modelo da UDESC, pelo menos ali, foi rápido. E ajudou também, assim, não que tenha sido um modelo bom, porque eu sei que foi bem desigual. Mas para mim, que tinha as ferramentas ali, tinha notebook, consegui me adaptar legal. Já tinha acostumado a estudar um pouco on-line, também algumas questões, via muito vídeo aula, já via muitas questões. Então, acabou sendo mais fácil.*

**P1: Então você considera que foi fácil?**

*E38: Minha adaptação foi melhor.*

**23. P1 - Em algum momento você se sentiu impotente em relação ao contexto da informação?**

*E38: Acho que eu tive esse... não vou chamar de privilégio, porque deveria ser um direito básico a todos... Mas consegui esse acesso à informação e a utilização da informação boa. Em parte por causa da estrutura de ter um notebook, de ter acesso a isso. E também por causa, acho que, do apoio do Gauss, assim. Os professores foram fundamentais, eles estavam sempre ali ajudando a gente e o que não tinham na aula ali, tinha o WhatsApp deles, mandavam informações e perguntavam tudo e respondiam. Eram bem parceiros, assim. Até tava me preparando ali que, em geral, acredito eu que com as minhas notas em coisa [ENEM] eu vou conseguir passar, pelo menos, pelo SISU na opção de curso que eu queria. Minha opção de curso era uma opção mais concorrida. Então, eu já sabia que tinha essa possibilidade e tudo, mas, mesmo assim, eu vejo que minhas notas aumentaram muito graças à ajuda deles, assim.*

**24. P1 - Você já se sentiu em algum momento vulnerável em relação à informação? Vitorino (2018, p. 73) diz [...] diz que todos nós somos, em algum momento de nossa vida, vulneráveis em alguma situação, ou seja, a vulnerabilidade é intrínseca ao ser humano e, por isso, resguarda uma complexidade própria, fato este que também se apresenta à informação e à competência em informação. Como por exemplo: [...] sentimento de fragilidade; estado ou sentimento de solidão; uma capacidade ou liberdade limitada e, estado ou situação de risco.**

*E38: Lembrar, alguma situação assim, lembrar mesmo, não lembro...Um pouco das situações que enfrentei, acho que o IFSC me dava muito essa oportunidade de ter esse acesso dentro da instituição mesmo. E depois quando eu saí do IFSC e consegui passar no Gauss, o Gauss me dava esse auxílio também. Então, eu acho que eu não fui deixado nessa vulnerabilidade, não fui largado nessa solidão.*

**P1: Então é que você não se sente só?**

*E38: Sim. [Exatamente]*

**25. P1 - Como você está se sentindo em relação às mudanças que estão ocorrendo no atual contexto em que muitas universidades suspenderam o vestibular e estão utilizando somente o ENEM para a seleção dos estudantes?**

*E38: Eu acho bem complicado, e bem problemático. Principalmente porque... Tudo bem que o ENEM é o principal hoje, mas nem todo mundo vai se inscrever no ENEM.*

*Além do mais que o ENEM era um ENEM tão anterior assim, teve todas essas questões, o ENEM era para ter sido em novembro do ano passado, foi acontecer só em janeiro. E aí a inscrição deles fechou em abril do ano passado. Então, tu simplesmente impedir a pessoa do outro ano não conseguir usar e ter essa oportunidade, acho bem complexo. Também porque vai, tipo, impedir também as pessoas mais próximas das instituições também. Porque daí tu vai ficar à mercê da nota do SISU, e tu vai tirando a oportunidade das pessoas. Se tu for mal no ENEM, pronto acabou a tua vida, não entra em nenhuma faculdade, porque todos os outros sistemas estão usando a mesma [nota]. E essa possibilidade de ter mais de uma prova... Eu digo por experiência mesmo, eu tive a oportunidade de fazer o da UFSC, o da UDESC e o ENEM, meu ENEM foi péssimo, foi horrível. Meu ano de treineiro foi melhor do que eu fiz naquele ano de 2019. O meu da UDESC foi razoável, mas o meu da UFSC foi bom, não foi um resultado ruim, foi um resultado bom até pelo que eu tinha estudado, pelo que eu consegui foi um desempenho aquilo do esperado. E aí tive a oportunidade, acabei não conseguindo entrar na UFSC por uma questão da matrícula e tais, entrei na UDESC na quarta chamada. Agora se tu pegar esse ano, ou do meu ENEM foi melhor ainda, mas o da UFSC eu optei, mesmo sabendo que tinha tido um desempenho melhor do ENEM, optei por manter na opção da UFSC o vestibular do ano passado. Eu sabia que o meu vestibular do ano passado foi legal, e eu já tinha aquilo palpável, material, e aí simplesmente pegar e 'Pô', depender de uma prova para todas as opções que eu tenho é bem complicado.*

## **26. P1 - Algo que você queira complementar?**

*E38: Complicado, bastante coisa. Eu agradeço a oportunidade de ter participado da sua entrevista, to aqui torcendo pela sua defesa em agosto, sei que vai dar tudo certo. Interessante, aliás, acho que é um eixo a ser estudado. Sempre fui meio crítico da indústria do cursinho para vestibular, eu achava tipo tu cria uma defasagem para tu criar uma demanda para uma nova empresa, mas aí se tu conserta demanda você vai acabar com a empresa. Então, tu não vai acabar nunca consertar aquela demanda de informação, aquela padronização da Educação. Então, tu vai sempre manter aquilo ali. E eu Gauss me fez ver que, tipo, não necessariamente, também porque é um projeto de extensão da UFSC, acho que essa é a principal intenção de uma universidade no seu meio em volta, acho que a melhor maneira de conseguir mostrar aquilo que a gente está fazendo. Além dos nossos [inaudível] em pesquisa em geral, esses projetos de extensão ajudam muito e o Gauss foi exatamente importantíssimo. De ter um professor que estava ali te ajudando, deter esse auxílio nas matérias, de se organizar, também o caráter deles de ser um pré-vestibular acessível à comunidade, e também socioeconômico ele tem essa avaliação. Achei muito importante assim, porque tu tira um aluno que às vezes estava vindo de um ensino médio com certos problemas e tu pode dar esse suporte. Eu acho que essa seria até melhor maneira de se usar um pré-vestibular. Não como forma criar aqueles 'métodos' e todas essas saídas espetaculares para você passar no ENEM com nota 1000, não existe. A ideia é exatamente você ter um pré-vestibular que possa ajudar as pessoas e ter ali... que eles são ainda formandos, que ainda não tinham se formado, mas tem a acrescentar tem como ajudar, e eles entendem também por que eles também são alunos e estão mais próximos da nossa realidade, acho que foi muito importante isso.*

**ANEXOS**

## ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC – Nº 4.348.829

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Competência em informação e sobrecarga de informação

**Pesquisador:** ELIZETE VIEIRA VITORINO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 38011820.8.0000.0121

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Catarina

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.348.829

#### Apresentação do Projeto:

A pesquisa intitulada, "Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos: em busca de relações e de princípios norteadores", procurou a partir de experiências vividas e percebidas pela pesquisadora identificar a possibilidade de se pesquisar e estudar os reflexos de sobrecarga de informação na vida dos estudantes e suas correlações com a competência em informação. A opção foi pelos estudantes de cursos pré-vestibulares de cursos públicos e gratuitos da Grande Florianópolis. A revisão de literatura aponta que estudantes que estão na transição do ensino médio para o nível superior enfrentam um conjunto de transformações em suas vidas, bem como a pressão para passar nas provas de vestibular. Ao mesmo tempo, estudantes de faixas de renda mais baixas enfrentam outras dificuldades que se apresentam como obstáculos para o sucesso no objetivo almejado, incluindo o capital cultural e condições de vida. Superar a sobrecarga de informação é um desafio adicional a esses estudantes. Tais dificuldades podem se transformar em vulnerabilidades e a competência em informação pode se tornar então um fator de resiliência.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo da pesquisa

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 4.348.829

**Objetivo Primário:**

O objetivo geral desta pesquisa é identificar princípios norteadores da competência em informação que ajudem na compreensão de como os estudantes de Cursos Pré-vestibular lidam com a sobrecarga de informação e sua vulnerabilidade informacional a partir das relações e implicações possíveis com o desenvolvimento da competência em informação.

**Objetivo Secundário:**

- Descrever o cenário da competência em informação, sobrecarga de informação e a vulnerabilidade informacional, segundo a literatura;
- Identificar se os estudantes sentem a ocorrência da sobrecarga de informação e quais as possíveis relações com a competência em informação;
- Investigar se os estudantes em fase pré-vestibular possuem vulnerabilidade informacional.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:****Riscos:**

Não há riscos iminentes ou graves na aplicação desta pesquisa.

**Benefícios:**

Os resultados da pesquisa podem fundamentar novos estudos sobre o tema, ampliando o olhar acadêmico sobre os temas tratados – sobrecarga em informação, competência em informação e eventual estafa dos estudantes com as pressões que sofre e excesso de informações disponíveis.

Espera-se evidenciar a relevância do desenvolvimento da competência em informação que esta se torne um tema transversal em todas as etapas da vida estudantil.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa apresenta pertinência, fundamentação bibliográfica e uma vez obtido os dados conclusivos proporcionará uma visão mais abrangente sobre o tema proposto.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Documentos de acordo com as solicitações do CEPESH

**Recomendações:**

Não se aplica.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Foram constatadas alterações na apresentação do projeto, no cronograma e no TCLE não havendo inadequações ou impedimentos à realização da pesquisa.

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 4.348.829

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1626439.pdf	02/10/2020 22:07:28		Aceite
Outros	RESPOSTA_AS_PENDENCIAS.pdf	02/10/2020 22:00:02	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceite
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_01_10_2020.pdf	02/10/2020 21:55:05	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceite
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_Dilva_Fazzioni_2020_10_01.pdf	02/10/2020 21:54:35	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceite
Declaração de concordância	Declaracoes_de_concordancia_cursos.pdf	08/09/2020 22:23:48	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceite
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_projeto_Dilva_assinado_assinado.pdf	08/09/2020 22:03:07	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceite

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

FLORIANOPOLIS, 20 de Outubro de 2020

---

**Assinado por:**  
**Maria Luiza Bazzo**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

## ANEXO B – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC – Nº 4.735.505)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DA EMENDA

**Título da Pesquisa:** Competência em informação e sobrecarga de informação

**Pesquisador:** ELIZETE VIEIRA VITORINO

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 38011820.8.0000.0121

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Catarina

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.735.505

#### Apresentação do Projeto:

Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos: em busca de relações e de princípios norteadores.

Foi informado pela pesquisadora ao CEPSH-UFSC o seguinte esclarecimento:

"Tendo em vista os prazos exíguos para a conclusão da pesquisa, informamos que estamos desistindo de entrevistar estudantes menores de 18 anos, o que elimina a necessidade de um novo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Assentimento (TCLE/TALE) para este público".

#### Objetivo da Pesquisa:

Já avaliados CAAE: 38011820.8.0000.0121

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Já avaliados CAAE: 38011820.8.0000.0121

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não se aplica.

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401

**Bairro:** Trindade

**CEP:** 88.040-400

**UF:** SC

**Município:** FLORIANOPOLIS

**Telefone:** (48)3721-6094

**E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 4.735.505

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Documentos de acordo com a legislação vigente.

**Recomendações:**

Não se aplica.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O CEPESH dá ciência da carta resposta apresentada pela pesquisadora informando o CEPESH-UFSC que somente será aplicado o TCLE já aprovado por este CEPESH para os maiores de 18 anos e da "declinação" da aplicação do novo TCLE (pais ou responsáveis) e TALE para os menores de 18 anos.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1724287_E1.pdf	14/05/2021 20:57:11		Aceit
Outros	CARTA_RESPOSTA_PARECER_CEP_14_05_21_assinado.pdf	14/05/2021 20:49:47	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceit
Brochura Pesquisa	Projeto_Pesquisa_Dilva_Fazzioni_2021_5_14.pdf	14/05/2021 20:47:40	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceit
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_Dilva_Fazzioni_2021_4_11.pdf	11/04/2021 17:42:55	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceit
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2020_12_29_menor.pdf	11/04/2021 17:41:21	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceit
Outros	RESPOSTA_AS_PENDENCIAS.pdf	02/10/2020 22:00:02	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceit
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_01_10_2020.pdf	02/10/2020 21:55:05	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceit
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_Dilva_Fazzioni_2020_10_01.pdf	02/10/2020 21:54:35	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceit
Declaração de concordância	Declaracoes_de_concordancia_cursos.pdf	08/09/2020 22:23:48	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceit
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_projeto_Dilva_assinado_assinado.pdf	08/09/2020 22:03:07	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceit

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC**



Continuação do Parecer: 4.735.505

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Documentos de acordo com a legislação vigente.

**Recomendações:**

Não se aplica.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O CEPESH dá ciência da carta resposta apresentada pela pesquisadora informando o CEPESH-UFSC que somente será aplicado o TCLE já aprovado por este CEPESH para os maiores de 18 anos e da "declinação" da aplicação do novo TCLE (pais ou responsáveis) e TALE para os menores de 18 anos.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_1724287_E1.pdf	14/05/2021 20:57:11		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_PARECER_CEP_14_05_21assinado.pdf	14/05/2021 20:49:47	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto_Pesquisa_Dilva_Fazzioni_2021_5_14.pdf	14/05/2021 20:47:40	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_Dilva_Fazzioni_2021_4_11.pdf	11/04/2021 17:42:55	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2020_12_29_menor.pdf	11/04/2021 17:41:21	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceito
Outros	RESPOSTA_AS_PENDENCIAS.pdf	02/10/2020 22:00:02	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_01_10_2020.pdf	02/10/2020 21:55:05	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_Dilva_Fazzioni_2020_10_01.pdf	02/10/2020 21:54:35	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceito
Declaração de concordância	Declaracoes_de_concordancia_cursos.pdf	08/09/2020 22:23:48	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_projeto_Dilva_assinadoassinado.pdf	08/09/2020 22:03:07	DILVA PASCOA DE MARCO FAZZIONI	Aceito

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 4.735.505

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

FLORIANOPOLIS, 26 de Maio de 2021

---

**Assinado por:**  
**Nelson Canzian da Silva**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

## ANEXO C – Autorização do curso pré-vestibular Einstein Floripa Pré-Vestibulares para a realização da pesquisa



Edifício The Place Office  
R. Santa Luzia, 100 - 1013 - Sala 403  
Trindade, Florianópolis - SC, 88036-540

### DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal do Einstein Floripa, tomei conhecimento da pesquisa de tese intitulada **Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos: em busca de relações e de princípios norteadores**", desenvolvida por Dilva Páscoa De Marco Fazzioni, e que cumprirei os termos das Resoluções CNS 466/12, 510/2016 e suas complementares. Declaro que essa instituição está apta para o desenvolvimento deste projeto, e, dessa forma, autorizo a sua execução, utilizando-se da metodologia de amostra intencional entre alunos inscritos no curso preparatório ao vestibular mantido por esta instituição.

As entrevistas poderão ser presenciais ou on line, seguindo normas e protocolos relacionados à pandemia provocada pelo SARS-CoV2 (Covid-19), deverão durar cerca de uma hora e serão gravadas. A participação de cada estudante é voluntária e aceita mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e ele pode desistir de participar a qualquer momento, sem prejuízos de qualquer natureza. A doutoranda usará como base o roteiro semiestruturado do questionário, assim como o projeto da tese de doutorado aprovado pela banca de qualificação.

Em relação à apresentação do resultado, a doutoranda deverá entregar uma cópia da tese a esta entidade. O prazo das entrevistas está previsto para o 2º semestre de 2020.

Florianópolis, 10 de agosto de 2020.

Vitor Cazula Naves  
Presidente do Einstein Floripa Pré-Vestibulares  
CPF: 108.750.639-50





## ANEXO D – Autorização do curso Gauss Pré-Vestibular para a realização pesquisa



### DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal do GAUSS Pré-Vestibular / PET Matemática UFSC, tomei conhecimento da pesquisa de tese intitulada **Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos: em busca de relações e de princípios norteadores**”, desenvolvida por Dilva Páscoa De Marco Fazzioni, e que cumprirei os termos das Resoluções CNS 466/12, 510/2016 e suas complementares. Declaro que essa instituição está apta para o desenvolvimento deste projeto, e, dessa forma, autorizo a sua execução, utilizando-se da metodologia de amostra intencional entre alunos inscritos no curso preparatório ao vestibular mantido por esta instituição.

As entrevistas poderão ser presenciais ou on-line, seguindo normas e protocolos relacionados à pandemia provocada pelo SARS-CoV2 (Covid-19), deverão durar cerca de uma hora e serão gravadas. A participação de cada estudante é voluntária e aceita mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e ele pode desistir de participar a qualquer momento, sem prejuízos de qualquer natureza. A doutoranda usará como base o roteiro semiestruturado do questionário, assim como o projeto da tese de doutorado aprovado pela banca de qualificação.

Em relação à apresentação do resultado, a doutoranda deverá entregar uma cópia da tese a esta entidade. O prazo das entrevistas está previsto para o 2º semestre de 2020.

Florianópolis, 7 de agosto de 2020.



Documento assinado digitalmente  
 Jose Luiz Rosas Pinho  
 Data: 07/08/2020 18:29:40-0300  
 CPF: 309.411.057-68

Nome e assinatura do responsável: José Luiz Rosas Pinho

Cargo: Professor Adjunto IV

CPF: 30941105768

**ANEXO E – Autorização do Instituto Pe. Vilson Groh para a realização pesquisa****DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal do Instituto Pe. Vilson Groh - IVG, tomei conhecimento da pesquisa de tese intitulada **Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos**: em busca de relações e de princípios norteadores”, desenvolvida por Dilva Páscoa De Marco Fazzioni, e que cumprirei os termos das Resoluções CNS 466/12, 510/2016 e suas complementares. Declaro que essa instituição está apta para o desenvolvimento deste projeto, e, dessa forma, autorizo a sua execução, utilizando-se da metodologia de amostra intencional entre alunos inscritos no curso preparatório ao vestibular mantido por esta instituição.

As entrevistas poderão ser presenciais ou on line, seguindo normas e protocolos relacionados à pandemia provocada pelo SARS-CoV2 (Covid-19), deverão durar cerca de uma hora e serão gravadas. A participação de cada estudante é voluntária e aceita mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e ele pode desistir de participar a qualquer momento, sem prejuízos de qualquer natureza. A doutoranda usará como base o roteiro semiestruturado do questionário, assim como o projeto da tese de doutorado aprovado pela banca de qualificação. Em relação à apresentação do resultado, a doutoranda deverá entregar uma cópia da tese a esta entidade. O prazo das entrevistas está previsto para o 2º semestre de 2020.

Florianópolis, 02 de setembro de 2020.

VILSON GROH  
Presidente do IVG

Emitente:  
Instituto Pe. Vilson Groh  
Fone: 3039-1828  
CNPJ: 13.188.828/0001-67

## ANEXO F – Autorização do curso PVC Pré-Vestibular Comunitário para a realização pesquisa



INSTITUTO EDUCAÇÃO JOVEM POPULAR  
PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO GRATUITO - PVC

### DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal do PVC - Pré-Vestibular Comunitário, tomei conhecimento da pesquisa de tese intitulada "Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos: em busca de relações e de princípios norteadores", desenvolvida por Dilva Páscoa De Marco Fazzioni, e que cumprirei os termos das Resoluções CNS 466/12, 510/2016 e suas complementares. Declaro que essa instituição está apta para o desenvolvimento deste projeto, e, dessa forma, autorizo a sua execução, utilizando-se da metodologia de amostra intencional entre alunos inscritos no curso preparatório ao vestibular mantido por esta instituição.

As entrevistas poderão ser presenciais ou on line, seguindo normas e protocolos relacionados à pandemia provocada pelo SARS-CoV2 (Covid-19), deverão durar cerca de uma hora e serão gravadas. A participação de cada estudante é voluntária e aceita mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e ele pode desistir de participar a qualquer momento, sem prejuízos de qualquer natureza. A doutoranda usará como base o roteiro semiestruturado do questionário, assim como o projeto da tese de doutorado aprovado pela banca de qualificação.

Em relação à apresentação do resultado, a doutoranda deverá entregar uma cópia da tese a esta entidade. O prazo das entrevistas está previsto para o 2º semestre de 2020.

Florianópolis, 31 de agosto de 2020.

Janete Teixeira

Presidenta do IEJP e COORDENADORA GERAL do  
Projeto PVC – Pré-Vestibular Comunitário Gratuito  
429.498.909-20